



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

UMA INTERFACE DA DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA E  
MODELOS LEXICOGRAFICOS PARA LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS:  
UMA PROPOSTA PARA O SURUÍ-AIKEWÁRA

Brasília  
2014

JORGE DOMINGUES LOPES

UMA INTERFACE DA DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA E  
MODELOS LEXICOGRÁFICOS PARA LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS:  
UMA PROPOSTA PARA O SURUÍ-AIKEWÁRA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

Brasília  
2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 10199900.

L864i Lopes, Jorge Domingues.  
Uma interface da documentação linguística e modelos lexicográficos para línguas indígenas brasileiras : uma proposta para o Suruí-Aikewára / Jorge Domingues Lopes. -- 2014.  
599 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.  
Inclui bibliografia.  
Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

1. Índios Suruí - Línguas - Tocantins. 2. Índios Suruí - Línguas - Lexicografia. 3. Índios - Línguas. I. Cabral, Ana Suelly A. C. - (Ana Suelly Arruda Câmara). II. Título.

CDU 809.812

JORGE DOMINGUES LOPES

UMA INTERFACE DA DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA E  
MODELOS LEXICOGRÁFICOS PARA LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS:  
UMA PROPOSTA PARA O SURUÍ-AIKEWÁRA

Esta tese foi julgada adequada à obtenção do título de  
Doutor em Linguística e aprovada em sua forma final  
pelo Curso de Doutorado em Linguística, do Programa  
de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras  
da Universidade de Brasília.

Brasília, 16 de dezembro de 2014.

Professora e orientadora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)  
*Universidade de Brasília*

Prof. Terrence Scott Kaufman, Dr. (Membro externo)  
*Prof. Emérito da University of Pittsburgh*

Prof. Wolf Dietrich, Dr. (Membro externo)  
*Prof. Emérito da Universität Münster*

Profa. Cristina Martins Fargetti, Dra. (Membro externo)  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Araraquara*

Profa. Enilde Leite de Jesus Faulstich, Dra. (Membro interno)  
*Universidade de Brasília*

Prof. Sanderson Castro Soares de Oliveira, Dr. (Suplente)  
*Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga*

Para Elizabete com amor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, a Quem só tenho a agradecer.

À minha querida esposa Elizabete e aos meus amados filhos Wendel, Catarina e Ícaro, por compartilhar e suportar com amor, alegria e fé, a longa caminhada não só destes anos de estudo, mas de toda uma vida; sei que não foi fácil, mas conseguimos chegar juntos até aqui.

Aos meus pais Eraldo e Natalice, que construíram uma bonita família que se multiplicou em tantas outras famílias; obrigado, do fundo do meu coração, por se dedicarem para que eu pudesse realizar meus estudos; esta conquista também é de vocês.

Aos meus sogros Orino e Eliana, por todo o apoio nestes anos e pelo carinho e preocupação em sempre querer bem.

Aos meus irmãos, pela história que construímos juntos e pela torcida em nossos diferentes projetos.

Aos amigos e parentes, os meus e os da Elizabete, que ficaram no Pará, sempre acreditando no sucesso de nossos planos em longes terras.

À profa. Ana Suelly Cabral, uma das profissionais mais competentes, alegres e éticas que tive o prazer de conhecer nestes anos no meio acadêmico, e que tenho o prazer maior ainda de tê-la como minha orientadora no doutorado; com ela dei meus primeiros passos no estudo da linguística indígena e tive, nela mesma, um exemplo de dignidade e respeito aos diferentes povos indígenas; com ela, enfim, descobri uma ciência linguística palpante, instigante, desafiadora, que não pode prescindir, nunca, de ter como fim, a defesa e a valorização das línguas, das culturas, e, em última instância, da própria humanidade.

*In memoriam* ao prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, mestre paciente e perspicaz, fundador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB, que devotou sua vida ao estudo das línguas indígenas brasileiras, e de outras tantas, e de quem tive o privilégio de ser aluno; grande sábio que nos legou a luz de seu conhecimento e que nunca há de se apagar.

À profa. Ruth Maria Fonini Monserrat, primeira pesquisadora a estudar sob a ótica da linguística a língua Suruí do Tocantins e que, gentilmente, compartilhou comigo suas anotações desse estudo; foi ela também quem lançou as bases para o início da escrita dessa língua; obrigado pelas valiosas lições de fonética e fonologia; por instigar sempre o estudo das línguas indígenas e pela colaboração com minha pesquisa.

Ao prof. Terrence Kaufman, pelas valiosas e oportunas observações feitas sobre meu trabalho, quando de sua vinda ao Brasil, que foram fundamentais para reorientar parte essencial da apresentação do material lexicográfico presente nesta tese.

À profa. Enilde Faulstich, coordenadora do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm (LIP/IL/UnB), que contribuiu, sobremaneira, tanto com a minha formação no curso de doutorado, quanto com a minha pesquisa nas áreas da lexicologia, da lexicografia e da política linguística.

A todos os companheiros do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB, Ana Maria, Ariel, Áustria, Beatriz, Chandra, Fábio, Gabriel, Joaquim, Kaman, Lidiane, Makaulaka, Mauro, Maxwell, Nanblá, Páltu, Rodrigo, Sanderson, Sissi, Suseile, Tiscianne, Wary e tantos outros que não estão nesta lista (mas são igualmente importantes), pelas horas de convívio, alegria, colaboração e troca de conhecimentos ao longo dos últimos quatro anos.

Ao amigo Lucivaldo Costa, que me incentivou a descobrir a linguística indígena e me apoiou do início ao fim de minha pesquisa de campo.

À profa. Eliete Solano, que me apoiou em vários momentos da minha pesquisa de campo e dos estudos da língua Suruí, valorizando e descobrindo, como eu, a riqueza dessa língua.

Ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB, primeiro coordenado pelo prof. Aryon Rodrigues e agora coordenado pela profa. Ana Suelly Cabral, pela acolhida, pelo apoio às pesquisas e pelas oportunidades de participar de tantos projetos e eventos científicos importantes em nossa área, por conhecer tantos pesquisadores importantes que contribuíram e contribuem para nossa formação científica e também por ser espaço de integração, de convivência, de colaboração mútua em prol do conhecimento científico na linguística-antropológica indígena brasileira.

Ao PPGL, sua coordenação e secretaria, principalmente a Ângela e Renata, incansáveis na lida para que tudo sempre saísse conforme o planejado, e ao Instituto de Letras da UnB, pela infraestrutura necessária nestes anos de estudo.

A todas as instituições que me apoiaram para que eu pudesse fazer o curso de doutorado, principalmente a Universidade Federal do Pará, por meio do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, especialmente nas pessoas de Gilmar Pereira, Doriedson Rodrigues e Rubens Ferreira, e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me concedeu auxílio por meio do Programa de Formação Doutoral Docente (Prodoutoral).

A todas as instituições (secretarias, bibliotecas), representados por seus respectivos coordenadores, secretários e diretores, que apoiaram a pesquisa bibliográfica sobre obras lexicográficas das línguas indígenas do Brasil, principalmente: Biblioteca Central da UnB, Biblioteca Berta e Darcy Ribeiro, Biblioteca Curt Nimuendajú da FUNAI, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Biblioteca Central da UFPA, Serviço de Biblioteca e Documentação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Centro de Estudos Ameríndios da USP, Núcleo de Inclusão Educacional da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, Centro de Documentação Regional da Fundação Universidade Federal da Grande Dourados, Comut da Biblioteca Universitária da UFSC; Biblioteca do IBGE; Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Biblioteca da Brotéria (Portugal); Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho do Senado Federal Brasileiro; Bibliothèque National de France; Biblioteca Nacional de Portugal; Deutsche Nationalbibliothek; Escola Sawarapy; e a todas as instituições que mantêm bibliotecas e acervos digitais na internet.

A todos os pesquisadores de línguas indígenas que, gentilmente, me enviaram e/ou me autorizaram a utilizar em minha pesquisa materiais lexicográficos de sua autoria, com certeza essas contribuições foram imprescindíveis para alcançar os resultados desta tese.

Por fim, mas não menos importante, a Ikatu, Tymykong, Muretama, Awasa'i (*in memoriam*), Waiwera, Miho, Maira e a todas as pessoas do povo Aikewára, gente forte que sobreviveu a grandes adversidades, e que me receberam com toda hospitalidade e confiando na minha proposta de trabalho, agradeço, então, por todo o aprendizado que eles me proporcionaram de sua língua, mas também pelo convívio harmonioso nestes anos e pelas valiosas experiências de vida que adquiri junto a eles: minha eterna gratidão.

“As línguas indígenas constituem [...] um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil.”

Aryon Dall’Igna Rodrigues (1966, p. 5)

## RESUMO

A presente tese investiga aspectos fonológicos, morfossintáticos e lexicais da língua indígena Suruí do Tocantins (Mudjetíre, Suruí do Pará, Aikewára) do sub-ramo IV, da família linguística Tupí-Guaraní, tronco Tupí, falada pelo povo Aikewára, os quais vivem na T.I. Tuwa Apekuokawera, localizada próximo à região do Bico do Papagaio, no sudeste do estado do Pará. A tese considera também informações socio-históricas e culturais desse povo, os quais junto com os dados linguísticos são fundamentais para a construção de obras lexicográficas baseadas na língua-cultura de um povo. Foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica dos trabalhos linguísticos e antropológicos sobre a língua e o povo Suruí, e, em seguida, uma nova pesquisa bibliográfica permitiu a identificação de grande parte das obras lexicográficas de todas as línguas indígenas brasileiras dos últimos cinco séculos, o que contribuiu, sobremaneira, para a identificação dos diferentes padrões de macro e microestruturas já utilizadas no âmbito dessas línguas. Uma vez coligidos e analisados esses dados, foi possível chegar a quatorze grupos de modelos lexicográficos, todos devidamente baseados e apresentados na língua Suruí. Paralelamente a essa etapa foi realizada a pesquisa de campo junto ao povo Suruí, sempre contando com a participação de professores Suruí como copesquisadores de sua própria língua. O resultado desta pesquisa foram os dados linguístico-culturais da língua Suruí, gravados e transcritos, e devidamente armazenados em um programa de computador, denominado *Línguas – Banco de Dados para Documentação Linguística*. Este programa foi desenvolvido especificamente para permitir não somente a documentação desse material linguístico obtido na pesquisa de campo, mas também, a sua utilização para a construção, da maneira mais prática possível, de materiais lexicográficos com diferentes configurações, dentre outros. Foram também tecidas considerações acerca da ortografia da língua Suruí, essencial para o estabelecimento de uma escrita para essa língua. Com isso, tornou-se também possível a proposição e efetivação de duas propostas de materiais lexicográficos da língua Suruí, nas direções Suruí-Português e Português-Suruí, descritas em suas macro e microestruturas, além de seu conteúdo semântico-lexical.

Palavras-chave: Língua Suruí do Tocantins. Modelos lexicográficos. Dicionários da língua Suruí do Tocantins. Programa de Documentação Linguística.

## ABSTRACT

This work investigates phonological, morphosyntactic, and lexical aspects of Surui of Tocantins language (Mudjetíre, Surui of Pará, Aikewára), which belongs to branch IV of the Tupi-Guarani linguistic family (Tupi stock). The Suruí language is spoken by the Aikewára people, who lives at Sororo Indigenous Land, located near the Bico do Papagaio region, in the southeastern of the Pará state. The study also considers Suruí socio-historical and cultural aspects. A bibliographic review of the literature concerning linguistic and anthropological studies on the Suruí had been the fundamental basis of the present work. A bibliographic research aiming at the identification of most of the Brazilian indigenous languages lexicographical works produced during the past five centuries was also fundamental to empower this dissertation. The linguistic data collected in intermittent field works made it possible to reach fourteen types of lexicographical models, all based and presented in Surui language. Two Suruí teachers participated actively as linguistic researchers of their own language, and the data collected had been recorded, transcribed, and properly stored in a new software named *Línguas – Banco de Dados para Documentação Linguística*, which had been developed specifically to enable the present lexicographic work, culminating in two lexicographical materials in the Surui language: a Surui-Portuguese version and a Portuguese-Surui whith a description of its macro-structures and lexicographical microstructures, including its lexical-semantic content.

Keywords: Tocantins Surui language. Lexicographical models. Tocantins Surui language dictionaries. Language Documentation Software.

## RÉSUMÉ

Ce travail examine les éléments linguistiques (phonologie, morphosyntaxe et lexique) de la langue indigène Suruí du Tocantins (Mudjetíre, Suruí du Pará, Aikewára), branche IV, de la famille linguistique tupi-guarani, tronc Tupi, parlée par la population autochtone Aikewára, qui vit dans la Terre Indigène Sororó située près de la région du Bico do Papagaio au sud-est de l'état brésilien de Pará, en outre, on considère également les aspects socio-historiques et culturels de ce peuple, tout cela a contribué à la construction d'ouvrages lexicographiques basés sur cette langue-culture indigène. Pour effectuer cette étude, une recherche documentaire d'études linguistiques et anthropologiques ont été effectuées, il a rendu possible la revue de la littérature; puis une nouvelle recherche bibliographique a conduit à l'identification de la plupart des travaux lexicographiques de toutes les langues indigènes brésiliens des cinq derniers siècles, ce travail et sa systématisation ont largement contribué à l'identification des différents modèles de macrostructures et microstructures utilisées dans ce contexte. Une fois collecté et analysé ces données, il était possible de parvenir à quatorze groupes de modèles lexicographiques, tous basés et présenté dans la langue Suruí. En même temps de cette étape, la recherche sur le terrain avec le peuple Suruí a été effectuée, toujours avec la participation des enseignants qui sont aussi des chercheurs dans leur propre langue. Le résultat de cette recherche était de données linguistiques et culturelles de la langue de Suruí, enregistrés et transcrits, et correctement stocké dans un logiciel appelé *Línguas – Banco de Dados para Documentação Linguística*, décrit en détail (la configuration et l'utilisation) dans ce travail; il a été développé spécifiquement pour permettre la documentation du matériel linguistique obtenue dans la recherche sur le terrain de la construction et de la pratique de matériaux lexicographiques avec des paramètres différents, par exemple. En outre, il a été nécessaire de revoir l'orthographe de la langue Suruí, indispensable de proposer l'écriture de cette langue. Enfin, il était également possible de proposer et de construire deux propositions de matériaux lexicographiques pour la langue Suruí, une dans le sens Suruí-Portugais et l'autre dans le sens Portugais-Suruí; a aussi une description de ses macrostructures et microstructures lexicographiques, au-delà de son contenu lexical-sémantique, tous présentés dans le dernier chapitre.

Mots-clés: Langue Suruí du Tocantins. Modèles lexicographiques. Dictionnaires de langue Suruí du Tocantins. Logiciel de documentation linguistique.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – UNESCO INTERACTIVE ATLAS OF THE WORLD’S LANGUAGES IN DANGER .....	38
FIGURA 04 – FONEMAS VOCÁLICOS DA LÍNGUA SURUÍ.....	74
FIGURA 02 – PÁGINA DA 1ª CARTILHA DE ALFABETIZAÇÃO DA LÍNGUA SURUÍ .....	83
FIGURA 03 – PÁGINA DO MATERIAL “EPURUMITA TIUPE” .....	84
FIGURA 06 – JANELA DO SHOEBOX .....	209
FIGURA 07 – JANELA DO TOOLBOX.....	209
FIGURA 08 – JANELA DO FLEX.....	210
FIGURA 09 – JANELA DO ELAN .....	210
FIGURA 11 – INÍCIO DO ASSISTENTE DE INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	218
FIGURA 12 – JANELA 2 DO ASSISTENTE DE INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS...218	
FIGURA 13 – SELEÇÃO DO TIPO DE INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	218
FIGURA 14 – JANELA DE INÍCIO DA INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	219
FIGURA 15 – JANELA DE CONCLUSÃO DA INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS.....	219
FIGURA 16 – JANELA DE INÍCIO DA DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	220
FIGURA 17 – JANELA DE OPÇÕES DA CONFIGURAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS.....	220
FIGURA 18 – JANELA DE DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	221
FIGURA 19 – JANELA DE CONCLUSÃO DA DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	221
FIGURA 20 – JANELA DO WINDOWS PARA DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	222
FIGURA 21 – JANELA DE SOLICITAÇÃO DE SENHA INICAL DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	222
FIGURA 22 – JANELA COM AVISO DE SEGURANÇA DO WINDOWS .....	222
FIGURA 23 – JANELA DE ACESSO PRINCIPAL DO PROGRAMA LÍNGUAS.....	223
FIGURA 24 – MENSAGEM DE ACESSO PERMITIDO NO PROGRAMA LÍNGUAS .....	223
FIGURA 25 – JANELA DO PROGRAMA LÍNGUAS COM INFORMAÇÕES E LINKS INICIAIS.....	224
FIGURA 26 – JANELA DA ÁREA DE RECUPERAÇÃO DE SENHAS .....	224
FIGURA 27 – JANELA PARA ATUALIZAÇÃO DE SENHA DE USUÁRIO.....	225
FIGURA 28 – JANELA PRINCIPAL DA ÁREA DE TRABALHO DO PROGRAMA LÍNGUAS.....	225
FIGURA 29 – JANELA DA ÁREA DE PROJETO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	226
FIGURA 30 – JANELA DA ÁREA DE PROJETO DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	227
FIGURA 31 – DETALHE DA JANELA DE PROJETO .....	228
FIGURA 32 – JANELA DE CADASTRO DAS LÍNGUAS DO PDL .....	229
FIGURA 33 – JANELA PARA CONSULTA DE LÍNGUAS.....	229

FIGURA 34 – JANELA PARA CADASTRO DE ABREVIATURAS.....	230
FIGURA 35 – JANELA COM O TECLADO VIRTUAL DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	231
FIGURA 36 – CRONOGRAMA DO PROJETO.....	232
FIGURA 37 – JANELA DA BASE DE SONS.....	234
FIGURA 38 – JANELA DA BASE DE FONTES DO CONHECIMENTO .....	236
FIGURA 39 – JANELA DA BASE DE ARQUIVOS .....	241
FIGURA 40 – EXPLICAÇÃO DO CÓDIGO-BASE PARA REGISTRO DE ARQUIVOS .....	243
FIGURA 41 – EXPLICAÇÃO DO CÓDIGO-BASE PARA REGISTRO DE ARQUIVOS SEGMENTADOS.....	244
FIGURA 42 – JANELA DA BASE DE CORPORA.....	245
FIGURA 43 – JANELA DA BASE DE AFIÇOS .....	247
FIGURA 44 – JANELA PRINCIPAL DA ÁREA DE DADOS .....	248
FIGURA 45 – JANELA DA BASE DE TEXTOS.....	249
FIGURA 46 – JANELA DA BASE DE DADOS LEXICAIS .....	251
FIGURA 47 – ABA MARCADORES DA BASE DE DADOS LEXICAIS .....	254
FIGURA 48 – JANELA DA BASE DE ENUNCIADOS.....	256
FIGURA 49 – JANELA DA BASE DE COMPARAÇÃO DE ITENS LEXICAIS.....	257
FIGURA 50 – JANELA DE COMPARAÇÃO DE ITENS LEXICAIS.....	259
FIGURA 51 – JANELA DA BASE DE DADOS ENCICLOPÉDICOS .....	260
FIGURA 52 – JANELA DA ÁREA DE ANOTAÇÕES DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	262
FIGURA 53 – JANELA DA BASE DE ANOTAÇÕES .....	263
FIGURA 54 – JANELA DA BASE DE HISTÓRICO .....	264
FIGURA 55 – JANELA DA BASE DE TAREFAS.....	265
FIGURA 56 – JANELA DA BASE DE BIBLIOGRAFIA.....	266
FIGURA 57 – JANELA PARA CONSULTA DE CDU .....	267
FIGURA 58 – JANELA DA BASE DE CITAÇÃO.....	268
FIGURA 59 – JANELA DE CADASTRAMENTO DE PALAVRAS-CHAVE .....	268
FIGURA 60 – JANELA DA BASE DE NOTAS LINGÜÍSTICAS.....	269
FIGURA 61 – JANELA DA ÁREA DE ACESSÓRIOS.....	270
FIGURA 62 – JANELA DA LISTA LEXICAL .....	271
FIGURA 63 – JANELA DE REGISTRO DE PARENTESCO.....	272
FIGURA 64 – PARTE INFERIOR DA JANELA DA ÁREA DE TRABALHO .....	273
FIGURA 65 – JANELA PARA INSERÇÃO DA SENHA DE ACESSO.....	273
FIGURA 66 – JANELA DE AVISO DE PERMISSÃO.....	274
FIGURA 67 – JANELA PRINCIPAL DA ÁREA DE EDIÇÃO .....	274
FIGURA 68 – EXEMPLO DE ÁREA DE EDIÇÃO DE DADOS INSERIDOS EM BASES.....	275
FIGURA 69 – CAIXA DE DIÁLOGO PARA LOCALIZAÇÃO OU SUBSTITUIÇÃO DE DADOS NO PROGRAMA LÍNGUAS .....	276

FIGURA 70 – JANELA DA ÁREA DE MATERIAIS .....	277
FIGURA 71 – JANELA DO MICROSOFT WORD PARA PERMISSÃO DO USO DE BANCO DE DADOS EXTERNO.....	278
FIGURA 72 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: PROJETOS .....	278
FIGURA 73 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: BIBLIOGRAFIA.....	280
FIGURA 74 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: TEXTOS E ENUNCIADOS .....	280
FIGURA 75 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: ABA 1 .....	282
FIGURA 76 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: ENCICLOPÉDIAS .....	285
FIGURA 77 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: COMPARAÇÃO DE LÍNGUAS E NOTAS LINGUÍSTICAS .....	286
FIGURA 78 – JANELA PRINCIPAL DA ÁREA DE SEGURANÇA .....	287
FIGURA 79 – ÁREA PARA VISUALIZAÇÃO DE RELATÓRIOS DO PROGRAMA LÍNGUAS .....	288
FIGURA 80 – OPÇÕES PARA EXPORTAÇÃO DOS RELATÓRIOS.....	289
FIGURA 81 – OPÇÕES DE TIPOS DE DOCUMENTOS PARA EXPORTAÇÃO DOS RELATÓRIOS .....	289
FIGURA 82 – EXPORTAÇÃO DE DADOS NO FORMATO DE TABELAS DO EXCEL .....	290
FIGURA 83 – ÁREA PARA GERAÇÃO DA CÓPIA DE SEGURANÇA .....	291
FIGURA 84 – ÁREA PARA CONFIGURAÇÃO DO REGISTRO DE USUÁRIOS DO PROGRAMA LÍNGUAS.....	292
FIGURA 85 – JANELA PARA INSERÇÃO DA PERGUNTA DE SEGURANÇA PARA REDEFINIÇÃO DE SENHAS.....	293
FIGURA 86 – JANELA PARA LIMPEZA DE CACHE .....	294
FIGURA 87 – MODELO M1 (LÍNGUA SURUÍ) .....	297
FIGURA 88 – MODELO M2 (LÍNGUA SURUÍ) .....	297
FIGURA 89 – MODELO M3 (LÍNGUA SURUÍ) .....	298
FIGURA 90 – MODELO M4 (LÍNGUA SURUÍ) .....	299
FIGURA 91 – MODELO MD1 (LÍNGUA SURUÍ) .....	300
FIGURA 92 – MODELO MD2A .....	301
FIGURA 93 – MODELO MD2B .....	301
FIGURA 94 – MODELO MD3A .....	302
FIGURA 95 – MODELO MD3B .....	303
FIGURA 96 – MODELO MD4.....	304
FIGURA 97 – MODELO MD5.....	304
FIGURA 98 – MODELO MD6.....	305
FIGURA 99 – MODELO MDO1A .....	306
FIGURA 100 – MODELO MDO1B.....	307
FIGURA 101 – MODELO MDO2 .....	307
FIGURA 102 – MODELO MDO3A .....	308

FIGURA 103 – MODELO MDO3B.....	308
FIGURA 104 – MODELO MDO4.....	309
FIGURA 105 – MODELO MDO5.....	310
FIGURA 106 – MODELO MDO6.....	311
FIGURA 107 – MODELO MDO7A.....	312
FIGURA 108 – MODELO MDO7B.....	312
FIGURA 109 – MODELO MDO7C.....	313
FIGURA 110 – MODELO MDO8.....	313
FIGURA 111 – MODELO MDO9.....	314
FIGURA 112 – MODELO MDE1.....	315
FIGURA 113 – MODELO MDE2.....	316
FIGURA 114 – MODELO MDE3A.....	316
FIGURA 115 – MODELO MDE3B.....	317
FIGURA 116 – MODELO MDE4A.....	318
FIGURA 117 – MODELO MDE4B.....	318
FIGURA 118 – MODELO MDE5A.....	319
FIGURA 119 – MODELO MDE5B.....	319
FIGURA 120 – MODELO MDE6.....	320
FIGURA 121 – MODELO MDE7.....	321
FIGURA 122 – MODELO MDE8A.....	322
FIGURA 123 – MODELO MDE8B.....	323
FIGURA 124 – MODELO MDOE1.....	324
FIGURA 125 – MODELO MDOE2A.....	325
FIGURA 126 – MODELO MDOE3A.....	325
FIGURA 127 – MODELO MDOE3B.....	326
FIGURA 128 – MODELO MDOE4A.....	326
FIGURA 129 – MODELO MDOE4B.....	327
FIGURA 130 – MODELO MDOE5A.....	327
FIGURA 131 – MODELO MDOE5B.....	328
FIGURA 132 – MODELO MDOE6.....	329
FIGURA 133 – MODELO MDOE7.....	330
FIGURA 134 – MODELO MDOE8.....	331
FIGURA 135 – MODELO MDOE9.....	332
FIGURA 136 – MODELO MDEO1.....	333
FIGURA 137 – MODELO MDEO2.....	334
FIGURA 138 – MODELO MDEO3A.....	334
FIGURA 139 – MODELO MDEO3B.....	335

FIGURA 140 – MODELO MDEO4A .....	335
FIGURA 141 – MODELO MDEO4B .....	336
FIGURA 142 – MODELO MDEO5A .....	337
FIGURA 143 – MODELO MDEO5B .....	337
FIGURA 144 – MODELO MDEO6.....	338
FIGURA 145 – MODELO MDEO7.....	339
FIGURA 146 – MODELO MDEO8.....	340
FIGURA 147 – MODELO MDEO9.....	341
FIGURA 148 – MODELO MDOEO1 .....	342
FIGURA 149 – MODELO MDOEO2 .....	342
FIGURA 150 – MODELO MDOEO3A .....	343
FIGURA 151 – MODELO MDOEO3B.....	344
FIGURA 152 – MODELO MDOEO4A .....	344
FIGURA 153 – MODELO MDOEO4B.....	345
FIGURA 154 – MODELO MDOEO5A .....	346
FIGURA 155 – MODELO MDOEO5B.....	346
FIGURA 156 – MODELO MDOEO6.....	347
FIGURA 157 – MODELO MDOEO7 .....	348
FIGURA 158 – MODELO MDOEO8.....	349
FIGURA 159 – MODELO MDOEO9 .....	350
FIGURA 160 – MODELO MO1 .....	351
FIGURA 161 – MODELO MO2.....	351
FIGURA 162 – MODELO MO3.....	352
FIGURA 163 – MODELO MO4.....	353
FIGURA 164 – MODELO MO5.....	353
FIGURA 165 – MODELO MOD1A .....	354
FIGURA 166 – MODELO MOD1B.....	355
FIGURA 167 – MODELO MOD1C.....	355
FIGURA 168 – MODELO MOD2A .....	356
FIGURA 169 – MODELO MOD2B.....	356
FIGURA 170 – MODELO MOD3A .....	357
FIGURA 171 – MODELO MOD3B.....	358
FIGURA 172 – MODELO MOD4.....	358
FIGURA 173 – MODELO MOD5 .....	359
FIGURA 174 – MODELO MOD6.....	360
FIGURA 175 – MODELO MODO1A.....	360
FIGURA 176 – MODELO MODO1B.....	361

FIGURA 177 – MODELO MODO2 .....	361
FIGURA 178 – MODELO MODO3A.....	362
FIGURA 179 – MODELO MODO3B.....	362
FIGURA 180 – MODELO MODO4 .....	363
FIGURA 181 – MODELO MODO5 .....	364
FIGURA 182 – MODELO MODO6 .....	365
FIGURA 183 – MODELO MODO7A.....	366
FIGURA 184 – MODELO MODO7B.....	366
FIGURA 185 – MODELO MODO7C.....	366
FIGURA 186 – MODELO MODO8 .....	367
FIGURA 187 – MODELO MODO9 .....	367
FIGURA 188 – MODELO MODE1.....	368
FIGURA 189 – MODELO MODE2.....	369
FIGURA 190 – MODELO MODE3A .....	369
FIGURA 191 – MODELO MODE3B .....	370
FIGURA 192 – MODELO MODE4A .....	370
FIGURA 193 – MODELO MODE4B .....	371
FIGURA 194 – MODELO MODE5A .....	371
FIGURA 195 – MODELO MODE6.....	372
FIGURA 196 – MODELO MODE7.....	373
FIGURA 197 – MODELO MODE8.....	374
FIGURA 198 – MODELO MODE9.....	375
FIGURA 199 – MODELO MODOE1 .....	376
FIGURA 200 – MODELO MODOE2.....	377
FIGURA 201 – MODELO MODOE3A .....	377
FIGURA 202 – MODELO MODOE3B.....	378
FIGURA 203 – MODELO MODOE4A .....	378
FIGURA 204 – MODELO MODOE4B.....	379
FIGURA 205 – MODELO MODOE5A .....	379
FIGURA 206 – MODELO MODOE5B.....	380
FIGURA 207 – MODELO MODOE6.....	381
FIGURA 208 – MODELO MODOE7.....	382
FIGURA 209 – MODELO MODOE8 .....	383
FIGURA 210 – MODELO MODOE9 .....	384
FIGURA 211 – MODELO MODEO1 .....	385
FIGURA 212 – MODELO MODEO2.....	385
FIGURA 213 – MODELO MODEO3A .....	386

FIGURA 214 – MODELO MODEO3B.....	387
FIGURA 215 – MODELO MODEO4A .....	387
FIGURA 216 – MODELO MODEO4B.....	388
FIGURA 217 – MODELO MODEO5A .....	388
FIGURA 218 – MODELO MODEO5B.....	389
FIGURA 219 – MODELO MODEO6 .....	389
FIGURA 220 – MODELO MODEO7 .....	390
FIGURA 221 – MODELO MODEO8 .....	391
FIGURA 222 – MODELO MODEO9 .....	392
FIGURA 223 – MODELO MODOEO1 .....	393
FIGURA 224 – MODELO MODOEO2 .....	394
FIGURA 225 – MODELO MODOEO3A.....	394
FIGURA 226 – MODELO MODOEO3B.....	395
FIGURA 227 – MODELO MODOEO4A.....	396
FIGURA 228 – MODELO MODOEO4B.....	396
FIGURA 229 – MODELO MODOEO5A.....	397
FIGURA 230 – MODELO MODOEO5B.....	397
FIGURA 231 – MODELO MODOEO6 .....	398
FIGURA 232 – MODELO MODOEO7 .....	399
FIGURA 233 – MODELO MODOEO8 .....	400
FIGURA 234 – MODELO MODOEO9 .....	401

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – QUANTIDADE DE TIPOS DE MATERIAIS LEXICOGRÁFICOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS .....	171
GRÁFICO 02 – QUANTIDADE DE UBL’S DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS AGRUPADAS EM TRONCOS LINGUÍSTICOS .....	172
GRÁFICO 03 – FAMÍLIAS COM MAIOR QUANTIDADE DE UBL’S .....	174
GRÁFICO 04 – FAMÍLIAS COM QUANTIDADE INTERMEDIÁRIA DE UBL’S .....	174
GRÁFICO 05 – FAMÍLIAS COM MENOR QUANTIDADE DE UBL’S .....	175
GRÁFICO 06 – ESTATÍSTICA DO CONTEÚDO SEMÂNTICO-LEXICAL DA BASE DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS .....	427

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – ESCALA DOS GRAUS DE RISCO REFERENTES À TRANSMISSÃO DE UMA LÍNGUA DE UMA GERAÇÃO À OUTRA .....	38
QUADRO 02 – SÍMBOLOS USADOS PELOS LINGUISTAS PARA REPRESENTAR OS FONEMAS DA LÍNGUA SURUÍ .....	68
QUADRO 03 – FONEMAS CONSONANTAIS DA LÍNGUA SURUÍ.....	74
QUADRO 04 – PADRÃO SILÁBICO CVC DA LÍNGUA SURUÍ.....	75
QUADRO 05 – PADRÃO SILÁBICO V DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS.....	76
QUADRO 06 – PADRÃO SILÁBICO CV DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS .....	76
QUADRO 07 – PADRÃO SILÁBICO VC DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS .....	77
QUADRO 08 – PROPOSTAS DE ESCRITA DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS .....	85
QUADRO 09 – PROPOSTA DE ESCRITA DAS VOGAIS DA LÍNGUA SURUÍ .....	87
QUADRO 10 – PROPOSTA DE ESCRITA DAS CONSOANTES DA LÍNGUA SURUÍ .....	88
QUADRO 11 – PROPOSTA DE ORDEM ALFABÉTICA PARA A LÍNGUA SURUÍ, COM DISTINÇÃO DE LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS .....	88
QUADRO 12 – MATRIZ COMPONENTIAL DOS PREFIXOS PESSOAIS EM SURUÍ, BASEADO NA PROPOSTA DE RODRIGUES (2010, P. 13) .....	96
QUADRO 13 – DISTRIBUIÇÃO DOS PREFIXOS DAS CATEGORIAS R <sup>1</sup> A R <sup>4</sup> , SEGUNDO AS CLASSES E SUBCLASSES DAS RAÍZES .....	106
QUADRO 14 – MATRIZ COMPONENTIAL DOS DEMONSTRATIVOS NA LÍNGUA SURUÍ.....	111
QUADRO 15 – MATRIZ COMPONENTIAL DOS PRONOMES (SÉRIE I) .....	112
QUADRO 16 – AS TRÊS SÉRIES DE PRONOMES E O DATIVO .....	112
QUADRO 17 – DA TIPOLOGIA DE MATERIAIS LEXICOGRÁFICOS.....	148
QUADRO 18 – PROPOSTA DE CÓDIGOS PARA CLASSIFICAÇÃO DAS QUANTIDADES DE ENTRADAS DOS MATERIAIS LEXICOGRÁFICOS DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS .....	159
QUADRO 19 – SIGLAS UTILIZADAS NA DESCRIÇÃO DE MICROESTRUTURAS .....	160
FIGURA 05 – TRECHO DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA ASURINÍ DO TOCANTINS .....	165
QUADRO 20 – DISTRIBUIÇÃO DAS 871 UBL’S DE ACORDO COM A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO QUANTITATIVA POR FAIXAS .....	191
QUADRO 21 – DISTRIBUIÇÃO DE 4 TIPOS DE UBL’S DE ACORDO COM A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO QUANTITATIVA POR FAIXAS .....	192
QUADRO 22 – LÍNGUAS QUE OCUPAM A POSIÇÃO DO LEMA DOS VERBETES DAS UBL’S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS .....	193
QUADRO 23 – LÍNGUAS QUE OCUPAM A POSIÇÃO IMEDIATA APÓS O LEMA DOS VERBETES DAS UBL’S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS.....	194
QUADRO 24 – CLASSIFICAÇÃO DAS MACROESTRUTURAS DAS UBL’S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS SEGUNDO A ORDEM ADOTADA .....	195

QUADRO 25 – TIPOLOGIA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS MICROESTRUTURAS DA UBL’S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS .....	197
QUADRO 26 – DA DISTRIBUIÇÃO DAS MICROESTRUTURAS DE UBL’S SEGUNDO A TIPOLOGIA PROPOSTA .....	198
QUADRO 27 – DISTRIBUIÇÃO DE UBL’S SEGUNDO A TIPOLOGIA PROPOSTA PARA CLASSIFICAÇÃO DE MICROESTRUTURAS .....	199

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – RESUMO DA CRONOLOGIA HISTÓRICA E DEMOGRÁFICA DOS SURUÍ .....	45
TABELA 02 – DENOMINAÇÕES DO POVO / DA LÍNGUA SURUÍ.....	50
TABELA 03 – PARADIGMAS DE FLEXÃO CASUAL.....	109
TABELA 04 – PARADIGMAS DE FLEXÃO DETERMINATIVA COM PREFIXOS RELACIONAIS.....	109
TABELA 05 – FORMAS <i>-rom</i> E <i>-kwer</i> .....	109
TABELA 06 – VOCATIVOS NA LÍNGUA SURUÍ.....	110
TABELA 07 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XVI .....	176
TABELA 08 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XVII.....	177
TABELA 09 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XVIII.....	177
TABELA 10 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XIX .....	178
TABELA 11 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XX.....	179
TABELA 12 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XXI .....	180
TABELA 13 – QUANTIDADE DE UBL’S COMPLEMENTARES .....	180
TABELA 14 – QUANTIDADE TOTAL DE UBL’S.....	181
TABELA 15 – QUANTIDADE DE UBL’S REGISTRADAS POR LÍNGUA.....	183
TABELA 16 – ABA 1: SOBRE O PROJETO .....	227
TABELA 17 – DADOS DA JANELA DE REGISTRO DE ABREVIATURAS .....	230
TABELA 18 – ABA 2: INSTITUCIONAL .....	232
TABELA 19 – ABA 3: ESTRUTURA.....	232
TABELA 20 – CAMPOS DA JANELA DE CRONOGRAMA DO PROJETO .....	233
TABELA 21 – ABA 4: ORIENTAÇÕES PARA COLETA DE DADOS.....	233
TABELA 22 – ABA 6: ETNOGRAFIA .....	233
TABELA 23 – ABA 7: OUTRAS INFORMAÇÕES.....	234
TABELA 24 – ABA 1: SOM-BASE .....	235
TABELA 25 – ABAS 2 E 3 — REALIZAÇÕES DO SOM-BASE (1) E (2).....	235
TABELA 26 – ABA 1: NOME(S).....	236
TABELA 27 – ABA 2: DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS.....	237
TABELA 28 – ABA 3: HISTÓRIA PESSOAL .....	237
TABELA 29 – ABA 4: LÍNGUAS.....	237
TABELA 30 – ABA 5 — APRENDIZADO.....	238
TABELA 31 – ABA 6: USOS.....	238
TABELA 32 – ABA 7: OUTRAS INFORMAÇÕES.....	239
TABELA 33 – BOTÕES DE COMANDO.....	240

TABELA 34 – CAMPOS DA BASE DE ARQUIVOS.....	241
TABELA 35 – EXPLICAÇÃO DOS COMPONENTES DO CÓDIGO-BASE.....	243
TABELA 36 – INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO CÓDIGO-BASE.....	244
TABELA 37 – ABA 1: SOBRE O REGISTRO.....	245
TABELA 38 – ABA 2: CONTEÚDO DOS DADOS.....	246
TABELA 39 – ABA 3: TRANSCRIÇÃO .....	246
TABELA 40 – DESCRIÇÃO DOS CAMPOS DA BASE AFIOS.....	246
TABELA 41 – ABA 1: INSERÇÃO DE TEXTOS.....	249
TABELA 42 – ABA 2: IDENTIFICAÇÃO .....	249
TABELA 43 – ABAS 3/4/5/6: TRADUÇÃO .....	250
TABELA 44 – ABA 1: REGISTRO.....	250
TABELA 45 – ABAS 2, 3 E 4: <i>DEFINIÇÃO 1/2/3</i> .....	252
TABELA 46 – ABA 5: TERMINOLOGIA .....	252
TABELA 47 – ABA 6: ANÁLISE .....	253
TABELA 48 – ABA 7: REFERÊNCIAS.....	253
TABELA 49 – ABA 8: INFORMAÇÕES .....	253
TABELA 50 – ABA 9: MARCADORES .....	254
TABELA 51 – ABA 1: INSERÇÃO DE ENUNCIADOS .....	256
TABELA 52 – ABA 2: INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES .....	257
TABELA 53 – ABA 1: INSERÇÃO DE DADOS LINGÜÍSTICOS .....	258
TABELA 54 – ABA 2: CADASTRO DE LÍNGUAS .....	258
TABELA 55 – CAMPOS DA BASE DE COMPARAÇÃO DE ITENS LEXICAIS .....	259
TABELA 56 – ABA 1: ENTRADA DE DADOS .....	260
TABELA 57 – ABAS 2 E 3: ACEPÇÕES NUMERADAS .....	261
TABELA 58 – ABA 4: NOTA COMPLEMENTAR .....	261
TABELA 59 – ABA INSERIR ANOTAÇÕES .....	262
TABELA 60 – ABA INSERIR INFORMAÇÕES PARA O HISTÓRICO DO PROJETO .....	263
TABELA 61 – ABA REGISTRO DE TAREFAS.....	264
TABELA 62 – ABA 1: DADOS DA REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	266
TABELA 63 – ABA 2: CLASSIFICAÇÃO.....	267
TABELA 64 – CAMPOS DA BASE DE CITAÇÃO.....	268
TABELA 65 – CAMPOS DA BASE DE NOTAS LINGÜÍSTICAS.....	269
TABELA 66 – CAMPOS DA LISTA LEXICAL .....	271
TABELA 67 – CAMPOS DO REGISTRO DE PARENTESCO .....	273
TABELA 68 – ABA PROJETO .....	279
TABELA 69 – ABA ANOTAÇÕES .....	279
TABELA 70 – ABA BIBLIOGRAFIA E CITAÇÃO .....	279

TABELA 71 – ABA TEXTOS E ENUNCIADOS.....	281
TABELA 72 – ABA DICIONÁRIOS L1/L2.....	282
TABELA 73 – ABA DICIONÁRIOS L1 MARC.....	282
TABELA 74 – ABA DICIONÁRIOS L1/L2 MARC.....	283
TABELA 75 – ABA DICIONÁRIOS L1/L2/L3/L4.....	283
TABELA 76 – ABA DICIONÁRIOS L2/L1/L3/L4.....	284
TABELA 77 – ABA DICIONÁRIOS DADOS COMPLETOS.....	284
TABELA 78 – ABA AFIÇOS.....	284
TABELA 79 – ABA DADOS DE ENCICLOPÉDIA.....	285
TABELA 80 – ABA COMPARAÇÃO DE LÍNGUAS E NOTAS LINGUÍSTICAS.....	286
TABELA 81 – ABA COMPARAÇÃO ITENS.....	286
TABELA 82 – ABA 1: DADOS DO USUÁRIO.....	292
TABELA 83 – ABA 2: FICHA COMPLEMENTAR.....	294
TABELA 84 – ABREVIATURAS USADAS NO DICIONÁRIO SURUÍ-PORTUGUÊS.....	451
TABELA 85 – ABREVIATURAS USADAS NO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-SURUÍ.....	513

## LISTA DE SIGLAS

Am	Análise morfológica [Operador]
Ar	Área (Biologia, Geografia, História, Linguística, Matemática...) [Operador]
CONDISI	Conselho Distrital de Saúde Indígena
CNV	Comissão Nacional da Verdade
Cs	Campo semântico
D	Descritor
DAI	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Alemão
DEs	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Espanhol
DFr	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Francês
DIId	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Língua Indígena
DIn	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Inglês
DIt	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Italiano
DJp	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Japonês
DLt	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Latim
DPt	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Português
DRs	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Russo
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena
Dt	Datação do item lexical [Operador]
E	Exemplo
EAI	Exemplo em Alemão
EEs	Exemplo em Espanhol
EId	Exemplo em Língua Indígena
EIn	Exemplo em Inglês
EIt	Exemplo em Italiano
EJp	Exemplo em Japonês
ELt	Exemplo em Latim
EML	Expressão da Microestrutura Lexicográfica
EPt	Exemplo em Português
ERs	Exemplo em Russo
Et	Etimologia [Operador]
Fn	Pronúncia/Fonética/Fonologia [Operador]
Fr	Fraseologia [Operador]
Ft	Fonte da informação [Operador]
FUNAI	Fundação Nacional do Índio (Ministério da Justiça)
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde (Ministério da Saúde)
Gf	Ortografia [Operador]
Gr	Indicação da categoria gramatical [Operador]
Hm	Indicação de ocorrência de homonímia [Operador]
Im	Imagem (ilustração) [Operador]
L	Lema

LAI	Lema em Alemão
LEs	Lema em Espanhol
LFr	Lema em Francês
LId	Lema na Língua Indígena (qualquer uma delas)
LIn	Lema em Inglês
LIt	Lema em Italiano
LJp	Lema em Japonês
LLt	Lema em Latim
LPt	Lema em Português
LRs	Lema em Russo
Lu	Lema em contexto
Mc	Marcas (de uso) [Operador]
MEC	Ministério da Educação
Na	Nota do autor [Operador]
Ne	Nota do editor [Operador]
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileiras
Nt	Nota do tradutor [Operador]
O	Operador
Rm	Remissiva [Operador]
Rz	Raiz (de item lexical, de palavra) [Operador]
SASISUS	Subsistema de Atenção à Saúde Indígena
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SGDB	Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados
Sm	Segmentação Morfológica [Operador]
SUS	Sistema Único de Saúde (Ministério da Saúde)
T.I.	Terra Indígena
Tc	Texto complementar [Operador]
Tl	Tradução literal [Operador]
Tm	Indicação de tom [Operador]
UBL	Unidade de Base Lexicográfica
VBA	Visual Basic for Applications
Vr	Variante/Variabilidade [Operador]

## LISTA DE ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa do singular
2	Segunda pessoa do singular
3	Terceira pessoa do singular ou plural
12(3)	Primeira pessoa do plural inclusiva
13	Primeira pessoa do plural exclusiva
23	Segunda pessoa do plural
1CORR	1ª pessoa correferencial
2CORR	2ª pessoa correferencial
3CORR	3ª pessoa correferencial
2.ERG	Pronome de 2ª pessoa ergativo
ADV	Advérbio
ADVERS	Adversativo
AGT	Agentivo
ARG	Argumento
AT.I	Atestado pelo locutor / recente
AT.II	Atestado pelo locutor / imediato
AT.III	Atestado por um terceiro / recente
C.COM	Causativo-comitativo
C.PREP	Causativo-prepositivo
CAUS	Causativo
COL	Coletivizador
COMPL	Completivo
D	Determinante
DAT	Dativo
DECL	Declaração sem compromisso de verdade
DES	Desiderativo
ESP	Espécie
GEN	Genuíno
GER	Gerúndio
H	Humano
IND.II	Indicativo II
INESS	Inessivo
INT	Intensivo (intensificador)

LD	Locativo difuso
LP	Locativo pontual
N	Nome
N.CERT	Não certeza
N.DESCR	Nome descritivo
NEG	Negação
NMLZ	Nominalizador
NMLZ.AG	Nominalizador de agente
NMLZ.PRED	Nominalizador de predicado
PERG.I	Pergunta 1
PERG.II	Pergunta 2
PERG.III	Pergunta 3
POSP	Posposição
POSS	Possibilidade
PRIV	Privativo
PROIB	Proibitivo
PROJ	Projetivo
PROSP	Prospectivo
R <sup>1</sup>	Relacional de contiguidade
R <sup>2</sup>	Relacional de não-contigüidade
R <sup>3</sup>	Relacional genérico e humano
R <sup>4</sup>	Relacional que marca um determinante genérico
REC	Recíproco
RED	Reduplicação
REFL	Reflexivo
REL	Relativo a
RETR	Retrospectivo
S	Sujeito
SML	Similitivo
SIT	Situacional
TRANSL	Translativo
V	Verbo
V.INTR	Verbo intransitivo
V.TR	Verbo transitivo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>35</b>
1.1. JUSTIFICATIVA.....	41
1.2. ORIENTAÇÃO TEÓRICA.....	41
1.3. ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	42
<b>2 BREVE HISTÓRICO DO POVO SURUÍ.....</b>	<b>44</b>
2.1. A TERRA INDÍGENA DOS SURUÍ.....	47
2.2. DENOMINAÇÕES DO POVO E DA LÍNGUA SURUÍ.....	49
2.3. TRABALHOS ANTROPOLÓGICOS SOBRE OS SURUÍ.....	52
<b>3 CLASSIFICAÇÃO E SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA SURUÍ.....</b>	<b>54</b>
3.1. TRABALHOS LINGUÍSTICOS SOBRE A LÍNGUA SURUÍ.....	55
3.2. OS SURUÍ, UM POVO ÁGRAFO.....	61
3.3. UMA NOVA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA.....	62
3.4. A LÍNGUA INDÍGENA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FORMAL.....	65
<b>4 FONOLOGIA DA LÍNGUA SURUÍ.....</b>	<b>68</b>
4.1. PARES MÍNIMOS.....	69
4.1.2. Vogais.....	69
4.1.2. Consoantes.....	70
4.2. CONSOANTES.....	73
4.3. VOGAIS.....	74
4.4. SÍLABA.....	75
4.5. NASALIDADE.....	78
<b>5 PARA UMA ESCRITA DA LÍNGUA SURUÍ.....</b>	<b>80</b>
5.1. AS ESCRITAS DA LÍNGUA SURUÍ.....	80
5.2. ANALISANDO AS PROPOSTAS DE ESCRITA.....	81
5.3. DISCUTINDO UMA ORTOGRAFIA PARA A LÍNGUA SURUÍ.....	85
5.4. UMA PROPOSTA DE ESCRITA.....	87
5.5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA SURUÍ.....	89
5.5.1. Acentuação.....	89
5.5.2. Hífen.....	90
5.5.3. Pontuação.....	90
5.5.4. Letras maiúsculas e minúsculas.....	91
<b>6 ELEMENTOS PARA UMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA SURUÍ.....</b>	<b>93</b>
6.1. ASPECTOS DA MORFOLOGIA DA LÍNGUA SURUÍ.....	93
6.1.1. Morfemas.....	94
6.1.1.1. Afixos: Prefixos.....	94
6.1.1.1.1. Prefixos relacionais.....	94
6.1.1.1.2. Prefixos pessoais.....	95
6.1.1.1.3. Prefixos derivacionais.....	96
6.1.1.2. Afixos: Sufixos.....	97
6.1.1.2.1. Sufixos flexionais.....	97
6.1.1.2.2. Sufixos derivacionais.....	102
6.1.1.3. Reduplicação.....	104
6.1.2. Raízes.....	105
6.1.2.1. Classificação das raízes.....	105
6.1.2.2. Composição.....	106

6.1.2.2.1. Composição determinativa .....	106
6.1.2.2.2. Composição atributiva .....	106
6.1.2.2.3. Composição objetiva.....	107
6.1.2.2.4. Composição mista.....	107
6.1.3. Nomes e verbos.....	108
6.1.3.1. Nomes .....	108
6.1.3.1.1. Substantivos.....	108
6.1.3.1.2. Nomes descritivos.....	110
6.1.3.1.3. Numerais .....	110
6.1.3.1.4. Demonstrativos.....	111
6.1.3.1.5. Pronome .....	112
6.1.3.1.6. Relacional (posposições).....	112
6.1.3.2. Verbo.....	113
6.1.3.2.1. Verbos intransitivos .....	113
6.1.3.2.2. Verbos transitivos .....	113
6.1.3.2.3. Modos do verbo .....	113
6.1.3.2.4. Negação dos predicados com núcleo verbal e com núcleo nominal descritivo ..	117
6.2. ASPECTOS DA SINTAXE DA LÍNGUA SURUÍ.....	118
6.2.1. Principais constituintes das orações da língua Suruí.....	118
6.2.2. Ordenamentos de constituintes da oração na língua Suruí .....	120
6.2.2.1. SOP .....	120
6.2.2.2. SPO .....	121
6.2.2.3. OSP .....	121
6.2.2.4. Outros padrões .....	122
6.2.2.5. Orações intransitivas simples .....	122
6.2.2.6. Estruturas com predicados nominais.....	122
6.2.3. Outros constituintes das orações da língua Suruí.....	123
6.2.3.1. Posposições .....	123
6.2.3.2. Advérbios .....	124
6.2.3.2.1. Predicado + Sintagma adverbial .....	124
6.2.3.2.2. Sintagma adverbial + Predicado .....	124
6.2.3.2.3. Predicado + Sintagma adverbial (oração no imperativo) .....	125
6.2.3.3. Palavras modalizadoras .....	126
6.2.4. Tipos de orações da língua Suruí.....	128
6.2.4.1. Orações no modo Indicativo I.....	128
6.2.4.1.1. Predicado com verbo intransitivo .....	128
6.2.4.1.2. Predicado com verbo intransitivo em perguntas .....	129
6.2.4.1.3. Predicado com verbo transitivo .....	129
6.2.4.1.4. Predicado com verbo transitivo em perguntas .....	130
6.2.4.2. Orações no modo Imperativo .....	130
6.2.4.2.1. Predicado com verbo intransitivo .....	130
6.2.4.2.2. Predicado com verbo transitivo .....	130
6.2.4.3. Orações no modo Gerúndio.....	130
6.2.4.4. Orações no modo Indicativo II .....	132
6.2.4.4.1. Predicado com verbo intransitivo .....	132
6.2.4.4.2. Predicado com verbo intransitivo em perguntas .....	133
6.2.4.4.3. Predicado com verbo transitivo .....	134
6.2.4.4.4. Predicado com verbo transitivo em perguntas .....	134
6.2.4.5. Orações no modo Subjuntivo .....	134
6.2.4.6. Orações com predicados nominais.....	135
6.2.4.6.1. Orações estativas/atributivas .....	135
6.2.4.6.2. Orações inclusivas .....	136
6.2.5. Hierarquia de pessoa .....	136
6.2.6. Negação de Predicados.....	138
6.2.6.1. Negação de predicados com verbo intransitivo .....	138

6.2.6.2. Negação de predicados com verbo transitivo .....	139
6.2.6.3. Negação de predicados no Imperativo .....	140
6.2.6.4. Negação de predicados nominais .....	140
6.2.7. Perguntas .....	141
6.2.7.1. Perguntas com resposta sim/não .....	141
6.2.7.2. Perguntas com resposta informativa .....	141
6.2.8. Processos de Coordenação e de Subordinação .....	142
6.2.8.1. Orações coordenadas com mesmo sujeito .....	143
6.2.8.2. Orações coordenadas com sujeitos diferentes .....	143
6.2.8.3. Orações subordinadas com mesmo sujeito .....	144
6.2.8.4. Orações subordinadas com sujeitos diferentes .....	144
<b>7 MATERIAIS LEXICOGRÁFICOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS.....</b>	<b>145</b>
7.1. POR QUE PESQUISAR ESSES MATERIAIS .....	145
7.2. UMA METODOLOGIA PARA A PESQUISA DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS.....	147
7.2.1. Definição do objeto da pesquisa com delineamentos de uma metodologia .....	147
7.2.1.1. Em busca de uma tipologia das obras lexicográficas .....	148
7.2.1.2. As línguas indígenas brasileiras.....	150
7.2.1.3. Coordenadas necessárias para a pesquisa.....	150
7.2.1.4. Identificando as informações dos materiais lexicográficos .....	154
7.2.1.4.1. Proposta de classificação baseada na quantidade de entradas .....	158
7.2.1.4.2. Proposta de descrição da microestrutura dos materiais.....	160
7.2.1.5. Armazenando os dados da pesquisa .....	165
7.2.1.6. Analisando os dados coletados .....	167
7.3. SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS .....	167
7.3.1. UBL's já produzidas para as línguas indígenas brasileiras .....	167
7.3.2. Tipos de materiais identificados .....	168
7.3.3. Quantificação detalhada das UBL's já produzidas para as línguas indígenas brasileiras .....	171
7.3.3.1. Distribuição das UBL's por tronco linguístico .....	172
7.3.3.2. Distribuição das UBL's por família linguística .....	173
7.3.3.3. Distribuição cronológica das UBL's das línguas indígenas brasileiras.....	175
7.3.3.3.1. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XVI .....	176
7.3.3.3.2. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XVII .....	176
7.3.3.3.3. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XVIII .....	177
7.3.3.3.4. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XIX .....	177
7.3.3.3.5. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XX.....	178
7.3.3.3.6. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XXI .....	179
7.3.3.3.7. Contagem das UBL's das línguas indígenas brasileiras não consideradas na contagem geral.....	180
7.3.3.3.8. Resumo da contagem de UBL's das línguas indígenas brasileiras .....	181
7.3.3.4. Distribuição das UBL's por língua .....	181
7.3.3.5. Distribuição das UBL's por quantidade de entradas.....	190
7.3.3.6. Distribuição das UBL's segundo a disposição das línguas envolvidas no verbete ....	193
7.3.3.6.1. Línguas do lema.....	193
7.3.3.6.2. Línguas do interior do verbete.....	194
7.3.3.7. Distribuição das UBL's segundo o ordenamento de macroestruturas .....	194
7.3.4. Análise e classificação de microestruturas .....	195
7.3.4.1. Por uma tipologia das microestruturas das UBL's.....	195
7.3.4.2. Quantificando microestruturas de UBL's a partir da tipologia proposta.....	198
<b>8 DESENVOLVENDO UM PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO LINGÜÍSTICA E DE CRIAÇÃO DE DICIONÁRIOS: PROJETO EXPERIMENTAL SURUÍ-AIKEWARA.....</b>	<b>202</b>
8.1. DADOS DA LÍNGUA SURUÍ .....	204
8.2. RECURSOS USADOS NO REGISTRO E TRATAMENTO DOS DADOS .....	207

8.3. EM BUSCA DE UM PROGRAMA DE BANCO DE DADOS ELETRÔNICO .....	208
8.4. A ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO NO SGBD .....	212
8.5. O PROGRAMA LÍNGUAS.....	216
8.5.1. Informações técnicas.....	217
8.5.2. Instalação e desinstalação do Programa Línguas .....	217
8.5.3. Acesso ao Programa Línguas.....	222
8.5.3.1. Informações sobre o Programa .....	223
8.5.3.2. Área de recuperação de senhas .....	224
8.5.4. Área de Trabalho do Programa Línguas.....	225
8.5.4.1. Iniciando um Projeto de Documentação Linguística .....	226
8.5.4.1.1. Base Projeto.....	227
8.5.4.1.2. Base Som.....	234
8.5.4.1.3. Base Fonte .....	235
8.5.4.1.4. Base Arquivos.....	241
8.5.4.1.5. Base Corpus.....	244
8.5.4.1.6. Base Afixos .....	246
8.5.4.2. Armazenando Dados Linguísticos .....	247
8.5.4.2.1. Base Textos .....	248
8.5.4.2.2. Base Léxico .....	250
8.5.4.2.3. Base Enunciados .....	255
8.5.4.2.4. Base Comparação de Itens (línguas diferentes).....	257
8.5.4.2.5. Base Comparação de Itens (mesma língua).....	258
8.5.4.2.6. Base Enciclopédia.....	260
8.5.4.3. Anotações para o PDL .....	261
8.5.4.3.1. Base Anotações.....	262
8.5.4.3.2. Base Histórico.....	263
8.5.4.3.3. Base Tarefas .....	264
8.5.4.3.4. Base Bibliografia .....	265
8.5.4.3.5. Base Citação.....	267
8.5.4.3.6. Base Notas Linguísticas .....	269
8.5.4.4. Acessórios do Programa Línguas.....	270
8.5.4.5. Edição de dados das bases.....	273
8.5.4.5.1. Como editar os dados das bases.....	275
8.5.4.5.2. Como pesquisar dados em um formulário de edição .....	276
8.5.4.6. Produzindo materiais com os dados das bases.....	276
8.5.4.6.1. Projeto e Anotações .....	277
8.5.4.6.2. Bibliografia e Citação .....	279
8.5.4.6.3. Textos e Enunciados .....	280
8.5.4.6.4. Dicionários .....	281
8.5.4.6.5. Enciclopédias.....	285
8.5.4.6.6. Comparação e Notas .....	286
8.5.4.7. Segurança dos dados .....	287
8.5.4.7.1. Relatórios .....	288
8.5.4.7.2. Exportar tabelas .....	289
8.5.4.7.3. Cópia de Segurança.....	290
8.5.4.7.4. Usuários.....	292
8.5.4.7.5. Limpar cache .....	294
8.6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS.....	295
<b>9 MODELOS LEXICOGRÁFICOS PARA A LÍNGUA SURUÍ.....</b>	<b>296</b>
9.1. MODELOS BASEADOS NA MICROESTRUTURA.....	296
9.1.1. Modelo M.....	296
9.1.2. Modelo MD .....	299
9.1.2.1. Modelo MD1 com estrutura LId: {DId} .....	300
9.1.2.2. Modelo MD2 com estrutura LId: {DPt} .....	300

9.1.2.3. Modelo MD3 com estrutura LPt: {DIId}	302
9.1.2.4. Modelo MD4 com estrutura LIId: {DIId-DPt}	303
9.1.2.5. Modelo MD5 com estrutura LPt: {DPt-DIId}	304
9.1.2.6. Modelo MD6 com estrutura LIId: {DPt-D...}	305
9.1.3. Modelo MDO	305
9.1.3.1. Modelo MDO1 com estrutura LIId: {DIId (O)}	306
9.1.3.2. Modelo MDO2 com estrutura LIId: {DPt (O)}	307
9.1.3.3. Modelo MDO3 com estrutura LIId: {DIId (O) -DPt}	308
9.1.3.4. Modelo MDO4 com estrutura LPt: {DPt (O) -DIId}	309
9.1.3.5. Modelo MDO5 com estrutura LIId: {DPt (O) -DIId}	310
9.1.3.6. Modelo MDO6 com estrutura LPt: {DIId (O) -DPt}	310
9.1.3.7. Modelo MDO7 com estrutura LIId: {DIId (O) -DPt-D...}	311
9.1.3.8. Modelo MDO8 com estrutura LPt: {DIId (O) -D...}	313
9.1.3.9. Modelo MDO9 com estrutura LIId: {DPt (O) -D...}	314
9.1.4. Modelo MDE	314
9.1.4.1. Modelo MDE1 com estrutura LIId: {DIId [EId]}	315
9.1.4.2. Modelo MDE2 com estrutura LIId: {DPt [EId]}	315
9.1.4.3. Modelo MDE3 com estrutura LIId: {DPt [EId/EPt]}	316
9.1.4.4. Modelo MDE4 com estrutura LPt: {DIId [EId]}	317
9.1.4.5. Modelo MDE5 com estrutura LPt: {DIId [EId/EPt]}	319
9.1.4.6. Modelo MDE6 com estrutura LIId: {DIId-DPt [EId/EPt]}	320
9.1.4.7. Modelo MDE7 com estrutura LPt: {DPt-DIId [EPt/EId]}	321
9.1.4.8. Modelo MDE8 com estrutura LIId: {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E...]}	321
9.1.4.9. Modelo MDE9 com estrutura LIId: {DPt-D... [EId/EPt/E...]}	323
9.1.5. Modelo MDOE	323
9.1.5.1. Modelo MDOE1 com estrutura LIId: {DIId (O) [EId]}	324
9.1.5.2. Modelo MDOE2 com estrutura LIId: {DPt (O) [EId]}	324
9.1.5.3. Modelo MDOE3 com estrutura LIId: {DPt (O) [EId/EPt]}	325
9.1.5.4. Modelo MDOE4 com estrutura LPt: {DIId (O) [EId]}	326
9.1.5.5. Modelo MDOE5 com estrutura LPt: {DIId (O) [EId/EPt]}	327
9.1.5.6. Modelo MDOE6 com estrutura LIId: {DIId-DPt (O) [EId/EPt]}	328
9.1.5.7. Modelo MDOE7 com estrutura LPt: {DPt-DIId (O) [EPt/EId]}	329
9.1.5.8. Modelo MDOE8 com estrutura LIId: {DIId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}	330
9.1.5.9. Modelo MDOE9 com estrutura LIId: {DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}	332
9.1.6. Modelo MDEO	332
9.1.6.1. Modelo MDEO1 com estrutura LIId: {DIId [EId (O)]}	333
9.1.6.2. Modelo MDEO2 com estrutura LIId: {DPt [EId (O)]}	333
9.1.6.3. Modelo MDEO3 com estrutura LIId: {DPt [EId/EPt (O)]}	334
9.1.6.4. Modelo MDEO4 com estrutura LPt: {DIId [EId (O)]}	335
9.1.6.5. Modelo MDEO5 com estrutura LPt: {DIId [EId/EPt (O)]}	336
9.1.6.6. Modelo MDEO6 com estrutura LIId: {DIId-DPt [EId/EPt (O)]}	338
9.1.6.7. Modelo MDEO7 com estrutura LPt: {DPt-DIId [EPt/EId (O)]}	338
9.1.6.8. Modelo MDEO8 com estrutura LIId: {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]}	339
9.1.6.9. Modelo MDEO9 com estrutura LIId: {DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}	340
9.1.7. Modelo MDOEO	341
9.1.7.1. Modelo MDOEO1 com estrutura LIId: {DIId (O) [EId (O)]}	341
9.1.7.2. Modelo MDOEO2 com estrutura LIId: {DPt (O) [EId (O)]}	342
9.1.7.3. Modelo MDOEO3 com estrutura LIId: {DPt (O) [EId/EPt (O)]}	343
9.1.7.4. Modelo MDOEO4 com estrutura LPt: {DIId (O) [EId (O)]}	344
9.1.7.5. Modelo MDOEO5 com estrutura LPt: {DIId (O) [EId/EPt (O)]}	345
9.1.7.6. Modelo MDOEO6 com estrutura LIId: {DIId-DPt (O) [EId/EPt (O)]}	347
9.1.7.7. Modelo MDOEO7 com estrutura LPt: {DPt-DIId (O) [EPt/EId (O)]}	347
9.1.7.8. Modelo MDOEO8 com estrutura LIId: {DIId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}	348
9.1.7.9. Modelo MDOEO9 com estrutura LIId: {DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}	350
9.1.8. Modelo MO	350

9.1.9. Modelo MOD .....	353
9.1.9.1. Modelo MOD1 com estrutura LIId: O {DIId} .....	354
9.1.9.2. Modelo MOD2 com estrutura LIId: O {DPt} .....	356
9.1.9.3. Modelo MOD3 com estrutura LPt: O {DIId} .....	357
9.1.9.4. Modelo MOD4 com estrutura LIId: O {DIId-DPt} .....	358
9.1.9.5. Modelo MOD5 com estrutura LPt: O {DPt-DIId} .....	359
9.1.9.6. Modelo MOD6 com estrutura LIId: O {DPt-D...} .....	359
9.1.10. Modelo MODO .....	360
9.1.10.1. Modelo MODO1 com estrutura LIId: O {DIId (O)} .....	360
9.1.10.2. Modelo MODO2 com estrutura LIId: O {DPt (O)} .....	361
9.1.10.3. Modelo MODO3 com estrutura LIId: O {DIId (O) -DPt} .....	362
9.1.10.4. Modelo MODO4 com estrutura LPt: O {DPt (O) -DIId} .....	363
9.1.10.5. Modelo MODO5 com estrutura LIId: O {DPt (O) -DIId} .....	363
9.1.10.6. Modelo MODO6 com estrutura LPt: O {DIId (O) -DPt} .....	364
9.1.10.7. Modelo MODO7 com estrutura LIId: O {DIId (O) -DPt-D...} .....	365
9.1.10.8. Modelo MODO8 com estrutura LPt: O {DIId (O) -D...} .....	367
9.1.10.9. Modelo MODO9 com estrutura LIId: O {DPt (O) -D...} .....	367
9.1.11. Modelo MODE .....	368
9.1.11.1. Modelo MODE1 com estrutura LIId: O {DIId [EId]} .....	368
9.1.11.2. Modelo MODE2 com estrutura LIId: O {DPt [EId]} .....	368
9.1.11.3. Modelo MODE3 com estrutura LIId: O {DPt [EId/EPt]} .....	369
9.1.11.4. Modelo MODE4 com estrutura LPt: O {DIId [EId]} .....	370
9.1.11.5. Modelo MODE5 com estrutura LPt: O {DIId [EId/EPt]} .....	371
9.1.11.6. Modelo MODE6 com estrutura LIId: O {DIId-DPt [EId/EPt]} .....	372
9.1.11.7. Modelo MODE7 com estrutura LPt: O {DPt-DIId [EPt/EId]} .....	373
9.1.11.8. Modelo MODE8 com estrutura LIId: O {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E...]} .....	374
9.1.11.9. Modelo MODE9 com estrutura LIId: O {DPt-D... [EId/EPt/E...]} .....	375
9.1.12. Modelo MODOE .....	375
9.1.12.1. Modelo MODOE1 com estrutura LIId: O {DIId (O) [EId]} .....	376
9.1.12.2. Modelo MODOE2 com estrutura LIId: O {DPt (O) [EId]} .....	376
9.1.12.3. Modelo MODOE3 com estrutura LIId: O {DPt (O) [EId/EPt]} .....	377
9.1.12.4. Modelo MODOE4 com estrutura LPt: O {DIId (O) [EId]} .....	378
9.1.12.5. Modelo MODOE5 com estrutura LPt: O {DIId (O) [EId/EPt]} .....	379
9.1.12.6. Modelo MODOE6 com estrutura LIId: O {DIId-DPt (O) [EId/EPt]} .....	380
9.1.12.7. Modelo MODOE7 com estrutura LPt: O {DPt-DIId (O) [EPt/EId]} .....	381
9.1.12.8. Modelo MODOE8 com estrutura LIId: O {DIId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]} .....	382
9.1.12.9. Modelo MODOE9 com estrutura LIId: O {DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]} .....	384
9.1.13. Modelo MODEO .....	384
9.1.13.1. Modelo MODEO1 com estrutura LIId: O {DIId [EId (O)]} .....	384
9.1.13.2. Modelo MODEO2 com estrutura LIId: O {DPt [EId (O)]} .....	385
9.1.13.3. Modelo MODEO3 com estrutura LIId: O {DPt [EId/EPt (O)]} .....	386
9.1.13.4. Modelo MODEO4 com estrutura LPt: O {DIId [EId (O)]} .....	387
9.1.13.5. Modelo MODEO5 com estrutura LPt: O {DIId [EId/EPt (O)]} .....	388
9.1.13.6. Modelo MODEO6 com estrutura LIId: O {DIId-DPt [EId/EPt (O)]} .....	389
9.1.13.7. Modelo MODEO7 com estrutura LPt: O {DPt-DIId [EPt/EId (O)]} .....	390
9.1.13.8. Modelo MODEO8 com estrutura LIId: O {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]} .....	391
9.1.13.9. Modelo MODEO9 com estrutura LIId: O {DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]} .....	392
9.1.14. Modelo MODOEO .....	393
9.1.14.1. Modelo MODOEO1 com estrutura LIId: O {DIId (O) [EId (O)]} .....	393
9.1.14.2. Modelo MODOEO2 com estrutura LIId: O {DPt (O) [EId (O)]} .....	394
9.1.14.3. Modelo MODOEO3 com estrutura LIId: O {DPt (O) [EId/EPt (O)]} .....	394
9.1.14.4. Modelo MODOEO4 com estrutura LPt: O {DIId (O) [EId (O)]} .....	396
9.1.14.5. Modelo MODOEO5 com estrutura LPt: O {DIId (O) [EId/EPt (O)]} .....	397
9.1.14.6. Modelo MODOEO6 com estrutura LIId: O {DIId-DPt (O) [EId/EPt (O)]} .....	398
9.1.14.7. Modelo MODOEO7 com estrutura LPt: O {DPt-DIId (O) [EPt/EId (O)]} .....	399

9.1.14.8. Modelo MODOEO8 com estrutura LId: O {DIId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}	400
9.1.14.9. Modelo MODOEO9 com estrutura LId: O {DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}	401
9.1.15. Algumas considerações sobre esses modelos	401
<b>10 DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ</b>	<b>403</b>
10.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TIPOLOGIA DOS DICIONÁRIOS	404
10.2. COMPONENTES DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ	413
10.2.1. Caracterizando o dicionário da língua Suruí	413
10.2.2. As fontes usadas no dicionário da língua Suruí	419
10.2.3. Estruturando o dicionário da língua Suruí	420
10.2.3.1. Os conteúdos do dicionário	420
10.2.3.1.1 Nomes	421
10.2.3.1.2. Verbos	423
10.2.3.1.3. Homonímia e polissemia	423
10.2.3.1.4. Sinonímia e Antonímia	424
10.2.3.1.5. Antroponímia	424
10.2.3.1.6. Toponímia	426
10.2.3.1.7. Léxico comum	427
10.2.3.1.8. Neologismos	430
10.2.3.1.8.1. Classificação dos dados relacionados à neologia	432
10.2.3.2. A macroestrutura do dicionário da língua Suruí	438
10.2.3.3. A microestrutura do dicionário da língua Suruí	441
10.2.3.3.1. A microestrutura do dicionário Suruí baseada no modelo MODOE	444
10.2.3.3.2. A microestrutura do dicionário Suruí baseada no modelo MODE	447
10.3. DICIONÁRIO SURUÍ-PORTUGUÊS	450
10.4. DICIONÁRIO PORTUGUÊS-SURUÍ	513
<b>11 CONCLUSÃO</b>	<b>572</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>575</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>588</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>589</b>
ANEXO A — MAPA DA ÁREA INDÍGENA SORORÓ (SURUÍ) EM 1983	589
ANEXO B — MAPA DA TERRA INDÍGENA TUWA APEKUOKAWERA	590
ANEXO C — MAPA DA TERRA INDÍGENA TUWA APEKUOKAWERA, ANEXADA À TERRA INDÍGENA SORORÓ, EM 2012	591
ANEXO D — TRECHO DE MAPA RODOVIÁRIO DA REGIÃO ONDE ESTÁ SITUADA A TERRA INDÍGENA SORORÓ, COM DESTAQUE PARA OS CURSOS DE ÁGUA	591
ANEXO E — TRECHO DO RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TUWA APEKUOKAWERA	592
ANEXO F — PÁGINAS DO VOCABULÁRIO AIKEWAR (CIMI, 1986)	593
ANEXO G — MÚSICAS CANTADAS EM SURUÍ POR MIHO, GRAVADAS POR IKATU E TRANSCRITAS E DIGITADAS NO COMPUTADOR POR TYMYKONG, EM ABRIL DE 2014 PARA SEREM USADOS NA FESTA SAPURAHAJ (INSERIDOS AQUI TAL COMO FORAM PRODUZIDOS ORIGINALMENTE)	594
<b>APÊNDICE</b>	<b>597</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo das línguas indígenas brasileiras, segundo Rodrigues (1966, p. 5), é a primeira grande tarefa que os linguistas no Brasil devem tomar para si, pois, ao pesquisar essas línguas é possível adquirir novos conhecimentos linguísticos, além de permitir testar muitas das hipóteses levantadas nos diferentes sub-ramos da linguística.

Essa tarefa adquire um caráter de urgência ao se considerar que a maioria dessas línguas corre o risco de desaparecer em pouco tempo devido não só às pressões exercidas pelo idioma de maior difusão no país, o Português, mas, sobretudo, porque essas línguas já são sobreviventes de um longo processo de extinção em massa iniciado há 500 anos. Ou seja, ao longo dos últimos cinco séculos de história do Brasil, segundo Rodrigues (1999, p. 13), com o genocídio de populações indígenas inteiras, aconteceu a extinção de mais de 1000 línguas indígenas brasileiras, restando, hoje, apenas cerca de 200 delas, que correm ainda constante ameaça de desaparecimento.

Esse conjunto de línguas autóctones remanescentes em nosso país, apesar de bastante reduzido, ainda é representativo de uma grande diversidade linguística, que pode ser percebida ao se agrupar essas línguas em famílias e estas, quando for o caso, em troncos linguísticos. A título de ilustração, cito as línguas Cinta-Larga, Paitér, Zoró e Gavião que pertencem à família Mondé, as línguas Akuntsú, Makuráp, Sakyrabiát, Campé e Wayoró, que pertencem à família Tuparí, e as línguas Asuriní do Xingu, Kamayurá e Xetá, que pertencem à família Tupí-Guaraní, todas essas famílias pertencentes ao grande tronco Tupí.

No entanto, apesar de haver interesse pelo estudo de muitas destas e de outras línguas indígenas brasileiras ao longo dos séculos, seja, por exemplo, para fins de catequese dos povos indígenas, desde o século XVI, seja para fins de registro de dados etnográficos nas várias expedições que percorreram o Brasil, sobretudo a partir do século XIX, somente a partir do século XX é que começam os primeiros trabalhos de cunho propriamente científico de base linguística dessas línguas, a partir da iniciativa de pesquisadores em descrevê-las,

Além disso, apesar de haver pessoas interessadas pelo estudo das línguas e culturas dos povos indígenas no Brasil, esses pesquisadores, em sua maioria, eram estrangeiros que aportaram em terras brasileiras a fim realizar suas pesquisas linguísticas, dando os mais diferentes fins aos dados coletados e às informações obtidas, tais como, contribuir com a ampliação do conhecimento acadêmico-científico, em outros casos também para favorecer o proselitismo religioso ou, até mesmo, para fins puramente comerciais.

Assim, é possível perceber que poucos eram os pesquisadores brasileiros que se interessavam pelo estudo de línguas indígenas e, dentre estes interessados, não havia espaço para que os próprios indígenas, falantes de suas respectivas línguas, se tornassem pesquisadores de seu(s) idioma(s), tal como ocorre com os falantes das línguas mais faladas no mundo, como o Inglês, o Espanhol, o Francês, o Chinês, o Português, que, muito naturalmente, estudam suas respectivas línguas.

Essa situação só começou a mudar muito recentemente, quando os primeiros indígenas começaram a frequentar os cursos universitários e obter seus diplomas nas mais diferentes áreas, dentre as quais estão as áreas das ciências humanas, interessando-se, inclusive, pelo estudo da(s) língua(s) falada(s) por seu povo.<sup>1</sup>

Portanto, esse estudo científico das línguas indígenas, em parceria com ou pelos próprios falantes, enquanto pesquisadores, pode, em alguma medida, contribuir para que houvesse um interesse cada vez maior pela valorização e conservação dessas línguas pelas comunidades indígenas — e também pelas autoridades do estado nacional —, porque, ao perceberem que não é exclusividade do Português possuir uma ortografia, uma gramática ou um dicionário, por exemplo, e que essas línguas também apresentam uma lógica de organização e de funcionamento tão completa e complexa quanto a de qualquer outra língua do mundo, há uma chance maior de se interessar não somente pelo seu uso mais constante e extensivo, mas, principalmente, por uma mudança radical de postura de todos, falantes ou não de determinada língua, no sentido de valorizá-la e incentivá-la, para que ela tenha seu uso fortalecido na comunidade e que, quando for caso, seja levada e ensinada nas escolas com o mesmo respeito e competência como ocorre com relação à(s) língua(s) oficial(is) do país.

Não se trata aqui de propor, entretanto, que o registro documental e o estudo das línguas indígenas, por si sós, serão capazes de determinar alguma mudança de pensamento ou de postura das pessoas, falantes ou não dessas línguas, mas sim que eles são necessários por possibilitarem uma apreensão mais nítida sobre a riqueza e a complexidade de cada uma dessas línguas, e, como isso, pode estimular a construção de uma série de materiais culturais,

---

<sup>1</sup> Um bom exemplo que podemos citar está nos alunos indígenas egressos de cursos universitários, inclusive os intitulados “interculturais”, voltados quase que exclusivamente para esse público, que optam na pós-graduação pelos estudos linguísticos. Nesse sentido, há a iniciativa dos professores doutores Aryon Dall’Igna Rodrigues e Ana Suely Arruda Câmara Cabral, da Universidade de Brasília, que aceitaram indígenas oriundos de diferentes etnias (p.ex., Baniwa do Içana, Guaraní Tambeopé, Kaxinawá, Laklanö, Tikúna, Kamayurá, Mehináku, Awetí, Manxinéru, Kalapálo) de várias partes do Brasil, como orientandos dos cursos de mestrado e doutorado em Linguística, onde cada um deles se ocupou com o estudo de suas respectivas línguas nas mais diferentes perspectivas.

a serem usados em contextos reais do cotidiano de sua sociedade, e também nos mais diferentes ambientes de ensino formal ou não.

Ao compreender que a língua representa para o povo que a fala bem mais do que um dos mais eficazes instrumentos de comunicação entre as pessoas, que ela é um complexo sistema de formas e significados, transmitido de geração a geração, e que permite a cada ser humano estruturar pensamentos, expressar emoções, desejos e ideias, projetar mundos, conservar e compartilhar experiências, enfim, construir a própria cultura humana, conferindo aos seus detentores-usuários elementos que alimentam suas próprias identidades, nesse momento estaremos prontos para reconhecer todo o potencial que essa língua possui e passaremos a pensar de modo muito mais nítido políticas linguísticas, ações baseadas no respeito à diversidade linguística e, finalmente, descobrir todo o potencial de uma língua para transformar o mundo.

Por isso, conhecer linguisticamente a sua própria língua e, mais que isso, ampliar suas possibilidades e abrangência quando ela passa a ser escrita é mais do que gratificante, é necessário, é essencial, ainda mais quando os textos passam a se multiplicar e a circular nos mais diferentes espaços sociais, alimentando novas ideias, e, em última instância, fortalecendo a autoestima do povo.

Então, o que pensar diante da iminente morte de uma língua? Partindo da perspectiva de um linguista, esse processo indicaria a perda irreparável de um conhecimento único, irrepetível de uma experiência que foi construída ao longo de um tempo impossível de ser estabelecido. Essa língua que pôde se transformar a partir do contato, ou não, com outras línguas, acumulando marcas das várias experiências individuais, mas também dos temores e crenças individuais e coletivas, revelados nas várias interdições dos tabus, participando do dia a dia de tantas pessoas e servindo para estabelecer todo tipo de relações e rupturas, ela, mesmo que tenha sido registrada, não diminuiria as implicações desta perda para toda a comunidade de falantes e, sem dúvida, para toda a humanidade.

Já para um falante dessa língua, a sua perda seria ainda maior, pois, mesmo mantendo sua cultura por meio de outra língua, geralmente aquela que é falada por uma maioria (na região ou no país, por exemplo), esta nova língua não comportaria todas as nuances estabelecidas na língua original, nem seria capaz de exprimir exatamente da mesma maneira todos os elementos construídos na base da outra língua. Logo, ao se perder uma língua, seja por extinção do povo, seja por substituição por outra língua, como ocorreu com a maioria dos povos indígenas do Nordeste do Brasil, desfigura-se boa parte do que foi aquele

povo, quebra-se um elo invisível com todo um passado de experiências acumuladas e nega-se às futuras gerações o acesso a grande parte desse conhecimento original.

Reconhecendo esse valor das línguas para toda a humanidade e acreditando que a continuidade delas só será possível a partir do momento em que se assumir coletivamente esse compromisso, de pessoas comuns a grandes corporações e estados-nações, a UNESCO lançou o projeto *Atlas of the World's Languages in Danger* (“Atlas das Línguas em perigo no mundo”), por meio do qual apresenta um quadro relativamente completo de línguas de várias partes do mundo com a descrição do grau de vulnerabilidade que elas se encontram. No Brasil, esse Atlas reconhece 190 línguas que se encontram nas seguintes situações:

QUADRO 01 – ESCALA DOS GRAUS DE RISCO REFERENTES À TRANSMISSÃO DE UMA LÍNGUA DE UMA GERAÇÃO À OUTRA

	Nível de vitalidade	Transmissão da língua de uma geração à outra
	segura	a língua é falada por todas as gerações; a transmissão intergeracional é ininterrupta
📍	vulnerável	a maior parte das crianças fala a língua, mas ela pode estar restrita a determinados domínios (por exemplo: a casa)
📍	em perigo	as crianças não aprendem mais a língua como língua materna em casa
📍	seriamente em perigo	a língua é falada pelos avós; enquanto a geração dos pais pode compreendê-la, eles não a falam entre eles ou com seus filhos
📍	em situação crítica	os locutores mais jovens são os avós e seus ascendentes, e eles não falam a língua senão parcialmente e com pouca frequência
📍	extinta	não há mais locutores >> o Atlas contém as referências desde os anos 1950

Fonte: UNESCO (2011, p. 6)

FIGURA 01 – UNESCO INTERACTIVE ATLAS OF THE WORLD'S LANGUAGES IN DANGER



Fonte: Site da UNESCO (<http://www.unesco.org/culture/languages-atlas>)

Dessas 190 línguas reconhecidas pelos Atlas, aproximadamente um quarto delas está em situação crítica, o que significa dizer que em poucas décadas, o Brasil perderá parte significativa de seu patrimônio linguístico.

Portanto, se há uma mobilização de organismos internacionais, como a ONU, voltada para a defesa dos direitos dos povos no que concerne à preservação e ao uso de suas línguas, e diante das várias reflexões não só de estudiosos (indígenas ou não) — sobretudo antropólogos e linguistas —, mas também das próprias comunidades indígenas sobre a necessidade de proteção de suas línguas e culturas autóctones, evidencia-se ainda mais a urgência de nossa tarefa não somente para documentar as línguas indígenas, mas, sobretudo, para contribuir com essa documentação e pesquisa para a valorização, o uso, o ensino e o constante estudo, pelos próprios falantes, de suas respectivas línguas.

No entanto, não é óbvia nem imediata essa relação entre documentação e pesquisa linguística e o uso do material coletado e produzido para fins educacionais e de uso pela comunidade indígena (cf. HAVILAND, 2007, p. 15-47). No Brasil, por exemplo, onde já existe uma certa tradição de pesquisa linguística, conforme apresentado acima, que documenta e pesquisa pelos mais diferentes meios e com mais diversos fins as línguas indígenas brasileiras, os dados coletados são, com frequência, armazenados, por exemplo, seja em fichas de papel seja em programas informatizados de bancos de dados, e sua utilização ficava restrita a especialistas. Mesmo com a maior difusão das novas tecnologias da informação, como os computadores pessoais, e também o advento da internet, cujo alcance é mundial (pelo menos é o que esse sistema pretende ser), não foram muitos os projetos que pensaram na utilização desses materiais para difusão dos dados coletados pelos linguistas por estudiosos de áreas outras além da linguística, e também pelos próprios indígenas que teriam fornecido esses dados.

Com isso, percebe-se que ainda existe grande carência no Brasil de ferramentas que possam contribuir não somente para essa documentação linguística, mas também para a própria construção de materiais baseados nesses dados.

No caso específico dos programas informatizados para armazenamento de dados, eles eram capazes, em alguma medida, de tornar acessíveis, sim, esses dados. Todavia, quando muito, eles conseguiam gerar não mais do que um ou dois tipos de material, por exemplo, um dicionário bilíngue com seu reverso. E, ademais, seu uso exigia conhecimentos aprofundados de informática (da programação à configuração da plataforma que iria receber os dados), tornando-o demasiadamente complexo para um usuário mediano.

Nesse sentido, surge a pergunta: é possível a um programa de computador, além de comportar esse armazenamento, gerar de maneira automática mais do que um ou dois tipos de materiais (por exemplo, diferentes materiais lexicográficos)? Se isso for possível, como esse processo pode contribuir para que os indígenas, falantes de suas próprias línguas e detentores de conhecimentos de seu povo, se tornem, além de documentadores de seu próprio material linguístico, pesquisadores de suas línguas? Se os dados dessas línguas documentadas são continuamente produzidos e armazenados, esse programa de banco de dados teria como ser adaptado às diferentes línguas a fim de atender às especificidades de cada uma delas?

Ora, não resta dúvida quanto à relevância do desenvolvimento, no contexto da metodologia da documentação e pesquisa linguística, de ferramentas capazes de dar conta dos dados oriundos desse trabalho. Contudo, é imprescindível pensar, antes, sobre a própria natureza desses dados linguísticos. E, para isso, é necessário partir de uma situação real, ou seja, da própria documentação e descrição de uma língua, principalmente aquelas que estiverem em situação mais crítica, conforme a proposta de classificação das línguas apresentada no Quadro 01.

Nesse sentido, ressalto que uma das línguas mais ameaçadas no Brasil é, por exemplo, o Suruí do Tocantins (Suruí do Pará, Mudjetíre ou Aikewára). Apesar de ser classificada pela UNESCO como vulnerável, na verdade ela está seriamente em perigo, porque “a língua é falada pelos avós; enquanto a geração dos pais pode compreendê-la, eles não a falam entre eles ou com seus filhos” (UNESCO, 2011, p. 6).

Partindo da observação da comunidade de fala, que se reduziu a menos de 10% de toda a população Suruí, é possível constatar a gravidade dessa situação de vulnerabilidade da língua, e que a reversão desse quadro, se não é de todo impossível, torna-se uma tarefa bastante difícil.

Assim, diante dos poucos estudos linguísticos já realizados sobre esta língua e diante da inexistência de dicionários para uso social dentro e fora da escola, resolvi realizar esta pesquisa não somente com o intuito de ampliar o conhecimento linguístico sobre essa língua da família Tupí-Guaraní, tratando também de questões relacionadas à fonologia e à gramática da língua, mas, principalmente, para viabilizar a documentação linguística para que ela fosse, por meio de um novo programa informatizado para armazenamento de dados, gerar materiais que fossem úteis tanto à pesquisa linguística quanto aos próprios falantes da língua Suruí.

Logo, o objetivo da pesquisa para construção desta tese de doutorado foi primeiramente descrever os principais aspectos da gramática e do léxico da língua Suruí do Tocantins, a fim de elaborar um material lexicográfico para atender, antes de tudo, às necessidades educacionais de alunos e professores Suruí no aprendizado de sua própria língua, mas também contribuir com as demais pessoas da comunidade indígenas e com a descrição linguística de línguas indígenas brasileiras. Logo, procedeu-se o aprofundamento da descrição gramatical da língua Suruí e também o inventário lexical da maior quantidade possível de unidades lexicais dessa língua.

Foi documentado e sistematizado, especialmente, o léxico relativo à fauna e à flora com embasamento no conhecimento tradicional indígena e no conhecimento científico sobre esses elementos, quando este estava disponível.

### 1.1. JUSTIFICATIVA

Diante da incipiente situação dos estudos sobre a língua Suruí do Tocantins e, sobretudo, diante da falta de recursos para o ensino dessa língua nessa comunidade de fala, é que se justifica o empreendimento deste projeto em estudar essa língua da família linguística Tupí-Guaraní.

À semelhança de tantas outras línguas indígenas no Brasil (e também no mundo), a língua Suruí do Tocantins está ameaçada de desaparecimento e, se não é uma pesquisa linguística e a produção de material lexicográfico que garantirão a sobrevivência dessa língua, pelos menos poderão contribuir para que outros Suruí, além dos professores Ikatu e Tymykong, grandes colaboradores desta pesquisa, possam ver em sua língua o potencial que ela guarda, e aspectos importantes da cultura que ela expressa e da história do povo que data tempos imemoriais. Munidos desses instrumentos, podem lutar mais adequadamente pela sobrevivência de sua própria língua.

### 1.2. ORIENTAÇÃO TEÓRICA

Língua do sub-ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, o Suruí do Tocantins é uma língua bastante próxima das línguas Asuriní do Tocantins e Parakanã.<sup>2</sup> Essas línguas, apesar de possuírem traços gramaticais e lexicais comuns, diferem em vários aspectos e são consideradas línguas distintas por seus respectivos falantes. Disto decorre a necessidade de um maior aprofundamento na descrição e comparação dos subgrupos linguísticos da família

---

<sup>2</sup> Cf. Lopes e Cabral (2012, p. 1614-1624).

Tupí-Guaraní, a fim de verificar a aproximação ou o distanciamento das línguas deste grupo em seus mais diversos aspectos linguísticos.

O estudo gramatical do Suruí do Tocantins tem sido realizado em uma perspectiva descritiva e de referência, lançando mão de descrições morfológicas e morfossintáticas como as de Rodrigues (2010), estudos tipológicos como o de Harrison (1986), do questionário gramatical do SALDIP de Kaufman, Berlin e Rodrigues (1985) e de importantes trabalhos de Cabral (1997, 2000, 2001, 2002, 2007, 2012, 2013) sobre línguas da família Tupí-Guaraní. Para o estudo do léxico, considereí Payne (1997, 2006) e Mithun (1984), e com respeito às classes de palavras e à análise sintática os trabalhos de Comrie (1976, 1985) e Van Valin Jr. (2004).

A dicionarização da língua foi desenvolvida a partir de pressupostos teóricos metodológicos de Atkins e Rundell (2008), Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982), Dubois e Dubois (1971), Al-Kasimi (1983) e Yong e Peng (2007), e baseou-se nos estudos gramaticais da língua Suruí, resultando nas diferentes análises e propostas lexicográficas constantes na presente tese.

Assim, esse conjunto trabalhos teóricos não somente contribuiu com as reflexões dos vários temas abordados neste trabalho, mas também pôde ser usado, sob a forma de citação, para fundamentar vários pontos desta tese.

### 1.3. ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Este trabalho foi construído como uma proposta de descrição linguística da língua Suruí do Tocantins, mas também de um modelo de documentação linguística e de um projeto lexicográfico, baseados nessa mesma língua, por isso, esse trabalho apresenta a seguinte configuração.

Inicialmente faço a contextualização do povo Aikewára que fala a língua Suruí do Tocantins, qual a sua história de contato com a sociedade não indígena, onde está localizada a sua terra, que denominações ele recebeu e que estudos antropológicos já foram desenvolvidos junto a esse povo.

Em seguida, após apresentar uma classificação linguística da língua Suruí do Tocantins, trato das questões relacionadas ao uso de sua língua e o contato com o Português, traçando um percurso acerca das experiências de escrita desse povo.

Concluída essa etapa, apresento uma descrição da fonologia da língua Suruí, historiando os trabalhos já realizados nesse sentido, seguida de considerações acerca da escrita e da ortografia para essa língua da família Tupí-Guaraní.

O esboço gramatical (morfofossintaxe) da língua Suruí, apresentado no capítulo seguinte, proporciona a fundamentação teórica indispensável para este trabalho que envolve aspectos léxicos e lexicográficos da língua Suruí.

Considerarei, a partir de orientação recebida no decorrer da tese, a necessidade de realizar um levantamento do acervo de obras lexicográficas produzidas ao longo dos últimos cinco séculos da história no Brasil relacionadas a línguas indígenas brasileiras. Tal pesquisa, que demandou tempo e esforço consideráveis, se justifica no contexto da pesquisa desta tese, porque permitiu uma reflexão mais completa e abrangente sobre as possibilidades de compreensão tanto da documentação quanto da proposição de modelos lexicográficos para a língua que estou estudando.

No capítulo seguinte, apresento considerações acerca da documentação linguística da língua Suruí do Tocantins, no qual apresento elementos da pesquisa de campo para coleta de dados e também o programa de computador que utilizei para armazenar todos os dados coletados nesta pesquisa.

Dois outros capítulos importantes deste trabalho são os que tratam da apresentação dos modelos lexicográficos já baseados na língua Suruí e o capítulo em que descrevo, em detalhe, a macroestrutura e a microestrutura dos materiais lexicográficos propostos para essa língua. Ainda neste capítulo, trato de questões relacionadas ao léxico da língua Suruí, destacando inclusive os neologismos, o que muito contribuiu para o estabelecimento do conteúdo dos dicionários colocados ao final desse mesmo capítulo.

## 2 BREVE HISTÓRICO DO POVO SURUÍ

Segundo o sábio Suruí Awasa'i, cujo centenário de nascimento foi comemorado em 2012, historicamente o seu povo ocupou a região nas encostas da Serra das Andorinhas, no município paraense de São Geraldo do Araguaia, próximo ao rio Araguaia.

Contudo, os Suruí foram forçados a sucessivos deslocamentos ou por conflitos com outros povos indígenas (sobretudo com os Kayapó, a quem eles denominavam *Karasá*) ou por pressão de garimpeiros (final do século XIX e início do século XX), de castanheiros e de fazendeiros que demandavam áreas cada vez maiores para atividades mineradoras, agrícolas e pecuárias. O grupo acabou, então, confinado em uma área que quase não dispunha de recursos hídricos e onde a caça e os castanhais eram escassos.

Apesar de os primeiros relatos escritos sobre os Suruí datarem de aproximadamente 100 anos, a presença deste grupo indígena na região próxima aos rios Tocantins e Araguaia é, certamente, de um período bem anterior.

Segundo hipótese levantada por Laraia e Matta (1967; 1978, p. 63): “[...] estes índios [os ‘Sororós’] são os mesmos que, segundo Coudreau (1898, p. 78-81), apareceram no fim do século passado num lugar chamado Arara, um pouco acima da confluência do Itacaiúnas, nas margens do Tocantins”.<sup>3</sup>

Essa hipótese, proposta com base nos relatos acerca dos frequentes avistamentos na região próxima ao rio Itacaiúnas de indígenas desconhecidos, é bem plausível, pois, a maior parte dos povos indígenas que habita (ou habitava) aquela região fala (ou falava) línguas filiadas ao tronco Macro-Jê (Gavião e Xikrín do Cateté, por exemplo), e era relativamente bem mais conhecida pela população local do que os grupos falantes de línguas

---

<sup>3</sup> No final do século XIX, o francês Henri Coudreau registra em seu livro *Voyage à Itaboca et à l'Itacayuna*: “Toujours est-il que l’existence d’une tribu indienne dans la zone qui s’étend entre le confluent de l’Itacayuna et le confluent de Rio Fresco nous paraît un fait hors de doute. La fumée que j’ai vue s’élever des campos du Bas Rio Fresco, des vestiges de passages d’Indiens dans la région du Morro Vermelho, de subites apparitions d’Indiens inconnus à l’Igarapé do Bacury et à l’endroit appelé Prata, un peu du confluent de l’Itacayuna sur la rive gauche du Tocantins, tous ces faits réunis attestent l’existence d’une tribu dans la région indiquée. [...] Il y a cinq ou six ans, en aval de Prata, à l’endroit nommé Arara, une quarantaine d’Indiens inconnus, hommes, femmes et enfants, se montrèrent soudain. Ils firent comprendre, par signes, qu’ils avaient voyagé pendant quantité de « dormir » et qu’ils venaient d’une région de campos.” (COUDREAU, 1898, p. 78-79). Tradução: “De qualquer forma, a existência de uma tribo indígena na zona que fica entre o confluente do Itacaiúnas e o confluente do rio Fresco nos parece um fato indubitável. A fumaça que vi se elevar acima dos campos do baixo rio Fresco, vestígios da passagem de índios na região do morro Vermelho, rápidas aparições de índios desconhecidos no igarapé do Bacuri e no lugar chamado Prata, próximo do confluente do Itacaiúnas na margem esquerda do Tocantins, todos esses fatos reunidos atestam a existência de uma tribo na região indicada. [...] Há cinco ou seis anos, acima do Prata, no lugar denominado Arara, uns quarenta índios desconhecidos, homens, mulheres e crianças, se mostraram rapidamente. Eles se fizeram compreender, por meio de sinais, que eles tinham viajado durante algum tempo e que eles vinham de uma região de campos.” (tradução nossa).

do troco Tupí, que não eram tão comuns naquela região, pelo menos na época em que se documentou a presença Jê.

No início do século XX, mais precisamente no dia 15 de novembro de 1904, foi publicada no *Diario do Maranhão* uma notícia sobre índios localizados exatamente na região hoje ocupada pelos Suruí:

Noticias de Araguay  
EXTRACÇÃO DA BORRACHA

Carta do capitão Felipe Moreira, presentemente no rio Vermelho, affluente do Itacaúnas, dirigida em data de 20 de setembro ao major, Luiz Leda, da B. do Corda, as seguintes noticias. A despeito das febres que tambem me accometteram, tenho feito bom carregamento de borracha, que terei de embarcar em balsas no rio Sororó e leva-lo até Itacaúnas.

O Sororó é bastante obstruido de madeiras cahidas e do ponto em que estou ao rio Vermelho tambem affluente do Itacaúnas, são 12 leguas.

Mandei explorar a matta e fazer tres circulos com bastante madeira para a safra vindoura, visto não me convir abandonar um meio em que tenho as melhores vantagens. Conto que para o anno seguinte a extracção do cauxho me será muito mais favoravel, porque terei de subir pelo Itacaúnas e no ponto onde estou terei apenas precisão de farinha, visto como o peixe, a tartaruga a caça, o jaboti são aqui com abundancia. Como o mal anda ao lado do bem ha aqui tambem em grande abundancia a morissóca carrapato de fogo, a cuja mordedura se sente a impressão dolorosa de uma queimadura, pulgas, e indios em grande quantidade. Do rio Vermelho ao rio Branco, onde trabalha grande pessoal na extracção da borracha, a distancia è na direcção em que estou, de 12 leguas. Ha poucos dias foi alli atacado um barracão pelos indios, sendo repellidos energicamente e destroçados!

Os indios da região em que estou não obstante serem bravios, não offendem a ninguem. São de estatura pequena, não conhecem o u o (sic) de outra arma que não a flecha e apenas presentem a aproximação de gente civilisada internam se nas mattas, abandonando os aldeamentos.

Essa descrição sobre o modo de proceder (fuga) desses indígenas quando do contato com não indígenas é bem semelhante àquele registrado nas primeiras tentativas de contato de Gil Gomes, no início dos anos 1950.

Apresento, a seguir, uma tabela com os principais acontecimentos relacionados ao contato do Suruí com os não indígenas, bem como informações demográficas desse povo (dos anos 1950 até 2012):

TABELA 01 – RESUMO DA CRONOLOGIA HISTÓRICA E DEMOGRÁFICA DOS SURUÍ

Data	Evento	Fonte
1898	Registro de avistamentos de indígenas nas proximidades dos rios Itacaúnas e Araguaia (seriam os Suruí?)	Coudreau (1898)
1904	Novo relato da presença de indígenas nas proximidades do rio Vermelho, afluente do Itacaúnas, e próximo ao Sororó	Jornal Diario do maranhão (1904)

1923	Registro de avistamentos de indígenas nas cabeceiras do rio Sororó (então denominados Sororó, pelo Frei Antônio Sala)	Laraia e Matta (1978)
1947	Contato frustrado entre os Suruí e castanheiros da região (reação violenta destes)	Laraia e Matta (1978)
1951-1952	Primeiras tentativas de contato de Frei Gil Gomes com os Suruí	Laraia e Matta (1978)
1953	Após primeiro contato com os Suruí (cuja população era de aproximadamente 100 pessoas), Frei Gil Gomes passou a realizar visitas anuais regulares	Laraia e Matta (1978)
1957	Nova tentativa de aproximação com os castanheiros, culminando com a morte de um Suruí	Laraia e Matta (1978)
1960	Epidemia de gripe mata 2/3 dos 120 Suruí. Morte de Musenai, líder do grupo. População Suruí fica com 40 pessoas	Laraia e Matta (1978) Laraia (2007)
1960	Uma pessoa da região, João Correia, aproveita o momento de instabilidade dos Suruí com a morte de Musenai, e tenta transformar o povo em caçadores de pele, mas é expulso por Frei Gil, que tinha o apoio do SPI	Laraia e Matta (1978)
1960	Kuarikuara herda, de seu pai, a liderança do grupo	Laraia e Matta (1978)
1962	Morte de Kuarikuara e de seus dois irmãos, Sarakoa e Koati [ao todo foram sete mortes nesse ano]	Laraia e Matta (1978)
1966	Sawara assume a chefia do grupo, mas quem liderava de fato era Uamassú (que melhor conhecia os brancos)	Laraia e Matta (1978)
1968	Interdição da terra indígena ocupada pelos Suruí	Brasil (1968)
1968	População Suruí: 38 pessoas	Queiroz (1976)
1972	População Suruí: 44 pessoas	Dostal (1972)
1972-1973	O povo Suruí é envolvido nos acontecimentos da Guerrilha do Araguaia. Muitos homens são usados como mateiros pelos militares	Arnaud (1983); Lopes (2012)
1975	População Suruí: 66 pessoas	Queiroz (1976)
1975	Expulsão do agente do Posto da FUNAI da área indígena dos Suruí	Arnaud (1983)
1976	População Suruí: 75 pessoas	Laraia e Matta (1978)
1976	Retorno à aldeia antiga	Laraia e Matta (1978)
1976	Implantação do Projeto de Emergência do Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário Gavião-Suruí (PIDC), promovido pelo DGPC/FUNAI	Ferraz (1985)
1977	População Suruí: 64 pessoas	Laraia e Matta (1978)
1982	Assinatura da portaria nº 1.370/E de 24/08/1982, declarando como de posse permanente do grupo indígena Suruí a área da Área Indígena Sororó	Cedi (1983)

1983	O decreto 88.648 de 30/08/1983, do Presidente da República, homologa a demarcação da área indígena Sororó, de posse imemorial do grupo indígena Suruí	Brasil (1983); Cedi (1984)
1985	População Suruí: 101 pessoas	Cimi (1986)
1985	População Suruí: 109 pessoas	Ferraz (1985)
1986	Publicação do <i>Vocabulário Aikewar</i>	Montserrat (1986)
1988	População Suruí: 122 pessoas	Vieira Filho (1988)
1990	População Suruí: 130 pessoas	Vidal (1993)
1993	População Suruí: 136 pessoas	Barbosa, J. A. (1993)
1995	Grande incêndio na Reserva Suruí (pelo menos 10,5 mil hectares de mata consumidos pelo fogo)	Cedi (1996)
1996	População Suruí: 153 pessoas	Idesp (1996)
1997	População Suruí: 185 pessoas	Cedi (2000)
1999	Criação da Associação Indígena do Povo Aikewar do Sororó (AIPAS)	Cedi (2000)
2004	Participação no I Jogos tradicionais indígenas do Pará	Revista Pará+ (2004)
2006	População Suruí: 264 pessoas	Funasa (2006 apud CEDI, 2006)
2010	População Suruí: 332	Funasa (2010 apud CEDI, 2010)
2010	Grande incêndio na Terra Indígena Sororó (pelo menos 4 mil hectares de mata consumidos pelo fogo)	Cedi (2011)
2012	Aprovação do relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Tuwa Apekuokawera pela FUNAI	Pará (2012)
2012	População Suruí: 370 pessoas	Funasa (2012) <sup>4</sup>

## 2.1. A TERRA INDÍGENA DOS SURUÍ

A Terra Indígena Sororó (doravante T.I. Sororó) ou, mais recentemente, T.I. Tuwa Apekuokawera (ver Anexo E), distante cerca de 100 km do principal centro urbano da região, a cidade de Marabá, e distante cerca de 70 quilômetros de São Geraldo do Araguaia, também

<sup>4</sup> Em 2012, foi divulgado o resultado do Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que considerou informações sobre os povos indígenas brasileiros, “investigando o pertencimento étnico e as línguas indígenas faladas, além de identificar a população residente nas Terras Indígenas e fora delas” (IBGE, 2012). De acordo com esse recenseamento, a população Suruí (denominada nos documentos oficiais desse Instituto como “Suruí do Pará”) seria constituída por 1258 pessoas. Acredito que tenha havido algum tipo de equívoco na computação dos dados relativos aos Suruí, pois esse total de pessoas está bem distante do quantitativo populacional Suruí, cujo crescimento demográfico pode ser acompanhado na Tabela 01.

no sudeste do Pará, é cortada pela rodovia BR-153 (Belém-Brasília).<sup>5</sup> Segundo o relatório produzido por Barnes (2012, p. 11) e publicado no Diário Oficial do Estado do Pará, os Suruí estão situados “[...] na região contornada pelo baixo rio Araguaia, próximo à sua foz, no rio Tocantins, e o rio Vermelho (afluente do rio Itacaiúnas, tributário do Tocantins), conformando a região conhecida como ‘Bico do Papagaio’”.

Segundo Laraia e Matta (1978, p. 10), a viagem até a essa T.I. era feita nos anos 1960 em “três dias de cavalgada”, partindo-se de Marabá, pela rodovia BR-230 (Transamazônica). Hoje, essa viagem é feita de carro em apenas 1 hora, aproximadamente, pela rodovia BR-153, antiga OP-2 (estrada operacional), criada na década de 1970, por ordem do governo militar e com a motivação da Guerrilha do Araguaia, e que cortou a terra dos Suruí, facilitando bastante o acesso à aldeia, mas também acentuando os conflitos causados pelo aumento das invasões à terra indígena.

Em 1968, o presidente Costa e Silva interditou, por meio do Decreto nº 63.367, a área habitada pelos Suruí para que a FUNAI pudesse promover “a regularização definitiva das terras indígenas existentes na área, através da medição, demarcação e registro da propriedade”. Essa demarcação, dada por concluída pela FUNAI no final da década de 1970 após muitas discussões acerca dos reais limites da área,<sup>6</sup> foi homologada no início da década de 1980, pelo Decreto nº 88.648 assinado pelo então presidente João Figueiredo:

Art. 1º. – Fica homologada, para os efeitos legais, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) da área indígena denominada SORORÓ, de posse imemorial do grupo indígena SURUÍ, localizada no Município de São João do Araguaia, Estado do Pará. (BRASIL, 1983)

Contudo essa demarcação (ver Anexo A), homologada às pressas segundo observou Ferraz (1984, p. 8), mesmo com uma área total de 26.257 hectares, não abrangeu áreas de antigas aldeias, com seus cemitérios e cursos d’água, além de extensas e produtivas áreas de castanhais, fazendo com que o povo Suruí, já bastante espoliado de seus direitos e de suas terras (há muito sendo invadidas e tomadas por posseiros e latifundiários), se limitasse a

---

<sup>5</sup> Legalmente, a T.I. Sororó fica na fronteira entre os municípios de São João do Araguaia e São Geraldo do Araguaia, sendo que era este último que, durante anos, serviu de referência para o povo Suruí, mas, devido a problemas políticos e desinteresse municipal, esse povo tomou a decisão de “migrar” para o município de Brejo Grande do Araguaia, que assumiu tanto o atendimento à saúde indígena quanto às demais questões sociais relacionadas aos Suruí-Aikewara.

<sup>6</sup> Segundo Ferraz (1985, p. 115), as primeiras propostas de demarcação da T.I. Sororó não estavam corretas, e só puderam ser corrigidas graças à participação dos próprios Suruí, que indicaram detalhadamente nos mapas “a localização das antigas aldeias, cemitérios, áreas de roças e, principalmente, concentrações de castanheiras, apontando com precisão as porções do território invadidas pelos latifundiários vizinhos”.

um espaço extremamente exíguo que não seria capaz de propiciar condições mínimas necessárias para sua sobrevivência.

Apresentei anteriormente (relatório de 1983), em detalhes, a necessidade de revisão da demarcação daquela área, o que parece ter sido motivo de objeções por parte da agência tutelar. [...] A importância da reparação das incorreções havidas na demarcação daquela área indígena prende-se exatamente à possibilidade de propiciar de fato condições dignas de existência para aquela sociedade tribal. (FERRAZ, 1984, p. 7-8)

Assim, ainda em meados de 1980, as discussões entre os Suruí e a FUNAI foram retomadas, contando, naquela ocasião, também com a participação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), cujos projetos causariam impactos diretamente nos povos indígenas da região dos rios Araguaia e Tocantins.

A situação dos Suruí do Posto Indígena Sororó é paradigmática das pressões que vêm sofrendo, nessa região do sudeste paraense, as populações de pequenos produtores e de posseiros. É necessário considerar particularidades de ocupação dessa área que levaram à “pauperização” dos Suruí... (FERRAZ, 1984, p. 7)<sup>7</sup>

Somente em janeiro de 2012, o então presidente da FUNAI Márcio Meira, em seu despacho nº 3 (BRASIL, 2012, p. 34), aprovou as conclusões do estudo feito pelo antropólogo Eduardo Vieira Barnes sobre a identificação e delimitação do território dos Suruí do Tocantins, identificando-o como *Terra Indígena Tuwa Apekuokawera* (alterando, assim, a denominação anterior que era Terra Indígena Sororó – Gleba Tuapekuakau). Com a adição desta terra, a reserva ganharia mais 11.764 hectares (ver Anexos B, C e E).

Esse processo de luta pela correta demarcação da T.I. continua, porém, o povo Suruí do Tocantins já obteve importantes conquistas para uma luta que dura mais de 30 anos.

## 2.2. DENOMINAÇÕES DO POVO E DA LÍNGUA SURUÍ

Os Suruí,<sup>8</sup> que se autodenominam Aikewár ou Aikewára, receberam de povos indígenas e não indígenas diversas denominações. Desse modo, é possível identificar, atualmente, em registros escritos de diversos campos do conhecimento (da Linguística e da Antropologia, para citar os mais comuns), uma grande quantidade de denominações para esse

<sup>7</sup> Essa localização da T.I. Sororó, no entanto, de acordo com o Mapa Rodoviário Pará, produzido em 2002 pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), situa essa área nos municípios de Marabá, São Domingos do Araguaia e São Geraldo do Araguaia, sendo que a maior parte da terra fica nos limites deste último município (ver Anexo D).

<sup>8</sup> É incerto o significado do termo *Suruí*, atribuído ao grupo quando de seus primeiros contatos com não indígenas. Já *Mudjetire* tem origem Jê e sentido depreciativo.

mesmo povo, na maior parte delas relacionadas ao local onde vivem ou viveram (Sororó, Tocantins e Pará).

Antes, porém, de passar às denominações, é importante destacar que não distingui aqui a designação do *povo* e de sua respectiva *língua*, pois, segundo Rodrigues (1950, p. 100), “[...] tradicionalmente e naturalmente, tem-se aplicado à língua o mesmo nome da tribo ou povo que a fala”. É isto o que acontece também com os Suruí do Tocantins, cujos termos que servem para denominar o povo são também usados para nomear a língua.

Apresentamos, abaixo, a Tabela 02 que contém uma série de denominações dadas a esse povo ao longo do século XX:

TABELA 02 – DENOMINAÇÕES DO POVO / DA LÍNGUA SURUÍ

Data	Denominações registradas	Domínio	Fonte
1923	Sororó	Religião	Salas (1923 apud LARAIA; MATTA, 1967)
1959	Mudjetire	Religião	Carvalho (1959)
1963	Suruí	Antropologia	Laraia (1963, 1978, 1986, 1993)
1967	Mudjetire	Antropologia	Ribeiro (1967) <sup>9</sup>
1968	Mudzyetire	Linguística	Loukotka (1968) <sup>10</sup>
1970	Suruí do Tocantins (Mudjetire)	Linguística	Rodrigues (1970a)
1972	Mudjetire (Suruí)	Antropologia e História	Dostal (1972)
1976	Suruí, Tupi do Pará,	Antropologia	Queiroz (1976, 1980)
1983	Suruí-Mudjetire, Suruí, Mudjetire	Antropologia	Arnaud (1983)
1984	Suruí, Suruí do Tocantins (Majetire)	Linguística	Rodrigues (1985, 2012)
1985	Suruí, Suruí do Pará	Antropologia, política e história	Ricardo (1985)
1986	Suruí do Tocantins (Mudjetire)	Linguística	Rodrigues (1986)
1986	Aikewar (Suruí do Pará), Suruí	Linguística	Monserrat (1986)
1988	Suruí, Suruí do Sororó	Saúde	Vieira Filho (1988)
1993	Suruí do Tocantins	Linguística	Barbosa, J. A. (1993)
1999	Suruí do Tocantins	Linguística	Neves (1999)
1999	“suruí-pará ‘mudjetire’, ‘mudjetire-suruí’, in [51=] Português: suruí do Tocantins,	Internet	The Linguasphere Register (1999)

<sup>9</sup> Na década de 1960, os Suruí eram ainda pouco conhecidos do ponto de vista linguístico e antropológico. Ribeiro (1967) se refere a eles como “MUDJETIRE (50 to 100) Tupi (?) Kayapó name (estojo peniano grande) for a group, possibly Tupi found along the Sororosinho, tributary of the Rio Sororó emptying into the Vermelho, tributary of the right bank of the lower Itacaiuna. State of Pará. (Isolated)”.

<sup>10</sup> Menos informação ainda tem Loukotka (1968, p. 112), que escreve: “Mudzyetire – a Cayapó name for an unknown Tupi tribe that lived on the Igarapé Sororosinho. [Nothing.]”

	including akewere, aikewara -- São João do Araguaia environs”	(Linguística)	
2000	Suruí do Tocantins, Suruí Mudjetire, Suruí	Linguística	Mello (2000)
2000	Suruí do Tocantins (Mudjetire)	Linguística	Monserrat (2000)
2004	Suruí do Tocantins e Suruí	Linguística	Figueiredo (2004)
2005	Suruí do Pará [mdz]	Internet (Linguística)	Glottolog.org
2006	Suruí do Tocantins (Mudjetire, Aikewára)	Linguística (Linguística)	Rodrigues (1993)
2009	Suruí (Suruí-Mudjetire)	Antropologia	Silva (2009)
2010	Suruí do Tocantins	Linguística	Corrêa-da-Silva (2010)
2010	Aikewara (Suruí do Tocantins)	Educação	Brasil (2010)
2010	Aikewara (Suruí, Sororós, Aikewara)	Saúde	FUNASA (2010)
2010	Suruí do Tocantins (Aikewara)	Internet (Linguística)	UNESCO (2010)
2011	Suruí of Tocantins, Suruí of Pará	Linguística	Aikhenvald (2011)
2011	Suruí	Antropologia	Mellati (2011)
2012	Suruí do Pará, Suruí do Tocantins, Mudjetire, ou Sororós	Direito	Pará (2012)
2012	Suruí (Suruí do Tocantins, Aikewara, Mudjetire)	Linguística	Campbell (2012)
2012	Suruí (Suruí do Tocantins)	Internet	IDIOMAS (2012)
2014	Aikewara	Internet (Notícia)	JOGOS TRADICIONAIS INDÍGENAS DO PARÁ (2014)

Como se observa, a denominação *Suruí do Tocantins*, registrada pela primeira vez em Rodrigues (1970), foi a que se fixou na literatura da área da Linguística, sendo esta a que utilizo ao longo deste trabalho, alternando-se com a forma reduzida *Suruí* e a abreviatura, quando necessário, de *sur*.

Entretanto, atualmente, esse povo reivindica o uso somente do termo *Aikewára* (forma de autodenominação que alguns documentos oficiais, textos midiáticos e trabalhos acadêmicos já registram) e que sua língua também seja assim denominada. Por isso, reservo o uso da forma da autodenominação *Aikewára* para o material ainda a ser produzido com finalidade didática e/ou cultural, derivado deste trabalho.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Por exemplo, um material derivado diretamente desta tese será um dicionário, aqui denominado Dicionário da Língua Suruí, mas, em sua versão impressa para uso na aldeia, deverá ser chamado de Dicionário da Língua Aikewara, como é desejo manifesto desse povo.

### 2.3. TRABALHOS ANTROPOLÓGICOS SOBRE OS SURUÍ

O primeiro estudo antropológico sobre os Suruí foi iniciado por Laraia no início da década de 1960. Esse pesquisador fez algumas viagens até a aldeia dos Suruí, onde documentou a situação desse povo, detendo-se, sobretudo, nas suas formas de parentesco.

Laraia e Matta produziram, a partir das observações colhidas nessas viagens, mas também das viagens para as aldeias dos Asuriní do Tocantins (Akuáwa Asuriní) e dos Gavião, o livro *Índios e castanheiros: a empresa extrativista e os índios no médio Tocantins*, com primeira edição de 1967 e segunda edição corrigida de 1978. Nesse livro, é apresentado o histórico da exploração do rio Tocantins desde o século XVII até o século XX, a formação da população às margens desse rio e de seus afluentes, principalmente da população indígena dos Asuriní, Suruí e Gavião, com breve análise de suas estruturas sociais e as consequências do contato com os não indígenas.

\* \* \*

Ferraz, em 1985, escreve um dos mais completos trabalhos etnográficos sobre os Suruí do Tocantins. Passando pelas denominações que o grupo recebeu (Suruí do Pará e Mudjetíre) até a autodenominação (Aikewára), apresenta a localização da área indígena desse grupo (“município de São João do Araguaia, entre os rios Gameleira e Sororó, numa região próxima à Serra das Andorinhas”), detalhando vias e formas de acesso. Ela ressalta que, no início da década de 1980, todos os Suruí utilizavam sua própria língua, e o Português ficava restrito ao contato com pessoas externas à aldeia e funcionários da FUNAI. O Português, nesse período, segundo o texto, já era falado por todos os adolescentes e crianças, mas entre os adultos, apenas 60% das mulheres e 80% dos homens falavam essa língua. Essa autora também apresenta o histórico do contato dos Suruí com os não indígenas, das primeiras informações sobre esse grupo na década de 1920 até início da década de 1980. Do contato preliminar à aproximação definitiva dos Suruí com a sociedade circundante, há o relato de algumas informações sobre a Guerrilha do Araguaia e de como ela afetou diretamente esse povo, mas também da luta pela manutenção e demarcação das suas terras, e resistência ao garimpo ilegal e à implantação de grandes projetos agrícolas e minerais na região. Finaliza esta parte com a descrição de como se estabeleceu o comércio da castanha e de outros produtos agrícolas e florestais entre os Suruí e as comunidades do entorno.

Já o capítulo “Modos de vida”, dividido em duas partes, apresenta o sistema social e a subsistência. Na primeira parte, descreve, antes de tudo, a própria aldeia, sua localização (mudada com certa frequência seja pela pressão externa, seja pela drástica redução da população), os sistemas de organização social (clã), de trabalho e de parentesco; já na segunda parte, é apresentada a base da alimentação dos Suruí, mas também suas principais atividades econômicas, a agricultura e a coleta da castanha-do-pará.

O penúltimo capítulo intitulado “Tutela e assistência” apresenta um resumo das principais pessoas e órgãos que prestaram assistência aos Suruí ao longo das décadas de 1960 a 1980, destacando o papel do frei Gil Gomes, da FUNAI e da antropóloga Iara Ferraz (membro do CTI). Além disso, trata brevemente dos serviços de saúde, destacando o serviço de vacinação, e da educação, informando que a primeira escola na aldeia foi construída entre os anos de 1981 e 1982 e que nesse mesmo período já havia indígenas alfabetizados em língua portuguesa.

“Situação atual das terras” é o título da última parte deste texto, que descreve a, então, Área Indígena Sororó [no ano de 1985] e apresenta um histórico detalhado da questão jurídica em torno da demarcação da terra dos Suruí. Foram inseridas neste trabalho cópias dos seguintes documentos: Decreto nº 88.648, de 30 de agosto de 1983; mapa da Área Indígena Sororó (Suruí) e mapa da “A.I. Sororo – Área de acréscimo e situação fundiária”.

\* \* \*

Muitos outros trabalhos foram produzidos no âmbito da Antropologia envolvendo o povo Suruí, dentre os quais posso citar: uma entrevista feita com Tibakou, colhida, transcrita e publicada por Queiroz (1976), que também publicou em 1980 o artigo intitulado “Por falar em Suruí...”; uma série de relatórios produzida por Ferraz, entre as décadas de 1970 e 1980; duas dissertações de mestrado, uma defendida em 2002 (“O tempo antigo entre os Suruí/Aikewára: um estudo sobre mito e identidade étnica”, de Luiza de Nazaré Mastop Lima) e outra em 2007 (“Sapurahái de Karuára: mitos, instrumentos musicais e canto entre os Suruí Aikewára”, de Gilmar Matta da Silva); um laudo antropológico sobre a AI Sororó e a BR-153 produzido por Beltrão (1998); e os livros “Tupi, índios do Brasil atual” (LARAIA, 1986), “Los índios de Brasil” (LARAIA, 1993) e “Índios do Tocantins” (SAMPAIO SILVA, 2009).

### 3 CLASSIFICAÇÃO E SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA SURUÍ

Segundo Rodrigues (1984-1985, p. 39), Jensen (1999, p. 131) e Rodrigues e Cabral (2002, p. 335-341; 2012, p. 498), o Suruí do Tocantins pertence ao Ramo (sub-ramo, grupo ou subconjunto) IV, da família linguística Tupí-Guaraní, do tronco Tupí, aproximando-se bastante das línguas Asuriní do Tocantins e Parakanã, como havia sido observado empiricamente pelo antropólogo Arnaud (1983, p. 8): “Os Akuáwa-Asuriní entendem-se de modo satisfatório com os Suruí-Mudjetíre e Parakanân, porém entre estes dois últimos a comunicação verbal ocorre com certa dificuldade”.<sup>12</sup>

As línguas que fazem parte do Ramo IV, de acordo com Rodrigues e Cabral (2012, p. 498), são: Avá Canoeiro (TO), Tapirapé (MT), Parakanã (PA), Asuriní do Tocantins (PA), Suruí do Tocantins (PA), Tembé (MA, PA), Guajajara (MA) e †Turiwára (PA).

Partindo-se da comparação entre características do Suruí em relação ao Proto-Tupí-Guaraní (PTG), conforme propõe Rodrigues (1984-1985, p. 39) e Rodrigues e Cabral (2002, p. 338-339), temos:

(a) conservação das consoantes finais, com ou sem modificações:

PTG \**okér* ‘ele dorme’ > Sur *uker* ‘ele dorme’

(b) fusão de \**tf* e \**ts*, ambos mudados em *h*:

PTG \**jatfý* ‘lua’ > Sur *sahy* ‘lua’

PTG \**potsy* ‘pesado’ > Sur *pihis* ‘pesado’

Com a pesquisa realizada para esta tese, obtivemos novos dados que mostram que alguns reflexos do PTG \**tf* mudaram para *h* ou  $\emptyset$ .

PTG \**ičipo* ‘cipó’ > Sur *ipo* ‘cipó’

(c) mudança de \**pw* em *kw*:

PTG \**pwar* ‘amarrar’ > Sur *kwar* ‘amarrar’

(d) mudança de \**pj* em *tf* ou *ts*:

PTG \**epják* ‘ver’ > Sur *esak* ‘ver’

<sup>12</sup> Os trabalhos que tratam, em termos linguísticos, desta aproximação entre as línguas são os de Rodrigues (2002) e Lopes e Cabral (2012).

(e) mudança de \*j em *tf*, *ts*, *s* ou *z*:

PTG \**jakaré* ‘jacaré’ > Sur *sakare* ‘jacaré’

### 3.1. TRABALHOS LINGUÍSTICOS SOBRE A LÍNGUA SURUÍ

Sob a coordenação do Conselho Indigenista Missionário Norte II (CIMI Norte II) e a assessoria linguística de Ruth Monserrat, foi produzido o material intitulado *Vocabulário Aikewar*, com o objetivo de auxiliar o povo Suruí a “participar ativamente no processo da escrita de sua própria língua” (CIMI, 1986, p. 3). Trata-se da primeira descrição sistemática sobre aspectos lexicais, fonológicos, morfológicos e morfossintático dessa língua, e apresentando uma proposta consistente de escrita para a língua.<sup>13</sup> Um dos materiais resultantes dessa descrição<sup>14</sup> contém, grosso modo, três partes: as orientações para uso do vocabulário; um quadro ortográfico e o vocabulário propriamente dito.

Na primeira parte, a autora informa que as palavras do vocabulário podem apresentar um registro do tipo (i) ou (r), ou ainda não apresentar nada. Neste último caso, a palavra corresponde a um substantivo não possuível; já os registros com (i) correspondem a nomes possuíveis ou verbos no infinitivo; (i) ou (r) também são usados antes de substantivos, adjetivos e nomes relacionais; somente (r) depois da palavra “indica que a raiz começa com vogal e tem todos os pronomes dependentes”.

Com relação à ortografia, a autora apresenta um quadro em que identifica 25 fones da língua Suruí e estabelece a correlação desses sons com 18 letras (incluindo, nesse caso, o par *ng* e o apóstrofo).

O vocabulário está estruturado a partir do que a autora denominou *Temas*, são eles: nomes próprios; pessoa humana [denominações (49) e corpo (80)]; animal (126); a terra, as águas, o céu (24); plantas e frutas da terra (64); coisas que a gente fabrica (55); ações – verbos (154); qualidade – descrição (60); quantidade (4); lugar e direção (19); tempo (5). Os termos desse Vocabulário estão dispostos em listas organizadas, na maior parte das vezes, em ordem alfabética (das palavras em Suruí),<sup>15</sup> mas é possível identificar que nos temas *Pessoa humana*, *Partes das plantas* e *Quantidade* não se segue a ordem alfabética, mas sim um ordenamento segundo campos semânticos (observáveis, mas não explicitados no texto); por exemplo, em *Pessoa humana*, haveria os grupos relativos a: cabeça, pescoço, tórax, membros

<sup>13</sup> Ver no subcapítulo 3.1 as considerações sobre a proposta de Monserrat (1985, 1986).

<sup>14</sup> O estudo morfológico e morfossintático ainda não foi publicado.

<sup>15</sup> Na ordem alfabética desse Vocabulário, optou-se pela colocação das palavras iniciadas pela glotal no final das listas.

superiores, abdome, pelve/região pubiana, membros inferiores; nos quais os elementos são apresentados correlacionados (do maior para o menor, do todo e de suas respectivas partes, formas específicas de cada gênero). Além disso, no interior dessas listas, alguns desses itens apresentam um recuo, indicando uma subcategorização (do tipo espécie ou forma variante).

Por ter uma finalidade didática, o material apresenta uma quantidade razoável de fotografias e desenhos, que servem para ilustrar alguns termos do vocabulário.

\* \* \*

Algum tempo depois da produção deste trabalho do CIMI, estive na Terra Indígena Sororó o casal Albert e Sue Graham, do Summer Institute of Linguistics, coletando dados linguísticos a fim de, segundo manifestaram em carta que eles dirigiram à FUNAI, fazer a Bíblia na língua dos Suruí, fazer a escrita da língua, fazer as primeiras cartilhas, escrever as lendas dos Suruí e pô-las em um livro para “ajudar a cultura a ficar mais firme”; além disso, pretendiam ajudar os Suruí a se tornarem professores usando sua própria língua, mas também fazer livros bilíngues, como um dicionário.

Segundo relatos coletados junto aos próprios Suruí, Albert Graham foi o primeiro a chegar à aldeia e a se estabelecer ali, sendo que Sue Graham chegaria lá somente algum tempo depois. No período em que estive junto aos Suruí, ele buscou aprender a língua do povo, convivendo dia a dia com os Suruí e registrando por escrito palavras e frases na língua indígena. Parte desses dados foi impresso em uma brochura datilografada, que foi doada à biblioteca da Escola Trocará, na qual há o carimbo da Administração Regional de Marabá-PA, da FUNAI.

Antes da apresentação dos registros, o material lista informação ortográfica, associando 21 sons (17 fonemas e 4 alofones) da língua Suruí com 17 letras (incluindo, nesse caso, um diacrítico).

Esse material, que contém mais de 2.800 registros (entre palavras e frases) na língua Suruí (cf. subcapítulo 5.2), muitos dos quais em duplicidade, não apresenta uma organização sistemática, apesar de, em algumas partes, agrupar informações baseadas em um mesmo vocábulo, ou em um mesmo campo semântico (p.ex., partes do corpo, elementos da natureza ou objetos fabricados). Observou-se, por fim, que há nesse material registros idênticos de palavras em Suruí, mas que correspondem a traduções diferentes em Português, e vice-versa.

\* \* \*

A dissertação *Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins*, de Barbosa, J. A. (1993), primeiro trabalho acadêmico, no âmbito da linguística, realizado sobre o Suruí, descreve os sons dessa língua com base na fonética e na fonologia orientada pela teoria estruturalista de Pike (1947).

Após apresentar informações histórico-culturais acerca do povo Suruí, o autor faz breve apreciação sobre a situação sociolinguística dessa língua da família Tupí-Guaraní, falada por “pouco mais de 136 falantes” (BARBOSA, J. A., 1993, p. 3) e que, segundo ele, estava ameaçada de desaparecer.

Essa dissertação utiliza como corpus linguístico os dados recolhidos por Monserrat (ver CIMI, 1986) e Graham e Graham (1988). Além disso, o autor cita onze nomes de pessoas que participaram como “informantes” em sua pesquisa.

Com o levantamento fonético em diferentes ambientes de ocorrência, identifica 23 sons consonantais e 23 sons vocálicos (13 orais e 10 nasais). Em seguida, partindo da identificação dos casos de *variação livre entre consoantes* [s ~ š ~ ž (quando precedidos de [i]); ŋ ~ ñ (depois de [ĩ] tônico); w ~ gw ~ b ~ v (em diferentes ambientes); d ~ n (antes de [e] no início de palavra); g ~ k' (em posição tônica final); h ~ ‘ausência’ (em sílaba tônica diante de pausa)] e *vogais* [a ~ e' ~ ε; o ~ ɔ; u ~ ʊ; i ~ ɨ] da língua Suruí, mas também da análise das *variantes posicionais* [č (diante de [i/ĩ]) ~ t; y (em final de sílaba) ~ s (somente em início de sílaba); a ~ ə (antes de nasais) ~ ʌ (somente em átonas finas)] e da própria *oposição*, por meio do método da comutação, [/p:/w/ e /p:/m/ - /t:/n/ e /t:/r/ - /k:/g/ e /k:/ŋ/ - /g:/ŋ/ - /kʷ:/k/ - /ʔ:/k/ - /h:/ʔ/ - /m:/n/ - /n:/ŋ/ - /ŋ:/m/ - /r:/n/ e /r:/ʔ/<sup>16</sup> - /w:/r/ - /y:/w/ e /y:/r/ - /i:/a/, /i:/e/ e /i:/i/ - /i:/e/, /i:/a/ e /i:/u/ - /u:/o/ - /e:/a/ - /o:/a/], Barbosa, J. A. (1993) chega a um total de 13 fonemas consonantais (10 orais e 3 nasais [/p/, /t/, /m/, /n/, /ŋ/, /k/, /g/, /kʷ/, /ʔ/, /h/, /r/, /w/, /y/]) e 6 fonemas vocálicos (todos orais [/e/, /i/, /a/, /i/, /o/, /u/]). Registre-se que, tanto no capítulo da descrição fonética, quanto no da descrição fonológica, o autor insere de 1 a 12 ocorrências linguísticas abaixo de cada descrição de fone/fonema a fim de exemplificar o item que está sendo analisado.

Concluído esse inventário fonético-fonológico, Barbosa, J. A. (1993) apresenta brevemente os tipos de padrão silábico da língua Suruí, segundo o qual haveria as seguintes possibilidades: V (com ocorrência em todas as posições da palavra); VC (com ocorrência

<sup>16</sup> Originalmente, esse autor usou o ponto de interrogação para representar a consoante glotal /ʔ/.

apenas no final da palavra, sendo que C restringe-se a /g/, /r/ e /y/); CV (com ocorrência em todas as posições da palavra) e C<sub>1</sub>VC<sub>2</sub> (com ocorrência em todas as posições da palavra) (ver Capítulo 4.3 sobre a Sílabas em Suruí).

Na parte final da dissertação há considerações acerca do acento de intensidade em Suruí que, segundo o autor, teria “um valor fonológico” (BARBOSA, J. A., 1993, p. 54).

\* \* \*

O segundo trabalho acadêmico produzido acerca dessa mesma língua foi o de Neves (1999), intitulado “A língua Suruí do Tocantins: uma introdução à morfossintaxe”.

Na introdução do trabalho, a autora, além de apresentar o objeto de sua pesquisa e de justificar sua escolha, apresenta as etapas da pesquisa de campo, dos primeiros contatos à coleta de dados (aproximadamente 15 horas de gravação em fitas K-7), baseada no “Formulário do Museu Nacional”, adaptado por Ruth Monserrat em 1984, mas também trata da análise desses dados, sob uma perspectiva estruturalista.

No primeiro capítulo, a autora propõe-se a apresentar a etnografia do povo Suruí. Assim, trata dos seguintes assuntos: datação de quando o grupo foi contactado; situação linguística (caracterização como língua da família Tupí-Guaraní e breve informação sociolinguística); localização geográfica da Terra Indígena (T.I.) Sororó; dados demográficos; informações sobre subsistência; dados históricos sobre a demarcação da T.I.

No capítulo seguinte, reproduz resumidamente os dados fonético-fonológicos alcançados por Barbosa (1993), apenas acrescentando a existência da fricativa bilabial /β/, classificando-a como mais um alofone de /w/.

Com relação à morfofonologia, a autora trata pontualmente de dois fenômenos: a *assimilação vocálica* (do *u* > *o* no prefixo de 3ª pessoa e no morfema causativo) e a *nasalização* (“da consoante surda inicial do morfema seguinte quando precedida de qualquer consoante nasal” [NEVES, 1999, p. 24]) (cf. Capítulo 4.5 sobre a nasalidade na língua Suruí).

A descrição morfossintática da língua Suruí, apresentada no quarto capítulo da dissertação, foi dividida em quatro partes, a saber: a) *prefixos relacionais* (segue a orientação de Rodrigues (1996) com relação aos prefixos relacionais, identificando em Suruí os morfemas que marcam três classes: *r-* ~ *Ø-*; *i-* ~ *h-* ~ *t-* ~ *Ø-*; *Ø-* ~ *t-*); b) *marcadores de pessoa* (distribui esses marcadores em cinco conjuntos: prefixos pessoais com o indicativo; prefixos pessoais com o imperativo; pronomes dependentes; pronomes independentes e

*portmanteau*); c) *classes de palavras* (*nome* como sujeito e como complemento verbal; *verbo* que se combina com morfemas dos conjuntos 1, 2, 3 e 5; *pronomes independentes* do conjunto 5 e *posposição*) e d) *ordem de palavras* (o padrão em orações independente é SV(O), mas ocorrem também OSV e OV).

A conclusão do trabalho apresenta, essencialmente, um resumo de todos os assuntos desenvolvidos ao longo dos capítulos da dissertação, acrescentando, contudo, ao final uma proposta para a ampliação de estudos referentes aos prefixos relacionais e *portmanteau*.

\* \* \*

Mello (2000), em sua tese de doutorado intitulada “Estudo Histórico da Família Linguística Tupi-Guarani: Aspectos Fonológicos e Lexicais”, utiliza o programa de computador *Wordsurv* (Word Survey), produzido pelo SIL, que compila dados linguísticos, por meio do qual reúne dados de várias línguas da família Tupí-Guaraní, inclusive da língua Suruí. Com a ajuda desse programa, os dados dessas línguas foram comparados ao Proto-Tupí-Guaraní.

Para cada língua analisada, foi destinado um breve capítulo em que se estabelecia a comparação. No caso do Suruí, o autor, que não construiu corpus próprio dessa língua, considerou os dados já compilados por Barbosa (1993), inclusive adotando o quadro de fonemas identificados, apresentado na mesma dissertação. Assim, Mello (2000) estabelece 34 comparações (22 para consoantes e 12 para vogais) entre o Suruí e o Proto-Tupí-Guaraní, as quais foram utilizadas, na tese, para fazer a estatística da comparação linguística e as reconstruções lexicais (estas apresentadas em um extenso capítulo à parte).

Ao final do trabalho, o autor apresenta a classificação interna da família Tupí-Guaraní, considerando os aspectos fonológicos e lexicais. Nesse contexto, chega aos seguintes resultados para a língua Suruí do Tocantins:

(1) Correspondências fonológicas entre o Proto-Tupí-Guaraní e o Suruí:

– “Oclusivas”: \*p > p; \*t > t; \*k > k, g/\_#; \*ʔ > ʔ (segundo o quadro comparativo de Mello (2000) não há correspondência entre as formas \*p<sup>w</sup> e \*k<sup>w</sup> do PTG na língua Suruí do Tocantins).

– “Nasais, Africadas, Fricativa, Flap e Semivogal \*j”: \*m > m; \*n > n; \*ŋ > ŋ; \*ts > h/+ac., Ø/-ac; \*tʃ > h, (s); \*β > w, (p); \*r > , (t); \*j > s/\_V, j/\_#.

Ao apresentar as “generalizações das mudanças – consoantes”, define, com relação ao Suruí:

- “spirantização do \*t”: “\*t > t (em qualquer ambiente)”, mas com a alofonia “[tʃ] diante de /i/”.
- “conservação de \*k<sup>w</sup>”
- “queda de \*ʔ” (afirma que houve a conservação da glotal na maioria das línguas da família Tupí-Guaraní): “\*ʔ > ʔ”.
- “queda ou mudança de \*k em posição final”: “\*k > g / \_\_#”.
- “queda de \*m em posição final”: “\*m > m (em qualquer ambiente)”.
- “queda de \*n em posição final”: “\*n > n (em qualquer ambiente)”.
- “queda ou mudança de \*ŋ em posição final”: “\*ŋ > ŋ (em qualquer ambiente)”.
- “queda e mudança de \*r em posição final”: “\*r > r (em qualquer ambiente)”.
- “mudança de “\*ts”: \*ts > h / +ac.”, “\*ts > ø / -ac.”.
- “mudança de \*tʃ”: \*tʃ > h.
- “mudança de “\*j > s / \_\_V”, “\*j > j / \_\_#”

Já com relação às “generalizações das mudanças – vogais”, pouco se refere à língua Suruí, mencionando esta língua, dentre os 12 processos, apenas em: “mudança de \*/o/ para /a/”, “mudança de \*/o/ para /u/” e “desnasalização”.

- (2) Correspondências lexicais entre o Proto-Tupí-Guaraní e o Suruí. Dentre os 8 itens com evidências lexicais, apenas 2 apresentam referência ao Suruí, são eles:

- “As isoglossas demonstram coesão de grupos amazônicos”: “12- amarelo: ASU, SRU, ASX e PAT”;<sup>17</sup> “33- cabeça: coesão SRU-TAF-PAT”; “76- guariba, bugio, 84- paca: demonstra coesão ASU, SRU, ASX, API, PAT, GUJ e URB”; “91- pequeno: liga SRU, API, AMD, UWW, PAT e TEH”; “100- porco do mato, cateto [...] SRU, TAF e ASX”, “111- veado: ligação ASU - SRU - TAF - KAY - PAT”.
- “As isoglossas opõem os subconjuntos I e III de um lado e subconjuntos amazônicos (IV, V, VI, VII e VIII) de outro”.

<sup>17</sup> Este trabalho adota a abreviatura SRU para representar a língua Suruí do Tocantins.

\* \* \*

Outro estudo que levou em consideração a língua Suruí do Tocantins foi realizado em 2004 por Figueiredo, cujo objetivo era testar a hipótese sobre o desmembramento do subconjunto (cf. RODRIGUES, 1984/1985), sub-ramo ou ramo IV (cf. CABRAL; RODRIGUES, 2002) da família linguística Tupí-Guaraní. Nessa dissertação de mestrado, Figueiredo não construiu um corpus próprio da língua Suruí do Tocantins, mas cita duas possíveis fontes, os trabalhos de Cabral e Mastop (2002) e Monserrat (1986b), que constituíram corpus dessa língua.

\* \* \*

Com exceção do trabalho de Neves (1999), que reuniu um corpus com 15 horas de gravação em fita K-7, todos os anteriores produziram apenas corpus escritos da língua Suruí, e também os dados dispersos em diferentes trabalhos antropológicos, como os de Laraia (1978; 1996), que apresentam tentativas de escrita da língua Suruí. Contudo, é importante destacar que, ao longo dos anos, corpus sonoros dessa língua foram sendo construídos por diferentes pesquisadores. Dentre eles, cito: uma gravação datada de dezembro de 1985, da qual se tem, aproximadamente, 18min; outra gravação que data de 1997 feita por Cabral, baseada na lista de Kaufman, Berlin e Rodrigues (1985), aproximadamente 1 hora de gravação em fita K-7; Costa, em 2002, grava pouco mais 1h30min de dados; ainda em 2002, Cabral e Mastop recolhem aproximadamente 30min de gravação. Somente 10 anos após esta última gravação há notícia de uma nova coleta de dados da língua Suruí do Tocantins, desta vez feita por Lopes e Cabral (2012), Lopes (2012) e Cabral, Lopes e Solano (2013).

### 3.2. OS SURUÍ, UM POVO ÁGRAFO

O povo Suruí, à semelhança de muitos povos do mundo, vem de uma tradição linguística essencialmente oral, que lhe permitiu por muito tempo (não é possível determinar quanto) não só manter a necessária comunicação entre seus membros, mas, principalmente, conservar, por meio de sua língua, práticas e conhecimentos ancestrais (e os novos também) legados de uma geração a outra, até a época atual.

E foi um povo ágrafo, que durante muito tempo não manteve contato efetivo com não indígenas, lutando para resistir às pressões do mundo exterior (de garimpeiros, de

fazendeiros e de donos de castanhais interessados nas terras ocupadas por eles) que Gil Gomes, frei missionário dominicano ligado à Prelazia de Marabá, contactou na década de 1950.

Contudo, essa aproximação com as sociedades não indígenas foi, já de início, fatídico para os Suruí, que não estavam preparados sequer para resistir a doenças como gripe, catapora e sarampo. Por isso, a população, que era de aproximadamente 120 pessoas, reduziu-se, após o primeiro surto de gripe, a 40. Foi nesse estado desolador que o antropólogo Roque Laraia conheceu os Suruí, no início da década de 1960,<sup>18</sup> desestabilizados socialmente pela brusca redução populacional, quase sem condições de suprir suas necessidades mais básicas, como a própria subsistência alimentar, constantemente ameaçados de serem expulsos de suas terras, e enganados por pessoas que se aproveitaram do estado de fragilidade em sua história de, então, recente contato. Vale lembrar ainda o episódio histórico da Guerrilha do Araguaia, que aconteceu no Estado do Pará no período 1967 a 1974, do qual os Suruí fizeram parte ativamente, mesmo contra a própria vontade, o que provocou neles profunda instabilidade psíquica, cultural e social.

Todos estes episódios vividos por esse povo subsistem na memória das pessoas mais velhas da aldeia, que, mesmo com alguma reserva (ou dor?), transmitem os conhecimentos adquiridos por essas várias experiências às novas gerações, exatamente como há séculos vêm fazendo, ou seja, por meio da oralidade.

### 3.3. UMA NOVA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA

Os Suruí, contrariando, todavia, qualquer prognóstico negativo sobre seu destino, resistiram e, hoje, após a primeira década do século XXI, contam com uma população dez vezes maior do que aquela remanescente da década de 1960, afastando um pouco mais a possibilidade de sua extinção; infelizmente, não se pode dizer o mesmo de sua língua.

Até antes do contato no início da década de 1950, todavia, a situação que prevalecia na comunidade, segundo informação dos sábios Aikewára, como Warini, era a de um monolinguismo total da língua Suruí. Apesar da resistência natural de um grupo minoritário diante de um grupo majoritário, os Suruí foram pouco a pouco sendo envolvidos pelo mundo dos não índios, e, na década de 1960, segundo Laraia e Matta (1978, p. 15), uma parte dos homens Suruí, já possuía razoável conhecimento da língua portuguesa.

---

<sup>18</sup> Entre 1961 e 1966, Laraia realizou pesquisas de cunho antropológico junto aos Suruí e publicou os resultados em artigos e livros, dentre os quais podemos citar: “Arranjos Poliândricos na Sociedade Suruí” (LARAIA, 1963) e “Índios e castanhais: a empresa extrativa e os índios no médio Tocantins” (LARAIA; MATTA, 1967).

Todavia, o contato com uma população falante de Português, língua majoritária no entorno da área indígena e no Brasil, aliado a um processo centenário de difusão e implantação da língua trazida pelos portugueses no século XVI, produziu um efeito de assimilação tão rápido que, 25 anos depois do contato, já havia uma nova geração bilíngue em Suruí e Português. Com o tempo, as trocas culturais e econômicas com a sociedade circundante de fala portuguesa e os casamentos com pessoas de fala não Suruí se intensificaram, além disso, houve a introdução de mídias como o rádio e a televisão, que transmitiam (e ainda transmitem) programas somente em Português, que passaram, com o tempo, a fazer parte do cotidiano desse povo. Tanto que os jovens nascidos a partir da última década do século XX são, em sua quase totalidade, monolíngues em Português, apenas sendo capazes de compreender algumas palavras ou pequenas frases na língua Suruí.<sup>19</sup>

Sem dúvida, o Suruí, à semelhança de muitas outras línguas indígenas brasileiras, passa por um processo de enfraquecimento<sup>20</sup> que, às vezes é lento, mas não incontornável, com as novas gerações não mais falando a língua, o que pode, em certa medida, culminar na morte da língua falada de uma minoria linguística se nada for feito.

Por outro lado, a língua autóctone, ainda plenamente falada pela maioria dos adultos e idosos Suruí, dentre estes últimos há, inclusive, aqueles que são ainda monolíngues na língua indígena, representa, para muitos, uma das formas mais autênticas e eficazes de resistência cultural,<sup>21</sup> frente à invasão linguístico-cultural que vem do exterior da aldeia através das músicas, dos filmes e novelas da TV e, mais recentemente, da escola, onde prevalece o ensino em língua portuguesa, com conteúdos que apenas tangenciam os saberes milenares do próprio povo Suruí.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Em minha ida à aldeia Suruí em novembro de 2012, pude constatar a seguinte situação: os mais velhos conversavam em Suruí (e, às vezes, em Português), enquanto os mais novos falavam somente em Português, apesar de compreenderem muito do que se falava em Suruí.

<sup>20</sup> Esse processo pode ser provocado por uma série de fatores, tais como a implantação da ideologia de colonizador, que busca desestabilizar o povo colonizado em sua capacidade de organização, de comunicação, e, principalmente, em sua própria identidade linguística e cultural, a fim de conseguir alguma coisa (“amansar”, roubar terras, implantar ideologias militares, religiosas ou de qualquer ou tipo, ou ainda transformar as pessoas em mão-de-obra para atender aos interesses econômicos de alguém), pela interdição do uso da língua desse povo (ver, na História do Brasil, o exemplo do *Directorio dos Índios*, no século XVIII) ou, de modo mais extremo, pelo extermínio desse povo.

<sup>21</sup> Essa resistência é representada, por exemplo, nas ações dos professores indígenas de língua Suruí Tymykong e Ikatu, que atuam na escola da aldeia e, mesmo sem muitos recursos, ensinam aos mais jovens a sua língua.

<sup>22</sup> Na “Relação dos estabelecimentos de educação escolar indígena, segundo a região geográfica e a unidade da federação – 2005” (BRASIL, 2007, p. 159), constam duas escolas na T.I. Sororó: a E. M. E. F. Aldeia Indígena Suruí (Código MEC: 15533476) e a E. M. E. F. Awayten (Código MEC: 15580350).

Essa situação de vulnerabilidade linguística<sup>23</sup> ocorre, muitas vezes, não exatamente pelo simples contato de um povo com outro, uma vez que, no mundo, intercâmbios linguísticos e situações de bilinguismo constituem realidades até bastante comuns. O problema está nos processos de dominação, explícita ou não, que levam um povo a querer subjugar o outro, principalmente por meio de sua tecnologia, de sua cultura e de sua língua. É comum, então, a disseminação de ideias que levem a comunidade, geralmente a mais vulnerável em termos quantitativos e tecnológicos, a acreditar que sua língua não é tão eficaz para comunicação quanto a do outro, nem contém, por exemplo, um léxico que dê conta de propiciar o acesso a novas tecnologias, não servindo, dessa maneira, para ser usada nos processos de educação formal na escola, nem deveria ser estimulada a sua escrita, pois haveria uma opção linguística mais eficiente. Isso tem levado, no Brasil, comunidades indígenas inteiras a estimularem o aprendizado da língua do outro, geralmente o Português, chegando ao extremo de, em poucas gerações, ter-se substituído a língua tradicionalmente usada por inúmeras gerações dessa comunidade pela língua dos recém-chegados. Portanto, o contato linguístico, em vez de ser fator de ganho cultural, de acréscimo de conhecimento e de melhoria das condições tecnológicas e socioculturais, pode tirar do grupo minoritário autóctone um de seus maiores bens, sua língua.

Essa prevalência da língua portuguesa, com relação ao Suruí, estaria apoiada tanto por ideologias disseminadas diretamente por pessoas ao longo das décadas de contato, quanto pelo próprio Estado brasileiro, através de políticas que supervalorizam a língua oficial em detrimento das línguas das minorias.<sup>24</sup> Prova disso está, por exemplo, na própria escola da aldeia, onde o ensino da língua portuguesa, totalmente em Português, conta com professores com formação de nível superior específica para o ensino da língua, materiais didáticos, como livros e material multimídia, e uma vasta gama de textos escritos que servem de suporte para o ensino; do outro lado, vemos os professores de língua Suruí, ainda sem formação de nível superior (nem a específica para o ensino de língua, nem em qualquer outra área), sem materiais didáticos, a não ser a própria fala e alguns textos que eles mesmos escrevem, diante de um público jovem e bastante heterogêneo falante de Português.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> No site UNESCO Atlas of the World's Languages in Danger (UNESCO, 2010), o Suruí do Tocantins foi classificado como língua em perigo, com vitalidade *vulnerável*.

<sup>24</sup> As línguas indígenas brasileiras nem sempre foram línguas de grupos minoritários no Brasil, pois, segundo Rodrigues (2000) e Oliveira e Freire (2006, p. 22-23), estima-se que, no século XVI, havia na área correspondente ao atual território brasileiro, uma população de milhões de indígenas distribuídos em centenas de povos, sendo, pois, os portugueses o grupo minoritário de então.

<sup>25</sup> Essa situação é bastante comum em comunidades indígenas, segundo consta no livro *Estatísticas sobre educação escolar indígena no Brasil*: “Como o uso de material didático diferenciado pode estar restrito a uma

Ações como esta, por mais que ainda sejam incipientes e pontuais diante da onipresença do Português na vida da comunidade, são um sinal de que algo precisa ser feito. É necessário que o próprio povo lute para que sua língua não desapareça com a morte dos falantes, sobretudo dos mais velhos, pois, quando isso acontece, a língua leva consigo grande parte não só da história, dos conhecimentos e das culturas ancestrais, mas, principalmente, parte essencial da própria essência do povo que a fala.

### 3.4. A LÍNGUA INDÍGENA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FORMAL

O povo Suruí, em dado momento de sua história no século XX, como foi visto acima, passou de uma possível situação de monolinguismo em sua língua original (anterior ao contato)<sup>26</sup> a uma situação quase geral de bilinguismo (posterior ao contato) da língua Suruí e do Português e, mas recentemente, a um processo de retorno ao monolinguismo, mas desta vez em língua portuguesa (com exceção de alguns indivíduos que permanecem monolíngues até hoje); além disso, teve contato com a educação formal da escola implantada por não indígenas, cujo modelo era o mesmo usado em quase todo o Brasil: uma escola baseada em currículos construídos a fim de fortalecer uma planificação linguística e cultural (essencialmente monolíngue), com conhecimentos baseados nas diversas ciências (não indígenas) e voltada para inserção do indivíduo em uma sociedade fortemente marcada pela lógica do capitalismo. Com certeza, esse modelo está bem distante do apregoado pelos documentos legais, como a Lei de diretrizes e bases da educação nacional, no § 3º do Art. 32 (Seção III), em que se determina “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, *assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.*”, e no Art. 78, segundo o qual:

O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para *oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas*, com os seguintes objetivos: I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas, *a valorização de suas línguas e ciências.* (BRASIL, 1996, grifo nosso).

ou da própria Constituição Federal, que em seu § 2º, do Art. 210 garante que: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, *assegurada às comunidades*

---

única cartilha, livro de leitura ou mesmo dicionário, a situação é extremamente preocupante, demonstrando a insuficiência de materiais disponíveis para uma prática de educação pautada pela interculturalidade e pela valorização dos conhecimentos e saberes próprios às comunidades indígenas.” (BRASIL, 2007, p. 22).

<sup>26</sup> Não é possível afirmar com segurança se o povo Suruí era completamente monolíngue, haja vista o contato que deveria manter com outros povos de outras línguas.

*indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.* (BRASIL, 2013, p. 43, grifo nosso).

Outro documento importante nesse contexto é o Referencial curricular nacional para as escolas indígenas, onde se defende o uso das línguas indígenas como “língua de instrução oral e escrita”:

[...] a língua indígena deverá tornar-se a língua de instrução escrita predominante naquelas situações que digam respeito aos conhecimentos étnicos e científicos tradicionais ou à síntese desses com os novos conhecimentos escolares de fora. Da mesma forma que acontece com a oralidade, os alunos aumentarão sua competência escrita em língua indígena. Mais ainda, esse tipo de procedimento poderá contribuir para a criação e para o desenvolvimento de funções sociais da escrita nessas línguas. Como isso poderá ocorrer se houver uso intenso e extenso da língua escrita, em todos espaços e situações possíveis, a escola é, sem dúvida, o local ideal para se desencadear e reforçar tal processo. (BRASIL, 1988, p. 119-120).

O distanciamento entre o discurso oficial, que afirma a necessidade de uso da língua indígena no contexto escolar, destacando não somente a questão legal em si, mas também, sobretudo, questões relacionadas ao valor da leitura/escrita da língua no contexto social, de sua funcionalidade e de relevância para o estabelecimento da própria identidade do povo.

Entretanto, como a maioria das línguas indígenas no Brasil ainda permanece ágrafa, a língua que primeiro chega à escola (e, muitas vezes, a que fica) é o Português.

Certamente, essa é a história também do povo Suruí, no tocante à educação formal escolar, em que prevaleceu, desde a construção da primeira escola (denominada *Moroneiko*) na aldeia, o ensino somente de/em língua portuguesa nas séries iniciais, e, conseqüentemente, da escrita dessa língua, que foi ensinada para os mais jovens. Iniciou-se, dessa forma, um novo processo de aprendizado linguístico para os Suruí, que, pela primeira vez, passavam a ler e escrever.

Essa primeira experiência de escrita de uma língua é, sem dúvida, relevante para um povo, no entanto, ela não iniciou pela língua original desse povo, mas sim pela língua que havia sido transplantada para a comunidade; sem falar, também, que nem a língua nem as ciências dos Suruí foram valorizadas, não construindo qualquer forma de educação bilíngue. Então, para que houvesse um equilíbrio de forças, a língua original dos Suruí deveria também ter sido levada para a escola e, assim como o Português, ser lida e escrita pelo povo que a fala. Mas esse movimento de valorização de uma língua, para ter valor, deve partir de um anseio, de uma necessidade manifestada pelo próprio povo falante dessa língua, e é exatamente isso

que está acontecendo, ainda que de modo lento, na comunidade Suruí: começa a se desenvolver um certo sentimento de valorização linguística, motivado sobretudo pelos únicos professores da língua Suruí Tymykong e Ikatu, que atuam na escola da aldeia e que iniciaram a produção dos primeiros textos escritos totalmente na língua indígena.

Adiante, apresento informações sobre algumas das tentativas de desenvolver uma forma escrita para a língua Suruí.

#### 4 FONOLOGIA DA LÍNGUA SURUÍ

O primeiro estudo sistemático da fonética e da fonologia da língua Suruí do Tocantins foi empreendido por Monserrat, nos anos de 1985 e 1986, quando, a convite do CIMI Norte II, esteve na terra indígena Sororó e registrou a língua dos Suruí; esse material seria a base para a produção do *Vocabulário Aikewar*.

Das notas de campo desta pesquisadora, depreende-se não só uma análise fonético-fonológica detalhada, mas também considerações morfossintáticas e histórico-comparativas que apontam para a estrutura e história dessa língua.

Com relação à fonética, Monserrat (1985b) identifica 15 contóides<sup>27</sup> — [p, t ~ t<sup>y</sup>, k, g, ʔ, m, ŋ, ɸ ~ w, s ~ s<sup>y</sup>, y, h, ʃ], que correspondem a 11 fonemas consonantais — /p, t, k, g, ʔ, m, ŋ, w, s, h, r/, e 8 vocóides — [i, ε, i, a, u, ɔ, ɒ, a], que correspondem a 6 fonemas vocálicos /i, ε, i, a, u, ɔ/. Após descrever o contexto de cada som, a pesquisadora faz observações sobre diferenças de pronúncia entre a fala dos mais velhos e a dos mais jovens do grupo, o que lhe permite desenvolver considerações acerca do desenvolvimento histórico do sistema linguístico (fonologia e morfologia) do Suruí do Tocantins.

Outras duas descrições da fonologia da língua Suruí são feitas nas décadas de 1980 e 1990: a dos Graham (1988), que identifica também 17 fonemas nessa língua e propõe uma escrita com 17 letras, e a de Barbosa (1993), que propõe 19 fonemas para o Suruí.

Apresento, a seguir, um quadro com os símbolos usados pelos linguistas que estudaram a língua Suruí para representar os fonemas dessa língua de acordo com suas respectivas análises:

QUADRO 02 – SÍMBOLOS USADOS PELOS LINGUISTAS PARA REPRESENTAR OS FONEMAS DA LÍNGUA SURUÍ

	Fonema	Monserrat (1986a)	Graham (1988)	Barbosa, J. A. (1993)
1.	a	a	a	a
2.	e	ε	è	e
3.	g	g	–	g
4.	h	h	rr	h
5.	i	i	i	i
6.	k	k	c	k
7.	k <sup>w</sup>	–	–	k <sup>w</sup>

<sup>27</sup> Cf. Pike (1947, p. 5)

8.	m	m	m	m
9.	n	n	n	n
10.	ŋ	ŋ	ng	ŋ
11.	o	o	o	o
12.	p	p	p	p
13.	r	r	ř	r
14.	s	s	š	y
15.	t	t	t	t
16.	u	u	u	u
17.	w	w	w	w
18.	ɨ	ɨ	ɨ	ɨ
19.	ʔ	ʔ	glotal	ʔ

#### 4.1. PARES MÍNIMOS

##### 4.1.2. Vogais

Conforme visto na seção anterior, a língua Suruí possui 6 fonemas vocálicos orais, sem contrapartes nasais. Apresento, a seguir, os pares mínimos que evidenciam contraste destas vogais em ambientes similares.

/i/ e /i/

/i'pɔ/ 'mão de algo ou de alguém'

/i'pɔ/ 'cipó'

/'ti/ 'eu'

/'ti/ 'seiva'

/i/ e /ɛ/

/u'pi/ 'pica/picou'

/u'pɛ/ 'para (dativo)'

/i/ e /a/

/i'wi/ 'terra'

/a'wa/ 'quem'

/u/ e /ɔ/

/i'ku/ 'língua de algo ou de alguém'

/i'kɔ/ 'roça de alguém'

/ɛ/ e /a/

/u'kɛ/ 'entra/entrou'

/u'ka/ 'junta/juntou'

/ɛ/ e /ɔ/

/ɛ'mɔ/ 'pênis de alguém'

/ɛ'mɛ/ 'lábio de alguém'

/a/ e /ɔ/

/uma'nu/ 'engasga/engasgou'

/umɔ'nɔ/ 'dá/deu'

/upu'ʔan/ 'afia/afiou'

/upu'ʔɔm/ 'atola/atolou'

#### 4.1.2. Consoantes

Conforme visto no Quadro 03, a língua Suruí possui 13 fonemas consonantais, sendo 10 orais e três nasais.<sup>28</sup> Apresento, a seguir, exemplos de pares mínimos e/ou análogos que mostram contrastes entre esses fonemas.

/p/ e /m/

/imi'ra/ 'mão-de-pilão'

/ipi'ra/ 'peixe'

/ipi'pɪr/ 'largo (ele é)'

/ime'mira/ 'filho (de mulher)'

/p/ e /k/

/ɔ'kɔ/ 'galho'

/ɔ'pɔ/ 'raiz'

<sup>28</sup> Conforme expliquei na nota 30, há a possibilidade de existir um 14º fonema, o ŋw que não foi registrado no corpus utilizado na pesquisa desta tese.

/m/ e /n/

/ɛ'mɛ/ 'lábio de alguém'

/ɛ'nɛ/ 'tu, teu'

/k/ e /g/

/uku'tuk/ 'fura/furou'

/uki'tig/ 'rola/rolou'

/i'gara/ 'canoa'

/i'kawa/ 'gordura de algo ou de alguém'

/k/ e /ŋ/

/iku'tuk/ 'fura/furou'

/iki'tiŋ/ 'limpo'

/k/ e /kw/

/u'kara/ 'terreiro'

/i'kwara/ 'vagina dela'

/g/ e /ŋ/

/a'sig/ 'veia de algo ou de alguém'

/a'soŋ/ 'tamanduá-mirim'

/g/ e /kw/

/i'gara/ 'canoa'

/i'kwara/ 'vagina dela'

/g/ e /w/

/ʔɔga/ 'casa'

/ʔɔwa/ 'folha'

/ŋw/ e /kw/

/kati'ŋwera/ 'veado-virá'

/tiri'kwera/ 'roupa'

/ŋ/ e /ŋw/

/umuŋɛ/ 'por'

/kati'ŋwera/ 'veado-virá'

/ŋ/ e /m/

/i'kɔŋ/ 'calcinha dela'

/i'kɔm/ 'seio dela'

/n/ e /r/

/u'pin/ 'raspa/raspou'

/u'pir/ 'ergue/ergueu'

/umɔ'mɔn/ 'enrola/enrolou'

/umɔ'mɔr/ 'joga/jogou'

/s/ e /k/

/ɔ'kɔ/ 'galho'

/ɔ'sɔ/ 'sogra'

/s/ e /t/

/ɔ'sɔ/ 'sogra'

/ɔ'tɔ/ 'duro'

/s/ e /n/

/u'wɔs/ 'corrói/corroeu'

/u'wɔn/ 'embrulha/embrulhei'

/ʔ/ e /p/

/ɔ'ʔɔ/ 'carne'

/ɔ'pɔ/ 'raiz'

/ʔ/ e /t/

/ɔ'tɔ/ 'duro'

/ɔ'ʔɔ/ 'carne'

/ʔ/ e /k/

/ɔ'ʔɔ/ 'carne'

/ɔ'kɔ/ 'galho'

/ʔ/ e /h/

/ɔ'ʔɔ/ 'carne'

/ɔ'hɔ/ 'vai/foi'

## 4.2. CONSOANTES

Em todas as propostas de descrição acima citadas há registros de variação livre entre consoantes. São elas: o fonema /s/ pode se realizar como [s, ʃ ou ʒ]; o fonema /ɲ/, como [ɲ ou ɲ̃]; o fonema /g/, como [ɣ ou g]. Já a consoante oclusiva alveolar surda /t/ realiza-se como consoante africada alveopalatal surda [tʃ] diante da vogal anterior alta /i/. A aproximante /w/ tem o alofone posicional [β], que nunca ocorre diante de silêncio.

A aproximante [j], que ocorre em final de sílaba, ['mɔj] ‘cobra’, [ε'kuj] ‘cuia’, não consta no quadro de fonemas, pois, segundo os autores citados acima, se realiza apenas como alofone do fonema /s/.<sup>29</sup>

Barbosa, J. A. (1993, p. 40) propõe, por uma questão de economia, a existência da consoante complexa /k<sup>w</sup>/ no quadro de fonemas do Suruí do Tocantins, ao passo que Graham (1988, p. 3) considera esse mesmo som um alofone de /k/ (que ele representa pela letra *c* ao lado de *que*) e Monserrat (ver CIMI, 1986, p. 10) propõe, por sua vez, que a aproximante /w/ tem um alofone que se realiza como uma vogal enfraquecida /u/, não havendo, assim, necessidade de computar mais um fonema nessa língua.

Esse som [kw], diferentemente do que ocorre em Tupinambá, no qual é interpretado por Rodrigues (2012 [1983], p. 227) como uma das “sequências bem estabelecidas de segmentos assilábicos (e não como fonemas unitários labializados)”, já que ocorrem várias outras sequências, como *mw*, *nw*, *ɲw* e *rw*, é distintivo em Suruí e deve ser interpretado como uma unidade e não como sequência de dois sons, já que contrasta com *k* e por não haver na língua nenhum outro som além de *ɲw* que possa sugerir a possibilidade de sequências. Note-se que em Suruí, como ocorreu com as demais línguas do seu sub-ramo IV, os reflexos do PT \**pw* se fundiram com *kw*, aumentando o número de palavras com esse som.

Logo, feitas estas considerações, apresento a seguir o quadro fonológico da língua Suruí do Tocantins que será considerado neste trabalho e que auxiliará na produção da proposta de escrita dessa língua:

<sup>29</sup> Apesar de concordarmos com Barbosa (1993, p. 35-36) com relação ao fato de “[y] e [s] serem variantes condicionadas de um mesmo fonema, não obstante a diferença fonética entre os dois fones”, considero que a variante posicional, nesse caso, é o [j], pois o fonema /s/ ocorre em mais ambientes — início de palavra e de sílaba medial, e na posição medial intervocálica, como observou Monserrat (1985b). Devido a uma restrição fonotática da língua Suruí com relação ao uso de consoante fricativa surda diante de silêncio, o fonema /s/ ocorre como uma aproximante sonora [j] antes de outra consoante e antes de silêncio.

QUADRO 03 – FONEMAS CONSONANTAIS DA LÍNGUA SURUÍ

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Faringal	Glotal
Oclusiva	p		t			k g k <sup>w</sup>		ʔ
Nasal	m		n			ŋ (ŋ <sup>w</sup> ) <sup>30</sup>		
Vibrante								
Tape (ou flape)			r					
Fricativa			s					h
Fricativa lateral								
Aproximante	w							

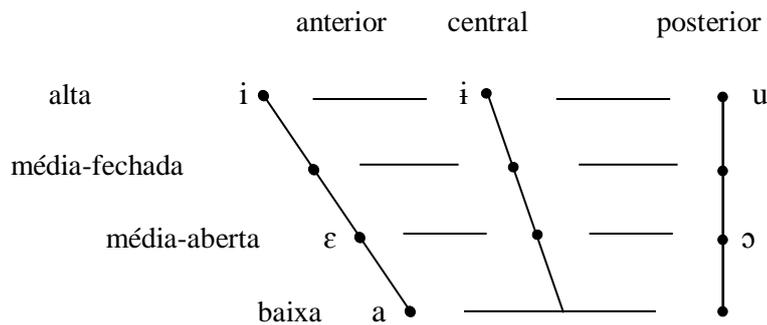
Quadro baseado na proposta do IPA (2012).

### 4.3. VOGAIS

A língua Suruí do Tocantins não distingue fonologicamente vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ de vogais médias fechadas /e/ e /o/, realizando-se livremente em todos os contextos.

As vogais são, essencialmente, orais, ocorrendo vogais nasais apenas como resultado de nasalização pela proximidade com consoantes nasais, logo, sem valor distintivo em termos fonológicos. Dessa maneira, é comum encontrar variações de nasalidade na realização de uma mesma palavra.<sup>31</sup>

FIGURA 04 – FONEMAS VOCÁLICOS DA LÍNGUA SURUÍ



Esquema adaptado da proposta do IPA (2012).

<sup>30</sup> Espera-se encontrar em Suruí o fonema /ŋ<sup>w</sup>/, reflexo das ocorrências dos antigos k<sup>w</sup>, quando precedidos por temas nasais, como em Asuriní e em Tembé, p.ex. *ti-ngwer* 'nariz fora do corpo'.

<sup>31</sup> Vale lembrar que todas as pessoas que forneceram dados linguísticos para este trabalho são bilíngues em Suruí do Tocantins e Português, sendo que devemos, pois, considerar eventuais interferências de um sistema no outro.

#### 4.4. SÍLABA

A língua Suruí do Tocantins possui, de acordo com a descrição feita por Barbosa (1993, p. 51-53), os seguintes padrões silábicos: V, VC, CV e C<sub>1</sub>VC<sub>2</sub>.

Observa-se, assim, que o Suruí tem como estrutura máxima de sílaba a forma CVC (Consoante-Vogal-Consoante), cuja ocorrência é mais frequente no final de palavras: *iwak* (C.CVC) ‘parte acima das nuvens’; *iwitir* (V.CV.CVC) ‘morro’; *tatatirɔn* (CV.CV.CV.CVC) ‘nuvem’; *iwituhurɔn* (V.CV.CV.CV.CVC) ‘tempestade’:

QUADRO 04 – PADRÃO SILÁBICO CVC DA LÍNGUA SURUÍ

	cons.	No início da palavra	No meio da palavra	No final da palavra
1.	g	–	–	/i'gar/ ‘canoa’
2.	h	–	–	/iwi'rapɔpɔ'hɔm/ ‘traíra pequena’
3.	k	–	–	/ipira'kaw/ ‘pacu’ /ia'kim/ ‘molhado’ /namu'kus/ ‘dois’
4.	m	/mɔsrɔn/ ‘jararaca’	–	–
5.	n	–	–	/sawapi'nim/ ‘onça pintada’
6.	ŋ	–	–	/ukisi'ŋɔg/ ‘tira/tirou a sujeira’
7.	p	–	–	/nupini'par/ pintador /tawarɛrasa'pin/ ‘peixe cabeça de cachorro’ /ini'ɔmu'pic/ ‘cari, acari’ /akara'pɛw/ ‘carazinho maior, mais largo’
8.	r	–	/tarei'ri/ ‘traíra’	/wɛrawɛ'raw/ ‘relâmpago’ /ʔikwɛɛ'rem/ ‘cachoeira’ /akikipɔ'rɔŋ/ ‘macaco vermelho’ /misa'rɔn/ ‘ovelha/bode’ /ipi'rɔs/ ‘piranha’ /ara'run/ ‘arara escura’
9.	s	–	–	/pia'sɛs/ ‘meia-noite’ /amɔka'sim/ ‘eu perdi’ (desapareci) /sawapi'sun/ ‘onça preta’ /a'sɔɾ/ ‘eu venho’
10.	t	–	–	ipi'ra ui'taw/ ‘o peixe está nadando’ /iwi'tiŋ/ ‘areia’ /iwi'tir/ ‘morro’ /aku'tuk/ ‘eu furo’
11.	w	–	–	/i'wak/ ‘parte acima das nuvens’ /a.kɔ'wɔs/ ‘sapo verde’
12.	ʔ	–	–	/mɔsɔkoŋɛ'ʔim/ ‘cobra cega’ /a'ʔɛɾ/ ‘eu caio’

Além dessa estrutura silábica, também são possíveis no Suruí os padrões:

V – Sílabas constituídas somente por vogal podem ocorrer no início, no meio e no final de palavras em Suruí, conforme é possível observar no Quadro 05.

QUADRO 05 – PADRÃO SILÁBICO V DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS

	Vogal	No início	No meio	No final <sup>32</sup>
1.	a	/a'hi/ 'dor'	/pia'ses/ 'meia-noite'	–
2.	e	/ε'ha/ 'olho'	/katue'tε/ 'bom'	–
3.	i	/i'pɔ/ 'mão'	/ui'nu/ 'ouve/ouviu'	–
4.	o	/ɔ'ʔɔ/ 'carne'	/iɔɾɔnu'hu/ 'andiroba'	–
5.	u	/u'wi/ 'sangue'	/ipeu'hua/ 'pato'	–
6.	i	/i'pi/ 'pé'	/ukii'sε/ 'tem medo'	–

É importante destacar que não foi registrado no corpus desta pesquisa, até o momento, o padrão silábico V no final de palavra, com exceção da vogal a. Além disso, as ocorrências do tipo /ʔu'sawa'ʔε/ 'pequeno' e /isiwainipu'ʔɔ/ 'músculo', por exemplo, não podem servir para exemplificar esse padrão porque a sílaba final é CV (/ʔε/ e /ʔɔ/).

CV – Esse padrão silábico é, sem dúvida, na língua Suruí o mais recorrente, podendo ocorrer no início, no meio e no final de palavras, com uma única restrição para /g/ e /ŋ/ no início de palavras, conforme é possível perceber nos dados do Quadro 06.

QUADRO 06 – PADRÃO SILÁBICO CV DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS

	Cons.	No início da palavra	No meio da palavra	No final da palavra
1.	g	–	/usɔgu'pɪɾ/ 'levanta/levantou casa'	/i'gε/ 'tripa'
2.	h	/humy'ru/ 'procurar'	/kahɛna'ʔi/ 'macaco (pequeno)'	/a'hi/ 'doido'
3.	k	/ku'ʔɛm/ 'madrugada'	/aku'tuk/ 'eu furo'	/apimu'ku/ 'cobra d'água'
4.	m	/misat/ 'veado'	/amɔa'ta/ 'tamuatá'	/na'mi/ 'orelha'
5.	n	/namu'kus/ 'dois'	/mani'ʔɔga/ 'mandioca'	/pɔɾɔ'nɔ/ 'rio'
6.	ŋ	–	/mɔsɔkɔŋε'ʔim/ 'cobra-cega'	/tatatiŋa/ 'fumaça'

<sup>32</sup> É possível que na língua Suruí existam sílabas constituídas apenas por vogal que fiquem no final da palavra, mas, até o presente, não foi localizada nenhuma ocorrência desse padrão.

7.	p	/pia'ses/ 'meia-noite'	/tapi'sa/ 'três'	/i'pɔ/ 'mão'
8.	r	/ru'ʔag/ 'virar'	/kwara'hi/ 'sol'	/ka'ru/ 'de tarde'
9.	s	/saka're/ 'jacaré'	/tasa'hu/ 'porcão'	/anu'sa/ 'rato'
10.	t	/tati'u'hu/ 'surucucu'	/ipi'tuna/ 'noite'	/i'ti/ 'nariz'
11.	w	/we'rawe'raw/ 'relâmpago'	/sa'wara/ 'onça'	/u'wa/ 'rabo'
12.	ʔ	/ʔi'aw/ 'cabelo'	/ka'ʔia/ 'macaco'	/ɔ'ʔɔ/ 'carne'

Como não há ocorrências dos fonemas /g/ e /ng/ no início de palavra, eles não constarão como formadores de grupos de palavras na macroestrutura do dicionário da língua Suruí, na direção Suruí-Português.

VC – Esse padrão silábico é bastante raro nessa língua e sua ocorrência está limitada ao final de palavras e a formas monossilábicas, conforme dados apresentados no Quadro 07:

QUADRO 07 – PADRÃO SILÁBICO VC DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS

	Consoante	Em monossílabos	No final da palavra
1.	g	–	–
2.	h	–	–
3.	k	–	–
4.	m	–	–
5.	n	–	–
6.	ŋ	–	–
7.	p	–	–
8.	r	/ʔur/ 'vir'	–
9.	s	–	–
10.	t	–	–
11.	w	/ʔaw/ 'pessoa'	–
12.	ʔ	–	–

No padrão silábico VC da língua Suruí, mesmo com os novos dados que obtive com a pesquisa dessa língua, não foi possível sustentar a proposta de Barbosa (1993, p. 51), para quem a posição de consoante desse padrão poderia ser preenchida pelas formas /g/, /ɾ/ e /y/, uma vez que, no caso de /ɔg/ a forma correta da palavra conta com uma glotal inicial /ʔɔg/, não servindo para essa proposta. Com relação à forma /akeriáy/ ‘eu entro’ apresentada por ele, não consegui obter nenhuma ocorrência desse verbo, apenas com a forma /a'kɛ/. A única exceção à proposta dele é com o verbo /aúr/ ‘eu venho’, este sim foi atestado no corpus e constitui, sem dúvida, um exemplo do padrão VC. Por outro lado, uma forma monossilábica que se encaixa nesse padrão pôde ser encontrada, trata-se do nome /'aw/, sem o caso argumentativo.

Por fim, esse estudo da fonologia da língua Suruí permite que se vislumbrem os padrões silábicos dessa língua, mas também colabora de maneira fundamental para a reflexão sobre as possibilidades de escrita iniciada no capítulo anterior. Completando essa descrição da língua Suruí, apresento, no capítulo 6, descrições relacionadas à morfossintaxe dessa língua da família Tupí-Guaraní.

#### 4.5 NASALIDADE

A nasalidade na língua Suruí foi abordada, anteriormente, em duas dissertações de mestrado, a de Barbosa (1993, p. 49-50) e a de Neves (1999, p. 24). Barbosa já havia chegado à conclusão de que “a nasalização é sempre provocada por um segmento consonantal adjacente, cuja ressonância nasal se estende à vogal contígua” (BARBOSA, J. A., 1993, p. 49). Ou seja, não há vogais intrinsecamente nasais, mas vogais nasalizadas com a proximidade de uma consoante nasal.

Nesta tese, a forma fonológica dos dados não indica a existência de vogais nasais, por exemplo: a transcrição fonética de *amona* ‘chuva’ é [a'mɔ̃nɐ], e a forma fonológica é /a'mɔna/.<sup>33</sup>

Barbosa (1993) observa também que essa nasalidade não ocorre sistematicamente, o que foi constatado *in loco*, junto a diferentes falantes. Eventualmente alguns indivíduos pronunciaram as mesmas palavras, sendo que uns realizaram nasalização de vogais, outros não. Exemplo disso ocorreu com a palavra *manime* ‘farinha’, que foi realizada foneticamente de duas formas [mɔ̃ni'mɛ] e [mani'mɛ].<sup>34</sup> Dessa forma, esse autor conclui que “a melhor

<sup>33</sup> Mantenho na forma fonológica a marcação de tonicidade como ( ' ) presente na forma fonética.

<sup>34</sup> Barbosa (1993) registra, em seu trabalho, a forma [mani'mɛ] apenas como não nasalizada.

interpretação dos seguimentos vocálicos nasais em Suruí é considerá-los como alofones ou variantes condicionadas, mas facultativas, das respectivas vogais orais correspondentes” (BARBOSA, J. A., 1993, p. 50).<sup>35</sup>

Neves (1999, p. 24), por sua vez, aborda o fenômeno da nasalidade a partir do ponto de vista da morfofonêmica. Conforme já havia mencionado no Capítulo 3.1 desta tese, essa autora observa a nasalidade em construções de natureza nominal (exemplo 5 *koŋ mukú* ‘perna comprida’ e verbal (exemplo 6 *a+ku?óm#putá* ‘eu levantarei’). É possível constatar que há, sem dúvida, uma aparente alternância morfofonêmica, quando um tema termina em consoante nasal, por exemplo, na palavra /mɔŋa'ti/ (mongaty, na escrita ortográfica da língua Suruí adotada nesta tese). No entanto, trata-se de resquício de um processo que já fora produtivo na língua, quando os morfemas dessa língua eram marcados por nasalidade associada a acento de intensidade (cf. RODRIGUES; CABRAL, 2011). O que ocorre em Suruí, ocorre também nas línguas Tenetehára e no Asuriní. A perda da nasalidade nessas línguas, ocorreu com a fonemização de antigos /p/, /t/ e /k/ em contiguidade com morfemas intrinsecamente nasais em /m/, /n/ e /ŋ/ respectivamente (CABRAL, comunicação pessoal). Assim, não se trata de um processo de nasalização do k de *kati* ‘na.direção.de’ quando precedido de *mɔ* ‘onde’ (*mɔ* ‘onde’ + *kati* ‘na.direção.de’), mas da fonemização de /k/ em /ŋ/, no momento da perda de nasalidade no Suruí. O que era resultado de nasalização, à força de ocorrer sempre nasal, se fixou como nasal. Assim, há que se considerar duas formas supletivas para todo tema verbal iniciado por umas das consoantes oclusivas mencionadas acima, pois essa é a forma que se combina com o morfema causativo. Mas é importante salientar que, ao combinarmos *mɔ-* com, por exemplo, um empréstimo do Português iniciado por /p/, /t/ ou /k/, essas consoantes não se nasalizam, pois o morfema causativo não mais propaga nasalidade.

Um fenômeno distinto, mas que implica a supleção mencionada, ocorre quando um tema relativo da classe 1b iniciado por *p* está na forma genérica e humana. O tema usado nessa situação apresenta uma consoante nasal, *m*. A palavra *ipɔ* ‘mão de algo ou de alguém’ tem a forma supletiva *mɔ*. O fato significativo é que nasalidade não mais é propagada internamente nos morfemas da língua nem em fronteiras morfológicas.

---

<sup>35</sup> Observando os seguintes dados extraídos do corpus da pesquisa que realizei: [ap̩mu'ku] ‘cobra-d’água’, [eme'kɔŋ] ‘gengiva de alguém’, [i'h̩m] ‘ele é liso’, [ikɔmi'piɛ] ‘peito de alguém (homem)’ [inamu'h̩n] ‘inambu’, constato a nasalidade em todas as vogais e em diferentes contextos de tonicidade, mas todos ocorrendo sempre junto a consoantes nasais.

## 5 PARA UMA ESCRITA DA LÍNGUA SURUÍ

Neste capítulo, apresento, em primeiro lugar, as propostas de escrita orientadas à língua Suruí e, em seguida, analiso as configurações dessas propostas para, ao final, discutir questões relacionadas à ortografia.

### 5.1. AS ESCRITAS DA LÍNGUA SURUÍ

Dadas as experiências históricas vivenciadas pelos povos indígenas no Brasil, e, neste caso em particular, pelos Suruí ao longo do século XX, em que o contato com os não indígenas resultou em situações de exploração, de contaminação por doenças e/ou de perda de território, é mais do que esperado que esses povos mantenham uma postura de reserva, de desconfiança e, quando possível, de isolamento.

É por isso que, mesmo quando há, da parte do colonizador, a declarada intenção de ajudar um povo indígena, por exemplo, a alcançar algo como a escrita de sua língua, a reação é, no mínimo, de desconfiança, pois pode haver motivações subjacentes, como ensina a história.

No caso específico da escrita, desde o século XVI, vêm-se buscando no Brasil escrever as línguas indígenas, muito mais útil para os colonizadores do que para os falantes propriamente ditos da língua, e, em não poucas situações, com intenção de apoderar-se da língua para, em seguida, levar a cabo projetos de dominação, como bem observou Melià (1989, p. 9):

A redução de sons para letras, a compreensão de unidades como palavras, a formação de frases, tudo isso configurou uma espécie de conquista, às vezes paciente e difícil, da língua por parte do colonizador. [...] Essa conquista, porém, tinha uma intenção clara: a tradução. O desejo de entender a língua do outro trazia embutida a vontade de ser entendido, e o que devia ser entendido em primeiro lugar era uma nova mensagem: a “doutrina cristã”.

Após quase 500 anos da chegada dos portugueses às terras brasileiras, os processos de catequização de indígenas para difusão da doutrina cristã continuam ativos, mas é necessário reconhecer que é somente por meio dele que, ainda hoje, muitas línguas passam a ter a sua primeira forma escrita.

Na história dos Suruí é possível identificar três situações envolvendo a sua língua e grupos religiosos: a primeira é a do próprio estabelecimento do contato na década de 1950, não com o Estado, mas sim com a Igreja, representada por um frei dominicano católico que acompanhou o grupo por longo tempo; a segunda se deu em meados da década de 1980,

quando o Conselho Indigenista Missionário Norte II (CIMI Norte II), com assessoria linguística da professora e pesquisadora Ruth Monserrat, produz um material linguístico, *Vocabulário da língua Aikewar*, cuja finalidade era “[...] a DEVOLUÇÃO ao povo Suruí, para que o mesmo participe ativamente no processo da escrita de sua própria língua.” (CIMI, 1986, p. 3). Era a primeira vez que a língua Suruí do Tocantins era colocada sistematicamente na forma escrita. Contudo esse material serviu muito mais às pessoas falantes de Português (profissionais da saúde, religiosos, funcionários do Governo, etc.) que chegavam à aldeia e precisavam entrar em contato com os falantes de Suruí, do que efetivamente para o uso do povo indígena.

Já Albert e Sue Graham conviveram e fizeram pesquisa linguística junto aos Suruí no final da década de 1980. Ambos estavam associados ao Summer Institute of Linguistics (hoje denominada SIL International) e declararam, em documento por eles produzido, querer traduzir a bíblia para a língua Suruí, mas também se comprometiam a auxiliar o povo na formação de professores indígenas e na produção de material didático escrito para escritura e leitura na própria língua.<sup>36</sup> O material datilografado produzido por eles, à semelhança do *Vocabulário Aikewar*, não possui conotação religiosa explícita, registrando palavras e frases na língua e suas formas correspondentes em Português (ver Figura 03).

É necessário assinalar ainda a existência de outro tipo de registro escrito da língua Suruí que vem sendo praticado desde a década de 1960: é aquela proposta por diferentes antropólogos, que precisam grafar esparsamente palavras ou mesmo frases da língua e também nomes próprios. Como não havia nenhuma sistematização da língua, é possível encontrar, em trabalhos publicados, as mais diversas possibilidades de escrita para um mesmo termo, como, por exemplo, na grafia do nome *Ma'ira*, que também aparece escrito como *Mahíra* ou *Mahira*.

Na próxima subseção analiso propostas já feitas para a escrita da língua Suruí, a fim de verificar que elementos poderiam compor a escrita dessa língua.

## 5.2. ANALISANDO AS PROPOSTAS DE ESCRITA

Como foi apresentado na subseção anterior, pelo menos duas propostas de escrita da língua Suruí já foram elaboradas, ambas por linguistas que estiveram na T.I. Sororó na

---

<sup>36</sup> Os Graham manifestam suas intenções junto aos Suruí em carta dirigida a José Ferreira, representante da Funai na cidade de Marudá, anexada ao material produzido por eles.

década de 1980.<sup>37</sup> Antes de passar à minha proposta de escrita da língua Suruí, faz-se necessária uma reflexão sobre as propostas já elaboradas para essa língua.

A primeira delas foi feita por Monserrat nos anos de 1985 e 1986 e publicada pelo CIMI Norte II no *Vocabulário Aikewar*, em 1986 (ver fragmentos desse trabalho no Anexo F).<sup>38</sup> Nesse trabalho, a escrita da língua Suruí do Tocantins é feita com o alfabeto latino,<sup>39</sup> do qual são selecionadas 16 letras (*a, e, g, h, i, k, m, n, o, p, r, s, t, u, w, y*), mais o dígrafo *ng*, para representar a consoante nasal velar /ŋ/, e o diacrítico ( ´ ), para representar a oclusiva glotal /ʔ/. Todas essas 18 formas estão associadas a “sons”, e que, em alguns casos, apresentam variantes livres (indicadas no texto pelo *til*) e/ou variantes posicionais (escritas imediatamente abaixo da forma principal e relacionadas por uma *chave*).

Vale ressaltar ainda que, nesta proposta de escrita:

– A aproximante palatal [j], alofone posicional de /s/, não consta na lista de sons relacionados à escrita, pois foi representada pela mesma letra usada para representar a vogal anterior alta /i/.

– A consoante [tʃ], por ser uma variante posicional de /t/, é grafada também pela letra *t*.

Como a finalidade do material produzido pelo CIMI talvez não fosse o de ensinar a escrever a língua Suruí, não há indicações específicas sobre ortografia, apenas “orientações para usar o vocabulário”. Contudo, só pelo fato de começar a escrever a língua já foi uma ação relevante, pois serviu para demonstrar que aquela língua podia ser ‘posta no papel’, assim como é feito, por exemplo, há muito tempo com o Português.

A segunda proposta de escrita foi apresentada pelos Graham, em 1988, e consiste numa lista de enunciados escritos em Suruí com a respectiva tradução apresentada na lateral. Sua proposta, também baseada no alfabeto latino, propõe o uso de 16 letras (*a, e, h, i, k, m, n, g, o, p, r, s, t, u, w, y*) e o diacrítico ´, para representar a consoante glotal /ʔ/.

<sup>37</sup> Essa situação é exatamente a que foi descrita por D’Angelis (2007, p. 17): “[...] o processo de definição ortográfica é feito ‘externamente’, por estudioso (lingüista ou missionário), e comunicado à comunidade para seu uso”.

<sup>38</sup> Não foi possível determinar nem qual foi a tiragem do *Vocabulário Aikewar*, nem como e para quem ele foi distribuído.

<sup>39</sup> A decisão de usar determinado alfabeto para a escrita de uma língua é, antes de tudo, uma decisão política. Há vários casos no Brasil em que uma comunidade indígena aceitou adotar o mesmo alfabeto usado pela língua majoritária, criando ou estreitando vínculos linguísticos. Na maioria das escolas indígenas, a escrita e a leitura se dá inicialmente em Português, que é escrito com o alfabeto latino. Acredito que, no caso de haver uma forma de escrita de uma língua indígena, que coincida com o alfabeto usado para a escrita do Português, esta deve só será válida se respeitar a fonologia da língua nativa.

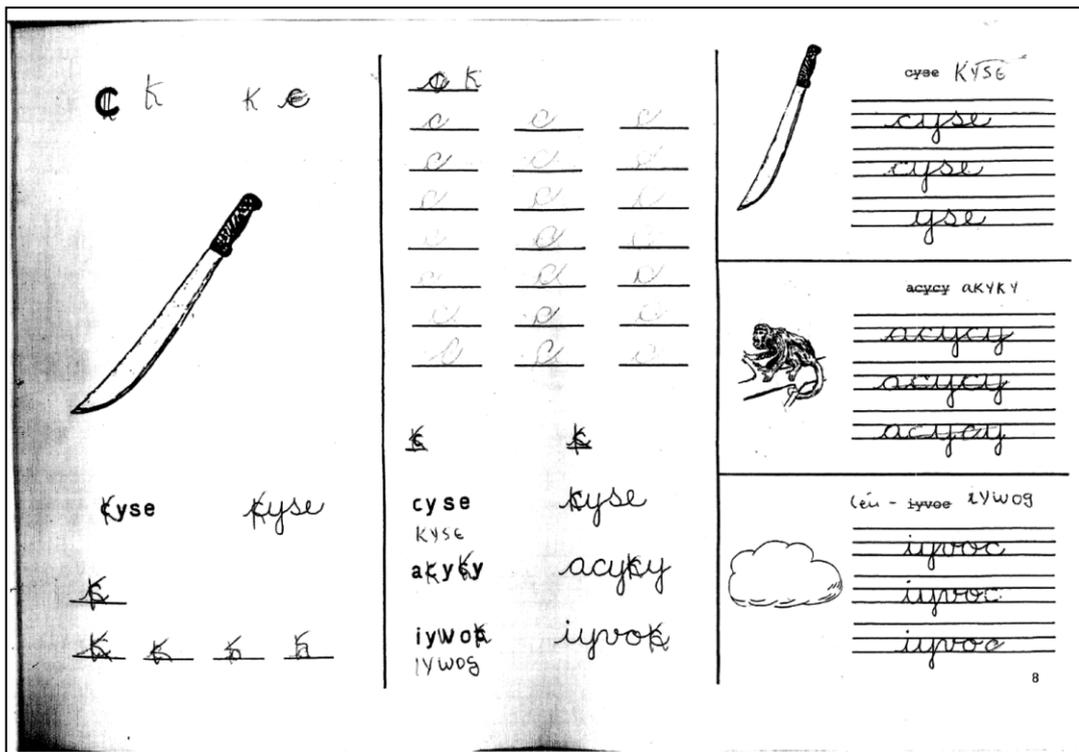
Destaquemos, antes de tudo, a coincidência perfeita entre as duas propostas no que se refere à representação das vogais da língua Suruí.

Entretanto, há diferenças significativas entre elas no que diz respeito às consoantes. O dígrafo *ng* é representado pelos Graham apenas por uma letra, o *g*. Não consideram o som [g] no inventário fonológico da língua e representam o som [kw] como alofone de /k/.

Apesar das poucas informações sobre o destino que essa proposta de escrita da língua Suruí tomou, é possível afirmar que ela culminou na produção de um primeiro material didático para ensino da escrita dessa língua. Esse material chegou a ser usado na escola da aldeia, mas, segundo relatos dos próprios professores, teve um uso bastante restrito.

A título de exemplo, mostro, em seguida, um fragmento de cartilha de alfabetização, de autoria não confirmada:<sup>40</sup>

FIGURA 02 – PÁGINA DA 1ª CARTILHA DE ALFABETIZAÇÃO DA LÍNGUA SURUÍ



Além desse material, existe um outro, ainda mais difícil de ser encontrado, de autoria possivelmente de Graham e Graham (1991), que buscou sistematizar a língua Suruí na forma de um lista, ordenada alfabeticamente, com palavras e frases, acompanhadas de algumas ilustrações, como é possível ver na ilustração abaixo:

<sup>40</sup> Desse material, recuperei somente o seu conteúdo sem a capa onde deveria estar o crédito.

FIGURA 03 – PÁGINA DO MATERIAL “EPURUMITA TIUPE”

AIQUEVAR		NÓS, O POVO SURUI
Acoite penererre.		Gosto de vocês.
A'apucaí.		Estou gritando.
Aamono neupe.		Eu dei muito a você.
Aapo		Estou pintando.
Aau.		Estou deitado.
Acamare rona.		Taboca de fazer flecha.
Acara. AKAMASYROM		O cará (peixe).
Acañu putari'a.		Vou comer.
Acaru ri'a vetuna.		Eu estou comendo.
Acasa.		Útero da mulher.
Acasurru		Caju
Acauva.		Cacau.
Ace putari'a verra.		Vou entrar.
Ace.		Entrei.
Acer pytiri'a verro.		Vou dormir.
Acer ri'a.		Estou dormindo.
Acer.		Dormi.
Acoite vema'etiruarry.		Eu gosto das minhas coisas.
Acoite nererre.		Gosto de você.
Acoruaru pa'e nereico?		Sua família está bem?
Acoruaru pa'e neremireco?		Sua família está bem?
Acote nererre.		Gosto muito de você.
Acu voto.		Está quente hoje.
Acu'om.		Estou levantando.
Acuererem.		Eu estou passeando.
Acuma'e.		Homem.
Acycy porag.		Preguiça grande.

EPURUMITA TIUPE

CONVERSA COMIGO

Esse material corresponde, certamente, a outro de mesma natureza, que foi produzido pelos próprios pesquisadores quando de sua estada na aldeia. O importante dessas duas propostas é que elas utilizam uma ortografia bem parecida com a do Português, com o uso da letra C para representar a oclusiva velar surda e RR para a fricativa glotal.

Em resumo, tanto a proposta de Monserrat quanto a dos Graham são resultado de reflexões linguísticas baseadas em dados coletados *in loco*. Além disso, tais propostas guardam muitas similaridades entre elas, como é possível observar no quadro abaixo em que estão dispostos lado a lado os elementos propostos por eles:

QUADRO 08 – PROPOSTAS DE ESCRITA DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS<sup>41</sup>

	Montserrat (1986a)	Graham (1988)	Fones
1.	<i>a</i>	<i>a</i>	a
2.	<i>e</i>	<i>e</i>	e ~ ε
3.	<i>i</i>	<i>i</i>	i / j
4.	<i>o</i>	<i>o</i>	o ~ ɔ
5.	<i>u</i>	<i>u</i>	u
6.	<i>y</i>	<i>y</i>	ɨ
7.	<i>g</i>	–	g ~ ɣ
8.	<i>h</i>	<i>h</i>	h
9.	<i>k</i>	<i>k</i>	k
10.	<i>m</i>	<i>m</i>	m
11.	<i>n</i>	<i>n</i>	n
12.	<i>ng</i>	<i>g</i>	ŋ
13.	<i>p</i>	<i>p</i>	p
14.	<i>r</i>	<i>r</i>	r
15.	<i>s</i>	<i>s</i>	s
16.	<i>t</i>	<i>t</i>	t / tʃ
17.	<i>w</i>	<i>w</i>	w ~ β
18.	'	'	ʔ

Certamente, a construção de uma proposta de ortografia que seja de fato usada pelos Suruí não está tão distante, pois, como se vê, apesar das divergências, as propostas apresentadas acima já dão conta da representação gráfica da língua.

### 5.3. DISCUTINDO UMA ORTOGRAFIA PARA A LÍNGUA SURUÍ

A discussão em torno da ortografia da língua Suruí iniciada na década de 1980 (cf. subseção 5.1) prossegue até o presente, sobretudo porque já há pessoas da própria comunidade Suruí que têm posições definidas de como ela deve ser.

<sup>41</sup> Barbosa (1993) empreendeu a descrição da fonética e da fonologia do Suruí do Tocantins, mas não propôs nenhuma forma de escrita para essa língua.

O que é muito importante, pois, é dispor de uma forma escrita para sua língua, participando ativamente de sua construção, é ter a consciência de que essa proposta nasceu de um esforço empreendido coletivamente, mesmo que tenha sido iniciativa de poucas pessoas. Há ainda o fato de que uma proposta ortográfica pode sempre ser melhorada, aperfeiçoada.

Nesse sentido, o esforço empreendido, recentemente, por exemplo, pelos professores Tymkong e Ikatu para a construção ou definição de uma escrita para a língua Suruí não partiu de um interesse acadêmico, mas surgiu, sim, de uma demanda dos próprios Suruí, que querem sua língua ensinada na escola da aldeia.

É possível afirmar, grosso modo, que a proposta de escrita adotada até pouco tempo foi a de Monserrat (ver CIMI, 1986), registrada no *Vocabulário Aikewar*, mas que já passou por modificação.

É importante não esquecer que, para além de um sistema de escrita, a própria definição dessa escrita, das palavras e frases na língua, também fazem parte do sistema ortográfico de uma língua, o que, até este momento, ainda não havia sido feito.

Mesmo sem esta sistematização de sua língua, os professores partiram de suas próprias intuições de falantes da língua para estabelecer a escrita das palavras de sua língua, forma essa que está em uso na escola da aldeia. Abaixo, reproduzo uma amostra dessa forma de escrita da língua Suruí:

Esewag se'eng ete.  
 Pesewag.  
 urukeruki puta ka'ape uruhow.  
 turusepurakane ma'e amu isukaw.  
 ma'e sukaw puta uruw  
 imu'a hoj ta tire'ysape.  
 na uwi puta usepewei.  
 ma'e a sukaw arur puta  
 penupe.  
 Imuka'eu ke'erur tiupe tá une,  
 aweiria imuka'e pyrera.  
 Akoj ete iw ika'e  
 ipise ike'epyra  
 Ahekwahaw imuka'e pyra  
 ma'e pa'e eresuka karuwaruhu  
 asukar.  
 aimim auwese ete wekow.  
 ma'e yrware pa'e eresuka,  
 kwatyg'yware asuka.

ikaw we ete pa'e karuwaruhu  
 ipise pise i'ehyrypyra  
 imu'apyg'ipyra na'ipise aruwi  
 teramu i'eHyripyra ipise pise.<sup>42</sup>

A construção de uma escrita, e sua consequente funcionalidade, depende, em grande parte, segundo Cabral (2013, p. 9), da:

[...] consciência dos falantes a respeito do porquê de criar uma escrita para sua língua, quais as funções que essa escrita terá para a sua comunidade de fala e, fundamentalmente, sua participação na definição do alfabeto, dos diacríticos, se algum, e de outras convenções usadas para a escrita de sua língua.

Por isso, buscando contribuir com a discussão junto aos Suruí em favor do estabelecimento de uma ortografia para sua língua e, ao mesmo tempo, objetivando construir materiais lexicográficos que adotem essa língua, passo à apresentação de algumas considerações sobre os elementos necessários para a construção da proposta ortográfica, que já foi, em grande parte, definida pelos próprios Suruí.

#### 5.4. UMA PROPOSTA DE ESCRITA

Qualquer proposta para a escrita da língua de um povo, há de passar, sem nenhuma dúvida, pela apreciação do povo que irá usá-la. Assim, a proposta que ora apresento serve bem mais como forma orientadora para este trabalho acadêmico, do que para determinar ao povo Suruí como ele deve escrever a sua língua.

Como foi visto nas seções anteriores, já foram apresentadas algumas propostas para a escrita da língua Suruí e agora apresento uma nova proposta:

QUADRO 09 – PROPOSTA DE ESCRITA DAS VOGAIS DA LÍNGUA SURUÍ

	Fonema	Proposta de escrita
1.	/a/	a
2.	/ɛ/	e
3.	/i/	i
4.	/u/	u
5.	/ɔ/	o
6.	/ĩ/	y

<sup>42</sup> Tradução feita por Tymykong: “Escreva fala de Aikewara - Escreva. Eu vou pro mato pra mim matar uma caça. Se eu matar uma caça, eu vou distribuir para o meu parente. Eu não posso comer nada sozinho sem dar um pedaço para o meu parente. Eu gosto muito de comer assado. O que foi que você matou? Eu matei uma paca. Isso eu tava desejando de comer essa paca. Em que fruta que você matou? Foi em gameleira. Sim, a paca é tão gostosa. Eu gosto de comer paca. Ela é muito gostosa.” Nota: O texto de Tymykong foi transcrito literalmente.

QUADRO 10 – PROPOSTA DE ESCRITA DAS CONSOANTES DA LÍNGUA SURUÍ

	Fonema	Proposta de escrita
1.	/g/	g
2.	/h/	h
3.	/k/	k
4.	/k <sup>w</sup> /	kw
5.	/m/	m
6.	/n/	n
7.	/ŋ/	ng
8.	/ŋ <sup>w</sup> /	ngw
9.	/p/	p
10.	/r/	r
11.	/s/	j, s
12.	/t/	t
13.	/w/	w
14.	/ʔ/	ʔ

Nesta proposta, há 6 fonemas vocálicos orais (não há fonemas vocálicos nasais nesta língua) representados por 6 letras; e 14 fonemas consonantais, representados por 11 letras simples, 3 dígrafos e um diacrítico.

Desse modo, a ordem alfabética escrita para a língua Suruí pode ser configurada da seguinte maneira:

QUADRO 11 – PROPOSTA DE ORDEM ALFABÉTICA PARA A LÍNGUA SURUÍ, COM DISTINÇÃO DE LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS<sup>43</sup>

A a	E e	G g
H h	I i	K k
KW kw	ʔ	M m

<sup>43</sup> A letra j não foi considerada nesta proposta de ordem alfabética em virtude de essa letra ser ocorrer apenas como alofone de /s/ em final de sílaba ou diante de silêncio, ou seja, ela nunca ocorre no início de sílaba.

N n	NG ng	NGW ngw
O o	P p	R r
S s	T t	W w
Y y		

## 5.5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA SURUÍ

Partindo de uma observação bastante pertinente acerca da questão ortográfica no contexto dos povos indígenas, Melià (1979, p. 78-79) afirma que:

Dois perigos se devem evitar: uma ortografia, que pretendendo se aproximar o máximo possível das peculiaridades fonéticas, se torne complicada demais no uso de signos diacríticos e símbolos não usuais no português; o outro, de se assimilar tanto ao português que perca coerência interna.

Com relação à primeira observação, a ortografia que se esboça para a língua Suruí também deve buscar utilizar apenas diacríticos e símbolos comuns ao Português, língua amplamente utilizada no contexto da T.I. Sororó (cf. subseção 3.3), sem, contudo, reproduzir integralmente a estrutura ortográfica desta outra língua (e esta é a segunda observação).

### 5.5.1. Acentuação

A acentuação diz respeito ao uso de diacríticos para marcar determinados traços prosódicos da língua na escrita de suas palavras, dentre os quais intensidade, nasalidade, alongamento vocálico, dentre outros.<sup>44</sup>

Com relação à intensidade, a atual proposta ortográfica para a língua Suruí ainda não prevê o uso de diacríticos, como o uso do acento agudo no Português. Mas é evidente a vantagem de se marcar a tonicidade em línguas como estas da família Tupí-Guaraní, haja vista a possibilidade de muitas ocorrências de compostos e de sufixos tônicos, cuja intensidade não interfere na intensidade inerente aos temas que são base dos processos derivacionais, assim como para distinguir pares homônimos, mas não homófonos, como por

<sup>44</sup> Como não é fonológica a alternância /e/ e /ɛ/ nem /o/ e /ɔ/, não há necessidade de marcar essas ocorrências. Do mesmo modo, a língua Suruí, em sua prosódia, não faz uso de marcas de tom (ascendente, descendente, agudo, grave, alto, baixo, p.ex.) ou de duração (longas e breves, p.ex.).

exemplo *píra* ‘pele’ e *pirá* ‘peixe’. Essa marcação é importante na aprendizagem da língua pelas gerações mais novas que não são fluentes na língua nativa.<sup>45</sup>

O outro fenômeno que pode ser destacado por um diacrítico é a crase, que, no Português, é marcado com o acento grave. Apesar de esse fenômeno também ocorrer na língua Suruí (p.ex., em *aiko namonowi ne upe* ‘esse eu não dou para você’, o *na* ‘neg’ + *amono* ‘dar’ → *namono*), ele não gera nenhum tipo de ambiguidade na escrita Suruí (como, no Português, o *a* resultante de crase é idêntico ao *a* artigo definido), logo, acredito não haver necessidade de marcá-lo.

Por fim, a língua Suruí conta apenas com vogais nasalizadas, sendo que até mesmo sua ocorrência não é compartilhada por todos os falantes, por exemplo, o verbo *amono* ‘dar’ pode ser realizado tanto [amɔ̃'nɔ] como [amɔ'nɔ]. Assim, não possuindo vogal nasal com valor distintivo, não há razão para marcá-la.

### 5.5.2. Hífen

Na proposta ortográfica para a língua Suruí ainda não há a intenção de usar o hífen, nem para as palavras compostas (ver capítulo 6 sobre processos de composição) nem para marcar a translineação. Neste último caso, no entanto, apenas com a ampliação do uso da escrita é que se poderá dizer, de fato, se será usada ou não, pois existe a possibilidade de haver composições de palavras que resultem em formas extremamente longas e o que, no caso da escrita, o usuário decida que, para melhor comportar a forma no espaço da linha, seja mais adequado dividi-la; nesse caso, as regras de translineação deverão ser estabelecidas.<sup>46</sup>

### 5.5.3. Pontuação

A escrita na língua Suruí segue, grosso modo, o sistema de pontuação do Português, no entanto, partindo da observação de textos já produzidos pelos próprios Suruí, constatei as seguintes peculiaridades.

A primeira constatação é a de que os Suruí não fazem uso da vírgula para separar, por exemplo, vocativos, apostos e períodos oracionais, nem mesmo em caso de coordenação

<sup>45</sup> Como os materiais lexicográficos propostos nesta tese ainda não correspondem à versão final a ser impressa para uso do povo Suruí, atendendo, antes, a um público acadêmico (público formado por linguistas, antropólogos e pessoas de áreas afins), para o qual é suficiente a forma fonológica inserida na microestrutura do material, ainda haverá a discussão com os próprios Suruí para que avaliem e decidam sobre o uso ou não desse diacrítico.

<sup>46</sup> Em algumas situações na proposição dos modelos lexicográficos desta tese faço uso do recurso do hífen, a fim de evitar, por exemplo, grandes espaços entre as palavras do verbete. Esta decisão não possui, contudo, nenhuma intenção normativa, uma vez que caberá aos próprios Suruí essa decisão. Nessa situação, utilizo como critério de separação o ponto de articulação entre as formas (duas ou mais) envolvidas na composição.

de nomes. Nesse sentido, há apenas o uso do ponto simples para marcar o final dos enunciados, formando, assim, sempre novos parágrafos. Por outro lado, como a ortografia dessa língua ainda está em construção, emprego, a título de experimentação, tanto a vírgula quanto o ponto simples nas transcrições que realizo da língua Suruí, mas isso não implica que esses símbolos serão usados sistematicamente pelo povo Aikewára.

Do mesmo modo, eles não empregam na escrita nem o sinal de exclamação nem o de interrogação. O primeiro sinal, mesmo em Português, tem uso extremamente restrito, e, no caso da língua Suruí, sua utilidade ainda não foi, aparentemente, sentida pelos usuários da escrita. Ressalte-se ainda que o uso de interrogação em Suruí seria redundante, uma vez que as perguntas são identificadas nos enunciados por meio de partículas de pergunta (*pa'e*, *pe*, por exemplo).

Logo, tal como o hífen, esses dois sinais gráficos, apesar de constarem no interior das transcrições feitas por mim para esta tese, não têm, ainda, um uso efetivo na ortografia da língua Suruí.

Por fim, símbolos como *ponto e vírgula* ( ; ), *dois pontos* ( : ), *aspas* ( “ ” ), *parênteses* ( ( ) ), *colchetes* ( [ ] ), *chaves* ( { } ), *barra* ( / ), *travessão* ( — ) e *reticências* ( ... ), não fazem parte ainda da escrita da língua Suruí, o que não exclui, de todo, a possibilidade de seu uso.

#### 5.5.4. Letras maiúsculas e minúsculas

Da mesma forma, observando os escritos em língua Suruí, constatei que não havia, ainda, a preocupação em escrever nem as letras das palavras iniciais dos enunciados nem os nomes próprios com letras maiúsculas, ou seja, tudo era escrito com letras minúsculas. Mesmo nas situações em que escreviam frases em Português, empregando maiúsculas perfeitamente nos contextos acima mencionados, a respectiva tradução em Suruí não as empregava. Contrariamente, quando os professores Suruí utilizam o computador para escrever seus textos para a escola ou, por exemplo, no caso das músicas que seriam utilizadas na festa Sapurahaj, em geral não se preocuparam em escrever o texto distinguindo maiúsculas e minúsculas, e escrevem tudo com letras maiúsculas (cf. Anexo G).

Já no espaço desta tese, emprego, no caso das transcrições da língua Suruí, letras maiúsculas para destacar nomes próprios (Su'ara, Ikatu, Miho, p.ex.). Com relação aos enunciados em Suruí, preferi deixá-los com iniciais minúsculas no interior dos verbetes,

empregando a maiúscula apenas nos marcadores *Ajnon* ‘assim, isso mesmo’ e *Eisag* ‘veja’ (ver Capítulo 9 sobre os modelos lexicográficos da língua Suruí).

Enfim, estas são algumas das questões relacionadas à escrita e à ortografia da língua Suruí, mas que devem ainda ser tratadas no contexto da sociedade Aikewára, a fim de se chegar a uma proposta que, ainda que incompleta (é possível chegar a um fim nesse processo?), seja resultado do conhecimento e das necessidades emanadas desse povo indígena.

## 6 ELEMENTOS PARA UMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA SURUÍ

Ao propor a construção de materiais lexicográficos para a língua Suruí, fez-se necessária a realização de uma breve descrição gramatical dessa língua, sobretudo para contemplar aspectos não contemplados em trabalhos anteriores, de forma que o trabalho de construção de materiais lexicográficos aqui proposto fosse devidamente fundamentado em um conhecimento das estruturas morfológicas e morfossintáticas dessa língua.

Apresento, aqui, uma descrição de aspectos morfológicos e morfossintáticos da língua Suruí. O estudo morfológico baseou-se no trabalho de Rodrigues (2010 [1981], p. 11-42; 1996; 2000),<sup>47</sup> no qual ele descreve a estrutura morfológica da língua Tupinambá.<sup>48</sup>

O Tupinambá e o Suruí embora classificados em sub-ramos distintos da família linguística Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1985; 1986), são línguas gramaticalmente conservadoras, compartilhando uma alta percentagem de traços estruturais.

Há ainda o fato de que esse trabalho de Rodrigues tem sido referência de inúmeros outros trabalhos descritivos de línguas Tupí-Guaraní,<sup>49</sup> os quais têm adotado sistematicamente a terminologia por ele proposta na descrição de modos verbais, de nominalizadores, de séries pronominais, de aspecto/modo de ação e de expressões de modalidade, além dos processos de composição e de reduplicação típicos dessas línguas.

### 6.1. ASPECTOS DA MORFOLOGIA DA LÍNGUA SURUÍ

No domínio da Morfologia, os morfemas, enquanto constituintes imediatos da palavra, podem ser classificados como *afixos* e *raízes*, e ambos podem ser subdivididos em:

#### – AFIXOS

##### ▪ PREFIXOS

- flexionais
  - relacionais
  - pessoais
- derivacionais
  - nominalizadores

<sup>47</sup> Nesse trabalho, Rodrigues (2010, p. 11-12) trata da “divisão dos morfemas em afixos e raízes e [...] da classificação das raízes em função de sua combinação com os diferentes afixos”, e também da reduplicação. Ele ainda classifica as raízes “segundo sua combinação ou não com os prefixos relacionais” e demonstra “as possibilidades do processo de composição em Tupinambá”, tratando, por fim, “das duas grandes classes de palavras identificáveis nessa língua – nomes e verbos”.

<sup>48</sup> Segundo Rodrigues, esse trabalho de descrição da morfologia do Tupinambá foi iniciado na década de 1950 e concluído na década de 1980, com revisões na década de 1990.

<sup>49</sup> Ver, por exemplo, Jensen (1984, p. 75-117) e Cabral (2000, p. 233-262).

- causativos
- reflexivos
- SUFIXOS
  - flexionais
    - causais
    - modais
    - negação
  - derivacionais
    - endocêntricos
    - exocêntricos
- REDUPLICAÇÃO
  - monossilábica
  - dissilábica
- RAÍZES
  - CLASSIFICAÇÃO
    - Classe I
    - Classe II
    - Classe III
  - COMPOSIÇÃO
    - Determinativa
    - Atributiva
    - Objetiva

### 6.1.1. Morfemas

Apresento, nesta primeira parte, a descrição morfológica da língua Suruí e, em seguida, trato da caracterização das palavras (nomes, verbos e partículas) nessa língua.

#### 6.1.1.1. Afixos: Prefixos

##### *6.1.1.1.1. Prefixos relacionais*

Segundo Cabral, Rodrigues e Franceschini (2013, p. 402), os prefixos relacionais constituem “um conjunto de prefixos que expressam a dependência sintática de um tema relativo com respeito ao seu determinante”. Essa classe de prefixos pode fazer referência ao contexto gramatical ou ao contexto pragmático. Em Suruí identificamos os seguintes prefixos relacionais:

## a) Prefixos relacionais que fazem referência ao contexto gramatical

$(u- \sim us-) \infty w-$	“O determinante de um nome [...] é idêntico ao sujeito.”
$s\varepsilon-$	“O determinante de um verbo [...] é idêntico ao sujeito.”
$s\sigma-$	“O determinante alterna-se reciprocamente com o sujeito.”
$i- \infty \emptyset- \infty h-$	“O determinante é diferente do sujeito e distinto do falante e do ouvinte.”
$(r- \sim n-) \infty \emptyset-$	“O determinante é a locução nominal contígua (imediatamente precedente).”

## b) Prefixos relacionais que fazem referência ao contexto pragmático

$uru-$	“O determinante é o ouvinte, sendo sujeito o falante ( $\pm$ terceira pessoa)”
$p\varepsilon-$	“O determinante é o ouvinte mais outrem, sendo sujeito o falante ( $\pm$ terceira pessoa)”
$t- \infty \emptyset- \infty \rho- \infty$ $p- > m-$	“O determinante é ser humano indefinido”: $t-eha$ ‘olho de gente (ou de muitos)’, $t-aku$ ‘quentura de gente’, $t-uwi$ ‘sangue de gente (ou de muitos)’, $m\sigma$ ‘mão de gente (ou de muitos)’, $\emptyset-pi\lambda a$ ‘fígado de gente (ou de muitos)’

## 6.1.1.1.2. Prefixos pessoais

1	$a- \infty w\varepsilon-$	$a-wir\sigma g$ ‘eu roço’, $a-kupir$ ‘eu capino’; ... $w\varepsilon-ho-w$ ‘indo eu’
2	$\varepsilon\varepsilon\varepsilon- \infty \varepsilon-$	$\varepsilon\varepsilon-tiriyg$ ‘eu acordo’, $\varepsilon\varepsilon-ker$ ‘eu durmo’; $\varepsilon-s\varepsilon-mu-haku\lambda i$ ‘tenha cuidado’
13	$uru-$	$uru-asesm\sigma n\sigma g$ ‘nós (excl.) cortamos’, $uru-nup\sigma$ ‘nós (incl.) batemos’
23	$p\varepsilon-$	$p\varepsilon-suka$ ‘eu mato’, $p\varepsilon-wuhyj$ ‘eu carrego’, $p\varepsilon-raha$ ‘eu levo’
12(3)	$sa-$	$sa-ker$ ‘nós (incl.) dormimos’, $sa-ha$ ‘nós (incl.) vamos’
3	$u- \infty w-$	$u-pihig$ ‘ele pega’; $w-\varepsilonraha$ ‘ele leva’



## 6.1.1.2. Afixos: Sufixos

## 6.1.1.2.1. Sufixos flexionais

a) Os sufixos flexionais causais da língua Suruí são os seguintes:

- *-a* ~  $\emptyset$  (marca o caso argumentativo)<sup>50</sup>

005 ne apina

nɛ  $\emptyset$ -apin-a  
2 R<sup>1</sup>-cabeça-ARG  
'tua cabeça'

006 pe nuwya

pɛ n-uwi-a  
23 R<sup>1</sup>-sangue-ARG  
'sangue de vocês'

007 hoga

h-ɔg-a  
R<sup>2</sup>-casa-ARG  
'casa (de alguém)'

008 kunumia irumukusa'e

kunumi-a iru-mukus-aʔɛ  
menino-ARG irmão-dois-NMLZ.PRED  
'o menino tem um irmão gêmeo'

009 sene po

sɛnɛ  $\emptyset$ -pɔ- $\emptyset$   
12(3) R<sup>1</sup>-mão-ARG  
'nossa mão'

---

<sup>50</sup> De acordo com Cabral, Silva e Andrade (2013, p. 3), o caso argumentativo “caracteriza-se por marcar tanto nomes e verbos em função de argumento, quanto por englobar as principais funções gramaticais: sujeito de verbos transitivos (A) e intransitivos (S), objeto direto (O) e objeto de posposições”. Há, na língua Suruí, a ocorrência regular desse caso. Indico ainda para uma discussão mais aprofundada do tema o artigo de Rodrigues (1996, 57-66), no qual ele registra sua nova análise desenvolvida em 1990 do morfema *-a* que, em seus trabalhos anteriores, fora rotulado de *caso nominal*.

010 sawara usaruetewa'e

sawar-a u-saru-εε-wa?ε-Ø  
 onça-ARG 3-ser.brabo-INT-NMLZ-ARG  
 'a onça é braba'

- *-amu ~ -ramu ~-namu* (marca o caso translativo)

011 aha puta ri'a isukaw tasahuamu

a-ha puta ri?a i-suka-w tasahu-amu  
 1-ir PROJ DECL R<sup>2</sup>-matar-GER porcão-TRANSL  
 'eu vou para matar porcão' (talvez eu mate um porcão)

012 ure purumu'etaramu

ure Ø-puru-mu?ε-tar-amu  
 13 R<sup>1</sup>-gente-fazer.dizer-NMLZ.AG-TRANSL  
 'nós somos professores'

013 ma'eramu pa'e kuso nuse'engara uwi?

ma?ε-ramu pa?ε kusɔ n(a) u-sε?εηara-wi  
 que-TRANSL PERG.I mulher NEG 3-cantar-NEG  
 'por que as mulheres não estão cantando?'

014 monamu puta pa'e ituri wahemamapa?

mɔ-namu puta pa?ε i-tur-i w-ahe-ma-map-a  
 quando/onde-TRANSL PROJ PERG.I R<sup>2</sup>-vir-IND.II 3CORR-chegar-COMPL-RED-GER  
 quando todos vão chegar?

- *-pe* (marca o caso locativo pontual)

015 ita iwewu wewuj ti pope

ita-Ø i-wewu-wewus ti Ø-pɔ-pe  
 pedra-ARG 3-ser.leve-RED 1 R<sup>1</sup>-mão-LP  
 'a pedra está leve na minha mão'

016 aiko ra'e wehe re pa'e erehow ka'a pe eataw

aiko raʔε wehε r-ε paʔε εε-hɔ-w kaʔa-pe ε-ata-w  
 ontem R<sup>1</sup>-REL PERG.I 2-ir-GER mato-LP 2-andar-GER  
 'ontem você foi andar no mato'

- *-imu* (marca o caso locativo difuso)

017 'ɔga 'arimu

ʔɔg-a Ø-ʔar-imu  
 casa-ARG R<sup>1</sup>-superfície-LD  
 'em cima da casa'

018 'arimu

ʔar-imu  
 luz.do.dia-LD  
 'pelo dia'

b) Os sufixos flexionais modais da língua Suruí são os seguintes:

- *-a ~ -w ~ -ta* (marca o modo gerúndio)

019 Muretama weraha kyse ipyhyka ti wi

muretam-a w-εraha kyse-Ø i-pihik-a ti +wi  
 Muretam-ARG 3-levar faca-ARG R<sup>2</sup>-pegar-GER 1 +ABL  
 'Muretama levou a faca que pegou de mim'

020 tapi'ira puta oho ka'a wi uhema

tapiʔir-a puta ɔ-hɔ kaʔa +wi u-hem-a  
 anta-ARG PROJ 3-ir mato ABL 3CORR-sair-GER  
 'a anta vai sair do mato'

021 pehe puta pesuka ma'ea pesehow?

pεhe puta pε-suka maʔε-a pεεε-hɔ-w  
 23 PROJ 23-matar caça-ARG 23CORR-ir-GER  
 'vocês vão para matar aquelas caças?'

022 aiko ra'e wehe rako aha ka'a pe weketa

aiko raʔε wehε rakɔ a-ha kaʔa-pe we-kε(r)-ta  
 ontem AT.I 1-ir mato-LP 3CORR-dormir-GER  
 'ontem eu fui dormir no mato'

- *-i ~ -s* (marca o modo indicativo II) (cf. subseção 6.1.3.2.3)

023 mowi pa'e ripo iture sawara?

mɔ +wi paʔε ripo i-tur-i sawar-a  
 onde ABL PERG.I DUB R<sup>2</sup>-vir-IND.II onça-ARG  
 'de onde a onça vem?'

024 ka'awi puta ihoj tapi'ira

kaʔa +wi puta i-hɔ-s tapiʔir-a  
 mato +ABL PROJ R<sup>2</sup>-ir-IND.II anta-ARG  
 do mato a anta vai sair

025 tipiw ihoj karuarahua usona

tipiw i-hɔ-s karuarahu-a u-sɔn-a  
 perto R<sup>2</sup>-ir-IND.II paca-ARG 3-correr-GER  
 a paca correu perto de mim

- *-amu ~ -ramu ~ -namu* (marca o modo subjuntivo)

026 Suta'ar sene 'arimu ihoramu puhi ke pe esaukar puhi

sutaʔar-a sene Ø-ʔar-imu i-hɔ-ramu  
 suta'ar-ARG 12(3) R<sup>1</sup>-superfície-LD R<sup>2</sup>-ir-SUBJ

puhi ke pe ε-sa-ukar-a puhi  
 PROIB DES 23 2CORR-ver-C.PREP-GER PROIB

'quando Suta'ar passar sobre nós, não amostrar (não apontar)'

- Não há marcas sufixais para o modo indicativo I na língua Suruí. Entretanto, a morfossintaxe do verbo — marcas pessoais, hierarquia referencial — nesse modo o distingue dos demais modos.

027 pehe rako ti nupo pe

pɛhɛ rakɔ ti Ø-nupɔ pɛ  
 23 AT.I 1 R<sup>1</sup>-bater 2.ERG  
 ‘vocês bateram em mim’

028 ure uruapo ’oga

urɛ uru-apɔ ʔ-ɔg-a  
 13 13-fazer R<sup>4</sup>-casa-ARG  
 nós fizemos estas casas

- Também não existem marcas sufixais para o modo imperativo na língua Suruí. Este modo também recebe prefixos pessoais próprios, embora se combine com prefixos pessoais próprios. Ressaltamos que a morfossintaxe do verbo no imperativo é também condicionada pela hierarquia referencial.

029 esuka

ɛ-suka  
 2-matar  
 mata

030 eho

ɛ-hɔ  
 2-ir  
 vá

031 pesahug peho

pɛ-sahug pɛ-hɔ  
 23-banhar 23-ir  
 vão tomar banho

032 emono ma'esawara tukaru

pɛ-mɔnɔ maʔesawar-a t(a) u-karu  
 23-dar cachorro-ARG PERMISS 3-comer  
 deem comida pro cachorro

#### 6.1.1.2.2. Sufixos derivacionais

##### a) endocêntricos

A língua Suruí também possui um conjunto de sufixos derivacionais que formam temas que mantêm a mesma classe da base, são eles:

- *-hu ~ -uhu* (intensivo)

*tatu + -hu* → *tatuhu* 'tatu grande'  
*tareiri + -uhu* → *tareirihu* 'traíra grande'  
*ameʔa + -uhu* → *ameʔauhu* 'testículo grande'

- *-ʔi* (atenuativo)

*wira + -ʔi* → *wiraʔi* 'pássaro pequeno'  
*akara + -ʔi* → *akaraʔi* 'acará pequeno'

- *-εʔim* (privativo)

*tahi + -εʔim* → *tahiεʔim* 'sem dor de gente'  
*usakuw + -εʔim* → *usakuweʔim* 'eles não (estão) quentes'  
*ti Ø-kɔtaw + -εʔe + -(ε)ʔim-* → *ti kɔtawεʔim* 'meu não amigo (meu inimigo)'  
*iʔaw + -εʔim + -a + -ʔe* → *iʔaweʔimaʔe* 'que não tem cabelo'

- *-tuɔ* (coletivizador)

*awaʔiahu + -tuɔ* → *awaʔiahutuɔ* 'jovens'  
*awaʔimon + -tuɔ* → *awaʔimontuɔ* 'velhos'

##### b) exocêntricos

Há vários sufixos derivacionais exocêntricos na língua Suruí que formam temas com classe diferente da classe da base, são eles:

– *Nominalizadores de temas verbais*



- -war ‘nome de procedência’

Este nominalizador forma nomes de procedência construídos a partir de sintagmas posposicionais.

035 ti roga pupewara ripo mongaty oho

ti r-ɔg-a            Ø-pupe-war-a            ripo mo    Ø-kati ɔ-ho  
 1 R<sup>1</sup>-casa-ARG    R<sup>1</sup>-dentro-nmlz-ARG    DUB onde R<sup>1</sup>-DIR 3-ir  
 ‘os que são de dentro de minha casa possivelmente foram na direção de algum lugar’ (na minha casa não tem ninguém)

036 ka’apewara

kaʔa-pe-war-a  
 mato-LP-NMLZ-ARG  
 ‘no mato ele foi’

- -waʔε ‘nominalizador de circunstâncias’

037 Miho use’engar kwahawa’e

mihɔ-Ø    u-seʔεŋa-kwaha(w)-waʔε  
 miho-ARG    3-cantador-conhecer-NMLZ  
 ‘Miho é um bom cantador’

038 ti rirua iaturuewa’e

ti r-iru-a            i-aturue-waʔε  
 1 R<sup>1</sup>-camisa-ARG    R<sup>2</sup>-curta-NMLZ  
 ‘minha camisa é a que está curta’

### 6.1.1.3. Reduplicação

a) Reduplicação monossilábica

*kɔnɔ* ‘torto’ → *kɔnɔnɔs* ‘muito torto (manco)’  
*akus* ‘eu caio’ → *akukus* ‘eu caio várias vezes’

b) Reduplicação dissilábica

*amɔmɔn* ‘eu enrolo’ → *amɔmɔmɔmɔn* ‘eu enrolo várias vezes’

*tapisar* ‘muitos (mais de quatro)’ → *tapisapisar* ‘muitos (em grande quantidade)’

*apukas* ‘eu grito’ → *apukapukas* ‘eu grito ainda mais forte (ecoar)’

*amupen* ‘eu quebro’ → *amupemupen* ‘eu quebro em vários pedaços’

*aru?ag* ‘eu viro’ → *aru?aru?ag* ‘eu viro várias vezes (girar)’

## 6.1.2. Raízes

Além dos afixos, a outra categoria analisada é a das raízes na língua Suruí.

### 6.1.2.1. Classificação das raízes

A classificação de raízes proposta por Rodrigues (2010, p. 16-17) leva em consideração a possibilidade ou não de combinação da raiz com afixos flexionais. Dessa forma, é possível identificar três classes de raízes:

- *Classe I*: combinável com o prefixo *i-* do relacional  $R^2$ .
  - *Subclasse Ia*: raízes que não começam por /p/: combinam-se com o alomorfe  $\emptyset$ - do  $R^4$ .
  - *Subclasse Ib*: raízes que começam por /p/: combinam-se com o alomorfe *m-* do  $R^4$ .
- *Classe II*: combinável com os alomorfes *t-*, *h-* e  $\emptyset$ - do relacional  $R^2$  (admite somente raízes iniciadas por vogal).
  - *Subclasse IIa*: raízes que se combinam com o  $\emptyset$ - do relacional  $R^2$  e *t-* do relacional  $R^4$ .
  - *Subclasse IIb*: raízes que se combinam com o *t-* do relacional  $R^2$  e *t-* do relacional  $R^4$ .
  - *Subclasse IIc*: raízes que se combinam com o *t-* /  $\emptyset$ - / *h-* do relacional  $R^2$  e  $\emptyset$ - / *t-* / *h-* do relacional  $R^4$ .
  - *Subclasse IId*: raízes que se combinam com o  $\emptyset$ - do relacional  $R^2$  e *t-* / *u-* →  $\emptyset$ - do relacional  $R^4$ .
- *Classe III*: não combinável com prefixos relacionais (admite somente raízes nominais)

QUADRO 13 – DISTRIBUIÇÃO DOS PREFIXOS DAS CATEGORIAS R<sup>1</sup> A R<sup>4</sup>, SEGUNDO AS CLASSES E SUBCLASSES DAS RAÍZES

Classes	Subclasses	R <sup>1</sup>	R <sup>2</sup>	R <sup>3</sup>	R <sup>4</sup>	Exemplos
I	a	∅-	i-	u- / w-	∅-	<i>apin</i> ‘cabeça’, <i>'aw</i> ‘cabelo’, <i>kɔ</i> ‘roça’, <i>kɛr</i> ‘dormir’, <i>piʔa</i> ‘fígado’, <i>siwʔa</i> ‘braço’
	b	∅-	i-	u-	p- > m-	<i>pɔ</i> ‘mão’, <i>pir</i> ‘pele’, <i>purahas</i> ‘dançar’, <i>pɛpuwir</i> ‘sofá’
II	a.i	r- / n-	∅-	u- / us-	t-	<i>aku</i> ‘quente’, <i>ɛha</i> ‘olho’, <i>ɛmɔ</i> ‘pênis’, <i>uwĩ</i> ‘sangue’
	a.ii	r- / n-	h-	u- / us-	t-	<i>ɔs</i> ‘dente’
	a.ii	r- / n-	h-	u- / us-	∅-	<i>ɔw</i> ‘folha’
	b	r- / n-	t-	w-	t-	<i>uw</i> ‘pai’, <i>aʔir</i> ‘filho (homem falando)’
	c	r- / n-	h-	w-	ʔ-	<i>ʔɔg</i> ‘casa’ <i>uʔiw</i> ‘flecha’
	d	r- / n-	∅	w-	t- → ∅	<i>ɛkus</i> ‘cuia’, <i>puramɔr</i> ‘peidar’, <i>puti</i> ‘cagar’
III	–	–	–	–	–	<i>amɔnisu</i> ‘algodão’, <i>arar</i> ‘arara’, <i>sawar</i> ‘onça’, <i>kwarahy</i> ‘sol’, <i>wasnɔm</i> ‘beija-flor’

Observação: No caso do relacional que marca um determinante genérico (R<sup>4</sup>) do tema 1b, existe, na língua Suruí, uma forma supletiva iniciada com *n*.

### 6.1.2.2. Composição

#### 6.1.2.2.1. Composição determinativa

Nesse tipo de composição há duas raízes nominais em que a primeira determina a segunda:

*aru* nIII ‘sapo (esp.)’ + *pɔ* nIb ‘mão’ → *arupɔ* ‘lit. mão do sapo → rastelo, garfo’

*inata* nIII ‘coco’ + *ri* nIII ‘água’ → *inatarĩ* ‘água de coco’

*kɔm* nIa ‘seio’ + *iru* nIII ‘recipiente’ → *kɔmiru* nIa ‘recipiente do seio → sutiã’

*sakare* nIII ‘jacaré’ + *siw* nIa ‘mandíbula’ → *sakareasiw* nIII ‘mandíbula de jacaré → cangalha’

#### 6.1.2.2.2. Composição atributiva

(a) há duas raízes nominais, sendo que a primeira é determinada pela segunda.

*ipira* nIII ‘peixe’ + *ɔs* nIIb ‘dente’ → *ipirɔs* nIII ‘peixe dentado → piranha’

*ɛmɛ* nIIa ‘lábio’ + *kɔŋ* nIa ‘osso’ → *ɛmɛkɔŋ* nIIa ‘lábio com osso → gengiva’

(b) há duas raízes, uma nominal e outra nominal descritiva; aqui a segunda determina a primeira.

*misara* nIII ‘veado’ + *pirɔŋ* nIa ‘vermelho’ → *misarapirɔŋ* nIII ‘veado-vermelho’

*sawara* nIII ‘onça’ + *pinima* nIa ‘pintado’ → *sawapinima* nIII ‘onça-pintada’

(c) há duas raízes, uma nominal e outra verbal intransitiva, em que a segunda determina a primeira.

*ipira* n.III ‘peixe’ + *kuʔɔm* v.intr ‘levantar’ + *-aw* nmlz → *ipirakuʔɔmawa* n.III ‘peixe levantado’

*ipira* n.III ‘peixe’ + *wɛwɛ* v.intr ‘voar’ + *-waʔɛ* nmlz → *ipirauwɛwɛwaʔɛ* n.III ‘peixe voador’

(d) há duas raízes, uma verbal (transitiva ou intransitiva) e outra nominal descritiva, em que a segunda determina a primeira.

*sɛʔɛŋ* v.intr ‘falar’ + *katuɛɛ* n. ‘verdade’ → *sɛʔɛŋ katuɛɛ* v. ‘falar a verdade’

*useʔɛŋar* v.intr ‘cantar’ + *iaruwaʔɛ* n. ‘bonito’ → *useʔɛŋar iaruwaʔɛ* v. ‘o que canta bonito’

#### 6.1.2.2.3. Composição objetiva

(a) há duas raízes, uma nominal e outra verbal transitiva, em que a primeira determina a segunda.

*puru* nIII ‘gente’ + *suka* vt ‘matar’ → *purusuka* ‘matar gente’

*puru* nIII ‘gente’ + *mupise* vt ‘fazer bem’ → *purumupise* ‘fazer bem (pra) gente’

*nami* nIIa ‘orelha’ + *kutuk* vt ‘furar’ → *namikutuk* ‘furar orelhar’

*ti* nIIa ‘nariz’ + *nupen* vt ‘quebrar’ → *tinupen* ‘quebrar nariz’

#### 6.1.2.2.4. Composição mista

Assim como no Tupinambá, na língua Suruí toda composição pode ser componente de uma nova composição.

*misara* nIII ‘veado’ + *katiŋ* nd ‘fedorento’ → *misakatiŋ* ‘burro’ + *-rɔna* sml ‘parecido’ → *misakatiŋrɔna* nIII ‘parecido com burro fedorento → vaca, boi’

### 6.1.3. Nomes e verbos

Partindo da noção de classes de palavras da gramática tradicional, Payne (2006) afirma que, em muitas línguas, as duas principais classes são as dos *nomes* e dos *verbos*. Segundo esse autor,

For nouns and verbs, prototypes can be identified in terms of meaning. The class of NOUNS in any language includes words that refer to highly BOUNDED or INDIVIDUATED entities, e.g., ‘tree,’ ‘mountain,’ ‘mausoleum,’ etc. These are concepts that tend not to change very much over time, and which can be referred to repeatedly in discourse as the same thing. (PAYNE, 2006, p. 94)<sup>52</sup>

Ambas as categorias, a do nome e a do verbo, existem na língua Suruí e, conforme observado por Payne (2006), nesta língua elas correspondem às formas mais recorrentes. A seguir, trato de cada uma delas, separadamente.

#### 6.1.3.1. Nomes

Os nomes em Suruí são flexionáveis e, com exceção dos nomes relacionais, se combinam com sufixos casuais. Além disso, eles não se combinam com os prefixos pessoais, nem com os sufixos modais.

Rodrigues (2010) identifica, em Tupinambá, subclasses dos nomes: *substantivos*, *nomes descritivos*, *paradigmas do indicativo I de nomes descritivos como núcleos de predicados* e *demonstrativos*. Essas mesmas subclasses também estão presentes na língua Suruí.

##### 6.1.3.1.1. Substantivos

De acordo com Rodrigues (2010, p. 21), esta subclasse dos substantivos é aberta, não possui restrições quanto à sua distribuição, ou seja, ela pode ocorrer como “determinante ou determinado nas locuções, como sujeito ou objeto nas orações”, como pode ser observado nos exemplos da língua Suruí, a seguir:

- *Paradigmas de flexão casual*: 1) *-uw nIIb* ‘pai’, 2) *-iru nIa* ‘companheiro’, 3) *kaʔa nIII* ‘mato’, 4) *kwar nIa* ‘buraco’, 5) *ipitun nIII* ‘noite’, 6) *ʔiwir nIa* ‘cintura’.

---

<sup>52</sup> Tradução: “Para nomes e verbos, protótipos podem ser identificados em termos de significado. A classe dos NOMES em qualquer língua inclui palavras que se referem a entidades DELIMITADAS ou INDIVIDUALIZADAS, por exemplo, ‘árvore’, ‘montanha’, ‘mausoléu’ etc. Estes são conceitos que não tendem a mudar muito ao longo do tempo, e que podem ser referidos repetidamente no discurso como a mesma coisa.” (tradução nossa).

TABELA 03 – PARADIGMAS DE FLEXÃO CASUAL

<i>Caso</i>						
Argumentativo	<i>-uw-a</i>	<i>iru-∅</i>	<i>kaʔa-∅</i>	<i>kwar-a</i>	<i>ipitun-a</i>	<i>ʔiwir-a</i>
Translativo	<i>-uw-amu</i>	<i>iru-namu</i>	<i>kaʔa-ramu</i>	<i>kwar-amu</i>		<i>ʔiwir-amu</i>
Loc. pontual			<i>kaʔa-pe</i>			
Loc. difuso					<i>ipitun-amu</i>	<i>ʔiwir-imu</i>

– *Paradigmas de flexão determinativa com prefixos relacionais*: 1) *apin nIa* ‘cabeça’, 2) *ti nIa* ‘nariz’, 3) *pɔ nIb* ‘mão’, 4) *ɛha nIIa* ‘olho’, 5) *uw nIIb* ‘pai’, 6) *uʔiw nIIc* ‘flecha’, 7) *pe nIIId* ‘caminho’, *ekus nIIId* ‘cuia’

TABELA 04 – PARADIGMAS DE FLEXÃO DETERMINATIVA COM PREFIXOS RELACIONAIS

<i>Prefixos</i>								
D = S	<i>u-apina</i>	<i>u-ti</i>	<i>ɔ-pɔ</i>	<i>w-ɛha</i>	<i>us-uwa</i>	<i>u-uʔiwa</i>	<i>w-ape</i>	<i>w-ekus</i>
D ≠ S	<i>i-apina</i>	<i>i-ti</i>	<i>i-pɔ</i>	<i>h-ɛha</i>	<i>t-uwa</i>	<i>t-uʔiwa</i>	<i>h-ape</i>	<i>h-ekus</i>
D = C	<i>∅-apina</i>	<i>∅-ti</i>	<i>∅-pɔ</i>	<i>r-ɛha</i>	<i>r-uwa</i>	<i>r-uʔiwa</i>	<i>r-ape</i>	<i>r-ekus</i>
D = H	<i>∅-apina</i>	<i>∅-ti</i>	<i>mɔ</i>	<i>t-ɛha</i>	<i>t-uwa</i>	<i>ʔ-uʔiwa</i>	<i>t-ape</i>	<i>t-ekus ~ kus</i>

– Em Suruí, há três sufixos que expressam o estado de existência dos referentes de nomes, *-∅* ‘atual’, *-ɾɔm* ‘prospectivo’ e *-kwɛr* ‘retrospectivo’.

TABELA 05 – FORMAS *-ɾɔm* E *-kwɛr*

ATUAL	RETROSPECTIVO	PROSPECTIVO
<i>∅-kɔ nIa</i> ‘roça’	<i>kɔkwɛra</i> ‘ex-roça’	<i>kɔɾɔm</i> ‘que vai ser roça’
<i>∅-ʔiwɪ nIII</i> ‘árvore’	<i>ʔiwɪpukwɛra</i> ‘tronco’	<i>ʔiwɪpukɾɔm</i> ‘que vai ser tronco’
<i>∅-ɛɛkatara nIa</i> ‘marido’	<i>ɛɛkataraɛra</i> ‘viúva’	<i>ɛɛkataraɾɔm</i> ‘futura viúva’
<i>∅-sɛʔɛŋ</i> ‘fala’	<i>sɛʔɛŋawɛra</i> ‘recado’	<i>sɛʔɛŋaɾɔm</i> ‘que vai ser recado’
<i>∅-ɛmɪɛkɔ nIa</i> ‘esposa’	<i>ɛmɪɛkɔkwɛra</i> ‘ex-esposa’	<i>ɛmɪɛkɔɾɔm</i> ‘futura esposa’

– *Vocativos*: Rodrigues (2010) identificou dois tipos de vocativo: vocativos substantivos e vocativos independentes.

TABELA 06 – VOCATIVOS NA LÍNGUA SURUÍ

vocativos substantivos	<i>timikɔŋ</i> nIa ‘pelve’: <i>timikɔŋ!</i> ‘Pelve!’
	<i>ikatu</i> nIII ‘macaxeira, o que é bom’: <i>ikatu!</i> ‘Macaxeira!’
	<i>iwikatu</i> nIII ‘terra boa’: <i>iwikatu!</i> ‘Terra boa!’
	<i>wasnɔm</i> nIII ‘beija-flor’: <i>wasnom!</i> ‘Beija-Flor!’
vocativos independentes	<i>mitum</i> voc ‘pai!’, ‘papai!’ (mulher falando)
	<i>na</i> voc ‘pai!’, ‘papai!’ (homem falando)
	<i>mihɨ</i> voc ‘mãe!’, ‘mamãe!’ (mulher falando)
	<i>inɛ</i> voc ‘mãe!’, ‘mamãe!’ (homem falando)

#### 6.1.3.1.2. Nomes descritivos

“Subclasse aberta, com restrições de distribuição; pode ocorrer como determinado nas locuções, como sujeito ou objeto nas orações verbais e como núcleo de predicados descritivos.” (RODRIGUES, 2010, p. 24): *uriw* ‘alegre, alegria’, *uriwa* ‘alegria’, *uriwramu* ‘na qualidade de estar alegre’, indicativo II *urɨw* ‘está alegre’.

– *Paradigmas do indicativo I de nomes descritivos como núcleos de predicados*: esses paradigmas incluem formas com os prefixos relacionais *i-* ∞ *∅-* ∞ *h-* e (*r-* ~ *n-*) ∞ *∅-*: *kuspia iapu?a* ‘a cuia é redonda’, *misara ipiroŋwa?ɛ* ‘o veado é vermelho’.

– *Paradigmas do gerúndio de nomes descritivos como núcleos de predicados*:

039 wakuwamu

w-akuw-amu

3-quente-GER

‘ficando quente’

040 wurywamu

w-uriw-amu

3-alegre-GER

‘ficando alegre’

#### 6.1.3.1.3. Numerais

– *usepɛɛ* ‘um’

– *namukus* ‘dois’

- *irutehe* (*irueʔimaʔe*) ‘três’
- *irutehehik* ‘quatro’
- *tapisar* ‘muitos’
- *tapisapisar* ‘muitos (indefinido)’

#### 6.1.3.1.4. Demonstrativos

“Subclasse fechada, com certas particularidades de distribuição morfológica e sintática.” (RODRIGUES, 2010, p. 26).

QUADRO 14 – MATRIZ COMPONENTIAL DOS DEMONSTRATIVOS NA LÍNGUA SURUÍ

		Próximo do falante	Afastado do falante	
			Próximo do ouvinte	Afastado do ouvinte
Determinado	Visível	<i>kɔ</i> (este, aqui) <i>ikɔ</i> (daqui) <i>ʔaw</i> (este aqui, bem próximo ao falante)		<i>kwes</i> (aquele lá, lugar) <i>pɛ</i> (esse lá) <i>pɛw</i> (lá)
	Invisível	<i>aikɔ</i> (este)	<i>aʔɛ</i> (esse, aquele de quem se fala)	<i>aikwes</i> (aquele lá) <i>aipɛ</i> (esse lá) <i>aipɛw</i> (lá)
Indeterminado		<i>aimi</i> (aquele)		

Rodrigues (2010) apresenta os demonstrativos da língua Tupinambá e evidencia se suas referências são visíveis ou invisíveis. Como ainda não aprofundei a descrição acerca dessa característica na língua Suruí, limito-me a apresentar os demonstrativos já repertoriados dessa língua, distribuídos por raízes:

- *kɔ* ‘este, aqui’  
*kɔ kati* ‘por aqui’  
*aikɔ* ‘este’
- *ʔaw* ‘aqui’
- *kwes* ‘aquele’  
*aikwes* ‘aquele’
- *pɛw* ‘lá’  
*aipɛw* ‘lá’
- *aikɔ* (esse)
- *aʔɛ* ‘esse, aquele’
- *pɛ* ‘lá’  
*aipɛ* ‘lá’
- *aimi* ‘aquele’

### 6.1.3.1.5. Pronome

“Subclasse fechada, com limitações de distribuição morfológica e sintática.”  
(RODRIGUES, 2010, p. 29).

- Série I – “Só ocorre como enunciado independente, como sujeito de orações equativas e como sujeito enfático de outras orações.”
- Série II – “Ocorre como determinante em sintagmas nominais.”
- Série III – “Só ocorre como sujeito de orações transitivas cujo objeto é ou inclui o falante.”

QUADRO 15 – MATRIZ COMPONENTIAL DOS PRONOMES (SÉRIE I)

		<i>Oposição entre falante e ouvinte</i>		
		+		+
		falante	ouvinte	
3ª pessoa focal	–	<i>ise</i>	<i>ene</i>	<i>sene</i>
	+	<i>ure</i>	<i>pehe</i>	

QUADRO 16 – AS TRÊS SÉRIES DE PRONOMES E O DATIVO

		I	II	III
falante ± 3ª pess. não focal	‘eu’	<i>ise (se)</i>	<i>ti</i>	–
falante ± 3ª pess. focal	‘nós (excl.)’	<i>ure</i>	<i>re</i>	–
ouvinte ± 3ª pess. não focal	‘você’	<i>ene (ne)</i>	<i>ne</i>	<i>sepe</i>
ouvinte ± 3ª pess. focal	‘vocês’	<i>pehe</i>	<i>pe</i>	<i>penehe</i>
falante ± ouvinte ± 3ª pess. focal	‘nós (incl.)’	<i>sene</i>	<i>sene</i>	–

### 6.1.3.1.6. Relacional (posposições)

De acordo com Rodrigues (2010, p. 30), os relacionais (posposições) constituem uma “subclasse fechada, com limitações de distribuição morfológica e sintática”, que “só se flexionam com os prefixos relacionais e só ocorrem formando complementos nas orações”. Essas formas ocorrem na língua Suruí, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

- *pe, ure* rIa ‘dativo’
- *pupe* rIa ‘dentro’

- *upi rIb* ‘ao longo de, pelo’
- *katĩ rIa* ‘na direção de’
- *enunε rIIa* ‘na frente de’

### 6.1.3.2. Verbo

A classe dos verbos, de acordo com Rodrigues (2010, p. 31), forma uma “classe de palavras flexionadas que se combinam com os prefixos pessoais [...] e com os sufixos modais [...]”. E, tal como no Tupinambá, a língua Suruí distingue, também, duas subclasses de verbos, a dos intransitivos e a dos transitivos, como pode ser verificado nos dados abaixo.

#### 6.1.3.2.1. Verbos intransitivos

A subclasse dos verbos intransitivos na língua Suruí “se combina com os prefixos pessoais unidos diretamente ao tema” (RODRIGUES, 2010, p. 31): *hɔ vi Ia* ‘ir’, *aha vi Ia* ‘eu vou’; *sɔn viIa* ‘correr’, *asɔn* ‘eu corro/corri’.

Por outro lado, quando esses verbos são combinados com “o sufixo modal de gerúndio [...], os verbos intransitivos ocorrem com o alomorfe” *wε-* e *ε-* dos prefixos *a-* e *εε-*: *hɔ vi Ia* ‘ir’, *wεhow* ‘indo eu’, *εhɔw* ‘indo você’.

#### 6.1.3.2.2. Verbos transitivos

“Subclasse aberta, que se combina [...] com os prefixos pessoais e com os prefixos relacionais [...]”: *esag vtIIa* ‘ver’, *aesag akumaʔε* ‘eu vejo o homem’; *nupɔ vtIa* ‘bater’, *ise rakɔ runupɔ* ‘eu bati em vocês dois’; *mukasim vtIIa* ‘perder’, *amukasim wεiwirapara* ‘eu perdi minha espingarda’.

#### 6.1.3.2.3. Modos do verbo

##### ▪ Indicativo I

– Paradigmas do Indicativo I de verbos intransitivos:

1	<i>aha</i>	‘fui’
2	<i>εεhɔ</i>	‘foste’
13	<i>uruhɔ</i>	‘fomos’
12(3)	<i>saha</i>	‘fomos’
23	<i>pεεhɔ</i>	‘fostes’
3	<i>ɔhɔ</i>	‘foi’

1	<i>apurahas</i>	‘dancei’
2	<i>εεpurahas</i>	‘dançaste’
13	<i>urupurahas</i>	‘dançamos’
12(3)	<i>sapurahas</i>	‘dançamos’
23	<i>pεpurahas</i>	‘dançastes’
3	<i>upurahas</i>	‘dançou’

1	<i>akaru</i>	‘comi’
2	<i>εεkaru</i>	‘comeste’
13	<i>urukaru</i>	‘comemos’
12(3)	<i>sakaru</i>	‘comemos’
23	<i>pεkaru</i>	‘comestes’
3	<i>ukaru</i>	‘comeu’

– O tema *ke* vi ‘entrar’:

1	<i>ake</i>	‘entrei’
2	<i>εεke</i>	‘entraste’
13	<i>uruke</i>	‘entramos’
12(3)	<i>saεke</i>	‘entramos’
23	<i>pεke</i>	‘entrastes’
3	<i>uke</i>	‘entrou’

– O tema *ur* vi ‘vir’

1	<i>asɔr</i>	‘vim’
2	<i>εεsɔr</i>	‘vieste’
13	<i>ur</i>	‘viemos’
12(3)	<i>sasɔr</i>	‘viemos’
23	<i>pεsɔr</i>	‘viestes’
3	<i>uasɔr</i>	‘veio’

– Os temas *pīnu* vi ‘peidar’ e *puti* vi ‘cagar’.

1	<i>apīnu</i>	‘peidei’
2	<i>εεpīnu</i>	‘peidaste’
13	<i>urupīnu</i>	‘peidamos’
12(3)	<i>sapīnu</i>	‘peidamos’
23	<i>pεpīnu</i>	‘peidastes’
3	<i>upīnu</i>	‘peidou’

1	<i>aputi</i>	‘caguei’
2	<i>ereputi</i>	‘cagaste’
13	<i>uruputi</i>	‘cagamos’
12(3)	<i>saputi</i>	‘cagamos’
23	<i>peputi</i>	‘cagastes’
3	<i>uputi</i>	‘cagou’

– Paradigmas do Indicativo I de verbos transitivos:

1	<i>asehes</i>	‘eu me lavei’
2	<i>eresehes</i>	‘tu te lavaste’
13	<i>urusehes</i>	‘nós nos lavamos’
12(3)	<i>saesehes</i>	‘nós nos lavamos’
23	<i>pesehes</i>	‘vós vos lavastes’
3	<i>usehes</i>	‘ele se lavou’

1	<i>akutuk...</i>	‘eu furo...’
2	<i>erekutuk...</i>	‘tu furas...’
13	<i>urukutuk...</i>	‘nós furamos...’
12(3)	<i>sakutuk...</i>	‘nós furamos...’
23	<i>pekutuk...</i>	‘vós furais...’
3	<i>ukutuk...</i>	‘ele furou...’

1	<i>a?u...</i>	‘eu como...’
2	<i>ere?u...</i>	‘tu comes...’
13	<i>uru?u...</i>	‘nós comemos...’
12(3)	<i>sa?u...</i>	‘nós comemos...’
23	<i>pe?u...</i>	‘vós comeis...’
3	<i>u?u...</i>	‘ele comeu...’

1	<i>a?e...</i>	‘eu digo...’
2	<i>ere?e...</i>	‘tu dizes...’
13	<i>uru?e...</i>	‘nós dizemos...’
12(3)	<i>sa?e...</i>	‘nós dizemos...’
23	<i>pe?e...</i>	‘vós dizeis...’
3	<i>u?e...</i>	‘ele disse...’

▪ Imperativo

– Paradigmas de verbos intransitivos:

Na língua Suruí o imperativo é construído com o alomorfe  $\varepsilon$ - do prefixo  $\varepsilon\varepsilon$ -:  $s\acute{o}n$  vi Ia ‘correr’,  $\varepsilon s\acute{o}n$  ‘corra!’,  $p\varepsilon s\acute{o}n$  ‘corram!’;  $karu$  vi Ia ‘comer’,  $\varepsilon karu$  ‘coma!’,  $p\varepsilon karu$  ‘comam!’;  $k\varepsilon$  vi IIa ‘entrar’,  $\varepsilon k\varepsilon$  ‘entre!’,  $p\varepsilon k\varepsilon$  ‘entrem!’.

– Paradigmas de verbos transitivos:  $\varepsilon hes...$  ‘lava...’,  $p\varepsilon hes...$  ‘lavam...’;  $\varepsilon \rho u...$  ‘come’,  $p\varepsilon \rho u...$  ‘comam’;  $\varepsilon kutuk...$  ‘fure...’,  $p\varepsilon kutuk...$  ‘furem...’.

▪ Gerúndio

– Paradigmas do Gerúndio de verbos intransitivos:

1	<i>w\varepsilon purahasta</i>	‘eu dançando’
2	<i>\varepsilon purahasta</i>	‘tu dançando’
13	<i>urupurahasa</i>	‘nós dançando’
12(3)	<i>sen\varepsilon purahasa</i>	‘nós dançando’
23	<i>p\varepsilon s\varepsilon purahasa</i>	‘vós dançando’
3	<i>use\varepsilon purahasa</i>	‘ele dançando’

1	<i>w\varepsilon h\acute{o}w</i>	‘eu indo’
2	<i>\varepsilon h\acute{o}w</i>	‘tu indo’
13	<i>uruh\acute{o}w</i>	‘nós indo’
12(3)	<i>sen\varepsilon h\acute{o}w</i>	‘nós indo’
23	<i>p\varepsilon s\varepsilon h\acute{o}w</i>	‘vós indo’
3	<i>\acute{o}h\acute{o}w</i>	‘ele indo’

Na língua Suruí há verbos que, no Gerúndio, ocorrem com um alomorfe de  $w\varepsilon$ -, a forma  $w\varepsilon t$ -:  $w\varepsilon t\acute{u}na$ ,  $w\varepsilon t\acute{o}ga$ . (A mesma orientação é válida também para os exemplos intransitivos todos no gerúndio).

– Paradigmas do Gerúndio de verbos intransitivos:

1	<i>w\varepsilon t\acute{u}na</i>	‘eu sentando’ / ‘para eu sentar’
2	<i>\varepsilon t\acute{u}na</i>	‘tu sentando’ / ‘para tu sentares’
13	<i>urut\acute{u}na</i>	‘nós sentando’ / ‘para nós sentarmos’
12(3)	<i>sen\varepsilon t\acute{u}na</i>	‘nós sentando’ / ‘para nós sentarmos’
23	<i>p\varepsilon s\varepsilon t\acute{u}na</i>	‘vós sentando’ / ‘para vós sentardes’
3	<i>\acute{o}t\acute{u}na</i>	‘ele sentando’ / ‘para eles sentarem’

▪ Indicativo II

Sobre o modo Indicativo II, Silva (2013, p. 423), citando trabalho de Rodrigues (1958), afirma que: “o modo Indicativo II era uma variedade de indicativo encontrada no Tupinambá, que ocorria quando uma circunstância antecedia um predicado com sujeito de primeira ou de terceira pessoa”. Além disso, Cabral e Rodrigues (2003, p. 18) enfatizam que “Os verbos em frases independentes iniciadas por uma expressão adverbial, que as condiciona (inclusive os numerais, que nesta língua têm força adverbial) engatilha o modo Indicativo II”, . Na língua Suruí eles podem ser demonstrados pelos seguintes paradigmas:

– Paradigmas de Indicativo II de verbos intransitivos: *i-puraha-s* ‘dançar’, *i-hɔ-s* ‘ir’, *i-ata-s* ‘andar’ (cf. subseção 6.1.1.2.1).

▪ Subjuntivo

– Paradigmas de Subjuntivo de verbos intransitivos: *i-hɔ-ramu* subj ‘ir’, *i-purahas-amu* subj ‘dançar’.

– Paradigmas de Subjuntivo de verbos transitivos: *i-suka-ramu* subj ‘matar...’,

6.1.3.2.4. *Negação dos predicados com núcleo verbal e com núcleo nominal descritivo*

Na língua Suruí, a negação é marcada pelo sufixo *-(u)wi*, que ocorre simultaneamente com a partícula *na* ‘não’, e esta possui um alomorfe na forma *n-*, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

*hɔ* vɪla ‘ir’, *aha* vɪla ‘eu vou’, *n ahawi* ‘eu não vou’

*sɛʔɛɲar* vɪla ‘cantar’, *asɛʔɛɲar* ‘eu canto’, *n asɛʔɛɲarawi* ‘não canto’

*sahug* vɪla ‘banhar-se’, *asahug* ‘eu me banho’, *n asahuwi* ‘ele não banhou’

*sɛkɪs* ‘morrer’, *usekɪs* ‘ele morreu’, *n usekɪsuwi* ‘ele não morreu’

*nɛ rahi* ‘você (está) doente’, *nɛ nɛ rahiwi* ‘você não (está) doente’

*suka* vtla ‘matar’, *asuka* ‘eu mato...’, *n asukawi* ‘eu não mato...’

*n ɛrekatarawi* ‘não quer marido’

*n usepurakarawi* ‘ninguém está caçando’

*n usetimiguwi* ‘ele não se sufocou’

Já a partícula *puhi*, posposta ao verbo, é responsável pelo imperativo negativo da língua Suruí.

*suka* vtla ‘matar’, *ɛsuka* ‘mata ele!’, *ɛsuka puhi* ‘não mata ele!’

*hɔ* viIa ‘ir’, *ɛhɔ* ‘vá’, *ɛhɔ puhi* ‘não vá’  
*ɛmuku’om* ‘levante-o’, *ɛmuku’om puhi* ‘não o levante’

No gerúndio, no indicativo II e no subjuntivo a negação se exprime mediante o acréscimo do sufixo *-ɛʔim* ‘proibitivo’, formador de tema negativo, ao qual se acrescentam os sufixos modais respectivos:

*tahi* ‘gente (está) doente’, *t-ahi-ɛʔim* ‘sem dor de gente (de muitos)’  
*iapihaw* ‘que tem cabelo’, *i-apihaw-ɛʔim-aʔɛ* ‘careca, que não tem cabelo’

## 6.2. ASPECTOS DA SINTAXE DA LÍNGUA SURUÍ

Apresento, nesta seção, uma descrição de aspectos importantes da sintaxe (morfossintaxe) da língua Suruí, com foco especial nos processos por meio dos quais palavras se combinam para formarem agrupamentos maiores, chegando ao nível da frase e da oração.<sup>53</sup>

Este estudo se justifica no quadro desta tese, antes de tudo por permitir uma melhor compreensão da contextualização e funcionamento do léxico no discurso, o que é fundamental para a construção de uma obra lexicográfica, como o dicionário aqui proposto.

Além disso, o conhecimento gramatical da língua é do maior interesse dos professores Suruí, que almejam compreender melhor o funcionamento de sua própria língua.

Desta forma, apresento uma súpula de alguns dos principais aspectos da sintaxe da língua Suruí.

### 6.2.1. Principais constituintes das orações da língua Suruí

Para iniciar o estudo da sintaxe da língua Suruí, é necessário identificar, antes, quais são os principais constituintes oracionais nessa língua. Para isso, parto da observação dos seguintes enunciados:

<sup>53</sup> Segundo Matthews (1982, p. 1 apud VAN VALIN JR., 2004, p. 1), “The term ‘syntax’ is from the Ancient Greek *śyntaxis*, a verbal noun which literally means ‘arrangement’ or ‘setting out together’. Traditionally, it refers to the branch of grammar dealing with the ways in which words, with or without appropriate inflections, are arranged to show connections of meaning within the sentence. Tradução: “O termo ‘sintaxe’ vem do grego antigo *śyntaxis*, uma forma verbo-nominal que significa literalmente ‘arranjo’ ou ‘estabelecendo conjuntos’. Tradicionalmente, ele se refere ao ramo da gramática que trata das formas como as palavras, com ou sem flexões apropriadas, estão dispostas para mostrar conexões de sentido dentro da sentença.” (tradução nossa).

041 arara uwewe

arar-a u-wɛwɛ  
 arara-ARG 3-voar  
 ‘a arara voou’

042 arara uruwu ne iwewej

arar-a uruwu-∅ ne i-wɛwɛ-s  
 arara-ARG urubu-ARG ASSOC R<sup>2</sup>-voar-IND.II  
 ‘a arara e o urubu voaram’

043 ise a-pirɔg pahakurɔna

isɛ a-pirɔg pahakurɔn-a  
 1 1-descascar banana-ARG  
 ‘eu descasquei a banana’

044 aikwɛs ti asurɔn

aikwɛs-a ti ∅-asurɔn  
 aquele-ARG 1 R<sup>1</sup>-abraçar  
 ‘ele me abraçou’

No primeiro exemplo, há um ser, identificado pelo nome *arara* ‘arara’, que pratica uma ação, expressa pelo verbo *-wɛwɛ* ‘voar’. Já no segundo exemplo, há dois seres identificados pelos nomes *arara* ‘arara’ e *uruwu* ‘urubu’, conectados, que praticam a mesma ação descrita pelo verbo *-wɛwɛ* ‘voar’. Já no penúltimo exemplo, há dois seres, o primeiro marcado pelo pronome *isɛ* ‘eu’, e o segundo identificado pelo nome *pahakurɔna* ‘banana’ e o primeiro agindo sobre o segundo, e o elemento responsável por essa ligação é o verbo *-pirɔg* ‘descascar’.

Identifico três constituintes no último exemplo, um agente, *aikwɛs-* ‘aquele’, um objeto direto, o pronome *ti* ‘mim, me’, e o verbo *-asurɔn* ‘abraçar’, flexionado pela primeira pessoa.

Os nomes *arara* ‘arara’, *uruwu* ‘urubu’ e os pronomes *isɛ* ‘eu’ e *aikwɛs-* ‘aquele’ desempenham o papel de Sujeito (S), enquanto o nome *pahakurɔna* ‘banana’ e o pronome *ti* ‘mim, me’ têm a função de Objeto (O). Optamos neste estudo pelo uso de P(redicado) ao

invés de verbo, de modo a incluir nessa categoria os nomes, que nessa língua, também predicam.

Dessa forma, uma vez definidos os componentes da oração, passo às possibilidades de ordenamento desses elementos.

### 6.2.2. Ordenamentos de constituintes da oração na língua Suruí

Uma vez identificados os principais componentes sintáticos na língua Suruí, é necessário estabelecer quais são as diferentes possibilidades de organização desses elementos. Vários autores já realizaram estudos linguísticos buscando determinar quais os padrões mais recorrentes seja em uma língua específica, seja em várias línguas a fim de verificar a existência ou não de padrões universais (cf., por exemplo, Comrie (1989, p. 81), Greenberg (1963, p. 58-85), Shopen (2007, p. 61-78) e Givón (2001, p. 233-284)).

Certamente, para estabelecer esse padrão, deve-se ter como base a definição de um tipo de oração que seja menos marcado e mais recorrente, que no caso do Suruí, como ocorre nas línguas da família Tupí-Guaraní, é a oração realizada no modo Indicativo I.<sup>54</sup> Em Suruí a ordem básica é SOP (SOV), como também ocorre nas línguas Mbyá (cf. DOOLEY, 2006, p. 14), Araweté (cf. SOLANO, 2009, p. 92), Kamayurá (cf. SEKI, 2000, p. 153-168) e Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL et al., 2012, p.33).<sup>55</sup>

Apresento, a seguir, os padrões oracionais no Indicativo I da língua Suruí.

#### 6.2.2.1. SOP

045 ene puta ti nupo pe

ene puta ti Ø-nupo pe  
2 PROJ 1 R<sup>1</sup>-bater 2.ERG

‘você vai bater em mim’

046 aikwesa ti asuron

aikwes-a ti Ø-asuron  
aquele-ARG 1 R<sup>1</sup>-abraçar

‘ele me abraçou’

<sup>54</sup> Determinar se uma estrutura é mais recorrente que outra não é trabalho tão óbvio, pois, para isso, talvez seja necessário reunir um corpus considerável de enunciados, devidamente analisados para, só então, tentar fazer a estatística dessas ocorrências.

<sup>55</sup> Givón (2012, p. 352) faz uma observação acerca do padrão SOV: “Parece que a maioria das famílias de línguas por nós conhecidas exibe sintaxe SUJEITO-OBJETO-VERBO (SOV) e, tanto quanto pode ser dito, elas sempre foram SOV”.

Sem dúvida a estrutura SOP é bastante recorrente no corpus da língua Suruí analisado nesta pesquisa e é bem possível que constitua também a ordem básica dos constituintes da oração dessa língua. No entanto, outras ordens também são possíveis nesse mesmo tipo de oração, como apresento adiante.

#### 6.2.2.2. SPO

Já o segundo tipo de organização dos componentes da oração na língua Suruí, SPO, também possui considerável número de ocorrências e essa estrutura se aproxima do padrão usado atualmente no Português.

047 ise awirog koa

ise a-wirɔg kɔ-a  
1 1-roçar roça-ARG  
'eu rocei a roça'

048 ise ri'a asuka we'oma mosa

ise riʔa a-suka wɛ-ʔɔm-a mɔs-a  
1 DECL 1-matar 1CORR-em.pé-GER cobra-ARG  
'eu estou matando a cobra'

049 ure urusukaete ri'a ma'e ma'e

ure uru-suka-ete riʔa maʔɛ-Ø maʔɛ-Ø  
13 13-matar-GEN DECL caça-ARG caça-ARG  
'nós matamos mesmo várias caças'

050 ise aihyra'u ri'a tiwa'a

ise a-ihir-aʔu riʔa tiwaʔa-Ø  
1 1-assar-DES DECL caititu-ARG  
'eu quero assar o caititu'

#### 6.2.2.3. OSP

Há uma terceira estrutura que também foi registrada no corpus da língua Suruí reunido nesta pesquisa, trata-se do padrão OSP, em que o Objeto aparece topicalizado.

051 Ikatu ywykwara uhywykaj

Ikatu-Ø iwi-Ø Ø-kwar-a u-hiwikas  
 ikatu-ARG terra-ARG R<sup>1</sup>-buraco-ARG 3-cavar  
 ‘eu cavo buraco na terra’

052 ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj

ti Ø-seʔε-rɔm-amu puta riʔa a-hiwikas  
 1 R<sup>1</sup>-poço-PROSP-TRANS PROJ DEC 1-cavar  
 ‘eu vou cavar meu poço’

#### 6.2.2.4. Outros padrões

Com relação aos padrões PSO e POS, em que o verbo assume a posição inicial do enunciado, elas ainda não tiveram ocorrências no interior do corpus analisado nesta pesquisa. O que existem são orações com predicados nominais do tipo PS, como pode ser observado na subseção 6.2.2.6.

#### 6.2.2.5. Orações intransitivas simples

A ordem básica em uma oração intransitiva no modo declarativo I na língua Suruí é SP, podendo vir acompanhada ou não de componentes complementos circunstanciais:

053 uker ri'a

wasweɾ-a u-keɾ riʔa  
 wajwer-ARG 3-dormir DECL  
 ‘ele dormiu’

054 Tymykong uso'o remi

tɨmɨkɔŋ-Ø u-sɔʔɔ rɛmi  
 tymykong-ARG 3-chorar COL  
 ‘eles choraram’

#### 6.2.2.6. Estruturas com predicados nominais

A língua Suruí possui estruturas frásticas sem verbo, mas que, segundo Cabral (2007), também predicam: “[...] os predicados, cujos núcleos se combinam com prefixos

relacionais e/ou com pronomes dependentes ou nomes são de natureza nominal”. Essa observação referente à língua Zo’é, é também válida para a língua Suruí, como pode ser observado nos exemplos abaixo.

055 ’oga iaruaru

ʔog-a i-araru  
 casa-ARG R<sup>2</sup>-bonita  
 ‘a casa é bonita’

056 ipyhysete ti ’ati’ywa

i-pihisete ti Ø-ʔatiʔiw-a  
 R<sup>2</sup>-pesado 1 R<sup>1</sup>-ombro-ARG  
 ‘o meu ombro está pesado; existe peso no meu ombro’

As demais ordens dos constituintes oracionais/sentenciais são dependentes de vários fatores como hierarquia de pessoa (cf. MONSERRAT; SOARES, 1983; SOLANO, 2009, p. 349-351), topicalização/ focalização, modos verbais, entre outros, como veremos em seções subsequentes.

### 6.2.3. Outros constituintes das orações da língua Suruí

#### 6.2.3.1. Posposições

Línguas da família Tupí-Guaraní, como o Asuriní, o Araweté e o Kamayurá, apresentam um conjunto de formas denominadas *posposições*, que integram uma classe fechada e que compartilham com os verbos e com os nomes a propriedade morfossintática de se combinarem com prefixos relacionais (cf. RODRIGUES, 2010; CABRAL, 1997; SOLANO, 2010). Da mesma maneira, a língua Suruí apresenta posposições, que ocorrem sempre precedidas por prefixo relacional, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

057 ma’ea rupi pa’e eremukun ne remi’ua?

maʔe-a r-upi paʔe eɾe-mukun ne r-emi-ʔu-a  
 coisa-ARG R<sup>1</sup>-POSP PERG.I 2-engolir 2 R<sup>1</sup>-NMLZ-comer-ARG  
 ‘por onde você engole sua comida?’

058 akojte ne rehe

a-kɔstɛ nɛ r-ɛhɛ  
 1-gostar 2 R<sup>1</sup>-REL  
 eu gosto de você

### 6.2.3.2. Advérbios

Constituindo uma classe de palavras aberta, o rótulo advérbio é, segundo Shopen (2007, p. 19-20), aplicado a conjuntos muito diferentes de palavras na língua, tem como principal função modificar não apenas verbos e outros advérbios, mas também sentenças. Logo,

The notional range of adverbs varies with the type of constituent modified. Sentence modifiers, for example, commonly express the speaker's attitude toward the event being spoken of; modifiers of verbs or verb phrases commonly express time, place, direction, manner, etc.; and modifiers of adjectives and adverbs commonly express degree. (SHOPEN, 2007, p. 19-20).<sup>56</sup>

Apresento, em seguida, exemplos com sintagmas adverbiais em Suruí.

#### 6.2.3.2.1. Predicado + Sintagma adverbial

059 eho kokaty

ɛ-hɔ kɔ-Ø Ø-kati  
 3-ir aqui-ARG R<sup>1</sup>-DIR  
 'vá daqui'

#### 6.2.3.2.2. Sintagma adverbial + Predicado

060 aj'aw pa'e re-ko?

asʔaw paʔɛ rɛ-kɔ  
 aqui PERG.I 2-estar.em.movimento  
 'você está morando aqui?'

<sup>56</sup> Tradução: "A variedade de noções de advérbios varia conforme o tipo de constituinte modificado. Modificadores de frase, por exemplo, comumente expressam a atitude do falante em relação ao evento que está sendo falado; modificadores de verbos ou de frases verbais comumente expressam tempo, lugar, direção, forma, etc.; e modificadores de adjetivos e advérbios comumente expressam grau." (tradução nossa).

061 aiko re wehe ituri

aiko re wehe i-tur-i  
ontem R<sup>1</sup>-vir-IND.II  
'ele chegou ontem'

062 aiko re wehe pa'e pesor?

aiko re wehe pa?e pε-sɔr  
ontem PERG.I 23-chegar  
'vocês chegaram ontem?'

063 aiko re wehe rako aesag akuma'e

aiko re wehe rako a-esag akuma?ε-Ø  
ontem AT.I 1-ver homem-ARG  
'ontem eu vi este homem'

#### 6.2.3.2.3. *Predicado + Sintagma adverbial (oração no imperativo)*

064 eho ko katy

ε-hɔ kɔ-Ø Ø-kati  
3-ir aqui-ARG R<sup>1</sup>-DIR  
'vá daqui'

065 eraha arua katy

ε-raha arua Ø-kati  
2-levar fora R<sup>1</sup>-DIR  
'leve para fora'

066 eho ko katy

ε-hɔ kɔ-Ø Ø-kati  
3-ir aqui-ARG R<sup>1</sup>-DIR  
'vá daqui'

### 6.2.3.3. Palavras modalizadoras

A língua Suruí faz uso de palavras modalizadoras epistêmicas e aléticas. As epistêmicas são elas *paʔε*, *pe* e *riʔa*. *paʔε* e *pe* são usadas para sinalizar que o falante desconhece total ou parcialmente o valor de verdade do conteúdo informacional. Nesse sentido, correspondem a marcas de pergunta. Essas palavras têm um estatuto gramatical de partícula e seguem o constituinte perguntado. As partículas aléticas são *rapɔ* e *ripɔ*, que sinalizam na oração a possibilidade de veracidade do conteúdo informacional expresso pelo predicado.

As partículas *paʔε* e *pe* sinalizam que o falante desconhece totalmente o conteúdo informacional expresso pelo predicado.

067 mowi pa'e ipoiture sawara?

mɔ +wi paʔε ipɔ i-tur-i sawar-a  
 onde ABL PERG.I ? R<sup>2</sup>-vir-IND.II onça-ARG  
 'de onde a onça vem?'

068 mume pa'e he ereker ehow?

mu-mε paʔε h-ε εεε-ker ε-hɔ-w  
 onde-LOC PERG.I R<sup>2</sup>-REL 2-dormir 2CORR-ir-GER  
 'onde você foi dormir?'

069 mongaty puta pa'e ihoj?

mɔ-kati puta paʔε i-hɔ-j  
 onde-na.direção.de PROJ PERG.I R<sup>2</sup>-ir-IND.II  
 'para onde ele vai?'

A palavra *raʔε* sinaliza que o conteúdo da aserção não foi atestado pelo falante.

070 upurawyky pa'e ra'e?

u-purawiki paʔε raʔε  
 3-trabalhar PERG.I N.ATT  
 'eles trabalharam?'

A palavra *riʔa* sinaliza o conteúdo da aserção é conhecido apenas parcialmente ou inferido pelo falante.

071 *pew riʔa awa iapukaj*

*pew riʔa awa i-apukas*  
 lá DECL alguém R<sup>2</sup>-gritar  
 ‘lá, alguém está gritando’

As palavras *rapɔ* e *ripɔ*, como explicado anteriormente, sinalizam a possibilidade de veracidade do conteúdo informacional expresso pelo predicado.

072 *esemuhakuʔi ke maʔesawara rapo ne uʔu*

*ε-ε-mu-hakuʔi ke maʔesawar-a rapɔ ne Ø-uʔu*  
 2-REFL-CAUS-cuidado DS cachorro-ARG POSS 2 R<sup>1</sup>-morder  
 ‘tenha cuidado! o cachorro pode te morder’

A palavra aspectual *puta* contribui com o significado de aspecto projetivo, mas pode contribuir com o significado de potencialidade, o que permite que seja descrita como uma partícula que combina noções de aspecto e de modalidade. Tem um estatuto gramatical de partícula e ocorre frequentemente precedendo o predicado.

#### 1) Com valor aspectual

073 *kuej wehe puta ihoj tasahua*

*kues wehe puta i-hɔ-j tasahu-a*  
 amanhã PROJ R<sup>2</sup>-ir-IND.II porcão-ARG  
 ‘amanhã ele vai caçar porcão’

074 *ko pupe puta aha*

*Ø-kɔ-Ø Ø-pupe puta a-ha*  
 R<sup>4</sup>-roça-ARG R<sup>1</sup>-dentro PROJ 1-ir  
 ‘pra roça eu vou’

#### 2) Com valor modal

075 *ise puta riʔa asoason*

*ise puta riʔa a-sɔ:a-sɔn*  
 1 PROJ DEC 1-correr:1-correr  
 ‘eu vou correr (bastante)’

#### 6.2.4. Tipos de orações da língua Suruí

A fim de classificar os diferentes tipos de orações da língua Suruí, as apresento a partir do modo verbal de cada uma delas,<sup>57</sup> além de considerar, também, a sua natureza verbal ou nominal, como pode ser observado nas subseções a seguir.

##### 6.2.4.1. Orações no modo Indicativo I

O primeiro grupo de orações é o que possui núcleo verbal no modo Indicativo I.

###### 6.2.4.1.1. Predicado com verbo intransitivo

076 Ikatu uker ri'a upa

u-ker ri'a u-up-a  
3-dormir DEC 3.deitar-GER  
'ele está dormindo'

077 ise puta ri'a asoason

ise puta ri'a a-sɔ:a-sɔn  
1 PROJ DEC 1-correr:1-correr  
'eu vou correr (bastante)'

078 tekwawa utorog

t-ekwaw-a u-tɔrɔg  
R<sup>4</sup>-rede-ARG 3-rasgar  
'a rede se rasgou'

079 ti 'aw kujpaw ri'a

ti Ø-ʔaw u-kuj-paw ri'a  
1 R<sup>1</sup>-cabelo 3-cair-COMPL DEC  
'meu cabelo caiu'

---

<sup>57</sup> Rodrigues (2010, p. 32) identifica, na língua Tupinambá, cinco diferentes modos verbais, são eles: Indicativo I, Imperativo, Gerúndio, Indicativo II e Subjuntivo. Com relação ao Indicativo II, ele afirma: “caracteriza-se morfologicamente pelo sufixo modal *-i ~ -w ~ -Ø*; em alguns dialetos, os nomes descritivos não se combinam com este sufixo, mas com o sufixo *-amo ~ -ramo*. O Indicativo II combina-se, além disso, com os prefixos relacionais *-t ∞ -Ø* e *-r ∞ -Ø*, os quais nos verbos intransitivos e nomes descritivos referem o sujeito, ao passo que nos verbos transitivos referem o objeto.”

6.2.4.1.2. *Predicado com verbo intransitivo em perguntas*

080 ereker pa'e?

ere-ker paʔe  
 2-dormir PERG.I  
 'você dormiu?'

081 upurawyky pa'e ra'e?

u-purawiki paʔe raʔe  
 3-trabalhar PERG.I N.ATT  
 'eles trabalharam?'

082 aiko re wehe pa'e pesor?

aiko re wehe paʔe pe-sor  
 ontem PERG.I 23-chegar  
 'vocês chegaram ontem?'

6.2.4.1.3. *Predicado com verbo transitivo*

083 aiko na amonowi ne upe

aiko n(a) a-monɔ-(u)wi ne Ø-upe  
 esse NEG 1-dar-NEG 2 R<sup>1</sup>-DAT  
 'esse eu não dou para você'

084 Ikatua weraha 'ya sene upe

ikatu-a w-er-aha ʔi-a sene Ø-upe  
 ikatu-ARG 3-C.COM-ir água-ARG 12(3) R<sup>1</sup>-DAT  
 'Ikatu levou água para nós'

085 Muretama umur ti upe kysea

muretama u-m-ur ti Ø-upe kise-a  
 muretama-ARG 3-CAUS-vir 1 R<sup>1</sup>-DAT faca-ARG  
 'Muretama me deu a faca'

#### 6.2.4.1.4. Predicado com verbo transitivo em perguntas

086 ise pa aikysa'u mani'oga ne ko pupe?

ise pa a-ikis-a?u mani?og-a ne kɔ-Ø Ø-pupe  
 1 PERG.II 1-arrancar-poder mandioca-ARG 2 roça-ARG R<sup>1</sup>-dentro  
 'eu posso arrancar mandioca na tua roça?'

087 ene pa'e eremono ywyrapara ne ruwa pe?

ene pa?e eɛe-mɔnɔ iwirapar-a ne r-uw-a Ø-pe  
 2 PERG.I 2-dar arco-ARG 2 R<sup>1</sup>-pai-ARG R<sup>1</sup>-DAT  
 'você deu o arco para o teu pai?'

#### 6.2.4.2. Orações no modo Imperativo

Os predicados das orações no modo Imperativo na língua Suruí, conforme descrito na subseção 6.1, não recebem marca modal específica, apenas marcas pessoais exclusivas desse modo.

##### 6.2.4.2.1. Predicado com verbo intransitivo

088 eraha arua katy

ɛ-raha arua katɪ  
 2-levar fora na.direção  
 'leve para fora'

##### 6.2.4.2.2. Predicado com verbo transitivo

089 emono ma'esawara tukaru

ɛ-mɔnɔ ma?esawar-a ta u-karu  
 3-dar cachorro-ARG PERMISS 3-comer  
 'dá comida pro cachorro'

#### 6.2.4.3. Orações no modo Gerúndio

Dentre as orações dependentes, existe, segundo Cabral et al. (2012, p. 34), "aquelas no gerúndio, cujo sujeito é obrigatoriamente correferencial com o sujeito da frase

principal”. Tal situação descrita para a língua Asuriní se aplica perfeitamente à língua Suruí, conforme pode ser observado a seguir.

090 wesowesona aʔar

wε-sɔ-wεsɔn-a            a-ʔar  
1CORR-correr-RED-GER 1-cair  
‘eu estava correndo e caí’

091 aʔapyg wetuna

a-ʔapɪk    wεt-un-a  
1-sentar 1CORR-sentar-GER  
‘eu estou sentado’

092 aʔaw puta riʔa wehow

a-ʔaw    puta    riʔa    wε-hɔ-w  
1-deitar    PROJ    já    1CORR-ir-GER  
‘estou indo me deitar’

093    aha isukaw

a-ha    i-suka-w  
1-ir    R<sup>2</sup>-matar-GER  
‘eu vou para matar’

094 tapiʔira puta oho kaʔa wi uhem-a

tapiʔir-a    puta    ɔ-hɔ    kaʔa    +wi    u-hɛm-a  
anta-ARG    PROJ    3-ir    mato    +ABL    R<sup>3</sup>-sair-GER  
‘a anta vai saindo do mato’

095 awa ne paʔe ereho esepurakata

awa    nɛ    paʔɛ    ɛɛ-hɔ    ɛ-sepurakat-a  
quem 2    PERG.I    2-ir    2-caça-GER  
‘com quem você foi caçar?’

096 Muretama weraha kyse ipyhyka ti wi

muretam-a w-eraha kise-Ø i-pihik-a ti +wi  
 muretam-ARG 3-levar faca-ARG R<sup>2</sup>-pegar-GER 1 +ABL  
 ‘Muretama levou a faca pegando-a de mim’

097 utasuse’y mamu nusahuwi

u-tasus-εʔim-amu n(a) u-sahu-iwi  
 3-sujo-PRIV-TRANSL NEG 3-banhar-NEG  
 ‘ele não banhou porque não estava sujo’

098 upurahajta remi nupumaruwi ohow

u-purahas-ta rēmi n(a) u-pumar-uwi ɔ-hɔ-w  
 3-dança-PROJ COL NEG 3-caçar-NEG 2CORR-ir-GER  
 ‘eles não estão indo caçar, vão dançar (porque é a festa do Sapurahaj)’

099 usahug ohow upisupisunawi

u-sahug ɔ-hɔ-w u-pisu-pisun-a +wi  
 3-banhar 2CORR-ir-GER 3CORR-sujeira-RED-ARG +ABL  
 ‘ele banhou porque estava (muito) sujo’

100 aha puta ri’a isukaw tasahuamu

a-ha puta riʔa i-suka-w tasahu-amu  
 1-ir PROJ DEC R<sup>2</sup>-matar-GER porcão-TRANSL  
 ‘eu vou para matar um porcão’

#### 6.2.4.4. Orações no modo Indicativo II

No início da subseção 6.2.4, em nota de rodapé, apresentei as considerações feitas por Rodrigues (2010) acerca do modo Indicativo II. Agora, passo a exemplificá-lo com dados da língua Suruí.

##### 6.2.4.4.1. Predicado com verbo intransitivo

101 erenune remi iataj

ε-Ø r-εnune rēmi i-ata-s  
 esse-ARG R<sup>1</sup>-frente COL R<sup>2</sup>-andar-IND.II  
 ‘na frente, eles andaram’

102 'ywa rokowi i'ari

ʔiw-a          r-ɔkɔ-Ø          +wi    i-ʔar-i  
 árvore-ARG   R<sup>1</sup>-galho-ARG   +ABL   R<sup>2</sup>-cair-IND.II  
 'ele caiu do galho da árvore'

103 ti rogawi ihoj usona

ti    r-ɔg-a          +wi    i-hɔ-j          u-sɔn-a  
 1    R<sup>1</sup>-casa-ARG   +ABL   R<sup>2</sup>-ir-IND.II   3CORR-correr-GER  
 'ele saiu correndo de casa'

104 aiko re wehe ituri

aikɔ re wehɛ    i-tur-i  
 ontem          R<sup>1</sup>-vir-IND.II  
 'ele chegou ontem'

105 arara uruwu ne'iwewej

arar-a          uruwu-Ø          ne          i-wɛwɛ-j  
 arara-ARG   urubu-ARG   ASSOC   R<sup>2</sup>-voar-IND.II  
 'a arara e o urubu voaram'

106 ka'ape ihoj

kaʔa-pe    i-ho-j  
 mato-LP    R<sup>2</sup>-ir-IND.II  
 'no mato ele foi'

#### 6.2.4.4.2. Predicado com verbo intransitivo em perguntas

107 ma'e re pa'e ise'engi?

maʔɛ-Ø          r-ɛ          paʔɛ    i-sɛʔɛŋ-i  
 sobre.o.que   R<sup>1</sup>-REL   PERG.I   R<sup>2</sup>-falar-IND.II  
 'sobre o que eles falaram?'

108 mongaty puta pa'e ihoj?

mɔ-ŋati                      puta paʔε    i-hɔ-j  
 onde-na.direção.de    PROJ    PERG.I    R<sup>2</sup>-ir-IND.II  
 ‘para onde ele vai?’

#### 6.2.4.4.3. Predicado com verbo transitivo

109 kuej wehe puta ihoj tasahua

kueſ wehe    puta    i-hɔ-j              tasahu-a  
 amanhã    PROJ    R<sup>2</sup>-ir-IND.II    porcão-ARG  
 ‘amanhã ele vai caçar porcão’

#### 6.2.4.4.4. Predicado com verbo transitivo em perguntas

110 ma'eramu pa'e imonog 'ywa?

maʔε-ramu    paʔε    i-mɔnɔg-i              ʔiw-a  
 que-TRANSL    PERG.I    R<sup>2</sup>-cortar-IND.II    árvore-ARG  
 ‘por que ele cortou a árvore?’

111 moron puta pe akuma'e ihoj osuna?

mɔrɔn    puta    pε              akumaʔε-Ø    i-hɔ-j              ɔ-sun-a  
 quantos    PROJ    PERG.II    homem-ARG    R<sup>2</sup>-ir-IND.II    3-correr-GER  
 ‘quantos homens vão correr?’

#### 6.2.4.5. Orações no modo Subjuntivo

No corpus linguístico da língua Suruí foi identificada, até o momento, somente uma ocorrência com verbo no modo Subjuntivo, que apresento, abaixo, a título de exemplo.

112 Suta'ar sene 'arimo ihoramu puhi ke pe isaukar puhi

sutaʔar-a              sene    Ø-ʔar-imu              i-hɔ-ramu  
 suta'ar-ARG    12(3)    R<sup>1</sup>-superfície-LD    R<sup>2</sup>-ir-SUBJ

puhi    ke    pε    ε-sa-ukar-a              puhi  
 PROIB    DES    23    2CORR-ver-C.PREP-GER    PROIB

‘quando Suta'ar passar sobre nós, não amostrar (não apontar)’

## 6.2.4.6. Orações com predicados nominais

Na língua Suruí há orações que não possuem núcleo verbal, mas sim nominal, conforme comentado na subseção 6.2.2.6, acima.

## 6.2.4.6.1. Orações estativas/atributivas

113 ti rirua iaturuewa'e

ti r-iru-a i-aturue-waʔε  
 1 R<sup>1</sup>-camisa-ARG R<sup>2</sup>-curta-NMLZ  
 'minha camisa é curta'

114 kujpia iapu'a

kujpi-a i-apuʔa  
 cuia-ARG R<sup>2</sup>-redondo  
 'a cuia é redonda'

115 tehahua iapu'a

tehahu-a i-apuʔa  
 tucum-ARG R<sup>2</sup>-redondo  
 'o tucum é redondo'

116 ne memyra ahy pa'e?

nε Ø-memir-a Ø-ahi paʔε  
 2 R<sup>1</sup>-filho-ARG R<sup>2</sup>-dor PERG.I  
 'teu filho dói (em ti, ao nascer)?'

117 ne atu'a pisun

nε Ø-atuʔa-Ø Ø-pisun-Ø  
 2 R<sup>1</sup>-nuca-ARG sujo-ARG  
 'tua nuca está suja'

118 ti rerekataru puta i'apihawe'ym

ti r-εrekatar-a puta i-ʔapihaw-εʔim  
 1 R<sup>1</sup>-marido-ARG PROJ 3-cabelo.da.cabeça-PRIV  
 'meu marido vai ficar sem cabelo'

## 6.2.4.6.2. Orações inclusivas

119 ise purumu'etaramu

ise puru-muʔε-tar-amu  
 1 gente-fazer.dizer-NMLZ-TRANSL  
 'eu sou professor'

120 ise purumupisetaramu

ise puru-mupisε-tar-amu  
 1 gente-fazer.bem-NMLZ.AG-TRANSL  
 'eu sou pajé'

## 6.2.5. Hierarquia de pessoa

A hierarquia de pessoa em línguas Tupí foi descrita por Monserrat e Soares (1983) como hierarquia referencial (HR) “sintático-semântica que condiciona a escolha dos prefixos marcadores de pessoa nas orações transitivas” (MONSERRAT; SOARES, 1983, p. 165). Baseado nessa análise, busquei identificar na língua Suruí padrões correlatos.

- Objeto de 3ª pessoa, o verbo recebe prefixo sujeito no Indicativo I:

121 Ikatua weraha 'ya sene upe

ikatu-a w-eraha ʔi-a sene Ø-upe  
 ikatu-ARG 3-levar água-ARG 12(3) R<sup>1</sup>-DAT  
 'Ikatu levou água para nós'

122 uruasejmonog 'i'akorona

uru-asesmɔnɔg ʔiʔakɔrɔn-a  
 13-cortar abóbora-ARG  
 'nós (excl.) partimos a abóbora'

123 pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa

pεhe ta pε-raha pε-wuhis miriti-ʔiw-a  
 23 PROJ 23-levar 23-carregar pau.de.buriti-ARG  
 'vocês carregaram a tora de buriti'

124 ure uruapo 'oga

urɛ uru-apɔ ʔ-ɔg-a  
 13 13-fazer R<sup>4</sup>-casa-ARG  
 'nós fizemos estas casas'

125 awa pa'e utym mani'og?

awa paʔɛ u-tim maniʔɔg-Ø  
 quem PERG.I 3-enterrar mandioca-ARG  
 'quem plantou a mandioca?'

- Com objeto de 1ª pessoa e o agente de segunda, o verbo não recebe prefixo de pessoa, mas sim prefixo relacional de contiguidade e o objeto é marcado por meio da série pessoal dependente. Além disso, o sujeito/agente é *marcado por meio dos pronomes ergativos ipe- ~ pe-* '2ª pessoa ergativa':

126 ene puta ti nupo pe

enɛ puta ti Ø-nupɔ pɛ  
 2 PROJ 1 R<sup>1</sup>-bater 2.ERG  
 'você vai bater em mim'

- Quando o objeto é de 2ª pessoa e o agente é de 1ª, o verbo recebe prefixo objeto *uru-*:

127 ise puta urunupo

isɛ puta uru-nupɔ  
 1 PROJ 2-bater  
 'eu bato em você'

- Quando a 2ª pessoa é plural, além de o verbo receber o prefixo de 2ª pessoa objeto, é marcado pelo aspecto completivo *-papaw*:

128 ise puta urunupopapaw

isɛ puta uru-nupɔ-papaw  
 1 PROJ 2AC-bater-COMPL  
 'eu vou bater em vocês todos'

- Há ainda a possibilidade de o pronome de 2ª pessoa do plural ser expresso sintaticamente (*pehe*), caso em que o verbo é marcado por prefixo de primeira pessoa singular *a-*, ou por prefixo de primeira exclusiva *uru-*:

129 *urunupo rako pehe*

*uru-nupɔ rako pehe*

13-bater AT.I 23

‘nós batemos em vocês’

- Quando o objeto é de 1ª ou de 2ª pessoa e o agente de 3ª pessoa, o verbo recebe prefixos relacionais e o objeto é marcado por meio da série pronominal dependente:

130 *aikwesa ti asuron*

*aikwes-a ti Ø-asuron*

aquele-ARG 1 R<sup>1</sup>-abraçar

‘ele me abraçou’

## 6.2.6. Negação de Predicados

A negação de predicados de orações na língua Suruí é feito por meio de um processo morfossintático, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

### 6.2.6.1. Negação de predicados com verbo intransitivo

131 *ma’eramu pa’e kuso nuse’engara uwi?*

*maʔε-ramu paʔε kusɔ-Ø n(a) u-sεʔɛŋara-wi*

que-TRANSL PERG.I mulher-ARG NEG 3-cantar-NEG

‘por que as mulheres não estão cantando?’

132 *awa nusepurakaruwi ohow*

*awa n(a) u-sepurakar-uwi ɔ-hɔ-w*

alguém NEG 3-caçar-NEG 2CORR-ir-GER

‘ninguém está caçando’

## 133 nukewi remi 'oga pupe

n(a) u-ke-wi rēmi ʔ-ɔg-a Ø-pupe  
 NEG 3-entrar-NEG COL R<sup>4</sup>-casa-ARG R<sup>1</sup>-dentro  
 'ninguém entrou na casa'

## 134 ise amupig mosa re, ise awisepe mosa nusekysuwi

ise a-mupig mɔs-a r-ε ise awisepe mɔs-a n(a) u-sekɪs-uwi  
 1 1-atirar cobra-ARG R<sup>1</sup>-REL 1 ADVERS cobra-ARG NEG 3-morrer-NEG  
 'eu atirei na cobra, mas ela ainda vive' (ela não morreu)

## 135 naesaguwi wehe weko asomera

na a-esag-uwi wehe w-εkɔ asomɛr-a  
 NEG 1-ver-NEG novamente 1CORR.estar.em.mov alma-ARG  
 'eu nunca vi alma' [asomera]

## 136 nusetimyguwi

n(a)-u-se-ti-mig-uwi  
 NEG-3-REFL-nariz-tapar-NEG  
 'ele não se sufocou'

## 6.2.6.2. Negação de predicados com verbo transitivo

## 137 aiko na amonowi ne upe

aikɔ n(a) a-mɔnɔ-(u)wi nɛ Ø-upe  
 esse NEG 1-dar-NEG 2 R<sup>1</sup>-DAT  
 'esse eu não dou para você'

## 138 Muretama numuruwi kysea ti upe

muretam-a n(a) u-m-ur-uwi kise-a ti Ø-upe  
 muretam-ARG NEG 3-CAUS-entregar-NEG faca-ARG 1 R<sup>1</sup>-DAT  
 'Muretama não me deu a faca'

139 na esagwi wehe ipiraku'omawa

na esag-wi wehe ipira-kuʔom-aw-a  
 NEG ver-NEG novamente peixe.levantado-NMLZ-ARG  
 'eu não vi mais peixe levantado'

### 6.2.6.3. Negação de predicados no Imperativo

140 esuka puhi

ε-suka puhi  
 2-matar NEG  
 'não mata ele'

141 emuku'om puhi

ε-mukuʔom puhi  
 2-levantar NEG  
 'não o levante'

### 6.2.6.4. Negação de predicados nominais

142 na se rahywi

na se r-ahi-(u)wi  
 NEG 1 R<sup>1</sup>-dor-NEG  
 'eu não tenho dor'

143 na se rakuwi

na se r-aku-(u)wi  
 NEG 1 R<sup>1</sup>-quente-NEG  
 'eu não tenho quentura'

144 na se mymyrwi

na se Ø-mimir-(u)wi  
 NEG 1 R<sup>1</sup>-filho-NEG  
 'eu não tenho filho'

### 6.2.7. Perguntas

Apesar de já ter inserido algumas orações com perguntas neste capítulo, busco agora sistematizá-las em função de sua natureza, ou seja, se são perguntas que esperam respostas do tipo sim/não ou se buscam obter alguma informação de conteúdo.

#### 6.2.7.1. Perguntas com resposta sim/não

145 pehe puta pa'e re nupo pe?

pehe puta paʔe re Ø-nupo pe  
23 PROJ PERG.I 13 R<sup>1</sup>-bater 2.ERG  
'vocês vão bater em nós?'

146 ereker pa'e?

ere-ker paʔe  
2-dormir PERG.I  
'você dormiu?'

147 upurawyky pa'e ra'e?

u-purawiki paʔe raʔe  
3-trabalhar PERG.I N.ATT  
'eles trabalharam?'

148 Suara, eremunohonohog pa'e o'o?

suar-a ere-munohog-nohog paʔe Ø-ʔo  
suar-ARG 2-cortar-RED PERG.I R2-carne  
'Suara, você cortou (várias vezes) a carne?'

#### 6.2.7.2. Perguntas com resposta informativa

149 awa pa'e uso'o?

awa paʔe u-ʔo  
quem PERG.I 3-chorar  
'quem está chorando?'

150 awa pa'e usekyj?

awa paʔε u-sɛkis  
 quem PERG.I 3-morrer (esticar-se)  
 'quem morreu?'

151 awa pa'e Wajwera uesag?

awa paʔε waswɛr-a u-esag  
 quem PERG.I wajwer-ARG 3-ver  
 'quem Wajwera viu?'

152 awa pa'e utym mani'og?

awa paʔε u-tim maniʔɔg-Ø  
 quem PERG.I 3-enterrar mandioca-ARG  
 'quem plantou a mandioca?'

153 moron puta pe akuma'e ihoj osuna?

mɔɾɔn puta pɛ akumaʔɛ-Ø i-hɔ-j ɔ-sun-a  
 quantos PROJ PERG.II homem-ARG R<sup>2</sup>-ir-IND.II 3-correr-GER  
 'quantos homens vão correr?'

154 moronime puta pe saha koa pupe?

mɔɾɔn-ime puta pɛ sa-ha kɔ-a pupɛ  
 quando-LP PROJ PERG.II 12(3)-ir roça-ARG dentro  
 'quando vamos para a roça?'

155 awa pe utyryg?

awa pɛ u-tirig  
 quem PERG.II 3-acordar  
 'quem acordou?'

#### 6.2.8. Processos de Coordenação e de Subordinação

As orações da língua Suruí, dependendo de como se relacionam umas com as outras, evidenciam processos de parataxe (coordenação) e de hipotaxe (subordinação). Como não é escopo deste trabalho aprofundar a discussão sobre esse aspecto da sintaxe da língua

Suruí, limito-me a exemplificá-los, separando-os em dois grandes grupos e identificando se a oração possui mesmo sujeito ou sujeitos diferentes.

#### 6.2.8.1. Orações coordenadas com mesmo sujeito

156 aiko ra'e wehe rako awahem akaru akerako

aiko raʔe wehe rako a-wahem a-karu a-ker  
ontem AT.I 1-chegar 1-comer 1-dormir  
'ontem eu cheguei, comi e dormi'

157 aiko ra'e wehe rako aata akaru ase'engar

aiko raʔe wehe rako a-ata a-karu a-seʔengar  
ontem AT.I 1-andar 1-comer 1-cantar  
'ontem eu andei, comi e cantei'

158 ure kuso tesoramu uruho ityma mani'og roko urutym

ure kusotese-ramu uru-ho i-tim-a maniog-Ø r-oko uru-tim  
13 mulher-TRANSL 13-ir R<sup>2</sup>-enterrar-GER mandioca-ARG R<sup>1</sup>-galho 13-enterrar  
'nós fomos com as mulheres plantar mandioca'

159 ywyrá re eseupir sawara wi ohow

iwir-a r-ε u-se-upir sawar-a +wi o-ho-w  
pau-ARG R<sup>1</sup>-REL 3-REFL-subir onça-ARG ABL 3-ir-GER  
'ele subiu na árvore afastando-se da onça indo'

#### 6.2.8.2. Orações coordenadas com sujeitos diferentes

160 mosa u'u ma'e sawara usekyj puta

mōs-a u-ʔu maʔesawar-a us-ekis puta  
cobra-ARG 3-morder cachorro-ARG 3CORR-morrer PROJ  
'a cobra mordeu o cachorro, ele vai morrer'

161 esemuhaku'i ke ma'esawara rapo ne u'u

ε-se-mu-hakuʔi ke maʔesawar-a rapo ne Ø-uʔu  
2-REFL-CAUS-cuidado DS cachorro-ARG POSS 2 R<sup>1</sup>-morder  
'tenha cuidado! o cachorro pode te morder'

## 6.2.8.3. Orações subordinadas com mesmo sujeito

162 aiko ra'e wehe re pa'e erehow ka'ape eataw

aiko raʔe wehe r-ε paʔe εε-hɔ-w kaʔa-pe ε-ata-w  
 ontem R<sup>1</sup>-REL PERG.I 2-ir-GER mato-LP 2-andar-GER  
 ‘ontem você foi andar no mato’

## 6.2.8.4. Orações subordinadas com sujeitos diferentes

163 ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu

maʔesawar-a puta us-εkis mɔs-a Ø-u'u-ramu  
 cachorro-ARG PROJ 3CORR-morrer cobra-ARG R<sup>1</sup>-morder-SUBJ  
 ‘o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele’

164 Suta'ar sene 'arimu ihoramu puhi ke pe esaukar puhi

sutaʔar-a sene Ø-ʔar-imu i-hɔ-ramu  
 suta'ar-ARG 12(3) R<sup>1</sup>-superfície-LD R<sup>2</sup>-ir-SUBJ

puhi ke pe ε-sa-ukar-a puhi  
 PROIB DES 23 2CORR-ver-C.PREP-GER PROIB

‘quando Suta'ar passar sobre nós, não amostrar (não apontar)’

## 7 MATERIAIS LEXICOGRAFICOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Neste capítulo, investigo o quadro geral dos materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras, conjunto no qual se insere a língua Suruí do Tocantins, foco do trabalho desta tese. Essa investigação não apenas contribui para a apreensão dos diferentes projetos lexicográficos já desenvolvidos no Brasil e no exterior para essas línguas (conteúdos e estruturas), mas, permite, principalmente, obter parâmetros para avaliar a originalidade das propostas a serem apresentadas como modelos lexicográficos gerados com base no programa de documentação linguística em desenvolvimento.

### 7.1. POR QUE PESQUISAR ESSES MATERIAIS

Dicionários, vocabulários e glossários são materiais linguístico-culturais de circulação bastante comum nos mais diferentes contextos de uma sociedade letrada e seu uso perpassa pela necessidade específica de cada indivíduo seja em sua atividade profissional (como é o caso de professores de língua, jornalistas, revisores de texto, secretários, entre outros) seja em atividades pessoais de leitura (para fins de formação, por prazer, p.ex.), mas também esse uso pode decorrer de uma exigência social, como no caso de contextos escolares, em que se busca o desenvolvimento de competências linguísticas específicas de fala e escrita oriundas do uso sistemático desses materiais.

No caso do Brasil, os dicionários (e demais obras lexicográficas) há muito estão presentes no cotidiano das casas, das escolas e também, com frequência, nos locais de trabalho. Eles constituem peças obrigatórias nos acervos de bibliotecas e livrarias e garantem lucro certo a editoras,<sup>58</sup> como demonstram as grandes somas de dinheiro usadas para compra de dicionários (para distribuição como material didático a professores e alunos das escolas públicas de todo o país) realizadas pelo governo brasileiro por meio do Ministério da Educação (MEC).<sup>59</sup>

Essa realidade de valorização dos dicionários pode ser atestada com o fato de que, já nas últimas décadas do século XX, o país dispunha de uma grande quantidade (e sempre crescente) não só de dicionários da língua oficial mais usada no país, o Português, tanto nas versões de dicionários da língua (monolíngues, bilíngues e multilíngues), dicionários enciclopédicos, dicionários técnicos (de especialidade, de tradução, p.ex.), impressos e

---

<sup>58</sup> Atualmente, os dicionários digitais, denominados eletrônicos, começam a ocupar um espaço considerável no mercado de aplicativos para aparelhos de comunicação (*tablets*, aparelhos de telefonia móvel, entre outros).

<sup>59</sup> A título de exemplo, o MEC (cf. BRASIL, 2011) adquiriu 10 milhões de exemplares de quatro tipos diferentes de dicionários para serem distribuídos nas mais de 130 mil escolas da rede pública de ensino de todo o Brasil.

digitais, mas também dispunha de dicionários baseados nas línguas mais faladas no mundo, como o Inglês, o Espanhol, o Francês, o Chinês, entre outras.

Além disso, há de se considerar, nesse contexto, um terceiro grupo, o das línguas indígenas brasileiras.

Apesar da pouca visibilidade dos materiais lexicográficos já produzidos para essas línguas, não é possível negar o fato de que, mesmo com uma quantidade relativamente pequena de falantes (se considerada a totalidade da população no Brasil), elas compõem um importantíssimo elemento da diversidade linguística do país (cf. Capítulo 1).<sup>60</sup>

No entanto, apesar da existência de duas centenas de línguas indígenas no Brasil, difundiu-se com muita força a ideia de que todos os povos indígenas falam uma única língua, denominada, equivocadamente, “língua tupí-guaraní” ou “língua tupí”, e esse equívoco foi largamente reproduzido nas diversas publicações, sobretudo dicionários e vocabulários, que se multiplicaram, sobremaneira, a partir do século XX.

Assim, em várias bibliotecas (de escolas e universidades), por exemplo, é provável encontrar, ao lado dos dicionários das línguas mais difundidas e dos dicionários técnicos, algum material de língua indígena,<sup>61</sup> e este, se existir, tem uma grande chance de estar relacionado à língua Tupinambá (sob as mais diversas denominações: “Tupí”, “Tupí Antigo”, “Tupí-Guaraní”, “Língua Brasília”) ou à língua Guaraní (geralmente o Guaraní Antigo).<sup>62</sup>

Nesse sentido, diante de um quadro em que a produção lexicográfica relacionada a línguas indígenas brasileiras parece se voltar, grosso modo, somente para uma língua morta,<sup>63</sup> surgem as seguintes indagações: que tipos de materiais lexicográficos já foram produzidos

<sup>60</sup> Não busco, em nenhum momento, comparar ou avaliar o volume de produção de dicionários e vocabulários do Português com os materiais lexicográficos produzidos para as demais línguas faladas no Brasil (índigenas ou não), pois, se a demanda para os materiais em Português existe, e é crescente, é porque há um público também em expansão para consumir/usar esse tipo de material.

<sup>61</sup> A título de exemplo dessa afirmação, fiz uma consulta no motor de busca do sistema Pergamum disponível no site da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (<http://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca>). No modo de pesquisa avançada, indiquei que queria apenas os resultados que contivessem referências com o termo “dicionário” no título. Ao final do processo, o sistema ofereceu 1915 resultados e, desse total, apenas 21 referências (ou seja, pouco mais de 1% do total) estavam relacionadas a alguma língua indígena brasileira.

<sup>62</sup> Ao buscar referências de dicionários de línguas indígenas atualmente disponíveis para venda nas grandes livrarias brasileiras, não encontrei muitos títulos, e a maioria deles se refere a materiais das línguas Tupinambá e Guaraní, como vemos a seguir: *Vocabulário tupi-guarani português*, de Silveira Bueno; *Dicionário Tupi-Português*; *Vocabulário Tupi comparado* e *Dicionário Guaraní-Português*, de Luiz Caldas Tibiriçá; *Dicionário Tupi Antigo*, de Eduardo de Almeida Navarro; *Dicionário Guaraní-Português - Ne'e Ryru Avane'e*, de Cecy Fernandes de Assis; e *Vocabulário Português-Nheengatu*, de E. Stradelli.

<sup>63</sup> O Tupinambá, língua plenamente falada no Brasil do século XVI, “foi deixando de ser falada, principalmente devido ao extermínio de sua população, num processo que se concluiu na primeira metade do século XVIII” (RODRIGUES, 1996, p. 57). O estudo dessa língua é, sem sombra de dúvida, extremamente necessário, assim como o de todas as demais línguas, vivas ou mortas.

para as diversas línguas indígenas brasileiras? Quantas línguas (vivas ou mortas) possuem algum tipo de material lexicográfico? Quantos materiais já foram produzidos para essas línguas? Quando? Por quem? Quais as características estruturais dessas obras em termos de microestrutura e de macroestrutura?

Ademais, a pesquisa de informações sobre os tipos e as estruturas de materiais lexicográficos já existentes pode ser bastante útil para um projeto como o desenvolvido nesta tese, em que proponho, dentre outras coisas, a construção de um novo programa de computador para armazenamento de dados linguísticos com a possibilidade, em uma de suas perspectivas, de aproveitamento desses dados para a produção de diferentes dicionários e de outros tipos de materiais baseados em línguas indígenas brasileiras.

## 7.2. UMA METODOLOGIA PARA A PESQUISA DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

A fim de responder às questões apresentadas acima, proponho um conjunto de ações para realizar a coleta e a análise das informações sobre os materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras.

### 7.2.1. Definição do objeto da pesquisa com delineamentos de uma metodologia

Antes de partir em busca de dicionários e vocabulários das línguas indígenas, é fundamental que seja definido o que se quer de fato buscar, ou seja, o objeto da pesquisa, pois, caso contrário, pode-se não só empreender um esforço muito maior do que o necessário, mas também não aproveitar adequadamente os resultados do material pesquisado.

Apesar de, aparentemente, em um primeiro momento, não haver nenhuma dúvida sobre a natureza do objeto a ser buscado: dicionários, vocabulários e glossários de línguas indígenas brasileiras, um olhar mais atento sobre esse objeto revela que a apreensão correta dele não é tão fácil, nem tão óbvia, como se percebe ao questionar a sua própria natureza e os meios pelos quais se pode apreendê-la:

- Quais são, exatamente, os tipos de materiais a serem buscados?
- Quais são as línguas que compõem o conjunto “línguas indígenas brasileiras”?
- Qual a natureza desses materiais (física, virtual)?
- Onde buscar esses materiais? Durante quanto tempo?
- Que informações de cada material localizado serão registradas?
- Onde essas informações serão registradas? De que forma?
- Uma vez registradas as informações, como elas serão analisadas?

A seguir, busco responder a cada uma destas questões na tentativa de construir de modo claro os delineamentos do objeto desta pesquisa bibliográfica.

#### 7.2.1.1. Em busca de uma tipologia das obras lexicográficas

Produzidas no âmbito de diferentes sociedades, em épocas e lugares diversos, e com os mais variados recursos e finalidades, as obras lexicográficas assumiram uma pluralidade de formas e funções, e, por isso, classificá-las tornou-se, segundo Haensch (1982, p. 95), “una tarea muy ardua”.<sup>64</sup> Logo, a distinção, por exemplo, entre materiais do tipo “dicionário” dos do tipo “glossário” nem sempre é tão óbvia.

Essa perspectiva assume contornos de maior complexidade se for considerado que, no caso das línguas indígenas, significativa parte delas não possui uma interface escrita, nem o povo que a fala domina a escrita, a própria produção de materiais escritos (tais como gramáticas e dicionários), muitas vezes, só faz sentido para as pessoas que não pertencem àquela comunidade indígena.

Por isso, partiremos de uma proposta básica apresentada por Correia (2009, p. 21-46) para classificar os tipos mais comuns de obras lexicográficas.

QUADRO 17 – DA TIPOLOGIA DE MATERIAIS LEXICOGRAFICOS

	<i>Tipologia</i>	<i>Descrição</i>
1.	Dicionário de língua	“[...] livro que visa a descrição de unidades lexicais ou palavras. [...] ele contém, necessariamente, [...] informação gramatical...” (CORREIA, 2009, p. 25; 130).
2.	Enciclopédia	“[...] compêndio, geralmente de grandes dimensões, contendo informações sobre os mais variados domínios do saber: visa fornecer explicações sobre entidades da realidade extralinguística, [...] por meio de textos informativos, acompanhados ou não de ilustrações.” (CORREIA, 2009, p. 27).
3.	Glossário	“[...] lista restrita de vocábulos de um determinado domínio do conhecimento, de um determinado registro linguístico [...], específicos da obra de um autor. [...] Esta lista pode ser apresentada, p.ex., como uma anexo a uma outra obra.” (CORREIA, 2009, p. 31).
4.	Tesouro	“[...] dicionário em que se procura reproduzir um percurso onomasiológico [= dicionário analógico]” (CORREIA, 2009, p. 31).
5.	Vocabulário	“[...] conjunto delimitado de vocábulos, isto é, de unidades efectivamente atestadas num determinado registro de língua, num conjunto de textos, na obra do autor, etc.” (CORREIA, 2009, p. 31).

<sup>64</sup> Tradução: “uma tarefa muito árdua” (tradução nossa).

Contudo, ao lidar com materiais produzidos muitas vezes a partir de línguas tão diferentes entre si, que não dispunham ainda de nenhuma forma de escrita, com os mais diferentes status de uso, não esquecendo dos objetivos particulares e institucionais, do tempo e dos recursos disponíveis e também da competência técnico-científica de quem produziu ou colaborou com a produção da obra lexicográfica, todos esses fatores vão interferir diretamente na produção do material. Por isso, além dos materiais elencados acima, é possível que outros sejam acrescentados à lista ao decorrer da pesquisa.

Além disso, é possível que ocorram coincidências entre os termos descritos no Quadro 17 com os termos usados nas obras encontradas, sem que haja nenhuma relação entre o material (publicado ou manuscrito) e a proposta acima descrita.

Outra observação importante diz respeito às múltiplas possibilidades de especificação desses materiais, oriundas de particularidades relacionadas à quantidade de línguas envolvidas no trabalho (uma, duas ou várias), ao conteúdo selecionado (dados linguísticos, dados extralinguísticos ou ambos, mas também, nesses mesmos domínios, os diversos recortes possíveis), à forma de organização/ordenamento das informações (pela ordem alfabética, pelos sentidos, por imagens), à estruturação interna de cada informação (disposição, relacionamento e formatação dos elementos da microestrutura), à extensão da obra (dependendo da natureza da pesquisa e da destinação da obra, a quantidade de entradas pode variar bastante de obra para obra), ao público-alvo e finalidade a que elas atendem (para ensino de línguas, para tradução, para atendimento de diferentes áreas de especialidade, entre outros) e ao suporte em que foi construído (manuscrito, impresso, digital), pois essas características podem definir a nomenclatura, que, aliás, como em todo domínio científico, apresenta variação. Por isso, em um primeiro momento, devo fazer o registro da denominação original atribuída pelo(s) próprio(s) autor(es) de cada obra, sem nenhuma intervenção ou avaliação acerca da adequação entre título e conteúdo da obra. Somente com a descrição dos demais elementos (ver seções subsequentes) é que poderei propor alguma nomenclatura mais específica.

Em resumo, tomarei como ponto de partida na definição do objeto deste trabalho os cinco tipos de materiais identificados acima, com a perspectiva de acrescentar ou retirar tipos conforme for se desenvolvendo a pesquisa.

### 7.2.1.2. As línguas indígenas brasileiras

Várias propostas de agrupamento ou de classificação das línguas indígenas brasileiras já foram realizadas ao longo dos últimos dois séculos, dentre as principais cito as de: Martius (1867), Steinen (1886), Ehrenreich (1892), Boas (1911), Rivet (1924), Schmidt (1926), Mason (1950) e <sup>65</sup> Rodrigues (1970a; 1970b; 1986; 2013). Cada uma dessas propostas trouxe contribuições para o desenvolvimento de hipóteses sobre as relações genéticas das línguas indígenas do Brasil. Dentre as principais dificuldades de classificar essas línguas está a ausência de dados linguísticos suficientes e de estudos que descrevam com segurança cada uma das línguas.<sup>66</sup> Embora vários agrupamentos genéticos sejam considerados consolidados, outros ainda não foram plenamente fundamentados.

Paralelamente a estas diversas propostas de classificação feitas por estudiosos, há o resultado do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, que se baseou no registro das autoidentificações dos entrevistados, chegando, assim, a um total de 274 línguas.<sup>67</sup>

Vê-se, dessa forma, que estabelecer quais são as línguas indígenas brasileiras não é tarefa das mais fáceis.

Contudo, para delimitar um ponto de partida para este trabalho, optei pela classificação proposta por Rodrigues (2013), por ela representar a culminância de um trabalho científico de classificação, fundado no método histórico-comparativo e em mais de meio século de pesquisa. Trata-se de uma lista que apresenta 199 línguas classificadas, quando possível, em troncos (Macro-Jê e Tupi) e famílias linguísticas (41 ao total), além de registrar línguas isoladas e também uma língua mista.

Certamente, ao longo desta pesquisa, foram incorporados materiais relacionados a línguas mortas, cujos registros foram adicionados à lista original.

### 7.2.1.3. Coordenadas necessárias para a pesquisa

Uma vez definidos os tipos de materiais lexicográficos e a que línguas eles se referem, passo à questão da natureza desses materiais. Ao longo da história dos estudos

---

<sup>65</sup> Para informações mais detalhadas sobre algumas destas referências, consultar Rodrigues (2012, p. 279-283).

<sup>66</sup> Deve-se levar em consideração ainda o fato de vários povos indígenas, no passado e no presente, migrarem entre regiões de países diferentes, por eles não reconhecerem as fronteiras estabelecidas pelos não indígenas. Assim, um povo que antes vivia em terras brasileiras e que forneceu material linguístico para elaboração de dicionários e vocabulários, hoje, pode existir, por exemplo, somente no Peru, na Colômbia ou no Paraguai, e isso é uma questão que deve ser considerada na definição do conjunto “línguas indígenas brasileiras”.

<sup>67</sup> O próprio IBGE reconhece a necessidade de avaliar de modo mais aprofundado por linguistas e antropólogos esse total de línguas e de povos identificados no Censo 2010.

linguísticos das línguas indígenas brasileiras, diversos pesquisadores, profissionais ou não, registraram dados dessas línguas, e a forma mais comum se deu com a utilização de registros escritos em papel. No entanto, com o advento de máquinas que armazenavam informações, como os computadores pessoais que se popularizaram na segunda metade do século XX, os dados puderam passar a ser registrados de modo digital (ou virtual). Mais recentemente, esses dados digitais passaram a circular na “nuvem”, ou seja, sob a forma de armazenamentos na internet, podendo ser compartilhados e acessados virtualmente de qualquer lugar do mundo.

Assim, ao se questionar sobre a natureza dos materiais a serem buscados, chega-se à questão seguinte: Onde buscar esses materiais? Pois, se a intenção for pesquisar materiais impressos ou conteúdos digitais, a forma e o local de pesquisa podem mudar drasticamente. Por exemplo, apesar de atualmente existirem muitas obras raras digitalizadas e disponíveis em site da internet, ainda há um grande acervo que só pode ser encontrado nas escuras e empoeiradas estantes de livros raros de uma biblioteca.

Logo, há de se estabelecer um percurso para desenvolvimento desta etapa da pesquisa, o que passo a fazer, a título de sugestão, a seguir.<sup>68</sup>

- 1) Acervo pessoal: buscar no conjunto de obras de sua biblioteca particular todos os materiais lexicográficos nele contidos. Por estarem mais próximos e à disposição, é recomendável identificá-los logo.
- 2) Computador pessoal: é possível que haja arquivos armazenados no disco rígido de seu computador, oriundos de pesquisas anteriores ou de materiais compartilhados, por exemplo, por terceiros.
- 3) Internet: sem dúvida, trata-se de um grande repositório de material lexicográfico digital. No entanto, ao mencionar pesquisa na internet, a primeira ideia que vem é a de utilizar um motor de busca; mas, há de se lembrar que existem muitos acervos não acessíveis mesmo aos mecanismos mais modernos de busca. Por isso, a pesquisa neste vasto mundo virtual também exige um esforço coordenado:
  - Utilizar os motores de busca: a internet dispõe, hoje, de grande número de motores de busca, tais como Google ([www.google.com](http://www.google.com)), Yahoo ([www.yahoo.com](http://www.yahoo.com)), Bing ([www.bing.com](http://www.bing.com)), para citar apenas os maiores e mais conhecidos, cada um com sua base de dados, podendo oferecer resultados bem diferentes para um mesmo assunto pesquisado. No momento da busca, optar pela

---

<sup>68</sup> Para o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, há de se ter à disposição a lista completa de línguas indígenas brasileiras mencionada no tópico anterior.

combinação de palavras-chave como os tipos de materiais com as denominações de troncos e famílias linguísticas.

- Identificar as principais instituições de ensino e pesquisa, bibliotecas projetos relacionados a línguas indígenas no Brasil e no Exterior, pois eles, em geral, possuem sistemas de busca próprios, além de, com frequência, disponibilizarem materiais digitais para download. No Brasil, podemos citar além dos sites das bibliotecas da maioria das universidades públicas, instituições como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que mantém a Biblioteca Curt Nimuendajú (<http://biblioteca.funai.gov.br>), a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ([www.bn.br](http://www.bn.br)), o projeto Europeana ([www.europeana.eu](http://www.europeana.eu)), a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin ([www.bbm.usp.br](http://www.bbm.usp.br)), o Portal Domínio Público ([www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)), a Rede Pergamum de Bibliotecas Brasileiras ([www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/consultas/site\\_CRP/pesquisa.php](http://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/consultas/site_CRP/pesquisa.php)), entre outros.
  - Utilizar os fóruns de discussão especializados da área da linguística, da lexicografia e de áreas afins para obter informações com pessoas que compartilham de interesses comuns aos seus. Esses fóruns, mesmo que não ofereçam o material, podem ajudar a localizar o que se procura em alguma biblioteca.
  - Bases especializadas de bibliografias, como as de Dietrich (2002), de Fabre (2005) e de Rodrigues e Cabral (2014).
  - Por fim, há ainda a possibilidade de pesquisar nos catálogos eletrônicos de livrarias nacionais e estrangeiras. Uma vez localizada uma obra que se deseja, o próprio site pode oferecer um sistema de venda *on-line*.
- 4) Bibliotecas institucionais: essas bibliotecas de instituições públicas ou privadas, de escolas, universidades, órgãos governamentais, comunitárias ou particulares, mantêm acervos físicos que, com muita frequência, ainda não foram digitalizados. Por isso, a pesquisa *in loco* pode render uma quantidade razoável de material. Como nem todas as bibliotecas dispõem de serviços de reprografia, e nem todas as obras estão disponíveis para empréstimo (os dicionários são considerados obras de referência e, por isso, apenas de circulação interna), pode ser necessário fazer anotações no próprio local ou, se possível, utilizar uma câmera fotográfica para o registro do conteúdo pesquisado. Por fim, as próprias bibliotecas, em geral, mantêm

uma rede de comutação de materiais bibliográficos que pode ser bastante útil se a obra desejada estiver no acervo de outro setor ou instituição.<sup>69</sup>

Apesar de não se constituir exatamente em um lugar, a pesquisa em catálogos especializados de referências bibliográficas (impressos ou digitais) pode ser bastante produtiva. Nesse sentido, já existe uma quantidade significativa dessas obras, dentre as quais podemos citar:

- *Apontamentos para a Bibliografia da língua tupí-guaraní*, de Plínio Ayrosa, obra publicada em São Paulo, pela Gráf. Cruzeiro do Sul, em 1943.
- *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*, de Herbert Baldus, obra publicada em São Paulo, por Nicolau Indústria Gráfica, em 1954.
- *Classification of South American Indian Languages*, de Čestmir Loukotka, obra publicada em Los Angeles, EUA, pela Latin American Center, University of California, em 1968.
- *Catálogo do material linguístico da Comissão Rondon*, de Ruth Wallace de Garcia Paula, obra publicada no Rio de Janeiro, pelo Museu do Índio, em 1982.
- *Catálogo de las lenguas de América del Sur*, de Antonio Tovar e Consuelo Larrucea de Tovar, obra publicada em Madrid, Espanha, pela editora Gredos, em 1984.
- *The present state of the study of Brazilian Indian languages*, de Aryon D. Rodrigues, obra publicada em Austin, EUA, pela University of Texas Press, em 1985.
- *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*, de Aryon D. Rodrigues, obra publicada em São Paulo, pela Editora Loyola, em 1986.
- *Bibliografia das línguas Macro-Jê*, de Wilmar da R. D'Angelis, Carla Maria Cunha e Aryon D. Rodrigues, obra publicada em Campinas, SP, pela Universidade Estadual de Campinas, em 2002.
- *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos*, de Alain Fabre, obra disponível na internet desde 2005 – <http://www.ling.fi/DICCIONARIO.htm>

---

<sup>69</sup> No Brasil, o principal serviço de compartilhamento de documentos entre bibliotecas é o Programa de Comutação Bibliográfica (Comut), mantido pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Secretaria de Educação Superior (Sesu), do Ministério da Educação e junto ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). O Comut pode ser utilizado a partir do site <http://comut.ibict.br/comut>.

- *Lingüística Ameríndia Sudamericana: Las lenguas indígenas de América*, de Wolf Dietrich, publicado e atualizado na internet – <http://www.uni-muenster.de/Romanistik/Organisation/Lehrende/Dietrich/LingAmerSud/index.html>

Uma vez estabelecida a variedade de locais para pesquisa de materiais lexicográficos, passo à questão acerca da duração desse trabalho. Como são buscados materiais produzidos nas mais diferentes línguas, ao longo de, pelo menos, 400 anos, e armazenados nos mais diferentes lugares do Brasil e do exterior, a pesquisa se prolongará para além do término da presente tese.

#### 7.2.1.4. Identificando as informações dos materiais lexicográficos

Ao atingir esta etapa da pesquisa em que os materiais já haviam começado a ser localizados, era fundamental responder adequadamente à questão de que informações seriam consideradas ou extraídas de cada obra.

Esse registro deveria ser feito da maneira mais sistemática possível, pois tantas poderiam ser as referências, que ficaria inviável primeiro reunir tudo para só então iniciar o registro delas.

Logo, se o objeto inicial era determinar que obras lexicográficas já haviam sido produzidas para todas as línguas indígenas brasileiras, e quais seriam as principais características dessas obras, a proposta era a de que as informações a serem coletadas fossem:

- Identificação da língua, com a respectiva família e tronco, se houvesse.* Para cada língua, uma entrada específica, ou seja, se o material contivesse mais de uma língua, seriam feitas entradas específicas para cada uma delas.
- Identificação da tipologia atribuída no próprio material.* Se o material for identificado pelo título “Dicionário de Tupi-Moderno” (BOUDIN, 1966), o tipo de material será *dicionário*, a não ser que, no interior dessa obra houvesse um *vocabulário*, situação bastante comum, aliás; nesse caso, a classificação deve considerar a identificação atribuída a cada parte do material.<sup>70</sup>
- Elaboração da referência bibliográfica completa, apresentada conforme uma norma pré-estabelecida (ABNT, Chicago, Vancouver, entre outras).* A referência completa de um material bibliográfico é composta, grosso modo, dos dados de autoria, do título, da edição, dos tradutores, do local e data de publicação, da quantidade de

<sup>70</sup> Como mencionei anteriormente, não cabe neste momento avaliar se o autor da obra empregou adequadamente a classificação lexicográfica da obra, pois o que conta é a “autoidentificação” presente na mesma.

páginas e da coleção ou série. Além disso, nessa referência é possível especificar cada parte que contenha algum material lexicográfico. Ou seja, se numa determinada obra lexicográfica, um dicionário bilíngue possuir duas partes, uma com dados no sentido da língua 1 (L1) para a língua 2 (L2) e seu reverso, isto é, da L2 para a L1, é importante que sejam feitas duas entradas, uma para cada parte do dicionário. A cada um desses conjuntos de dados contidos na obra, denominei *Unidade de Base Lexicográfica* (UBL). Logo, o dicionário bilíngue acima, usado como exemplo, possui duas UBL's, que devem ser registradas separadamente, pois, só assim, podem ser analisados em suas macro e microestruturas específicas. Desse modo, reafirmo a necessidade de informar, no interior da referência bibliográfica, os dados de cada parte destacada, inclusive citando o intervalo de páginas correspondentes a cada uma delas.

- d) *Identificação das línguas envolvidas no material referenciado.* A informação das línguas utilizadas no material lexicográfico pode ser útil para descobrir qual a frequência de uso de determinada língua, por exemplo, na entrada do verbete. Essas línguas podem vir citadas no interior da própria referência bibliográfica, logo após a citação da parte específica destacada na obra, mas também podem vir destacadas em campo próprio. Neste último caso, para registrar essa informação também de modo destacado, utilizei um sistema de siglas para identificar as línguas e uma seta horizontal apontando para a direita a fim de indicar a direção.<sup>71</sup> Por exemplo, um material que tivesse o lema com uma palavra de uma língua indígena (Id) e com a tradução para o Português (Pt), seria assim representado: Id → Pt.<sup>72</sup> Se a relação fosse entre mais de duas línguas, indicava todas as línguas na segunda parte do esquema, separando-as por barras diagonais ( / ). Ex.: Id → Pt/In/Lt.<sup>73</sup>
- e) *Quantificação das entradas (ou verbetes).* Esta questão é bastante delicada, pois não há uma única forma de apresentar as entradas de um dicionário. Por exemplo, há obras que apresentam regularmente a distribuição dos verbetes, com apenas um lema para cada entrada; outros, porém, apresentam entradas e subentradas; e outros

<sup>71</sup> O uso da seta nessa relação não define estritamente uma operação lógica do tipo condicional, mas sim que o elemento que está à esquerda da seta é o que serve como base na entrada e que os demais, à direita, ficam, de certa maneira, subordinados a ele.

<sup>72</sup> Abreviaturas de línguas usadas neste trabalho: Al: *Alemão*; Es: *Espanhol*; Fr: *Francês*; Id: *Línguas Indígenas*; In: *Inglês*; It: *Italiano*; Jp: *Japonês*; Lt: *Latim*; Pt: *Português*; Rs: *Russo*. Comentário: Como essas línguas são as usadas para traduzir as línguas indígenas brasileiras e são reduzidas em número, resolvi especificar cada uma delas, ao passo que para as línguas indígenas utilizei uma forma única (Id).

<sup>73</sup> Se uma das línguas citadas à direita tivesse uso esporádico, como ocorre no caso do uso da língua latina para designar termos científicos, a indicação dessa língua deveria vir entre parênteses. Ex.: Id → Pt/(In/Lt).

apresentam ainda uma palavra como entrada de várias outras entradas. Há de se destacar ainda a grande diferença que existe no estabelecimento de um lema para o verbete e também do conteúdo associado a ele. Ou seja, o que para um dicionário pode constituir um verbete independente, para outro pode ser apenas um tópico dentro de outro verbete. Acredito que a solução mais prática é contar todos os itens de entrada, independentemente das suas qualidades e conteúdos; e, com relação às subentradas, estas devem ser avaliadas se se tratam de novos itens lexicais (apenas com um recuo na margem) associados semanticamente ou não ao item da entrada principal (neste caso, elas devem ser contadas como itens de entrada) ou se contêm apenas dados que exemplificam o conteúdo da entrada (neste caso, não devem ser contados com itens novos). Isto só o aprofundamento da pesquisa pode revelar. Em todo caso, essa contagem deve ter um caráter apenas indicativo para uso no estabelecimento de uma classificação dos materiais.<sup>74</sup>

- f) *Classificação a partir da quantidade de entradas.* A contagem indicada no tópico anterior, mais do que revelar a quantidade de entradas de um dicionário, deve servir para estabelecer uma classificação dos materiais com base na quantidade de entradas. Essa classificação, por sua vez, contribui não só para dar alguma ideia da dimensão de uma obra em relação a outra, mas também ajudar a definir se há alguma relação entre os tipos de materiais e a quantidade de entradas (por exemplo, dicionários possuem mais entradas que vocabulários?).<sup>75</sup> Por isso, ao término desta lista, apresento uma proposta detalhada de classificação baseada na quantidade de entradas dos materiais.
- g) *Identificação do ordenamento da macroestrutura.* Todo material lexicográfico apresenta, a princípio, algum tipo de ordenamento que condiciona sua macroestrutura. Segundo Haensch (1982, p. 165), “El diccionario semasiológico

---

<sup>74</sup> Não resta dúvida acerca da dificuldade de se estabelecer uma classificação dos dicionários baseada na quantidade de entradas, uma vez que, com arranjos simples, é possível multiplicar exponencialmente a quantidade de verbetes de um dado material. Por exemplo, se, para cada caso de polissemia, que poderia ser tratado dentro de um mesmo verbete, forem geradas novas entradas, ou seja, a polissemia passa a homonímia, originando, assim, vários novos verbetes.

<sup>75</sup> Já foram feitos vários estudos acerca da quantidade das obras lexicográficas, assim como também foram propostas classificações baseadas nessas quantidades. No Brasil, uma das classificações mais mencionadas em trabalhos que analisam dicionários com base na quantidade de verbetes é a de Rangel (2006), adotada, inclusive, pelo MEC. Nessa proposta, os dicionários são direcionados para diferentes públicos escolares (do ensino infantil, do fundamental e do médio), baseado em um critério, sobretudo, quantitativo. Segundo essa proposta, os dicionários podem ser classificados como: *Tipo 1*: de 1.000 a 3.000 palavras; *Tipo 2*: de 3.500 a 10.000 palavras; *Tipo 3*: de 19.000 a 35.000 palavras.

ordena por significantes; el diccionario onomasiológico, por conceptos”.<sup>76</sup> Sem dúvida, não há uma fronteira nítida entre essas duas perspectivas, podendo, na prática, existirem, por exemplo, dicionários onomasiológicos (primeiro critério) com partes semasiológicas (segundo critério). Por isso, opto, para efeito de registro, para que seja considerada a primeira ordenação do material. Nesse sentido, pela ordenação dos materiais em “base semasiológica” e “base onomasiológica”, com possibilidade de ajustes à medida que as análises forem sendo processadas.<sup>77</sup>

- h) *Descrição da microestrutura.* Uma informação crucial para o desenvolvimento desta pesquisa está relacionada à microestrutura de cada material lexicográfico. Essa microestrutura compõe o artigo que, segundo Haensch (1982, p. 462), “es la más pequeña unidad autónoma de um diccionario, y puede tener una fisionomía muy variada”.<sup>78</sup> Essa variedade de estruturação dos artigos é resultado das opções teóricas (mas também de fatores de ordem prática) de cada projeto lexicográfico desenvolvido para determinada língua. Diante da multiplicidade de estruturas, proponho uma forma de descrição que dê conta de parte da complexidade dessa informação, ou seja, uma maneira prática e segura de apresentar os principais componentes das microestruturas encontradas. Como esta descrição requer um detalhamento maior, buscando manter, em certo sentido, a noção original do sistema microestrutural de cada obra, apresento, ao final desta subseção, a proposta completa.
- i) A última informação a ser apresentada nesta lista diz respeito àquelas que surgiram no decorrer da pesquisa e não puderam ser previstas com exatidão. Contudo, a título de exemplo, uma informação recorrente nesta pesquisa estava relacionada à possibilidade de uma obra reproduzir o conteúdo de outra obra, sob a forma de tradução, reedição/republicação e mudança de suporte (do escrito para o digital). Neste caso específico a informação acessória é assim apresentada: “Dados obtidos em *Fulano* (ano, p. NN-NN)”.

<sup>76</sup> Tradução: “O dicionário semasiológico ordena por significantes; o dicionário onomasiológico, por conceitos” (Tradução nossa).

<sup>77</sup> Para uma discussão acerca das noções de onomasiologia e semasiologia indico a leitura dos textos de Wolf (1982), Baldinger (1966), Babini (2006) e Faulstich e Oliveira (2007).

<sup>78</sup> Tradução: “é a menor unidade autônoma de um dicionário e pode assumir uma fisionomia bastante variada” (Tradução nossa).

#### 7.2.1.4.1. Proposta de classificação baseada na quantidade de entradas

Apesar da dificuldade de estabelecer uma classificação precisa dos materiais lexicográficos baseada na quantidade de verbetes, conforme tratei anteriormente, busco classificá-los, antes de tudo, com a intenção clara de dar a conhecer esta informação, esses dados quantitativos.

Contudo, antes de apresentar a proposta, é necessário destacar que muitas outras propostas de classificação de dicionários (de línguas indígenas ou não) baseadas na quantidade de verbetes certamente já foram feitas, dentre as quais cito as de Sousa (1995) e Welker (2003 apud WELKER, 2004). A título de exemplo, no Brasil, uma das propostas mais conhecidas para classificar os dicionários de língua é a de Biderman (1984, p. 27), segundo a qual os dicionários podem ser distribuídos em categorias, estritamente relacionadas a uma destinação do material e a um tipo de usuário. Eis os dados de sua proposta:

- 1) o dicionário infantil e/ou básico com 5.000 verbetes aproximadamente; 2) o dicionário escolar e/ou médio contendo 10.000 - 12.000 verbetes, podendo totalizar até 30.000 verbetes; 3) o dicionário padrão com uma média de 50.000 verbetes, um pouco mais, um pouco menos; 4) os “thesauri” que podem incluir 100.000, 200.000, 500.000 verbetes. Biderman (1984, p. 27).

Essa proposta de Biderman (1984), assim como muitas outras, parte da experiência com dicionários que possuem longa tradição lexicográfica, como o Português, o Francês, o Alemão e Espanhol, onde obras com mais de 50.000 são bastante comuns. No entanto, no caso das línguas indígenas brasileiras, é possível que não existam dicionários tão volumosos, o que justificaria também a necessidade de apresentação de uma nova proposta de classificação quantitativa.

Essa proposta consiste no estabelecimento de faixas de quantidade, definidas a partir do seguinte cálculo: adotei uma base fixa 3 e um multiplicador também 3, que é duplicado para estabelecer cada nova faixa por meio de multiplicações sucessivas, resultando em uma progressão geométrica, como pode ser observado, por exemplo, nos cálculos a seguir:

$$\begin{array}{ll}
 3 \times (3 \times 1) & = 9 & 3 \times (3 \times 16) & = 144 \\
 3 \times (3 \times 2) & = 18 & 3 \times (3 \times 32) & = 288 \\
 3 \times (3 \times 4) & = 36 & 3 \times (3 \times 64) & = 576 \\
 3 \times (3 \times 8) & = 72 & 3 \times (3 \times 128) & = 1.152^{79}
 \end{array}$$

<sup>79</sup> Ao dividir um dos resultados por seu antecessor imediato, obtém-se como novo resultado um valor constante, neste caso, 2 ( $1152 \div 576 = 2$ ;  $576 \div 288 = 2$ ). Outro recurso que poderia ter usado para encontrar as faixas seria o da potenciação, porém, se assim procedesse, o espaçamento entre as faixas ficaria demasiadamente longo.

Os resultados desses cálculos levados até o limite de  $3 \times (3 \times 65.536)$  estabelecem os limites de faixas de quantidade, que mantêm entre elas uma proporcionalidade razoável. Tais faixas podem ser agrupadas da seguinte maneira:

<b>Grupo</b>	<b>A</b>
• Corresponde às quantidades de 1 a 576.	
<b>Grupo</b>	<b>B</b>
• Corresponde às quantidades de 577 a 18.432.	
<b>Grupo</b>	<b>C</b>
• Corresponde às quantidades de 18.433 a 589.824.	

Cada grupo está subdividido em 5 faixas, conforme apresentado no Quadro 18:

**QUADRO 18 – PROPOSTA DE CÓDIGOS PARA CLASSIFICAÇÃO DAS QUANTIDADES DE ENTRADAS DOS MATERIAIS LEXICOGRÁFICOS DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS**

CÓDIGO	FAIXAS DE QUANTIDADE		
A1	01	a	36
A2	37	a	72
A3	73	a	144
A4	145	a	288
A5	289	a	576
B1	577	a	1.152
B2	1.153	a	2.304
B3	2.305	a	4.608
B4	4.609	a	9.216
B5	9.217	a	18.432
C1	18.433	a	36.864
C2	36.865	a	73.728
C3	73.729	a	147.456
C4	147.457	a	294.912
C5	294.913	a	589.824

Como os dois primeiros valores de faixa encontrados nos cálculos acima são muito baixos (9 e 18), eles não constituirão faixas independentes, mas serão, sim, considerados dentro do Grupo A1.

Essa classificação não busca de modo algum relacionar a quantidade de verbetes a, por exemplo, faixa etária de um possível público-alvo do material lexicográfico ou a determinado nível de escolaridade, nem tampouco estabelecer uma nomenclatura do tipo pequeno ou grande (dicionário, vocabulário, etc.).

#### 7.2.1.4.2. Proposta de descrição da microestrutura dos materiais<sup>80</sup>

Com o objetivo de apreender o máximo de informação acerca da microestrutura de cada material lexicográfico encontrado e acreditando que toda microestrutura representa um conjunto organizado de informações dispostas intencionalmente para dar conta de aspectos relacionados ao léxico das línguas, proponho uma maneira esquemática para realizar essa descrição.

Como não era possível determinar todos os elementos que surgiriam ao longo da pesquisa, selecionei, para início dos trabalhos, alguns dos elementos básicos de uma microestrutura básica apresentada por Faulstich (2011a, p. 181-182), são eles: lema, categoria gramatical, variante(s) da entrada, marca de homonímia, indicação de área ou subárea de especialidade, exemplo (ou abonação), indicação de pronúncia, origem e etimologia, remissivas, fontes e notas. Cada um desses elementos que compõem a microestrutura recebeu uma etiquetagem. O mesmo foi feito para todos os novos itens adicionados ao longo da pesquisa.

Ao término da primeira etapa da pesquisa, o quadro de referências havia se ampliado bastante, como é possível ver a seguir:

QUADRO 19 – SIGLAS UTILIZADAS NA DESCRIÇÃO DE MICROESTRUTURAS

SIGLA	EXPLICAÇÃO DA SIGLA
Am	Análise morfológica [Operador]
Ar	Área (Biologia, Geografia, História, Linguística, Matemática...) [Operador]
Cs	Campo semântico
D	Descritor
DAI	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Alemão
DEs	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Espanhol
DFr	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Francês
DIn	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Inglês
DIt	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Italiano

<sup>80</sup> Apesar de nem todos os materiais que contêm dados lexicais sejam do tipo dicionário ou vocabulário, considero que para todos eles seja possível depreender uma estrutura mínima, logo, passível de descrição assim como os demais materiais.

DId	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Língua Indígena
DJp	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Japonês
DLt	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Latim
DPt	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Português
DRs	Descritor (glosa, definição, paráfrase, tradução...) em Russo
Dt	Datação do item lexical [Operador]
E	Exemplo <sup>81</sup>
EAl	Exemplo em Alemão
EEs	Exemplo em Espanhol
EId	Exemplo em Língua Indígena
EIn	Exemplo em Inglês
EIt	Exemplo em Italiano
EJp	Exemplo em Japonês
ELt	Exemplo em Latim
EPt	Exemplo em Português
ERs	Exemplo em Russo
Et	Etimologia [Operador]
Fn	Pronúncia/Fonética/Fonologia [Operador]
Fr	Fraseologia [Operador]
Ft	Fonte da informação [Operador]
Gf	Ortografia [Operador]
Gr	Indicação da categoria gramatical [Operador]
Hm	Indicação de ocorrência de homonímia [Operador]
Im	Imagem (ilustração) [Operador]
L	Lema
LAl	Lema em Alemão
LEs	Lema em Espanhol
LFr	Lema em Francês
LId	Lema na Língua Indígena
LIn	Lema em Inglês
LIt	Lema em Italiano
LJp	Lema em Japonês
LLt	Lema em Latim

<sup>81</sup> Na Lexicografia, geralmente se faz a distinção entre *exemplo* e *abonação*, como estratégias para demonstrar, no interior da própria microestrutura, o lema em uso, ou seja, dentro de um contexto, construído para esse fim ou tomado de um contexto exterior. Nesta proposta de descrição, emprego o termo ‘exemplo’ para designar indistintamente exemplo e abonação.

LPt	Lema em Português
LRs	Lema em Russo
Lu	Lema em contexto
Mc	Marcas (de uso) [Operador]
Na	Nota do autor [Operador]
Ne	Nota do editor [Operador]
Nt	Nota do tradutor [Operador]
O	Operador
Rm	Remissiva [Operador]
Rz	Raiz (de item lexical, de palavra) [Operador]
Sm	Segmentação Morfológica [Operador]
Tc	Texto complementar [Operador]
Tl	Tradução literal [Operador]
Tm	Indicação de tom [Operador]
Vr	Variante/Variedade [Operador]

Algumas explicações necessárias sobre as informações do Quadro 19. Tanto a análise morfológica quanto a segmentação morfológica têm ocorrências registradas em verbetes de materiais de línguas indígenas. Optei pelo termo descritor, ao invés de definição, por aquele ser mais abrangente que este e, como há materiais de natureza bem diversa, considerei melhor não fechar em apenas uma modalidade de microestrutura. O texto complementar se refere a material linguístico acessório acrescentado ao verbete a fim de detalhar ainda mais alguma informação. Mesmo que esteja relacionado à pronúncia, a indicação de tom foi destacada porque, em geral, recebe marca própria no verbete. Sob o rótulo de Variante/Variedade foram registrados todos os casos de informação de variante semântico-lexical, fonético-fonológica ou morfossintática.

Uma vez estabelecida a base das abreviaturas, faço algumas breves considerações sobre essa proposta e passo, em seguida, à explicação das etapas de descrição das microestruturas.

Por se tratar de um estudo cuja intenção é dar conta dos principais aspectos de todas as microestruturas do maior número possível de materiais lexicográficos já produzidos para as línguas indígenas brasileiras, importante é apreender os componentes dessas microestruturas de modo prático e abrangente, ou seja, sem detalhar demais a proposta, pois isso demandaria um tempo significativamente maior de análise, muito maior do que o

disponível para conclusão desta tese. Isso não significa que a descrição proposta seja superficial, nem que ela não vá atender às necessidades deste trabalho. Por ter realizado testes com o modelo antes da aplicação definitiva neste projeto, constatei alguns problemas e fiz os ajustes necessários para aprimorar a proposta.

Essa proposta de descrição parte da ideia de que um artigo de material lexicográfico (de um dicionário, de um vocabulário ou glossário, por exemplo) possui uma determinada composição básica, totalmente inter-relacionada, constituída de quatro partes:

1) *Lema*, parte que geralmente inicia o verbete e está inter-relacionada com a maioria dos elementos do interior do corpo do verbete;

2) *Descritor*, parte que contém as informações metalinguísticas relacionadas diretamente com o Lema. Nos dicionários monolíngues, identifica-se com as definições ou paráfrases, e nos dicionários bilíngues, com as glosas, explicações e traduções literais.

3) *Operador*, parte que se associa ao Lema ou ao(s) Descritor(es), e que pode ser identificado pelas seguintes funções: indicar variação, auxiliar na pronúncia, definir propriedades morfosintáticas, remeter para itens de outros verbetes, comentar aspectos relevantes, apresentar tradução literal, evidenciar área de especialidade, descrever etimologia, registrar a fonte da informação.

4) *Exemplo*, que pode conter exemplos e abonações relacionados ao Lema e/ou ao Descritor da microestrutura.

Como materiais bilíngues são uma realidade bastante comum no conjunto de materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras, tanto o Lema, quanto o Descritor e o Exemplo devem ser capazes, nesta proposta, de registrar a língua em que estão sendo usados. Por isso, é necessário utilizar as abreviaturas acima apresentadas para construir uma descrição adequada de um material lexicográfico.

A fim de representar os relacionamentos lógicos existentes entre os componentes de uma microestrutura, proponho o uso de uma estrutura similar à de uma expressão numérica matemática,<sup>82</sup> por ela ser capaz de representar com eficiência os componentes e suas inter-relações.

A esta organização das informações da microestrutura denomino Expressão da Microestrutura Lexicográfica (EML). Essa expressão consiste em definir termos (elementos

---

<sup>82</sup> Outros trabalhos já buscaram descrever a microestrutura por meio de operadores de expressões numéricas, mas, até onde notei, há diferenças significativas de nomenclatura e de arranjo dos componentes entre a proposta que apresento e a de outros pesquisadores. Cf. Rey-Debove (1971), Finatto (1996) e Barbosa, M. A. (1999).

da microestrutura) e relacioná-los logicamente a fim de estabelecer seus valores e funções. Logo, uma EML completa pode ser assim descrita: o primeiro elemento da esquerda é o Lema (L), destacado do restante do corpo do verbete por dois pontos; em seguida, sem nenhuma delimitação de marcadores, são apresentados os Operadores (O) que possuem relação direta com o Lema e, se houver mais de um, devem vir separados por vírgula; à direita desses Operadores, são apresentados os Descritores (D), delimitados por chaves { }, esses Descritores devem vir separados por hífen ou, quando não recorrentes, vir dentro de parênteses ( ), esses Descritores devem ser apresentados na mesma ordem em que aparecem com maior frequência na microestrutura; assim como o Lema, um Descritores pode ter Operadores associados a ele, para isso, basta colocá-los à direita do Descritores a que se referem, dentro de parênteses;<sup>83</sup> ainda dentro da área do Descritores, deve ser apresentado o Exemplo (E), entre colchetes [ ], buscando manter a mesma sequência em que são apresentados no corpo do verbete, além disso, se houver mais de um Exemplo, estes devem vir separados por uma barra diagonal /.

Em síntese, uma EML padrão apresentará a seguinte estrutura:

L: O {D [E]}

Como se trata de uma proposta de modelo, à medida que a aplicação ocorrer, devem ser feitas adaptações para que o modelo se ajuste à realidade dos dados.

Uma observação importantíssima relacionada a esse modelo é a de que ele foi projetado para descrever os componentes de uma microestrutura, buscando, em certa medida, registrar a ordem em que eles aparecem nos dados. No entanto, como em apenas uma obra lexicográfica, por exemplo, é possível ter inúmeras variações ou possibilidades de arranjo dos operadores de uma microestrutura, optei pela disposição em ordem alfabética desses elementos, padronizando, assim, a sua apresentação.<sup>84</sup>

A título de exemplo, apresento, por meio de uma EML, os dados de uma microestrutura do *Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins*, organizado por Cabral e Rodrigues (2003):

---

<sup>83</sup> Neste caso, pode ocorrer interposição de Operadores entre dois Descritores.

<sup>84</sup> Esse mesmo modelo pode vir a ser aplicado para descrever os elementos de uma microestrutura em todas as suas variações.

FIGURA 05 – TRECHO DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA ASURINÍ DO TOCANTINS

<p><b>karóp</b> n III ‘ontem’ karówamo aatá wehá ‘ontem eu fui caçar’</p> <p><b>-karótohón</b> n III ‘esp. de abelha’ n oro’óihí karótohóna ryapíra ‘nós não bebemos mel de <i>karótohóna</i>’</p> <p><b>-karýj</b> vtr Ia ‘arranhar’ akarýj ‘eu arranhei’ orokarýj ta ‘eu vou arranhar você’</p>
---

Fonte: Cabral e Rodrigues (2003, p. 98).

Analisando as três microestruturas, observa-se que elas contêm os seguintes elementos em sequência: Lema em Asuriní (língua indígena), Operador (Informação gramatical), Descritor em língua portuguesa, Exemplo em Asuriní e em Português. Logo, podemos usar uma mesma EML para descrever essas microestruturas:

LId: Gr {DPt [EId/EPt]}

Essa EML descreve que o Operador Gr está relacionado diretamente ao Lema LId. Do mesmo modo, o conjunto Descritor DPt + Exemplo EId e EPt está subordinado a LId.

Na seção 7.3 apresento os resultados da análise de todas as microestruturas que tive acesso durante esta pesquisa.

#### 7.2.1.5. Armazenando os dados da pesquisa

Ao estabelecer com clareza o objeto da pesquisa, os locais onde eles serão buscados e as informações a serem extraídas de cada material encontrado, surge a necessidade de definir como será feito o armazenamento dessas informações.

Esse armazenamento deve ser feito de modo que todas as informações não apenas possam ser recuperadas rapidamente, mas também que haja a possibilidade de usar esse mesmo recurso para selecionar, ordenar e categorizar cada uma delas.

Logo, por esses dados a serem coletados apresentarem características que podem ser agrupadas, a solução mais prática é a de construir uma base do tipo banco de dados.

Para isso, podem ser usados editores de texto comuns, como o *Writer* (do pacote LibreOffice, The Document Foundation), o *WordPerfect* (Corel) e o *Word* (do pacote Microsoft Office, Windows), editores de planilhas, como o *Calc* (do pacote LibreOffice, The

Document Foundation) o *Quattro Pro* (Corel) e o *Excel* (do pacote Microsoft Office, Windows) ou qualquer um outro que permita a construção e edição de tabelas simples.

Além dessas opções, é possível usar programas específicos para geração de bancos de dados, como o *MySQL* (Oracle Corporation), o *Base* (do pacote LibreOffice, The Document Foundation) e o *Access* (do pacote Microsoft Office, Windows). No caso destes programas de gerenciamento de bancos de dados, é possível desenvolver programas e aplicativos para recebimento e processamento dos dados.

Como este trabalho está ligado ao desenvolvimento do Programa Línguas, espero, em futuro próximo, desenvolver uma base específica para receber todas as informações coletadas nesta pesquisa bibliográfica. Por ora, a fim de atender a uma demanda imediata, construí a base no programa Microsoft Office Word, editor de texto bastante popular, apesar de ser um software proprietário.<sup>85</sup>

O processo de criação de tabelas no Word, apesar de bastante simples, requer alguns ajustes para que os dados possam ser vistos adequadamente pelo usuário.

Os primeiros ajustes dizem respeito ao tamanho e à orientação da página. Uma página padrão, do tipo A4, com dimensões de 210 x 297mm, com orientação retrato, comporta uma tabela de até 4 colunas (cada uma com 40mm). Se a mesma página for girada para a orientação horizontal, comportará 6 colunas de igual dimensão. Como são necessárias, pelo menos, 12 colunas, com algumas delas com bastante espaço para receber as referências e as anotações, o ideal seria ter uma página com 420mm ou mais.

Assim, ao concluir os ajustes da página, criei nela uma tabela com 12 colunas e inseri, em cada célula de coluna da primeira linha da tabela, um rótulo para identificar o tipo de dados a serem inseridos. Neste ponto do trabalho, foi possível dimensionar cada coluna para um tamanho adequado ao tipo de dados a serem inseridos. Optei pelos seguintes rótulos: *tronco linguístico*, *família linguística*, *línguas*, *tipo de material*, *ano* (de publicação-elaboração do material), *UBL*, *quantidade* (Quantidade de entradas), *ordenação* (da macroestrutura), *Q*. (Classificação da quantidade de entradas), *EML* (descrição sistematizada), *direção* (da língua X para a(s) língua(s) K/Y/W) e *anotação*.

---

<sup>85</sup> O programa de computador cujos direitos autorais e patentes são exclusivos de seu(s) produtor(es) e sua redistribuição e modificação dependem de autorização são denominados *software proprietário*. O Word é um exemplo de software proprietário que pertence à empresa Microsoft. Neste caso, ele não é o programa mais recomendado para este tipo de trabalho, haja vista sua limitação em lidar com documentos muito extensos, com grande quantidade de dados. Contudo, é o mais simples de todos para construir uma tabela e formatá-la conforme as necessidades do usuário comum. Além disso, ele possui boa integração com sistema de geração de mala-direta, recurso este bastante útil para exportação formatada dos dados da base.

Uma vez iniciado o preenchimento desse documento, foi necessário fazer regularmente uma cópia de segurança desse banco de dados para fora do computador em que estava trabalhando, com o objetivo de manter seguras toda as informações já coletadas.

#### 7.2.1.6. Analisando os dados coletados

Ao concluir a coleta de informações, o material foi analisado, em suas várias perspectivas, para, finalmente, se chegar a buscar respostas para as questões apresentadas no final da seção 7.1.

De interesse crucial foi a informação de quantos materiais lexicográficos já haviam sido produzidos até hoje envolvendo as línguas indígenas brasileiras. Para isso, poder-se-ia contar somente as obras lexicográficas em si, o que daria uma quantidade não tão precisa, pois, podem existir obras que armazenam vários conjuntos de dados de línguas. Por essa razão, optei pelo uso da UBL (cf. item C da subseção 7.2.1.4) como critério de contagem dos dados. Com base nessa informação, pude especificar quantos materiais existem no âmbito de cada tronco linguístico e em cada família linguística, mas também quantos materiais cada língua possui.

Outra preocupação foi a de determinar as características de ordenação dos dados na microestrutura e também em identificar o funcionamento do sistema das microestruturas.

Por fim, procedi à análise da própria produção de materiais lexicográficos ao longo dos séculos, investiguei quais línguas serviram de base para os materiais, e também identifiquei quais outras línguas foram usadas para traduzir as línguas indígenas brasileiras.

### 7.3. SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Uma vez realizada a pesquisa sobre materiais lexicográficos de línguas indígenas brasileiras, de acordo com as orientações descritas na seção 7.2, apresento, a seguir, os resultados dessa pesquisa obtidos até o presente.

#### 7.3.1. UBL's já produzidas para as línguas indígenas brasileiras

Partindo da base de dados construída e alimentada durante este projeto, é possível apresentar com segurança a quantidade de UBL's.

Em uma contagem geral de registros na base de dados, identifiquei um total de 1556 linhas de dados, desse total, 23 continham informações de línguas que não dispõem

ainda de nenhum material lexicográfico. Dessa forma, o total de linhas com registros válidos com UBL's ficou em 1533.

No entanto, se desconsiderarmos os 106 registros que se referem a reedições e traduções de materiais já publicados na língua original, a quantidade de UBL's fica em 1421.

Logo, para as demais contagens de dados, adotei como base este último total de UBL's, pois, assim, evitaria a repetição desnecessária de informações.<sup>86</sup>

### 7.3.2. Tipos de materiais identificados

Conforme apresentado na subseção 7.2.1.1 deste trabalho, parti de uma determinada quantidade de tipos de materiais para orientar a busca pelas referências de obras lexicográficas. Uma vez concluída a pesquisa, consegui registrar um total de 13 diferentes tipos de materiais (estabelecidos com base nas UBL's), a maioria deles, inclusive, com qualificativos:

1. Base de dados
  - a. — informatizada (*computer*)<sup>87</sup>
2. Complemento de Dicionário
3. Dicionário:
  - a. — analítico
  - b. — básico
  - c. — bilíngue
  - d. — bilíngue ilustrado (ou — ilustrado bilíngue)
  - e. — cultural
  - f. — da língua
  - g. — de alimentação
  - h. — de rimas
  - i. — dos termos
  - j. — eletrônico
  - k. — enciclopédico
  - l. — escolar
  - m. — experimental

<sup>86</sup> Da base de dados considerada nesta pesquisa, elaborada a partir da proposta de classificação das línguas indígenas brasileiras, não foram encontrados disponíveis materiais lexicográficos para 23 línguas. São elas: Aikanã (Aikaná, Tubarão), Apolíma-Arára, Arapáso, Aurê-Aurá, Banawá (Banawá-Yafí), Diahói (Diarroi, Jiahúí), Kaixána, Katuéna, Kontanáwa, Mandúka, Matipú, Mirití-tapúya, Mundúka, Nagarotú, Nambikwára del Pequizal, Nambikwára del Sur, Nambikwára del Valle del Guaporé, Sararé, Tenharim, Torá, Xambioá, Xawanáwa (Arara), Yanomám.

<sup>87</sup> O travessão está sendo usado nesse contexto para evitar a repetição do termo de entrada, por exemplo, “— informatizada” corresponde a “Base de dados informatizada”.

- n. — indígena
- o. — infantil
- p. — morfológico
- q. — multilíngue
- r. — para gestão ambiental
- s. pequeno —
- t. — por assuntos
- u. — por tópicos
- v. — preliminar
- w. — semântico
- x. — temático
- y. — temático ilustrado

#### 4. Enciclopédia

#### 5. Glossário:

- a. — básico
- b. — da língua
- c. — das palavras e frases
- d. — de termos
- e. — do corpo
- f. — geral
- g. — ilustrado
- h. — semântico-gramatical

#### 6. Índice/Index

#### 7. Léxico

- a. — bilíngue
- b. — da fauna
- c. — da língua
- d. — do dicionário
- e. — para estudos comparativos
- f. pequeno —
- g. — preliminar

#### 8. Lista:

- a. — breve
- b. — comparativa
- c. — de animais
- d. — de espécies
- e. — de itens lexicais

- f. — de palavras
- g. — de peixes
- h. — de plantas
- i. — de substantivos
- j. — de Swadesh
- k. — de verbos
- l. — de vocábulos
- m. — geral
- n. — lexical
- o. — padrão
- p. — resumida
- q. — vocabular

#### 9. Minidicionário

#### 10. Miniglossário

- a. — da língua

#### 11. Nomenclatura

- a. — botânica

#### 12. Tesouro

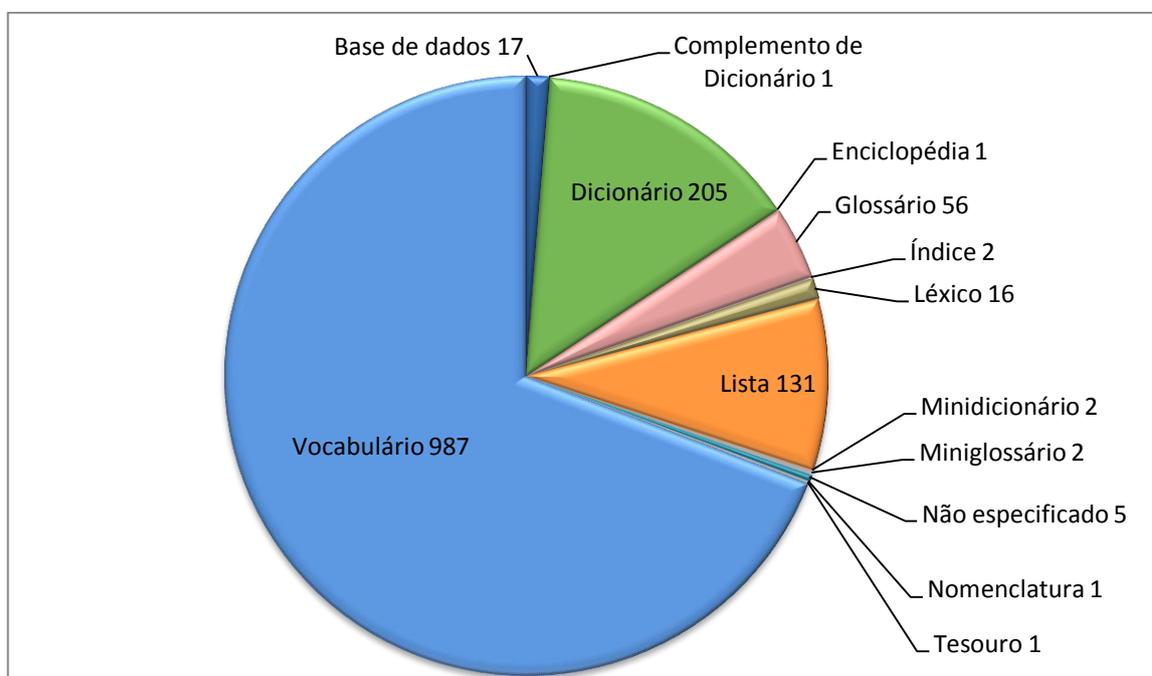
- a. — da língua

#### 13. Vocabulário:

- a. — básico
- b. — bilíngue
- c. — comparativo
- d. — da língua (*ou* — na língua)
- e. — da tribo
- f. — das lições
- g. — das palavras
- h. — de dialetos
- i. — dos índios
- j. — elementar
- k. — experimental
- l. — ilustrado
- m. — padrão
- n. pequeno —
- o. — poliglota
- p. — prático
- q. — sistemático
- r. — temático

Apresento, a seguir, um gráfico com o total de materiais classificados nos 13 grupos acima identificados.

GRÁFICO 01 – QUANTIDADE DE TIPOS DE MATERIAIS LEXICOGRÁFICOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS



Observando os dados do Gráfico 01, pode-se identificar de imediato que os três tipos predominantes de UBL's são os vocabulários (69,16%), os dicionários (14,36%), as listas (9,18%) e os glossários (3,93%). Sem esquecer, no entanto, que esses dados são resultantes da caracterização dos próprios autores dos materiais e não de uma análise crítica que buscasse avaliar ou descobrir que tipos de materiais, de fato, cada um deles seria. Mesmo assim, os dados nessas condições demonstram que há, para as línguas indígenas brasileiras, dois tipos predominantes de materiais, os dicionários e os vocabulários, que, juntos, representam quase 84% do total de UBL's identificadas.

### 7.3.3. Quantificação detalhada das UBL's já produzidas para as línguas indígenas brasileiras

Cada um dos materiais identificados e registrados nesta pesquisa estão associados a alguma das línguas indígenas brasileiras. E muitas dessas línguas fazem parte de famílias linguísticas e algumas destas, por sua vez, integram um dos dois troncos linguísticos. Assim, partindo das informações das UBL's contidas no banco de dados, podemos definir exatamente quantos desses materiais foram produzidos por tronco, por família linguística e por língua.

### 7.3.3.1. Distribuição das UBL's por tronco linguístico

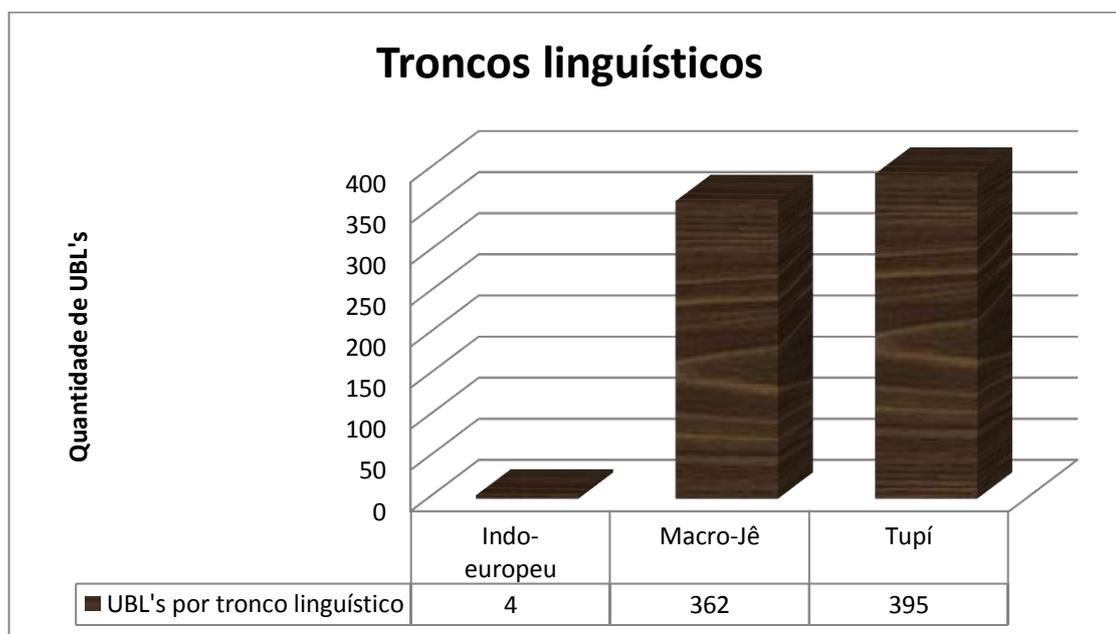
Embora iniciadas desde o século XIX, as classificações genéticas entre línguas, somente no século XX são apresentadas hipóteses classificatórias consistentes de línguas em famílias e em troncos linguísticos.

Em 1958, Rodrigues lança a hipótese, hoje já bem estabelecida, da existência de um Tronco Linguístico Tupí, que viria a englobar as famílias linguísticas Arikém, Jurúna, Mondé, Mundurukú, Ramaráma, Tuparí e três famílias de uma só língua sobrevivente, a Maué, a Awetí e a Puruborá. Também foi Rodrigues (1986) um dos que propuseram uma hipótese de outro tronco linguístico no Brasil, o Macro-Jê, admitindo, àquela época, que ele era “altamente hipotético ainda” (p. 49).

Desses dois grandes agrupamentos genéticos, apresento, a seguir, o total de UBL's já produzidas para cada um deles.

Das 1421 UBL's acima identificadas (ver subseção 7.3.1.), 660 não se relacionam com nenhum tronco linguístico. Já as 761 restantes, distribuem-se em três troncos linguísticos: o Indo-Europeu,<sup>88</sup> o Tupí e o Macro-Jê, como pode ser observado no gráfico abaixo:

GRÁFICO 02 – QUANTIDADE DE UBL'S DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS AGRUPADAS EM TRONCOS LINGUÍSTICOS



<sup>88</sup> Dentre as línguas identificadas, foi incluída o *Karipúna do Amapá*, de base indo-europeia.

Os dados demonstram que, apesar de os dois maiores troncos possuírem quantidades não tão distantes, o tronco Tupí tem quase 5% a mais de materiais do que o Macro-Jê.<sup>89</sup>

Apesar de não ter incluído nesta contagem de UBL's por tronco linguístico os dados selecionados que consistem em republicação ou tradução, e que reproduzem integralmente os dados originais, considero relevante apresentar rapidamente a estatística apenas desta parte excluída. Com 111 UBL's, das quais 32 não possuíam informação sobre tronco linguístico, sobraram 73 registros, que correspondem a 35 para o tronco Macro-Jê e 38 para o tronco Tupí. Com essa informação, pode-se deduzir que há, praticamente, uma mesma quantidade de materiais oriundos dos dois troncos linguísticos que foram reaproveitados em novas publicações.

#### 7.3.3.2. Distribuição das UBL's por família linguística

Do mesmo modo como foram contabilizadas as línguas indígenas brasileiras, por meio do registro de suas UBL's, e computadas a partir do critério de troncos linguísticos, apresento, a seguir os dados para o agrupamento em famílias linguísticas.

Também aqui não computei no total de UBL's aquelas que correspondiam a materiais reeditados ou traduzidos, mas, ao final deste subcapítulo, apresentarei o resumo dessas informações.

Logo, do total de 1421 UBL's identificadas para as línguas indígenas brasileiras, 81 não possuíam registro de família no banco de dados, ou porque se tratava de línguas isoladas, como, por exemplo, o Arikapú, o Awakê e o Máku, ou porque as línguas ainda não haviam sido classificadas.<sup>90</sup> Assim, restaram 1340 UBL's que estavam relacionadas a alguma das 48 famílias linguísticas catalogadas na base. Desse total, construí três gráficos distribuindo essas informações, a saber:

- Famílias com maior quantidade de UBL's;
- Famílias com quantidade intermediária de UBL'S;
- Famílias com menor quantidade de UBL'S.

<sup>89</sup> Um dado para reflexão acerca desta diferença quantitativa está relacionado ao total de materiais de línguas associadas a cada tronco linguístico. Para a hipótese de um tronco Macro-Jê de Rodrigues, há 39 línguas e para a hipótese do tronco Tupí do mesmo autor, 64.

<sup>90</sup> Por exemplo, várias línguas reportadas por viajantes do século XIX, como Martius e Steinen, receberam denominações tão particulares que é extremamente difícil estabelecer, com precisão, se se tratava de uma língua até então não registrada, ou se era língua já conhecida e apenas denominada de forma diferente.

GRÁFICO 03 – FAMÍLIAS COM MAIOR QUANTIDADE DE UBL'S

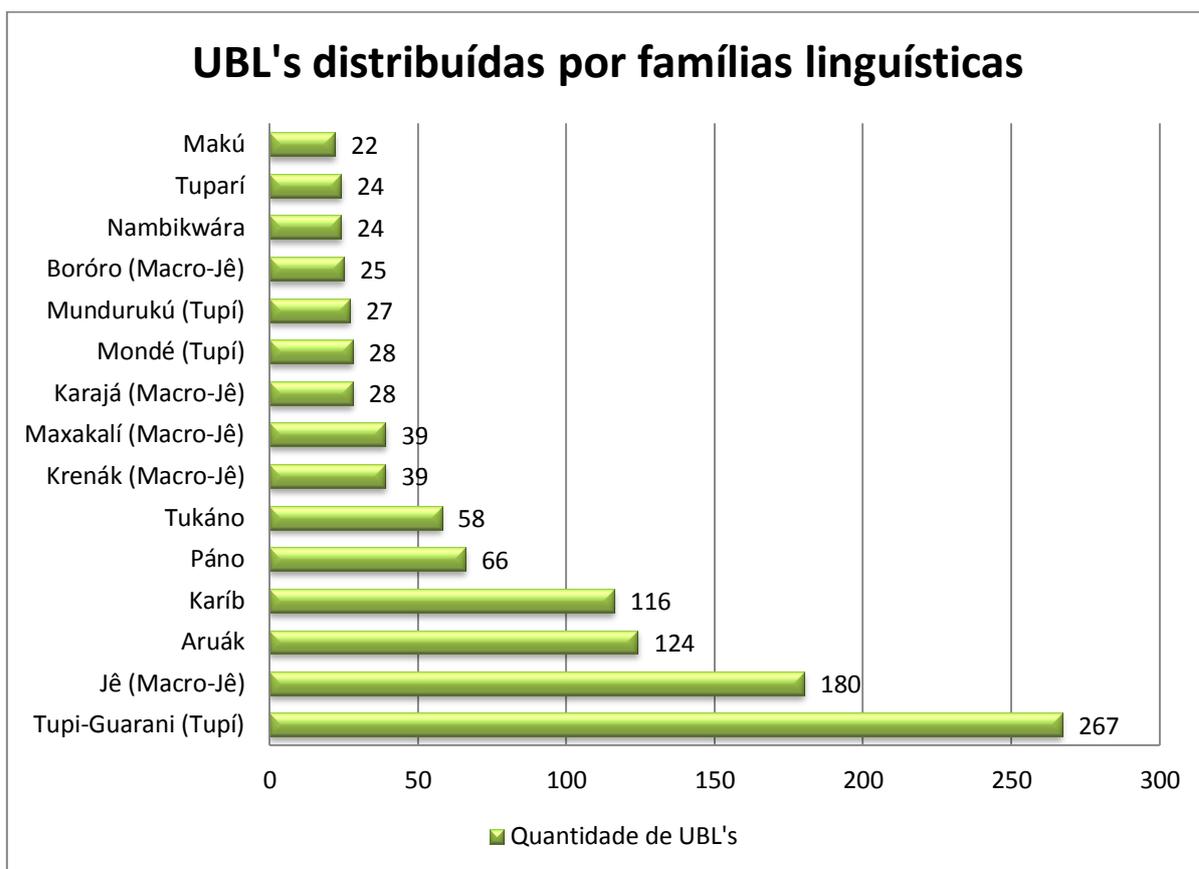


GRÁFICO 04 – FAMÍLIAS COM QUANTIDADE INTERMEDIÁRIA DE UBL'S

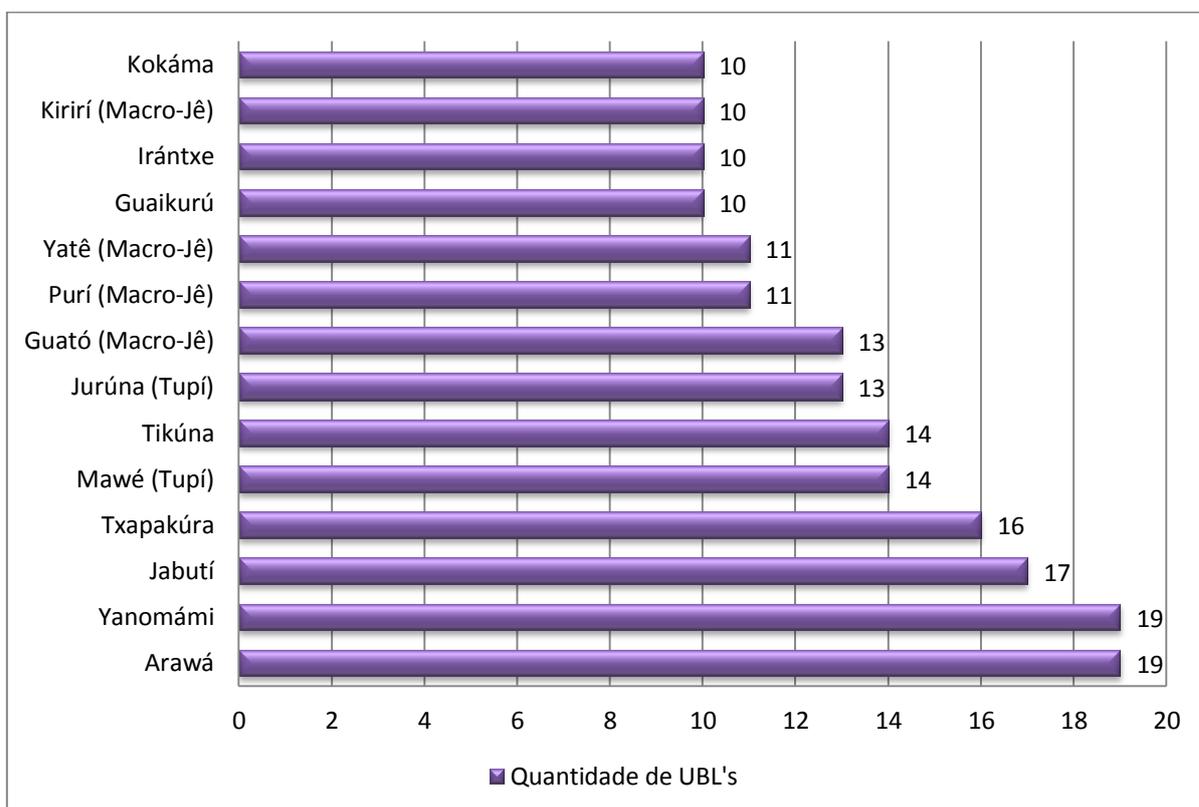
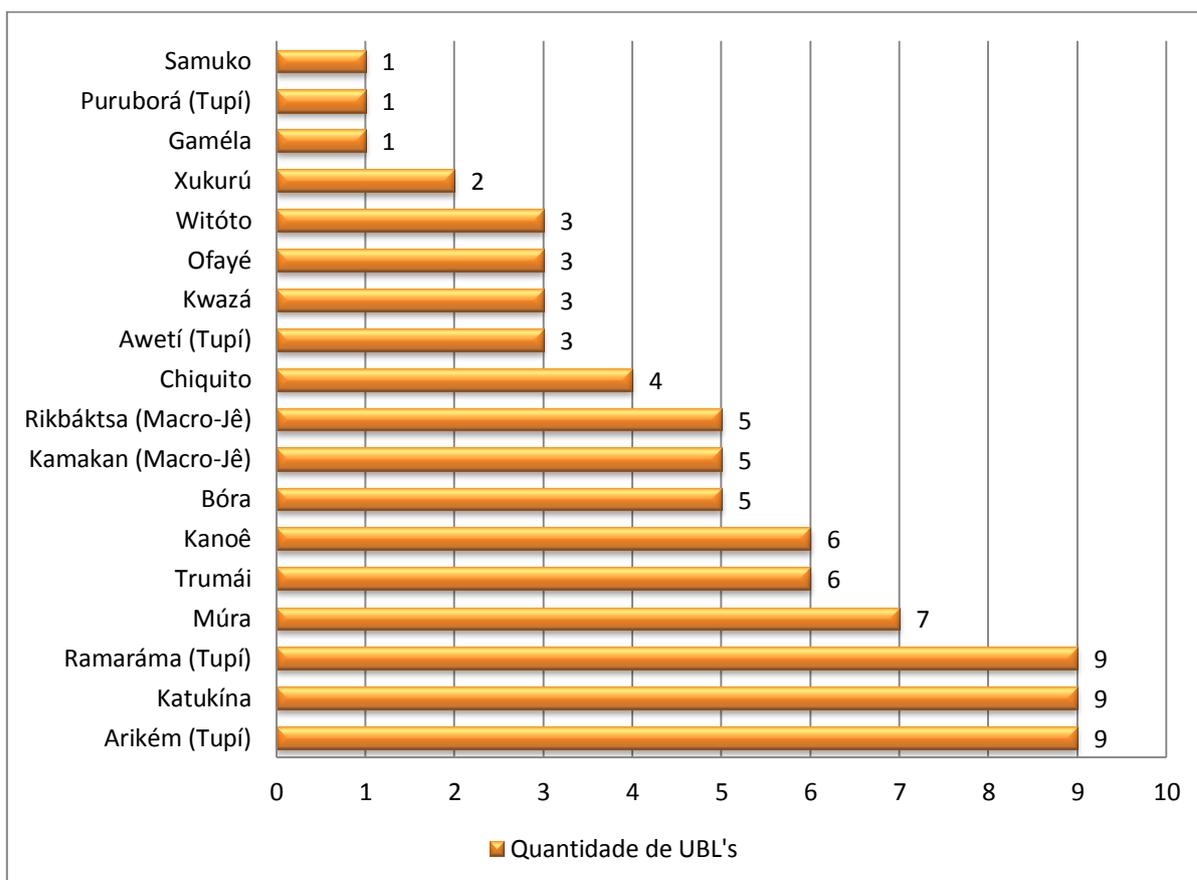


GRÁFICO 05 – FAMÍLIAS COM MENOR QUANTIDADE DE UBL'S



Analisando os gráficos acima, é possível concluir que, no Brasil, dentre as 48 famílias linguísticas incluídas neste trabalho, seis delas respondem por quase 60% de todas as UBL's registradas: Tupí-Guaraní (18,79%), Jê (12,66%), Aruák (8,72%), Karíb (8,16%), Páno (4,64%) e Tukáno (4,08%).

Já as línguas apresentadas no Gráfico 05, possuem uma quantidade intermediária de UBL's, ou seja, entre 10 e 20. As 14 línguas desse conjunto respondem por pouco mais 13% do total de UBL's.

Por fim, as 19 línguas apresentadas no Gráfico 05 são as que possuem menor quantidade de materiais, pouco mais de 6% de UBL's.

### 7.3.3.3. Distribuição cronológica das UBL's das línguas indígenas brasileiras

Desde os primeiros contatos dos viajantes e exploradores europeus em terras americanas, em particular no Brasil, houve o interesse pelas línguas dos diferentes povos autóctones do “novo mundo”, tanto para identificar esses povos quanto para facilitar o acesso a esses e a outros grupos para servirem de mão-de-obra. Esse interesse pelas línguas,

principalmente as dos índios do litoral, Tupinambás e Tupiniquins, por exemplo, levou muitos viajantes, religiosos e pessoas com interesses variados a aprenderem e, algumas vezes a registrarem línguas, ainda no século XVI, das mais diferentes maneiras. Um caso bastante conhecido em nosso país é o do padre Anchieta, da Companhia de Jesus, que, em 1595, conseguiu a publicação da 1ª gramática da “*lingoa mais vsada na costa do Brasil*” ou do alemão Hans Staden, que ficou por meses prisioneiro dos Tupinambá, e, ao relatar esta história em seu livro, anotou várias frases na língua Tupinambá (cf. STADEN, 1557).

Da mesma forma, os registros de palavras sob a forma de listas e vocabulários existem desde esse primeiro século de colonização portuguesa no Brasil, por isso, acredito ser mais prático apresentar os dados quantitativos de UBL’s em ordem cronológica por século.

#### 7.3.3.3.1. UBL’s das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XVI

Apesar de existirem vários registros linguísticos da língua Tupinambá falada no século XVI, consegui localizar nesta pesquisa apenas uma *lista* (?) com 88 entradas, elaborada por volta de 1540 por Jean Corbier (apud DALBY; HAIRE, 1966, p. 42-66).<sup>91</sup> Contudo, ela tem o mérito de ter sido o primeiro registro com qualidade lexicográfica elaborado para uma língua indígena brasileira. Essa mesma lista só foi, no século XX, republicada e analisada por Dalby e Haire (1966), com uma reprodução da mesma por Santos (2000).

TABELA 07 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XVI

	TIPO DE UBL	QUANTIDADE
1)	<i>Não definido</i> <sup>92</sup>	1
	TOTAL	1

#### 7.3.3.3.2. UBL’s das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XVII

No século XVII, encontra-se, de fato, uma produção lexicográfica mais significativa, com a edição de um dicionário, ainda que manuscrito, da língua Tupinambá, datado de 1621, e as primeiras edições do *Tesoro de la lengva gvarani* e do *Bocabulario de la lengva gvarani*, de Ruiz de Montoya.<sup>93</sup>

<sup>91</sup> Há relatos da existência de dicionários e de outros materiais produzidos para as línguas indígenas brasileiras, mas que não chegaram até nós. Para saber um pouco mais sobre esse assunto, consulte Rodrigues (2005; 2006).

<sup>92</sup> Os tipos de materiais lexicográficos “não definidos” se referem a documentos que não receberam de seus autores uma “autoidentificação” de cunho lexicográfico, tais como “dicionário da língua...” ou “vocabulário básico de...”.

<sup>93</sup> O trabalho de Montoya, assim como os de outros autores, foi incluído neste levantamento em virtude de a língua por ele registrada ser falada por indígenas que estavam em uma região fronteira entre o Brasil e o Paraguai, próxima a Foz do Iguaçu, numa época de intensas disputas pela definição das fronteiras transnacionais.

A seguir, apresento um resumo do total de UBL's das línguas indígenas brasileiras ordenadas pelo tipo de material.

TABELA 08 – QUANTIDADE DE UBL'S REFERENTES AO SÉCULO XVII

	TIPO DE UBL	QUANTIDADE
1)	<i>Tesouro</i>	1
2)	<i>Vocabulário</i>	4
	TOTAL	5

#### 7.3.3.3.3. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XVIII

No século XVIII, a quantidade de materiais permanece ainda muito pequena, mas já há uma melhora na produção de dois importantes tipos de obras lexicográficas, dicionários e vocabulários. Há de se observar que, ainda até esse século, apesar de se já ter ciência da grande diversidade linguística no Brasil, o interesse geral volta-se para poucas línguas, conforme observa Rodrigues (2005c, p. 35), “[...] durante os três séculos do período colonial fizeram-se gramáticas e dicionários de somente três línguas indígenas: do próprio tupinambá, de que foram feitas duas [...], da língua kirirí [...] e da língua dos maramonins ou guarulhos”. A seguir, apresento o resumo da quantidade de UBL's registradas para esse século.

TABELA 09 – QUANTIDADE DE UBL'S REFERENTES AO SÉCULO XVIII

	TIPO	QUANTIDADE
1)	<i>Dicionário</i>	5
2)	<i>Vocabulário</i>	7
	TOTAL	12

#### 7.3.3.3.4. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XIX

O século XIX marca uma mudança significativa em termos de produção de material lexicográfico. Além da republicação de obras lexicográficas de línguas indígenas brasileiras, passou-se a registrar uma quantidade cada vez maior de línguas no país. Para isso, foi fundamental o trabalho de estudiosos oriundos de outros países (*os viajantes*, dentre os quais naturalistas), como Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Francis de Laporte de Castelnau (1810-1880), Henri Anatole Coudreau (1859-1899) e Karl von den Steinen (1855-1929). Todos eles tiveram contato com povos indígenas brasileiros e deixaram registros, geralmente listas e vocabulários, de várias línguas. A seguir, apresento o resumo do total de UBL's produzidas nesse período:

TABELA 10 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XIX

	TIPO DE UBL	QUANTIDADE
1)	<i>Dicionário</i>	3
2)	<i>Lista</i>	55
3)	<i>Vocabulário</i>	230
4)	<i>Não definido</i>	1
	TOTAL	289

Desse total de dados, surpreende a grande quantidade de vocabulários. No entanto, como esta pesquisa considera como critério de contagem a UBL (ver subseção 7.2.1.4) e não, por exemplo, a unidade da obra impressa, as quantidades tendem a ser bem maiores, pois, numa mesma obra, pode haver UBL’s de diferentes línguas, como é o caso da obra de Martius (1858; 1867), que responde por um total de 87 UBL’s, a de Castelnau (1851), que possui 13 UBL’s, e a de Steinen (1886; 1894), com 15 UBL’s.

#### 7.3.3.3.5. UBL’s das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XX

O século XX é um marco no desenvolvimento de estudos e de trabalhos lexicográficos no Brasil. Diversificam-se os tipos de materiais produzidos e pesquisadores ligados a universidades e a centros de pesquisa, sobretudo na segunda metade do século XX, mas também a grupos religiosos, passam a elaborar um número cada vez maior de dicionários, vocabulários, listas e glossários, inclusive de línguas até então sem nenhum registro. Esse aumento da produção de material lexicográfico nesse século XX se deve, em parte, ao desenvolvimento de trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) sobre línguas e culturas indígenas, nas universidades do Brasil e do exterior, principalmente nas áreas da Linguística e da Antropologia.<sup>94</sup> Por outro lado, muitas línguas tiveram alguma forma de registro antes de desaparecer (e esse registro se deu, com muita frequência, sob a forma de listas de palavras ou de vocabulários da língua).<sup>95</sup>

Outro fator importante a ser considerado neste aumento da quantidade de obras lexicográficas foi a criação e aperfeiçoamento dos sistemas de computação eletrônica, que

<sup>94</sup> Apesar de todo esse esforço, o desaparecimento de línguas indígenas continuou, às vezes não restando nem vestígios da existência da língua indígena, ou porque todos os falantes morreram ou porque a língua original foi totalmente substituída por outra língua, sem haver lembradores ou registros escritos da língua desaparecida.

<sup>95</sup> Infelizmente, o século XX, em que houve o primeiro contato com muitos povos indígenas, foi também palco de extermínio de muitos desses povos (situação recorrente no país durante séculos), ou pela ação criminosa de, p.ex., fazendeiros, grileiros, garimpeiros, entre outros, com a intenção de se apossarem das terras ocupadas pelos indígenas, ou pela falta de cuidado dos órgãos oficiais que não tomaram as medidas necessárias para evitar surtos de inúmeras doenças, fatais para os indígenas, como a gripe, o sarampo e a varíola.

tornaram acessíveis os computadores e a própria internet. Deste desenvolvimento tecnológico, não só os tipos de materiais lexicográficos mais tradicionais passam por mudanças significativas, mas também surgem novas tecnologias de bancos de dados, agora eletrônicos. A seguir, apresento a quantidade de UBL's produzidas no século XX:

TABELA 11 – QUANTIDADE DE UBL'S REFERENTES AO SÉCULO XX

	TIPO DE UBL	QUANTIDADE
1)	<i>Base de dados</i>	17
2)	<i>Complemento de Dicionário</i>	1
3)	<i>Dicionário</i>	111
4)	<i>Enciclopédia</i>	1
5)	<i>Glossário</i>	27
6)	<i>Índice</i>	3
7)	<i>Léxico</i>	9
8)	<i>Lista</i>	54
9)	<i>Miniglossário</i>	2
10)	<i>Nomenclatura</i>	1
11)	<i>Vocabulário</i>	663
12)	<i>Não definidos</i>	3
	TOTAL	892

Os tipos de UBL que tiveram apenas 1 registro cada representam, com exceção da enciclopédia, formas não comuns no domínio da lexicografia. Com relação à enciclopédia, trata-se de um tipo de material recorrente em sociedades onde a escrita divide espaço com a fala, e que têm uma produção e um uso de materiais escritos de longa data, o que não é o caso da maioria dos povos indígenas.

Com relação às principais UBL's registradas nesse período, as do tipo Dicionário e do tipo Vocabulário são as que estão em maior quantidade e correspondem juntas a 86% do total. Além desse fator quantitativo, destaco também a melhora significativa em termos qualitativos, conforme pode ser observado na análise das microestruturas desses materiais.

#### 7.3.3.3.6. UBL's das línguas indígenas brasileiras referentes ao século XXI

Para o século XXI, foi considerada toda a produção de material lexicográfico destes primeiros 14 anos, mas, apesar do reduzido período, já é possível antever um aumento significativo da quantidade de obras.

TABELA 12 – QUANTIDADE DE UBL’S REFERENTES AO SÉCULO XXI

	TIPO DE UBL	QUANTIDADE
1)	<i>Dicionário</i>	86
2)	<i>Glossário</i>	29
3)	<i>Índice</i>	2
4)	<i>Léxico</i>	7
5)	<i>Lista</i>	22
6)	<i>Minidicionário</i>	2
7)	<i>Vocabulário</i>	76
	TOTAL	224

Nesse contexto, o número de dicionários supera o de vocabulário (situação inversa do que foi observado nos dados relativos ao século XX, cf. subseção 7.3.3.3.5.). Além disso, há mais glossários registrados nessas quase duas décadas do século XXI do que o total de glossários registrados em todo o século anterior.

#### 7.3.3.3.7. Contagem das UBL’s das línguas indígenas brasileiras não consideradas na contagem geral

A título de registro, apresento a seguir o resumo de todos os materiais registrados na base de dados, mas que não foram considerados na contagem geral, por serem, como já foi comentado, materiais republicados ou traduzidos.

TABELA 13 – QUANTIDADE DE UBL’S COMPLEMENTARES

TIPO	QUANTIDADE POR SÉCULO				TOTAL
	XVII	XIX	XX	XXI	
Dicionário	–	–	2	5	7
Glossário	–	4	1	1	6
Índice	–	–	–	2	2
Léxico	–	–	1	–	1
Lista	–	1	4	3	8
Tesouro	–	1	–	–	1
Vocabulário	2	15	49	19	85
Não definidos	–	1	–	–	1
TOTAL	2	22	51	30	111

### 7.3.3.3.8. Resumo da contagem de UBL's das línguas indígenas brasileiras

Ao concluir o levantamento das quantidades de UBL's referentes aos séculos XVI a XXI, apresento, a seguir, o resumo desta contagem:

TABELA 14 – QUANTIDADE TOTAL DE UBL'S

TIPO	QUANTIDADE POR SÉCULO						TOTAL
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	
Base de dados	–	–	–	–	17	–	17
Complemento de Dicionário	–	–	–	–	1	–	1
Dicionário	–	–	5	3	111	86	205
Enciclopédia	–	–	–	–	1	–	1
Glossário	–	–	–	–	27	29	56
Índice	–	–	–	–	3	2	5
Léxico	–	–	–	–	9	7	16
Lista	–	–	–	55	54	22	131
Miniglossário	–	–	–	–	2	–	2
Minidicionário	–	–	–	–	–	2	2
Nomenclatura	–	–	–	–	1	–	1
Tesouro	–	1	–	–	–	–	1
Vocabulário	–	4	7	230	663	76	978
Não definidos	1	–	–	1	3	–	5
TOTAL	1	5	12	289	898	222	1421

Observando a síntese dos dados, concluo que o tipo de UBL mais comum no conjunto lexicográfico das línguas indígenas brasileiras é o Vocabulário, com quase 69% do total registrado; seguido do Dicionário, com 14%; e da Lista com pouco mais de 9%. Vale lembrar que esses totais foram apresentados a partir da tipologia apresentada pelos próprios autores e que o mais relevante nesta etapa é perceber o crescimento exponencial da produção com a melhoria da qualidade das obras lexicográficas das línguas indígenas brasileiras.

### 7.3.3.4. Distribuição das UBL's por língua

Apresentei algumas considerações na subseção 7.2.1.2 acerca da definição do quadro das línguas indígenas brasileiras, demonstrando a grande dificuldade de se estabelecer com exatidão este conjunto. Assim, para viabilizar o desenvolvimento desta pesquisa, adotei como base para classificação das línguas indígenas brasileiras a proposta feita por Rodrigues

(2013), por ela ser uma das mais atuais e confiáveis, pois ela é resultado de mais de meio século de reflexões de um dos nomes mais importantes da linguística contemporânea.

A essa proposta, que identifica quase duzentas línguas indígenas brasileiras, das quais aproximadamente 180 ainda faladas no país, foi necessário acrescentar informações sobre línguas já desaparecidas, mas que foram registradas, principalmente por meio de documentos lexicográficos. Além disso, foram mantidos no registro do banco de dados as várias denominações de línguas desconhecidas, como aquelas feitas pelos diversos viajantes no século XIX (cf. subseção 7.2.1.2).<sup>96</sup>

Desse modo, o total de registros de línguas indígenas brasileiras do banco de dados com, pelo menos, uma UBL, chegou a 309, isto sem contar com mais 23 línguas que estavam na lista original de Rodrigues (2013) e para as quais nenhum material lexicográfico foi localizado até a conclusão dessa primeira fase da presente pesquisa. São elas: Aikanã (Aikaná, Tubarão), Apolíma-Arára, Arapáso (Arapaço) (†), Aurê-Aurá, Banawá (Banawá-Yafí), Diahói (Diarroi, Jiahúi), Kaixána, Katuéna, Kontanáwa, Mandúka, Matipú, Miritítapúya, Mundúka, Nagarotú, Nambikwára del Pequizal, Nambikwára del Sur, Nambikwára del Valle del Guaporé, Sararé, Tenharim, Torá, Xambioá, Xawanáwa (Arara), Yanomám.

No entanto, é importante destacar que desse total de 309 registros, 103 não possuem mais do que um vocabulário. Assim, para não estender demasiadamente a tabela com o resumo de dados por língua, apresento as línguas que possuem apenas uma UBL do tipo vocabulário: Akroá (Coroá) (†), Akuntsú, Amanayé (Amanajé), Amõkapitõri, Araicu (Uraicú), Arara do Beiradão (A. do Aripuanã)?, Arara do Xingu (Ukarangmã), Araujú (Uara-guaçú), Aruac (Aruwaac, Aroaqui), Aticum (Araticum) (†), Canamirim (Canamare), Cariaý, Cauixana, Cayriri, Coëruna, Coretú, Coroado (Aldea da Pedra), Cotoxó, Curetú, Djiporóka (Xiporók), Gaméla (†), Geicó, Guachí, Guajá (Awá), Huhúdene, Íde-masã, Iquitos, Jaúna, Jaun-avo (Caripuna), Javaé, Jucúna, Júma, Jumana, Jupué, Juri, Kaimbé (†), Kambiwá, Karapanã, Katawixí, KôhôrôšItari, Korúbo, Krekmún (Kraik-mús) (†), Krixaná (†), Kumãdene, Lakondê, Makiritaré (Dekuána, Deukwana), Makúna (Yebamasã), Manao (Ore-Manao), Manitsauá, Marauha, Mariaté, Masacará, Maxuruna, Maxuruna doméstica, Maxuruna fera, Meniens, Mondé?, Mucury, Nadêb, Nenê, Palmela (†), Panos, Paravilhana, Passé, Patagon, Puaatê, Pebas, Pimenteira, Poianaua, Potiguára (Petigaré) (†), Pykopjê (Gavião), Rangú, Remo, Sabujá, Saynáwa, Siwsi, Sukuružú, Suruí do Tocantins (Aikewára),

<sup>96</sup> Essas informações foram mantidas, porque essas línguas desconhecidas podem servir como fonte de informação válida para novas pesquisas linguísticas, já que elas foram documentadas, da mesma maneira que as línguas hoje conhecidas.

Suryana, Suyá (Kisédje), Tamaindé, Tatú, Tawité (Tawite), Tsêna, Tutxiunaua, Tuxá (Tushá), Txunhuã-djapá (Tsohom-djapá), Uainuma, Uírina, Uru-eu-wau-wáu, Urumí (†), Xaranáwa, Yaguas, Yamamadí (Carabinani, Capaná) (†), Yawarete, Yebá, Yehúbde, Yuriti, Yurupari, Zapara, Žiboya, Zoé (Jo'ê), Camé.

Uma vez extraídas todas as ocorrências de registros que continham apenas um vocabulário, apresento, a seguir, a tabela com os 206 registros de UBL's restantes:

TABELA 15 – QUANTIDADE DE UBL'S REGISTRADAS POR LÍNGUA

Seq	Família	Línguas	Quant. por tipo de UBL's	Total
1.	Páno	<i>Amawáka</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 1	3
2.	Tupí-Guaraní	<i>Amondáwa</i>	Léx.: 1; Vocab.: 2	3
3.	Tupí-Guaraní	<i>Anambé</i>	Vocab.: 2	2
4.	Nambikwára	<i>Anunzé (Soálesu)</i>	Vocab.: 2	2
5.	Jê	<i>Apaniekrá (Canela, Timbira)</i>	BD: 1; List.: 2; Vocab.: 7	10
6.	Karíb	<i>Apará (Apalaí)</i>	List.: 2; Vocab.: 10	12
7.	Tupí-Guaraní	<i>Apiaká (Apiacá)</i>	List.: 2; Vocab.: 9	11
8.	Jê	<i>Apinajé (Apinayé)</i>	Dicion.: 2; List.: 2; Vocab.: 10	14
9.	Aruák	<i>Apurinã (Ipurinã)</i>	Dicion.: 2; List.: 2; Vocab.: 4	8
10.	Tupí-Guaraní	<i>Araweté</i>	Gloss.: 1; Vocab.: 1	1
11.	Jabutí	<i>Arikapú</i>	Dicion.: 1; Gloss.: 1; Léx.: 1; Vocab.: 4	7
12.	Arikém	<i>Arikém</i>	List.: 1; Vocab.: 2	3
13.	Mondé	<i>Aruá</i>	Gloss.: 2; Vocab.: 5	7
14.	Tupí-Guaraní	<i>Asuriní do Tocantins (Akuáwa)</i>	Dicion.: 2; List.: 2; Vocab.: 3	7
15.	Tupí-Guaraní	<i>Asuriní do Xingu (Awaeté)</i>	Dicion.: 1; Gloss.: 1; Vocab.: 3	5
16.	Tupí-Guaraní	<i>Avá-Canoeiro</i>	List.: 4; Vocab.: 4	8
17.	Awetí	<i>Awetí</i>	Vocab.: 3	3
18.	Karíb	<i>Bakairí (Kúra)</i>	List.: 1; Vocab.: 9	10
19.	Aruák	<i>Baniwa do Içana</i>	Dicion.: 1; List.: 1; Vocab.: 8	10
20.	Tukáno	<i>Bará</i>	Vocab.: 2	2
21.	Tukáno	<i>Barasána</i>	Dicion.: 1; Léx.: 1; Vocab.: 2	4
22.	Aruák	<i>Baré (†)</i>	Vocab.: 5	5
23.	Boróro	<i>Boróro (Bóe)</i>	Dicion.: 3; Enciclopédia: 1; List.: 2; Nomenclatura: 1; Vocab.: 9	16
24.	Samuko	<i>Chamacoco</i>	Dicion.: 1	1
25.	Chiquito	<i>Chiquito (Chiquitano)</i>	Vocab.: 4	4
26.	Mondé	<i>Cinta-Larga</i>	Vocab.: 6	6
27.	Purí	<i>Coroado (†)</i>	List.: 1; Vocab.: 3	4
28.	Purí	<i>Coropó (†)</i>	List.: 1; Vocab.: 3	4

29.	Makú	<i>Dâw (Kamã)</i>	Vocab.: 2	2
30.	Arawá	<i>Dení</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 1	3
31.	Tukáno	<i>Desána (Desáno)</i>	Dicion.: 3; Vocab.: 4	7
32.	Tupí-Guaraní	<i>Émérillon</i>	Léx.: 1; Vocab.: 1	2
33.	Karíb	<i>Galibí do Oiapoque (Karíña)</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 7	9
34.	Karíb	<i>Galibí do Uaçá (G. Marworno)</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 2	4
35.	Mondé	<i>Gavião (Ikôro, Digiüt)</i>	Vocab.: 3	3
36.	Tupí-Guaraní	<i>Guajajára (Tenetehára)</i>	Dicion.: 2; List.: 1; Vocab.: 8	11
37.	Aruák	<i>Guaná</i>	List.: 2; Vocab.: 4	6
38.	Tupí-Guaraní	<i>Guaraní Antigo (†)</i>	Dicion.: 1; List.: 1; Tesouro: 1; Vocab.: 4	7
39.	Guató	<i>Guató</i>	Dicion.: 2; List.: 3; Vocab.: 8	13
40.	Tupí-Guaraní	<i>Guayakí (Ache)</i>	Dicion.: 2	2
41.	Jê	<i>Guayaná (†)</i>	Vocab.: 5	5
42.	Karíb	<i>Hixkaryána (Hixkariána)</i>	Vocab.: 2	2
43.	Makú	<i>Húpda</i>	Dicion.: 3; Vocab.: 9	12
44.	Karíb	<i>Ikpéng (Txikão)</i>	List.: 1; Vocab.: 2	3
45.	Jê	<i>Ingain (†)</i>	Vocab.: 3	3
46.	Karíb	<i>Ingarikó</i>	Vocab.: 3	3
47.	Irántxe	<i>Irántxe (Iránxe)</i>	Vocab.: 4	4
48.	Jabutí	<i>Jabutí (Jeoromitxi)</i>	Gloss.: 2; Vocab.: 8	10
49.	Arawá	<i>Jamamadi (Kanamantí)</i>	Vocab.: 4	4
50.	Arawá	<i>Jarawára</i>	Dicion.: 1; Gloss.: 1	2
51.	Jurúna	<i>Jurúna (Yudjá)</i>	List.: 1; Vocab.: 6	7
52.	Tupí-Guaraní	<i>Ka'apór (Urubu)</i>	Dicion.: 2; Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 6	10
53.	Guaikurú	<i>Kadiwéu (Cadivéu)</i>	Dicion.: 2; List.: 2; Vocab.: 7	11
54.	Jê	<i>Kaingáng (Caingangue)</i>	BD: 1; Dicion.: 8; Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 31	42
55.	Tupí-Guaraní	<i>Kaiwá (Kayowá)</i>	Gloss.: 1; List.: 2; Vocab.: 6	9
56.	Karíb	<i>Kalapálo</i>	Gloss.: 1; Vocab.: 2	3
57.	Kamakan	<i>Kamakan (†)</i>	List.: 1; Vocab.: 4	5
58.	Tupí-Guaraní	<i>Kamayurá</i>	Gloss.: 2; List.: 2; Vocab.: 5	9
59.	Aruák	<i>Kámpa (Axaninka, Ashininka)</i>	Dicion.: 4; List.: 1; Vocab.: 1	6
60.	Katukína	<i>Kanamari</i>	Vocab.: 3	3
61.	Páno	<i>Kanawari (†)</i>	List.: 1	1
62.	Kanoê	<i>Kanoê</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 4	6
63.	Karajá	<i>Karajá (Carajá)</i>	BD: 1; Gloss.: 1; List.: 2; Vocab.: 23	27
64.	Tupí-Guaraní	<i>Karipúna</i>	Vocab.: 2	2
65.	Páno	<i>Karipúna</i>	Vocab.: 3	3
66.	Românica	<i>Karipúna do Amapá</i>	Dicion.: 2; List.: 1; Vocab.: 1	4

67.	Arikém	<i>Karitiána</i>	Dicion.: 3; Gloss.: 1; Vocab.:2	6
68.	Ramaráma	<i>Káro (Arara)</i>	Vocab.: 4	4
69.	Páno	<i>Katukína</i>	BD: 1; MiniGloss.: 2; Vocab.: 3	6
70.	Katukína	<i>Katukína</i>	Vocab.: 4	4
71.	Páno	<i>Kaxararí</i>	List.: 1; Vocab.: 2	3
72.	Páno	<i>Kaxinawá, Caxinauá</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 9	11
73.	Karíb	<i>Kaxuyána (Katxuyána)</i>	Vocab.: 2	2
74.	Tupí-Guaraní	<i>Kayabí (Caiabi, Kaiabí)</i>	Dicion.: 3; Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 6	11
75.	Jê	<i>Kayapó (Mebengokré)</i>	Dicion.: 3; Gloss.: 1; List.: 5; Vocab.: 14	23
76.	Mondé	<i>Kepkeriwát</i>	Vocab.: 2	2
77.	Kirirí	<i>Kirirí (†)</i>	List.: 2; Vocab.: 8	10
78.	mista	<i>Kokáma (Omágua, Cambeba)</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 9	10
79.	Nambikwára	<i>Kokozú (Uaindze, Ualíxere)</i>	Vocab.: 2	2
80.	Jê	<i>Krahô (Craô)</i>	Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 8	10
81.	Krenák	<i>Krenák (Botocudo)</i>	List.: 4; Vocab.: 31	35
82.	Jê	<i>Krenyé (Tañe)</i>	Vocab.: 3	3
83.	Jê	<i>Krikatí (Timbira)</i>	Vocab.: 2	2
84.	Tukáno	<i>Kubéwa (Kubéo)</i>	Dicion.: 3; Vocab.: 9	12
85.	Karíb	<i>Kuikúru</i>	Gloss.: 1; Vocab.: 2	3
86.	Txapakúra	<i>Kujubim (Kuyubí)</i>	Léx.: 2	2
87.	—	<i>Kukura (†)</i>	List.: 1	1
88.	Arawá	<i>Kulína (Kurína, Madihá)</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 2	4
89.	Páno	<i>Kulíno (Kulína)</i>	Vocab.: 4	4
90.	Maxakalí	<i>Kumanasho (†)</i>	Vocab.: 2	2
91.	Aruák	<i>Kuripáko</i>	Vocab.: 2	2
92.	Mundurukú	<i>Kuruáya</i>	List.: 2; Vocab.: 3	5
93.	Aruák	<i>Kustenáu</i>	Vocab.: 2	2
94.	Kwazá	<i>Kwazá (Kwayá, Coaiá)</i>	Índice: 1; Vocab.: 2	3
95.	Nambikwára	<i>Latundê</i>	Dicion.: 1	1
96.	Tupí-Guaraní	<i>Língua Geral Amazônica</i>	Dicion.: 10; Léx.: 1; List.: 3; Vocab.: 21	35
97.	Tupí-Guaraní	<i>Língua Geral Paulista (†)</i>	Vocab.: 4	4
98.	—	<i>Maconi</i>	Vocab.: 2	2
99.	Karíb	<i>Makiritaré (Dekuána, Deukwana)</i>	Vocab.: 2	2
100.	Makú	<i>Makú</i>	List.: 1	1
101.	isolada	<i>Máku</i>	Vocab.: 2	2
102.	Tuparí	<i>Makuráp</i>	Dicion.: 1; Gloss.: 2; Vocab.: 6	9
103.	Karíb	<i>Makuxí</i>	BD: 1; Dicion.: 2; Vocab.: 13	16
104.	Maxakalí	<i>Malalí (†)</i>	Vocab.: 4	4

105.	Nambikwára	<i>Mamaindê</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 3	4
106.	Páno	<i>Marúbo</i>	List.: 2; Vocab.: 6	8
107.	Páno	<i>Matís</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 3	4
108.	Páno	<i>Matsés (Mayorína)</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 7	8
109.	Mawé	<i>Mawé (Sateré-Mawé)</i>	Dicion.: 3; List.: 2; Vocab.: 9	14
110.	Maxakalí	<i>Maxakalí</i>	Dicion.: 3; Gloss.: 4; List.: 2; Vocab.: 9	18
111.	Aruák	<i>Maxinéri (Manchineri)</i>	Dicion.: 1; List.: 1	2
112.	Tupí-Guaraní	<i>Mbyá</i>	Dicion.: 3; Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 2	7
113.	Tupí-Guaraní	<i>Mbyá-Ñandeva</i>	índice: 1; Vocab.: 3	4
114.	Aruák	<i>Mehináku (Meinaco)</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 3	4
115.	Tuparí	<i>Mekém (Sakirabiat)</i>	Vocab.: 2	2
116.	Bóra	<i>Miránha</i>	Vocab.: 5	5
117.	Txapakúra	<i>Moré</i>	Dicion.: 1; Léx.: 2	3
118.	Mundurukú	<i>Mundurukú</i>	BD: 1; Dicion.: 2; Gloss.: 1; List.: 5; Vocab.: 13	22
119.	Múra	<i>Múra</i>	List.: 3; Vocab.: 2	5
120.	Karíb	<i>Mutuan (?)</i>	Vocab.: 1; Dicion.: 4; List.: 1; Vocab.: 1	7
121.	Karíb	<i>Nahukwá</i>	Vocab.: 4	4
122.	Krenák	<i>Naknanúk (Nakyananiuk)</i>	Vocab.: 2	2
123.	Nambikwára	<i>Nambikwára Kithaulú (Sawantesú e outros)</i>	Dicion.: 2; Gloss.: 2; Vocab.: 2	6
124.	Tupí-Guaraní	<i>Ñandeva Tambeopé</i>	Gloss.: 2	2
125.	Tupí-Guaraní	<i>Ñandeva-Txiripá</i>	Dicion.: 1	1
126.	Yanomámi	<i>Ninám</i>	BD: 1; Léx.: 1	2
127.	Ramaráma	<i>Ntogapíd (†)</i>	Vocab.: 2	2
128.	Páno	<i>Nukuini (Remo, Rheno)</i>	Vocab.: 2	2
129.	Ofayé	<i>Ofayé (Opaié, Ofayé-Xavánte)</i>	Vocab.: 3	3
130.	— ?	<i>Omágua</i>	List.: 2; Vocab.: 1	3
131.	Txapakúra	<i>Orowín (Oro Win)</i>	List.: 1; Vocab.: 1	2
132.	—	<i>Oti (†)</i>	Vocab.: 2	2
133.	Mondé	<i>Paitér (Suruí de Rondonia)</i>	Dicion.: 2; Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 2	6
134.	Aruák	<i>Palikúr</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 9	10
135.	Jê	<i>Panará (Kayapó del Sur, Krenakarôre)</i>	List.: 1; Vocab.: 3	4
136.	—	<i>Pankarú (Pankararú)</i>	Vocab.: 4	4
137.	Tupí-Guaraní	<i>Parakanã (Aptiréwa)</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 2	3
138.	Aruák	<i>Paresí (Pareci, Halití)</i>	Dicion.: 3; List.: 2; Vocab.: 7	12
139.	Tupí-Guaraní	<i>Parintintín</i>	Dicion.: 2; Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 5	9
140.	Karíb	<i>Parirí (Arára) (†?)</i>	List.: 1; Vocab.: 1	2

141.	Jê	<i>Parkatejê</i>	Dicion.: 1; Gloss.: 1; Vocab.: 1	3
142.	Karífb	<i>Patamóna (Kapóng)</i>	Vocab.: 2	2
143.	Maxakalí	<i>Pataxó</i>	Dicion.: 1; List.: 5; Não def.: 1; Vocab.: 8	15
144.	Arawá	<i>Paumarí</i>	Dicion.: 1; List.: 1; Vocab.: 1	3
145.	Múra	<i>Pirahã (Múra-Pirahã)</i>	Vocab.: 2	2
146.	Tukáno	<i>Pirá-tapúya (Waíkana)</i>	Vocab.: 4	4
147.	Páno	<i>Poyanáwa</i>	Gloss.: 1; Vocab.: 1	2
148.	Purí	<i>Purí (†)</i>	List.: 1; Vocab.: 2	3
149.	Puruborá	<i>Puruborá</i>	List.: 1	1
150.	Ramaráma	<i>Ramaráma (Ytangá)</i>	List.: 1; Vocab.: 1	2
151.	Jê	<i>Ramkokamekrã (Canela, Timbira)</i>	Dicion.: 4; Gloss.: 1; Vocab.: 2	7
152.	Rikbáktsa	<i>Rikbáktsa (Rikbák, Canoeiro)</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 3	5
153.	Nambikwára	<i>Sabanê</i>	Vocab.: 2	2
154.	Aruák	<i>Salumã (Enawenê-nawê)</i>	List.: 1; Vocab.: 1	2
155.	Yanomámi	<i>Sanumá</i>	Dicion.: 1; Gloss.: 1; Vocab.: 1	3
156.	Tukáno	<i>Siriána (Siriáno)</i>	Vocab.: 2	2
157.	Tupí-Guaraní	<i>Sirionó (Horá, Jorá)</i>	BD: 1; List.: 1	2
158.	Nambikwára	<i>Tagnaní</i>	Vocab.: 2	2
159.	Jê	<i>Tapayúna</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 1	2
160.	Tupí-Guaraní	<i>Tapirapé</i>	Gloss.: 1; Vocab.: 3	4
161.	Aruák	<i>Tariána (Tariáno)</i>	Dicion.: 5; Vocab.: 6	11
162.	Karífb	<i>Taulipáng (Pemong)</i>	Gloss.: 2; Vocab.: 2	4
163.	Nambikwára	<i>Tawandê</i>	List.: 1	1
164.	Tupí-Guaraní	<i>Tembé</i>	Dicion.: 2; List.: 2; Vocab.: 5	9
165.	Aruák	<i>Teréna</i>	Dicion.: 6; Vocab.: 4	10
166.	Tikúna	<i>Tikúna (Tukúna)</i>	List.: 1; Vocab.: 13	14
167.	Jê	<i>Timbira (Canela, Gavião)</i>	List.: 1; Vocab.: 1	2
168.	Karífb	<i>Tiriyó (Tirió, Trio)</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 8	9
169.	Trumái	<i>Trumái</i>	BD: 1; Gloss.: 1; Vocab.: 4	6
170.	Tukáno	<i>Tukáno (Tukána, Yepámasã)</i>	Dicion.: 4; Gloss.: 1; Léx.: 1; Vocab.: 12	18
171.	Tuparí	<i>Tuparí</i>	Dicion.: 4; Gloss.: 1; Vocab.: 2	7
172.	Tupí-Guaraní	<i>Tupinambá (Tupí Antigo) (†)</i>	Complemento de Dicion.: 1; Dicion.: 15; Gloss.: 1; Léx.: 1; List.: 3; MiniDicion.: 1; Não def.: 2; Vocab.: 31	55
173.	Tukáno	<i>Tuyúka</i>	Vocab.: 2	2
174.	Boróro	<i>Umutina</i>	Gloss.: 2; Vocab.: 7	9
175.	Txapakúra	<i>Urupá</i>	Vocab.: 2	2
176.	Karífb	<i>Waimirí (Waimirí-Atroarí)</i>	Dicion.: 2; Vocab.: 3	5

177.	Karíb	<i>Waiwái</i>	BD: 1; Dicion.: 3; Vocab.: 3	7
178.	Tukáno	<i>Wanáno (Wanána)</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 4	5
179.	Aruák	<i>Wapixána</i>	BD: 1; Dicion.: 4; List.: 3; Vocab.: 6	14
180.	Aruák	<i>Warekéna (Werekéna)</i>	Dicion.: 3; List.: 2; Vocab.: 4	9
181.	Txapakúra	<i>Warí (Pakaanóva)</i>	BD: 1; Dicion.: 2; List.: 1; Vocab.: 2	6
182.	Aruák	<i>Waurá</i>	BD: 1; Vocab.: 6	7
183.	Tupí-Guaraní	<i>Wayampí (Oyampi)</i>	BD: 1; Dicion.: 2; Gloss.: 1; Índice: 1; Léx.: 1; List.: 1; Vocab.: 9	16
184.	Karíb	<i>Wayána</i>	Dicion.: 1; List.: 1; Não def.: 1; Vocab.: 5	8
185.	Tuparí	<i>Wayoró (Ajurú)</i>	Gloss.: 2; Vocab.: 3	5
186.	Tupí-Guaraní	<i>Wiraféd</i>	Vocab.: 2	2
187.	Witóto	<i>Witóto</i>	Vocab.: 3	3
188.	Jê	<i>Xakriabá (Xikriabá)</i>	Vocab.: 3	3
189.	Páno	<i>Xanenáwa</i>	Léx.: 2	2
190.	Jê	<i>Xavánte (A'wén)</i>	Dicion.: 5; List.: 3; Vocab.: 14	22
191.	Jê	<i>Xerénte (Akwén)</i>	Dicion.: 2; List.: 1; Vocab.: 9	12
192.	Tupí-Guaraní	<i>Xetá</i>	Vocab.: 7	7
193.	Jê	<i>Xikrín</i>	Vocab.: 3	3
194.	Jurúna	<i>Xipáya</i>	BD: 1; List.: 3; Vocab.: 2	6
195.	Jê	<i>Xokléng (Xokrén)</i>	Dicion.: 1; MiniDicion.: 1; Vocab.: 4	6
196.	Xukurú	<i>Xukurú</i>	Vocab.: 2	2
197.	Páno	<i>Yamináwa (Jaminaua)</i>	BD: 1; Vocab.: 1	2
198.	Yanomámi	<i>Yanomámi</i>	BD: 1; Dicion.: 8; Gloss.: 2; List.: 2; Vocab.: 1	14
199.	Yatê	<i>Yatê (Carnijó, Fulniô)</i>	Dicion.: 1; List.: 1; Não def.: 1; Vocab.: 8	11
200.	Aruák	<i>Yawalapití</i>	Gloss.: 1; List.: 1; Vocab.: 2	4
201.	Páno	<i>Yawanáwa (Jaminaua)</i>	Vocab.: 2	2
202.	Páno	<i>Yawanáwa (Yawanawá)</i>	Vocab.: 2	2
203.	Karíb	<i>Yekuána (Mayongóng)</i>	Gloss.: 1; Vocab.: 1	2
204.	Makú	<i>Yuhúp</i>	Dicion.: 2; Gloss.: 2; Vocab.: 1	5
205.	Mondé	<i>Zoró</i>	Vocab.: 2	2
206.	Arawá	<i>Zuruahá (Suruahá)</i>	Dicion.: 1; Vocab.: 1	2
TOTAL				1318

Algumas considerações acerca dos dados apresentados nesta seção:

- 1) As dez línguas indígenas brasileiras com maior quantidade de UBL's já produzidas até hoje (com um quinto do total de registros) são:
  - *Tupinambá (Tupí Antigo)* (55 UBL's ou 3,87% do total);
  - *Kaingáng* (42 UBL's ou 2,95%);

- *Krenák* (Botocudo) (35 UBL's ou 2,46%);
  - *Língua Geral Amazônica (Nheengatú)* (35 UBL's ou 2,46%);
  - *Karajá* (Carajá) (27 UBL's ou 1,90%);
  - *Kayapó* (Mebengokré) (23 UBL's ou 1,61%);
  - *Mundurukú* (22 UBL's ou 1,54%);
  - *Xavánte* (A'wén) (22 UBL's ou 1,54%);
  - *Maxakalí* (18 UBL's ou 1,26%);
  - *Tukáno* (*Tukána, Yepámasã*) (18 UBL's ou 1,26%).
- 2) As línguas com 4 ou mais UBL's do tipo Dicionário são: *Tupinambá* (15), *Língua Geral Amazônica* (10), *Kaingáng* (8), *Yanomámi* (8), *Teréna* (6), *Tariána* (5), *Xavánte* (5), *Kámpa* (*Axaninka*) (4), *Ramkokamekrã* (*Canela, Timbira*) (4), *Tukáno* (4), *Tuparí* (4), *Wapixána* (4).
- 3) Como as UBL's do tipo Vocabulário são bem mais numerosas no corpus do que as do tipo Dicionário, relaciono, a seguir, as línguas que possuem 10 ou mais desses registros: *Kaingáng* (31), *Krenák* (Botocudo) (31), *Tupinambá* (31), *Karajá* (23), *Língua Geral Amazônica* (21), *Kayapó* (*Mebengokré*) (14), *Xavánte* (*A'wén*) (14), *Makuxí* (13), *Mundurukú* (13), *Tikúna* (*Tukúna*) (13), *Tukáno* (12), *Aparáí* (10), *Apinajé* (10).
- 4) Como esta tese tem também um interesse no estudo de uma língua específica da Família Tupí-Guaraní, ou seja, o Suruí do Tocantins ou Aikewára, é necessário destacar que para ela foi registrado apenas uma UBL.<sup>97</sup> Assim como ocorreu com muitas outras línguas ainda vivas, esse dado demonstra o quanto ainda pode ser feito em termos de trabalho lexicográfico. Tanto que, esta mesma tese, busca contribuir com o desenvolvimento dos processos de documentação de línguas indígenas brasileiras, mas também pretende apresentar novos materiais lexicográficos para essa língua.
- 5) Ao concluir a coleta de dados para esta etapa da pesquisa, não foram encontrados registros para as 23 línguas acima mencionadas (cf. subseção 7.3.3.4), contudo, isso não significa que, definitivamente, não existam materiais lexicográficos relacionados a elas. Eis, portanto, uma das razões para prosseguir esse estudo.

<sup>97</sup> Apesar de o contato com os não indígenas ter sido efetivado há mais de 60 anos (cf. Capítulo 2), os Suruí não contam ainda sequer com um dicionário ou gramática de sua língua. No entanto, merece destaque o trabalho pioneiro de Ruth Monserrat na década de 1980, quando ela, com o apoio do CIMI, fez os primeiros registros da língua Suruí e elaborou o primeiro vocabulário dessa língua, o *Vocabulário Aikewar*.

Para concluir esta parte do levantamento de UBL's para as línguas indígenas brasileiras, apresento as quantidades relacionadas aos materiais não considerados na contagem geral, por serem reproduções de materiais já contidos no corpus principal. São 111 registros distribuídos para 60 línguas, relacionadas a seguir: Apiaká (Vocab.: 2), Apurinã (Dicion.: 1), Arara do Beiradão (Vocab.: 2), Arara do Xingu (Vocab.: 1), Awetí (Vocab.: 1), Bakairí (Kúra) (Vocab.: 2), Boróro (Bóe) (Vocab.: 2), Cinta-Larga (Vocab.: 1), Galibí do Oiapoque (Dicion.: 1; Vocab.: 1), Gavião (Ikôro, Digüt) (Vocab.: 1), Guaná (Vocab.: 2), Guaraní Antigo (†) (Tesouro; 1; Vocab.: 5), Guayaná (†) (Gloss.: 1), Ingain (†) (Vocab.: 2), Jarawára (Dicion.: 1; Gloss.: 1), Jurúna (Vocab.: 1), Ka'apór (Urubu) (Vocab.: 1), Kaingáng (Vocab.: 3), Kaiwá (Vocab.: 1), Kamayurá (Vocab.: 2), Karajá (Gloss.: 1), Kaxinawá (Vocab.: 1), Kayapó (Mebengokré) (Gloss.: 1; Vocab.: 1), Krenák (Lista:3; Vocab.: 4), Kujubim (Léxico: 1), Kustenáu (Vocab.: 2), Língua Geral Amazônica (Vocab.: 4), Língua Geral Paulista (†) (Vocab.: 1), Makuxí (Vocab.: 1), Matsés (Mayorúna) (Dicion.: 1; Índice: 2), Maxakalí (Vocab.: 1), Mehináku (Vocab.: 1), Mekém (Vocab.: 1), Nahukwá (Vocab.: 3), Ntogapíd (†) (Lista: 1), Ofayé (Vocab.: 2), Pakidái (Vocab.: 1), Palmela (†) (Vocab.: 2), Panará (Vocab.: 2), Paresí (Vocab.: 1), Pataxó (Vocab.: 1), Purí (†) (Vocab.: 1), Ramaráma (Lista: 1), Surára (Vocab.: 1), Suyá (Vocab.: 1), Tikúna (Vocab.: 1), Trumái (Vocab.: 1), Tukáno (Vocab.: 1), Tupinambá (†) (Dicion.: 1; Lista: 2; Vocab.: 6), Warekéna (Lista: 1; Vocab.: 1), Waurá (Vocab.: 1), Xakriabá (Vocab.: 2), Xavánte (A'wén) (Gloss.: 1; Vocab.: 5), Xerénte (Akwén) (Gloss.: 1), Xetá (Vocab.: 3), Yanomámi (Dicion.: 2), Yanumakapü (Vocab.: 1), Yarumá (Vocab.: 1), Yatê (Não defin.: 1), Yawalapití (Vocab.: 1).

Nesse conjunto de línguas acima, há somente 5 delas com 4 ou mais UBL's: *Tupinambá* (9), *Krenák* (7), *Guaraní Antigo* (6), *Xavánte* (A'wén) (6) e *Língua Geral Amazônica* (4).

### 7.3.3.5. Distribuição das UBL's por quantidade de entradas

Como não foi possível concluir o levantamento da quantidade de entradas de cada UBL das línguas estudadas, apresento os dados parciais, porque deles já é possível começar a depreender alguns fatos relevantes para esta pesquisa, como, por exemplo, verificar se há alguma relação entre o tipo de material e a sua respectiva quantidade de entradas.

Assim, das 1421 UBL's consideradas nesta contagem, 550 ainda não possuem o cômputo do total de entradas. Logo, os dados a seguir correspondem às 871 UBL's restantes, ou seja, a 61,29% do total de UBL's.

Como a intenção deste trabalho é também determinar em que faixa de quantidade de entradas os materiais analisados se encaixam, não apresento as suas quantidades absolutas.

QUADRO 20 – DISTRIBUIÇÃO DAS 871 UBL'S DE ACORDO COM A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO QUANTITATIVA POR FAIXAS

FAIXA DE QUANT. DE ENTRADA	QUANTIDADE DE UBL'S POR FAIXA COM PERCENTUAL
A1 (01 a 36)	164 (18,82%)
A2 (37 a 72)	110 (12,62%)
A3 (73-144)	181 (20,78%)
A4 (145 a 288)	162 (18,59%)
A5 (289 a 576)	123 (14,12%)
B1 (577 a 1.152)	79 (9,07%)
B2 (1.153 a 2.304)	26 (2,98%)
B3 (2.305 a 4.608)	17 (1,95%)
B4 (4.609 a 9.216)	6 (0,68%)
B5 (9.217 a 18.432)	3 (0,34%)
C1 (18.433 a 36.864)	–
C2 (36.865 a 73.728)	–
C3 (73.729 a 147.456)	–
C4 (147.457 a 294.912)	–
C5 (294.913 a 589.824)	–
TOTAL	871

Com base nos dados do corpus sobre a quantidade de entradas dos materiais, foram considerados os percentuais de cada faixa, é possível concluir que a Faixa A, que reúne as UBL's com quantidade de entradas entre 1 e 576, contém 85% do total de registros, ao passo que a Faixa B, com UBL's que contêm de 577 a 18.432 entradas, possui apenas 15% do total. Já a Faixa C (de 18.433 a 589.824 entradas), até este momento, não registrou nenhuma ocorrência.

Certamente a quantidade de entradas ou de subentradas de uma obra lexicográfica não é fator determinante nem para avaliar a sua qualidade, nem a sua funcionalidade para determinado público. No entanto, pelo menos a título de curiosidade, se, por exemplo, os maiores dicionários e vocabulários de línguas indígenas brasileiras, que, conforme observado no quadro acima, chegam, no máximo, à Faixa B5 (mais especificamente, o maior registro feito até o momento é o de um material com quase 13.000 entradas), fossem classificados a partir da mesma nomenclatura usada para classificar as grandes línguas do tronco indo-europeu, teriam de ser definidos, segundo Biderman (1984) e Sousa (1995), como *dicionário*

*escolar* (entre 10.000 e 30.000 verbetes, para Biderman; e entre 5.000 e 25.000 para Sousa), ou como *minidicionário*, segundo a proposta de Welker (2003), que engloba os materiais que contêm entre 5.000 a 20.000 entradas.

Com isso, fica clara a inadequação da nomenclatura geralmente usada para descrever obras lexicográficas de línguas como o Português, o Inglês, o Francês, o Espanhol e o Alemão, para descrever os materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras.

A fim de averiguar se há alguma relação entre o que os autores das diferentes obras lexicográficas denominaram dicionário, vocabulário glossário e lista, apresento, a seguir, a quantificação em paralelo dos dados referentes a essas UBL's:

QUADRO 21 – DISTRIBUIÇÃO DE 4 TIPOS DE UBL'S DE ACORDO COM A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO QUANTITATIVA POR FAIXAS

FAIXA DE QUANT. DE ENTRADA	QUANTIDADE DE UBL'S POR FAIXA			
	DICIONÁRIO	VOCABULÁRIO	GLOSSÁRIO	LISTA
A1	4	94	11	54
A2	1	84	6	17
A3	3	153	6	17
A4	3	129	16	11
A5	5	91	8	14
B1	12	45	2	3
B2	20	5	–	–
B3	12	5	–	–
B4	4	2	–	–
B5	–	2	–	1
C1	–	–	–	–
C2	–	–	–	–
C3	–	–	–	–
C4	–	–	–	–
C5	–	–	–	–

Esses dados ainda não são conclusivos, apenas indicativos de que há uma tendência que está se construindo em torno do fator quantitativo. Assim, podemos levantar a hipótese de que é possível usar a quantidade de entradas como um dos critérios para distinguir dois tipos de UBL's, os Dicionários e os Vocabulários, pois estes ocuparam, sobretudo, a Faixa A, enquanto aqueles ocuparam a Faixa B. Isso, entretanto, não serviria para distinguir as UBL's do tipo Vocabulário das UBL's dos tipos Glossário e Lista, pois as três estão com suas quantidades concentradas na mesma Faixa.

### 7.3.3.6. Distribuição das UBL's segundo a disposição das línguas envolvidas no verbete

No banco de dados desta pesquisa foi feito o registro da direção das línguas no verbete, ou seja, foi indicada esquematicamente, para cada UBL, qual era a língua de entrada, no lema, e quais as demais línguas, no caso de materiais bilíngues ou plurilíngues, relacionadas à primeira língua, no interior do verbete (cf. subseção 7.2.1.4). Essas duas posições, no início e no interior do verbete, são apresentados com detalhes a seguir.

#### 7.3.3.6.1. Línguas do lema

Dos 1421 registros de UBL's, 132 não possuíam ainda a indicação da direção das línguas, logo, para esta quantificação, utilizaremos um total de 1289 dados.

QUADRO 22 – LÍNGUAS QUE OCUPAM A POSIÇÃO DO LEMA DOS VERBETES DAS UBL'S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

	LÍNGUA DO LEMA	QUANT.
1.	Língua Alemã (Al)	85
2.	Língua Espanhola (Es)	45
3.	Língua Francesa (Fr)	115
4.	Língua Inglesa (In)	84
5.	Língua Italiana (It)	5
6.	Língua Latina (Lt)	62
7.	Língua Portuguesa (Pt)	496
8.	Línguas Indígenas (Id)	397
	TOTAL	1289

Observando o Quadro 22, é possível verificar que línguas ocupam a posição de entrada dos verbetes das UBL's do banco de dados. Ou seja, mesmo reunindo todas as línguas indígenas brasileiras, elas ocupam essa posição em somente 30% das UBL's, ao passo que as outras sete línguas, todas indo-europeias, predominam como línguas de lema em 70% das UBL's.

Esse dado não traduz somente as situações em que, no caso de um material feito em duas direções, da língua indígena para a língua indo-europeia, e vice-versa, seria esperada a ocorrência de ambas, nessa posição de lema; mas também, ela pode significar ou que existe uma preferência pelo uso da língua indo-europeia em trabalhos lexicográficos envolvendo línguas indígenas, ou que isso resulte da própria dinâmica da pesquisa do léxico de uma

língua indígena, no momento em que se toma como base da pesquisa a língua indo-europeia na direção da qual o pesquisador vai tentar “encaixar” a língua indígena.

#### 7.3.3.6.2. Línguas do interior do verbete

Apresento, a seguir, um resumo da quantidade de línguas encontradas na segunda posição após o lema das UBL's registradas.

QUADRO 23 – LÍNGUAS QUE OCUPAM A POSIÇÃO IMEDIATA APÓS O LEMA DOS VERBETES DAS UBL'S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

LÍNGUA APÓS O LEMA		QUANT.
1.	Língua Alemã (Al)	6
2.	Língua Espanhola (Es)	41
3.	Língua Francesa (Fr)	14
4.	Língua Inglesa (In)	84
5.	Língua Italiana (It)	1
6.	Língua Latina (Lt)	19
7.	Língua Portuguesa (Pt)	292
8.	Línguas Indígenas (Id)	829
TOTAL		1286 <sup>98</sup>

Como era de se esperar, nesse quadro que contém as línguas que ocupam a segunda posição nas microestruturas da UBL's do banco de dados, houve um número significativamente maior de ocorrências de línguas indígenas brasileiras (há na base ainda 60 casos de microestruturas em que a língua indígena não ocupa nem a segunda posição).

Uma última observação é sobre as línguas que não aparecem nos dois últimos quadros, neste caso o russo e o japonês, que foram também registrados no banco de dados. Isso para demonstrar que, nos trabalhos lexicográficos das línguas indígenas brasileiras, há línguas não indo-europeias.

#### 7.3.3.7. Distribuição das UBL's segundo o ordenamento de macroestruturas

Conforme apresentei na subseção 7.2.1.4, foi feita a classificação das UBL's segundo o tipo de ordenamento das macroestruturas, considerando-se, inicialmente, que elas poderiam seguir uma base onomasiológica ou semasiológica. Uma vez de posse dos dados,

<sup>98</sup> A quantidade menor de resultados nesse segundo quadro ocorreu porque há três registros em que não há uma segunda língua, ou seja, são listas com apenas uma língua.

constatei a existência de outras possibilidades de arranjo das macroestruturas das obras lexicográficas, conforme pode ser observado no Quadro 24.

Do total de 1421 UBL's selecionadas no banco de dados, foi possível identificar a ordem da macroestrutura em 1335 registros,<sup>99</sup> que apresento a seguir:

QUADRO 24 – CLASSIFICAÇÃO DAS MACROESTRUTURAS DAS UBL'S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS SEGUNDO A ORDEM ADOTADA

ORDEM DA MACROESTRUTURA		QUANT.
1.	Base onomasiológica	561
2.	Base semasiológica	709
3.	Outros critérios (classificação taxionômica, uso de motor de busca, elementos fonéticos, morfológicos, categoria gramatical) <sup>100</sup>	15
4.	Não especificado (geralmente aleatório)	50
TOTAL		1335

As informações desse quadro demonstram que o uso de bases semasiológicas é o que prevalece no caso das línguas indígenas brasileiras, contudo, a quantidade de UBL's que foram ordenadas onomasiologicamente não pode ser ignorada. Além disso, a existência de formas de arranjo das macroestruturas diferentes da tradicional ordem alfabética contribuem para a reflexão acerca das possibilidades de novos modelos lexicográficos para as línguas indígenas.

#### 7.3.4. Análise e classificação de microestruturas

O tratamento a ser dispensado para as microestruturas inseridas no banco de dados exige que se vá além da simples quantificação de dados, haja vista sua complexidade estrutural e sua relevância para a discussão acerca das possibilidades de modelos na lexicografia brasileira.

##### 7.3.4.1. Por uma tipologia das microestruturas das UBL's

A partir da descrição das microestruturas das UBL's das línguas indígenas brasileiras, segundo o modelo apresentado na subseção 7.2.1.4.2, e de seu armazenamento no

<sup>99</sup> Apesar de ter registrado mais de 1500 UBL's no banco de dados, não tive acesso a muitos dos materiais, apenas às suas respectivas referências. Questão que, com o tempo, espero resolver com o desenvolvimento de novas pesquisas ou com a permissão dos autores de obras ainda não disponibilizadas.

<sup>100</sup> Ao ordenar os dados a partir de elementos fonéticos ou morfológicos, utiliza-se uma base semasiológica, no entanto, optei em mantê-las separadas, reservando a base semasiológica para o uso mais comum da ordem alfabética.

banco de dados desta pesquisa, comecei a perceber a grande variedade de formas, que iam das mais básicas, como LFr: {DId} até as mais elaboradas, como LPt: Gr, Na, Rm {DId (Vr) -DPt [EPt/EId]}.<sup>101</sup> Ao mesmo tempo em que essa variação se consolidava, havia, por outro lado, a identificação de certa recorrência, que poderia, por sua vez, levar a uma modelagem mais abstrata de EML's. Assim, a título de exemplo, apresento, esquematicamente, o processo de construção dessa proposta, que culminaria com a proposição de uma tipologia.

1) Observei todas as EML's armazenadas no banco de dados, como as apresentadas a seguir:

LLt: {DId (Vr)}	LLt: {DIn-DPt-DId}
LPt: {DIn-DId}	LId: Vr {DPt (Gr, Na, Vr) (-DLt)}
LIn/LFr/LRs/LPt/LEs: Na, Vr {DId}	LFr: Na, Rm, Vr {(DFr) DId [EFr/EId (Tl)]}
LPt: {DId (Et, Fn) [EId/EPt]}	LEs: Gr, Na {DId (Na, Rm) [EEs/EId]}
LAI: {DId}	LId: Na, Rm, Rz, Tl, Vr {DEs (Vr) [EId/EEs]}

2) Utilizando a nomenclatura básica original da proposta (Lema, Operador, Descritor e Exemplo), reescrevi esses mesmos dados, com o acréscimo da informação de quantidade (quando o valor era superior a 1, inseri um número subscrito, à direita, de cada letra de categoria). Eis o resultado:

L: {D (O)}	L: {D <sub>3</sub> }
L: {D <sub>2</sub> }	L: O {D <sub>2</sub> (O <sub>3</sub> )}
L <sub>5</sub> : O <sub>2</sub> {D}	L: O <sub>3</sub> {D <sub>2</sub> [E <sub>2</sub> (O)]}
L: {D (O <sub>2</sub> ) [E <sub>2</sub> ]}	L: O <sub>2</sub> {D (O <sub>2</sub> ) [E <sub>2</sub> ]}
L: {D}	L: O <sub>5</sub> {D (O) [E <sub>2</sub> ]}

3) Concluída esta reescrita de todos os dados, constatei que: a) o único componente que não pode ser omitido é o Lema; b) todos os componentes da expressão podiam ocorrer mais de uma vez; e c) existem estruturas de uso mais recorrentes e outras de uso mais restrito. Levando em consideração esses dados, foi possível estabelecer uma padronização, na qual não foi necessário especificar a quantidade de ocorrências de um

<sup>101</sup> Essas EML's mais desenvolvidas não implicam, necessariamente, que o material que a contém seja o mais bem elaborado, mais completo ou mais adequado para uso em dado contexto, mas sim que o projeto lexicográfico da obra considerou um determinado conjunto de componentes.

componente, em virtude da observação do item b).<sup>102</sup> Logo, a proposta de tipologia possui 14 itens, conforme descrição apresentada a seguir:<sup>103</sup>

QUADRO 25 – TIPOLOGIA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS MICROESTRUTURAS DA UBL’S DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

TIPOLOGIA DE EML		DESCRIÇÃO DA MICROESTRUTURA
1.	M	L
2.	MD	L: {D}
3.	MDO	L: {D (O)}
4.	MDE	L: {D [E]}
5.	MDOE	L: {D (O) [E]}
6.	MDEO	L: {D [E] (O)}
7.	MDOEO	L: {D (O) [E] (O)}
8.	MO	L: O
9.	MOD	L: O {D}
10.	MODO	L: O {D (O)}
11.	MODE	L: O {D [E]}
12.	MODOE	L: O {D (O) [E]}
13.	MODEO	L: O {D [E] (O)}
14.	MODOEO	L: O {D (O) [E] (O)}

Esses 14 itens da tipologia estão dispostos segundo o tipo de estrutura que descrevem. O primeiro item é o mais básico, o único que não pode ser excluído, pois implicaria na impossibilidade de se ter o mais básico dos tipos de materiais lexicográficos. Já os itens de 2 a 7, não apresentam operadores ligados diretamente ao lema, que é o contrário do que ocorre com os itens 8 a 14, que apresentam operadores nesse contexto. Logo, dentro desses dois grupos formados, o segundo critério de classificação é a presença ou não de exemplo. No primeiro grupo, somente os dois itens iniciais não apresentam exemplo; o mesmo ocorre com os três primeiros itens do segundo grupo. Por fim, a última subdivisão diz respeito à ocorrência de operadores junto a descritores e exemplos, ou seja, primeiro as ocorrências de operadores junto aos descritores, em seguida, junto aos exemplos, e, concluindo, simultaneamente junto aos dois.

<sup>102</sup> Como, para este trabalho, não tinha a intenção de chegar a uma descrição tão detalhada, optei pela não apresentação das quantidades de ocorrências de cada componente, o que não impede, em outro contexto, a utilização do modelo completo.

<sup>103</sup> Dos 14 itens, o único não atestado em nosso banco de dados é o nº 6, ou seja, o que equivale à estrutura L: {D [E (O)]}.

### 7.3.4.2. Quantificando microestruturas de UBL's a partir da tipologia proposta

Do total de 1421 UBL's do banco de dados, foram consideradas para a contagem das microestruturas 1287, pois 134 delas ainda não havia tido suas microestruturas descritas. A seguir, apresento o quadro que resume o total de EML's do banco de dados, distribuídas segundo a tipologia descrita acima:

QUADRO 26 – DA DISTRIBUIÇÃO DAS MICROESTRUTURAS DE UBL'S SEGUNDO A TIPOLOGIA PROPOSTA

TIPOLOGIA DE EML		QUANT.
1.	M	3
2.	MD	399
3.	MDO	229
4.	MDE	12
5.	MDOE	74
6.	MDEO	0
7.	MDOEO	1
8.	MO	1
9.	MOD	145
10.	MODO	249
11.	MODE	44
12.	MODOE	123
13.	MODEO	6
14.	MODOEO	1
TOTAL		1287

A primeira consideração a ser feita a partir dos dados apresentados acima, diz respeito à quase inexistência de materiais nas extremidades do quadro, os tipos M e MODOEO, que representam, consecutivamente, a estrutura mais simples<sup>104</sup> e a estrutura mais complexa da proposta. Apesar de existirem ocorrências nos dados, seus usos parecem bem restritos. No sentido oposto, os tipos com maior ocorrência são aqueles que não apresentam a categoria exemplo, ou seja, os itens 2, 3, 9 e 10. Juntos esses itens possuem quase 80% do total. Todavia, não é possível ignorar que os itens 5 e 12, que apresentam o componente exemplo, alcançaram juntos um percentual de 15,3% do total.

<sup>104</sup> O mesmo vale para o item 8, que tem a mesma característica do primeiro item, apenas com acréscimo do componente operador.

Destes últimos dados, é possível concluir, então, que a maior parte das microestruturas das línguas indígenas brasileiras não contém o componente exemplo.

Uma vez definida a distribuição dos tipos de microestrutura das UBL's das línguas indígenas brasileiras, ainda não se sabe a que tipo de material cada tipo de EML está associada e essa informação pode ser útil para determinar se existe alguma relação entre os tipos de microestrutura e os tipos de obras lexicográficas. Como há alguns tipos de UBL's com uma quantidade bastante pequena (cf. Gráfico 05), selecionei apenas aquelas com maior quantidade de registros, as quais serão relacionadas aos tipos de microestrutura.

QUADRO 27 – DISTRIBUIÇÃO DE UBL'S SEGUNDO A TIPOLOGIA PROPOSTA PARA CLASSIFICAÇÃO DE MICROESTRUTURAS

TIPOS DE MICROESTRUTURA		TIPOS DE UBL'S DISTRIBUÍDAS SEGUNDO A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DAS MICROESTRUTURAS						QUANT.
		Dicionário	Glossário	Índice	Léxico	Lista	Vocabulário	
1.	M	1	–	–	–	1	1	3
2.	MD	13	13	–	1	82	290	399
3.	MDO	6	6	1	2	31	186	232
4.	MDE	9	1	–	–	–	2	12
5.	MDOE	5	1	1	–	–	67	74
6.	MDEO	–	–	–	–	–	–	–
7.	MDOEO	–	–	–	–	–	1	1
8.	MO	–	–	–	–	–	1	1
9.	MOD	13	20	–	1	–	84	118
10.	MODO	38	12	–	9	13	175	247
11.	MODE	23	1	–	–	1	19	44
12.	MODOE	76	2	–	2	–	42	122
13.	MODEO	3	0	0	0	1	2	6
14.	MODOEO	1	0	0	0	0	0	1
TOTAL		188	56	2	15	129	870	1260

Antes de passar às considerações mais generalizantes baseadas nos dados apresentados no quadro acima, comentarei cada coluna dos tipos de UBL's e, ao final, buscarei fazer a síntese das informações.

A primeira coluna do quadro está ocupada com os dados relacionados ao Dicionário, um dos mais importantes e recorrentes tipos de obras lexicográficas no contexto das línguas indígenas brasileiras. Partindo da consideração da ocorrência ou não do

componente exemplo, 37,5% dos dicionários não possui em sua microestrutura o exemplo,<sup>105</sup> ao passo que 62,5% apresentam esse componente. Além disso, a estrutura com maior quantidade de registros pode ser considerada uma das mais complexas, a do tipo MODOE, com 40% do total de registros.

Na segunda coluna, a do Glossário, com uma quantidade intermediária de dados, prevalecem os registros de microestruturas sem o componente exemplo (91% do total), mas, mesmo assim, há alguns registros com esse componente.

Na terceira coluna, o Índice contou com apenas dois registros, um do tipo MDO e outro do tipo MDOE.

O Léxico, que aparece na quarta coluna, teve também uma quantidade baixa de registros, 15, dos quais 13 não apresentam o componente exemplo.

Na penúltima coluna, foram apresentados os dados relacionados à Lista. Quase 98% dos 129 registros dessa coluna não apresentam o componente exemplo e o tipo de estrutura mais recorrente, com 63,5% do total, é MD, ou seja, um dos mais básicos.

Por fim, na última coluna do Quadro 27, é apresentado o tipo com a maior quantidade de registros de UBL's do banco de dados, o Vocabulário. Desse conjunto, contei um total de 736 UBL's com microestruturas sem o componente exemplo, isto representa quase 85% de todos os registros. Além disso, o modelo de microestrutura com mais ocorrências é o do tipo MD (290), seguido dos tipos MDO (186) e MODO (175).

Uma vez concluídos os comentários acerca de cada um dos tipos de UBL's, apresentarei algumas considerações baseadas nessa síntese de dados.

Mesmo existindo três tipos de microestruturas (MDOEO, MO, MODOEO) cada um com apenas um registro de UBL, isso ainda não é suficiente para afirmar que eles são exclusivos de determinado tipo de obra lexicográfica. Assim como não é possível afirmar que não existam UBL com a microestrutura do tipo MDEO, isso só o avanço das pesquisas demonstrará.

Complementar à primeira observação do parágrafo anterior é a de que um mesmo tipo de microestrutura pode ser usado por todos os tipos de obras lexicográficas, como demonstra a estrutura MDO, com ocorrência em todas as colunas.

---

<sup>105</sup> O único dicionário que apresenta a microestrutura do tipo M é um dicionário de rimas, elaborado por Mello (1967, p. 103-123). Nele são apresentadas apenas as palavras em “Tupi”, associadas umas com as outras a partir das últimas sílabas.

Ao comparar dados das três colunas mais numerosas, surgem alguns fatos relevantes para esta pesquisa. O primeiro deles é o de que há seis tipos de microestrutura usados simultaneamente para o Dicionário, para a Lista e para o Vocabulário, são eles: M, MD, MDO, MODO, MODE, MODEO. O segundo fato é que a Lista e o Vocabulário possuem, cada um, a maior quantidade de suas UBL's concentradas no mesmo tipo de microestrutura, a MD. Por fim, o terceiro e, talvez, mais produtivo fato, é o de que, enquanto o Glossário, a Lista e o Vocabulário possuem a maior parte de microestruturas sem exemplo (totalizando 91%, 98% e 85%, respectivamente), o Dicionário conta com pouco mais de 37% de seu conjunto de dados sem o componente exemplo nas microestruturas, ou dito de outra forma, 2/3 dos dados relacionados ao Dicionário apresentam exemplo.

Esse último dado, apesar de, sozinho, não ser capaz de servir como critério classificatório, aponta para uma realidade que deve ser considerada se se quer chegar a uma tipologia segura das obras lexicográficas.

## 8 DESENVOLVENDO UM PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA E DE CRIAÇÃO DE DICIONÁRIOS: PROJETO EXPERIMENTAL SURUÍ-AIKEWARA

A documentação linguística de uma língua consiste, segundo Himmelmann (2007, p. 15), em “[...] compilar y preservar datos lingüísticos primarios y a crear interfaces entre estos datos primarios y varios tipos de análisis basados en ellos”.<sup>106</sup> Esses dados primários, coletados diretamente junto aos próprios falantes das línguas, se constituem, no caso das línguas indígenas brasileiras, em importante material, antes de tudo, oral, dada a realidade ágrafa de muitos dos povos falantes dessas línguas, mas também escrito, já que vários povos já fazem uso da escrita nos mais diversos contextos.<sup>107</sup>

Todavia, é possível afirmar que essa documentação, que começou no Brasil há quase 500 anos, nem sempre se destinou somente à pesquisa linguística propriamente dita, pois serviu também para auxiliar trabalhos catequéticos de diferentes grupos religiosos, para facilitar o comércio direto com populações indígenas e ainda para efetivar projetos de dominação sobre esses grupos (cf. subseções 3.3 e 3.4 sobre o contato linguístico).<sup>108</sup> E ainda havia a situação, não tão rara, em que, mesmo nos casos em que o registro dos dados foi realizado com fins linguísticos por pessoas ou instituições, essa documentação se tornava, muitas vezes, inacessível para o próprio povo falante que produzia os dados.

Independentemente da motivação para registro desses dados linguísticos, um fato a ser observado hoje é o de que a maior parte das línguas indígenas brasileiras sobreviventes (e também algumas daquelas que não sobreviveram) já dispõe de alguma documentação (oral, escrita e audiovisual), usada para desenvolvimento de estudos linguísticos, mas também para a construção de materiais didáticos, úteis para a própria revitalização ou reinserção de línguas em comunidades indígenas, como é o caso da língua Kokáma (cf. CABRAL, 2013).

No caso específico da língua Suruí, objeto de estudo desta tese, a documentação linguística foi iniciada efetivamente com o trabalho da pesquisadora Ruth Monserrat, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em meados da década de 1980.

Além do registro sonoro da fala Suruí (palavras, frases e alguns textos), ela buscou sistematizar por escrito a fonética e a fonologia dessa língua, além de descrever vários

<sup>106</sup> Tradução: “[...] reunir e preservar dados lingüísticos primários e a criar interfaces entre estes dados primários e vários tipos de análises baseadas neles” (tradução nossa).

<sup>107</sup> Uma terceira categoria de dados linguísticos que pode ser registrada e estudada se refere à dos sinais gestuais de linguagens desenvolvidas por surdos indígenas.

<sup>108</sup> Mesmo no século XIX, quando a documentação linguística dessas línguas passa supostamente a atender a interesses estritamente científicos com as diferentes pesquisas empreendidas por naturalistas, o interesse científico está, na maior parte das vezes, subordinado a interesses econômicos ou políticos.

elementos da morfologia e do léxico.<sup>109</sup> Essa documentação continuou a ser construída e ampliada por outros pesquisadores, sobretudo linguistas e antropólogos, nas décadas seguintes.<sup>110</sup>

Com o desenvolvimento da pesquisa desta tese, busquei ampliar a documentação já iniciada da língua Suruí do Tocantins. Esse processo consistiu no registro dessa língua nos mais diferentes contextos, desde situações de fala cotidiana até a preparação e execução de cantos (como os da festa da dança “Sapurahaj”) e cerimônias tradicionais (como a distribuição da bebida tradicional e os casamentos).

Essa documentação, feita em áudio, vídeo e por escrito de dados linguísticos da língua Suruí, além de servir para os fins da pesquisa desta tese, já estão sendo usados pelos próprios falantes da língua e, principalmente, pelos professores indígenas, alguns dos quais foram pesquisadores na coleta desses dados.<sup>111</sup> Com isso, o povo passa a ser o primeiro beneficiário dessa documentação, pois dispõe de amostras duradouras de sua língua, e, no presente e no futuro, esse povo pode ouvir, ler e experienciar sua língua em uso, ou seja, em situações reais de interação; ademais, esses registros podem servir para estimular o desenvolvimento da reflexão linguística dos professores Suruí e respectivos alunos sobre sua própria língua, o que permitiria a eles participarem de modo mais efetivo na construção de políticas linguísticas e de planejamento educacional. Existe a possibilidade de estimular a produção de outros materiais derivados desses registros linguísticos, como, por exemplo, o desenvolvimento de uma escrita literária ou técnico-científica, contribuindo ainda mais para a necessária valorização de sua língua-cultura em face das demais línguas-culturas do mundo.<sup>112</sup>

Vale lembrar, conforme apresentado no Capítulo 3.3, que a situação linguística da língua Suruí do Tocantins é de vulnerabilidade e que isso se deve a uma série de fatores

---

<sup>109</sup> Esse material linguístico serviu de base para produção de um vocabulário da língua Suruí-Aikewara, publicado pelo CIMI Norte II (cf. Capítulo 3.1)

<sup>110</sup> Um exemplo recente de “documentação linguística” é o que está sendo feito pelo CIMI Norte II e pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), que fazem o registro oral, em Suruí (no caso dos falantes monolíngues) ou em Português (no caso dos falantes bilíngues) junto aos sábios Suruí, para coletar narrativas sobre as diversas experiências deles com relação à Guerrilha do Araguaia, que devem ser usadas pelo Governo para eventuais processos indenizatórios. Os principais meios de gravação das histórias são a filmadora e a câmera fotográfica.

<sup>111</sup> Um exemplo desse uso foi a reunião de todos os vídeos da festa do Sapurahaj, que aconteceu em abril de 2014, em um só arquivo de vídeo, do qual foram feitas várias cópias, e distribuídas para pessoas da comunidade. Além disso, esse “filme” foi apresentado pelos professores Ikatu e Tmykong em diferentes ocasiões na aldeia.

<sup>112</sup> Esse objetivo está de acordo com o que propõe o projeto “Banco de dados de línguas indígenas do Brasil e de áreas adjacentes”, coordenado pelos professores Aryon D. Rodrigues (*in memoriam*) e Ana Suelly A. C. Cabral, cujo objetivo é o de construir um banco de dados que servirá “[...] ao mesmo tempo de repositório de dados dessas línguas, bens imateriais linguísticos e culturais dos povos que as falam e patrimônio cultural do Brasil e da humanidade. [mas também como servir de] fonte de referência linguística para fins científicos, educacionais e outros”.

socioculturais que envolvem, sem dúvida, o contato desse povo com os não indígenas e a força com que a língua nacional foi introduzida nesse grupo.

### 8.1. DADOS DA LÍNGUA SURUÍ

A fim de constituir a documentação linguística da língua Suruí de maneira mais completa possível, busquei, em um primeiro momento, compilar os *corpora* já produzidos por diferentes pesquisadores, o que contribuiu para identificar as diferentes perspectivas adotadas pelos responsáveis por essa documentação. Apesar de nem todas as bases estarem disponíveis, consegui reunir, ainda que parcialmente, dados coletados por Monserrat (1985a), Graham (1988), Cabral (1997), Costa (2002), Cabral e Mastop (2002).<sup>113</sup> Muitos desses trabalhos consistem, grosso modo, no registro de palavras e frases, compiladas segundo diferentes orientações teóricas e técnicas.

O passo seguinte na constituição dessa documentação linguística foi a de reunir um corpus próprio para esta pesquisa da língua Suruí do Tocantins, o que foi iniciado em abril de 2012, sob a orientação da profa. Ana Suely A. C. Cabral, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do projeto Observatório da Educação Escolar Indígena,<sup>114</sup> do Laboratório de Línguas Indígenas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília. Esse registro da língua Suruí foi feito, no formato de áudio de alta qualidade, com os professores Ikatu e Tymykong, que viajaram a Brasília, onde permaneceram por uma semana.

Partindo do registro de um vocabulário básico da língua Suruí, relacionado principalmente a fauna, flora e partes do corpo, acrescido de enunciados que contextualizassem os termos desse vocabulário, iniciei os estudos acerca da fonologia, da morfologia, da sintaxe e do léxico dessa língua.

Esta abordagem para acesso aos dados da língua teve, para mim, sem dúvida, um caráter de iniciação, pois, permitiu-me estabelecer uma primeira aproximação ao léxico e a outras estruturas linguísticas que me permitiriam a compreensão de vários aspectos do funcionamento dessa língua. Contudo, devo enfatizar que não ignorei, em nenhum momento, o valor e a necessidade de coletar dados produzidos em ambiente de uso real dessa língua:

<sup>113</sup> Cf. capítulo 2 em que descrevo o conteúdo desses materiais.

<sup>114</sup> O “Projeto em rede de estudos, pesquisas e formação de professores pesquisadores em linguística e educação escolar indígena – Observatório da Educação Escolar Indígena”, coordenado pela profa. Ana Suely A. C. Cabral, foi desenvolvido no biênio 2011/2012, e teve como principal objetivo “[...] a formação qualificada de profissionais da educação básica intercultural indígena, principalmente profissionais indígenas, com experiência no estudo científico e aplicado de línguas indígenas brasileiras, em nível de graduação e de pós-graduação – mestrado e doutorado” (LALI, 2013).

momentos de conversa informal, de narrações de histórias e de cantos, enfim, situações em que os enunciados estivessem em seu contexto original.

Além de realizar essa atividade de registro da sua língua, os professores Suruí, em Brasília, manifestaram para os coordenadores do Laboratório de línguas indígenas algumas demandas com relação a materiais para língua Suruí, ou seja, Ikatu e Tymykong, enquanto únicos professores de sua língua, expuseram sua necessidade de possuírem materiais como livros, manuais didáticos e dicionários, para auxiliá-los no trabalho de ensino da língua Suruí na escola da aldeia. Dessa maneira, como resultado deste primeiro encontro de trabalho, auxiliei, junto com a professora Ana Suelly Cabral, a produção de um material didático monolíngue ilustrado intitulado *Aikewara se'engete* (IKATU; TYMYKONG, 2012), do qual foi feita uma pequena tiragem a título de material-piloto, usado por eles na Escola Sawarapy, da T.I. Sororó.<sup>115</sup>

Assim, após esse primeiro encontro de trabalho com os professores Aikewára, em Brasília, percebi que o projeto inicial para descrição da língua Suruí deveria estar associado, sem dúvida, à produção de materiais linguísticos relacionados a essa língua. Em outras palavras, a pesquisa linguística deveria permitir não só estudo linguístico do léxico, mas também culminar na produção de, por exemplo, um ou vários dicionários dessa língua estudada.

Por isso, com o foco na produção de material lexicográfico para a língua Suruí, dei prosseguimento à pesquisa com o início das idas a campo para registrar a língua *in loco*. Dessa forma, meu segundo contato com os falantes da língua Suruí, para fins de documentação, deu-se na T.I. Sororó,<sup>116</sup> em novembro de 2012.

Munido de um gravador digital Zoom H4n e de uma câmera de vídeo portátil JVC, retomei o registro de dados linguísticos, mas, desta vez, com uma quantidade maior de pessoas, todas adultas. As principais foram dois homens Ikatu e Awasa'i (sendo este último monolíngue) e duas mulheres, Tymykong e Murue (ambas bilíngues). Awasa'i é marido de Murue, que são os pais de Tymykong, que é casada com Ikatu. Awasa'i é, provavelmente, a pessoa mais velha da aldeia e que participou da Guerrilha do Araguaia "a serviço" do Exército Brasileiro. Tymykong e Ikatu assumiram a função de professores da língua Suruí na aldeia e estão fazendo, desde 2012, um curso de graduação pela Universidade do Estado do Pará.<sup>117</sup>

<sup>115</sup> Impresso no formato de brochura, esse material apresentava já uma nova proposta de escrita da língua Suruí.

<sup>116</sup> Cf. capítulo 2 em que apresento essa Terra Indígena.

<sup>117</sup> Outras pessoas também participaram das gravações, mas sua participação foi bem mais breve do que a dos quatro citados acima e seus registros constam nas bases de dados organizadas para esta língua.

Uma observação importante relacionada ao início da pesquisa de campo propriamente dita e, antes de iniciar o trabalho de gravação da língua Suruí, está relacionada à autorização de que necessitei para realizar essa atividade junto ao povo Aikewára. Fui orientado pelo próprio grupo que me recebeu na T.I. Sororó a solicitar pessoalmente à liderança indígena, exercida atualmente por Maira Suruí, uma autorização para a minha permanência e realização do trabalho junto aos Aikewára. Assim, em horário pré-estabelecido pela própria liderança, fui à sua casa, onde me apresentei e expliquei os objetivos, as etapas, o tempo de permanência na comunidade e os resultados esperados da pesquisa, destacando o interesse em contribuir com a comunidade com a elaboração de material linguístico a ser usado sobretudo na escola. Concluída a exposição, fui autorizado a permanecer no local durante o tempo estabelecido e a desenvolver a pesquisa.

Nessa etapa da pesquisa de campo, pude fazer registros sonoros em todos os dias de minha estada na comunidade, em diferentes horários e locais da T.I. Sororó,<sup>118</sup> mas, principalmente, às margens do igarapé Sakareruna, local onde duas famílias haviam escolhido temporariamente para morar.

Antes de iniciar cada gravação com os falantes da língua, inseri no próprio arquivo de áudio os metadados relativos ao contexto de gravação, tais como: data, local, falantes presentes e conteúdo a ser tratado.

Iniciei essa etapa do trabalho com o registro de elementos do léxico da língua, a fim de ampliar o trabalho já iniciado, mas, à medida que as palavras surgiam e iam sendo explicadas, novos desdobramentos eram feitos e estes culminavam, frequentemente, em conversas entre eles, em Português e em Suruí, que também foram registradas. Nesta etapa foi fundamental a participação do sábio Awasa'i, um dos últimos Aikewára sobrevivente ao contato com os não indígenas. Registrei também várias narrativas míticas contadas por ele em Suruí, descrições de situações cotidianas e conversações. Um dos últimos registros que fiz com Awasa'i foi um longo relato sobre a sua participação, e também a de outros Suruí, no episódio histórico Guerrilha do Araguaia, na década de 1970.

Como as gravações aconteciam com frequência quando todos estavam reunidos, era comum que mais de uma pessoa participasse da gravação, ainda mais quando alguém não sabia como dizer alguma coisa na língua e tinha de recorrer aos mais velhos. Ficou claro que os mais jovens, certamente devido à situação de quase extermínio do povo e implantação da

---

<sup>118</sup> Para garantir a fonte de energia para o funcionamento do aparelho, fui munido tanto de pilhas recarregáveis quanto de pilhas comuns não recarregáveis, além de cartões de memória de grande capacidade.

língua portuguesa na comunidade, não tiveram como desenvolver mais o conhecimento lexical da língua Suruí, ficando restrito aos poucos sábios do grupo.

Nos anos de 2013 e 2014 realizei outras pesquisas de campo à T.I. Sororó, onde pude não somente coletar novos dados para a pesquisa, como também levar dados já transcritos para revisão e versões prévias do dicionário Suruí para revisão e ampliação.

Paralelamente à pesquisa do léxico comum da língua Suruí, empreendi uma pesquisa sobre a onomástica desse grupo, a fim de determinar o significado dos diferentes nomes, mas também para verificar se havia alguma relação entre as denominações dadas às pessoas e o seu clã de origem (cf. capítulo 10).

## 8.2. RECURSOS USADOS NO REGISTRO E TRATAMENTO DOS DADOS

Antes de prosseguir com a apresentação dos dados da língua Suruí, descrevo os principais recursos usados nesta pesquisa para o registro e tratamento dos dados linguísticos.

O principal instrumento usado no registro da fala dos Aikewára nesta pesquisa foi o gravador digital Zoom H4n. Dentre as opções de gravação oferecida pelo aparelho, optei pelo formato de áudio WAV (som wave), 48kHz e taxa de bits de 1536 kbps, por ser esta configuração a que produz arquivos de tamanho médio com excelente qualidade.<sup>119</sup>

Uma vez concluído um registro sonoro da língua e de posse de todas as gravações originais, armazenadas originalmente em um cartão de memória encaixado no gravador, transferia os dados para um computador pessoal, sempre com cópia de segurança em um disco rígido (HD) externo.

Ao precisar utilizar qualquer um desses arquivos armazenados, fazia uma cópia dele, pois, caso fosse necessário fazer alterações nesse arquivo, como ajustes de ruídos ou amplificação de trechos, o arquivo original estaria preservado. Por exemplo, um dos formatos possíveis para conversão dos arquivos é o APF (Audacity Project File), a fim de ter um arquivo editável no programa Audacity 2.0.2.<sup>120</sup>

A etapa seguinte nesse trabalho de documentação se deu com a transcrição fonética dos registros sonoros, para isso, adotei a convenção do Alfabeto Fonético Internacional (AFI ou IPA, *International Phonetic Alphabet*, em Inglês), no padrão Unicode, versão 6.2, cuja base de dados está presente no Microsoft Office Word 2010 (cf. Apêndice).

<sup>119</sup> As possibilidades de saída de som desse aparelho são: WAV: 44.1/48/96kHz e MP3 – 44.1/48kHz. As gravações podem ser retiradas do aparelho via cabo USB ou pelo próprio cartão de memória SD.

<sup>120</sup> Cópias dos arquivos originais coletados na pesquisa também são mantidas também no banco de dados do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília.

Com base nessas primeiras transcrições, realizava também a escrita ortográfica dos conteúdos, seguindo o padrão proposto no capítulo 5 deste trabalho.

À medida que processavam essas transcrições dos dados obtidos, armazenava-os, na mesma ordem em que haviam sido gravados, inicialmente, em linhas individuais de tabelas simples de arquivos de formatos .DOC e .RTF de um programa de edição de texto (Microsoft Office Word 2010).<sup>121</sup> Esse processo de transcrição dos arquivos sonoros demandou bastante tempo, pois, além da própria dificuldade de transcrever uma língua a qual não domino como falante, há ainda as dificuldades advindas dos contextos da gravação: superposições de vozes, retomadas ou interrupções de explicações, reformulações de enunciados, acréscimos às explicações, apagamentos da fala, entre outros.

Ao concluir essas transcrições, procedi à revisão dos dados, com a orientação da professora Ana Suelly Cabral, mas também, quando possível, com os próprios falantes da língua Suruí. Para isso, as várias páginas de transcrições foram impressas ou, quando possível, as alterações eram feitas diretamente nas bases de dados, resguardadas, antes, todas as informações originais.

No entanto, com o aumento significativo da quantidade de dados reunidos, o uso de editores de texto simples não comportavam, com eficiência, nem a quantidade nem a diversidade de informações, logo, precisava de um meio mais eficaz para tratar toda essa documentação linguística.

### 8.3. EM BUSCA DE UM PROGRAMA DE BANCO DE DADOS ELETRÔNICO

Nesta fase do processamento da documentação linguística, os materiais coletados e transcritos da língua Suruí, além de seus metadados, se avolumavam e estavam dispersos em vários arquivos, o que tornava o trabalho de sistematização cada vez mais difícil.

Não restava dúvida da necessidade da construção de uma base de dados eletrônica, desenvolvida especificamente para o armazenamento dos dados reunidos com a pesquisa da língua Suruí. Contudo, além de armazenar conteúdos, essa base deveria permitir a manipulação e extração desses dados, além de colaborar com a produção de materiais, como listas e vocabulários, de maneira rápida e prática.

Logo, empreendi a busca para encontrar um programa de banco de dados eletrônico, capaz de atender às necessidades do projeto.

---

<sup>121</sup> Com o tempo, passei a transcrever e armazenar dados transcritos diretamente no Programa Línguas, desenvolvido durante a pesquisa da língua Suruí.

Existem, hoje, algumas ferramentas para construção de bancos de dados linguísticos distribuídos, inclusive, na internet, dentre as quais estão:

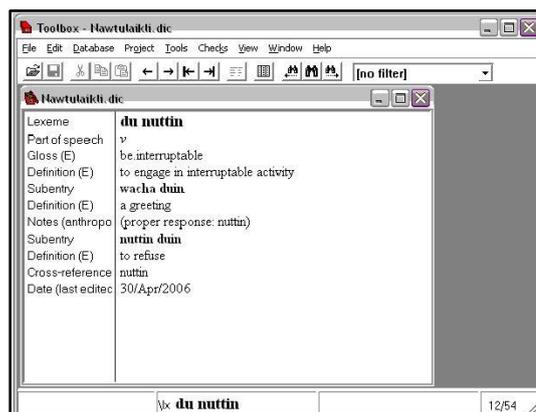
*Shoebox*, escrito originalmente em linguagem DOS, é software proprietário com distribuição livre desenvolvido pelo SIL para armazenamento e análise de dados lexicais. Ele foi substituído pelo programa *Field Linguist's Toolbox*.

FIGURA 06 – JANELA DO SHOEBOX



Fonte: <http://www-01.sil.org/computing/shoebox/graphics/DateStampRecord.gif>

FIGURA 07 – JANELA DO TOOLBOX



Fonte: [http://www-01.sil.org/computing/toolbox/Toolbox\\_Self-Training.pdf](http://www-01.sil.org/computing/toolbox/Toolbox_Self-Training.pdf)

*Online Linguistic Database (OLD)*, software livre escrito em linguagem Python, conta com uma série de recursos como: base multi-usuário, sistema de busca, associação de arquivos texto-som, personalização de teclado, ligação de termos, exportação facilitada para interface de dicionário, exportação nos formatos LaTeX, Txt. Não há informação quanto à capacidade de armazenamento do sistema. Site: <http://www.onlinelinguisticdatabase.org/> e <https://code.google.com/p/onlinelinguisticdatabase/>.

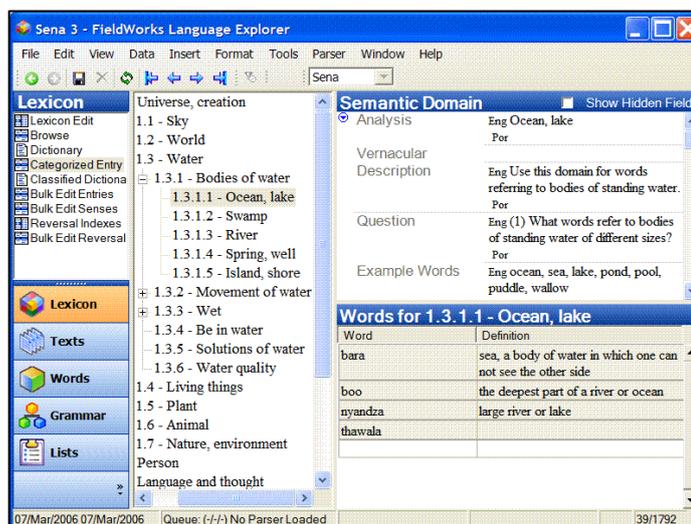


Fonte: <http://www.onlinelinguisticdatabase.org/>

*Field Works Language Explorer (FLEx)*, software proprietário com distribuição livre desenvolvido pelo SIL International para construção de bases de dados linguísticos, que

possui recursos de: organização do léxico, inserção de textos com segmentação em glosas, classificação dos elementos gramaticais, área para anotações, elaboração de listas de acordo com domínios linguísticos e de outras áreas, exportação dos dados da base em vários formatos. Site: <http://fieldworks.sil.org/flex/>.

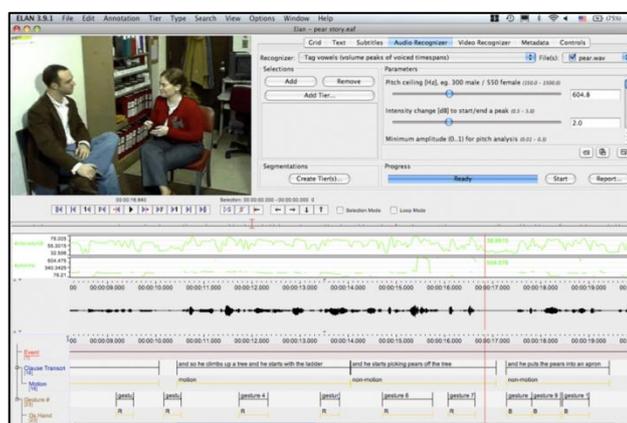
FIGURA 08 – JANELA DO FLEx



Fonte: <http://fieldworks.sil.org/wp-content/uploads/2010/07/SemanticEntry.gif>

*ELAN (EUDICO Linguistic Annotator)*, software proprietário com distribuição livre desenvolvido por Max Planck Institute for Psycholinguistics. Trata-se de uma ferramenta de anotação linguística, que permite a visualização e edição de arquivos (linguísticos) de áudio e vídeo. Site: <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>.

FIGURA 09 – JANELA DO ELAN



Fonte: Site [https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/screenshot\\_elan\\_2/](https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/screenshot_elan_2/)

Apesar de esses programas atenderem à maior parte das necessidades de projetos que utilizam bases de dados linguísticos, geralmente eles não podem ser adaptados para atender às especificidades de cada projeto, seja por lidarem com linguagens de programação

pouco amigáveis (como a linguagem Python), seja por serem softwares proprietários que possuem direitos autorais e restrições quanto a alterações (como é o caso do *FieldWorks Language Explorer*, do *Shoebox/Toolbox* e do *TLex Dictionary Compilation Software*). Talvez por isso muitos projetos de universidades e empresas optem em desenvolver seus próprios programas de dados a partir de sistemas de gerenciamento de banco de dados (SGBD), como o *Base*, software livre da suíte LibreOffice, desenvolvido pela The Document Foundation, o *MySQL*, desenvolvido pela Oracle Corporation, e o *Access*, programa da suíte MS-Office Professional, software-proprietário desenvolvido pela Microsoft.

A principal vantagem de desenvolver um programa próprio a partir de um SGBD é que ele conterá exatamente os elementos e a estrutura necessários para receber os dados da documentação, como a lingüística, por exemplo, que forem produzidos. Além disso, a maioria desses sistemas tem como características: portabilidade e compatibilidade com várias linguagens de programação, bom desempenho e estabilidade, não exigem muitos recursos do hardware, seu uso é bastante acessível, facilmente configurável e possui interface gráfica amigável.

Sem dúvida, de todas as opções disponíveis no mercado de softwares (livres e proprietários), o SGBD que apresenta maior facilidade de uso, bastante flexibilidade e considerável quantidade de recursos é ainda o MS Access<sup>122</sup> que, em sua versão 2010, além da grande capacidade de armazenamento, permite até a exportação dos bancos de dados na forma de aplicativos executáveis. Esse sistema conta ainda com a linguagem de programação Visual Basic for Applications (VBA), nativamente integrada ao seu próprio ambiente de programação, permitindo não só a personalização de tarefas, mas, principalmente, adicionar mais recursos ao banco de dados.<sup>123</sup>

Diante do exposto, ao invés de utilizar um programa pronto, concluí que seria bem mais produtora desenvolver um programa próprio, capaz de lidar com uma grande quantidade de informações não só para armazenar os dados lingüísticos da língua Suruí, mas, principalmente, para administrá-los (editando-os ou excluindo-os, por exemplo), ao mesmo tempo em que permitisse acessar, com uma interface intuitiva, todos os dados, além de permitir a construção, por exemplo, de dicionários.

---

<sup>122</sup> A indicação para uso desse software para desenvolvimento de bancos de dados lingüísticos foi feita pela profa. Enilde Faulstich, durante o curso *Lexicografia e Terminografia*, ministrado por ela no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília.

<sup>123</sup> Antes de decidir pelo uso do Access, testei as demais ferramentas de banco de dados disponíveis e experimentei também a construção de bases em outros programas, mas nenhum deles atendia, de modo geral, aos requisitos e objetivos desta pesquisa lingüística.

Outra vantagem de desenvolver esse sistema, é que ele permitiria a exportação dos dados de forma estruturada (em tabelas) e personalizada em diversos formatos (XML, TXT, XLS, XPS, RTF, por exemplo), que seriam facilmente recuperáveis por outros sistemas de bancos de dados, evitando, assim, por causa da rápida obsolescência dos sistemas, impedimento de acesso aos dados.

Dessa maneira, uma vez definido que programa seria utilizado para desenvolvimento do SGBD, fiz a modelagem da base, conforme descrevo a seguir.

Antes de tudo, o sistema deveria ser projetado para comportar informações relativas ao conjunto de dados coletados na pesquisa de campo, por isso a necessidade de um espaço para inserir descrições dos *corpora*. Associados a cada corpus estão os dados propriamente ditos — textos, frases e palavras já transcritos —, que deveriam ser armazenados de forma estruturada, a fim de criar uma rede de informações entre eles. Por fim, todos esses dados deveriam estar associados a um projeto lexicográfico, cuja forma final dependeria estritamente do que desejava como produto; por exemplo, os dados poderiam ser compilados para construir, por exemplo, um dicionário monolíngue, um dicionário bilíngue, uma lista numerada de termos ou ainda fichas individuais com todas as informações de determinada palavra na forma de verbete de dicionário. Essa multifuncionalidade do sistema garantiria que a base não se tornaria um repositório estéril de registros linguísticos, pois, ao ser alimentada e administrada, poderia vir a ser utilizada para os mais diversos fins, por linguistas, antropólogos e até pelos próprios professores da comunidade Suruí.

Por fim, um sistema dessa natureza deveria levar em consideração os seguintes aspectos: (1) comportar, ao lado dos dados escritos inseridos, os respectivos registros sonoros; (2) permitir o backup dos dados para garantir a integridade do sistema; (3) garantir a segurança de acesso aos dados por meio de um sistema de senhas; (4) permitir a personalização das informações das várias bases de dados que integram o sistema; e (5) gerar materiais oriundos dos dados nela armazenados.

#### 8.4. A ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO NO SGBD

Como apresentei na seção anterior, um SGBD voltado para o armazenamento de dados linguísticos deve ser modelado conforme a natureza e as necessidades de cada projeto. Assim, neste projeto, desenvolvido no âmbito de um curso de doutorado e que envolve a pesquisa de uma língua indígena brasileira, busquei fazer uma primeira modelagem de um

SGDB para compilar os dados linguísticos da língua Suruí.<sup>124</sup> Intitulado *Diccionario: Base de Dados e Dicionário*, esse programa apresentava a seguinte estrutura:

- Áreas de inserção de dados: corpus, falantes, enunciados, dicionário e verbetes.
  - O registro de um corpus apresentará os seguintes atributos: tipo de registro (sonoro, escrito, audiovisual, etc.); identificação da língua registrada; local, data e responsável pelo registro; falantes que forneceram os dados; referências do registro.
  - O registro dos falantes abrangerá informações como: nome completo; outros nomes (se houver), grupo/etnia a que pertence o falante, data e local de nascimento, atividade/profissão, escolaridade, endereço, línguas faladas por ele.
  - Os enunciados deverão ser inseridos em área própria, nos quais haverá os campos: transcrição do enunciado na língua 1, a sua estrutura morfológica, a respectiva análise morfológica e a glosa em uma segunda língua.
  - O dicionário refere-se ao projeto lexicográfico propriamente dito, que deve apresentar informações sobre: o tipo de dicionário, a(s) língua(s) envolvida(s), o título, a autoria e os direitos autorais, os colaboradores, a descrição da obra, a descrição da estrutura do(s) verbete(s) e a instituição (se houver).
  - O verbete, por não se limitar a um tipo específico de dicionário, apresentará vários atributos, cujo uso deve ser definido conforme a proposta lexicográfica que se queira: associação direta com o dicionário; relacionamento com um corpus da base, indicação de eventuais casos de homonímia, registro do lema na língua 1, arquivo sonoro correspondente, definição na língua 1 com a respectiva indicação da propriedade gramatical, formas variantes, registro de transcrição fonética e registro da forma fonológica, glosa (ou tradução) na língua 2, definição na língua 2, segmentação e análise morfológica do lema, datação e etimologia, frequência de uso, informação enciclopédica, informação sociolinguística, referência cruzada, termo científico (no caso de plantas e animais), exemplos L1/L2, categorização por assunto.<sup>125</sup>
- Área para registro do sistema de sons: registro da relação entre fonemas e fones, forma escrita (maiúscula e minúscula), armazenamento do respectivo som.

<sup>124</sup> Esse programa foi usado até julho 2013, quando passei a desenvolver uma segunda versão mais completa do programa.

<sup>125</sup> A categorização por assunto permitiu a classificação dos termos da base a partir de um critério semântico, por exemplo, separando *plantas* de *animais*, e subcategorizando, por exemplo, os termos ligados a *animais* segundo suas espécies *mamíferos*, *aves*.

- Área para registro de tarefas relacionadas ao desenvolvimento do projeto lexicográfico: status da tarefa, prioridade, título e descrição da tarefa, prazos, registro de porcentagem e anexação de arquivos de apoio.
- Área de acesso: sistema de *login* e *senha*, que pode ser administrado por área própria no interior do sistema.
  - O cadastro de usuários consistirá de: nome de usuário, senha, nível de acesso, nome completo, e-mail, titulação, instituição, telefones, endereço, responsável pelo cadastro e função no projeto.
- Área de acesso rápido a informações da base (relatórios): tarefas, anotações, verbetes, enunciados, falantes, sons (com possibilidade de impressão e exportação de todos esses dados).
- Área de administração de todos os dados constantes na base:
  - (1) dados nativos da base – lista de línguas, famílias e troncos;<sup>126</sup> propriedades gramaticais; símbolos fonéticos, tipos de exemplificação; tipos de dicionários; assuntos;
  - (2) dados inseridos na base – dicionário, verbetes, corpus; enunciados; sons; falantes; tarefas; anotações; fontes de exemplificações;
  - (3) exportação dos dados no formato de tabelas (XLS).
- Área de exportação dos dados na forma de dicionários.<sup>127</sup>
  - Exportação em formato de fichas individuais para dicionários monolíngues e bilíngues (ordem alfabética).
  - Exportação em formato de folhas formatadas em uma ou duas colunas para dicionários monolíngues e bilíngues completos (ordem alfabética).
  - Exportação em formato de folhas formatadas em uma ou duas colunas para dicionários monolíngues e bilíngues reduzidos (ordem alfabética).
  - Exportação em formato de folhas formatadas em uma ou duas colunas para dicionários bilíngues L1 → L2 e L2 → L1 (ordem alfabética, por propriedades gramaticais ou por assunto).
  - Listas: de informação enciclopédica ou sociolinguística; numeradas de entradas em L1; de enunciados e de abreviaturas.
- Área para fazer cópias de segurança de toda a base de dados.

<sup>126</sup> As listas de línguas, famílias e troncos linguísticos foi baseada em Rodrigues (2013, p. 7-10).

<sup>127</sup> As estruturas de dicionários inseridas no sistema representam apenas as formas mais canônicas de dicionários, que podem atender sem dificuldade à maior parte das situações mais comuns. Contudo, o sistema deve permitir que os dados sejam manipulados conforme a necessidade de cada usuário.



Ao finalizar o programa Dicionario, coloquei-o sob uma licença GNU-GPL-CC,<sup>128</sup> a fim de que outras pessoas pudessem usar e contribuir, se assim o desejassem, com o aperfeiçoamento do sistema. Nessa primeira fase do programa de banco de dados, alimentei a base com os dados da língua Suruí, correspondendo a quase 1.000 entradas.

Concluídos a construção, os testes e o uso efetivo da primeira versão do programa de banco de dados Dicionario, verifiquei que esse poderia ser aperfeiçoado e servir para além da construção específica de dicionários. Por isso, iniciei uma nova modelagem de SGDB, baseada em parte naquela proposta inicial, e construí um novo programa, com interface mais intuitiva, com novos inter-relacionamentos e capaz de armazenar e processar uma quantidade bem maior de dados. Assim nasceu o Programa Línguas, que apresento a seguir.

## 8.5. O PROGRAMA LÍNGUAS

*Línguas — Banco de Dados para Documentação Linguística* é um programa de gerenciamento de banco de dados baseado em Access e VBA, cuja principal finalidade é auxiliar o trabalho de pesquisadores na documentação e análise de línguas.<sup>129</sup>

Desenvolvido, inicialmente, como parte da metodologia desta tese sobre documentação e descrição da língua Suruí do Tocantins, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (IL/UnB), o programa *Línguas* foi originalmente concebido como aplicativo para a construção de dicionários no âmbito da disciplina *Lexicografia e Terminografia*, ministrada pela Profa. Dra. Enilde Faulstich (PPGL/IL/UnB), mas foi ampliado a fim de permitir a documentação de outras línguas.<sup>130</sup>

A atual versão do programa Línguas herdou do programa Dicionario a função de gerar dicionários (e outros materiais) automaticamente a partir dos dados cadastrados nas

<sup>128</sup> GNU-GPL, sigla de Gnu General Public License (Licença Pública Geral), se refere a uma licença para uso de diferentes materiais, como programas de computador. A essa licença foi acrescida outra do tipo CC, sigla de Creative Commons. Juntas essas licenças estabelecem as condições de uso do material distribuído na condição de software livre. Mais informações podem ser obtidas nos sites <http://creativecommons.org> e <http://softwarelivre.org/>.

<sup>129</sup> O desenvolvimento deste projeto só foi possível com o apoio técnico-científico do *Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas* (LALLI), da UnB, [site: <http://www.laliunb.com.br>], coordenado pelo Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (*in memoriam*) e pela Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, e do *Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos* (Centro Lexterm), da UnB, coordenado pela Profa. Dra. Enilde Faulstich, nos quais foi possível apresentar e testar as várias versões do programa e receber valiosas contribuições dos colegas e professores acerca do trabalho de pesquisa para coleta de dados de línguas, mas também sobre o próprio conteúdo teórico da linguística, nos domínios da documentação e da descrição linguística e, particularmente, da lexicologia e lexicografia.

<sup>130</sup> Certamente esse programa ainda não alcançou todo o seu potencial de armazenamento e de processamento, pois, à medida que é utilizado por mim e por outros pesquisadores, ele passa por ajustes, que o tornam cada vez mais completo para o trabalho de documentação linguística e para os produtos gerados a partir dele, como tipos de obras lexicográficas, comparações, análise de textos, etc.

diferentes bases de dados, contudo, ele permite, além disso, o trabalho com uma variedade ainda maior de informações, que vão desde o registro de dados etnográficos, passando pelo registro de dados lexicais e textuais, até chegar à comparação de dados de diferentes línguas. Daí, a importância deste capítulo em que é apresentada uma descrição completa sobre as formas de acesso e também como usar todos os recursos disponíveis no programa para a criação e gerenciamento de um Projeto de Documentação Linguística (PDL), mas também com orientações para uso das ferramentas para instalar e desinstalar o programa.

### 8.5.1. Informações técnicas

O projeto e a programação originais deste programa foram desenvolvidos por mim, a partir de maio de 2013. Para isso, utilizei a base do Microsoft Access 2010 com MS Visual Basic for Applications 7.0, com atualizações que chegaram até a versão 3.9 (concluída em junho de 2014).

Para executar o programa, os requisitos básicos são: Sistema Operacional: Windows 7 ou superior; Windows Server 2003 R2 (32-Bit x86); Windows Server 2003 R2x64 editions; Windows Server 2008 R2; Windows Server 2008 Service Pack 2; Windows Vista Service Pack 1; Windows XP Service Pack 3. Programas: MS Access 2010 ou MS Access Runtime, MS Word 2007 ou superior, Adobe Reader<sup>®</sup> (ou outro leitor de documento PDF). Além disso, são necessárias as fontes (tipos) Arial, Calibri, CM, Paulpan, Times New Roman.<sup>131</sup>

Ao ser concluído, o programa Línguas foi compilado em um arquivo executável, para ser instalado como qualquer outro programa de computador. Na próxima subseção, apresento as etapas dos processos de instalação e de desinstalação desse programa.

### 8.5.2. Instalação e desinstalação do Programa Línguas

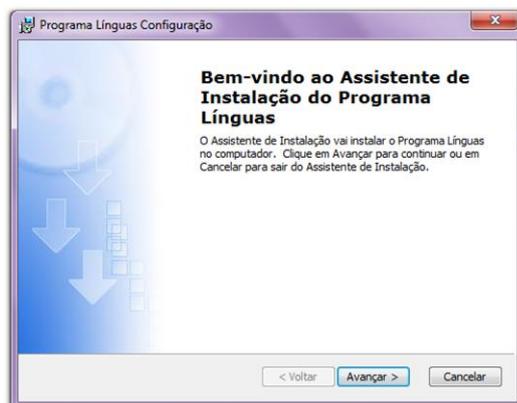
O programa Línguas possui um *Assistente de Instalação*, para executá-lo, é necessário abrir o arquivo *setup.exe*, localizado na pasta *Línguas*. Clicando sobre ele, abre-se a janela de configuração, na qual é preciso clicar sobre o botão *Avançar*.<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> As seguintes marcas citadas ao longo deste trabalho pertencem aos seus respectivos proprietários: Windows 7 Home Premium<sup>®</sup>; Microsoft<sup>®</sup> Office Access 2010<sup>®</sup>; Microsoft<sup>®</sup> Access 2010 Runtime<sup>®</sup>; Adobe Reader<sup>®</sup> (Adobe Systems<sup>®</sup>).

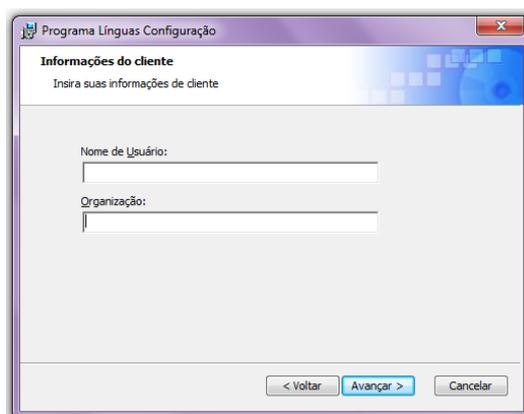
<sup>132</sup> A instalação do programa pode requerer permissão de Administrador do sistema operacional.

FIGURA 11 – INÍCIO DO ASSISTENTE DE INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



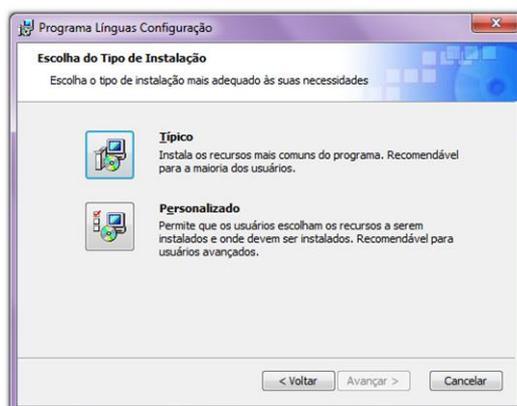
Na janela seguinte, há um espaço para inserção de um *Nome de Usuário* (para efeito de registro do Programa) e de uma informação sobre *Organização* (instituição a que está vinculado o usuário). Preenchidas as informações, clico em *Avançar*.<sup>133</sup>

FIGURA 12 – JANELA 2 DO ASSISTENTE DE INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



Na terceira janela, a opção a ser escolhida é a da *Instalação Típica*.

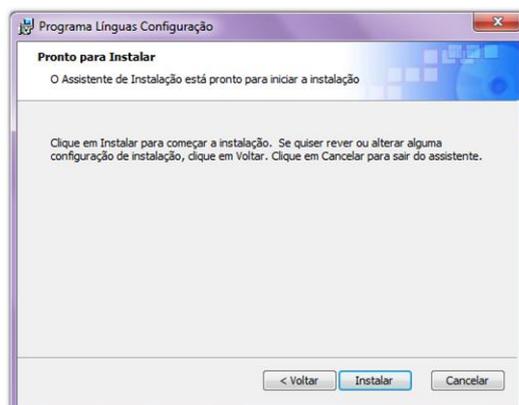
FIGURA 13 – SELEÇÃO DO TIPO DE INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



<sup>133</sup> As informações constantes nas janelas do processo de instalação do programa, tais como “Informações do cliente” e “Organização” fazem parte da programação original da base do SGDB, logo, não tive acesso a elas para eventuais ajustes.

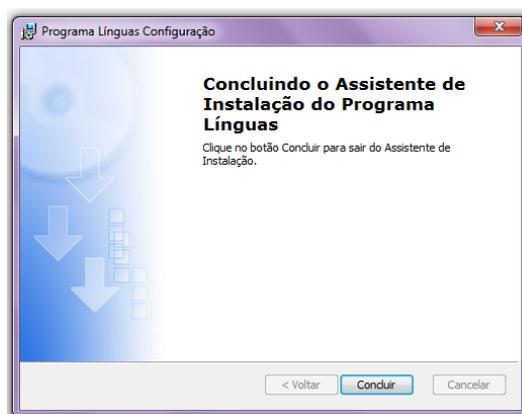
Nessa nova janela do programa de instalação, seleciono a opção *Instalar* e isso executa a instalação do programa na máquina.<sup>134</sup>

FIGURA 14 – JANELA DE INÍCIO DA INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



Clicando sobre o botão *Concluir*, o instalador do programa se fecha e o programa Línguas já está instalado e pronto para ser usado no computador.

FIGURA 15 – JANELA DE CONCLUSÃO da INSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



Para acessar o programa, um atalho do programa foi gerado na *Área de Trabalho* do computador.

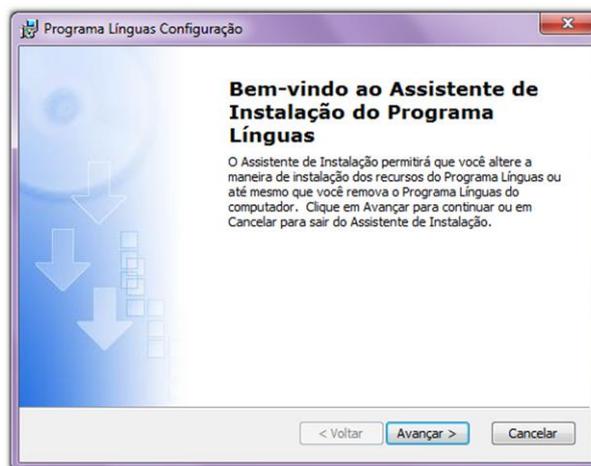
Para executar o programa *Línguas* é necessário, contudo, que o programa *Microsoft® Office Access 2010®* esteja instalado no computador. Caso não haja este programa instalado, será necessário instalar o programa *Microsoft® Access 2010 Runtime®*.<sup>135</sup>

<sup>134</sup> O tempo de conclusão dessa instalação pode variar de computador para computador, dependendo da configuração de hardware.

<sup>135</sup> Este software, distribuído gratuitamente pela própria Microsoft®, serve para executar o programa de banco de dados, mesmo que a versão completa do Office não esteja instalada no computador. Dependendo da versão do instalador do Programa Línguas, ele será instalado automaticamente logo após a conclusão da instalação do programa principal. Nesse caso, devem ser seguidas as instruções de instalação do programa Microsoft® Access 2010 Runtime® e aguardar a sua conclusão.

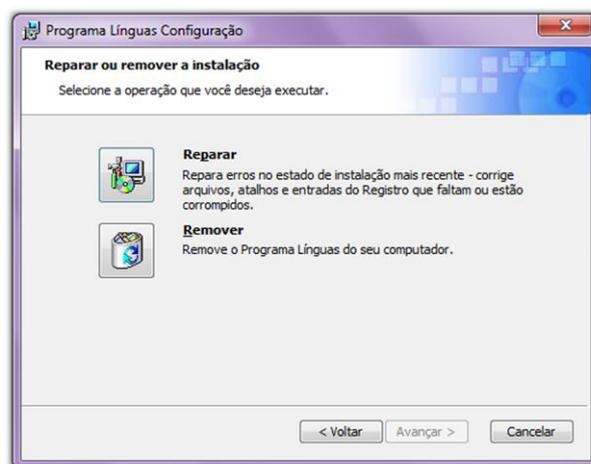
Uma vez instalado o programa Línguas, ele pode ser desinstalado do computador utilizando o próprio arquivo de instalação *setup.exe*. Nesse caso, basta clicar sobre esse arquivo e uma janela de configuração será aberta. Nela, clico em *Avançar*.

FIGURA 16 – JANELA DE INÍCIO DA DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



Na janela seguinte, duas opções são oferecidas: *Reparar* e *Remover*. A opção *Reparar* reinstala o programa *Línguas*, porém, apaga todos os dados já inseridos nele.<sup>136</sup> Já a opção *Remover* executa a desinstalação completa do programa *Línguas*. Selecione a opção desejada.

FIGURA 17 – JANELA DE OPÇÕES DA CONFIGURAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



Ao escolher a opção *Remover*, uma mensagem sobre o processo é apresentada. Para prosseguir a desinstalação, clico em *Remover*.

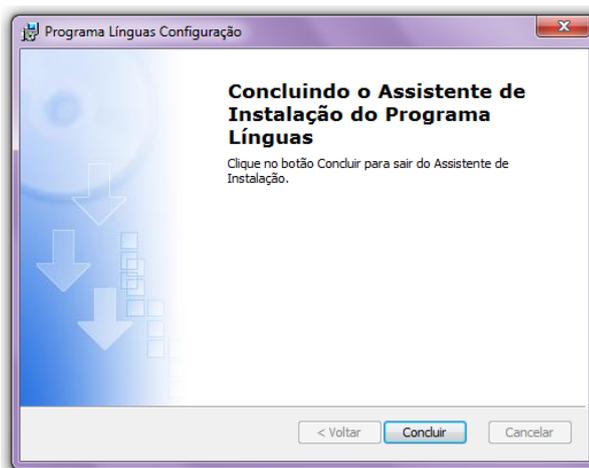
<sup>136</sup> O programa Línguas conta com dois recursos para manutenção dos dados: um é por meio do backup do sistema (cf. subseção 8.5.4.7.3), outro é por meio da exportação de todos os dados armazenados em diferentes formatos, mas, sobretudo, em formato xls, arquivo padrão do programa Excel (cf. subseção 8.5.4.7.2).

FIGURA 18 – JANELA DE DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



Aguarde a execução do processo de desinstalação e clique em *Concluir*.

FIGURA 19 – JANELA DE CONCLUSÃO DA DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS

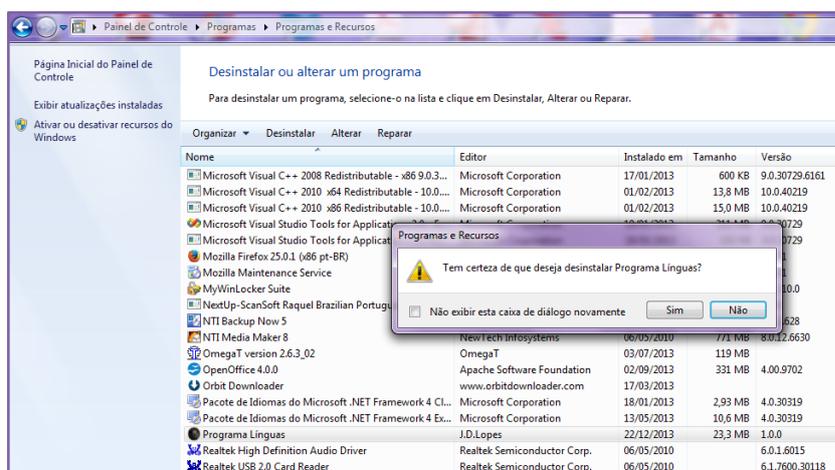


Outro modo para desinstalar o programa *Línguas* é utilizando o próprio desinstalador do *Windows*.<sup>137</sup> Após localizar o programa *Línguas* na lista de programas instalados, basta clicar sobre ele. Em seguida, responder Sim à pergunta “Tem certeza de que deseja desinstalar Programa Línguas?”, e aguardar a finalização do processo.<sup>138</sup>

<sup>137</sup> O caminho para acessar a área de desinstalação do sistema operacional *Windows 7* é Painel de Controle do *Windows* > Programas > Desinstalar um programa.

<sup>138</sup> A desinstalação do programa *Línguas* implica no apagamento de todos os dados nele inseridos. Por isso, devo me certificar de que é exatamente isso que desejo fazer, pois, uma vez desinstalado, não há como reverter o processo.

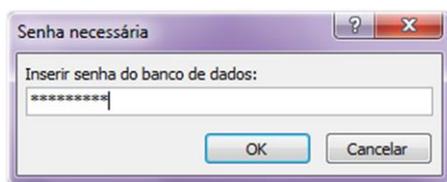
FIGURA 20 – JANELA DO WINDOWS PARA DESINSTALAÇÃO DO PROGRAMA LÍNGUAS



### 8.5.3. Acesso ao Programa Línguas

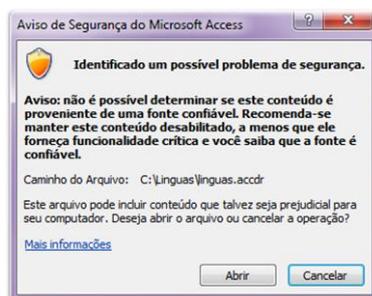
Para acessar o programa *Línguas*, cliço sobre o ícone  na *Área de Trabalho* do *Windows*. Ao abrir a janela *Senha necessária*, informo a senha do programa, fornecida pelo Administrador do sistema. Caso a senha inserida não esteja correta, uma mensagem de erro será mostrada.

FIGURA 21 – JANELA DE SOLICITAÇÃO DE SENHA INICAL DO PROGRAMA LÍNGUAS



Então, cliço sobre o botão *Ok* e insiro a senha fornecida pelo administrador do sistema.<sup>139</sup> Se a senha estiver correta, abre-se, por padrão, um *Aviso de Segurança do Microsoft Access*. Para prosseguir o acesso ao programa, cliço em *Abrir*.

FIGURA 22 – JANELA COM AVISO DE SEGURANÇA DO WINDOWS



<sup>139</sup> Essa senha é fornecida com o arquivo de distribuição do programa.

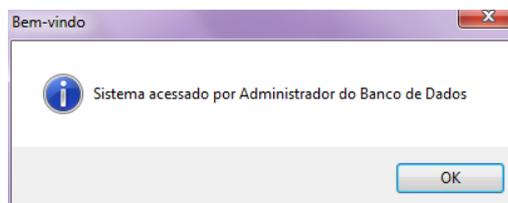
Na janela seguinte, uma segunda senha é requerida para acessar a área de trabalho do programa *Línguas*. Escolho um *Nome de Usuário* da lista (no primeiro acesso há somente o usuário *Adm*), insiro o *Código de Segurança* e clico em *Entrar*.<sup>140</sup>

FIGURA 23 – JANELA DE ACESSO PRINCIPAL DO PROGRAMA LÍNGUAS



Se todos os dados estiverem corretos, uma janela de confirmação se abre, informando o status de usuário: *Administrador* ou *Usuário*.

FIGURA 24 – MENSAGEM DE ACESSO PERMITIDO NO PROGRAMA LÍNGUAS



Clico em *Ok* para continuar a inicialização do programa.

#### 8.5.3.1. Informações sobre o Programa

Antes da abertura da janela da *Área de Trabalho* do programa *Línguas*, uma nova janela apresenta informações úteis sobre navegação e segurança do software. São recomendações importantes, sobretudo para usuários que realizam seu primeiro acesso no programa. Para prosseguir a inicialização, clico sobre o logotipo *LÍNGUAS*, localizado no canto superior esquerdo da janela, que funciona com a função *hiperlink*.<sup>141</sup>

<sup>140</sup> Para fechar o *Programa Línguas* neste ponto do acesso, basta clicar sobre o botão *Fechar*.

<sup>141</sup> Também é possível acessar rapidamente áreas específicas do programa *Línguas*, clicando sobre o texto ou a imagem de qualquer um dos 5 primeiros tópicos da lista.

FIGURA 25 – JANELA DO PROGRAMA LÍNGUAS COM INFORMAÇÕES E LINKS INICIAIS



### 8.5.3.2. Área de recuperação de senhas

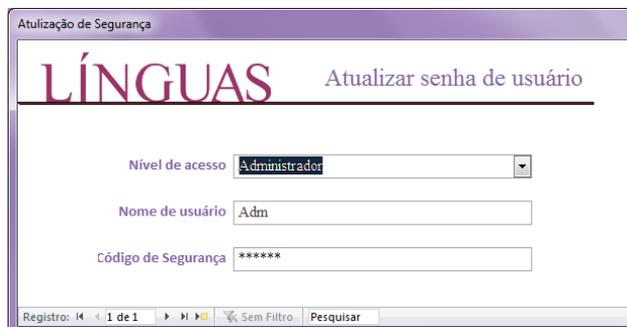
Ainda nesta janela é possível *Recuperar a senha de usuário*. Para isso, clico em *Esqueceu a sua senha?* e sigo os procedimentos descritos a seguir:

FIGURA 26 – JANELA DA ÁREA DE RECUPERAÇÃO DE SENHAS

Seleciono uma *Pergunta de Segurança* na lista suspensa e, em seguida, preencho o campo *Resposta*. Se a resposta estiver correta, aparece uma janela de confirmação, onde clico em OK.

Abre-se, então, a janela *Atualizar senha de usuário*, onde é possível redefinir a senha de acesso do usuário.<sup>142</sup>

FIGURA 27 – JANELA PARA ATUALIZAÇÃO DE SENHA DE USUÁRIO



#### 8.5.4. Área de Trabalho do Programa Línguas

A *Área de Trabalho* do programa Línguas é o ponto de partida para a inserção, edição e exportação de dados de um Projeto de Documentação Linguística (PDL).

FIGURA 28 – JANELA PRINCIPAL DA ÁREA DE TRABALHO DO PROGRAMA LÍNGUAS



A *Área de Trabalho* do programa *Línguas* é o ponto de partida para construção da base de dados para documentação linguística. Ela é composta de 3 partes:

<sup>142</sup> O cadastro das perguntas de segurança pode ser feito na entrada de Usuários, da Área de Segurança.

- no alto da janela, há o logotipo, o título e o subtítulo do programa (sem função interativa, nesta janela);
- no centro há 6 ícones com hiperligações para acessar áreas específicas do programa: os três primeiros servem para a inserção de dados (*Projeto*, *Dados* e *Anotações*) e os três últimos para administração dos dados inseridos (*Edição*), exportação desses dados (*Materiais*) e configurações do sistema (*Segurança*);
- na parte inferior da janela, além das informações de data e hora, há 4 ícones que possuem as seguintes funções:



*Desligar*: fecha todo o programa *Línguas*.



*Trocar usuário*: encerra a sessão em uso e reinicia a abertura do programa.



*Orientações para uso do sistema*: retoma a tela de orientações mostrada na inicialização do programa.



*Sobre o programa*: apresenta informações técnicas e notas sobre o programa *Línguas*.

#### 8.5.4.1. Iniciando um Projeto de Documentação Linguística

Para que o programa *Línguas* armazene dados linguísticos, é necessário, antes, cadastrar informações referentes a um PDL. Para isso, clico sobre o ícone *Projeto* na *Área de Trabalho* e acesso a *Área de Projeto*.

FIGURA 29 – JANELA DA ÁREA DE PROJETO DO PROGRAMA LÍNGUAS



As setas laterais servem para navegação rápida entre as áreas do programa. A seta à esquerda leva para a janela precedente (neste caso, a Área de Trabalho) e a seta à direita leva para a janela seguinte (neste caso, a Área de Dados).

Nessa área, há seis novos ícones, correspondentes a bases para inserção das primeiras informações sobre o PDL. Apresento, a seguir, cada uma delas.

#### 8.5.4.1.1. Base Projeto

É nesta base de dados que se deve cadastrar o PDL, ao qual todos os dados linguísticos inseridos no programa serão vinculados. Clico sobre o ícone  referente à *Base Projeto* para acessar a área de cadastramento.<sup>143</sup>

A *Base do Projeto* apresenta um conjunto de 7 fichas identificadas por títulos nas respectivas abas, todas inter-relacionadas, que permitem o registro completo de um PDL.

FIGURA 30 – JANELA DA ÁREA DE PROJETO DO PROGRAMA LÍNGUAS

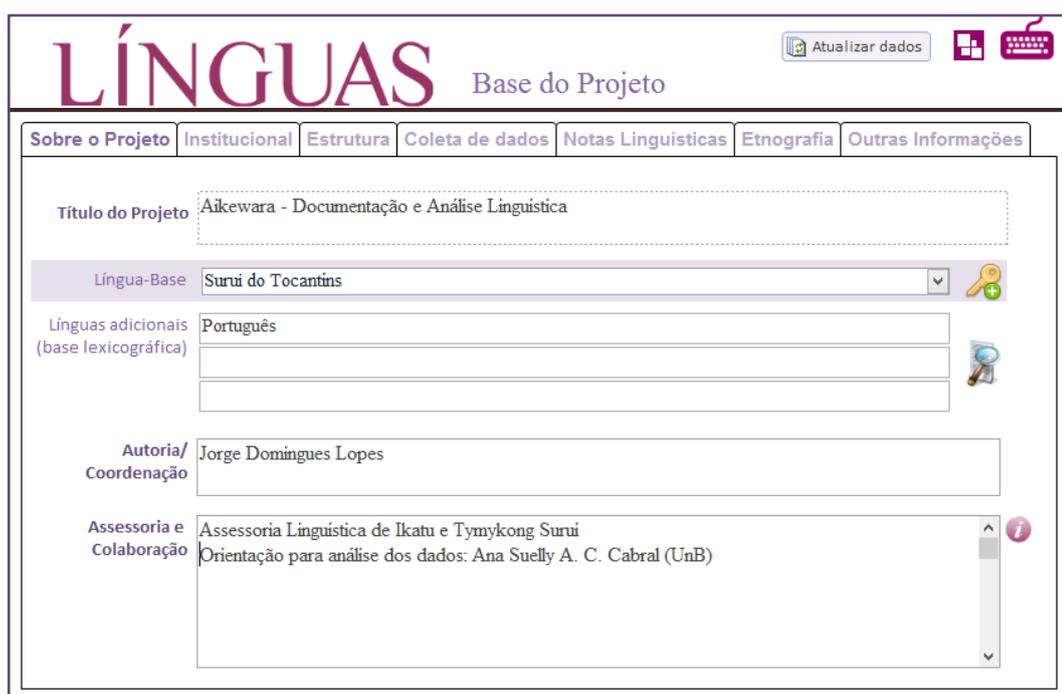


TABELA 16 – ABA 1: SOBRE O PROJETO

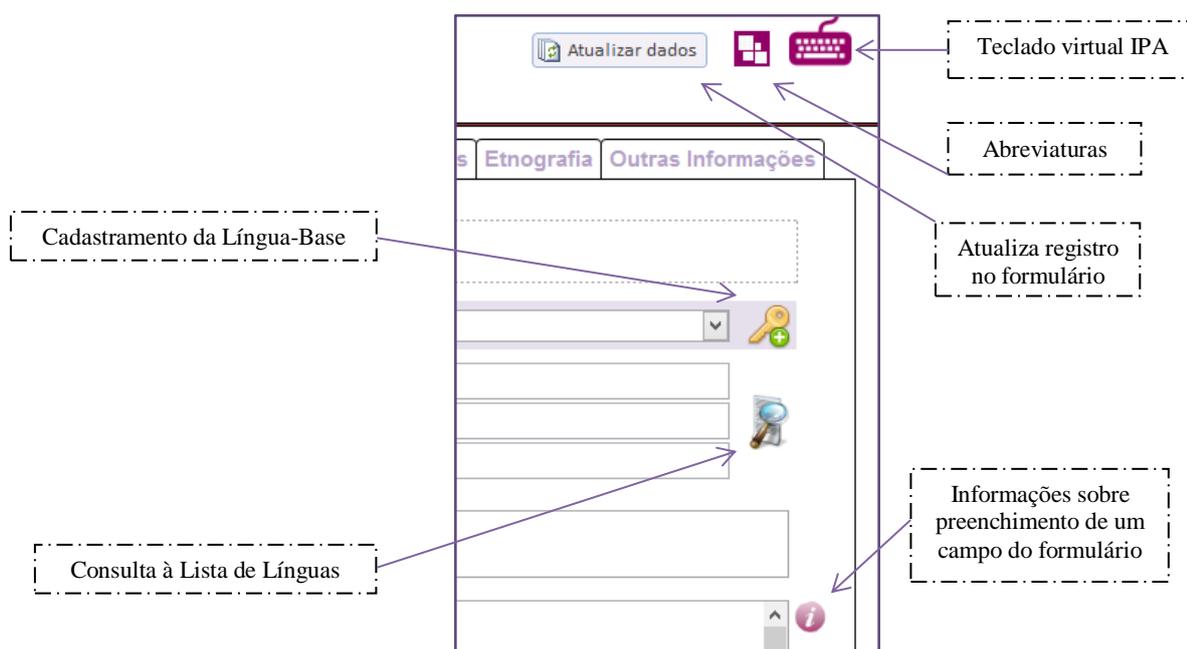
CAMPO	DESCRIÇÃO
Título do Projeto	Identifica o projeto de documentação linguística e é inserido automaticamente em todas as fichas de dados.
Língua-Base	Refere-se à língua que está sendo documentada. Recebe também,

<sup>143</sup> Os campos contidos na ficha de cadastramento do PDL deste programa não seguem nenhuma orientação institucional específica, buscando, na medida do possível, comportar a maior quantidade de informações necessárias para caracterização de um projeto de pesquisa na área da documentação linguística.

	neste programa, a denominação L1.
Línguas adicionais (base lexicográfica)	Podem ser inseridas até 3 outras línguas para serem usadas na construção de materiais lexicográficos. Essas línguas recebem, neste programa, as denominações L2, L3 e L4, respectivamente.
Autoria/Coordenação	Identifica o(s) autor(es) e/ou coordenador(es) do projeto, que pode(m) não coincidir com a autoria dos diferentes materiais produzidos a partir dos dados armazenados no Banco de Dados.
Assessoria e Colaboração	Em muitos projetos, com ou sem apoio institucional, é possível compor uma equipe de trabalho, cujos componentes e funções podem aqui ser apresentados.
Logomarca do Projeto	É possível anexar uma imagem que represente a logomarca do Projeto de Documentação.

Para passar de um campo a outro dentro de um mesmo formulário, é possível utilizar, além do mouse, a tecla  (localizada mais comumente na extremidade esquerda de um teclado padrão).

FIGURA 31 – DETALHE DA JANELA DE PROJETO



Detalhe da janela da Base de Projeto

### Língua-Base

Para inserir a língua-base do Projeto, clique sobre o ícone . A janela *Ficha de cadastro* será aberta. Nessa janela há dois campos: *Língua-Base*, no qual se deve digitar o nome da língua, e *Anotação Linguístico-Antropológica*, no qual é possível fornecer

informações detalhadas sobre a língua. Após preencher essas informações clico sobre o botão *Salvar e fechar*.<sup>144</sup>

FIGURA 32 – JANELA DE CADASTRO DAS LÍNGUAS DO PDL

### Lista de Línguas

Para visualizar a *Lista de línguas*, clico sobre o ícone . Essa lista, que possui, por padrão, um total de 238 registros (em sua maioria, línguas indígenas brasileiras), pode ser modificada conforme a necessidade do usuário (consulte a seção *Área de Edição*).

FIGURA 33 – JANELA PARA CONSULTA DE LÍNGUAS

### Abrir formulário para cadastrar abreviaturas



Abre um formulário para compor uma lista de abreviaturas usadas em todo o PDL.

Não confundir a finalidade desse campo de abreviaturas com o das abreviaturas da *Lista de Propriedades Gramaticais*. Enquanto esta última tem a finalidade de fornecer uma informação específica para uso na *Base Léxico*, o *Registro de Abreviaturas* serve como

<sup>144</sup> Para ver imediatamente no formulário a língua-base cadastrada, talvez seja necessário clicar sobre o botão *Atualizar dados* na parte superior direita da Base do Projeto.

cadastro geral das chaves de leitura para os diversos textos compostos no interior do programa *Línguas* e também para os vários materiais derivados do Banco de Dados (artigos científicos, dicionários, catálogos, entre outros). Logo, pode haver coincidência de itens entre esses dois repositórios.

FIGURA 34 – JANELA PARA CADASTRO DE ABREVIATURAS

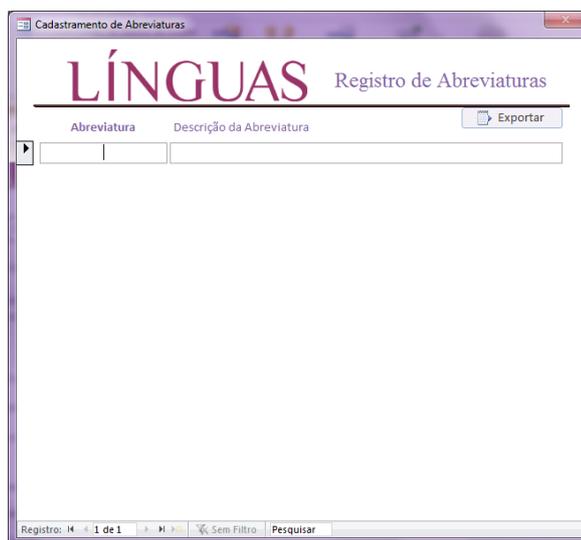


TABELA 17 – DADOS DA JANELA DE REGISTRO DE ABREVIATURAS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Abreviatura	Inserir neste campo a abreviatura a ser cadastrada. Estabelecer uma padronização para todas as abreviaturas do Projeto. P.ex.: Utilizar somente letras maiúsculas, não utilizar ponto entre os caracteres, nunca usar parênteses.
Descrição da Abreviatura	Apresento, para cada abreviatura, uma descrição que explique o seu significado.
Exportar	Botão localizado na parte superior direita do formulário que permite a exportação da lista completa de abreviaturas no formato RTF ( <i>Rich Text Format</i> ).

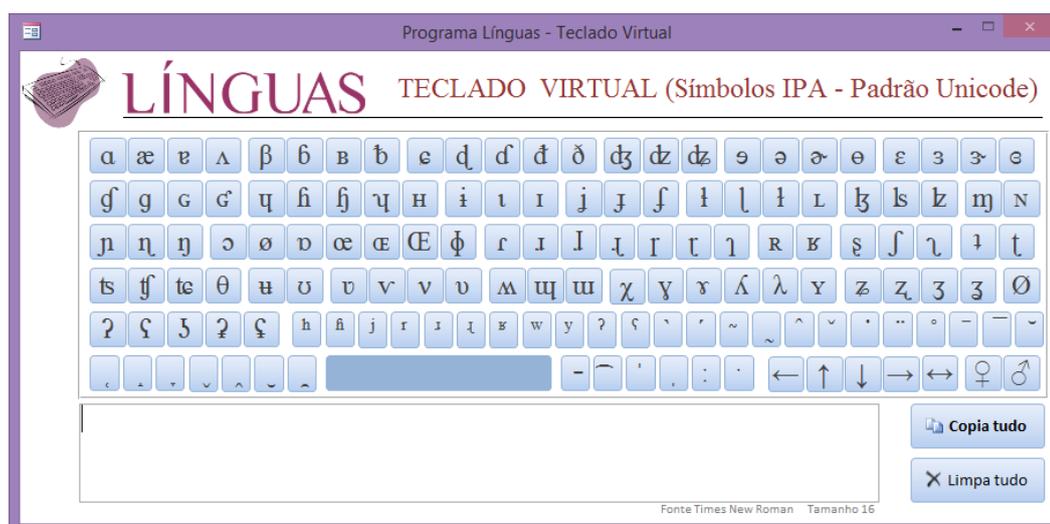
#### Aplicativo Teclado Virtual



Abre o *Teclado Virtual de Símbolos IPA (Padrão Unicode)*.

O *Teclado Virtual de Símbolos IPA (Padrão Unicode)* é um aplicativo do programa *Línguas* que auxilia a escrita de caracteres do Alfabeto Fonético Internacional (*International Phonetic Alphabet*, IPA) para ser inserido em um texto. Ele contém os símbolos fonéticos agrupados em uma ordem que se aproxima bastante do alfabeto latino. Além disso, contém diacríticos, símbolos adicionais (setas direcionais e símbolos para indicação de sexo) e uma barra de espaço.

FIGURA 35 – JANELA COM O TECLADO VIRTUAL DO PROGRAMA LÍNGUAS



Para usar o *Teclado Virtual IPA*, cliço sobre um caractere de cada vez para que ele seja inserido na área de texto localizada na base do aplicativo. Ao concluir a digitação, cliço sobre o botão *Copia tudo* e o conteúdo digitado no campo será copiado para a Área de Transferência do computador. Para colar o conteúdo em outro local (dentro ou fora do programa *Línguas*), basta cliço CTRL+V ou pressionar o botão *Colar* (no caso de editores de texto) para inserir o texto copiado.<sup>145</sup>

Como não há, nesse teclado, os caracteres de um teclado padrão (tipo ABNT, p.ex.), a digitação pode ser combinada entre o teclado virtual e o teclado físico do computador.

Para apagar todo o conteúdo digitado no campo da área de texto do aplicativo, basta cliço sobre o botão *Limpa tudo*.

É possível ainda combinar um diacrítico com qualquer caractere do teclado. Para isso, cliço sobre o caractere que deve receber o diacrítico e, em seguida, cliço sobre o diacrítico desejado (o til, p.ex.). Assim, esse diacrítico é combinado imediatamente com o caractere.

#### Informações sobre preenchimento de um campo do formulário

Ao lado de vários campos do Programa há o ícone , vinculado a uma janela que apresenta orientações específicas sobre o preenchimento de um campo.

<sup>145</sup> Por padrão, o texto produzido neste aplicativo é apresentado com a fonte Times New Roman, tamanho 16.

TABELA 18 – ABA 2: INSTITUCIONAL

CAMPO	DESCRIÇÃO
Projeto vinculado à Instituição	Se o projeto tiver um vínculo institucional, inserir aqui o nome da instituição.
Endereço da Instituição	Registrar o endereço da instituição com a qual o projeto mantém um vínculo.
CEP	Código de Endereçamento Postal (8 dígitos).
Cidade	Registrar a cidade onde está sediada a instituição.
Estado	Registrar o Estado ou Província correspondente.
Outras instituições que colaboram com o Projeto	Indicar aqui se o projeto conta com o apoio de outras instituições. É possível descrever brevemente qual o papel de cada uma delas dentro do PDL.

TABELA 19 – ABA 3: ESTRUTURA

CAMPO	DESCRIÇÃO
Justificativa	Apresentar, neste campo, os motivos que levaram à realização da pesquisa, demonstrando a atualidade e a relevância da proposta de documentação.
Objetivo(s)	Inserir informações sobre o que se quer alcançar com a execução deste projeto. Essas informações apresentadas sob a forma de <i>objetivos gerais e objetivos específicos</i> .
Metodologia	A descrição dos procedimentos a serem adotados no projeto contribui para que haja um maior controle sobre cada uma das etapas da pesquisa.
Cronograma	O Cronograma, que faz parte da metodologia da pesquisa, permite uma sistematização e síntese das diferentes etapas do trabalho. Clico sobre o ícone do campo <i>Metodologia</i> .

FIGURA 36 – CRONOGRAMA DO PROJETO

The screenshot displays a web interface for a project Gantt chart. At the top, the logo 'LÍNGUAS' is on the left, and 'Cronograma de Projeto' is in the center, with 'Desfazer' and 'Imprimir' buttons on the right. Below this is a table with five columns: 'Sequência', 'Tarefa', 'Início', 'Término', and '% executado'. The table body is currently empty. At the bottom of the interface, there is a dropdown menu labeled 'Cronograma relacionado a' and a footer containing 'Registro: 1 de 1', 'Sem Filtro', and 'Pesquisar'.

Esse *Cronograma* é apresentado em um formulário que contém os seguintes itens:

TABELA 20 – CAMPOS DA JANELA DE CRONOGRAMA DO PROJETO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Sequência	Insiro manualmente uma sequência para o cronograma.
Tarefa	Utilize, de preferência, apenas uma frase para descrever o conteúdo da tarefa a ser executada.
Início e Término	Apresentados em campos diferentes, servem para delimitar o período de execução da tarefa.
% executado	Este campo pode ser atualizado à medida que as tarefas forem sendo cumpridas. Na base da janela, informa-se a que PDL está ligado o cronograma.

Na base de alguns formulários, há uma faixa de opções com botões minimizados que servem para a navegação entre os registros. Esses controles são padrões do sistema e permitem recuar ou avançar a visualização de registros gravados, pesquisar informações a partir de palavras-chave ou, até mesmo, filtrar a visualização de um conjunto de dados.

TABELA 21 – ABA 4: ORIENTAÇÕES PARA COLETA DE DADOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Orientação para coleta de dados	Apesar de fazer parte da Metodologia do PDL, a coleta de dados recebe um espaço próprio devido à sua grande importância no desenvolvimento de uma pesquisa desta natureza.

#### Notas Linguísticas da Aba 5

As orientações sobre o preenchimento das *Notas Linguísticas* são apresentadas na seção *Área de Dados*. Por ora, cabe a orientação acerca do conteúdo a ser inserido na ficha desta aba: privilegiar, por exemplo, as informações teóricas acerca da Ortografia adotada no Projeto (detalhamento sobre consoantes, vogais, diacríticos, entre outros) e das orientações sobre análise da Morfologia e da Sintaxe.

TABELA 22 – ABA 6: ETNOGRAFIA

CAMPO	DESCRIÇÃO
Informação Etnográfica	Por se tratar de um Projeto que envolve a língua de um determinado povo, é possível registrar informações sobre a história e a cultura desse povo.
Fontes de dados relacionadas à informação etnográfica	Uma vez inseridas as informações etnográficas no campo anterior, é necessário apresentar as fontes dessas informações, mas também referências extras que contribuam para melhor conhecimento antropológico do povo apresentado.

TABELA 23 – ABA 7: OUTRAS INFORMAÇÕES

CAMPO	DESCRIÇÃO
Arquivos relacionados à Base do Projeto	Permite a seleção de referências de arquivos previamente cadastrados na base de dados do programa <i>Línguas</i> (ver a <i>Base Arquivos</i> ).
Website	Se o projeto contar com um website na internet, é possível inserir neste campo o endereço eletrônico dele.
Anexar documentos oficiais	Textos (portarias, projeto original, formulários, p.ex.) e imagens (gráficos, fotografias, mapas, p.ex.) relacionados diretamente com o PDL em desenvolvimento podem fazer parte da <i>Base do Projeto</i> , como material anexado.
Anotação	Espaço reservado para anotações de qualquer ordem relacionadas à proposta do Projeto.
Projeto iniciado em	Indicação da data em que o Projeto foi iniciado.
Ficha preenchida por	Indicação da pessoa que preencheu os dados do Projeto nesta ficha do programa <i>Línguas</i> .

#### 8.5.4.1.2. Base Som

É nesta base de dados que se pode fazer o registro do conjunto de sons da língua-base do PDL. Clico sobre o ícone  referente à *Base Som* para acessar a área para inserção dos dados.

FIGURA 37 – JANELA DA BASE DE SONS



A interface da janela 'LÍNGUAS Base de Sons' apresenta o seguinte layout:

- Barra de Títulos:** 'LÍNGUAS Base de Sons' com ícones de menu e impressão.
- Barra de Ferramentas:** Símbolos fonéticos, Localizar, Salvar e novo, Duplicar, Desfazer, Imprimir.
- Abas:** Som-base (selecionada), Realizações do som-base (1), Realizações do som-base (2).
- Formulário:**
  - Relacionado a: Aikewara - Documentação e Análise Linguística (menu suspenso)
  - Som-base:
  - Descrição do som:
  - Contexto:
  - Escrita maiúscula:
  - Escrita minúscula:
  - Anexar amostra do som-base:
  - Anotação:
- Barra de Estado:** Registro: 19 de 19, Sem Filtro, Pesquisar, Modo formulário, Da plataforma Microsoft Access.

Esta base conta com apenas 3 abas para cadastramento dos sons da língua-base.

TABELA 24 – ABA 1: SOM-BASE

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro Projeto de Documentação Linguística cadastrado na Base Projeto. Assim, se não houver outro projeto em execução, este valor não deve ser modificado.
Som-base	Inserir neste campo um símbolo fonético de cada vez. Esse símbolo deve corresponder a um som encontrado na língua que está sendo documentada.
Descrição do som	Descrever as características do som inserido no campo anterior. Sugestão: para obter uma lista com os principais sons e suas respectivas descrições, clique sobre o botão  Símbolos fonéticos e consulte a <i>Lista de símbolos no padrão Unicode do Alfabeto Fonético Internacional (2005) para vogais e consoantes com as respectivas definições</i> .
Contexto	É possível descrever quais são os contextos de ocorrência/ uso do som-base inserido neste formulário.
Anotação	Campo para anotações relacionadas ao som-base que esteja sendo descrito.
Anexar amostra do som	Se houver um arquivo de áudio que sirva como amostra do som-base descrito, ele pode ser incorporado diretamente no programa <i>Línguas</i> .

TABELA 25 – ABAS 2 E 3 — REALIZAÇÕES DO SOM-BASE (1) E (2)

CAMPO	DESCRIÇÃO
Som-base	O som-base cadastrado na primeira aba do formulário é transferido automaticamente para o conteúdo desta aba. Nada deve ser feito, a não ser que deseje modificar esse som.
Realização	Campo numerado (de 01 a 08) para registrar as diferentes formas de realização de um mesmo som (essa variação do som-base equivale ao fenômeno da <i>alofonia</i> ).
Contexto	Descrever o contexto de ocorrência/uso de cada forma variante do som-base.

#### 8.5.4.1.3. Base Fonte

A *Base de Fontes do Conhecimento* foi projetada para armazenar informações etnográficas sobre os falantes de uma ou mais línguas que serão registradas no PDL. Clique sobre o ícone  referente à *Base Fonte* para acessar a área de cadastramento.

A *Base Fonte* apresenta um conjunto de 7 fichas identificadas por títulos nas respectivas abas, todas inter-relacionadas, que permitem o registro completo da pessoa fonte do conhecimento.

FIGURA 38 – JANELA DA BASE DE FONTES DO CONHECIMENTO

TABELA 26 – ABA 1: NOME(S)

CAMPO	DESCRIÇÃO
Nome 1	Este é o nome principal da pessoa e deve ser grafado na íntegra.
Transcrição	Espaço para transcrição fonética e da forma fonológica do nome 1.
Etimologia	Etimologia do Nome 1 (muitos nomes de pessoas possuem significado dentro da cultura em que eles são escolhidos, caso não seja este o caso da língua-cultura registrada, deixar este campo em branco).
Nome 2	Se a pessoa possuir um segundo nome (na mesma língua-base ou em outras línguas), registre-o aqui. Não confundir com o <i>Apelido (alcunha)</i> .
Transcrição	Espaço para transcrição fonética e da forma fonológica do nome 2.
Etimologia	Etimologia do Nome 2.
Outros nomes	No caso de a pessoa possuir outros nomes, registrar todos eles aqui.
Etimologia	Etimologia dos outros nomes.
Apelido	Se a pessoa possuir, de fato, um apelido, registrar aqui (não confundir com o <i>segundo nome</i> ).
Anotação	Espaço para anotações relacionadas ao(s) nome(s).

TABELA 27 – ABA 2: DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Grupo étnico	A denominação do grupo étnico pode ser baseada na literatura antropológica, mas também seria bastante útil registrar a(s) palavra(s) com que o grupo se autodenomina. Além disso, é possível que o próprio PDL tenha uma forma própria de denominar o grupo.
Clã/parentesco	A informação deste campo segue a mesma orientação do campo anterior.
Data nascimento ou idade aproximada	De preferência deve-se colocar a data de nascimento, a partir da qual se define a idade exata da pessoa. Contudo, caso não seja possível definir esta data, informar, pelo menos, a idade aproximada (estimada).
Local de nascimento	O local de nascimento deve ser o mais preciso possível. Contudo, caso não seja possível definir este local, delimitar, pelo menos, a região (mesmo que aproximada) do nascimento.
Atividade/profissão	Descrever a(s) atividade(s) [remunerada(s) ou não] desempenhada(s) pela pessoa (p.ex., agricultor, caçador, coletor de castanha-do-pará). Contudo, se a pessoa tiver também uma profissão (formal, remunerada ou não), incluir estas informações neste campo.
Papel social	O papel social da pessoa pode, em muitos casos, se confundir com a profissão desempenhada por ela. Contudo, há funções sociais que derivam de uma organização própria baseada, comumente, em uma tradição (p.ex. liderança, pajé, músico).
Escolaridade	Caso se aplique à realidade do grupo, informar em que nível de escolaridade a pessoa se encontra (a descrição completa da escolaridade pode ser apresentada no campo de informações etnográficas do povo).

TABELA 28 – ABA 3: HISTÓRIA PESSOAL

CAMPO	DESCRIÇÃO
História pessoal	Espaço dedicado à descrição (o mais detalhadamente possível) da história de vida da pessoa fonte do conhecimento. Sugestão: ao realizar a entrevista com a pessoa (durante a coleta de dados linguísticos), reservar um tempo para que ela mesma possa contar sua história pessoal (de preferência na língua que está sendo registrada). Esse texto autobiográfico, uma vez transcrito (e eventualmente traduzido para a língua de trabalho do pesquisador), pode servir tanto como informação sobre a pessoa fonte do conhecimento quanto como material linguístico para a base de dados.

TABELA 29 – ABA 4: LÍNGUAS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Línguas que fala bem	Registrar a(s) língua(s) da pessoa fonte do conhecimento conhece bem e utiliza com maior fluência (língua materna e/ou segunda língua e/ou outras línguas).
Contexto de uso	Para cada língua inserida no campo anterior, apresentar o contexto de

	uso (p.ex., uso em família, uso ritual, uso na escola...).
Línguas que fala pouco	Registrar a(s) língua(s) da pessoa fonte do conhecimento conhece pouco e utiliza com menor fluência.
Contexto de uso	Para cada língua inserida no campo anterior, apresentar o contexto de uso.
Línguas que entende	Registrar a(s) língua(s) da pessoa fonte do conhecimento é capaz de compreender, mesmo que não seja capaz de falar essa língua.
Contexto de uso	Para cada língua inserida no campo anterior, apresentar o contexto de uso.

TABELA 30 – ABA 5 — APRENDIZADO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Foi criado(a) por	Informar com quem a pessoa fonte de conhecimento foi criada em sua primeira infância, quando ela começou a usar sua(s) língua(s). Nota: Apesar de ser, aparentemente, mais comum a participação dos pais biológicos na criação dos filhos, muitos povos delegam o cuidado das crianças aos avós (maternos ou paternos) ou mesmo a uma coletividade.
Línguas dos pais	Informar a(s) língua(s) falada(s) pelo pai e pela mãe da pessoa fonte de conhecimento.
Línguas dos avós	Informar a(s) língua(s) falada(s) pelo avô e pela avó da pessoa fonte de conhecimento.
Aprendizado linguístico	Informações sobre o processo de aprendizado linguístico da pessoa fonte de conhecimento. Sugestão: Durante o processo de documentação linguística, buscar obter informações da própria pessoa sobre o processo do aprendizado linguístico (oral e, se possível, escrito): idade aproximada do aprendizado de cada língua, contextos desse aprendizado, possíveis interdições de uso de determinada língua, motivações para o aprendizado, entre outras informações.
Anotações	Espaço para anotações acerca de questões relacionadas ainda ao aprendizado linguístico da pessoa fonte de conhecimento. Sugestão: além das informações dadas pela própria pessoa, também é possível registrar depoimentos de outras pessoas que tenham informações adicionais a esse respeito.

TABELA 31 – ABA 6: USOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Ouve rádio	Campo de opção do formulário. Marque a caixa de opção para resposta <i>sim</i> ou deixe desmarcada para resposta <i>não</i> .
Estações	Em caso de resposta positiva, informar que estações de rádio a pessoa fonte de conhecimento prefere ouvir. Sugestão: Também é possível inserir informações mais detalhadas como: em que época começou a escutar rádio, duração diária, programas preferidos.

Vê televisão	Campo de opção do formulário. Marque a caixa de opção para resposta <i>sim</i> ou deixe desmarcada para resposta <i>não</i> .
Emissoras	Em caso de resposta positiva, informar que emissoras de TV a pessoa fonte de conhecimento prefere assistir. Sugestão: Também é possível inserir informações mais detalhadas como: em que época começou a assistir à TV, tempo médio diário, programas preferidos.
Sabe ler	Campo de opção do formulário. Marque a caixa de opção para resposta <i>sim</i> ou deixe desmarcada para resposta <i>não</i> .
Tipos de textos que lê	Em caso de resposta positiva, informar que tipos de texto a pessoa fonte de conhecimento prefere ler. Sugestão: Também é possível inserir informações mais detalhadas como: em que época começou a ler, tempo médio diário de leitura, livros/textos preferidos.
Língua(s)	Em caso positivo, informar em que língua(s) a pessoa sabe ler e qual a sua língua preferida (ou mais usada) para leitura.
Sabe escrever	Campo de opção do formulário. Marque a caixa de opção para resposta <i>sim</i> ou deixe desmarcada para resposta <i>não</i> .
Tipos de textos que escreve	Em caso de resposta positiva, informar que tipos de texto a pessoa fonte de conhecimento prefere escrever. Sugestão: Também é possível inserir informações mais detalhadas como: em que época começou a escrever, tempo médio diário de escrita, textos que já escreveu.
Língua(s)	Em caso de resposta positiva, informar em que língua(s) a pessoa sabe escrever e qual a sua língua preferida (ou mais usada) para a escrita.

TABELA 32 – ABA 7: OUTRAS INFORMAÇÕES

CAMPO	DESCRIÇÃO
Endereço	Registrar o endereço da pessoa fonte do conhecimento no momento em que o registro linguístico foi feito. Como nem sempre é possível registrar um endereço-padrão, com nomes de ruas, números da residência, etc., registre o local onde a pessoa mora, fornecendo o máximo possível de detalhes quanto à sua localização.
Município(s)	É comum que o endereço de uma pessoa seja fixado dentro dos limites de apenas um município, contudo, pode haver situações (como a de terras indígenas) em que o ‘endereço’ da pessoa se localiza numa extensão de, p.ex., dois ou três municípios. Por isso, a possibilidade de se escolher na lista suspensa deste campo mais de uma opção.
Estado(s)	A mesma orientação do campo anterior.
País/região	Indicar o país de residência da pessoa.
Realizou viagens? Indicar motivo/local/duração	Registrar as viagens que a pessoa tenha realizado ao longo da vida, informando o local de destino, o motivo e a duração de cada uma

	delas. Contudo, se alguma das viagens tiver como motivo fixar moradia em outro lugar, indicar esta informação apenas no campo seguinte (sobre moradia).
Morou em outros lugares? Quais, durante quanto tempo?	Registrar se a pessoa já morou em lugares diferentes do local onde ele reside no momento do registro. Em caso positivo, informar local de residência e duração da estada. Também é possível informar o(s) motivo(s) da mudança de residência.
Se possui religião, informar qual	Registrar neste campo se a pessoa fonte de conhecimento possui religião (uma ou mais). Nota: A lista suspensa neste campo pode ser editada a qualquer momento, dependendo da necessidade do responsável pelo registro.
Arquivos relacionados	Campo para selecionar um ou mais arquivos relacionados diretamente com a pessoa fonte de conhecimento. Podem ser registros (sonoros, fotográficos, audiovisuais) feitos pela própria pessoa ou sobre ela. Esses arquivos devem seguir, de preferência, a padronização adotada no PDL. Esses arquivos devem ser previamente registrados na <i>Base Arquivos</i> e referenciados sempre que necessário.

TABELA 33 – BOTÕES DE COMANDO

ÍCONE	DESCRIÇÃO
 Localizar	Permite a localização de qualquer registro dentro da Base de Dados onde o botão estiver localizado.
 Salvar e novo	Salva e fecha os dados que estiverem sendo registrados. Em seguida, abre um novo formulário em branco para inserção de novos dados.
 Duplicar	Salva e fecha os dados que estiverem sendo registrados. Em seguida, duplica os dados do formulário anterior para um novo formulário.
 Desfazer	Desfaz a edição de dados que estiverem sendo inseridos e oferece o formulário em branco.
 Imprimir	Imprime o formulário de dados que estiver sendo preenchido no momento do comando de impressão.

### Faixa de opções da Base Fonte

Em vários formulários há uma faixa de opções na parte superior direita, cuja função é permitir acesso rápido a outros formulários e aplicativos, tais como o *Teclado Virtual*.



:: Abrir formulário para impressão

Abre um documento, em formato PDF para impressão, que contém todos os campos do formulário eletrônico correspondente. Neste caso, o documento aberto contém todos os campos da Base Fonte, com espaços em branco para preenchimento manual.



:: Calcular idade

Abre o aplicativo *Cálculo de idade*, que serve para descobrir uma idade a partir de uma data de nascimento específica.

Para usar esse aplicativo, digito no primeiro campo uma data de nascimento no formato *dd/mm/aaaa* e, em seguida, pressiono a tecla *Enter*. Será mostrada, no segundo campo, a idade exata, e no último campo, a idade detalhada.

#### 8.5.4.1.4. Base Arquivos

É nesta base de dados que se pode fazer o registro das referências a todos os arquivos armazenados no PDL. Clico sobre o ícone  referente à *Base Arquivos* para acessar a área de cadastramento.

FIGURA 39 – JANELA DA BASE DE ARQUIVOS



A imagem mostra a interface de usuário da 'Base de Arquivos' do sistema 'LÍNGUAS'. No topo, há o logotipo 'LÍNGUAS' e o título 'Base de Arquivos'. Abaixo, há uma barra de ferramentas com ícones para 'Localizar', 'Salvar e novo', 'Duplicar', 'Desfazer' e 'Imprimir'. O formulário principal é dividido em duas abas: 'Identificação do Arquivo' (ativa) e 'Notas do conteúdo'. O formulário contém os seguintes campos:

- Código de Referência do Arquivo:** Um campo de texto com um ícone de informação.
- Descrição do Conteúdo:** Um campo de texto grande.
- Descrição resumida:** Um campo de texto.
- Tipo:** Uma lista suspensa.
- Dados coletados por:** Uma lista suspensa.
- Equipamento usado:** Uma lista suspensa.
- Tamanho:** Um campo de texto.
- Formato:** Uma lista suspensa.
- Arquivo editado?:** Uma lista suspensa.
- Programa de edição:** Uma lista suspensa.
- Duração/Dimensão:** Um campo de texto.
- Em outro BD? Qual?:** Um campo de texto.

Na base do formulário, há uma barra de navegação com 'Registro: 148 de 148', 'Sem Filtro' e 'Pesquisar'. No canto inferior direito, há um ícone de acesso e o texto 'Da plataforma Microsoft Access'.

TABELA 34 – CAMPOS DA BASE DE ARQUIVOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Código de Referência do Arquivo	Atribuo um código para identificar o arquivo do acervo de dados do PDL (para servir de referência em outras bases).
Descrição	Campo para descrever o conteúdo do arquivo referenciado no campo anterior.
Conteúdo resumido	Insiro, neste campo, uma frase que sirva para dar uma ideia precisa do conteúdo do arquivo registrado. Essa frase ajudará na identificação dos arquivos nas demais bases do programa Línguas.
Tipo	Escolho na lista suspensa o tipo de arquivo: <i>áudio</i> , <i>imagem</i> , <i>texto</i> e <i>vídeo</i> . Essa lista pode ser editada conforme as especificações do PDL.
Dados coletados por	Lista suspensa (editável) que permite o cadastramento de todos

	os responsáveis pela coleta dos dados que constam no arquivo referenciado.
Equipamento usado	No caso de arquivos de áudio, imagem e vídeo, pode-se informar qual foi o equipamento usado na captação dos dados linguísticos. Algumas sugestões são apresentadas na lista suspensa, mas é possível editar essa lista conforme a necessidade do Projeto.
Tamanho	Informar, neste campo, o <i>tamanho</i> do arquivo digital armazenado que contém os dados linguísticos. Usar uma só unidade de medida para todos os arquivos [Kb ( <i>kilobyte</i> ), Mb ( <i>megabyte</i> ) ou Gb ( <i>gigabyte</i> )].
Formato	Esta lista suspensa contém um conjunto de extensões mais comuns relacionados a cada tipo de registro apresentado no campo anterior. Essa lista também pode ser editada conforme necessidade do Projeto.
Arquivo editado?	Campo de resposta do tipo <i>Sim/Não</i> , registra se o arquivo referenciado foi modificado. Nota: Nem sempre os arquivos depositados no acervo de um PDL mantêm sua forma original, ou seja, se esses arquivos são mantidos tais como foram captados originalmente junto às pessoas fontes de conhecimento. Muitas vezes, esses arquivos passam por processos de edição que, não só buscam ‘melhorar’ a qualidade do áudio, removendo ruídos, p.ex., mas também seccionando o arquivo maior segundo algum critério: por sons isolados, por palavras, por enunciados, entre outros. Sugestão: Ao editar os arquivos, sempre manter cópia dos arquivos originais.
Programa de edição	Se o arquivo tiver passado por qualquer tipo de edição, indicar o(s) programa(s) usado(s) ou edite a lista e acrescente um novo programa. Nota: Para facilitar a localização dos programas, a lista está ordenada conforme o tipo de arquivo (áudio, imagem, texto e vídeo).
Duração/Dimensão	Trata-se do registro da <i>duração</i> (tempo) ou da <i>dimensão</i> (forma/quantidade) do arquivo referenciado. No caso de arquivos de <i>áudio</i> e <i>vídeo</i> , informar a <i>duração</i> (em segundos, minutos ou horas). Para <i>textos escritos</i> , informar a <i>quantidade</i> de caracteres, palavras ou páginas. Já no caso de arquivos de imagens, informar a <i>dimensão</i> (em pixel, milímetros, centímetros, metros ou outra medida adotada).
Arquivo em outro BD?	Campo para informar se o material que está sendo referenciado que se encontra no banco de dados do PDL se encontra armazenado também em outro(s) Banco(s) de Dados. Caso positivo, informar neste campo em que BD ele se encontra.

O armazenamento de arquivos é uma das grandes preocupações quando se trata de arquivos de dados linguísticos (áudio, vídeo, imagem e texto). O programa Línguas, por padrão, não armazena diretamente esses arquivos, pois poderiam, em pouquíssimo tempo, comprometer o funcionamento do sistema, em virtude da sobrecarga de espaço ocupado.

Logo, o que se armazena são as referências, por meio de códigos padronizados para a identificação, a esses dados, que ficam armazenados fisicamente no disco rígido do próprio computador ou em HD externo. É necessário, portanto, que, ao ser feito um backup do programa Línguas, também sejam feitas cópias de segurança de todos os arquivos referenciados no banco de dados.

### Código para Identificação de Arquivo

Cada arquivo registrado nesta base de dados deve receber uma identificação própria, atribuída pelo Administrador do Projeto. Por isso, apresento, a seguir, uma proposta de *código* que permite catalogar de modo prático qualquer arquivo de dados (áudio, imagem, vídeo ou texto).<sup>146</sup>

FIGURA 40 – explicação do código-base para registro de arquivos



TABELA 35 – EXPLICAÇÃO DOS COMPONENTES DO CÓDIGO-BASE 1

Campo	Descrição
<i>Código ISO639-3 da língua registrada</i>	As três primeiras letras (minúsculas) do código se referem a uma abreviatura do nome da língua-base que está sendo documentada no PDL. Optei pela utilização do padrão ISO639, contudo outros padrões podem ser usados para identificação da língua-base. <sup>147</sup>
<i>Data do registro</i>	A data em que foi o material foi coletado deve ser apresentada na forma <i>ano</i> (aaaa), <i>mês</i> (mm) e <i>dia</i> (dd), pois, desta forma, consegue-se ordenar em ordem crescente de data todos os arquivos que estiverem no mesmo diretório.
<i>Tipo de material</i>	Situada após a data, a indicação do tipo de material serve como terceiro critério de ordenação do arquivo. Uma letra minúscula informa se se trata de um arquivo de áudio (a), imagem (i), texto (t) ou vídeo (v).
<i>Sequência do registro</i>	A quarta parte do código informa qual a sequência do arquivo de dados. P.ex., em um turno de gravação de dados linguísticos, são produzidos, em sequência, seis arquivos de áudio; logo, cada um dos arquivos gravados receberá um código, neste caso de 01 a 06.

<sup>146</sup> Esse código pode ser usado tanto na identificação de arquivos digitais, quanto na etiquetagem de materiais físicos (CD-ROM, DVD, fitas cassete, entre outros).

<sup>147</sup> Os códigos ISO639-3 para a maioria das línguas do mundo podem ser encontrados no site *The Linguistic List* (<http://linguistlist.org/forms/langs/find-a-language-or-family.cfm>)

<i>Responsável pelo registro</i>	Esse código pode também informar quem foi o responsável pela coleta dos dados. Mesmo que o material tenha sido coletado por um grupo de pessoas, informar, no interior do código, sempre a sigla ou abreviatura do nome de uma das pessoas do grupo (na <i>Base Arquivos</i> deverá constar a lista completa de nomes).
----------------------------------	---

FIGURA 41 – EXPLICAÇÃO DO CÓDIGO-BASE PARA REGISTRO DE ARQUIVOS SEGMENTADOS

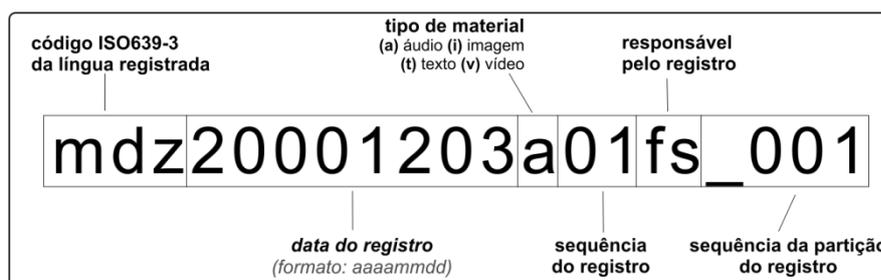


TABELA 36 – INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO CÓDIGO-BASE

CAMPO	DESCRIÇÃO
Sequência da partição do registro	Além da forma padrão do código para referenciar um arquivo completo, é possível indicar se se trata de um arquivo que foi dividido em partes menores. Para isso, utilize o mesmo código para referenciar um arquivo original, seguido de uma sequência de três números, sempre iniciada em 001 e separada por um traço baixo ( <i>underline</i> ) para separar esta sequência do restante do código.

#### 8.5.4.1.5. Base Corpus

É nesta base de dados que se pode fazer o registro de todos os *corpora* do PDL.

Clico sobre o ícone  referente à *Base Corpus* para acessar a área de cadastramento.

O preenchimento desse formulário é muito importante, pois, para poder cadastrar os dados linguísticos, é solicitada a associação do material a um ou mais corpus cadastrados nesta base do Programa.

A definição do que será denominado corpus fica a critério de cada Projeto, podendo ser, por exemplo, tanto um único arquivo sonoro que contenha 2 horas de gravação, quanto um conjunto de arquivos sonoros gravados, em sequência, em determinado espaço de tempo. O importante é que, ao se definir os critérios de definição de um corpus, haja uniformidade na catalogação desses dados.

No caso deste projeto de documentação da língua Suruí, adotei como critério de definição de corpus, um conjunto de registros realizados em cada ida a campo. Ou seja, um corpus para esta pesquisa é, por exemplo, o total de gravações realizadas em uma semana.

FIGURA 42 – JANELA DA BASE DE CORPORA

TABELA 37 – ABA 1: SOBRE O REGISTRO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro Projeto de Documentação Linguística cadastrado na Base Projeto. Assim, se não houver outro projeto em execução, este valor não deve ser modificado.
Língua(s) do registro	Apesar de haver uma língua-base em cada projeto, é possível que o material coletado para constituição do corpus do Projeto contenha mais de uma língua, por isso o formulário oferece a possibilidade de cadastrar mais de uma língua para um mesmo corpus.
Local do registro	Informar o local onde o material que constitui o corpus foi coletado originalmente.
Data registro	Informar a data em que o material que constitui o corpus foi coletado originalmente.
Coleta de dados feita por	Informar quem foi a pessoa responsável pela coleta do material que constitui o corpus. Caso se trate de um grupo, especificar o nome de todos os componentes que participaram do processo de registro e suas respectivas funções nesse trabalho.
Referência completa	Campo para inserir a referência completa do corpus que está sendo cadastrado. Sugestão: Escolher uma das normas existentes (ABNT, ISO, Vancouver, Chicago, p.ex.) e aplicar suas orientações de estilo a todas as referências (completas ou abreviadas).
Referência abreviada	Inserir a referência abreviada do corpus, baseada na mesma orientação adotada no campo anterior. Nota: Esta referência

	abreviada é a que estará disponível quando do cadastramento dos dados linguísticos.
Arquivo(s) relacionado(s)	Informar os arquivos relacionados a cada um dos corpora cadastrados na base.

TABELA 38 – ABA 2: CONTEÚDO DOS DADOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Fonte(s) do conhecimento do registro	Lista suspensa que contém todos os nomes de pessoas fonte do conhecimento já cadastradas na <i>Base Fonte</i> . Selecione um ou mais nomes que façam parte do arquivo que está sendo registrado.
Contexto de registro	Campo para descrição do contexto em que o registro foi efetuado (hora, local, situação, pessoas presentes, duração, motivações).
Descrição do conteúdo deste registro	Campo para descrição do conteúdo do registro (sequência de assuntos tratados, interrupções e pausas, comentários).

TABELA 39 – ABA 3: TRANSCRIÇÃO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Material transcrito por	É possível informar quem fez o trabalho de transcrição do material sonoro que compõe o corpus do Projeto de Documentação Linguística.
Orientação teórica/ modelo adotado na transcrição	Campo destinado à apresentação da orientação teórica e/ou do modelo adotado na transcrição fonética e na escrita das formas fonológica e ortográfica do material sonoro.
Anotação	Espaço para inserção de notas acerca do conteúdo do registro ou do processo de transcrição do material.

#### 8.5.4.1.6. Base Afixos

Esta base de dados recebe os afixos que podem se relacionar com itens lexicais da língua-base armazenados no PDL. Clico sobre o ícone  referente à *Base Afixos* para acessar a área de cadastramento.<sup>148</sup>

TABELA 40 – DESCRIÇÃO DOS CAMPOS DA BASE AFIXOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Afixo	Campo para cadastrar afixos da língua-base e que estarão disponíveis para uso na <i>Base Léxico</i> .
Da língua	Lista suspensa que contém as línguas cadastradas na <i>Área de Projeto</i> . Selecione a língua em que o texto foi produzido.
Tipo	Lista suspensa (editável) em que se pode definir o <i>tipo</i> de afixo cadastrado no campo anterior. O programa Línguas contém, a título

<sup>148</sup> Os afixos cadastrados nesta base podem ser exportados como material lexicográfico. Para mais informações, consulte a *Área de Materiais*.

	de sugestão, uma lista predefinida com 3 opções, são elas: <i>prefixo</i> , <i>infixo</i> , <i>sufixo</i> .
Natureza	Lista suspensa (editável) em que se pode definir a <i>natureza</i> do afixo cadastrado no campo anterior. O programa Línguas contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com 2 opções, são elas: <i>derivacional</i> e <i>flexional</i> .
Significado/Definição	Campo para registrar significados e/ou definições do afixo cadastrado no campo anterior.
Contexto de ocorrência	É possível descrever o contexto de ocorrência de cada afixo cadastrado nesta base.
Glosa Língua 2	Campo para inserir a glosa na língua 2 cadastrada na Base Projeto.
Glosa Língua 3	Campo para inserir a glosa na língua 3 cadastrada na Base Projeto.
Glosa Língua 4	Campo para inserir a glosa na língua 4 cadastrada na Base Projeto.
Anotação	Campo para anotações relacionadas ao afixo cadastrado nesta base.

FIGURA 43 – JANELA DA BASE DE AFIXOS

#### 8.5.4.2. Armazenando Dados Linguísticos

Uma vez concluída a operação de cadastramento de um PDL na *Área Projeto*, o Programa Línguas já pode armazenar os dados linguísticos coletados. Para isso, clico sobre o ícone *Dados* na *Área de Trabalho* e acesso a *Área de Dados*.

FIGURA 44 – JANELA PRINCIPAL DA ÁREA DE DADOS



Nessa área, há seis ícones, correspondentes a bases para inserção dos dados linguísticos do Projeto de Documentação. Apresento, a seguir, cada uma dessas bases.

#### 8.5.4.2.1. Base Textos

Esta base de dados recebe os textos completos que compõem o corpus do PDL.

Clico sobre o ícone  referente à *Base Texto* para acessar a área de cadastramento.<sup>149</sup>

Esta base contém seis abas inter-relacionadas para cadastramento de textos registrados e transcritos no âmbito do projeto de documentação.

<sup>149</sup> Não há, neste programa, nenhuma definição nem extensão para o que é denominado *texto*, pois, cabe a cada PDL definir as diferenças e os limites do que será denominado *texto*.

FIGURA 45 – JANELA DA BASE DE TEXTOS

TABELA 41 – ABA 1: INSERÇÃO DE TEXTOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Texto (Língua-Base)	Há dois campos relacionados ao registro do texto na língua-base: acima, há um espaço (com uma linha) destinado ao título do texto; e abaixo, um campo (maior) destinado à inserção do texto (escrito ou transcrito) na língua-base. Nota: O título, que serve como forma de identificação do texto, deve ser atribuído mesmo que no registro (oral ou escrito) original ele não exista; cada registro de texto pode conter até 32.000 caracteres.

TABELA 42 – ABA 2: IDENTIFICAÇÃO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro PDL cadastrado na <i>Base Projeto</i> . Assim, se não houver outro projeto em execução, este valor não deve ser modificado.
Do Corpus	O item lexical pode ser relacionado a um arquivo já cadastrado na <i>Base Corpus</i> do Projeto. Selecciono, na lista suspensa, a referência de arquivo correspondente.
Da Língua	Lista suspensa que contém as línguas cadastradas na <i>Área de Projeto</i> . Selecciono a língua em que o texto foi produzido.
Gênero textual	Lista suspensa (editável) com opções para definir a que gênero(s) pertence o texto inserido na base. O programa <i>Línguas</i> contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com várias opções, tais como: <i>Interpessoal/Agradecimento e Lazer/Advinhas</i> .
Palavras-chave	Selecciono uma ou mais palavras-chave relacionadas ao conteúdo do fragmento de texto inserido.

Arquivos relacionados	Campo para selecionar um ou mais arquivos relacionados diretamente com a pessoa fonte de conhecimento. Esses arquivos devem ser previamente registrados na <i>Base Arquivos</i> e referenciados sempre que necessário.
Anotação	Campo para anotações relativas ao texto da língua-base inserido no formulário da Aba 1.

TABELA 43 – ABAS 3/4/5/6: TRADUÇÃO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Tradução	Há também dois campos relacionados à tradução: acima, há um espaço (com uma linha) destinado ao título do texto traduzido; e abaixo, um campo (maior) destinado à inserção do texto traduzido.
Língua-alvo	Informar, em cada aba, para que língua (língua-alvo) o texto da língua-base está sendo traduzido.
Anotação	Campo para anotações relativas ao conteúdo traduzido do texto da língua-base inserido no formulário da Aba 1.

À medida que o campo *Texto* é preenchido, inicia-se um contador de caracteres na parte superior direita do campo. Esse contador permite controlar a quantidade de caracteres já inseridos em cada campo de texto da base.

#### 8.5.4.2.2. Base Léxico

Esta base de dados recebe os itens lexicais, relacionados ou não a enunciados e textos, que compõem o corpus do PDL. Clico sobre o ícone  referente à Base Léxico para acessar a área de cadastramento. Esta base contém nove abas inter-relacionadas para cadastramento de itens lexicais.

TABELA 44 – ABA 1: REGISTRO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro PDL cadastrado na <i>Base Projeto</i> . Assim, se não houver outro projeto em execução, este valor não deve ser modificado.
Do Corpus	O item lexical pode ser relacionado a um arquivo já cadastrado na <i>Base Corpus</i> do Projeto. Seleciono na lista suspensa a referência de arquivo correspondente.
Do Texto	O item lexical pode ser relacionado a um texto já cadastrado na <i>Base Texto</i> do Projeto. Seleciono na lista suspensa a referência de arquivo correspondente.
Registro do Item Lexical	Inserir neste campo o item lexical da língua 1. Como o campo seguinte está reservado para o registro das raízes, o item lexical deste campo poder, por exemplo, uma forma flexionada.
Raiz	Campo para registrar a forma da raiz do item lexical inserido no

	campo anterior. Esse campo é necessário, pois, em muitas línguas, não há coincidência entre o item lexical e sua raiz.
Homonímia	Lista suspensa que apresenta uma sequência numérica. Ao selecionar um número desta lista, ele será considerado para indicar que há casos de homonímia na língua. Nota: Na produção do material lexicográfico, esse número aparece sobrescrito junto ao item lexical da entrada.
Afixo(s)	Selecionar, na lista suspensa, os afixos que o item lexical registrado pode receber. Esses afixos devem ser previamente cadastrados em formulário próprio disponível na <i>Base Afixos</i> .
Variação	As formas variantes do item lexical, se existirem, devem ser apresentadas na forma de lista (preferencialmente), pois poderão ser usadas na edição de materiais lexicográficos. Reservar os comentários para o campo <i>Anotação</i> , abaixo.
Natureza	Lista suspensa (editável) com opções para definir a natureza da variação do item lexical (ver campo anterior). O programa Línguas contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com as seguintes opções: <i>diafásica</i> , <i>diagenérica</i> , <i>diageracional</i> , <i>diatrática</i> , <i>diatópica</i> .
Anotação	Campo para anotações acerca da variação linguística do item lexical.
Fonética	Campo para inserção da transcrição fonética do item lexical. Nota: Não é necessário inserir a transcrição entre colchetes, pois, no momento da criação de material lexicográfico, eles serão acrescentados automaticamente; o mesmo vale para a Fonologia.
Fonologia	Campo para inserção da forma fonológica do item lexical.
Anotação	Campo para anotações acerca da transcrição da língua documentada.

FIGURA 46 – JANELA DA BASE DE DADOS LEXICAIS

As setas  têm a função de copiar o conteúdo de um campo para outro. Por exemplo, é possível aproveitar a transcrição fonética como base para fazer o registro da forma fonológica. Deste modo, digito o conteúdo no campo *Fonética* e clico sobre a seta; assim, o conteúdo desse campo será duplicado para o campo imediatamente abaixo.

TABELA 45 – ABAS 2, 3 E 4: DEFINIÇÃO 1/2/3

CAMPO	DESCRIÇÃO
Item Língua 1	O item lexical cadastrado na Aba 1 é, automaticamente, copiado para este campo e serve como referência. Logo, não há o que preencher neste campo.
Propriedade gramatical Língua1	Lista suspensa (editável) com informações sobre propriedades gramaticais que podem ser atribuídas ao item lexical apresentado no campo anterior. Essa informação pode ser diferente em cada uma das três abas.
Definição 1/2/3 Língua1	O item lexical pode receber nesta base até 3 definições diferentes (com propriedades gramaticais específicas – ver campo anterior).
Item Língua2	Campo para inserir a tradução/correspondência do item lexical da língua-base para a segunda língua definida no Projeto de Documentação.
Propriedade gramatical Língua2	Lista suspensa (editável) com informações sobre propriedades gramaticais que podem ser atribuídas ao item lexical da Língua 2 apresentado no campo anterior. Essa informação pode ser diferente em cada uma das três abas.
Definição 1/2/3 Língua2	O item lexical da Língua 2 pode receber nesta base até 3 definições diferentes (com propriedades gramaticais específicas – ver campo anterior).
Exemplo 1/2/3 Língua1	Campo para inserir um enunciado que sirva de primeiro exemplo na língua-base relacionado à definição dada em cada aba para o item lexical registrado.
Exemplo 1/2/3 Língua2	Campo para inserir uma tradução/correspondência para a Língua 2 do exemplo apresentado no campo anterior.

TABELA 46 – ABA 5: TERMINOLOGIA

CAMPO	DESCRIÇÃO
Item Língua 1	O item lexical cadastrado na Aba 1 é, automaticamente, copiado para este campo e serve como referência. Logo, não há o que preencher neste campo.
Domínio 1/2/3/4	Campo com uma lista suspensa com dezenas de domínios (áreas técnicas), tais como <i>agr.</i> (agricultura), <i>cer.</i> (cerâmica), <i>pesc.</i> (pesca) disponível para seleção. Para editar essa lista, acessar a pasta <i>Configuração da Lista de Domínios</i> , na <i>Área de Edição</i> .
Definição	Para cada domínio selecionado é possível inserir uma definição própria, associada ao item do campo anterior.

Anotação	Campo para anotações relativas a cada domínio e definição apresentadas respectivamente nos campos anteriores.
Termo científico	No caso de itens lexicais com nomes de plantas e animais, pode ser registrada a forma científica correspondente (geralmente apresentada em latim).

TABELA 47 – ABA 6: ANÁLISE

CAMPO	DESCRIÇÃO
Item Língua 1	O item lexical cadastrado na Aba 1 é, automaticamente, copiado para este campo e serve como referência. Logo, não há o que preencher neste campo.
Divisão silábica	O item lexical da língua-base pode ser dividido em sílabas e ser usado para a entrada de verbetes de um dicionário.
Segmentação	O item lexical pode ser segmentado de acordo com suas propriedades morfológicas.
Morfologia	Campo para registrar a análise morfológica correspondente a cada parte da segmentação do item lexical do campo anterior.
Etimologia	Registro da etimologia do item lexical da língua-base. Essa informação é utilizada na composição dos verbetes do material lexicográfico.
Anotação	Espaço para outros comentários relacionados à etimologia apresentada no campo anterior.
Frequência	Se houver um levantamento da ocorrência do item lexical dentro do Corpus do PDL, é possível registrar, neste campo, esse dado quantitativo.

TABELA 48 – ABA 7: REFERÊNCIAS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Item Língua 1	O item lexical cadastrado na Aba 1 é, automaticamente, copiado para este campo e serve como referência. Logo, não há o que preencher neste campo.
Tipo	Lista suspensa com opções para definir o tipo de referência (a ser usada na produção do material lexicográfico). O Programa apresenta uma lista (editável) predefinida com as seguintes opções (e suas respectivas formas abreviadas): <i>Antônimo</i> , <i>Formas homógrafas</i> , <i>Equivalência</i> , <i>Formas homófonas</i> , <i>Por extensão</i> , <i>Sinônimo</i> , <i>Ver.</i>
Itens da referência	Campo para inserir os itens lexicais que se relacionam (conforme tipo apresentado no campo anterior) ao item lexical Língua 1 [5 campos]

TABELA 49 – ABA 8: INFORMAÇÕES

CAMPO	DESCRIÇÃO
Item Língua 1	O item lexical cadastrado na Aba 1 é, automaticamente, copiado para este campo e serve como referência.

Informações culturais	Campo para registro de informações culturais relacionadas diretamente ao item lexical da língua-base. Essas informações podem estar relacionadas a eventos, a mitos ou ainda, p.ex., a tabus.
Anotações sociolinguísticas	Campo para registro de informações sociolinguísticas relacionadas diretamente ao item lexical da língua-base. Essas anotações podem apresentar detalhes relevantes sobre o uso do item lexical, tais como: idade, gênero, status social do falante, sua atividade, origem e/ou escolaridade.

FIGURA 47 – ABA MARCADORES DA BASE DE DADOS LEXICAIS

TABELA 50 – ABA 9: MARCADORES

CAMPO	DESCRIÇÃO
Item Língua 1	O item lexical cadastrado na Aba 1 é, automaticamente, copiado para este campo e serve como referência.
<i>Marcador 1</i> [Classificação geral]	Lista suspensa (editável) com marcadores ( <i>label/tag</i> ) que servem para facilitar a localização (pelo sentido) de itens lexicais cadastrados na <i>Base Léxico</i> . Estes marcadores definem uma <i>classificação geral</i> para o item lexical. O programa <i>Línguas</i> contém, a título de sugestão, uma lista predefinida de marcadores, tais como: <i>ação, alimentação, animal (anelídeo, anfíbio...)</i> .
<i>Marcador 2</i> [Complemento]	Lista suspensa (editável) com marcadores ( <i>label/tag</i> ) que servem para facilitar a localização (pelo sentido) de itens lexicais cadastrados na <i>Base Léxico</i> . Estes marcadores definem uma <i>qualidade</i> para o item lexical. O programa <i>Línguas</i> contém, a título de sugestão, uma lista predefinida de marcadores, tais como: <i>abaixo, aberto, achatado, acima...</i>

<i>Marcador 3</i> [Conceito]	Lista suspensa (editável) com marcadores ( <i>label/tag</i> ) que servem para facilitar a localização (pelo sentido) de itens lexicais cadastrados na <i>Base Léxico</i> . Estes marcadores permitem uma <i>especificação</i> para o item lexical, ou seja, é possível associar o item lexical, p.ex., a um nome específico (referente dado pelo sentido literal): <i>gato</i> , <i>cachorro</i> e <i>porco</i> são especificações de <i>animais/ mamíferos</i> (ver campo do marcador <i>Classificação geral</i> ).
Hiperônimo de	Campo para registro de <i>hiperônimos</i> do item lexical da língua-base. Nota: De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, hiperônimo é a “relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico (p.ex., <i>animal</i> está numa relação de hiperonímia com <i>leão</i> , <i>gato</i> etc.)”.
Hipônimo de	Campo para registro de <i>hipônimos</i> do item lexical da língua-base. Nota: De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, hipônimo é a “relação existente entre uma palavra de sentido mais específico e outra de sentido mais genérico, que tem com a primeira traços semânticos comuns (p.ex., <i>mamífero</i> está numa relação de hiponímia com <i>animal</i> )”.
Holônimo de	Campo para registro de <i>holônimos</i> do item lexical da língua-base. Nota: De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, holônimo é uma “[...] unidade léxica que designa uma totalidade da qual outras unidades ( <i>merônimos</i> ) fazem parte (p.ex., <i>corpo</i> é h. de <i>braço</i> )”.
Merônimo de	Campo para registro de <i>merônimos</i> do item lexical da língua-base. Nota: De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, merônimo “diz-se de ou unidade léxica que constitui parte de um todo designado por outra unidade ( <i>holônimo</i> ) [p.ex., <i>braço</i> é m. de <i>corpo</i> ]”.
Ficha preenchida por	Lista suspensa com nomes de usuários cadastrados no programa Línguas e que podem ser informados como responsáveis pelo preenchimento da ficha.
Início do preenchimento	Ao clicar sobre este campo, é mostrado o ícone  , clique sobre ele para abrir um calendário. Seleciono uma data para registrar o início do preenchimento da ficha. Por padrão, a data destacada é sempre a <i>data atual</i> .

#### 8.5.4.2.3. Base Enunciados

Esta base de dados recebe os enunciados, relacionados ou não a textos, que compõem o corpus do Projeto de Documentação. Clique sobre o ícone  referente à *Base Enunciados* para acessar a área de cadastramento.<sup>150</sup>

<sup>150</sup> A fim de facilitar a extração de dados para esta base, é importante começar a inserção dos dados pela base de textos.

FIGURA 48 – JANELA DA BASE DE ENUNCIADOS

A Base de Enunciados contém duas abas inter-relacionadas para cadastramento de dados.

TABELA 51 – ABA 1: INSERÇÃO DE ENUNCIADOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Enunciado-Base	Neste campo podem ser inseridas frases (escritos ou transcritos) da língua-base (oriundos ou não de textos). Sugestão: estabelecer um padrão para a escrita ou transcrição desses enunciados, a fim de manter certa uniformidade na apresentação dos dados; se a língua possuir uma ortografia, dar preferência a ela; ou optar por uma forma fonológica que atenda às necessidades do Projeto.
Segmentação	Trata-se de retomar o enunciado-base do campo anterior e dividi-lo em partes menores, que possam ser analisadas segundo a orientação teórica do Projeto.
Morfologia	Campo situado imediatamente abaixo de cada campo de segmentação do enunciado-base, no qual pode ser inserida uma análise morfológica, segundo a orientação teórica do Projeto.
Forma Literal	Campo para registrar a tradução literal do enunciado-base (língua 1) para a língua 2 do Projeto.
Glosa Língua 2	Campo em que se pode introduzir uma segunda tradução do enunciado-base para a língua 2 do Projeto. Esta tradução, mais livre, pode ser mais adequada à estrutura da língua 2.

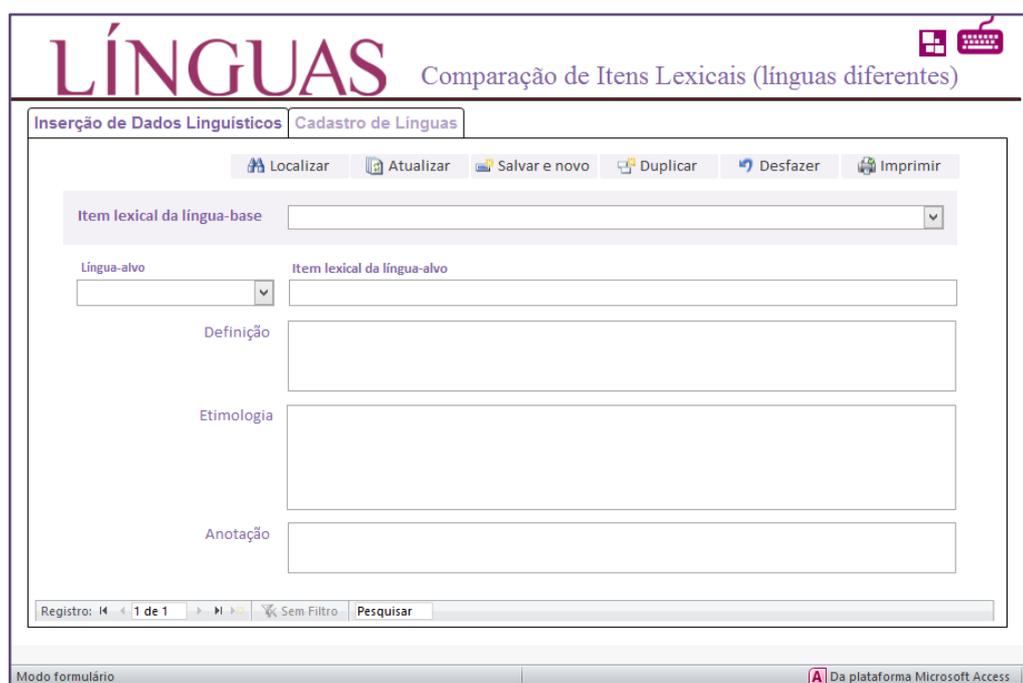
TABELA 52 – ABA 2: INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro PDL cadastrado na <i>Base Projeto</i> . Assim, se não houver outro projeto em execução, este valor não deve ser modificado.
Do Corpus	O enunciado-base pode ser relacionado a um arquivo já cadastrado na Base Corpus do Projeto. Selecione na lista suspensa a referência de arquivo correspondente.
Do Texto	O enunciado-base pode ser relacionado a um texto já cadastrado na Base Texto do Projeto. Selecione na lista suspensa a referência de arquivo correspondente.
Arquivos relacionados	Permite a seleção de referências de Arquivos previamente cadastrados na base de dados do Programa Línguas (Ver os botões <i>Pesquisadores</i> e <i>Arquivos</i> ).
Anotação	Espaço para anotações relacionadas ao enunciado-base cadastrado nesta base.

#### 8.5.4.2.4. Base Comparação de Itens (línguas diferentes)

Esta base de dados recebe itens lexicais de diferentes línguas para fins de comparação com itens lexicais da língua-base armazenados no PDL. Clico sobre o ícone  referente à *Comparação de Itens Lexicais (línguas diferentes)* para acessar a área de cadastramento.

FIGURA 49 – JANELA DA BASE DE COMPARAÇÃO DE ITENS LEXICAIS



Esta base contém duas abas inter-relacionadas para cadastramento de textos.

TABELA 53 – ABA 1: INSERÇÃO DE DADOS LINGÜÍSTICOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Item lexical da língua-base	Lista suspensa que permite a seleção de um item lexical cadastrado na <i>Base Léxico</i> e que servirá de base na comparação com os itens lexicais de outras línguas.
Língua-alvo	Ao cadastrar as línguas para comparação, elas ficam disponíveis neste campo. Selecione a língua correspondente ao item lexical que será cadastrado no próximo campo.
Item lexical da língua-alvo	Campo para registro do item lexical da língua-alvo da comparação.
Definição	Registro a definição referente ao item lexical da língua-alvo da comparação. Nota: Essa definição, por padrão, deve ser a mesma encontrada no corpus da língua-alvo.
Etimologia	Registro a etimologia do item lexical da língua-alvo da comparação. Nota: Essa etimologia, por padrão, deve ser a mesma encontrada no corpus da língua-alvo.
Anotação	Campo para anotações relacionadas ao item lexical da língua-alvo da comparação

TABELA 54 – ABA 2: CADASTRO DE LÍNGUAS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Língua para Comparação	Formulário de vários itens para cadastro das línguas que serão comparadas. Ao inserir neste campo o nome de uma língua a ser cadastrada, imediatamente um novo campo de cadastro será criado. Por padrão do sistema, a primeira língua desta lista é a língua-base cadastrada na <i>Base Projeto</i> .
Anotação linguístico-antropológica	Para cada nova <i>língua para comparação</i> cadastrada, é possível registrar informações linguístico-antropológicas relacionadas a ela.

#### 8.5.4.2.5. Base Comparação de Itens (mesma língua)

Muitas vezes, um item lexical da língua-base cadastrado na *Base Léxico* pode já ter sido registrado em outra(s) base(s) de dados. Assim, é possível pôr esse item lexical lado a lado com outros itens.

Esse recurso pode ser útil para fins de comparação linguística, pois, o mesmo item lexical, armazenado em diferentes bases de dados, de uma mesma época ou de épocas diferentes, pode apresentar variações de forma e/ou de sentido. A percepção dessas diferenças (e até mesmo das semelhanças) pode ser útil em alguma medida tanto para o estabelecimento de grafias, quanto, p.ex., para a observação de variações linguísticas ou de diferenças nas orientações teóricas para transcrição fonética de dados.

FIGURA 50 – JANELA DE COMPARAÇÃO DE ITENS LEXICAIS

TABELA 55 – CAMPOS DA BASE DE COMPARAÇÃO DE ITENS LEXICAIS<sup>151</sup>

Campo	Descrição
Pasta 01 [Item Lexical Base]	Lista suspensa que permite a seleção de um item lexical cadastrado na Base Léxico e que servirá de base de comparação para os itens lexicais cadastrados em outras bases.
Pastas 02 a 08 [Itens Lexicais de 2 a 8]	À medida que os itens lexicais de 2 a 8 forem sendo cadastrados nas respectivas pastas, eles serão automaticamente transferidos para a aba inicial. Nota: Também é possível preencher primeiro o item lexical na primeira aba e ele será transferido para as respectivas pastas.
Pastas 02 a 08 [Itens Lexicais de 2 a 8]	Os itens lexicais identificados com os números de 2 a 8 representam as formas equivalentes do item lexical da língua-base cadastrado na <i>Base Léxico</i> . Nota: Ao cadastrar esse novos itens (de 2 a 8), buscar manter a correspondência em relação ao corpus, p.ex., ao informar o <i>Item Lexical A</i> como pertencente ao <i>Corpus X</i> , reservar os próximos cadastros de itens A para dados do mesmo corpus X.
Pastas 02 a 08 [Som]	Campo para registro da forma fonética ou fonológica do item lexical (2 a 8). Sugestão: Se possível, definir qual será a forma do registro sonoro, se pela fonética, ou se pela fonologia.
Pastas 02 a 08 [Corpus]	Associar o item lexical a um corpus.
Pastas 02 a 08 [Definição]	Campo para registrar as definições originais atribuídas ao item lexical cadastrado no campo anterior.
Pastas 02 a 08 [Anotação]	Espaço para anotações relacionadas a cada item lexical.

<sup>151</sup> Ao inserir os dados na Base Léxico, os itens lexicais ficam disponíveis automaticamente nestas bases.

#### 8.5.4.2.6. Base Enciclopédia

Esta base de dados recebe informações culturais do PDL principal para organizá-las na forma de uma enciclopédia. Clico sobre o ícone  referente à *Base Enciclopédia* para acessar a área de cadastramento.

FIGURA 51 – JANELA DA BASE DE DADOS ENCICLOPÉDICOS

Esta base possui quatro abas, com duas possibilidades de inserção de dados, ou por acepção única ou por acepções numeradas, conforme apresentadas a seguir:

TABELA 56 – ABA 1: ENTRADA DE DADOS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Termo de entrada	Área para inserção do lema na língua-base definida para a composição da enciclopédia
Complemento	Informação complementar ao termo de entrada, se necessário. Essa informação pode constar no resultado final da enciclopédia.
Transcrição fonética	O termo de entrada pode ter a sua forma fonética ou fonológica inserida no corpo do verbete da enciclopédia.
Classificação	Especificação da categoria gramatical do termo de entrada, se necessário.
Acepção única (língua-base)	A primeira possibilidade de apresentação do conteúdo dos verbetes (ou artigos) da enciclopédia sob a forma de acepção única, que, neste espaço, corresponde ao conteúdo da língua-base.
Acepção única (língua 2)	Espaço para inserção do conteúdo em língua 2, ou seja, língua

	correspondente ou equivalente (tradução, por exemplo) à da acepção da língua-base.
Remissiva	No verbete há a possibilidade de estabelecer uma rede de relações por meio de formas remissivas.

TABELA 57 – ABAS 2 E 3: ACEPÇÕES NUMERADAS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Termo de Entrada	Reprodução automática do termo de entrada. Nada a ser preenchido neste campo.
Acepção 01-06	A segunda possibilidade de apresentação do conteúdo dos verbetes (ou artigos) da enciclopédia sob a forma de acepção numeradas (que podem corresponder a diferentes conteúdos por item), que, neste espaço, corresponde ao conteúdo da língua-base.
Marca de uso	Nessa área pode-se especificar a área de conhecimento a que cada conteúdo está relacionado.
Acepção 01-06 Trad.	Espaço para inserção do conteúdo em língua 2, ou seja, língua correspondente ou equivalente (tradução, por exemplo) à da acepção da língua-base.

TABELA 58 – ABA 4: NOTA COMPLEMENTAR

CAMPO	DESCRIÇÃO
Termo de Entrada	Reprodução automática do termo de entrada. Nada a ser preenchido neste campo.
Título	Como o verbete pode ter um texto complementar ao conteúdo da acepção, esse texto pode receber um título a ser inserido neste campo.
Comentário complementar	Campo para inserção do texto complementar na língua-base.
Comentário complementar Trad.	Campo para inserção do texto complementar traduzido na língua 2.
Referência de arquivo-imagem	Se o documento possuir imagem associada, apresentar neste campo a referência a cada uma delas.
Anotação	Campo para anotações relacionadas ao conteúdo do verbete.

#### 8.5.4.3. Anotações para o PDL

Além do cadastramento do conjunto de dados linguísticos na *Área de Dados*, o programa Línguas possui uma área reservada para o registro de *Anotações* de conteúdos relevantes a um PDL.

Essa área apresenta seis bases: *Anotações*, *Histórico*, *Tarefas*, *Bibliografia*, *Citação* e *Notas Linguísticas*.

FIGURA 52 – JANELA DA ÁREA DE ANOTAÇÕES DO PROGRAMA LÍNGUAS



Nessa área, há seis ícones, correspondentes a bases para inserção dos dados linguísticos do PDL. A seguir, apresento cada uma dessas bases.

#### 8.5.4.3.1. Base Anotações

Esta base de dados recebe anotações relacionadas, de modo geral, a um PDL.

Clico sobre o ícone  referente a *Anotações* para acessar a área de cadastramento.

TABELA 59 – ABA INSERIR ANOTAÇÕES

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro Projeto de Documentação Linguística cadastrado na <i>Base Projeto</i> . Assim, se não houver outro projeto em execução, este valor não deve ser modificado.
Data da anotação	Ao clicar sobre este campo, é mostrado o ícone  , clico sobre ele para abrir um calendário. Seleciono uma data para registrar o início do preenchimento da ficha. Por padrão, a data destacada é sempre a <i>data atual</i> .
Título	Atribuo um título à anotação.
Anotação	Campo para inserir o texto da anotação.
Arquivos relacionados	Campo para selecionar um ou mais arquivos relacionados diretamente à anotação. Esses arquivos devem ser previamente

	registrados na <i>Base Arquivos</i> .
Anotação feita por	Lista suspensa com nomes de usuários cadastrados no programa Línguas e que podem ser informados como responsáveis pela anotação.

FIGURA 53 – JANELA DA BASE DE ANOTAÇÕES

#### 8.5.4.3.2. Base Histórico

Esta base de dados recebe anotações específicas relacionadas ao histórico do PDL.

Clico sobre o ícone  referente ao *Histórico* para acessar a área de cadastramento.

TABELA 60 – ABA INSERIR INFORMAÇÕES PARA O HISTÓRICO DO PROJETO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro Projeto de Documentação Linguística cadastrado na <i>Base Projeto</i> . Assim, se não houver outro projeto em execução, este valor não deve ser modificado.
Data do registro	Ao clicar sobre este campo, é mostrado o ícone  , clico sobre ele para abrir um calendário. Seleciono uma data para registrar o início do preenchimento da ficha. Por padrão, a data destacada é sempre a <i>data atual</i> .
Título	Atribuo um título à informação sobre o histórico do Projeto.
Informação para o Histórico	Campo para inserir o texto da informação para o histórico do Projeto. Sugestão: Para obter um histórico com informações mais precisas acerca do desenvolvimento do PDL, sugerimos que cada etapa do trabalho seja registrada em detalhes.
Arquivos relacionados	Campo para selecionar um ou mais arquivos relacionados diretamente à anotação. Esses arquivos devem ser previamente registrados na <i>Base Arquivos</i> .

Registro feito por	Lista suspensa com nomes de usuários cadastrados no programa Línguas e que podem ser informados como responsáveis pelo registro.
--------------------	--

FIGURA 54 – JANELA DA BASE DE HISTÓRICO

#### 8.5.4.3.3. Base Tarefas

Esta base de dados recebe anotações específicas relacionadas a tarefas do PDL.

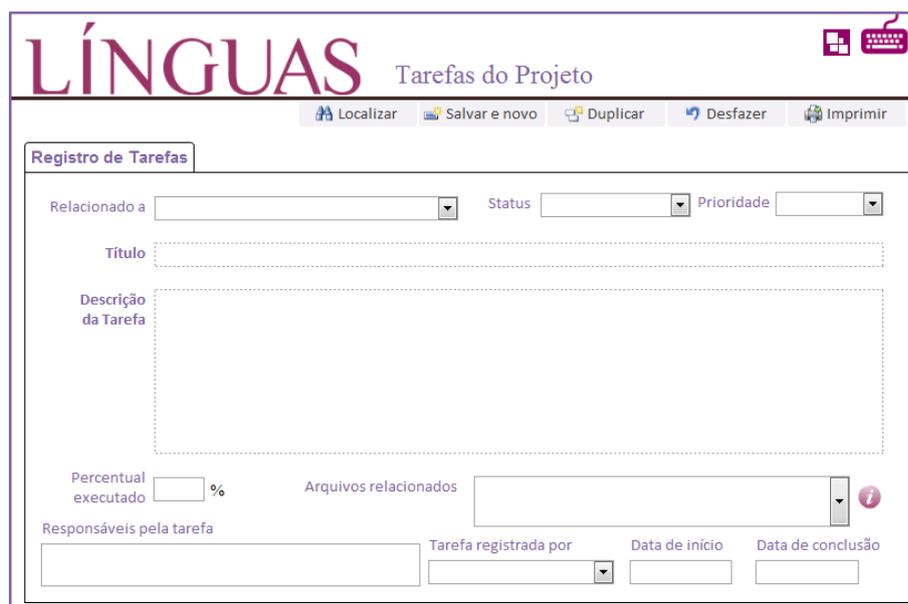
Clico sobre o ícone  referente a *Tarefas* para acessar a área de cadastramento.

TABELA 61 – ABA REGISTRO DE TAREFAS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro Projeto de Documentação Linguística cadastrado na <i>Base Projeto</i> .
Status	Lista suspensa (editável) com opções para definir um <i>status</i> para a tarefa cadastrada. O programa Línguas contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com 5 opções, são elas: <i>Não iniciada, Em andamento, Concluída, Adiada, Aguardando</i> .
Prioridade	Lista suspensa (editável) com opções para definir qual a prioridade da tarefa cadastrada. O programa Línguas contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com 3 opções, são elas: (1) <i>Alta</i> , (2) <i>Normal</i> , (3) <i>Baixa</i> .
Título	Atribuo um título à tarefa relacionada ao PDL.
Descrição da tarefa	Campo para inserir a descrição completa da tarefa a ser executada.
Percentual executado	À medida que a tarefa for sendo concluída, é possível registrar essa progressão sob a forma numérica de percentual.

Data de início/conclusão	Ao clicar sobre algum destes campos, é mostrado o ícone  , clico sobre ele para abrir um calendário. Seleciono uma data para registrar a data início/conclusão da tarefa. Por padrão, a data destacada é sempre a <i>data atual</i> .
Arquivos relacionados	Campo para selecionar um ou mais arquivos relacionados diretamente à anotação. Esses arquivos devem ser previamente registrados na <i>Base Arquivos</i> .
Responsável pela tarefa	Campo para informar quem são as pessoas responsáveis pela execução da tarefa cadastrada.
Tarefa registrada por	Lista suspensa com nomes de usuários cadastrados no programa Línguas e que podem ser informados como responsáveis pelo registro.

FIGURA 55 – JANELA DA BASE DE TAREFAS



#### 8.5.4.3.4. Base Bibliografia

É nesta base de dados que se pode fazer o registro de toda a bibliografia utilizada no PDL. Clico sobre o ícone  referente à Base Bibliografia para acessar a área de cadastramento. O preenchimento dessa Base pode ser útil para reunir informações sobre toda a bibliografia existente acerca da(s) língua(s) documentada(s) no PDL.

O material bibliográfico reunido nesta base pode ser exportado de diversas maneiras: como lista organizada em ordem alfabética, como fichas completas com todos os dados ou como lista de tópicos classificados de acordo com a classificação CDU (cf. subseção *Bibliografia e Citação na Área de Materiais*).

FIGURA 56 – JANELA DA BASE DE BIBLIOGRAFIA

Esta base contém duas abas inter-relacionadas para cadastramento da bibliografia.

TABELA 62 – ABA 1: DADOS DA REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMPO	DESCRIÇÃO
Relacionado a	Este campo possui como valor padrão o nome do primeiro PDL cadastrado na Base Projeto.
Tipo de material	Lista suspensa com opções para definir o tipo de material da bibliografia. O Programa apresenta uma lista (editável) predefinida com os seguintes materiais: <i>livro, revista, jornal, boletim, tese, dissertação, monografia, folheto, site</i> .
Localiza material	Lista suspensa (editável) com opções para definir em que acervo o material referenciado está disponível. O programa Línguas contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com opções, são elas: <i>Acervo pessoal de..., Biblioteca Digital Domínio Público</i> .
Código da estante	Se possível, indicar o código da estante (em se tratando de uma biblioteca) onde o material se localiza.
Status	Lista suspensa (editável) com opções para definir, em relação ao PDL, o status (ou relevância) do material bibliográfico. O programa Línguas contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com opções, são elas: <i>Referência obrigatória, referência optativa, apenas consulta</i> .
Norma adotada	Para referenciar qualquer material bibliográfico, é possível adotar uma das muitas normas existentes no mundo. O Programa apresenta uma lista (editável) predefinida com as seguintes opções: ABNT (Brasil), APA (EUA), Chicago (EUA), ISO (Internacional) e Vancouver (Canadá).
Referência bibliográfica completa	Inserir neste campo a referência bibliográfica completa baseada na norma selecionada. Nota: não inserir diante da referência nenhum tipo de marcador (numérico ou não).

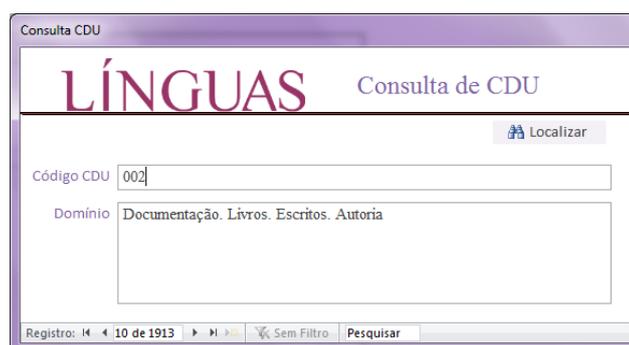
Referência abreviada	Refere-se à mesma referência bibliográfica do campo anterior, porém, apresentada de modo abreviado.
Link (internet)	Se existir um link na internet para o material referenciado, inserir, neste campo, o endereço eletrônico.

TABELA 63 – ABA 2: CLASSIFICAÇÃO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Código CDU	O código de <i>Classificação Decimal Universal</i> (CDU) representa um padrão internacional de classificação de documentos por assunto, que, no caso deste Programa, permite a apresentação das referências bibliográficas com um arranjo diferente do da ordem alfabética.
Domínio CDU	Relacionado ao Código CDU há uma descrição do domínio, que pode ser inserida neste campo.
ISBN	Se o material referenciado possuir ISBN ( <i>International Standard Book Number</i> , ou, em Português, <i>Número Padrão Internacional de Livro</i> ), é possível informá-lo neste campo.
ISSN	Se o material referenciado possuir ISSN ( <i>International Standard Serial Number</i> , ou, em Português, <i>Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas</i> ), é possível informá-lo neste campo.
Anotação	Insiro anotações referentes ao material bibliográfico que está sendo referenciado nesta base.

Para consultar uma lista com todos os códigos CDU e seus respectivos domínios, clique no ícone .

FIGURA 57 – JANELA PARA CONSULTA DE CDU



#### 8.5.4.3.5. Base Citação

É nesta base de dados que trechos de material bibliográfico úteis para o PDL podem ser armazenados. Clique sobre o ícone  referente à *Base Citação* para acessar a área de cadastramento.

O preenchimento dessa base pode ser útil para a produção de artigos científicos ou de trabalhos acadêmicos relacionados à(s) língua(s) documentada(s) em um PDL.

FIGURA 58 – JANELA DA BASE DE CITAÇÃO

TABELA 64 – CAMPOS DA BASE DE CITAÇÃO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Texto da Citação	Campo para inserir os fragmentos de texto que poderão servir de material para citação.
Referência	Lista suspensa com todas as referências bibliográficas já cadastradas na Base Bibliografia. Selecionar a referência que contenha o fragmento de texto inserido.
Páginas	Informar o(s) número(s) da(s) páginas correspondentes ao fragmento de texto inserido.
Palavras-chave	Seleciono uma ou mais palavras-chave relacionadas ao conteúdo do fragmento de texto inserido.

As palavras-chave servem como marcadores que auxiliam no acesso rápido a uma informação da base de dados. Clico no ícone  para abrir a janela *Cadastramento de palavras-chave* e cadastro quantas palavras-chave quiser.

FIGURA 59 – JANELA DE CADASTRAMENTO DE PALAVRAS-CHAVE

#### 8.5.4.3.6. Base Notas Linguísticas

Esta base de dados recebe anotações linguísticas relacionadas aos dados do PDL. Clico sobre o ícone  referente à base *Notas Linguísticas* para acessar a área de cadastramento.<sup>152</sup>

FIGURA 60 – JANELA DA BASE DE NOTAS LINGUÍSTICAS



TABELA 65 – CAMPOS DA BASE DE NOTAS LINGUÍSTICAS

CAMPO	DESCRIÇÃO
Finalidade da Informação	Lista suspensa (editável) com opções para definir a <i>finalidade</i> da informação a ser inserida. O programa contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com 3 opções, são elas: <i>Descrição linguística</i> , <i>Material didático</i> , <i>Orientação teórica</i> . Observo que, quando há, ao lado das opções da lista, botões de seleção, é possível selecionar mais de uma opção num mesmo campo.
Área(s)	Lista suspensa (editável) com opções para definir a(s) <i>área(s)</i> da informação a ser inserida. O programa Línguas contém, a título de sugestão, uma lista predefinida com 17 opções, são elas: <i>Análise do Discurso</i> , <i>Documentação Linguística</i> , <i>Estilística</i> , <i>Filologia</i> , <i>Fonética</i> , <i>Fonologia</i> , <i>Lexicologia</i> , <i>Linguística Histórica</i> , <i>Linguística Textual</i> , <i>Morfologia</i> , <i>Morfossintaxe</i> , <i>Ortografia</i> , <i>Pragmática</i> , <i>Semântica</i> , <i>Semiótica</i> , <i>Sintaxe</i> , <i>Sociolinguística e Dialectologia</i> .
Assunto	Lista suspensa (editável) para inserção de termos que possam ser usados como <i>assunto(s)</i> da informação a ser inserida. Não há sugestões de assunto neste campo.
Línguas envolvidas	Lista suspensa que contém a língua-base do Projeto, além de todas as línguas já cadastradas na base <i>Comparação de Itens Lexicais (línguas diferentes)</i> .

<sup>152</sup> Um formulário para Anotações Linguística está inserido na Base Projeto. Por se tratar da mesma fonte de dados, os dados inseridos em um dos formulários é visível no outro.

Título	Espaço para inserir um título à sua nota linguística.
Anotação Linguística	Campo para inserção de texto (longo) que sirva como anotação linguística. Nota: Não há uma ordem predefinida para inserção dessas notas, assim, a qualquer momento elas podem ser inseridas e alteradas de acordo com as necessidades dos usuários do sistema. Sugestão: Esse campo pode registrar toda orientação teórica relacionada à ortografia, à fonologia e à morfossintaxe do PDL.

#### 8.5.4.4. Acessórios do Programa Línguas

Essa área, que contém atalhos para formulários e aplicativos usados em diferentes bases do programa *Línguas*, não possui link direto da *Área de Trabalho*. Por isso, o acesso só pode ser feito a partir da *Área de Anotações* (seta à direita) ou da *Área de Edição* (seta à esquerda).

FIGURA 61 – JANELA DA ÁREA DE ACESSÓRIOS



Os seis ícones servem para abrir os seguintes materiais:

- *Abreviaturas*, formulário disponível também na maior parte dos formulários do programa *Línguas*.
- *Lista Lexical*, formulário disponível também na *Base Léxico*.
- *Parentesco*, aplicativo disponível também na *Base Fonte*.

- *Cálculo de idade*, aplicativo disponível também na *Base Fonte*.
- *Palavras-chave*, formulário de cadastramento disponível somente aqui.
- *CDU*, formulário disponível também na *Base Bibliografia*.

### Relacionar Item Lexical a uma lista predefinida

É possível relacionar o item lexical cadastrado a uma lista de itens lexicais predefinidos. Essa lista (editável), baseada na proposta de Kaufman, Berlin e Rodrigues (1985),<sup>153</sup> pode ser usada como critério para apresentação dos itens lexicais da *Base Léxico* em, p.ex., materiais lexicográficos.

FIGURA 62 – JANELA DA LISTA LEXICAL

TABELA 66 – CAMPOS DA LISTA LEXICAL

CAMPO	DESCRIÇÃO
Código de Classificação	Código composto por até 4 grupos de dígitos atribuídos a cada item da lista lexical. Os dois primeiros números à esquerda representam a categoria maior. O segundo par representa uma subcategorização. O terceiro par, uma especificação dentro das duas categorias precedentes. O último grupo representa formas variantes.
Categoria	Campo em que se apresenta a categoria gramatical do item lexical.

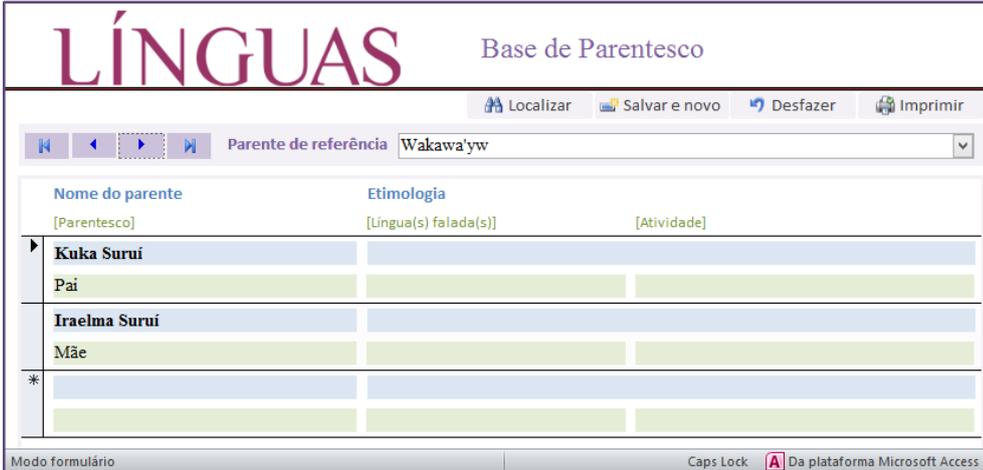
<sup>153</sup> BERLIN, Brent; KAUFMAN, Terrence. Questionnaire. In: \_\_\_\_\_. *Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul*. [South American Indian Languages Documentation Project (SAILDP)]. Pittsburgh & Berkeley: University of Pittsburgh & University of California, 1985. Mimeo. Documento revisado a partir de: BERLIN, Brent; KAUFMAN, Terrence; CARSON, Neusa; RODRIGUES, Aryon. Diagnostic vocabulary. In: \_\_\_\_\_. *Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul*. [South American Indian Languages Documentation Project (SAILDP)]. Berkeley: University of California; Campinas, SP: Unicamp, 1986. Mimeo.

Item lexical (língua-base)	Lista suspensa preenchida à medida que os dados da <i>Base Léxico</i> forem sendo inseridos. Seleciono o item lexical da língua-base correspondente a um item já cadastrado da lista lexical.
Termo em Português	Item lexical, em <i>Português</i> , já cadastrado na lista lexical. Esse item pode ser modificado conforme a proposta do PDL.
Termo em Inglês	Item lexical, em <i>Inglês</i> , já cadastrado na lista lexical. Esse item pode ser modificado conforme a proposta do PDL.
Termo em Espanhol	Item lexical, em <i>Espanhol</i> , já cadastrado na lista lexical. Esse item pode ser modificado conforme a proposta do PDL.
Termo em Francês	Item lexical, em <i>Francês</i> , já cadastrado na lista lexical. Esse item pode ser modificado conforme a proposta do PDL.
Termo Científico	No caso de termos relacionados a animais e plantas, é possível associar um termo científico (geralmente escrito em Latim). Além disso, podem ser associados símbolos físicos, matemáticos ou químicos, p.ex.
Anotação	Campo para anotações relacionadas ao item lexical registrado nesta lista.

## Registros de Parentesco

É nesta área que se podem ser feitos os registros de parentesco das pessoas fontes do conhecimento cadastradas no PDL. Clico sobre o ícone  referente à *Base Parentesco* para acessar a área de cadastramento.<sup>154</sup>

FIGURA 63 – JANELA DE REGISTRO DE PARENTESCO



A imagem mostra a interface de usuário do sistema "LÍNGUAS" para o registro de parentesco. No topo, há o título "LÍNGUAS" e "Base de Parentesco". Abaixo, há uma barra de ferramentas com botões para "Localizar", "Salvar e novo", "Desfazer" e "Imprimir". O formulário principal tem um campo "Parente de referência" com o valor "Wakawa'yw".

Nome do parente	Etimologia	
[Parentesco]	[Língua(s) falada(s)]	[Atividade]
▶ <b>Kuka Surui</b>		
Pai		
<b>Iraelma Surui</b>		
Mãe		
* [ ]		

Na base do formulário, há o texto "Modo formulário" e "Caps Lock". No canto inferior direito, há o aviso "Da plataforma Microsoft Access".

Construído em uma base de vários itens, o formulário *Parentesco* está associado à pessoa fonte de conhecimento e é composto pelos seguintes campos:

<sup>154</sup> Para preencher este formulário, é necessário, antes, ter cadastrado, pelo menos, uma pessoa, que servirá como referência do parentesco. Apesar de ser apresentado como uma base de dados, as informações de parentesco são tratadas, até esta versão do programa, como um item acessório, pois ainda há necessidade de aprofundar a pesquisa em termos de parentesco, a fim de verificar a maneira mais adequada de apresentar essas informações.

TABELA 67 – CAMPOS DO REGISTRO DE PARENTESCO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Parente de referência	Trata-se de uma lista suspensa contendo todos os nomes de pessoas fonte do conhecimento já cadastradas na Base Fonte. O preenchimento deste campo é obrigatório, pois é com ele que se relacionarão todos os itens inseridos nos campos abaixo.
	Botões para <i>Recuar</i> e <i>Avançar</i> a visualização dos registros. Ao selecionar um nome da lista acima, ele será associado aos parentes cadastrados na respectiva lista, por isso, utilize apenas as setas para navegar de um registro a outro.
Nome do parente	Inserir em cada linha de dados (cor azul) o nome de um parente.
Etimologia	Acrescentar, se possível, a etimologia do nome do parente cadastrado no campo anterior.
[Parentesco]	Informar qual o grau de parentesco que o parente mantém com a pessoa fonte de conhecimento de referência.
[Língua(s) falada(s)]	Informar qual ou quais a(s) língua(s) falada(s) pelo parente cadastrado.
[Atividade]	Informar qual ou quais a(s) atividade(s) desse parente.

#### 8.5.4.5. Edição de dados das bases

Ao clicar em um dos três ícones da *Área de Trabalho* do programa *Línguas*, que contêm a figura de um cadeado, abre-se uma janela informando que o acesso à área solicitada é restrito. Assim, é necessário novamente selecionar o nome de um *usuário* e digitar a respectiva *senha*.

FIGURA 64 – PARTE INFERIOR DA JANELA DA ÁREA DE TRABALHO

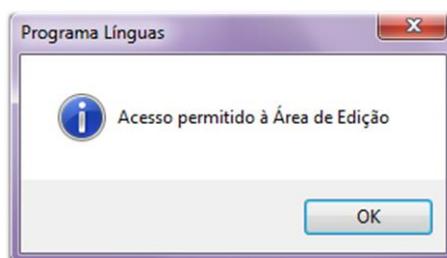


FIGURA 65 – JANELA PARA INSERÇÃO DA SENHA DE ACESSO



Somente usuários com o status de *Administrador* têm permissão para acessar as áreas restritas do programa *Línguas*. Se o usuário tiver permissão para acessar a área de acesso restrito, será mostrada a seguinte janela de informação. Clique em Ok para prosseguir.

FIGURA 66 – JANELA DE AVISO DE PERMISSÃO



Então, abre-se a janela solicitada; neste caso, a *Área de Edição*.

FIGURA 67 – janela principal da área de edição



Nesta área, cada ícone, que representa uma subárea de edição diferente, é identificado com um título, algumas vezes abreviado, que identifica o conteúdo do formulário de edição. Abaixo desse título, há um número que corresponde ao total de registros que a respectiva base já contém, p.ex., *ListaCDU* possui 1912 registros, ao passo que *Palavras-chave* está ainda zerado. Esses valores são atualizados automaticamente à medida que as bases vão recebendo/modificando dados.

Os 30 ícones na *Área de Edição* distribuem-se em seis agrupamentos, que correspondem, grosso modo, ou a bases que contêm dados do próprio programa (p.ex. *ListaIPA* e *ListaCDU*) ou a bases que receberam dados de um PDL (p.ex., *Textos*, *Enunciados*, *Léxico*). Os grupos são:

- GRUPO 1: Projeto, Sons, Fontes, Parentesco e Afixos.
- GRUPO 2: Textos, Enunciados, Léxico, Enciclopédia, Língua.
- GRUPO 3: Corpora, Arquivos, Anotações, Histórico, Tarefas.

- GRUPO 4: Bibliografia, Citação, Linguística, Compara Item, Compara Língua.
- GRUPO 5: ListaCDU, ListaIPA, ListaDomínio, ListaLexical, ListaLínguas.
- GRUPO 6: Propr.Gram., ListaPaíses, Referências, Palavras-chave, Abreviaturas.

#### 8.5.4.5.1. Como editar os dados das bases

Para editar qualquer um dos conteúdos, cliço sobre o ícone desejado e será aberta a respectiva área de edição solicitada. Já que todas as subáreas de edição possuem, de certo modo, a mesma estrutura, descrevo, a título de exemplo, a subárea de Edição da Lista de Códigos CDU.

FIGURA 68 – EXEMPLO DE ÁREA DE EDIÇÃO DE DADOS INSERIDOS EM BASES

The screenshot shows the 'LÍNGUAS' database interface for editing the 'Lista de Códigos CDU'. The page title is 'LÍNGUAS Edição da Lista de Códigos CDU'. At the top, there are navigation buttons (back, forward, search, print) and a 'Localizar' button. Below this, there is a form with two main sections:

1. **Código CDU (Universal Decimal Classification)**: A text input field containing the value '0'.

2. **Domínio**: A text area containing the text: 'CIÊNCIA E CONHECIMENTO. ORGANIZAÇÃO. INFORMÁTICA. INFORMAÇÃO. DOCUMENTAÇÃO. BIBLIOTECONOMIA. INSTITUIÇÕES. PUBLICAÇÕES'.

Below the form is a table with two columns: 'Código CDU' and 'Domínio'. The table lists various CDU codes and their corresponding domain descriptions. The first row is highlighted in blue.

Código CDU	Domínio
0	CIÊNCIA E CONHECIMENTO. ORGANIZAÇÃO. INFORMÁTICA. INFORMAÇÃO. DOCUMENTAÇÃO. BIBLIOTECONOMIA. INSTITUIÇÕES. PUBLICAÇÕES
00	Prolegômenos. Fundamentos do conhecimento e da cultura. Propedêutica
001	Ciência e conhecimento em geral. Organização do trabalho intelectual
001.1	Conceitos da ciência e do conhecimento
001.18	Futuro do conhecimento
001.32	Sociedades eruditas, científicas. Academias
001.8	Metodologia
001.89	Organização da ciência e do trabalho científico
001.9	Disseminação das ideias
002	Documentação. Livros. Escritos. Autoria
003	Sistemas de escrita e escritas
003.01/.09	Subdivisões auxiliares especiais para sistemas de escrita e escritas
003.01	Origens, precursores da escrita. Formas primitivas de escrita

At the bottom of the table, there is a status bar showing 'Registro: 1 de 1913' and a 'Pesquisar' button.

Essa subárea contém botões de navegação (recuar e avançar registros), um botão localizar e um botão imprimir.

O formulário divide-se em duas partes: a primeira contém os campos com os dados apresentados em sincronia; a segunda, sob a forma de uma tabela, contém os mesmos dados ordenados em colunas e linhas.

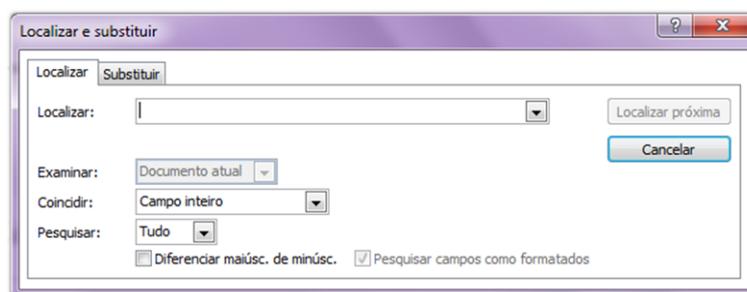
Além disso, os campos deste formulário correspondem aos mesmos campos encontrados nos formulários de cadastramento de dados.

Na base do formulário há um campo de registro, em que são apresentados novamente botões de navegação, total de registro e campo de pesquisa rápida.

#### 8.5.4.5.2. Como pesquisar dados em um formulário de edição

Para iniciar uma pesquisa de dados em um formulário de edição, clico sobre o botão . Abre-se, em seguida, uma caixa de diálogo:

FIGURA 69 – CAIXA DE DIÁLOGO PARA LOCALIZAÇÃO OU SUBSTITUIÇÃO DE DADOS no programa línguas



Clico no campo *Localizar* e digito a palavra a ser pesquisada. Em seguida, clico em *Localizar próxima*. Para ampliar as possibilidades da pesquisa, altere a informação do campo *Coincidir* de *Campo inteiro* para *Qualquer parte do campo*.

Não modifique os campos *Pesquisar*, que, por padrão, já pesquisa tanto registros *acima* quanto *abaixo* do local da lista. Se necessário, é possível ainda estabelecer como critério de busca a opção *Diferenciar maiúsc. de minúsc.*

#### 8.5.4.6. Produzindo materiais com os dados das bases

Uma vez cadastrado um PDL e iniciada a inserção de dados linguísticos, o programa Línguas disponibiliza a função de criação de materiais.

Para acessar a *Área de Materiais*, à semelhança do acesso à *Área de Edição*, também será solicitado ao usuário que insira uma senha válida, a não ser que, utilizando as setas laterais, haja o deslocamento de uma área restrita para outra, neste caso, não é solicitada senha alguma.

Nessa área, há seis ícones, correspondentes a diferentes tipos de conteúdos dos dados linguísticos do PDL para criação de diferentes materiais: Projeto e anotações, Bibliografia e Citação, Textos e Enunciados, Enciclopédias, Comparação e Notas. A seguir, apresento cada uma dessas possibilidades.

FIGURA 70 – JANELA DA ÁREA DE MATERIAIS



#### 8.5.4.6.1. Projeto e Anotações

Nesta pasta podem ser gerados materiais com os dados armazenados nas bases Projeto, Som, Fonte, Arquivos, Corpus e Parentesco, Anotações, Histórico e Tarefas. Clico sobre o ícone  referente à pasta *Projetos e Anotações* para acessar a área de criação.

Dependendo do conteúdo e da natureza dos dados, há mudanças na forma de apresentação do material produzido, p.ex., referências bibliográficas podem ser apresentadas numa lista simples, enquanto os dados lexicais podem ser organizados em um dicionário.

Cada pasta contém 8 caixas coloridas, cada uma com informações específicas para construir um material baseado nos dados das respectivas bases. As informações estão dispostas da seguinte maneira:

- No topo da caixa, há informação sobre o tipo de ordenamento dos dados na saída do material, p.ex. *ordem alfabética, ordem de cadastramento*.
- Ao lado da figura, o título em negrito indica a base de onde serão extraídos os dados para criação do material.
- No centro, há duas linhas de informações: a primeira indica o formato de saída do material criado, p.ex. DOC (documento do MS Word) e A4 (tamanho da página do

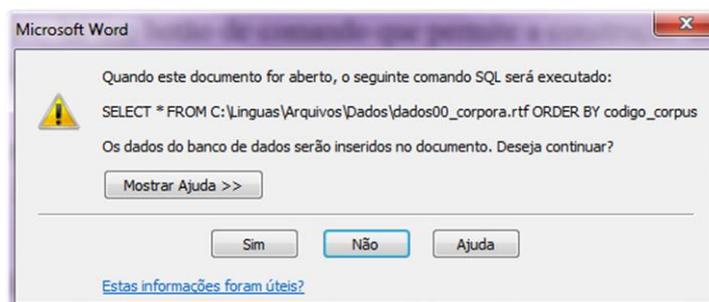
documento); e a segunda, o conteúdo específico do material criado, p.ex., *Dados completos* (significa que todas as informações cadastradas na respectiva base estarão disponíveis no documento) ou há uma descrição de que parte do conteúdo da base estará disponível, p.ex. *História das Pessoas*.

- Na parte inferior, há um botão de comando que permite a construção do material descrito na caixa onde ele está situado.

Ao clicar sobre o botão **Construir**, o programa Línguas abrirá automaticamente o programa MS Word 2010, no qual cruzará os dados da respectiva base e construirá o material solicitado.

O MS Word 2010 solicitará uma permissão de acesso, já que, para construir o material, será utilizado um banco de dados tipo SQL inserido em um documento do Word. Pressiono *Sim* e aguardo a conclusão do processo.

FIGURA 71 – JANELA DO MICROSOFT WORD PARA PERMISSÃO DO USO DE BANCO DE DADOS EXTERNO



A seguir, descreveremos cada um dos materiais contidos nesta pasta:

FIGURA 72 – janela de área para produção de materiais: PROJETOS



TABELA 68 – ABA PROJETO

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Projeto</i>	Ordem cadastramento	Dados completos do PDL.
<i>Fonte</i>	Ordem alfabética	Dados completos de todas as pessoas fontes de referência.
<i>Fonte</i>	Ordem alfabética	Dados sobre a <i>história</i> das pessoas fontes de referência.
<i>Parentesco</i>	Ordem alfabética	Dados completos sobre o <i>parentesco</i> .
<i>Som</i>	Ordem cadastramento	Dados completos de todos os sons.
<i>Som</i>	Ordem cadastramento	Descrição dos sons cadastrados na base.
<i>Corpus</i>	Ordem cadastramento	Dados completos sobre os corpora.
<i>Corpus</i>	Ordem referências	Dados completos sobre os corpora.

TABELA 69 – ABA ANOTAÇÕES

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Arquivos</i>	Ordem código	Dados completos dos <i>arquivos</i> .
<i>Arquivos</i>	Ordem cadastramento	Dados completos dos <i>arquivos</i> .
<i>Anotações</i>	Ordem cadastramento	Dados sobre as <i>anotações</i> .
<i>Anotações</i>	Ordem data inversa	Dados sobre as <i>anotações</i> .
<i>Histórico</i>	Ordem cadastramento	Dados sobre o <i>histórico do Projeto</i> .
<i>Histórico</i>	Ordem data inversa	Dados sobre o <i>histórico do Projeto</i> .
<i>Tarefas</i>	Ordem cadastramento	Dados sobre as <i>tarefas relacionadas ao Projeto</i> .
<i>Tarefas</i>	Ordem data inversa	Dados sobre as <i>tarefas relacionadas ao Projeto</i> .

#### 8.5.4.6.2. Bibliografia e Citação

Nesta pasta podem ser gerados materiais com os dados armazenados nas bases *Bibliografia e Citação* do PDL. Clico sobre o ícone  referente à pasta *Bibliografia e Citação* para acessar a área de criação.

TABELA 70 – ABA BIBLIOGRAFIA E CITAÇÃO

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Bibliografia</i>	Ordem sobrenome autor	Dados completos de <i>bibliografias</i> .
<i>Bibliografia</i>	Ordem de CDU	Apresentação das <i>referências com CDU</i> .
<i>Bibliografia</i>	Ordem por tipo	Apresentação somente de <i>referências</i> .
<i>Bibliografia</i>	Ordem sobrenome autor	Apresentação somente de <i>referências</i> .
<i>Citação</i>	Ordem cadastro	Dados completos de <i>citações</i> .
<i>Citação</i>	Ordem sobrenome autor	Dados completos de <i>citações</i> .

<i>Citação</i>	Ordem sobrenome autor	Apresentação somente de <i>citações com as respectivas referências</i> .
<i>Citação</i>	Ordem palavras-chave	Apresentação somente de <i>citações com as respectivas referências</i> .

FIGURA 73 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: BIBLIOGRAFIA



#### 8.5.4.6.3. Textos e Enunciados

Nesta pasta podem ser gerados materiais com os dados armazenados nas bases *Texto* e *Enunciados*. Clico sobre o ícone  referente à pasta *Textos e Enunciados* para acessar a área de criação.

O conteúdo desta janela está dividido em duas partes: a superior contém as opções de geração de materiais baseados em *Textos*, e a parte inferior, as de *Enunciados*.

FIGURA 74 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: TEXTOS E ENUNCIADOS



TABELA 71 – ABA TEXTOS E ENUNCIADOS

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Textos</i>	Ordem cadastramento	Dados completos de <i>textos</i> .
<i>Textos</i>	Ordem cadastramento	Apresentação somente de <i>títulos e textos</i> .
<i>Textos</i>	Ordem gênero textual	Apresentação somente de <i>títulos e textos</i> .
<i>Textos</i>	Ordem palavras-chave	Apresentação somente de <i>títulos e textos</i> .
<i>Enunciados</i>	Ordem cadastramento	Dados completos de <i>enunciados</i> .
<i>Enunciados</i>	Ordem palavras-chave	Dados completos de <i>enunciados</i> .
<i>Enunciados</i>	Ordem cadastramento	Apresentação somente de <i>enunciados</i> .
<i>Enunciados</i>	Ordem palavras-chave	Apresentação somente de <i>enunciados</i> .

#### 8.5.4.6.4. Dicionários

O programa Línguas permite a construção automática de dicionários baseados nos dados cadastrados na *Base Léxico*. Clico sobre o ícone  referente à pasta *Dicionários* para acessar a área de criação.

Por padrão pré-estabelecido para este projeto, todos os dicionários gerados no programa possuem macroestruturas baseadas na ordem alfabética seja dos itens lexicais seja de algum dos marcadores (ver *Marcadores* da *Base Léxico*). A forma de saída desses dicionários é também como Documento do Word (.doc), em página tamanho A4 (21 x 29,7cm) dividida em duas colunas.

Quanto à microestrutura, há variações conforme o tipo de dicionário construído. Por isso, se o dicionário for monolíngue, constarão apenas definições e exemplos da língua-base do PDL cadastrado. Já se ele for bilíngue, deverão constar dados da língua-base seguidos dos respectivos dados da segunda língua cadastrada na *Base Projeto*.

A seguir, apresento um exemplo da microestrutura de um dicionário monolíngue criada pelo programa Línguas:

<p>itemlexical_registrado<sup>indicadordehomínia</sup> (variação) [transcrição fonética] /forma fonológica/  <i>propr.gramatical_1</i> Definição1a Língua1, Exemplo1a Língua1, Exemplo2a Língua1,  Exemplo3a Língua1; <i>propr.gramatical_2</i> Definição2b Língua1, Exemplo1b Língua1,  Exemplo2b Língua1, Exemplo3b Língua1; <i>propr.gramatical_3</i> Definição3c Língua1,  Exemplo1c Língua1, Exemplo2c Língua1, Exemplo3c Língua1. ■ <i>Tipo referência cruzada 1</i>  Conteúdo da referência cruzada 1; <i>Tipo referência cruzada 2</i> Conteúdo da referência cruzada 2;  <i>Tipo referência cruzada 3</i> Conteúdo da referência cruzada 3; <i>Tipo referência cruzada 4</i>  Conteúdo da referência cruzada 4; <i>Tipo referência cruzada 5</i> Conteúdo da referência cruzada 5.  ♦ <i>Abrev. Domínio terminologia 1</i> Definição 1; <i>Abrev. Domínio terminologia 2</i> Definição 2;  <i>Abrev. Domínio terminologia 3</i> Definição 3; <i>Abrev. Domínio terminologia 4</i> Definição 4.  (<i>Termo científico</i>).</p>
---

FIGURA 75 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: ABA 1



TABELA 72 – ABA DICIONÁRIOS L1/L2

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Léxico</i>	Ordem item registrado	Dicionário com dados somente em L1
<i>Léxico</i>	Ordem raiz	Dicionário com dados somente em L1
<i>Léxico</i>	Ordem divisão silábica	Dicionário com dados somente em L1
<i>Léxico</i>	Ordem propried.gramat.	Dicionário com dados somente em L1
<i>Léxico</i>	Ordem item registrado	Dicionário com dados em L1 → L2
<i>Léxico</i>	Ordem raiz	Dicionário com dados em L1 → L2
<i>Léxico</i>	Ordem divisão silábica	Dicionário com dados em L1 → L2
<i>Léxico</i>	Ordem propried.gramat.	Dicionário com dados em L1 → L2

Todos os dicionários gerados nesta aba têm a língua-base na entrada do verbete, seja na forma de item lexical completo (ordem item registrado), de raiz do item lexical (ordem raiz), de item lexical dividido silabicamente (ordem divisão silábica) ou de propriedade gramatical do item lexical (ordem propried.gramat.).

TABELA 73 – ABA DICIONÁRIOS L1 MARC.

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pelo item lexical completo)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pela raiz do item lexical)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 2	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pelo item lexical completo)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 2	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pela

		raiz do item lexical)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 3	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pelo item lexical completo)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 3	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pela raiz do item lexical)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 4	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pelo item lexical completo)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 4	Dicionário com dados somente em L1 (entrada pela raiz do item lexical)

Para gerar adequadamente dicionários com ordenamento de itens lexicais baseados em classificação de marcadores, é necessário que todos os itens lexicais cadastrados na Base Léxico tenham recebido os respectivos marcadores.

TABELA 74 – ABA DICIONÁRIOS L1/L2 MARC.

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pelo item lexical completo da língua-base)
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pela raiz do item lexical da língua-base)
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 2	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pelo item lexical completo da língua-base)
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 2	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pela raiz do item lexical da língua-base)
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 3	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pelo item lexical completo da língua-base)
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 3	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pela raiz do item lexical da língua-base)
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 4	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pelo item lexical completo da língua-base)
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 4	Dicionário com dados em L1 e L2 (entrada pela raiz do item lexical da língua-base)

TABELA 75 – ABA DICIONÁRIOS L1/L2/L3/L4

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Léxico</i>	Ordem item registrado	Dicionário com dados em L1 → L2/L3
<i>Léxico</i>	Ordem raiz	Dicionário com dados em L1 → L2/L3
<i>Léxico</i>	Ordem divisão silábica	Dicionário com dados em L1 → L2/L3
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados em L1 → L2/L3
<i>Léxico</i>	Ordem item registrado	Dicionário com dados em L1 → L2/L3/L4

<i>Léxico</i>	Ordem raiz	Dicionário com dados em L1 → L2/L3/L4
<i>Léxico</i>	Ordem divisão silábica	Dicionário com dados em L1 → L2/L3/L4
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados em L1 → L2/L3/L4

Nos dicionários criados nesta aba do programa, apenas as duas primeiras línguas (L1 e L2) possuem item lexical acompanhados das respectivas definições e exemplos; quanto às demais línguas (L3 e L4), serão registrados somente os itens lexicais correspondentes.

TABELA 76 – ABA DICIONÁRIOS L2/L1/L3/L4

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Léxico</i>	Ordem alfabética	Dicionário com dados em L2 → L1
<i>Léxico</i>	Ordem propried.gramat.	Dicionário com dados em L2 → L1
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados em L2 → L1
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 3	Dicionário com dados em L2 → L1
<i>Léxico</i>	Ordem alfabética	Dicionário com dados em L2 → L1/L3
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados em L2 → L1/L3
<i>Léxico</i>	Ordem alfabética	Dicionário com dados em L2 → L1/L3/L4
<i>Léxico</i>	Ordem marcadores 1-2	Dicionário com dados em L2 → L1/L3/L4

TABELA 77 – ABA DICIONÁRIOS DADOS COMPLETOS

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Léxico</i>	Ordem propried.gramat.	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .
<i>Léxico</i>	Ordem propried.gramat.	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 3	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .
<i>Léxico</i>	Ordem marcador 3	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .
<i>Léxico</i>	Ordem alfabética (item)	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .
<i>Léxico</i>	Ordem alfabética (raiz)	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .
<i>Léxico</i>	Ordem alfabética (item)	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .
<i>Léxico</i>	Ordem alfabética (raiz)	Listagem com dados completos cadastrados na <i>Base Léxico</i> .

TABELA 78 – ABA AFIOS

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Afixos</i>	Ordem alfabética	Lista de dados completos somente em L1.
<i>Afixos</i>	Ordem tipo/natureza	Lista de dados completos somente em L1.
<i>Afixos</i>	Ordem alfabética	Lista de dados completos somente em L1 (com estrutura de verbetes).
<i>Afixos</i>	Ordem tipo/natureza	Lista de dados completos somente em L1 (com

		estrutura de verbetes).
<i>Afixos</i>	Ordem alfabética	Lista de dados completos em L1 → L2.
<i>Afixos</i>	Ordem tipo/natureza	Lista de dados completos em L1 → L2.
<i>Afixos</i>	Ordem alfabética	Lista de dados completos em L1 → L2 (com estrutura de verbetes).
<i>Afixos</i>	Ordem tipo/natureza	Lista de dados completos em L1 → L2 (com estrutura de verbetes).

#### 8.5.4.6.5. Enciclopédias

Nesta pasta podem ser gerados materiais com os dados armazenados na base *Enciclopédia*. Clico sobre o ícone  referente à pasta *Enciclopédias* para acessar a área de criação.

FIGURA 76 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: ENCICLOPÉDIAS



TABELA 79 – ABA dados de enciclopédia

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Enciclopédia</i>	Ordem item registrado	Ficha de dados completos somente em L1.
<i>Enciclopédia</i>	Ordem alfabética	Ficha de dados completos somente em L1.
<i>Enciclopédia</i>	Ordem item registrado	Lista de itens numerados somente em L1.
<i>Enciclopédia</i>	Ordem alfabética	Lista de itens numerados somente em L1.
<i>Enciclopédia</i>	Ordem alfabética	Enciclopédia com verbete estruturado em L1.
<i>Enciclopédia</i>	Ordem alfabética	Enciclopédia com verbete estruturado em L2.
<i>Enciclopédia</i>	Ordem alfabética	Enciclopédia com verbete estruturado de L1 → L2.
<i>Enciclopédia</i>	Ordem alfabética	Enciclopédia com verbete estruturado de L1 → L2 (sem nota complementar).

#### 8.5.4.6.6. Comparação e Notas

Nesta pasta podem ser gerados materiais com os dados armazenados nas bases *Comparação de itens lexicais (línguas diferentes)* e *Notas Linguísticas* do PDL. Clico sobre o ícone  referente à pasta *Comparação e Notas* para acessar a área de criação.

FIGURA 77 – JANELA DE ÁREA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAIS: COMPARAÇÃO DE LÍNGUAS E NOTAS LINGUÍSTICAS



TABELA 80 – ABA COMPARAÇÃO DE LÍNGUAS E NOTAS LINGUÍSTICAS

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Comparação de itens lexicais (línguas diferentes)</i>	Ordem cadastramento	Dados completos de <i>comparações de itens lexicais (línguas diferentes)</i> .
<i>Comparação de itens lexicais (línguas diferentes)</i>	Ordem alfabética	Dados completos de <i>comparações de itens lexicais (línguas diferentes)</i> .
<i>Comparação de itens lexicais (línguas diferentes)</i>	Ordem alfabética	Apresentação somente de <i>itens lexicais com respectivas definições</i> .
<i>Comparação de itens lexicais (línguas diferentes)</i>	Ordem alfabética	Apresentação somente de <i>itens lexicais com respectivas etimologias</i> .
<i>Notas Linguísticas</i>	Ordem cadastramento	Dados completos de <i>notas linguísticas</i> .
<i>Notas Linguísticas</i>	Ordem natureza	Dados completos de <i>notas linguísticas</i> .
<i>Notas Linguísticas</i>	Ordem área	Dados completos de <i>notas linguísticas</i> .
<i>Notas Linguísticas</i>	Ordem assunto	Dados completos de <i>notas linguísticas</i> .

TABELA 81 – ABA COMPARAÇÃO ITENS

BASE	ORDENAMENTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
<i>Comparação de itens lexicais (mesma língua)</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com outro registro (mesma língua).
<i>Comparação de itens</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com

<i>lexicais (mesma língua)</i>		outros dois registros (mesma língua).
<i>Comparação de itens lexicais (mesma língua)</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com outros três registros (mesma língua).
<i>Comparação de itens lexicais (mesma língua)</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com outros quatro registros (mesma língua).
<i>Comparação de itens lexicais (mesma língua)</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com outros cinco registros (mesma língua).
<i>Comparação de itens lexicais (mesma língua)</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com outros seis registros (mesma língua).
<i>Comparação de itens lexicais (mesma língua)</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com outros sete registros (mesma língua).
<i>Comparação de itens lexicais (mesma língua)</i>	Ordem alfabética	Comparação do item lexical base com outros sete registros (mesma língua). (apenas itens).

#### 8.5.4.7. Segurança dos dados

A última área do programa Línguas é a *Área de Segurança*, na qual é possível definir as configurações de acesso ao sistema do PDL, bem como gerar cópias de segurança de todos os dados já cadastrados.

FIGURA 78 – JANELA PRINCIPAL DA ÁREA DE SEGURANÇA

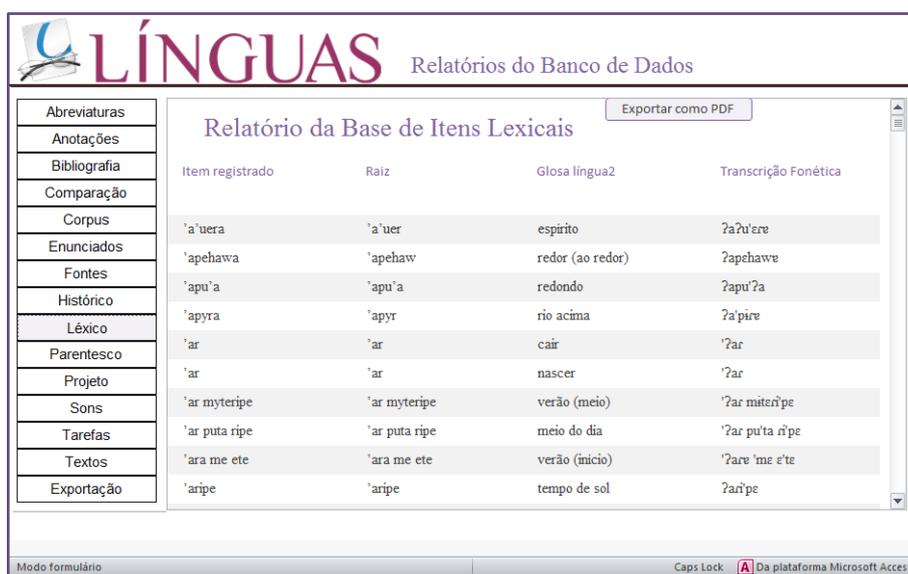


Nessa área, há cinco ícones, correspondentes a ferramentas para gerenciamento de usuários e a segurança de dados do PDL em desenvolvimento. A seguir, apresento cada uma dessas ferramentas.

#### 8.5.4.7.1. Relatórios

O programa Línguas possui a opção de gerar *Relatórios* para exibição resumida de dados cadastrados nas bases do PDL. Clico sobre o ícone  referente à pasta *Relatórios* para acessar a área de criação.

FIGURA 79 – ÁREA PARA VISUALIZAÇÃO DE RELATÓRIOS DO PROGRAMA LÍNGUAS



Item registrado	Raiz	Glosa língua2	Transcrição Fonética
'a'uera	'a'uer	espírito	?a?u'ere
'apehawa	'apehaw	redor (ao redor)	?apehaw
'apu'a	'apu'a	redondo	?apu?a
'apyra	'apyr	rio acima	?a'pire
'ar	'ar	cair	'?ar
'ar	'ar	nascer	'?ar
'ar myteripe	'ar myteripe	verão (meio)	'?ar miteri'pe
'ar puta ripe	'ar puta ripe	meio do dia	'?ar pu'ta ri'pe
'ara me ete	'ara me ete	verão (início)	'?are 'me e'te
'aripe	'aripe	tempo de sol	?ari'pe

À esquerda da página há uma lista de botões rotulados com os nomes de diferentes bases, clico sobre qualquer um deles e os dados já cadastrados serão relacionados na área maior à direita da tela.

É possível exportar no formato PDF os dados apresentados em cada relatório. Para isso, clico sobre o botão , situado na parte superior direita de cada relatório selecionado.

À medida que os dados forem sendo inseridos nas bases, os relatórios serão automaticamente atualizados.

#### Exportação de relatórios

Todos os *Relatórios* podem ser exportados, além do formato PDF, em outros 8 diferentes formatos de arquivo, são eles: *Arquivo de Texto* (\*.txt), *Formato Instantâneo* (\*.snp), *Formato Rich Text* (\*.rtf), *Formato XPS* (\*.xps), *HTML* (\*.htm; \*.html), *Pasta de*

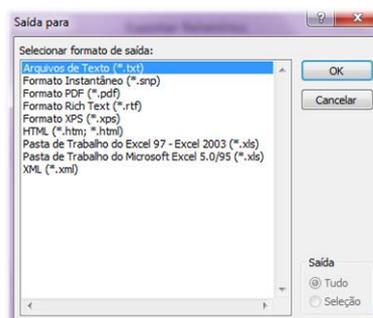
*Trabalho do Excel 97 - Excel 2003 (\*.xls), Pasta de Trabalho do Microsoft Excel 5.0/95 (\*.xls) e XML (\*.xml).*

FIGURA 80 – OPÇÕES PARA EXPORTAÇÃO DOS RELATÓRIOS



Clico sobre o botão rotulado com as denominações das diferentes bases do programa Línguas e em seguida será aberta a seguinte janela:

FIGURA 81 – OPÇÕES DE TIPOS DE DOCUMENTOS PARA EXPORTAÇÃO DOS RELATÓRIOS



Seleciono o formato de saída do arquivo (exportação) e clico sobre o botão OK. Uma nova janela será aberta, agora para definir em que local do computador o arquivo gerado referente ao *Relatório* deve ser armazenado. Após selecionar a pasta, clico em OK para finalizar a operação.

#### 8.5.4.7.2. Exportar tabelas

O programa Línguas dispõe de outro recurso para Cópia de Segurança dos dados do PDL: a exportação direta das tabelas de armazenamento do banco de dados. Clico sobre o ícone  referente a *Exportar tabelas* para acessar a área de criação.

FIGURA 82 – EXPORTAÇÃO DE DADOS NO FORMATO DE TABELAS DO EXCEL



Essa exportação gera arquivos do tipo Pasta de Trabalho do Excel que contêm todos os dados já cadastrados nas diferentes bases. Para gerar um arquivo, clico sobre qualquer um dos 28 botões disponíveis nesta janela. O programa Microsoft Office Excel (97 ou superior) será aberto automaticamente e exibirá todos os dados dispostos em uma tabela.<sup>155</sup>

#### 8.5.4.7.3. Cópia de Segurança

Os dados registrados em um PDL representam não apenas o esforço de um trabalho de reunião de informações dispersas em um único lugar, mas são, antes de tudo, produtos de um longo e difícil exercício de reflexão teórica de prática de análise e sistematização.

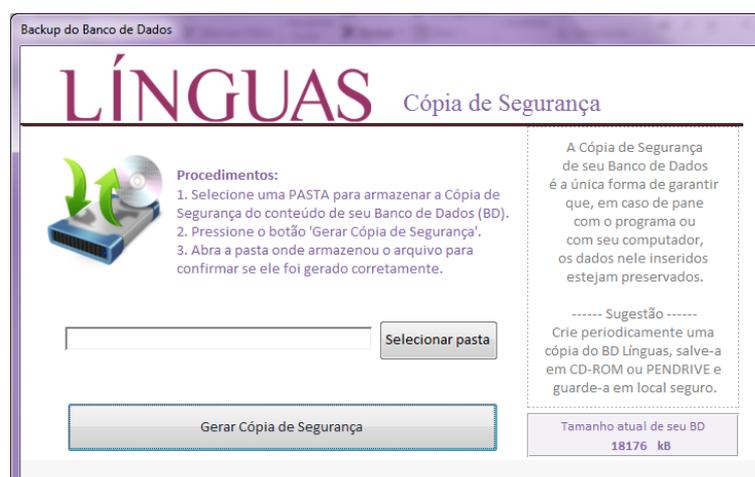
Dessa forma, é desejável manter todos esses dados já produzidos sempre em segurança, contra eventuais perdas ou, até mesmo, mal funcionamento de um sistema informatizado.

Por isso, inseri uma ferramenta no programa Línguas que permite assegurar a integridade dos dados do PDL por meio de um recurso de cópias de segurança de toda a matriz do banco de dados.

Para acessar essa ferramenta, clico, então, sobre o ícone  referente à *Cópia de segurança*.

<sup>155</sup> Por padrão, todos os arquivos gerados nesta área serão armazenados na pasta C:\Linguas\Exportados.

FIGURA 83 – ÁREA PARA GERAÇÃO DA CÓPIA DE SEGURANÇA



Em seguida, clicando sobre o botão *Selecionar Pasta*, é possível escolher uma pasta dentro do computador ou dentro de um dispositivo de armazenamento externo, como um *pendrive* ou HD Externo (recomendável). Uma vez selecionada a pasta de destino do arquivo, pressionar o botão *Gerar Cópia de Segurança*. Se a cópia do banco de dados for gerada corretamente, será mostrada a seguinte mensagem: “Cópia de segurança criada com sucesso. Verifique a pasta selecionada para confirmar”.

Um arquivo gerado como *Cópia de segurança* no programa *Línguas* recebe, na pasta de destino, a denominação *linguas\_backup\_20131104*, sendo estes números relativos à data de criação do arquivo (neste caso, 04 de novembro de 2013).<sup>156</sup> Além disso, esses arquivos de backup não contêm uma extensão definida, ficando como ‘pastas em branco’. Em caso de necessidade de utilizá-los para substituir alguma versão do programa *Línguas* que esteja corrompida, eles devem receber a extensão *.accdr* logo após o último dígito de data do nome do arquivo. Feito este processo, esse arquivo pode ser utilizado normalmente para acessar o banco de dados.

#### Tamanho do Banco de Dados

Ainda nesta janela de *Cópia de Segurança*, há uma informação sobre o *Tamanho atual do BD*. Esse tamanho corresponde ao espaço já ocupado de armazenamento de dados no programa.<sup>157</sup>

<sup>156</sup> Abra a pasta escolhida para armazenar o arquivo da cópia de segurança para se certificar que ele foi de fato criado.

<sup>157</sup> Como o programa não incorpora diretamente em sua estrutura os arquivos de dados como áudios e vídeos, toda a capacidade de armazenamento fica reservada a apenas informações alfanuméricas, que, mesmo sendo extensas, no caso de textos longos, ocupam pouco espaço no banco de dados.

#### 8.5.4.7.4. Usuários

É nesta área que são cadastrados todos os usuários do programa Línguas e também definidos os níveis de acesso de cada um deles. Clico sobre o ícone  referente a *Usuários* para acessar a área de cadastramento.<sup>158</sup>

A área de *Usuários* é composta por duas abas, descritas a seguir:

FIGURA 84 – ÁREA PARA CONFIGURAÇÃO DO REGISTRO DE USUÁRIOS DO PROGRAMA LÍNGUAS



TABELA 82 – ABA 1: DADOS DO USUÁRIO

CAMPO	DESCRIÇÃO
Nível de Acesso	Lista suspensa (não editável) que contém os dois níveis de acesso possíveis no programa Línguas: <i>Administrador</i> e <i>Usuário</i> . O primeiro tem acesso livre a todas as áreas do programa, podendo, inclusive, excluir e exportar dados e também gerenciar usuários; ao passo que o segundo, pode apenas cadastrar dados, sem acesso às áreas restritas do sistema.
Função	Campo para especificar a função que a pessoa exerce dentro do PDL. Cabe a cada Projeto estabelecer as suas respectivas funções.
Nome de Usuário	Esse <i>nome de usuário</i> é o que aparecerá nas listas das áreas de acesso do programa. Por isso, evite cadastrar um mesmo nome de usuário para duas ou mais pessoas.
Código de Segurança	O acesso ao sistema só será permitido mediante a inserção de uma senha (código de segurança). Sugestão: Escolho uma senha que tenha algum grau de dificuldade, a fim de garantir a segurança dos dados. O

<sup>158</sup> Antes de realizar qualquer alteração dos dados de usuários cadastrados nesta área, principalmente os dados do Administrador do programa, faça uma Cópia de Segurança de todo o banco de dados, pois, caso haja algum problema nessas modificações, como esquecimento da nova senha ou da palavra-código de acesso, tenho como restaurar as informações do banco de dados.

	programa Línguas permite, no campo de código de segurança, a utilização de letras e número variados, além de símbolos, tais como #@\$*%=-.
Nome	Campo para informar dados do usuário, neste caso, o nome completo da pessoa.
Endereço	Informar o endereço do usuário.
CEP	Código de Endereçamento Postal (8 dígitos).
Cidade	Registrar a cidade onde a pessoa reside.
Estado	Registrar o Estado ou Província correspondente.
País	Indicar o país de residência da pessoa.
E-mail	Informar, pelo menos, uma conta de e-mail do usuário cadastrado.
Tel. Resid.	Informar o telefone fixo da pessoa, com DDD.
Tel. Celular	Informar o telefone móvel da pessoa, com DDD.
Foto do Usuário	É possível inserir uma fotografia do usuário cadastrado.

#### Cadastrar Pergunta de Segurança para Recuperação de Senha

Em caso de esquecimento/perda da senha de acesso, o Administrador do sistema pode recuperar esse código utilizando uma *Pergunta de Segurança*. Por isso, ao se cadastrar como usuário, o Administrador deve criar uma pergunta de segurança na *Base de Redefinição de Senhas*, cujo atalho fica na parte inferior direita da pasta *Usuários (Área de Segurança)*.

Para acessar essa base, clico sobre o botão  Pergunta de Segurança para recuperação de senha e, em seguida, será aberta a seguinte janela:

FIGURA 85 – JANELA PARA INSERÇÃO DA PERGUNTA DE SEGURANÇA PARA REDEFINIÇÃO DE SENHAS

Escolho uma *Pergunta de Segurança* e a digito no primeiro campo de texto. No campo seguinte, insiro a *Resposta* correspondente à pergunta. Defini que o acesso seria restrito podendo ser efetuado apenas pelo administrador do sistema.

À esquerda destes campos de texto, os três botões permitem, respectivamente, salvar, adicionar ou excluir uma pergunta desta base.

TABELA 83 – ABA 2: FICHA COMPLEMENTAR

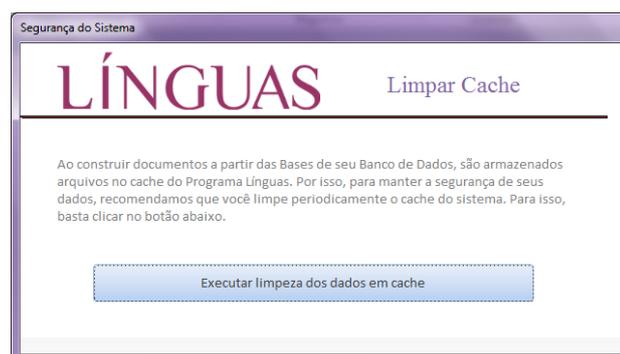
CAMPO	DESCRIÇÃO
Titulação	Informar neste campo a maior titulação acadêmica do usuário cadastrado.
Vinculado à Instituição	Caso o usuário tenha algum tipo de vínculo institucional (com uma universidade, p.ex.), informar neste campo o nome da instituição.
Página Web Instituição	Se for cadastrada uma instituição, informar qual é o endereço eletrônico do usuário na internet.
Tel. Instituição	Informar o telefone da instituição.
Anotações	Se necessário, acrescentar outras informações acerca da instituição e/ou do vínculo institucional mantido pelo usuário.
Data de ingresso no Projeto	Informar a data em que o usuário passou a fazer parte da equipe do PDL.
Responsável pelo cadastro do Usuário	Lista suspensa para seleção do nome do responsável pelo cadastro do Usuário no programa Línguas.

#### 8.5.4.7.5. Limpar cache

Ao construir documentos a partir das bases do programa Línguas, são armazenados arquivos numa pasta do computador (cache). Por isso, para manter a segurança dos dados, realizo a limpeza periódica dessa pasta de cache. Clico sobre o ícone  referente a *Limpar Cache* para acessar esta ferramenta.

Ao abrir a seguinte janela, pressiono o botão *Executar limpeza dos dados em cache*. A janela se fecha e volta imediatamente para a *Área de Segurança*.

FIGURA 86 – JANELA PARA LIMPEZA DE CACHE



## 8.6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS

Ao concluir a apresentação desse programa de computador, desenvolvido com um fim específico de colaborar com o trabalho do pesquisador de línguas indígenas, é fundamental reafirmar que o uso desse programa requer, antes, que exista um projeto de documentação de língua(s) a ser documentada e, dentro dele, esteja previsto o uso desse recurso computacional.

Outra observação importante sobre esse programa é que, apesar de ter sido usado ao longo do trabalho desta tese, ainda requer mais testes por outros pesquisadores, a fim de que não apenas esteja livre de problemas técnicos, mas, principalmente, que consiga atender adequadamente às demandas de cada projeto em que ele for utilizado.

Como esse programa ainda é todo baseado em uma máquina para que funcione, acredito que a próxima etapa de seu desenvolvimento deve ser planejada no sentido de permitir o seu uso na Web, o que facilitaria bastante o acesso a ele.

## 9 MODELOS LEXICOGRÁFICOS PARA A LÍNGUA SURUÍ

No capítulo 7 desta tese, apresentei as várias formas de organização das macroestruturas e microestruturas de obras lexicográficas já produzidas para as línguas indígenas brasileiras ao longo de quase cinco séculos. Baseando-me nessas formas, apresento a seguir um conjunto de modelos depreendidos, em parte, dessa pesquisa, mas, ao mesmo tempo, proponho formas diferenciadas de organização para esses materiais. É necessário destacar que todas essas propostas foram construídas utilizando dados armazenados no PDL para a língua Suruí, organizado e armazenado no Programa Línguas (cf. capítulo 8).

Uma última observação antes de passar à apresentação dos modelos: não pretendo contestar as diferentes tipologias para a classificação dos tipos de obras lexicográficas apresentadas por vários pesquisadores, ao longo das décadas, mas apenas apresentar de forma sistematizada propostas que colaborem com a reflexão acerca da caracterização de obras lexicográficas.

### 9.1. MODELOS BASEADOS NA MICROESTRUTURA

Na descrição das microestruturas das UBL's das línguas indígenas brasileiras (cf. subseção 7.2.1.4), identifiquei 14 tipos básicos, cada um deles podendo constituir modelos diferentes, conforme demonstro a seguir.

#### 9.1.1. Modelo M

Esse modelo constitui a forma mais básica de apresentação de dados com uma única língua, ou seja, com a EML composta pela estrutura básica L. Contudo, mesmo aparentando ser uma forma muito simples, esse modelo resulta de uma série de decisões de quem o produziu, ou seja, ele pode conter desde os poucos dados linguísticos coletados junto a um lembrador de sua língua (neste caso, é comumente denominado *lista* ou *lista de palavras*) até mesmo as extensas compilações de dados (neste caso, pode receber o nome de *vocabulário*, p.ex.); ele pode ser apresentado em ordem alfabética ou separado por grupos de temas; pode ser numerado ou não, apresentar escrita ortográfica ou fonética/fonológica; enfim, estas e outras decisões devem ser tomadas para a adequada apresentação desse modelo.<sup>159</sup>

---

<sup>159</sup> Para exemplificar o potencial desse modelo, basta ver o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, publicado pela Academia Brasileira de Letras em 2009, que contém quase 400.000 verbetes.

A seguir, apresento quatro propostas baseadas neste modelo e que utilizam dados apenas da língua Suruí.

FIGURA 87 – MODELO M1 (LÍNGUA SURUÍ)

namikohom
namikwar
namukuj
nong
nonuwewaramu
nung
nupen
nupinipar
nupo
o'o
o'oj
'og
'ogete
oko
oko
opo

A Figura 87 apresenta o modelo com a estrutura LId, organizada em ordem alfabética estrita (e, para as formas iniciadas por glotal, considera o segundo elemento para determinar essa ordem). Disposto em apenas uma coluna, esse modelo utiliza a escrita ortográfica da língua Suruí (cf. Capítulo 4) e não há nenhum tipo de efeito tipográfico para destacar os itens (ou parte deles).

FIGURA 88 – MODELO M2 (LÍNGUA SURUÍ)

332.	/maʔesa'wat/	352.	/sawa'ri/
333.	/akapi'war/	353.	/karuaru'hu/
334.	/misaka'tiŋ/	354.	/tiwa'ʔa/
335.	/tapiʔi'se/	355.	/tasa'hu/
336.	/sawami'maw/	356.	/tasahumi'maw/
337.	/sawa'rɔn/	357.	/kwa'ti/
338.	/sawata'rag/	358.	/iapua'ʔɔj/
339.	/aki'ki/	359.	/karɛru'a/
340.	/akikipɔ'rɔŋ/	360.	/supa'ti/
341.	/ehakwa'su/	361.	/anu'sa/
342.	/i'ʔa/	362.	/a'sɔŋ/
343.	/ka'ʔi/	363.	/tamaw'ʔa/
344.	/kahena'ʔi/	364.	/ta'tu/
345.	/kuti'pi/	365.	/tatu'hu/
346.	/sawiri're/	366.	/tatue'te/
347.	/sawapi'nim/	367.	/tatu'pew/
348.	/sawapi'rɔŋ/	368.	/mi'sar/
349.	/sawapi'sun/	369.	/kati'ŋwer/
350.	/saw'ar/	370.	/misarapi'rɔŋ/
351.	/sawa'run/	371.	/pakwo'how/

A Figura 88 também apresenta o modelo com a estrutura LIId, mas organizada por tema. Neste caso, trata-se da parte relacionada a animais/mamíferos, subdividida em grupos (p.ex., do item 347 ao 352 está o grupo das espécies de onça). Esse modelo apresenta dados distribuídos em duas colunas e utiliza a escrita do padrão IPA para a forma fonológica da língua Suruí. Além disso, todos os itens estão numerados e postos entre barras diagonais.<sup>160</sup>

FIGURA 89 – MODELO M3 (LÍNGUA SURUÍ)

597)	ywyterera [n.III]	1)	'aiko [v.int.]
598)	ywyting [n.III]	2)	'ar [v.int.]
599)	ywytuhu [n.III]	3)	'asupaw [v.int.]
600)	ywytuhuron [n.III]	4)	'aw [v.int.]
601)	ywyty [n.III]	5)	'e / 'i [v.int.]
602)	ywytyr [n.III]	6)	apukaj [v.int.]
		7)	apukapukaj [v.int.]
1)	namukuj [num.]	8)	asun [v.int.]
2)	tapisara [num.]	9)	ata [v.int.]
3)	usepese [num.]	10)	hem [v.int.]
4)	yrotehehy [num.]	11)	ho [v.int.]
		12)	hyryrym [v.int.]
1)	arumi [pron.]	13)	ime [v.int.]
2)	ene [pron.]	14)	kanawa [v.int.]
3)	ere [pron.dep.]	15)	kasim [v.int.]
4)	ise [pron.]	16)	ke [v.int.]
5)	pehe [pron.]	17)	ker [v.int.]
6)	sene [pron.]	18)	kuj [v.int.]
7)	ure [pron.]	19)	kurug [v.int.]
		20)	kwahaw [v.int.]

Já a Figura 89 apresenta um terceiro arranjo para o modelo com a estrutura LIId. Organizada em ordem alfabética (com as formas iniciadas por glotal colocadas como primeiro item dessa ordem), distribuem-se em grupos definidos por suas propriedades gramaticais (nomes, numerais, pronomes, verbos, p.ex.) e com numeração que se reinicia em cada novo grupo. A lista é apresentada em duas colunas, utiliza a escrita ortográfica da língua Suruí e não há nenhum tipo de efeito tipográfico para destacar os itens (ou parte deles). Com relação à indicação gramatical, eu a apresentei para que facilitasse a identificação das respectivas categorias gramaticais, não sendo, portanto, obrigatória.<sup>161</sup>

<sup>160</sup> Essa categorização das palavras foi feita por mim com a finalidade exclusiva de ser apresentado nesta tese. Já a base que está sendo construída pelos próprios Suruí no projeto para um dicionário monolíngue, a categorização será realizada por eles mesmos, utilizando também o programa Línguas.

<sup>161</sup> Também estas categorias gramaticais foram definidas para a construção desta tese, pois ainda não foi desenvolvida nenhuma nomenclatura gramatical pelos próprios Suruí.

FIGURA 90 – MODELO M4 (LÍNGUA SURUÍ)

'apehaw	akasuhu	tatuhu
'yahaw	anuhu	tatyuhu
ahekwahaw	ararakonuhu	tukanuhu
akojtimahaw	ararunuhu	turihiwnuhu
enywahaw	asururonuhu	uruwupeuhu
gahaw	asymuhu	uruwutinuhu
hahaw	eironuhu	ywytuhu
kwahaw	ikysuhu	
miahaw	ioronuhu	a'eteteron
pokwahaw	ipirarunuhu	akararon
puhapuhaw	karuaruhu	iakoron
sanupuhaw	kororonuhu	inasaron
sautiakarahaw	kujronuhu	ipirakaron
seputahaw	mytuwonguhu	kumanaron
typyhyhaw	paratuwakonguhu	ma'eahyron
upehaw	pisihu	misaron
upepikyohaw	sakuhu	mojron
wahaw	sapuhu	petiwaron
yahaw	sawtipeuhu	pina'iron
	tarejriuhu	sawaron

Por fim, a Figura 90 apresenta um quarto arranjo para o modelo com a estrutura LIId. Identificadas as terminações dos itens (p.ex., a partir do uso do mesmo sufixo), formam-se grupos em que elas são o critério de separação (ordenação de base semasiológica) e, somente aí, dentro de cada grupo, é utilizada a ordem alfabética. O modelo é apresentado em três colunas, utiliza a escrita ortográfica da língua Suruí e há o uso de *negrito* (*bold*) para destacar apenas a terminação de cada item. Logo, o que interessa nesse arranjo não é o conteúdo semântico de cada item, mas a sua forma. Esse tipo de organização pode ser útil para a análise morfológica da língua ou seu uso para construção de textos poéticos que utilizem o recurso da rima.

### 9.1.2. Modelo MD

Esse modelo, em relação ao modelo anterior, constitui uma forma ampliada de apresentação de dados de uma ou mais línguas. Com estrutura básica do tipo L: {D}, podem ser formadas, por exemplo, as seguintes EML's: (1) LIId: {DIId}; (2) LIId: {DPt}; (3) LPt: {DIId}; (4) LIId: {DIId-DPt}; (5) LPt: {DPt-DIId}; (6) LIId: {DPt-D...}. Dependendo do conteúdo linguístico do descritor, tem-se um dicionário monolíngue (ex. 1), bilíngue (ex. 2 e 3) ou multilíngue (ex. 4 e 5). A seguir, descrevo os modelos baseados nessas estruturas.

### 9.1.2.1. Modelo MD1 com estrutura LIId: {DIId}

Essa é a microestrutura mais rara, até o momento, no âmbito das línguas indígenas brasileiras (cf. subseção 7.3.4.2), pois ela se refere a materiais lexicográficos monolíngues que possuem Descritor na própria língua do Lema. A seguir, apresento esse modelo com dados da língua Suruí:

FIGURA 91 – MODELO MD1 (LÍNGUA SURUÍ)

**ka'i** ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputia warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.

**manimea pykujtaw** ro**g** pykujpykujtaw upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.

'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.

'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukute muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.

tapyj ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramu uruwerur taapone usaw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu.

Esse modelo está organizado em ordem alfabética, com verbetes apresentados em uma única coluna e com o lema destacado com efeito negrito. Nesse tipo de proposta, em que não constam Operadores nem Exemplos (cf. subseção 7.2.1.4.2), é inevitável a comparação dessa estrutura com a de uma enciclopédia, o que não é, em última instância, um problema, haja vista a utilidade que um material com informações culturais detalhadas pode vir a ter, por exemplo, para o povo Suruí.

### 9.1.2.2. Modelo MD2 com estrutura LIId: {DPt}

Esse outro modelo diferencia-se do anterior principalmente por envolver uma segunda língua, neste caso o Português. E, dependendo do conteúdo apresentado no campo Descritor, é possível ainda estabelecer uma subdivisão deste modelo em: a) tradução do conteúdo apresentado no modelo MD1 ou b) apresentação de uma ou mais palavras a fim de estabelecer a tradução do Lema em si.

FIGURA 92 – MODELO MD2a

**ka'i.** O macaco-prego vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.

**manimea pykujtawá rog.** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.

**'og.** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.

**'ogete.** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.

Esse modelo está organizado também em ordem alfabética, com verbetes apresentados em uma única coluna e com o lema destacado com efeito negrito. Nele o Descritor é apresentado unicamente em Português, sem, contudo, propor nenhuma palavra como tradução direta do Lema, o que não impede que essa tradução apareça no interior do próprio texto do Descritor.

FIGURA 93 – MODELO MD2b

<i>pyrongelhe</i> piscar	<i>sahu</i> esquerda
<i>pyrykyti'i</i> rim	<i>sahug</i> lavar-se
<i>pyryryryry</i> enrugado	<i>sahy</i> lua
<i>pysu'o</i> tornozelo	<i>sahyauwy</i> eclipse
<i>pyta</i> ficar parado	<i>sahytata</i> estrela
<i>pyta</i> calcanhar	<i>sahytataw'a</i> estrela cadente
<i>pyter</i> chupar	<i>saimew</i> panela de barro
<i>pytowoilhu</i> bem-te-vi	<i>sakami</i> jacamim
<i>pyw</i> seco	<i>sakare</i> jacaré
<i>rajty</i> borra	<i>sakare akój</i> bule
<i>remun</i> coceira	<i>sakare asyw</i> cangalha
<i>row</i> amargo	<i>sakarelu</i> jacaré-açu
<i>ru'ag</i> virar	<i>sakareting</i> jacaretinga
<i>ru'aru'ag</i> girar	<i>saku</i> jacu
<i>rutyryryg</i> puxar	<i>sakulu</i> jacutinga
<i>sa'i'um</i> barro	<i>sakuna</i> jacundá

O modelo apresentado acima possui os itens dispostos em ordem alfabética e divididos em duas colunas. Aos itens da esquerda (na língua Suruí) correspondem itens da direita (em Português), sendo que só o primeiro é destacado com efeito tipográfico (negrito com itálico). Esse modelo, sem nenhum tipo de Operador ou Exemplo, é bastante comum no conjunto das UBL's das línguas indígenas brasileiras e, geralmente, denominado *vocabulário*.

### 9.1.2.3. Modelo MD3 com estrutura LPt: {DId}

O terceiro modelo corresponde ao inverso do modelo anterior, pois coloca o Português como língua do Lema e a língua indígena fica na posição de Descritor. Aqui também é possível subdividir essa proposta.

FIGURA 94 – MODELO MD3a

<p><i>casa</i> uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.</p> <p><b>casa de farinha</b> pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.</p> <p><b>casa tradicional</b> uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukue te muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.</p> <p><b>tapiri</b> ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramu uruwerur taapone usaw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu.</p>
--

Esse modelo apresentado na Figura 94 está organizado com lemas dispostos em ordem alfabética (mas também pode ser interpretado com ordenamento por tema, já que todos os itens apresentados pertencem ao mesmo campo semântico de habitação). Nele, apenas o Lema está destacado com efeito negrito e não há nenhum tipo de Operador ou Exemplo.

No levantamento que fiz sobre os tipos de UBL's (cf. subseção 7.3.4.1), não registrei nenhum material lexicográfico que possuísse exatamente a mesma configuração desse modelo.

A seguir, apresento a segunda possibilidade de apresentação deste modelo baseado na EML do tipo LPt {DId}.

FIGURA 95 – MODELO MD3b

<i>coriza</i> yamyw	<i>cunhada</i> eke'i
<i>correr</i> son	<i>cunhado</i> ekewen
<i>corroer</i> woj	<i>cupim</i> kupi'i
<i>cortar em pedaços</i> monohog	<i>cupuaçu</i> kujronuhu
<i>cortar</i> monog	<i>curica</i> kykyra'yr
<i>coruja</i> masakuw	<i>curimatã</i> karimata
<i>coruja-branca</i> pypypypy	<i>curto</i> iaturu'e
<i>costela</i> sarukong	<i>cuspir</i> unemun
<i>costurar</i> suruhywo	<i>cutia</i> akuti
<i>cotovelo</i> parati'iw	<i>cuxiú</i> kutipi
<i>coxa</i> uwakasa	<i>dançar</i> purahaj
<i>cozinhar</i> muapyg	<i>daqui</i> kokaty
<i>criança</i> usawa'e	<i>dar</i> mono
<i>cueca</i> ikong su'ar	<i>dedo do pé</i> pyhopi
<i>cuia</i> ekuj	<i>dedo indicador</i> pyhope
<i>cuieira</i> kujpia 'yw	<i>dedo mindinho</i> puhopi

Tal como apresentado no modelo MD2b (acima), mas desta vez com o Lema na língua portuguesa, essa proposta é uma das mais comuns também encontradas no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras e a que melhor revela o processo de pesquisa usado há séculos, ou seja, partindo-se de uma base da língua, em geral indo-europeia, para se chegar às formas do léxico da língua indígenas.

#### 9.1.2.4. Modelo MD4 com estrutura LId: {DId-DPt}

Esse modelo, que também emprega duas línguas na microestrutura, diferencia-se do anterior por apresentar o Descritor nas duas línguas, ou seja, na língua indígena e na língua não indígena (ou vice-versa). Como não faria sentido, neste contexto, apenas repetir como Descritor (DId) o mesmo item do Lema (DId), não há porque apresentar propostas equivalentes às dos modelos MD2b e MD3b.<sup>162</sup>

O Lema aparece destacado com efeito negrito e os dois Descritores são apresentados em sequência, sendo que, na parte em Português, foi aplicado efeito do tipo itálico, a fim de facilitar a identificação desse texto. Além disso, encabeça o segundo Descritor a tradução do Lema, conforme pode ser visto na figura a seguir:

<sup>162</sup> A não ser que o Descritor DId se referisse a uma outra língua, mas, neste caso, o modelo corresponderia à de um modelo multilíngue (cf. ....).

FIGURA 96 – MODELO MD4

**manimea pykujtawa rog.** Pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.*

**'og.** Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarikong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe. *Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.*

**'ogete.** Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.*

#### 9.1.2.5. Modelo MD5 com estrutura LPt: {DPt-DId}

Este modelo espelha as línguas usadas no modelo MD4, apresentado acima, ou seja, o Lema está em Português com dois Descritores, em Português e na língua indígena, com a tradução do Lema encabeçando o segundo Descritor, tal como apresentado na figura a seguir:

FIGURA 97 – MODELO MD5

**casa.** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. **'og.** *Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarikong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe.*

**casa tradicional.** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. **'ogete.** *Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinow<sup>h</sup> ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.*

**casa de farinha.** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. **Manimea pykujtawa rog.** *Pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.*

### 9.1.2.6. Modelo MD6 com estrutura Lid: {DPt-D...}

Esse sexto modelo proposto engloba, pelo menos, três línguas diferentes. Como o arranjo da estrutura pode variar bastante, pois, qualquer uma das línguas pode ser alçada à posição de Lema, apresento como modelo apenas a proposta com a língua Suruí nesta posição.

FIGURA 98 – MODELO MD6

<b>pyrongehe</b> piscar, <i>to blink</i>	<b>sahug</b> lavar-se, <i>to wash</i>
<b>pyrykyti'i</b> rim, <i>kidney</i>	<b>sahy</b> lua, <i>moon</i>
<b>pytyrytyry</b> enrugado, <i>wrinkled</i>	<b>sahyauwy</b> eclipse, <i>eclipse</i>
<b>pysu'o</b> tornozelo, <i>ankle</i>	<b>sahytata</b> estrela, <i>star</i>
<b>pyta</b> ficar parado, <i>stand still</i>	<b>sahytataw'a</b> estrela cadente, <i>falling star</i>
<b>pyta</b> calcanhar, <i>heel</i>	<b>saimew</b> panela de barro, <i>clay pot</i>
<b>pyter</b> chupar, <i>to suck</i>	<b>sakami</b> jacamim, <i>trumpeter</i>
<b>pytowoihu</b> bem-te-vi, <i>great kiskadee</i>	<b>sakare</b> jacaré, <i>alligator</i>
<b>pyw</b> seco, <i>dry</i>	<b>sakare akoj</b> bule, <i>teapot</i>
<b>rajty</b> borra, <i>dregs</i>	<b>sakare asyw</b> cangalha, <i>pack saddle</i>
<b>row</b> amargo, <i>bitter</i>	<b>sakarehu</b> jacaré-açu, <i>black caiman</i>
<b>ru'ag</b> virar, <i>to turn</i>	<b>sakareting</b> jacaretinga, <i>white caiman</i>
<b>ru'aru'ag</b> girar, <i>to spin</i>	<b>saku</b> jacu, <i>penelope</i>
<b>rutyryryg</b> puxar, <i>to pull</i>	<b>sakuhu</b> jacutinga, <i>black-fronted piping guan</i>
<b>sa'i'um</b> barro, <i>clay</i>	<b>sakuna</b> jacundá, <i>crenicichla</i>
<b>sahu</b> esquerda, <i>left</i>	<b>sanipaw</b> jenipapo, <i>genip</i>

Nesse modelo, com dados da língua Suruí, do Português e do Inglês distribuídos em duas colunas, dois efeitos tipográficos se destacam no texto: o negrito, no Lema, e o itálico, no segundo Descritor. Mesmo com a inserção de três línguas na proposta, não há nela nenhum Operador nem Exemplo. É importante destacar, por fim, que essa estrutura, apesar de pouco frequente, foi constatada no levantamento das UBL's das línguas indígenas brasileiras (cf. subseção 7.3.3.3).

### 9.1.3. Modelo MDO

Esse modelo se difere dos anteriores por conter um terceiro tipo de componente, o Operador, que pode ser, por exemplo, Am, Ar, Et, Fn, Fr, Ft, Gf, Gr, Hm, Mc, Na, Rm, Sm, Tl, Vr.

Teoricamente, qualquer um desses tipos de Operadores pode ocupar a posição junto a um Descritor, no entanto, o que a pesquisa de EML's dos materiais produzidos para línguas indígenas brasileiras demonstrou é que alguns desses operadores são usados de

preferência junto ao Lema, tal é o caso dos Operadores Hm, Et e Rm; e os poucos registros de ocorrências desses Operadores junto a Descritores ainda se restringem ao contexto dos do tipo DId.

Assim, nesse modelo, a inserção de Operador(es) apenas para o(s) Descritores leva à construção das seguintes estruturas envolvendo a língua Suruí: (1) LId: {DId (O)}; (2) LId: {DPt (O)}; (3) LId: {DId (O) -DPt}; (4) LPt: {DPt (O) -DId}; (5) LId: {DPt (O) -DId}; (6) LPt: {DId (O) -DPt}; (7) LId: {DId (O) -DPt-D...}; (8) LPt: {DId (O) -D...} e (9) LId: {DPt (O) -D...}.

#### 9.1.3.1. Modelo MDO1 com estrutura LId: {DId (O)}

Apresentando as mesmas características do modelo MD1, este modelo para um material monolíngue se distingue daquele por conter um Operador do tipo Ft, apresentado entre parênteses ao final do DId, como pode ser visto a seguir:

FIGURA 99 – MODELO MDO1a

**ka'i ka'i iwete okowa'e;** upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u).

**manimea pykujtawa rog** pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u).

**'og** uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u).

**'ogete** uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinow'o ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u).

**tapyj** ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramu uruwerur taapone usaw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu (Ikatu umume'u).

Outros operadores podem também se relacionar com o DId, tais como: Gr, Mc, Na, Rm e Vr. Além disso, no caso de um material em que o Descritores seja constituído de apenas uma palavra (por exemplo, indicando relações de hiponímia, hiperonímia, sinonímia, antonímia, entre outras), é possível empregar um Operador do tipo Vr para indicar que, para línguas como o Suruí, existe uma variação da palavra quando se emprega o sufixo do caso argumentativo.

FIGURA 100 – MODELO MDO1b

<b>A'aite</b>	moj (mosa)
<b>Akara'i</b>	ipira
<b>Inamu'i</b>	wyra
<b>Katinkwer</b>	misar (misara)
<b>Katykyehyr</b>	tuw (tuwa)
<b>Tapi'iting</b>	tapi'ir (tapi'ira)
<b>Tatuhu</b>	tatu

Nessa proposta de material organizada em ordem alfabética, o Lema destaca-se com efeito negrito e o Descritor na mesma língua possui um Operador Vr, inserido entre parênteses, que apresenta a forma flexionada no caso argumentativo.<sup>163</sup>

#### 9.1.3.2. Modelo MDO2 com estrutura LIId: {DPt (O)}

Nesse modelo, a inserção da segunda língua altera a relação entre os dois primeiros componentes, pois busca-se traduzir em um outra língua o conteúdo da língua apresentado como Lema. Todavia, esse modelo relaciona-se ao anterior por definir Operadores apenas para o Descritor, como demonstro na figura a seguir:

FIGURA 101 – MODELO MDO2

<b>AMUTINING</b> maracá (tipo)	<b>POPI</b> anelar (dedo)
<b>EMISARIRU</b> neto (mulher falando)	<b>PUHUKUPE</b> sola (do pé)
<b>ETYMASI'A</b> canela (parte do corpo)	<b>PYHEJ</b> lavar (coisa)
<b>HYRETOM</b> cera (de abelha)	<b>SUMI'A</b> flauta (tipo)
<b>KUPITAW</b> sapo (esp.)	<b>SYRUHEJ</b> lavar (roupa)
<b>KURETA'U</b> tucano (esp.)	<b>TYPAW</b> seco (de líquido)
<b>MISARAPIRONG</b> veado-vermelho (veado-mateiro)	<b>UKYSETEWA'E</b> medroso (humano)
<b>PETYMA PISARA</b> tabaco (fumo)	<b>URE</b> nós (excl.)
<b>PINA'IRONA'YW</b> graviola (árvore)	<b>YMEMUR</b> filhote (de bicho)

A informação do Operador Na se relaciona ao conteúdo do Descritor, a fim de desambiguar, especificar ou ampliar a informação contida neste componente.

<sup>163</sup> Um Operador pode ser obrigatório ou optativo dependendo da natureza do projeto lexicográfico, no entanto, há Operadores que são usados com maior frequência, como, por exemplo, os do tipo Et, Fn, Gr, Na, Rm e Vr.

### 9.1.3.3. Modelo MDO3 com estrutura LIId: {DIId (O) -DPt}

Com estrutura semelhante à do modelo MD4, o MDO3 diferencia-se por apresentar um Operador (neste caso, a título de exemplo, é um Operador do tipo Ft) para o DIId. Esse novo componente relaciona-se diretamente com um dos Descritores, especificando qual a fonte da informação usada no DIId, conforme a figura a seguir:

FIGURA 102 – MODELO MDO3a

**ka'i ka'i** iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.*

'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.*

'ogete uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.*

Por conter Descritores com textos longos o uso de apenas uma coluna na construção do modelo pode facilitar a leitura do material.

Outra possibilidade de apresentação dessa estrutura é a que se aproxima do modelo MDO1b, porém com o acréscimo da segunda língua:

FIGURA 103 – MODELO MDO3b

<b>A'aite</b>	moj (mosa), <i>jiboia</i>
<b>Akara'i</b>	ipira, <i>carazinho</i>
<b>Inamu'i</b>	wyra, <i>inambumirim</i>
<b>Katinkwer</b>	misar (misara), <i>veado-virá</i>
<b>Katykyehyr</b>	tuw (tuwa), <i>abelha (esp.)</i>
<b>Tapi'iting</b>	tapi'ir (tapi'ira), <i>anta-branca (esp.)</i>
<b>Tatuhu</b>	tatu, <i>tatu-canastra</i>

Nesse modelo, a língua do segundo Descritor, destaca com itálico, não corresponde a uma tradução do primeiro Descritor, mas sim do conteúdo do Lema. Contudo, no modelo MDO7a, apresentado em subseção subsequente, o segundo Descritor possui um Operador que contém também a tradução do primeiro Descritor.

#### 9.1.3.4. Modelo MDO4 com estrutura LPt: {DPt (O) -DIId}

Já o modelo MDO4 dá destaque para o uso do Português, pois tanto o Lema, quanto o primeiro Descritor com seu Operador estão nesta língua. Apesar de ser possível construir um material lexicográfico de uma língua indígena com estas características, essa forma de organização da microestrutura é encontrada com frequência em materiais lexicográficos monolíngues (do Português), em que a língua indígena serve apenas para indicar, por exemplo, a etimologia do Lema.<sup>164</sup>

FIGURA 104 – MODELO MDO4

**Casa.** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. (A construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). *'og. uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.*

**Casa tradicional.** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. (Atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). *'ogete. uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe.*

**Macaco-prego.** Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). *Ka'i. ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.*

Com apenas uma coluna, esse modelo apresenta notas histórico-culturais como Operadores que complementam a informação do Descritor e que vêm destacadas entre parênteses. Essas notas foram inseridas por mim, mas elas podem ser construídas também pelos próprios autores do texto do Descritor.

<sup>164</sup> Para exemplificar o uso desse tipo de estrutura em línguas da família Tupí-Guaraní, cf. as UBL's dos seguintes materiais: Silveira Bueno (1987, p. 23-382) e Clerot (2010, p. 17-514).

Outra observação relevante é que, mesmo que três componentes da EML estejam em Português, isso não diminui o valor educacional-informativo-cultural da obra, uma vez que o texto pode ser construído com a própria variante de Português usada na comunidade indígena, revelando toda a sua cosmovisão de seus criadores.

#### 9.1.3.5. Modelo MDO5 com estrutura LIId: {DPt (O) -DIId}

Esse quinto modelo é um dos menos comuns, porque, ao iniciar a EML com um LIId, reutiliza a mesma língua apenas como segundo Descritor. A seguir, apresento este modelo:

FIGURA 105 – MODELO MDO5

**'og.** Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. (A construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). *Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku 'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.*

**'ogete.** Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. (Atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). *Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe.*

**Ka'i.** Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). *ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.*

O modelo MDO5 também é apresentado em uma coluna, com Lema destacado com efeito negrito e o DIId, com itálico.

#### 9.1.3.6. Modelo MDO6 com estrutura LPt: {DIId (O) -DPt}

Esse modelo apresenta uma estrutura similar à do modelo MDO4, porém com a mudança da posição do DPt pelo DIId. Com isso, o Operador passa a se referir ao conteúdo da língua indígena. Assim como o anterior, esse modelo também não é muito recorrente no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras. Apresento, a seguir, um exemplo desta proposta:

FIGURA 106 – MODELO MDO6

**Casa.** *'og. uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku 'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u).* Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.

**Casa de farinha.** *manimea pykujtawarog. pykujpykujtawarupin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u).* Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.

**Casa tradicional.** *'ogete. uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe (Wajwera umume'u).* Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.

**Macaco-prego.** *Ka'i. ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymkong umume'u).* Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.

Com verbetes organizados em ordem alfabética, essa proposta destaca com negrito o Lema em Português e com itálico, o primeiro Descritor. Junto ao DIId está um Operador do tipo Ft.

#### 9.1.3.7. Modelo MDO7 com estrutura LIId: {DIId (O) -DPt-D...}

Igualmente raro no conjunto de línguas indígenas brasileiras, esse modelo com entrada LIId envolve Descritores em três ou mais línguas, e cada um deles podendo ter seu próprio Operador. Esse modelo pode ser construído sob duas perspectivas:

- a primeira, que é mais frequente, envolve a língua indígena, neste caso, o Suruí, uma segunda língua, o Português, e a terceira língua não obrigatória e com ocorrências pontuais, como o Latim, no caso da nomenclatura técnica de plantas e animais;
- a segunda, que é menos frequente, envolve as duas primeiras línguas da perspectiva anterior e uma terceira língua, por exemplo, o Inglês, o Francês ou o Espanhol (as mais comuns nesse contexto), usadas em todos os verbetes do material lexicográfico.

Apresento, a seguir, exemplos dos modelos baseados nessas duas perspectivas de organização da microestrutura:

FIGURA 107 – MODELO MDO7a

<b>A'aite</b>	moj (mosa), <i>jiboia</i> , <i>boa constrictor</i>
<b>Akara'i</b>	ipira, <i>carazinho</i>
<b>Inamu'i</b>	wyra, <i>inambumirim</i> , <i>crypturellus tataupa</i>
<b>Katinkwer</b>	misar (misara), <i>veado-virá</i> , <i>mazama gouazoubira</i>
<b>Katykyehyr</b>	tuw (tuwa), <i>abelha (esp.)</i>
<b>Tapi'iting</b>	tapi'ir (tapi'ira), <i>anta-branca (esp.)</i> , <i>tapirus terrestris</i>
<b>Tatuhu</b>	tatu, <i>tatu-canastra</i> , <i>priodontes maximus</i>

Nesse modelo, destaquei o Lema com efeito negrito e o terceiro Descritor, com efeito itálico. É importante observar que somente três verbetes do conjunto possuem o terceiro Descritor, justamente aqueles relacionados a espécies animais.<sup>165</sup>

Já no modelo seguinte, todos os verbetes apresentam o terceiro Descritor, conforme pode ser observado na figura a seguir:

FIGURA 108 – MODELO MDO7b

<b>A'aite</b>	moj (mosa), <i>jiboia</i> , <i>boa constrictor</i>
<b>Akara'i</b>	ipira, <i>carazinho</i>
<b>Inamu'i</b>	wyra, <i>inambumirim</i> , <i>tataupa tinamou</i>
<b>Katinkwer</b>	misar (misara), <i>veado-virá</i> , <i>gray brocket</i>
<b>Katykyehyr</b>	tuw (tuwa), <i>abelha (esp.)</i> , <i>bee</i>
<b>Tapi'iting</b>	tapi'ir (tapi'ira), <i>anta-branca (esp.)</i> , <i>Brazilian tapir</i>
<b>Tatuhu</b>	tatu, <i>tatu-canastra</i> , <i>giant armadillo</i>

Esse modelo contém DId, DPt e DIn, sendo que somente o primeiro possui Operador, e somente o último está destacado com itálico. Neste caso, o DIn corresponde a uma tradução do conteúdo do DPt, que, por sua vez, busca traduzir o LIId, do mesmo modo como no modelo MDO3b.

Ainda com relação ao modelo MDO7b, ele pode apresentar uma variação se nele for introduzido o Descritor em Latim, uma vez que este ocorre em um contexto bem definido.

<sup>165</sup> Os nomes científicos em Latim usados neste modelo foram extraídos de Houaiss (2009).

FIGURA 109 – MODELO MDO7c

<b>A'aite</b>	moj (mosa), jiboia, <i>boa constrictor</i> [boa constrictor]
<b>Akara'i</b>	ipira, carazinho
<b>Inamu'i</b>	wyra, inambumirim, <i>tataupa tinamou</i> [crypturellus tataupa]
<b>Katinkwer</b>	misar (misara), veado-virá, <i>gray brocket</i> [mazama gouazoubira]
<b>Katykyehyr</b>	tuw (tuwa), abelha (esp.), <i>bee</i>
<b>Tapi'iting</b>	tapi'ir (tapi'ira), anta-branca (esp.), <i>Brazilian tapir</i> [tapirus terrestris]
<b>Tatuhu</b>	tatu, tatu-canastra, <i>giant armadillo</i> [priodontes maximus]

Além das marcas tipográficas descritas acima, destaquei, nesse modelo, o DLt, colocando-o entre colchetes, ao final do verbete; dessa forma, esse Descritor pode ser facilmente identificado no conjunto de verbetes.

#### 9.1.3.8. Modelo MDO8 com estrutura LPt: {DId (O) -D...}

O penúltimo modelo do tipo MDO coloca na posição de Lema uma língua não indígena, neste caso o Português, e o Operador relacionado ao DId. Já os demais Descritores possuem línguas diferentes das usadas no Lema e no primeiro Descritor; essas outras línguas podem ser tanto línguas, por exemplo, de origem indo-europeia, como o Inglês, o Espanhol, o Francês, ou mesmo outras línguas indígenas, da mesma família linguística da língua do DId (neste caso, por exemplo o Asuriní do Trocará, o Tembé, o Parakanã, ou de famílias diferentes.<sup>166</sup> Apresento, a seguir, um exemplo desta proposta:

FIGURA 110 – MODELO MDO8

<b>abelha (esp.)</b>	katykyehyr (tuw), <i>bee</i> , <i>abeja</i>
<b>anta-branca (esp.)</b>	tapi'iting, <i>Brazilian tapir</i> , <i>tapir amazónico</i> [tapirus terrestris]
<b>carazinho</b>	akara'i (ipira), <i>acara</i> , <i>castañeta</i>
<b>inambumirim</b>	inamu'i (wyra), <i>tataupa tinamou</i> , <i>tataupá común</i> [crypturellus tataupa]
<b>jiboia</b>	a'aite (moj), <i>boa constrictor</i> , <i>boa constrictora</i> [boa constrictor]
<b>tatu-canastra</b>	tatuhu, <i>giant armadillo</i> , <i>armadillo gigante</i> [priodontes maximus]
<b>veado-virá</b>	katinkwer (misar), <i>gray brocket</i> , <i>guazuncho</i> [mazama gouazoubira]

<sup>166</sup> Sem dúvida, isso não impede ainda que um dos descritores tenha a mesma língua do Lema, neste caso, o Português.

A estrutura desse modelo é bem semelhante à do modelo MDO7d, porém, com a diferença que a língua Suruí entra como primeiro Descritor e não como Lema.

Apesar de serem possíveis muitas outras variações desse mesmo modelo, esclareço que não apresentarei todas elas aqui, haja vista que a quantidade indefinida de Descritores levaria também a uma quantidade igual de arranjos, todos apenas com mudança do Descritor que receberia o Operador.

#### 9.1.3.9. Modelo MDO9 com estrutura LId: {DPt (O) -D...}

Esse modelo contém Descritores em línguas diferentes da língua do LId, como pode ser observado na figura a seguir:

FIGURA 111 – MODELO MDO9

<b>a'aite</b>	jiboia (suaçu), <i>boa constrictor</i> , <i>boa constrictora (mantona)</i>
<b>akara'i</b>	carazinho (carai), <i>acara</i> , <i>castañeta</i>
<b>inamu'i</b>	inambumirim (inambuzinho), <i>tataupa tinamou</i> , <i>tataupá común</i>
<b>katinkwer</b>	veado-virá (veado-mateiro), <i>gray brocket</i> , <i>guazuncho (viracho, guazú virá)</i>
<b>katykyehyr</b>	abelha (esp.), bee, abeja
<b>tapi'iting</b>	anta-branca (esp.), <i>Brazilian tapir</i> , <i>tapir amazónico (mboreví, pinchaque)</i>
<b>tatuhu</b>	tatu-canastra, <i>giant armadillo</i> , <i>armadillo gigante (tatú carreta, pejichi)</i>

Nesse modelo, dos três Descritores, dois apresentam Operadores, ou seja, o DPt e o DEs possuem operadores do tipo Vr. Decidir se um ou mais Descritores receberão operadores, e que operadores serão esses, é decisão exclusiva do PDL.

#### 9.1.4. Modelo MDE

O quarto modelo de material lexicográfico não contém Operadores, mas sim Exemplos. Tal como apresentado no Capítulo 7 desta tese, o componente Exemplo é, geralmente, dividido em dois tipos, exemplos e abonação.<sup>167</sup> Assim como os demais, esse modelo varia conforme a quantidade de línguas envolvidas e a disposição dos seus componentes. Por isso, são possíveis as seguintes estruturas envolvendo a língua Suruí: (1) LId: {DId [EId]}; (2) LId: {DPt [EId]}; (3) LId: {DPt [EId/EPt]}; (4) LPt: {DId [EId]}; (5) LPt: {DId [EId/EPt]}; (6) LId: {DId-DPt [EId/EPt]}; (7) LPt: {DPt-DId [EPt/EId]}; (8) LId: {DId-DPt-D... [EId/EPt/E...]}; (9) LId: {DPt-D... [EId/EPt/E...]}

<sup>167</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre esse tema, cf. Welker (2004, p. 149-159) e Atkins e Rundell (2008, p. 452-461).

#### 9.1.4.1. Modelo MDE1 com estrutura LId: {DId [EId]}

Esse modelo é o que corresponde ao material monolíngue, pois todos os componentes se referem somente à língua Suruí, conforme exemplo a seguir:

FIGURA 112 – MODELO MDE1

**manimea pykujtawá rog** pykujpykujtawá upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema.*

'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow.*

'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.*

Apresentado em uma coluna, em ordem alfabética e com Lema em negrito, esse modelo contém em todos os verbetes enunciados precedidos por *ajnon*, usado, neste contexto, para marcar os exemplos, que estão destacados com efeito itálico.

É necessário observar que a discussão acerca da natureza do enunciado a ser usado como exemplo ou abonação em determinada obra lexicográfica torna-se um pouco mais complexa se se considerar que línguas como o Suruí, que apenas começam a ser escritas pela comunidade Aikewára, ainda não dispõe de um acervo de língua escrita, por conseguinte, ainda não estabeleceu o que pode ser denominado literatura escrita. Por isso, todos os exemplos devem ser buscados diretamente no conjunto de registros orais.

#### 9.1.4.2. Modelo MDE2 com estrutura LId: {DPt [EId]}

Esse segundo modelo possui o Descritor em uma língua diferente da do Lema, situação já observada nos modelos MD2, MD6, MDO2 e MDO5. Todavia, no componente Exemplo, volta-se a utilizar a língua indígena, sem a correspondente tradução para o Português. Tal proposta não foi ainda registrada no conjunto dos materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras.

FIGURA 113 – MODELO MDE2

**ka'i** Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*.

**manimea pykujtawarog** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*.

**'og** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow*.

**'ogete** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa*.

Talvez a não ocorrência desse modelo se deva ao fato de ele apresentar um Descritor em Português e não realizar a tradução do conteúdo do Exemplo, o que é feito no modelo próximo modelo.

#### 9.1.4.3. Modelo MDE3 com estrutura LId: {DPt [EId/EPt]}

Esse modelo se difere do anterior por apresentar a tradução do EId para a mesma língua do Descritor. A figura seguinte exemplifica esse tipo de modelo:

FIGURA 114 – MODELO MDE3a

**ka'i** macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawarog** casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* nós todos juntos vamos construir a casa; *ti popytywo e apo 'og* eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

Mesmo com o componente Exemplo nas duas línguas, o modelo MDE3a com o DPt mais desenvolvido não é comum no conjunto das línguas indígenas brasileiras. Por isso, apresento a variação desse modelo, esta sim mais comum, em que o Descritor é apresentado sob a forma de uma palavra que traduz o Lema.

FIGURA 115 – MODELO MDE3b

**ka'i** macaco-prego. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*; o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawarog** casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og*; eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** casa tradicional. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe*; vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo*; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

No corpus de UBL's das línguas indígenas brasileiras, utilizado nesta pesquisa, constatei que, em geral, o componente Exemplo vem destacado com efeitos tipográficos (itálico, negrito, sublinhado); mas, outras vezes, ele pode vir precedido por símbolos do tipo ▪ ou || ou “” ou : entre outros, ou ainda ser diretamente identificado com a palavra *exemplo* ou abreviatura desta. Esta decisão de qual efeito ou marcador utilizar é exclusiva do projeto gráfico definido no interior do PDL.

No modelo acima, mantive busquei estabelecer um padrão: sem efeito para o Português, com efeito para o Suruí (negrito para o Lema e itálico para o Exemplo). Além disso, indiquei o Exemplo com uma palavra da língua Suruí, conforme mencionado na subseção 9.1.4.1, seguindo, desta forma, a mesma língua do LIId.

#### 9.1.4.4. Modelo MDE4 com estrutura LPt: {DId [EId]}

Nesse quarto modelo, a língua indígena está em dois componentes, no Descritor e no Exemplo, mas o ordenamento é feito a partir da língua não indígena. Essa proposta é extremamente rara no corpus de UBL's reunido nesta pesquisa, uma vez que não é muito comum que os materiais lexicográficos apresentem o Exemplo sem a respectiva tradução.

A figura 116, a seguir, contém uma amostra desse modelo:

FIGURA 116 – MODELO MDE4a

**casa** uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow.*

**casa de farinha** pykujpykujtawu upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema.*

**casa tradicional** uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.*

**macaco-prego** ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokokumepem.*

Nesse modelo, o LPt vem destacado com efeito negrito e o EId, com itálico. Já o DId está em caixa normal, sem efeito. Esse Descritor com texto na língua Suruí pode ser substituído apenas por uma palavra ou expressão que busque traduzir o conteúdo do LPt. Essa variação do modelo teria a seguinte forma:

FIGURA 117 – MODELO MDE4b

**cachorro** ma'esawar. Ajnon: *unupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu; esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u*

**cavar** hywykaj. Ajnon: *ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj dar mono* Ajnon: *syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe*

**farinha de mandioca** manime. Ajnon: *manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a homem* akuma'e. Ajnon: *akuma'e akuraete; ajko re wehe rako aesag akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?*

**matar** suka. Ajnon: *pehe puta pesuka ma'ea pesehow?; aha puta ri'a isukaw tasahuamu; esuka puhi*

**morrer** sekyj. Ajnon: *akuma'e usekyi; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu*

**mulher** kuso. Ajnon: *kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?; ure kuso tesaramu uruho ytyma mani'og roko urutym*

**redondo** 'apu'a. Ajnon: *kuipia i'apu'a; tehahua i'apu'a*

## 9.1.4.5. Modelo MDE5 com estrutura LPt: {DId [EId/EPt]}

Este modelo assemelha-se ao anterior, porém apresenta o componente Exemplo na mesma língua do Lema. Com esse acréscimo, essa EML coincide com a usada em vários materiais lexicográficos de línguas indígenas brasileiras. A seguir, apresento o modelo principal com a sua respectiva variação.

FIGURA 118 – MODELO MDE5a

<p><b>casa</b> uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> eu vou chegando para dentro da casa de farinha; <i>ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i>; eu ajudo a fazer a casa.</p> <p><b>casa de farinha</b> pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema.</i>; eu vou chegando para dentro da casa de farinha</p> <p><b>casa tradicional</b> uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.</p> <p><b>macaco-prego</b> ka'ia iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i>; o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</p>
--

FIGURA 119 – MODELO MDE5b

<p><b>redondo</b> 'apu'a Ex. <i>kui pia i'apu'a</i> a cuia é redonda; <i>tehahua i'apu'a</i> o tucum é redondo</p> <p><b>homem</b> akuma'e Ex. <i>akuma'e akuraete</i> homem gordo; <i>ajko re wehe rako aesag</i> akuma'e ontem eu vi este homem; <i>moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i> quantos homens vão correr?</p> <p><b>cavar</b> hywykaj Ex. <i>ywykwara ahywykaj</i> eu cavo buraco na terra; <i>ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i> eu vou cavar meu poço</p> <p><b>mulher</b> kuso Ex. <i>kuso sysyng</i> mulher magra; <i>ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?</i> por que as mulheres não estão cantando?; <i>ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i> nós fomos com as mulheres plantar mandioca</p> <p><b>cachorro</b> ma'esawar Ex. <i>unupo ma'esawara</i> ele bate no cachorro; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> o cachorro vai</p>	<p>morrer, porque a cobra mordeu ele; <i>esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i> tenha cuidado! o cachorro vai te morder</p> <p><b>farinha de mandioca</b> manime Ex. <i>manimea ko amumaraw wyra'ra rupi'a</i> farinha de mandioca misturada com ovo de galinha</p> <p><b>dar</b> mono Ex. <i>syryg puta amono ne irua pe</i> eu vou dar o machado para o teu irmão; <i>ko, amono ne upe</i> vou te dar isso; <i>ajko na amonowi ne upe</i> esse eu não dou isso para você</p> <p><b>morrer</b> sekyj Ex. <i>akuma'e usekyi</i> o homem morreu; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele</p> <p><b>matar</b> suka Ex. <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?</i> vocês vão matar aquelas caças?; <i>aha puta ri'a isukaw tasahuamu</i> talvez eu mate um porcão; <i>esuka puhi</i> não mata ele</p>
---	--

Além da diferença de o primeiro ser apresentado em uma coluna e o segundo em duas, ambos os modelos apresentam a mesma estrutura. No entanto, a segunda forma é mais recorrente no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras por apresentar apenas na língua indígena apenas uma palavra como tradução do LPt.

#### 9.1.4.6. Modelo MDE6 com estrutura LIId: {DIId-DPt [EId/EPt]}

Esse modelo apresenta uma estrutura semelhante à dos modelos MDE3 e MDE5, mas distingue-se deles por conter dois Descritores, conforme exemplo a seguir:

FIGURA 120 – MODELO MDE6

**ka'i ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.*** Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.*

**manimea pykujtawa rog pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.*** Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema eu vou chegando para dentro da casa de farinha.*

**'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.*** Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og nós todos juntos vamos construir a casa; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa.*

**'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.*** Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.*

Esse modelo com verbetes distribuídos em uma coluna traz apenas os componentes em Português destacados com efeito tipográfico em itálico (Descritor e Exemplo). Ele representa um modelo de material bilíngue bastante completo, uma vez que possui seus componentes nas duas línguas.

#### 9.1.4.7. Modelo MDE7 com estrutura LPt: {DPt-DId [EPt/EId]}

Este modelo retoma a estrutura do modelo anterior, ou seja, os componentes com língua indígena foram substituídos pelos de Português, e vice-versa, como pode ser observado na figura a seguir:

FIGURA 121 – MODELO MDE7

**Casa.** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. *'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.* Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa *asehu tese saupir sene rehe 'og*; eu ajudo a fazer a casa *ti popytywo e apo 'og*.

**Casa de farinha.** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. *Manimea pykujtawa rog. Pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.* Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha *aha puta manime roga pupe wewahema*.

**Casa tradicional.** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. *'ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.* Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe*; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa*.

**Macaco-prego.** Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. *Ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.* Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*.

Nesse modelo, o que está destacado com itálico é o Suruí. Além disso, a palavra *ajnon* do modelo anterior foi substituída por *Ex.*, a fim de manter a orientação dada pelo Lema. Também esse modelo é bastante comum no conjunto das UBL's das línguas indígenas brasileiras.

#### 9.1.4.8. Modelo MDE8 com estrutura LId: {DId-DPt-D... [EId/EPt/E...]}

Esse modelo retoma a estrutura do modelo MDE6 e a amplia com mais Descritores e seus Exemplos, sem que haja necessariamente Exemplos para todos os

Descritores. A seguir, apresento proposta com verbetes de até quatro descritores, mas com somente três componentes do tipo Exemplo.

FIGURA 122 – MODELO MDE8a

<p><b>ka'i</b> ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. <i>Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.</i> Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut-nut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. <i>Cebus apella.</i> Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.</p> <p><b>manimea</b> pykujtawá rog pykujpykujtawá upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. <i>Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.</i> Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema eu vou chegando para dentro da casa de farinha I came into the house of flour.</p> <p>'og uruhywykaj ywya urumumug wykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusaru-kong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. <i>Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não</i></p>	<p><i>molhar. Todos ajudam na construção da casa.</i> House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og nós todos juntos vamos construir a casa all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa I help the building of the house.</p> <p>'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. <i>Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.</i> Traditional house. To make a traditional house, we dug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, it door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver let's do the traditional house for the non Indians to see it.</p>
--	---

Nesse modelo organizado em duas colunas, apenas os componentes em Português e em Latim possuem destaque com efeito itálico. Como é o Português que fica entre duas línguas, ele funciona como separador, ou seja, ele separa o DId do DIn, e também o EId do

EIn. Dentre os verbetes da proposta, somente o primeiro apresenta quatro Descritores, são eles: DI<sub>d</sub>, DP<sub>t</sub>, DI<sub>n</sub> e DL<sub>t</sub>, mas são apresentados Exemplos somente nas três primeiras línguas.

#### 9.1.4.9. Modelo MDE9 com estrutura LI<sub>d</sub>: {DP<sub>t</sub>-D... [EI<sub>d</sub>/EP<sub>t</sub>/E...]}

O último modelo deste conjunto retoma a proposta anterior, mas não inclui um Descritor na língua indígena. Enquanto modelo de material multilíngue ele é bem mais frequente no corpus das UBL's das línguas indígenas do que o modelo MDE8, justamente por utilizar como Descritores apenas palavras ou expressões que traduzem o LI<sub>d</sub>, como pode ser observado no exemplo a seguir:

FIGURA 123 – MODELO MDE8b

<p><b>ka'i</b> <i>Macaco-prego</i>. Capuchin monkey. <i>Cebus apella</i>. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem <i>o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos</i> the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.</p> <p><b>manimea pykujtawa rog</b> <i>Casa de farinha</i>. Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i> I came into the house of flour.</p> <p><b>'og</b> <i>Casa</i>. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og <i>nós todos juntos vamos construir a casa</i> all together we will build the house;</p>	<p>ti popytywo e apo 'og <i>eu ajudo a fazer a casa</i> I help the building of the house.</p> <p><b>'ogete</b> <i>Casa tradicional</i>. Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe <i>vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda</i> let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; <i>vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver</i> let's do the traditional house for the non Indians to see it.</p>
--	---

#### 9.1.5. Modelo MDOE

Dentre as propostas de modelos para materiais lexicográficos deste trabalho, esse é o primeiro a conter, ao mesmo tempo, os quatro constituintes da microestrutura, ou seja, L, D, O e E, que, ao serem organizados em uma EML do tipo L: {D (O) [E]}, resultaram nos seguintes modelos: (1) LI<sub>d</sub>: {DI<sub>d</sub> (O) [EI<sub>d</sub>]}; (2) LI<sub>d</sub>: {DP<sub>t</sub> (O) [EI<sub>d</sub>]}; (3) LI<sub>d</sub>: {DP<sub>t</sub> (O) [EI<sub>d</sub>/EP<sub>t</sub>]}; (4) LP<sub>t</sub>: {DI<sub>d</sub> (O) [EI<sub>d</sub>]}; (5) LP<sub>t</sub>: {DI<sub>d</sub> (O) [EI<sub>d</sub>/EP<sub>t</sub>]}; (6) LI<sub>d</sub>: {DI<sub>d</sub>-DP<sub>t</sub> (O) [EI<sub>d</sub>/EP<sub>t</sub>]}; (7) LP<sub>t</sub>: {DP<sub>t</sub>-DI<sub>d</sub> (O) [EP<sub>t</sub>/EI<sub>d</sub>]}; (8) LI<sub>d</sub>: {DI<sub>d</sub>-DP<sub>t</sub>-D... (O) [EI<sub>d</sub>/EP<sub>t</sub>/E...]} e (9) LI<sub>d</sub>: {DP<sub>t</sub>-D... (O) [EI<sub>d</sub>/EP<sub>t</sub>/E...]}.<sup>168</sup>

<sup>168</sup> As similaridades entre os modelos são perceptíveis, pois, de um para outro, a variação, sobretudo nos exemplos, é, em geral, de apenas um componente. Mas acredito que, para a adequada apresentação das propostas é necessário observar rigorosamente essa sistematização dos modelos.

### 9.1.5.1. Modelo MDOE1 com estrutura LId: {DId (O) [EId]}

O primeiro modelo deste conjunto refere-se a uma proposta para um material lexicográfico apenas na língua Suruí. Ele se diferencia do modelo MDE1 por conter um Operador do tipo Fn junto ao DId, como representado na figura abaixo:

FIGURA 124 – MODELO MDOE1

**ka'i ka'i iwete okowa'e;** upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem.*

**manimea pykujtawa rog** pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema.*

**'og** uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow.*

**'ogete** uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuede muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.*

Nesta proposta, organizada em uma coluna com LId em ordem alfabética, o destaque é dado para o Operador Fn, colocado entre parênteses. Apesar de ocorrer em todos os verbetes, esse Operador, dependendo do PDL, pode ocorrer esporadicamente (cf. subseção 9.1.3.2).

### 9.1.5.2. Modelo MDOE2 com estrutura LId: {DPt (O) [EId]}

Esse modelo apresenta a mesma estrutura do anterior, mas diferencia-se daquele por ter o Descritor em uma língua diferente da língua usada no Lema.

Tal como no modelo MDE2, nesta proposta o componente Exemplo é apresentado somente na língua do Lema, sem a tradução na língua do Descritor, tornando esse modelo menos comum no conjunto dos materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras.

A seguir, apresento o modelo MDOE2, organizado em duas colunas paralelas, com Lema e Exemplo na língua Suruí ordenado alfabeticamente, mas com Descritor em Português:

FIGURA 125 – MODELO MDOE2a

<p><b>ka'i</b> Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i>.</p>	<p>é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i>.</p>
<p><b>manimea pykujtawarog</b> Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i>.</p>	<p><b>'ogete</b> Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i>.</p>
<p><b>'og</b> Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa</p>	

### 9.1.5.3. Modelo MDOE3 com estrutura LIId: {DPt (O) [EId/EPt]}

O terceiro modelo deste padrão diferencia-se do anterior por apresentar o componente EPt, como pode ser observado na figura seguinte:

FIGURA 126 – MODELO MDOE3a

<p><b>ka'i</b> macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</p>	<p>Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> nós todos juntos vamos construir a casa; <i>ti popytywo e apo 'og</i> eu ajudo a fazer a casa.</p>
<p><b>manimea pykujtawarog</b> casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> eu vou chegando para dentro da casa de farinha.</p>	<p><b>'ogete</b> casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.</p>
<p><b>'og</b> casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade</p>	

O próximo modelo é uma variante do anterior, com o texto do DPt substituído por uma palavra ou expressão que traduz o LId.

FIGURA 127 – MODELO MDOE3b

**ka'i** macaco-prego (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*; o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawā rog** casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og*; eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** casa tradicional (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe*; vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo*; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

#### 9.1.5.4. Modelo MDOE4 com estrutura LPt: {DId (O) [EId]}

Nesse quarto modelo, apenas o Lema é apresentado em Português, enquanto todos os demais componentes da microestrutura estão em Suruí. A figura seguinte contém uma amostra desse modelo.

FIGURA 128 – MODELO MDOE4a

**casa 'og**. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og*; *ti popytywo e apo 'og*; *ti rehe t aketehewehe ne wy wekow*.

**casa de farinha** manimea pykujtawā rog. Pykujpykujtawā upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*.

**casa tradicional 'ogete**. Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawā; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo*, *'og t unawa*.

**macaco-prego ka'i**. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*.

Baseado na mesma estrutura do modelo acima, o modelo MDOE4b possui DId com apenas uma palavra ou expressão traduzindo o LPt. Já o Operador usado não é o Ft, como na proposta anterior, mas sim do tipo Fn, que geralmente aparece relacionado ao Lema, mas aqui é empregado junto ao Descritor. Essa substituição do tipo de Operador de versão para outra só foi possível porque, na segunda proposta, o Descritor é composto, na maior parte dos casos, de apenas uma palavra.

FIGURA 129 – MODELO MDOE4b

<b>cachorro</b> ma'esawar /maʔesa'war/. Ajnon: unupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu; esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u	<b>matar</b> suka /su'ka/. Ajnon: pehe puta pesuka ma'ea pesehow?; aha puta ri'a isukaw tasahuamu; esuka puhi
<b>cavar</b> hywykaj /kiwi'kaj/. Ajnon: ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj	<b>morrer</b> sekyj /se'kiʃ/. Ajnon: akuma'e usekyi; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu
<b>dar mono</b> /mɔ'nɔ/. Ajnon: syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe	<b>mulher</b> kuso /ku'sɔ/. Ajnon: kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?; ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym
<b>farinha de mandioca</b> manime /mani'mɛ/. Ajnon: manimea ko amumaraw wyrə'yra rupi'a	<b>redondo</b> 'apu'a /ʔapu'ʔa/. Ajnon: kuipia i'apu'a; tehahua i'apu'a
<b>homem</b> akuma'e /akuma'ʔɛ/. Ajnon: akuma'e akuraete; ajko re wehe rako aesag akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?	

#### 9.1.5.5. Modelo MDOE5 com estrutura LPt: {DId (O) [EId/EPt]}

Já o quinto modelo deste conjunto acrescenta à estrutura anterior o EPt:

FIGURA 130 – MODELO MDOE5a

<b>casa</b> 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og eu vou chegando para dentro da casa de farinha; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow; eu ajudo a fazer a casa.
<b>casa de farinha</b> manimea pykujtawa rog. Pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Īkatu umume'u). Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema.; eu vou chegando para dentro da casa de farinha
<b>casa tradicional</b> 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.
<b>macaco-prego</b> ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem; o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

Nessa primeira proposta do modelo, a apresentação do Descritor na forma de texto mais desenvolvido torna esse modelo menos comum se comparado às estruturas de materiais já existentes, porque é bem mais fácil encontrar materiais que possuem estrutura semelhante à do modelo a seguir:

FIGURA 131 – MODELO MDOE5b

<p><b>cachorro</b> ma'esawar /maʔesaw'at/. Ex. <i>unupo ma'e-sawara</i> ele bate no cachorro; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele; <i>esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i> tenha cuidado! o cachorro vai te morder</p> <p><b>cavar</b> hywykaj /kiwi'kaj/. Ex. <i>ywykwara ahywykaj</i> eu cavo buraco na terra; <i>ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i> eu vou cavar meu poço</p> <p><b>dar</b> mono /mɔ'nɔ/. Ex. <i>syryg puta amono ne irua pe</i> eu vou dar o machado para o teu irmão; <i>ko, amono ne upe</i> vou te dar isso; <i>ajko na amonowi ne upe</i> esse eu não dou isso para você</p> <p><b>farinha de mandioca</b> manime /mani'me/. Ex. <i>manimea ko amumaraw yra'yra rupi'a</i> farinha de mandioca misturada com ovo de galinha</p> <p><b>homem</b> akuma'e /akuma'ʔe/. Ex. <i>akuma'e akuraete</i> homem gordo; <i>ajko re wehe rako</i></p>	<p><i>aesag akuma'e</i> ontem eu vi este homem; <i>moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i> quantos homens vão correr?</p> <p><b>matar</b> suka /su'ka/ Ex. <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?</i> vocês vão matar aquelas caças?; <i>aha puta ri'a isukaw tasahuamu</i> talvez eu mate um porcão; <i>esuka puhi</i> não mata ele</p> <p><b>morrer</b> sekyj /sekij/. Ex. <i>akuma'e usekyi</i> o homem morreu; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele</p> <p><b>mulher</b> kuso /ku'sɔ/. Ex. <i>kuso sysyng</i> mulher magra; <i>ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?</i> por que as mulheres não estão cantando?; <i>ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i> nós fomos com as mulheres plantar mandioca</p> <p><b>redondo</b> 'apu'a /ʔapu'ʔa/. Ex. <i>kuipia i'apu'a</i> a cuia é redonda; <i>tehahua i'apu'a</i> o tucum é redondo</p>
---	--

Uma observação é necessária com relação a esse modelo: o uso de uma forma de transcrição fonética, muitas vezes, não contribui, por exemplo, para que o usuário em uma situação escolar tenha acesso à pronúncia adequada da palavra, porque essa forma de escrever os sons é mais acessível ao linguista. Logo, o uso ou não deste Operador dependerá, como já comentei, do público a que se destina a obra lexicográfica em construção.

#### 9.1.5.6. Modelo MDOE6 com estrutura LI: {DIId-DP<sub>t</sub> (O) [EIId/EP<sub>t</sub>]}

Este modelo amplia bastante o tamanho da microestrutura, uma vez que prevê a utilização de dois Descritores com Operadores e Exemplos também em duas línguas.

Com Lemas em Suruí, essa proposta está em ordem alfabética, com destaque de efeito itálico para os componentes em Português. Já os dois operadores aparecem entre parênteses, seguindo os respectivos Descritores a que se referem, como demonstra a figura a seguir:

FIGURA 132 – MODELO MDOE6

**ka'ia** ka'ia iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta* (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawa rog** pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n |usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa* (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og nós todos juntos vamos construir a casa; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada* (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

#### 9.1.5.7. Modelo MDOE7 com estrutura LPt: {DPt-DId (O) [EPt/EId]}<sup>169</sup>

Esse modelo coloca na posição de Lema e de primeiro Descritor e Exemplo o Português, e nas posições secundárias a língua Suruí, logo, corresponde a um modelo inverso do MDOE6. Além disso, ele está distribuído não em uma, mas sim em duas colunas, e o efeito itálico é aplicado, agora, sobre os componentes na língua Suruí, como pode ser visto a seguir:

<sup>169</sup> O componente Operador, nessa proposta, pode se relacionar a qualquer um dos Descritores, e seu uso dependerá exclusivamente das decisões do PDL.

FIGURA 133 – MODELO MDOE7

**Casa.** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (na língua Suruí a palavra usada para designar ‘macaco-prego’ é também empregada para a forma genérica ‘macaco’). *’og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku’om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma’epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma’etiru umuakym rapo amona n usapy’u rapo tata (Wajwera umume’u).* Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa *asehu tese saupir sene rehe ’og;* eu ajudo a fazer a casa *ti popytywo e apo ’og.*

**Casa de farinha.** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. *Manimea pykujtawo rog. Pykujpykujtawo upin mani’og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume’u).* Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha *aha puta manime roga pupe wewahema.*

**Casa tradicional.** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do

babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). *’ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukueite muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.* Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda *uruapo puta ’ogete semu’etawa ukaripe;* vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver *uruapo puta ’ogete t uesag wehe warasu tywo, ’og t unawa.*

**Macaco-prego.** Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. *Ka’i. Ka’i iwete okowa’e; upyhyg iwyw ka’ia so uputi’a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka’ia awiton iapina pisuna (Tymkong umume’u).* Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos *ka’ia usemuaraj yware ywokomumepem.*

#### 9.1.5.8. Modelo MDOE8 com estrutura LIId: {DIId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}

Esse penúltimo modelo apresenta uma forma aberta, ou seja, ele não estabelece a quantidade de línguas que a estrutura pode vir a ter, a não ser uma quantidade mínima estabelecida apenas para distingui esse modelo dos demais.

Há de se considerar ainda que a estrutura desse modelo é bem parecida com a do modelo MDE8, distinguindo-se dele por conter um Operador junto ao descritores.

Na utilização deste modelo, deve-se levar em conta que o verbete resultante é significativamente volumoso, o que exige um tratamento lexicográfico cuidadoso com a utilização adequada dos efeitos tipográficos, a fim de permitir que cada informação continue legível ao ser publicada. A seguir, apresento modelo envolvendo três línguas, o Suruí, o Português e o Inglês.

FIGURA 134 – MODELO MDOE8

ka'i ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymkong umume'u). *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.* Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut-nut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. *Cebus apella.* Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtaw** ro**g** pykujpykujtaw upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema eu vou chegando para dentro da casa de farinha I came into the house of flour.

'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusaru-kong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não*

*molhar. Todos ajudam na construção da casa.* House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og nós todos juntos vamos construir a casa all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa I help the building of the house.

'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional amos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.* Traditional house. To make a traditional house, we dug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, it door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver let's do the traditional house for the non Indians to see it.

Nesse modelo, o LI<sub>d</sub> é o único componente a receber efeito negrito, o que o destaca no início do verbete. Já o DP<sub>t</sub> e DL<sub>t</sub> recebem ambos o efeito itálico, do mesmo modo que o EP<sub>t</sub>. Nesse modelo de apresentação do material lexicográfico o tamanho do tipo (ou fonte) usado é padrão de muitos editores de texto, ou seja, 12 pontos.

### 9.1.5.9. Modelo MDOE9 com estrutura LIId: {DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}

Este modelo diferencia-se do anterior por dois aspectos: o primeiro, ele não apresenta DIId; o segundo, ele traz todos os Descritores reduzidos a uma palavra ou expressão traduzindo o conteúdo do LIId. Essa proposta, apesar de rara, existe no conjunto de obras lexicográficas já produzidas para as línguas indígenas brasileiras. Apresento, a seguir, um exemplo deste modelo que segue as mesmas especificações formais do modelo anterior.

FIGURA 135 – MODELO MDOE9

<p><b>ka'i</b> <i>Macaco-prego</i> (significa também a forma genérica 'macaco'). Capuchin monkey. <i>Cebus apella</i>. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem <i>o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos</i> the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.</p>	<p><b>'og</b> <i>Casa</i>. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og <i>nós todos juntos vamos construir a casa</i> all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og <i>eu ajudo a fazer a casa</i> I help the building of the house.</p>
<p><b>manimea pykujtawarog</b> <i>Casa de farinha</i> (a única farinha feita pelos Suruí é a de mandioca). Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i> I came into the house of flour.</p>	<p><b>'ogete</b> <i>Casa tradicional</i> (lit. <i>Casa verdadeira</i>). Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe <i>vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda</i> let's make a traditional house in the land where you study.</p>

### 9.1.6. Modelo MDEO

De todos os modelos apresentados na subseção 9.3.4.1, este foi o único ainda não atestado. Logo, todas as propostas relacionadas a ele, aqui apresentadas, têm o papel de preencher a lacuna observada no corpus desta pesquisa.

A raridade desta proposta se deve, provavelmente, ao fato de essa estrutura prever o uso de Operadores relacionados ao componente Exemplo, que, em geral, não se associa a esse elemento na microestrutura. Além disso, há de se observar que alguns Operadores, mesmo não tendo o seu uso proibido, têm uma chance muito pequena de ocorrer nessa posição, são eles: Fn, Gr, Et, Hm e Vr.

Logo, as EML's possíveis nesse conjunto são: (1) LIId: {DIId [EId (O)]}; (2) LIId: {DPt [EId (O)]}; (3) LIId: {DPt [EId/EPt (O)]}; (4) LPt: {DIId [EId (O)]}; (5) LPt: {DIId [EId/EPt (O)]}; (6) LIId: {DIId-DPt [EId/EPt (O)]}; (7) LPt: {DPt-DIId [EPt/EId (O)]}; (8) LIId: {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]} e (9) LIId: {DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]}.

### 9.1.6.1. Modelo MDEO1 com estrutura LId: {DId [EId (O)]}

Esse primeiro modelo contém apenas a língua Suruí com Operador associado ao componente Exemplo. Aqui também utilizo o Operador do tipo Ft, semelhante ao modelo MDE1, porém, com a possibilidade de indicar para cada Exemplo o nome de quem forneceu o dado. Há de se observar ainda que é possível usar outros Operadores nesse mesmo contexto, como, por exemplo, os do tipo Na ou Tl.

A seguir, apresento um exemplo desse modelo:

FIGURA 136 – MODELO MDEO1

**ka'i ka'i iwete okowa'e;** upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u).

**manimea pykujtawa rog** pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u).

'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Ikatu umume'u); *ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow* (Wajwera umume'u).

'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u); *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* (Wajwera umume'u).

Nesse modelo distribuído em uma cola, todos os Operadores de EId vêm destacados entre parênteses, sem efeito itálico, que é reservado apenas para o próprio EId.

### 9.1.6.2. Modelo MDEO2 com estrutura LId: {DPt [EId (O)]}

Esse segundo modelo não possui DId, mas DPt, introduzindo uma segunda língua no modelo. Os Exemplos continuam com Operador Fn, também destacados entre parênteses.

Distribuído em duas colunas, esse modelo, que pode ser visto na figura a seguir, também tem o Lema destacado com efeito negrito.

FIGURA 137 – MODELO MDEO2

<p><b>ka'i</b> Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p>	<p>construção da casa. Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u); <i>ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i> (Wajwera umume'u).</p>
<p><b>manimea pykujtawarog</b> Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u).</p>	<p><b>'ogete</b> Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u); <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u).</p>
<p><b>'og</b> Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na</p>	

### 9.1.6.3. Modelo MDEO3 com estrutura LId: {DPt [EId/EPt (O)]}

Esse é o primeiro modelo deste conjunto a apresentar dois componentes do tipo Exemplo com línguas diferentes. E, assim como o modelo anterior, ele não apresenta DId, conforme pode ser observado a seguir:

FIGURA 138 – MODELO MDEO3a

<p><b>ka'i</b> macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</p>	<p><i>sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u) nós todos juntos vamos construir a casa; <i>ti popytywo e apo 'og</i> (Wajwera umume'u) eu ajudo a fazer a casa.</p>
<p><b>manimea pykujtawarog</b> casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u) eu vou chegando para dentro da casa de farinha.</p>	<p><b>'ogete</b> casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u) vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u) vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.</p>
<p><b>'og</b> casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. Ajnon: <i>asehu tese saupir</i></p>	

Esse modelo pode também ser apresentado com um DId contendo apenas uma palavra ou expressão que traduz o LId. A próxima figura traz um exemplo dessa proposta:

FIGURA 139 – MODELO MDEO3b

**ka'i** macaco-prego. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u); o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawa rog** casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og* (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** casa tradicional. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u); vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo* (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

#### 9.1.6.4. Modelo MDEO4 com estrutura LPt: {DId [EId (O)]}

Esse modelo possui estrutura aproximada à das propostas MD3, MDO5 e MDOE5, mas diferencia-se delas por deslocar o Operador para junto do Exemplo.

FIGURA 140 – MODELO MDEO4a

**casa 'og**. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og* (Ikatu umume'u); *ti rehe t aketehewehe ne wy wekow* (Wajwera umume'u).

**casa de farinha** manimea pykujtawa rog. Pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u).

**casa tradicional 'ogete**. Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u) *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* (Wajwera umume'u).

**macaco-prego ka'i**. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u).

No modelo acima, a maioria dos EId é seguida por um Operador do tipo Ft, que fica entre parênteses sem efeito itálico. Esse modelo apresenta a seguinte variação:

FIGURA 141 – MODELO MDEO4b

<b>cachorro</b> ma'esawar Ajnon: <i>unupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu (Ikatu umume'u); esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i>	<i>aesag akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i>
<b>cavar</b> hywykaj Ajnon: <i>ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i>	<b>matar</b> suka Ajnon: <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?; aha puta ri'a isukaw tasahuamu; esuka puhi (Masu umume'u)</i>
<b>dar</b> mono Ajnon: <i>syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe (Muretama umume'u)</i>	<b>morrer</b> sekyj Ajnon: <i>akuma'e usekyi; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i>
<b>farinha de mandioca</b> manime Ajnon: <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a (Tymykong umume'u)</i>	<b>mulher</b> kuso Ajnon: <i>kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi? (Ikatu umume'u); ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i>
<b>homem</b> akuma'e Ajnon: <i>akuma'e akuraete; ajko re wehe rako</i>	<b>redondo</b> 'apu'a Ajnon: <i>kui pia i'apu'a; tehahua i'apu'a (Waywera umume'u)</i>

Com verbetes distribuídos em duas colunas, esse modelo apresenta, em cada microestrutura, o LPt e o DIId sempre na primeira linha, e nas linhas subsequentes os EId com os respectivos Operadores.

#### 9.1.6.5. Modelo MDEO5 com estrutura LPt: {DIId [EId/EPt (O)]}

Seguindo a estrutura do modelo anterior, o MDOE5 diferencia-se dele por conter um segundo componente Exemplo com a mesma língua do Lema, ou seja, em Português.<sup>170</sup>

No entanto, nem todos os EId desse modelo possuem Operador Ft, haja vista a possibilidade de eles ocorrerem ou não na microestrutura da obra, conforme, como já mencionei, as especificações do PDL que vai originar a obra.

A título de exemplo, apresento, a seguir, a imagem desse modelo, com dados distribuídos em duas colunas, com LPt em negrito, EId em itálico e Ft entre parênteses.

<sup>170</sup> A quantidade de amostras usadas em cada componente Exemplo pode variar de uma microestrutura para outra, pois isso depende da quantidade de dados disponíveis em cada contexto, mas o que é imprescindível é que haja, pelo menos, um dado para garantir, por exemplo, neste modelo, a existência dos componentes EId e EPt.

FIGURA 142 – MODELO MDEO5a

<p><b>casa</b> 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i>; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow (Wajwera umume'u); <i>eu ajudo a fazer a casa</i>.</p>	<p><b>casa tradicional</b> 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) <i>vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda</i>; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa <i>vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver</i>.</p>
<p><b>casa de farinha</b> manimea pykujtawarog. Pykujpykujtawar upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u); <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i>.</p>	<p><b>macaco-prego</b> ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u); <i>o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos</i>.</p>

Esse modelo apresenta a seguinte variação:

FIGURA 143 – MODELO MDEO5b

<p><b>cachorro</b> ma'esawar Ex. <i>unupo ma'e-sawara</i> ele bate no cachorro; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> (Ikatu umume'u) o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele; <i>esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i> tenha cuidado! o cachorro vai te morder</p>	<p><b>homem</b> akuma'e Ex. <i>akuma'e akuraete</i> homem gordo; <i>ajko re wehe rako aesag</i> akuma'e ontem eu vi este homem; <i>moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i> quantos homens vão correr?</p>
<p><b>cavar</b> hywykaj Ex. <i>ywykwara ahywykaj</i> eu cavo buraco na terra; <i>ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i> eu vou cavar meu poço</p>	<p><b>matar</b> suka Ex. <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?</i> (Masu umume'u) vocês vão matar aquelas caças?; <i>aha puta ri'a isukaw tasahuamu</i> talvez eu mate um porcão; <i>esuka puhi</i> não mata ele</p>
<p><b>dar</b> mono Ex. <i>syryg puta amono ne irua pe</i> (Muretama umume'u) eu vou dar o machado para o teu irmão; <i>ko, amono ne upe</i> vou te dar isso; <i>ajko na amonowi ne upe</i> esse eu não dou isso para você</p>	<p><b>morrer</b> sekyj Ex. <i>akuma'e usekyi</i> o homem morreu; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele</p>
<p><b>farinha de mandioca</b> manime Ex. <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a</i> (Tymykong umume'u) farinha de mandioca misturada com ovo de galinha</p>	<p><b>mulher</b> kuso Ex. <i>kuso sysyng</i> mulher magra; <i>ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?</i> (Ikatu umume'u) por que as mulheres não estão cantando?; <i>ure kuso tesaramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i> nós fomos com as mulheres plantar mandioca</p>

No exemplo acima, o DId é apresentado com uma palavra ou expressão e o componente Exemplo é introduzido por Ex, com destaque em itálico para o EId.

### 9.1.6.6. Modelo MDEO6 com estrutura LIId: {DIId-DP<sub>t</sub> [EId/EP<sub>t</sub> (O)]}

Esse modelo se diferencia dos anteriores por conter Descritores e Exemplos em duas línguas, como pode ser observado no exemplo a seguir:

FIGURA 144 – MODELO MDEO6

**ka'i ka'i iwete okowa'e;** upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.* Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u) *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.*

**manimea pykujtawā rog** pykujpykujtawā upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha.*

**'og** uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.* Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa.*

**'ogete** uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.* Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.*

Com Operadores relacionados apenas ao componente Exemplo, o modelo destaca com itálico apenas os componentes em Português.

### 9.1.6.7. Modelo MDEO7 com estrutura LP<sub>t</sub>: {DP<sub>t</sub>-DIId [EP<sub>t</sub>/EId (O)]}

Mantendo a estrutura do MDOE6, este modelo substitui a posição das línguas, por exemplo, o que era LIId passa a LP<sub>t</sub>, o mesmo ocorrendo com todos os demais componentes desta proposta, como pode ser visto no exemplo a seguir organizado em duas colunas:

FIGURA 145 – MODELO MDEO7

<p><b>Casa.</b> Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. 'og. <i>Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.</i> Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa <i>ti popytywo e apo 'og</i>.</p> <p><b>Casa de farinha.</b> Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. <i>Manimea pykujtawo rog. Pykujpykujtawo upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.</i> Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u).</p> <p><b>Casa tradicional.</b> Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do</p>	<p>babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. 'ogete. <i>Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.</i> Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.</i></p> <p><b>Macaco-prego.</b> Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. <i>Ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.</i> Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p>
---	--

Nesse modelo, o destaque em itálico passa a ser feito apenas nos componentes na língua Suruí, mantendo-se o recurso de parênteses para o Operador. Com relação à distribuição dos verbetes desse modelo em duas colunas, um problema que deve ser observado é a possibilidade de haver grandes espaços vazios entre uma palavra e outras, tal como ocorre nos verbetes 'casa tradicional' e 'macaco-prego'. Nesse caso, deve-se avaliar se a estrutura com apenas não acomodaria melhor os dados.

#### 9.1.6.8. Modelo MDEO8 com estrutura LId: {DId-DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]}

A mesma situação observada nos modelos MDE8 e MDOE8, em que a EML chegava à sua expansão máxima, ocorre nesse modelo, que se distingue desses dois citados por ter o Operador apenas junto aos componentes Exemplos.

Nesse modelo, assim como nos demais, o Operador pode ocorrer em apenas um dos componentes do tipo Exemplo ou em todos eles, dependendo do PDL. A seguir, apresento a figura com um exemplo dessa proposta:

FIGURA 146 – MODELO MDEO8

**ka'i ka'i iwete okowa'e;** upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.* Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut-nut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. *Cebus apella.* Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymkong umume'u) *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos* the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtawarog** pykujpykujtawaropin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha* I came into the house of flour.

**'og** uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.*

House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa* all together we will build the house; ti popytywwo e apo 'og *eu ajudo a fazer a casa* I help the building of the house.

**'ogete** uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.* Traditional house. To make a traditional house, we dug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, it door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda* let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; *vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver* let's do the traditional house for the non Indians to see it.

#### 9.1.6.9. Modelo MDEO9 com estrutura Lid: {DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}

O último modelo desse conjunto possui quase todos os componentes do modelo anterior, menos o DId, como pode ser visto no exemplo a seguir:

FIGURA 147 – MODELO MDEO9

<p><b>ka'i</b> <i>Macaco-prego</i>. Capuchin monkey. <i>Cebus apella</i>. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u) <i>o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos</i> the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.</p> <p><b>manimea pykujtawarog</b> <i>Casa de farinha</i>. Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i> I came into the house of flour.</p> <p><b>'og</b> <i>Casa</i>. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Ikatu umume'u) <i>nós todos juntos vamos construir a casa</i> all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og <i>eu ajudo a fazer a casa</i> I help the building of the house.</p> <p><b>'ogete</b> <i>Casa tradicional</i>. Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Ikatu umume'u) <i>vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda</i> let's make a traditional house in the land where you study.</p>
--

Com verbetes distribuídos em uma coluna, esse modelo destaca com efeito itálico somente o material em Português, que fica intercalado entre os dados das duas outras línguas.

#### 9.1.7. Modelo MDOEO

Na sequência de modelos com Operadores não relacionados ao Lema, essa é a última proposta e, com certeza a mais completa. Logo, como havia observado anteriormente, são raros no corpus reunido nesta pesquisa ocorrência de modelos como esse, tanto que só há um registro, até o momento, de material com a estrutura MDOEO.

Contudo, tal como procedi no modelo anterior, apresento as propostas relacionadas a esse modelo para a língua Suruí: (1) LId: {DId (O) [EId (O)]}; (2) LId: {DPt (O) [EId (O)]}; (3) LId: {DPt (O) [EId/EPt (O)]}; (4) LPt: {DId (O) [EId (O)]}; (5) LPt: {DId (O) [EId/EPt (O)]}; (6) LId: {DId-DPt (O) [EId/EPt (O)]}; (7) LPt: {DPt-DId (O) [EPt/EId (O)]}; (8) LId: {DId-DPt-D... (O)[EId/EPt/E... (O)]} e (9) LId: {DPt-D... (O)[EId/EPt/E... (O)]}.

##### 9.1.7.1. Modelo MDOEO1 com estrutura LId: {DId (O) [EId (O)]}

Em um material lexicográfico para determinada língua, inserir a informação de quem é a pessoa responsável pela explicação sobre determinado item, ou seja, a fonte, colabora para sua credibilidade. Como a fonte da informação para a explicação apresentada no Descritor pode ser diferente da fonte do conteúdo do Exemplo, a inserção desses dois Operadores torna o material ainda mais preciso. Assim, o modelo exemplificado a seguir, apresenta dois Ft, um para o DId e outro para o EId:

FIGURA 148 – MODELO MDOEO1

**ka'i** ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Wajwera umume'u). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u).

**manimea pykujtawarog** pykujpykujtawarupin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u).

**'og** uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Ikatu umume'u). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Ikatu umume'u); *ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow* (Wajwera umume'u).

**'ogete** uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Muretama umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u); *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* (Wajwera umume'u).

Outros Operadores poderiam ser usados, por exemplo, no contexto do componente Exemplo, como o Tl ou o Vr.

#### 9.1.7.2. Modelo MDOEO2 com estrutura LId: {DPt (O) [EId (O)]}

Esse modelo possui Operadores relacionados a dois componentes de línguas diferentes, o DPt e o EId, como pode ser observado no exemplo a seguir:

FIGURA 149 – MODELO MDOEO2

<p><b>ka'i</b> Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p>	<p>qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u); <i>ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i> (Wajwera umume'u).</p>
<p><b>manimea pykujtawarog</b> Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u).</p>	<p><b>'ogete</b> Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u); <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u).</p>
<p><b>'og</b> Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na</p>	

O primeiro Operador é do tipo Na e o segundo do tipo Ft, ambos destacados entre parênteses.

### 9.1.7.3. Modelo MDOEO3 com estrutura LIId: {DPt (O) [EId/EPt (O)]}

Já esse modelo contém duas ocorrências de Exemplo, uma para a língua Suruí, outra para o Português, conforme demonstrado na figura a seguir:

FIGURA 150 – MODELO MDOEO3a

<p><b>ka'i</b> macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</p> <p><b>manimea pykujtawarog</b> casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u) eu vou chegando para dentro da casa de farinha.</p> <p><b>'og</b> casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres</p>	<p>e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u) nós todos juntos vamos construir a casa; <i>ti popytywo e apo 'og</i> (Wajwera umume'u) eu ajudo a fazer a casa.</p> <p><b>'ogete</b> casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u) vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u) vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.</p>
--	---

Esse modelo organizado em duas colunas e com destaque para um DPt bastante desenvolvido e acrescido de Operadores se aproxima à estrutura encontrada nos materiais lexicográficos do tipo Enciclopédia (cf., por exemplo, a *Enciclopédia Bororo*, de Albisetti & Venturelli (1962)).

Nessa proposta, além do Lema em negrito, o único componente destacado com efeito itálico e o EId. A substituição do DPt mais desenvolvido por esse composto por uma palavra ou expressão permite ver com mais clareza a presença dos Operadores nos dois pontos das microestruturas. A seguir, apresento uma variação desse modelo:

FIGURA 151 – MODELO MDOEO3b

**ka'i** macaco-prego (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u); o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawa rog** casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og* (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** casa tradicional (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u); vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo* (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

#### 9.1.7.4. Modelo MDOEO4 com estrutura LPt: {Did (O) [EId (O)]}

Esse quarto modelo leva o Português para a posição de Lema, como pode ser observado no exemplo a seguir:

FIGURA 152 – MODELO MDOEO4a

**casa 'og.** Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Ikatu umume'u). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og* (Ikatu umume'u); *ti rehe t aketehewehe ne wy wekow* (Wajwera umume'u).

**casa de farinha** manimea pykujtawa rog. Pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u).

**casa tradicional 'ogete.** Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Muretama umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u) *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* (Wajwera umume'u).

**macaco-prego** ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Wajwera umume'u). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u).

Também com Operadores juntos ao Descritor e ao Exemplo, essa forma do modelo se aproxima bastante à de um material monolíngue, só não efetivado por causa do LPt. Assim como nos modelos anteriores, essa proposta também apresenta uma variação, que está organizada em ordem alfabética do LPt e distribuído em duas colunas:

FIGURA 153 – MODELO MDOEO4b

<b>cachorro</b> ma'esawar /ma?esa'war/ Ajnon: <i>umupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu (Ikatu umume'u); esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i>	<i>aesag akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i>
<b>cavar</b> hywykaj /kiwi'kaj/ Ajnon: <i>ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i>	<b>matar</b> suka /su'ka/ Ajnon: <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?; aha puta ri'a isukaw tasahuamu; esuka puhi (Masu umume'u)</i>
<b>dar</b> mono /mɔ'no/ Ajnon: <i>syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe (Muretama umume'u)</i>	<b>morrer</b> sekyj /sɛ'kij/ Ajnon: <i>akuma'e usekyi; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i>
<b>farinha de mandioca</b> manime /mani'me/ Ajnon: <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a (Tymykong umume'u)</i>	<b>mulher</b> kuso /ku'sɔ/ Ajnon: <i>kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi? (Ikatu umume'u); ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i>
<b>homem</b> akuma'e /akuma'ʔɛ/ Ajnon: <i>akuma'e akuraete; ajko re wehe rako</i>	<b>redondo</b> 'apu'a /ʔapu'ʔa/ Ajnon: <i>kuipia i'apu'a; tehahua i'apu'a (Waywera umume'u)</i>

Nesse exemplo, o DId recebe um Operador do tipo Fn e o EId, um do tipo Ft. O primeiro colocado entre barras oblíquas, e o segundo, entre parênteses. Também nessa proposta o LPt e o DId ocupam a primeira linha do verbete, enquanto as demais informações são apresentadas a partir da linha seguinte.

#### 9.1.7.5. Modelo MDOEO5 com estrutura LPt: {DId (O) [EId/EPt (O)]}

O quinto modelo assemelha-se ao anterior, porém, nele foi acrescentado o componente EPt com a utilização do Operador Ft nos dois contextos.

Com verbetes distribuídos em duas colunas, destaca com efeito negrito o LPt, e com efeito itálico o EPt, valorizando o DId que não tem correspondente na outra língua.

A seguir, apresento na figura 154 um exemplo do modelo MDOEO5 com a sua respectiva variação:

FIGURA 154 – MODELO MDOEO5a

<p><b>casa</b> 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Ikatu umume'u). Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i>; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow (Wajwera umume'u); <i>eu ajudo a fazer a casa</i>.</p> <p><b>casa de farinha</b> manimea pykujtawo rog. Pykujpykujtawo upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u); <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i>.</p> <p><b>casa tradicional</b> 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe</p>	<p>ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Muretama umume'u). Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) <i>vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda</i>; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa <i>vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver</i>.</p> <p><b>macaco-prego</b> ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Wajwera umume'u). Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u); <i>o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos</i>.</p>
--	--

O exemplo seguinte é semelhante ao MDOEO4b, mas acrescido do segundo Operador. Nele destaco também o LPt e o DId na primeira linha. Destaco novamente que a ocorrência de Operadores em dois pontos da microestrutura pode ser esporádica, havendo, portanto, situações em que o Operador não é usado.

FIGURA 155 – MODELO MDOEO5b

<p><b>cavar</b> hywykaj /kiwi'kaj/ Ex. <i>ywykwara ahywykaj</i> eu cavo buraco na terra; <i>ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i> eu vou cavar meu poço</p> <p><b>dar</b> mono /mɔ'nɔ/ Ex. <i>syryg puta amono ne irua pe</i> (Muretama umume'u) eu vou dar o machado para o teu irmão; <i>ko, amono ne upe</i> vou te dar isso; <i>ajko na amonowi ne upe</i> esse eu não dou isso para você</p> <p><b>farinha de mandioca</b> manime /mani'mɛ/ Ex. <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a</i> (Tymykong umume'u) farinha de mandioca misturada com ovo de galinha</p> <p><b>homem</b> akuma'e /akuma'ʔɛ/ Ex. <i>akuma'e akuraete</i> homem gordo; <i>ajko re wehe rako aesag</i> akuma'e ontem eu vi este homem; <i>moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i> quantos homens vão correr?</p>	<p><b>matar</b> suka /su'ka/ Ex. <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?</i> (Masu umume'u) vocês vão matar aquelas caças?; <i>aha puta ri'a isukaw tasahuamu</i> talvez eu mate um porcão; <i>esuka puhi</i> não mata ele</p> <p><b>morrer</b> sekyj /se'kij/ Ex. <i>akuma'e usekyi</i> o homem morreu; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele</p> <p><b>mulher</b> kuso /ku'sɔ/ Ex. <i>kuso sysyng</i> mulher magra; <i>ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?</i> (Ikatu umume'u) por que as mulheres não estão cantando?; <i>ure kuso tesaramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i> nós fomos com as mulheres plantar mandioca</p> <p><b>redondo</b> 'apu'a /ʔapu'ʔa/ Ex. <i>kuipia i'apu'a</i> a cuia é redonda; <i>tehahua i'apu'a</i> o tucum é redondo</p>
---	---

### 9.1.7.6. Modelo MDOEO6 com estrutura LIId: {DIId-DPt (O) [EId/EPt (O)]}

Um modelo MDOEO bilíngue com Descritores em Suruí e Português e também o componente Exemplo nas duas línguas, todos eles podendo ser seguidos por Operadores, como mostra a figura a seguir:

FIGURA 156 – MODELO MDOEO6

**ka'í ka'í iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta** (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokokumepem (Tymykong umume'u) *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.*

**manimea pykujtawá rog pykujpykujtawá upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.** Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha.*

**'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa** (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa.*

**'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada** (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.*

### 9.1.7.7. Modelo MDOEO7 com estrutura LPt: {DPt-DIId (O) [EPt/EId (O)]}

Esse modelo mantém os mesmos componentes da proposta anterior, mas muda a posição das línguas, onde havia Suruí coloca o Português e vice-versa:

FIGURA 157 – MODELO MDOEO7

**Casa.** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). 'og. *Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.* Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa *ti popytywo e apo 'og*.

**Casa de farinha.** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. *Manimea pykujtawo rog. Pykupykujtawo upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.* Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u).

**Casa tradicional.** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do

babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). 'ogete. *Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.* Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.*

**Macaco-prego.** Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). *Ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.* Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymkong umume'u).

Dentro deste conjunto de modelos MDOEO, a proposta acima é uma das mais completas para um material lexicográfico bilíngue, com LPt destacado em negrito e DIId e EId em itálico.

#### 9.1.7.8. Modelo MDOEO8 com estrutura LIId: {DIId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}

Esse modelo apresenta a maior EML desse conjunto, com pelo menos três componentes do tipo Descritor e três componentes do tipo Exemplo, e envolvendo, portanto, três línguas, no mínimo, em sua constituição.

O primeiro Operador é do tipo Na e o segundo, do tipo Ft, ambos destacados entre parênteses, como pode ser observado no exemplo a seguir:

FIGURA 158 – MODELO MDOEO8

ka'i ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta* (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut-nut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. *Cebus apella*. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtawá rog pykujpykujtawá** upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupé wewahema (Ikatu umume'u) eu vou chegando para dentro da casa de farinha I came into the house of flour.

'og uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusaru-kong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa* (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam

homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) nós todos juntos vamos construir a casa all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa I help the building of the house.

'ogete uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwahog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada* (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Traditional house. To make a traditional house (Ctrl)ug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, it door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver let's do the traditional house for the non Indians to see it.

### 9.1.7.9. Modelo MDOEO9 com estrutura LIId: {DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}

Enfim, o último modelo do grupo MDOEO é semelhante ao anterior, mas elimina o componente DIId. Nesse caso, optei por apresentar o conteúdo dos demais Descritores apenas com uma palavra ou expressão traduzindo o Lema em Suruí. Essas características podem ser observadas a seguir:

FIGURA 159 – MODELO MDOEO9

**ka'i** *Macaco-prego* (mico-de-topete). Capuchin monkey. *Cebus apella*. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u) *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos* the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtawa rog** *Casa de farinha* (farinha de mandioca). Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha* I came into the house of flour.

**'og** *Casa*. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Ikatu umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa* all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og *eu ajudo a fazer a casa* I help the building of the house.

**'ogete** *Casa tradicional* (casa verdadeira). Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Ikatu umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda* let's make a traditional house in the land where you study.

### 9.1.8. Modelo MO

Neste ponto da apresentação dos modelos lexicográficos para a língua indígena Suruí, é importante destacar que, doravante, todas as propostas seguirão estruturas paralelas às sete primeiras apresentadas acima, porém com a diferença de conterem todos esses modelos o componente Operador relacionado ao Lema do verbete.<sup>171</sup>

Baseando-me na estrutura básica L: O, é possível construir uma série de propostas, à maneira do que foi feito com a estrutura L (ver subseção 9.1.1 acima). No entanto, é importante destacar que, no levantamento feito das UBL's das línguas indígenas brasileiras, registrei apenas uma ocorrência com essa estrutura.

Dessa forma, as propostas aqui construídas são, grosso modo, inéditas no contexto brasileiro. A seguir, apresento as propostas baseadas neste modelo e que utilizam dados apenas da língua Suruí.

<sup>171</sup> A decisão de apresentar separadamente esses modelos se deve ao fato de eles permitirem o uso de uma quantidade maior de tipos de Operadores.

FIGURA 160 – MODELO MO1

pyryryryry <i>n.descr.</i>	sakare <i>n.III</i>	sate'i py'a <i>n.III</i>
pysu'o <i>n.Ia</i>	sakarehu <i>n.III</i>	satew'u <i>n.III</i>
pyta <i>n.descr.</i>	sakareting <i>n.III</i>	satew'u'i <i>n.III</i>
pyter <i>v.tr.</i>	saku <i>n.III</i>	satewpew <i>n.III</i>
pytowoihu <i>n.III</i>	sakuhu <i>n.III</i>	satewpytong <i>n.III</i>
pyw <i>n.descr.</i>	sakuna <i>n.III</i>	sati'u <i>n.III</i>
rajty <i>n.III</i>	samomor <i>n.descr.</i>	satuta'i <i>n.III</i>
row <i>n.descr.</i>	sanipaw <i>n.III</i>	sautiakarahaw <i>n.III</i>
ru'ag <i>v.tr.</i>	sanu <i>n.III</i>	sawapisun <i>n.III</i>
ru'aru'ag <i>v.tr.</i>	sanu'i <i>n.III</i>	sawar <i>n.III</i>
rutryryyg <i>v.tr.</i>	sanua rekwaw <i>n.III</i>	sawari <i>n.III</i>
sa'i'um <i>n.III</i>	sanupopuku <i>n.III</i>	sawaron <i>n.III</i>
sahu <i>n.III</i>	sanupuhaw <i>n.III</i>	sawatarag <i>n.III</i>
sahug <i>v.tr.</i>	sanupyha <i>n.III</i>	sawewyr <i>n.III</i>
sahy <i>n.III</i>	sapakani	sawirire <i>n.III</i>
sahyauwy <i>n.III</i>	sapakaniron <i>n.III</i>	sawti <i>n.III</i>
sahytata <i>n.III</i>	sapi'i <i>n.III</i>	sawtihu <i>n.III</i>
sahytatawa <i>n.III</i>	sapuhu <i>n.III</i>	sawtipew <i>n.III</i>
saimew <i>n.III</i>	saratyta <i>n.III</i>	se'eng <i>v.int.</i>
sakami <i>n.III</i>	sarukaw <i>n.III</i>	se'engar <i>v.int.</i>
sakareakoj <i>n.III</i>	sarukong <i>n.Ia</i>	se'upir <i>v.int.</i>
sakareasyw <i>n.III</i>	sasyu'u <i>n.descr.</i>	sehasakar <i>n.III</i>

Essa primeira proposta com verbetes distribuídos em três colunas e ordenados alfabeticamente, apresenta o LIId na língua Suruí com um Operador do tipo Gr, destacado com efeito itálico. Um material desta natureza pode ser usado para construir, por exemplo, um vocabulário ortográfico da língua, adicionado da informação gramatical que pode ser aproveitada em um contexto escolar de ensino da língua.<sup>172</sup>

O próximo modelo retoma o anterior, inserindo nele um segundo Operador:

FIGURA 161 – MODELO MO2

585. <b>nupinipar</b> <i>n.III</i> /nupini'par/	601. <b>parati'iw</b> <i>n.Ib</i> /parati'iw/
586. <b>nupo</b> <i>v.tr.</i> /nu'pɔ/	602. <b>pe</b> <i>n.Ia</i> /'pe/
587. <b>o'o</b> <i>n.IIa</i> /ɔ'ʔɔ/	603. <b>pehe</b> <i>pron.</i> /pe'he/
588. <b>o'oj</b> <i>n.III</i> /ɔ'ʔɔj/	604. <b>pehitaw</b> <i>n.III</i> /pehi'taw/
589. <b>'og</b> <i>n.III</i> /'ʔɔg/	605. <b>peke'i</b> <i>n.III</i> /'peke'ʔi/
590. <b>'ogete</b> <i>n.III</i> /ʔɔge'te/	606. <b>penur</b> <i>n.descr.</i> /pe'nur/
591. <b>oko</b> <i>n.III</i> /ɔ'kɔ/	607. <b>pepo</b> <i>n.III</i> /pe'pɔ/
592. <b>opo</b> <i>v.tr.</i> /ɔ'pɔ/	608. <b>pepuwyr</b> <i>n.Ia</i> /pepu'wir/
593. <b>oso</b> <i>n.IIa</i> /ɔ'sɔ/	609. <b>perew</b> <i>n.Ia</i> /pe'rew/
594. <b>oto</b> <i>n.descr.</i> /ɔ'tɔ/	610. <b>pesu</b> <i>v.tr.</i> /pe'su/
595. <b>ow</b> <i>n.IIa</i> /'ɔw/	611. <b>petiwaron</b> <i>n.III</i> /petiwa'rɔn/
596. <b>pa'e</b> <i>part.int.</i> /pa'ʔe/	612. <b>petiwaron'yw</b> <i>n.III</i> /petiwa'rɔn'ʔiw/
597. <b>pahaku</b> /paha'ku/	613. <b>petym</b> <i>n.III</i> /pe'tim/
598. <b>pakohow</b> <i>n.III</i> /pakɔ'hɔw/	614. <b>petymapysahy</b> <i>n.III</i> /pe'timapisa'hi/
599. <b>pakwohow</b> <i>n.III</i> /pakwɔ'hɔw/	615. <b>petymapisar</b> <i>n.III</i> /'petimapi'sar/
600. <b>papar</b> <i>v.tr.</i> /pa'par/	616. <b>petymu</b> <i>v.int.</i> /peti'mu/

<sup>172</sup> Como mencionei anteriormente, um componente da microestrutura pode se associar a um ou mais Operadores, conforme o estabelecido no PDL que originou o material.

No modelo MO2, numerado e organizado em ordem alfabética, além do Operador Gr<sup>173</sup> do primeiro modelo, há também um operador do tipo Fn. Trata-se de uma proposta que associa a escrita ortográfica da língua à descrição da pronúncia e que, apesar de poder ser usada em um ambiente escolar, ela atende bem mais a um público especializado no estudo da língua, como professores de língua, linguístas e antropólogos.

Já o próximo modelo estabelece uma rede de relações dentro do conjunto da macroestrutura, pois emprega o Operador Rm, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 162 – MODELO MO3

<b>akyky</b> <i>n.III</i> /aki'ki/	<b>anyra</b> <i>n.III</i> /ani'ra/
<b>akykyehyr</b> <i>n.III</i> /akiki'e'hiç/	<b>apar</b> <i>v.tr.</i> /a'par/
<b>akykyporong</b> <i>n.III</i> /aki'kipo'rɔŋ/	<b>apimuku</b> <i>n.III</i> /apimu'ku/ ▪ Eisag → moj
<b>akym</b> <i>n.descr.</i> /a'kim/	<b>apin hawa'e'yma'e</b> <i>n.descr.</i> /a'pin 'hawaʔeʔima'ʔe/
<b>amamaj</b> <i>n.III</i> /ama'maj/	<b>apin kotokoto</b> <i>n.descr.</i> /a'pin kɔtɔkɔ'tɔ/
<b>amati'o</b> <i>n.Ia</i> /amati'ʔɔ/	<b>apina</b> <i>n.Ia</i> /a'pin/
<b>ame'a</b> <i>n.Ia</i> /ame'ʔa/	<b>apiriru</b> <i>n.III</i> /apiri'ru/
<b>amerew</b> <i>n.III</i> /ame'rew/	<b>apitu'un</b> <i>n.Ia</i> /apitu'ʔun/
<b>amoata</b> <i>n.III</i> /amɔa'ta/ ▪ Eisag → ipira	<b>apo</b> <i>v.tr.</i> /a'pɔ/
<b>amon</b> <i>n.III</i> /a'mɔn/	<b>apukaj</b> <i>v.int.</i> /apu'kaj/
<b>amonime</b> <i>n.III</i> /a'mɔni'me/	<b>apy</b> <i>v.tr.</i> /a'pi/
<b>amonisu</b> <i>n.III</i> /amɔni'su/	<b>apyakwar</b> /apiak'war/
<b>amu'uew</b> <i>v.tr.</i> /amu'ʔuew/	<b>apyg</b> <i>v.tr.</i> /a'pig/
<b>amuj</b> /a'muj/	<b>apyhar</b> <i>v.tr.</i> /api'har/
<b>amupong</b> <i>n.III</i> /amu'pɔŋ/	<b>apyj</b> <i>n.Ia</i> /a'pij/
<b>amutining</b> /amuti'niŋ/	<b>apykaw</b> <i>n.III</i> /api'kaw/
<b>amymyjtymy</b> <i>n.III</i> /ami'mij ti'mi/	<b>apyreta</b> <i>n.III</i> /api're'ta/
<b>anako</b> <i>n.III</i> /ana'kɔ/	<b>ar</b> <i>n.III</i> /'aɾ/
<b>anisu</b> <i>n.III</i> /ani'su/	<b>ara kwahapara</b> <i>n.III</i> /'ara kwaha'par/
<b>anuhu</b> <i>n.III</i> /anu'hu/ ▪ Eisag → wyra	▪ Eisag → ipituna kwahapara
<b>anusa</b> <i>n.III</i> /anu'sa/	

Nesse modelo há dois operadores tornados obrigatórios no PDL e um opcional, cuja função é remeter para outro(s) ponto(s) da macroestrutura de acordo com um critério pré-estabelecido (sinonímia, homonímia, heteronímia, antonímia entre outros). Esse Operador Rm é precedido pela palavra na língua Suruí *eisag* 'ver' com uma seta voltada para a direita.<sup>174</sup>

O próximo modelo retoma a estrutura MO2, mas reordena-a a partir do Operador Gr e substitui a forma fonológica pela transcrição fonética. Para melhor observação deste critério, separei os verbetes em grupos de acordo com a categoria gramatical.

<sup>173</sup> Como ainda não foi desenvolvida uma nomenclatura gramatical na língua Suruí, utilizo abreviaturas baseadas na nomenclatura gramatical brasileira.

<sup>174</sup> Na ausência de uma forma ortográfica de escrita da língua, o LIId pode ser escrito com a própria forma fonética ou fonológica, a fim de garantir o registro.

FIGURA 163 – MODELO MO4

<b>ywytuuron</b> <i>n.III</i> [i'wituhu'rɔn]	<b>apukaj</b> <i>v.int.</i> [apu'kaj]
<b>ywytyr</b> <i>n.III</i> [iwi'tir]	<b>apukapukaj</b> <i>v.int.</i> [apukapu'kaj]
<b>namukuj</b> <i>num.</i> [namu'kuj]	<b>asun</b> <i>v.int.</i> [a'sun]
<b>tapisara</b> <i>num.</i> [tapi'sar]	<b>ata</b> <i>v.int.</i> [a'ta]
<b>usepese</b> <i>num.</i> [usepe'se]	<b>hem</b> <i>v.int.</i> [hɛm]
<b>yrutehehy</b> <i>num.</i> [irutehe'hi]	<b>ho</b> <i>v.int.</i> [hɔ]
<b>arumi</b> <i>pron.</i> [arɔ'mi]	<b>hyryrym</b> <i>v.int.</i> [hiri'rɪm]
<b>ene</b> <i>pron.</i> [e'nɛ]	<b>ime</b> <i>v.int.</i> [i'mɛ]
<b>ise</b> <i>pron.</i> [i'sɛ]	<b>kanawa</b> <i>v.int.</i> [kana'wa]
<b>pehe</b> <i>pron.</i> [pe'hɛ]	<b>kasim</b> <i>v.int.</i> [ka'sɪm]
<b>sene</b> <i>pron.</i> [se'nɛ]	<b>ke</b> <i>v.int.</i> [kɛ]
<b>ure</b> <i>pron.</i> [u'rɛ]	<b>ker</b> <i>v.int.</i> [kɛr]
<b>ere</b> <i>pron.dep.</i> [e'rɛ]	<b>kuj</b> <i>v.int.</i> [kuj]
<b>'aiko</b> <i>v.int.</i> [ʔai'kɔ]	<b>kurug</b> <i>v.int.</i> [ku'ruɣ]
<b>'ar</b> <i>v.int.</i> [ʔar]	<b>kwahaw</b> <i>v.int.</i> [kwa'haw]
<b>'ar werew</b> <i>v.int.</i> [ʔar we'rew]	<b>kyse</b> <i>v.int.</i> [ki'sɛ]
<b>'asupaw</b> <i>v.int.</i> [ʔasu'paw]	<b>petymu</b> <i>v.int.</i> [petʃi'mu]
<b>'aw</b> <i>v.int.</i> [ʔaw]	<b>piriaj</b> <i>v.int.</i> [piri'aj]
<b>'e [ 'i</b> <i>v.int.</i> [a'ʔɛ [ i'ʔi]	<b>po'upor</b> <i>v.int.</i> [pɔʔu'pɔr]
	<b>purahaj</b> <i>v.int.</i> [pura'haj]
	<b>puramor</b> <i>v.int.</i> [pura'mɔr]
	<b>puse</b> <i>v.int.</i> [pu'sɛ]

O último modelo deste conjunto apresenta verbetes com Operador do tipo Vr, algumas de forma outras de sentido, e Fn, com transcrição fonética, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 164 – MODELO MO5

<b>a'eteteron</b> (ipewara) <i>n.III</i> /aʔetete'rɔn/	<b>syryg</b> <i>n.Ia</i> /si'riɣ/
<b>apimuku</b> (arawawa) <i>n.III</i> /apimu'ku/	<b>tyryrypya</b> <i>n.III</i> /tiri'ri'pie/
<b>ipirarupi'a</b> (ipirahua) <i>n.III</i> /ipi'ra rupi'ʔa/	<b>u'yw</b> <i>n.III</i> /u'ʔi'w/
<b>ketaw</b> (kehawa) <i>n.III</i> /ke'taw/	<b>uakawa'i opo pyrer</b> <i>n.III</i> /uakawa'ʔi ɔ'pɔ pi'rer/
<b>oto</b> (otowa'e) <i>n.descr.</i> /ɔ'tɔ/	<b>uarikure</b> <i>n.III</i> /uariku're/
<b>puromor</b> (pinu) <i>n.III</i> /purɔ'mɔr/	<b>ueraw</b> <i>n.III</i> /ue'raw/
<b>pyahow</b> (pyyru) <i>n.Ib</i> /pia'hɔw/	<b>ukaj</b> <i>v.tr.</i> /u'kaj/
<b>pyahow</b> (pyyru) <i>n.Ib</i> /pia'hɔw/	<b>ukar</b> <i>n.III</i> /u'kar/
<b>pyri'o</b> <i>n.Ia</i> /pi'ri'ʔɔ/	<b>ukysingog</b> <i>v.tr.</i> /ukisi'ŋɔɣ/
<b>pyrykyti'i</b> (pyrykysi'i) <i>n.Ia</i> /pirikitʃi'ʔi/	<b>umanu</b> <i>v.tr.</i> /umɔ'nu/
<b>pysu'o</b> <i>n.Ia</i> /pisu'ʔɔ/	<b>wahaw</b> <i>v.tr.</i> /wa'haw/
<b>suru</b> <i>n.Ia</i> /su'ru/	<b>wajkiti</b> (wajkisi) <i>v.tr.</i> /wajki'tʃi/

### 9.1.9. Modelo MOD

As UBL's reunidas no corpus desta pesquisa demonstram um alto índice de ocorrências desse tipo de estrutura, que conta com os componentes Lema com Operador(es) e

Descritor. Com essa estrutura foi possível desenvolver as seguintes propostas de EML's: (1) LId: O {DId}; (2) LId: O {DPt}; (3) LPt: O {DId}; (4) LId: O {DId-DPt}; (5) LPt: O {DPt-DId}; (6) LId: O {DPt-D...}.

Vale lembrar que essas estruturas assemelham-se à forma MD, acrescida de Operador(es).

#### 9.1.9.1. Modelo MOD1 com estrutura LId: O {DId}

Esse é o primeiro modelo MOD e que apresenta a estrutura mais básica, ou seja, apenas um Lema com Operador(es) e um Descritor. Podendo ser usado para materiais monolíngues, apresento-o, a seguir, em três versões: com um, dois e três Operadores.

FIGURA 165 – MODELO MOD1a

**ka'i** *n.III* ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputia warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.

**manimea** pykujtawa rog pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.

'og *n.III* uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.

'ogete *n.III* uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.

**tapyj** *n.III* ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramu uruwerur taapone usaw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu.

No modelo acima, o LId vem destacado com efeito negrito e o único Operador do tipo Gr com efeito itálico, seguidos do Descritor em texto sem efeito.

Já o modelo a seguir, apresenta as mesmas características do anterior, porém, com dois Operadores, um do tipo Gr e outro do tipo Fn. A figura abaixo contém um exemplo desse modelo:

FIGURA 166 – MODELO MOD1b

**ka'i** *n.III* /kaʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputia warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.

**manimea pykujtawa rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.

**'og** *n.III* /ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.

**'ogete** *n.III* /ʔɔgete/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.

**tapyj** *n.III* /tapuj/ ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramu uruwerur taapone usaw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu.

Da mesma maneira, a figura abaixo retoma a estrutura das duas anterior, porém conta com um terceiro Operador, o Rm, inserido no final do verbete.<sup>175</sup>

FIGURA 167 – MODELO MOD1c

**ka'i** *n.III* /kaʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputia warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.

**manimea pykujtawa rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.

**'og** *n.III* /ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n

usapy'u rapo tata. ▪ Eisag → 'ogete, tapyj.

**'ogete** *n.III* /ʔɔgete/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. ▪ Eisag → 'og.

**tapyj** *n.III* /tapuj/ ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramu uruwerur taapone usaw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu. ▪ Eisag → 'og.

<sup>175</sup> A posição que o Operador deverá ocupar é também decisão do PDL, contudo, é possível estabelecer certos padrões, como, por exemplo, a inserção de Rm no final do verbete ou de Gr logo após o Lema.

## 9.1.9.2. Modelo MOD2 com estrutura LIId: O {DPt}

Esse segundo modelo do conjunto MOD inclui uma segunda língua, neste caso, o Português, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 168 – MODELO MOD2a

**ka'i. n.III. /ka'ʔi/** O macaco-prego vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.

**manimea pykujtawa rog. /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.

**'og. n.III /ʔɔg/** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.

**'ogete. n.III /ʔɔgɛ'tɛ/** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.

No modelo acima, os dois Operadores Gr e Fn estão relacionados ao LIId, enquanto o Descritor, sem Operador, está apenas em Português. Este Descritor com texto contrasta com o usado no modelo seguinte, que tem apenas uma palavra ou expressão, traduzindo o LIId.

FIGURA 169 – MODELO MOD2b

<b>popytyr n.Ia /pɔpɪ'tira/</b> palma da mão	<b>purung n.descr. /pu'ruŋ/</b> grosso
<b>por v.int. /'pɔt/</b> pular	<b>puse v.int. /pu'sɛ/</b> engatinhar
<b>porono n.III /pɔɾɔ'nɔ/</b> rio	<b>puti n.Ia /pu'ti/</b> cocô
<b>pororong n.Ib /i'pɔɾɔ'rɔŋ/</b> pulso	<b>puti v.int. /pu'ti/</b> cagar
<b>pu'araw v.tr. /pu'ʔa'raw/</b> desamarrar	<b>puti'a n.Ib /puti'ʔa/</b> tórax
<b>pu'yr n.Ia /pu'ʔiɾ/</b> colar	<b>putikaw /puti'kaw/</b> lugar para cagar
<b>puhapuhaw n.III /puhapu'haw/</b> rola-bosta	<b>puwon v.tr. /pu'wɔn/</b> fiar
<b>puhir v.tr. /pu'hir/</b> soltar	<b>puwonaw n.f. /puwɔ'naw/</b> fuso
<b>puhopi n.Ia /puhɔ'pi/</b> dedo mindinho	<b>py n.Ib /'pi/</b> pé
<b>puku n.descr. /pu'ku/</b> comprido	<b>py'a n.Ia /pi'ʔa/</b> fígado
<b>purahaj v.int. /pura'haj/</b> dançar	<b>pyahow n.Ib /pia'hɔw/</b> sapato
<b>purake n.III /pura'ke/</b> poraquê	<b>pyasej n.III /pia'sɛj/</b> meia-noite
<b>puramor v.int. /pura'mɔɾ/</b> peidar	<b>pyhope n.Ia /pihɔ'pɛ/</b> dedo indicador
<b>puru'a n.Ia /puru'ʔa/</b> grávida	<b>pyhyakong n.Ia /pihia'kɔŋ/</b> unha do pé

Esta segunda forma do modelo, ordenada alfabeticamente, é bastante recorrente no conjunto de UBL's (principalmente nas formas mais frequentes: *dicionários*, *glossários* e *vocabulários*.) das línguas indígenas brasileiras.

É importante destacar que, além dos Operadores usados nos exemplos acima, outros podem também configurar nos materiais produzidos a partir desse modelo, tais como Et, Rm, Tl e Vr.

### 9.1.9.3. Modelo MOD3 com estrutura LPt: O {DId}

Com a mesma estrutura do modelo anterior, esse outro modelo desloca a língua indígena para a posição de Descritor e a segunda língua, o Português, para a posição de Lema, conforme os exemplos abaixo:

FIGURA 170 – MODELO MOD3a

**casa** *n.f.* 'og. uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional, tapiri.

**casa de farinha** *n.f.* manimea pykujtawa rog. pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. ▪ Ver → casa.

**casa tradicional** *n.f.* 'ogete. uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. ▪ Ver → casa.

**tapiri** *n.m.* tapyj. ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramum uruwerur taapone usaw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu. ▪ Ver → casa.

No modelo acima, o LPt conta com Operadores do tipo Gr, destacado com itálico, e Rm, precedido da palavra 'Ver' seguida de uma seta voltada para a direita.

Como esse modelo possui o Descritor na forma de texto, não é tão comum quanto a sua variante, apresentada a seguir, que apresenta DId na forma de palavra ou expressão.

Assim, o próximo modelo aproveita elementos do anterior, mas insere na estrutura outro Operador, ou seja, um Na:

FIGURA 171 – MODELO MOD3b

<b>acari</b> <i>n.m.</i> ini'omupir ▪ Ver → peixe	<b>amargo</b> <i>n.</i> row
<b>acariciar</b> <i>v.tr.</i> muw'iw	<b>amarrar</b> <i>v.tr.</i> momon
<b>acertar (o alvo)</b> <i>v.tr.</i> isakatuete	<b>amassar</b> <i>v.tr.</i> kamyg
<b>acocorar-se</b> <i>v.tr.</i> mypukur	<b>amigo</b> <i>n.m.</i> kotowete
<b>acordar</b> <i>v.int.</i> tyryg	<b>amolado</b> <i>n.</i> hojme
<b>açúcar</b> <i>n.m.</i> ywysukyr	<b>anambé-pombo</b> <i>n.m.</i> seruti ▪ Ver → pássaro
<b>afiar</b> <i>v.int.</i> upu'an	<b>andar</b> <i>v.int.</i> ata
<b>afundar</b> <i>v.int.</i> sepymy	<b>andiroba</b> <i>n.f.</i> ioronuhu
<b>agrisalhar</b> <i>v.int.</i> 'asupaw	<b>andirobeira</b> <i>n.f.</i> ioronuhu'yw
<b>água</b> <i>n.f.</i> 'y	<b>andorinha</b> <i>n.f.</i> musu'i ▪ Ver → pássaro
<b>água</b> <i>n.f.</i> sapakaniron ▪ Ver → pássaro	<b>anel</b> <i>n.m.</i> pokwahaw
<b>agulha</b> <i>n.f.</i> tatina'yw	<b>anoitecer</b> <i>n.m.</i> ypytunameete
<b>ajoelhar</b> <i>v.int.</i> kanawa	<b>anta</b> <i>n.f.</i> tapi'ir ▪ Ver → anta-branca, anta-preta
<b>ajudar</b> <i>v.tr.</i> mupoiru	<b>anta-branca (esp.)</b> <i>n.f.</i> tapi'iting ▪ Ver → anta
<b>aldeia</b> <i>n.f.</i> etom	<b>anta-preta (esp.)</b> <i>n.f.</i> tapi'ipisun ▪ Ver → anta
<b>aleijado</b> <i>n.descr.</i> ikome'yma'e	<b>antebraço</b> <i>n.m.</i> syw'aypy
<b>algodão</b> <i>n.m.</i> amonisu	<b>antebraço (músculo)</b> <i>n.m.</i> syw'ainypy'o
<b>algodoeiro</b> <i>n.m.</i> amonisu 'yw	<b>apagar</b> <i>v.tr.</i> amu'uew
<b>ali</b> <i>adv.</i> pew	<b>apertado</b> <i>n.descr.</i> sasyu'u
<b>alma</b> <i>n.f.</i> ywiterer	<b>aqui</b> <i>adv.</i> 'aw
<b>amanhã</b> <i>adv.</i> use'iuhe ete	<b>aranha (esp.)</b> <i>n.f.</i> sanupuhaw
<b>amarelo</b> <i>n.</i> sukyry	<b>areia</b> <i>n.f.</i> ywyting

O Operador Na acrescenta informação ao LPt, a fim de conferir maior precisão. Além disso, o Operador Rm remete para outros LPt do material.

#### 9.1.9.4. Modelo MOD4 com estrutura LIId: O {DId-DPt}

No conjunto de modelos MOD, esse é o primeiro a apresentar dois Descritores, um em Suruí, outro em Português, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 172 – MODELO MOD4

<p><b>manimea pykujtawā rog.</b> /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ Pykujpykujtawā upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. <i>Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.</i></p> <p>'og. <i>n.III</i> /ʔɔg/ Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe. <i>Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.</i></p> <p>'ogete. <i>n.III</i> /ʔɔgete/ Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. <i>Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.</i></p>
--

Dois Operadores estão associados ao LIId, o Gr e o Fn. O primeiro deles em itálico, e o outro entre barras oblíquas. No mesmo verbete, o texto em Português vem destacado em itálico, para se diferenciar do texto do DIId.

#### 9.1.9.5. Modelo MOD5 com estrutura LPt: O {DPt-DId}

O penúltimo modelo MOD inverte a posição das línguas do modelo anterior, como pode ser visto no exemplo a seguir:

FIGURA 173 – MODELO MOD5

**casa.** *n.f.* Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. *'og.* *Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe.* ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.

**casa de farinha.** *n.f.* Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. *Manimea pykujtawa rog. Pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.* ▪ Ver → casa.

**casa tradicional.** *n.f.* Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. *'ogete.* *Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.* ▪ Ver → casa.

Nesse modelo, o Operador Gr é inserido logo após o LPt, e o Operador Rm, no final do verbete, ambos se referindo ao Lema. O destaque fica também no LPt, com negrito, no Operador Gr e no DIId, com itálico.

#### 9.1.9.6. Modelo MOD6 com estrutura LIId: O {DPt-D...}

No último modelo MOD, a estrutura prevê a inserção de dois ou mais Descritores, mas sem DIId, ou seja, há, pelo menos, três línguas envolvidas nessa microestrutura, mas a língua Suruí fica apenas no Lema. Trata-se de um modelo pouco comum no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras.

Apresento, a seguir, um exemplo desse modelo, envolvendo, além do Suruí, o Português, o Inglês e o Espanhol.<sup>176</sup>

<sup>176</sup> Por se tratarem de nomes de animais, seria possível ainda inserir o nome científico em Latim.

FIGURA 174 – MODELO MOD6

<b>a'aite</b> <i>n.III</i> /aʔai'te/ jiboia, <i>boa constrictor</i> , boa constrictora	<b>katykyehyr</b> <i>n.III</i> /katikie'hir/ abelha (esp.), <i>bee</i> , abeja
<b>akara'i</b> <i>n.III</i> /akara'ʔi/ carazinho, <i>acara</i> , castañeta	<b>paratuwakonguhu</b> <i>n.III</i> /paratuwakonʒu'hu/ <i>n.III</i> pica-pau, <i>woodpecker</i> , pájaro carpintero
<b>inamu'i</b> <i>n.III</i> /inamu'ʔi/ inabumirim, <i>tataupa tinamou</i> , tataupá común	<b>tapi'iting</b> <i>n.III</i> /tapi'itiŋ/ anta-branca (esp.), <i>Brazilian tapir</i> , tapir amazónico
<b>katinkwer</b> <i>n.III</i> /kati'ɲwer/ veado-virá, <i>gray</i> <i>brocket</i> , guazuncho	<b>tatuhu</b> <i>n.III</i> /tatu'hu/ tatu-canastra, <i>giant</i> <i>armadillo</i> , armadillo gigante

Nesse modelo, o único componente a receber efeito itálico é o DIn, que está inserido entre o DPt e o DEn. Além disso, só o LId tem Operadores (Gr e Fn) associados a ele.

#### 9.1.10. Modelo MODO

Outro modelo comum no conjunto de UBL's das línguas indígenas do Brasil é o com EML do tipo L: O {D (O)}. Baseado nessa estrutura, apresento as seguintes propostas: (1) LId: O {DId (O)}; (2) LId: O {DPt (O)}; (3) LId: O {DId (O) -DPt}; (4) LPt: O {DPt (O) -DId}; (5) LId: O {DPt (O) -DId}; (6) LPt: O {DId (O) -DPt}; (7) LId: O {DId (O) -DPt -D...}; (8) LPt: O {DId (O) -D...} e (9) LId: O {DPt (O) -D...}

##### 9.1.10.1. Modelo MODO1 com estrutura LId: O {DId (O)}

Como as primeiras propostas dos modelos anteriores, esse modelo é também destinado a materiais monolíngues, como pode ser observado no exemplo a seguir:

FIGURA 175 – MODELO MODO1a

<b>ka'i</b> <i>n.III</i> /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymkong umume'u).
<b>manimea pykujtawarog</b> /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawaropin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u).
<b>'og</b> <i>n.III</i> /'ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug wykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u).
<b>'ogete</b> <i>n.III</i> /'ʔɔge'te/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinow'o ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u).
<b>tapyj</b> <i>n.III</i> /ta'pij/ ka'ape sepi uruapo tapyj urukehawamum amona wi uruapo tapyj amona neapy awi uruapo; urumonohog sepy ywya iapoa nune sepi a'eramu uruwerur taapone saw ka'ape sepi; pinowaku sepi uruupir sepi tapyjromamu (Ikatu umume'u).

Nessa proposta tanto o LId quanto o DId possuem Operadores. O primeiro, com Operadores dos tipos Gr e Fn, o segundo, com Operador do tipo Na.

Abaixo, apresento uma variação dessa proposta:

FIGURA 176 – MODELO MODO1b

<b>A'aite</b> /aʔai'te/ moj (mosa)
<b>Akara'i</b> /akara'ʔi/ ipira
<b>Inamu'i</b> /inamu'ʔi/ wyra
<b>Katinkwer</b> /kati'ŋwɛr/ misar (misara)
<b>Katykyehyr</b> /katikiɛ'hɪr/ tuw (tuwa)
<b>Tapi'iting</b> /tapiʔi'tiŋ/ tapi'ir (tapi'ira)
<b>Tatuhu</b> /tatu'hu/ tatu

Esse modelo se diferencia do anterior por apresentar como Descritor apenas uma palavra ou expressão, e não uma descrição completa. Nesse caso, o DId mantém uma relação de hiperonímia com o LId.

#### 9.1.10.2. Modelo MODO2 com estrutura LId: O {DPt (O)}

Já o segundo modelo, bastante comum no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras, corresponde à proposta envolvendo duas línguas, uma no Lema e outra no Descritor, como no exemplo seguinte:

FIGURA 177 – MODELO MODO2

<b>AMUTINING</b> [amutʃi'nɪŋ] maracá (tipo)	<b>POPI</b> [pɔ'pi] anelar (dedo)
<b>EMISARIRU</b> [emisari'ru] neto (mulher falando)	<b>PUHUKUPE</b> [puhuku'pɛ] sola (do pé)
<b>ETYMASI'A</b> [ɛtɪmasi'ʔa] canela (parte do corpo)	<b>PYHEJ</b> [pi'hej] lavar (coisa)
<b>HYRETOM</b> [hɪrɛ'tɔm] cera (de abelha)	<b>SUMI'A</b> [sumi'ʔa] flauta (tipo)
<b>KUPITAW</b> [kupi'taw] sapo (esp.)	<b>SYRUHEJ</b> [sɪru'hej] lavar (roupa)
<b>KURETA'U</b> [kureta'ʔu] tucano (esp.)	<b>TYPAW</b> [ti'paw] seco (de líquido)
<b>MISARAPIRONG</b> [misarapi'rɔŋ] veado-vermelho (veado-mateiro)	<b>UKYSETEWA'E</b> [ukisetewa'ʔɛ] medroso (humano)
<b>PETYMA PISARA</b> [pɛ'timɐ pi'sarɐ] tabaco (fumo)	<b>URE</b> [u'rɛ] nós (excl.)
<b>PINA'IRONA'YW</b> graviola (árvore)	<b>YMEMUR</b> [ime'mur] filhote (de bicho)

Tanto o LId quanto o DPt possuem Operadores. O primeiro, entre colchetes, é do tipo Fn, e o segundo, entre parênteses, é do tipo Na.

## 9.1.10.3. Modelo MODO3 com estrutura LIId: O {DId (O) -DPt}

Nesse modelo, a língua Suruí é usada no Lema e no Descritor da microestrutura, mas também há um Descritor em Português. Contudo, apenas os componentes em Suruí apresentam Operador(es), como é possível ver no exemplo abaixo:

FIGURA 178 – MODELO MODO3a

**ka'i** *n.III* [ka'ʔi] ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymkong umume'u). *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.*

**'og** *n.III* [ʔog] uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.*

**'ogete** *n.III* [ʔoge'te] uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.*

Nesse modelo, os Operadores Gr e Fn se relacionam com o LIId, e o Operador Na, com o DId; só o DPt, destacado com efeito itálico, não possui Operador.

Uma variação desse modelo é apresentada a seguir:

FIGURA 179 – MODELO MODO3b

**a'aite** /aʔai'te/ moj (mosa), *jiboia*  
**akara'i** /akara'ʔi/ ipira, *carazinho*  
**inamu'i** /inamu'ʔi/ wyra, *inambumirim*  
**katinkwer** /kati'ŋwet/ misar (misara), *veado-virá*  
**katykyehyr** /katikie'hir/ tuw (tuwa), *abelha (esp.)*  
**tapi'iting** /tapi'ʔi'tij/ tapi'ir (tapi'ira), *anta-branca (esp.)*  
**tatuhu** /tatu'hu/ tatu, *tatu-canastra*

Essa proposta acima se diferencia da anterior por apresentar o DId e o DPt apenas com palavras e não com texto mais extenso.

#### 9.1.10.4. Modelo MODO4 com estrutura LPt: O {DPt (O) -DId}

Essa proposta de modelo corresponde à anterior, mas com a posição das línguas trocadas, ou seja, o componente que antes estava em Suruí passou a Português e vice-versa, como é possível observar no exemplo abaixo:

FIGURA 180 – MODELO MODO4

**Casa.** n.f. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. (A construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). 'og. *uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.* ▪ Ver → Casa tradicional.

**Casa tradicional.** n.f. (casa verdadeira) Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. (Atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). 'ogete. *uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe.* ▪ Ver → Casa

**Macaco-prego.** n.m. (mico-de-topete) Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). *Ka'i. ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.*

Nessa proposta, apenas o que está na língua Suruí foi destacado com efeito itálico, já os Operadores, dois do tipo Na foram colocados entre parênteses, e um terceiro, posto logo depois do LPt, sem nenhum efeito.

#### 9.1.10.5. Modelo MODO5 com estrutura LIId: O {DPt (O) -DId}

Essa quinta proposta traz novamente a língua Suruí para a posição de Lema, mantendo o restante da microestrutura como no modelo anterior. A figura abaixo exemplifica esse modelo:

FIGURA 181 – MODELO MODO5

**'og.** n.III /ʔog/ Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. (A construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). *Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.* ▪ Eisag → 'ogete.

**'ogete.** n.III /ʔoge'te/ Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. (Atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). *Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe.* ▪ Eisag → 'og.

**Ka'i.** n.III /ka'ʔi/ Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). *ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.*

Relacionados ao LIId estão os Operadores Gr, Fn e Rm, e ao DPt, apenas o Operador Na.

#### 9.1.10.6. Modelo MODO6 com estrutura LPt: O {DId (O) -DPt}

Nesse modelo, há um novo arranjo das línguas com a mesma estrutura dos dois modelos precedentes: o Português volta à posição de Lemas, mas o Suruí fica como primeiro Descritor com Operador(es), como pode ser observado no exemplo abaixo:

FIGURA 182 – MODELO MODO6

**Casa.** n.f. 'og. *uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku 'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u).* Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.

**Casa de farinha.** n.f. *manimea pykujtawa rog. pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u).* Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. ▪ Ver → casa.

**Casa tradicional.** n.f. 'ogete. *uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe (Wajwera umume'u).* Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. ▪ Ver → casa.

**Macaco-prego.** n.m. *Ka'i. ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u).* Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.

Nesse modelo, foram usados os Operadores Gr e Rm para o DPt, e para o DId, o Operador Na.

#### 9.1.10.7. Modelo MODO7 com estrutura LIId: O {DId (O) -DPt-D...}

Dentre os modelos do tipo MODO, esse é o primeiro a apresentar três ou mais línguas, sendo que Lema e Descritores podem se relacionar a Operador(es).

A seguir, apresento um exemplo baseado nesta proposta:

FIGURA 183 – MODELO MODO7a

**A'aite** /aʔai'te/ n.III *moj* (mosa), *jiboia*, *boa constrictor*  
**Akara'i** /akara'ʔi/ n.III *ipira*, *carazinho*, *pterophyllum*  
**Inamu'i** /inamu'ʔi/ n.III *wyra*, *inambumirim*, *crypturellus tataupa*  
**Katinkwer** /kati'ŋweɾ/ n.III *misar* (misara), *veado-virá*, *mazama gouazoubira*  
**Katykyehyr** /katikie'hɪɾ/ n.III *tuw* (tuwa), *abelha* (esp.)  
**Tapi'iting** /tapiʔi'tiŋ/ n.III *tapi'ir* (tapi'ira), *anta-branca* (esp.), *tapirus terrestris*  
**Tatuhu** /tatu'hu/ n.III *tatu*, *tatu-canastra*, *priodontes maximus*

O LIId, com destaque em **negrito**, se relaciona aos Operadores Fn e Gr, enquanto os Descritores se relacionam a Operadores do tipo Na. Nesse modelo, foram incluídas as línguas Suruí (LIId e DIId), Português (DPt) e Latim (DLt).

Já o próximo modelo não conta com o Operador Gr, nem com o DLt, mas inclui o Descritor em Inglês, na última posição do verbete.

FIGURA 184 – MODELO MODO7b

**A'aite** /aʔai'te/ *moj* (mosa), *jiboia*, *boa constrictor*  
**Akara'i** /akara'ʔi/ *ipira*, *carazinho*, *angelfish*  
**Inamu'i** /inamu'ʔi/ *wyra*, *inambumirim*, *tataupa tinamou*  
**Katinkwer** /kati'ŋweɾ/ *misar* (misara), *veado-virá*, *gray brocket*  
**Katykyehyr** /katikie'hɪɾ/ *tuw* (tuwa), *abelha* (esp.), *bee*  
**Tapi'iting** /tapiʔi'tiŋ/ *tapi'ir* (tapi'ira), *anta-branca* (esp.), *Brazilian tapir*  
**Tatuhu** /tatu'hu/ *tatu*, *tatu-canastra*, *giant armadillo*

Outra possibilidade desse modelo é a inserção simultânea das línguas da proposta acima, acrescida do DLt, assim, o modelo contaria com quatro línguas.

FIGURA 185 – MODELO MODO7c

**A'aite** /aʔai'te/ *moj* (mosa), *jiboia*, *boa constrictor* [*boa constrictor*]  
**Akara'i** /akara'ʔi/ *ipira*, *carazinho*  
**Inamu'i** /inamu'ʔi/ *wyra*, *inambumirim*, *tataupa tinamou* [*crypturellus tataupa*]  
**Katinkwer** /kati'ŋweɾ/ *misar* (misara), *veado-virá*, *gray brocket* [*mazama gouazoubira*]  
**Katykyehyr** /katikie'hɪɾ/ *tuw* (tuwa), *abelha* (esp.), *bee*  
**Tapi'iting** /tapiʔi'tiŋ/ *tapi'ir* (tapi'ira), *anta-branca* (esp.), *Brazilian tapir* [*tapirus terrestris*]  
**Tatuhu** /tatu'hu/ *tatu*, *tatu-canastra*, *giant armadillo* [*priodontes maximus*]

## 9.1.10.8. Modelo MODO8 com estrutura LPt: O {DId (O) -D...}

Nesse penúltimo modelo, o Lema fica em Português, enquanto o Suruí entra como primeiro Descritor, seguido dos Descritores nas demais línguas, conforme demonstra exemplo a seguir:

FIGURA 186 – MODELO MODO8

<b>abelha</b> (esp.) n.f. <i>katykyehyr</i> (tuw), <i>bee</i> , <i>abeja</i>
<b>anta-branca</b> (esp.) n.f. <i>tapi'iting</i> , <i>Brazilian tapir</i> , <i>tapir amazónico</i> [ <i>tapirus terrestris</i> ]
<b>carazinho</b> n.m. <i>akara'i</i> (ipira), <i>acara</i> , <i>castañeta</i>
<b>inambumirim</b> n.m. <i>inamu'i</i> (wya), <i>tataupa tinamou</i> , <i>tataupá común</i> [ <i>crypturellus tataupa</i> ]
<b>jiboia</b> n.f. <i>a'aite</i> (moj), <i>boa constrictor</i> , <i>boa constrictora</i> [ <i>boa constrictor</i> ]
<b>tatu-canastra</b> n.m. <i>tatuhu</i> , <i>giant armadillo</i> , <i>armadillo gigante</i> [ <i>priodontes maximus</i> ]
<b>veado-virá</b> n.m. <i>katinkwer</i> (misar), <i>gray brocket</i> , <i>guazuncho</i> [ <i>mazama gouazoubira</i> ]

Nesse modelo, o Operador Gr está relacionado ao LPt, enquanto o Operador Na, com o DId.

## 9.1.10.9. Modelo MODO9 com estrutura LIId: O {DPt (O) -D...}

Já na última proposta, a língua Suruí só é usada no Lema, como no exemplo abaixo:

FIGURA 187 – MODELO MODO9

<b>a'aite</b> /aʔai'te/ <i>jiboia</i> (suaçu), <i>boa constrictor</i> , <i>boa constrictora</i> ( <i>mantona</i> )
<b>akara'i</b> /akara'ʔi/ <i>carazinho</i> (caraí), <i>acara</i> , <i>castañeta</i>
<b>inamu'i</b> /inamu'ʔi/ <i>inambumirim</i> (inambuzinho), <i>tataupa tinamou</i> , <i>tataupá común</i>
<b>katinkwer</b> /katiŋwer/ <i>veado-virá</i> (veado-mateiro), <i>gray brocket</i> , <i>guazuncho</i> ( <i>viracho</i> , <i>guazú virá</i> )
<b>katykyehyr</b> /katikie'hir/ <i>abelha</i> (esp.), <i>bee</i> , <i>abeja</i>
<b>tapi'iting</b> /tapiʔi'tiŋ/ <i>anta-branca</i> (esp.), <i>Brazilian tapir</i> , <i>tapir amazónico</i> ( <i>mboreví</i> , <i>pinchaque</i> )
<b>tatuhu</b> /tatu'hu/ <i>tatu-canastra</i> , <i>giant armadillo</i> , <i>armadillo gigante</i> ( <i>tatú carreta</i> , <i>pejichi</i> )

Os Descritores são apresentados em Português, Inglês e Espanhol, sendo que estas duas últimas estão destacadas no verbete com efeito itálico.

### 9.1.11. Modelo MODE

Neste novo conjunto de modelos, apenas o Lema apresenta Operador(es), mas há a inclusão do componente Exemplo, não usado nas três propostas anteriores. Desse modo, com base na estrutura L: O {D [E]}, cheguei às seguintes propostas: (1) LId: O {DId [EId]}; (2) LId: O {DPt [EId]}; (3) LId: O {DPt [EId/EPt]}; (4) LPt: O {DId [EId]}; (5) LPt: O {DId [EId/EPt]}; (6) LId: O {DId-DPt [EId/EPt]}; (7) LPt: O {DPt-DId [EPt/EId]}; (8) LId: O {DId-DPt-D... [EId/EPt/E...]}; (9) LId: O {DPt-D... [EId/EPt/E...]}

#### 9.1.11.1. Modelo MODE1 com estrutura LId: O {DId [EId]}

Nesse primeiro modelo do tipo MODE, utilizo apenas a língua Suruí em todos os componentes, conforme exemplo a seguir:

FIGURA 188 – MODELO MODE1

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem.*

**manimea pykujtawā rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawā upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema.*

**'og** *n.III* /ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow.*

**'ogete** *n.III* /ʔɔgɛ'te/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukue te muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.*

Os dois Operadores usados nesse modelo são do tipo Gr, destacado com itálico, e Fn, entre barras oblíquas.

#### 9.1.11.2. Modelo MODE2 com estrutura LId: O {DPt [EId]}

Utilizando no Descritor o Português e no Exemplo a língua Suruí, essa proposta não é muito comum no conjunto das línguas indígenas brasileiras. A seguir, apresento uma amostra desse modelo:

FIGURA 189 – MODELO MODE2

**ka'i n.III /ka'ʔi/** Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*.

**manimea pykujtawā rog /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*.

**'og n.III /'ʔɔg/** Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow*.

**'ogete n.III /'ʔɔgɛ'tɛ/** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa*.

Com Operadores do tipo Gr e Fn apenas para o LId, esse modelo apresenta Exemplo apenas na língua Suruí, destacado com efeito itálico>.

### 9.1.11.3. Modelo MODE3 com estrutura LId: O {DPt [EId/EPt]}

Esse modelo retoma o anterior e apresenta o Exemplo nas duas línguas envolvidas no verbete, como pode ser observado na figura abaixo:

FIGURA 190 – MODELO MODE3a

**manimea pykujtawā rog /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/** casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* eu vou chegando para dentro da casa de farinha. ▪ Eisag → 'og.

**'og n.III /'ʔɔg/** casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* nós todos juntos vamos construir a casa; *ti popytywo e apo 'og* eu ajudo a fazer a casa. ▪ Eisag → 'ogete, manimea pykujtawā rog.

**'ogete n.III /'ʔɔgɛ'tɛ/** casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver. ▪ Eisag → 'og.

Nesse modelo, são usados três Operadores relacionados ao LId, são eles: Fn, Gr e Rm. Além disso, essa proposta destaca o verbete com um recuo de margem a partir da segunda linha. Apresento, a seguir, uma variação desse modelo, com Descritor de apenas uma palavra ou expressão.

FIGURA 191 – MODELO MODE3b

**ka'i** /ka'ʔi/ macaco-prego. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*; o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawa rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** /'ʔɔg/ casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og*; eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** /ʔɔgɛ'tɛ/ casa tradicional. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe*; vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo*; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

Nesse modelo, o único Operador é do tipo Fn e está relacionado ao LId, que também está destacado com negrito. Trata-se de um modelo bastante usado no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras.

#### 9.1.11.4. Modelo MODE4 com estrutura LPt: O {DId [EId]}

Neste conjunto de modelos MODE, essa é a primeira proposta com Lema em uma língua diferente do Suruí. No entanto, essa língua indígena é usada no Descritor e no Exemplo.

FIGURA 192 – MODELO MODE4a

**casa** n.f. *uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusakong uruupir urukwar*; *ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe*; *un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata*. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og*; *ti popytywo e apo 'og*; *ti rehe t aketehewehe ne wy wekow*.

**casa de farinha** n.f. *pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj*. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*.

**casa tradicional** n.f. (casa verdadeira) *uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa*; *ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese*; *upuga ruaw murerekotarete*; *upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug*. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa*.

**macaco-prego** n.m. (mico-de-topete) *ka'i iwete okowa'e*; *upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware*; *ka'ia awiton iapina pisuna*. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*.

O modelo acima contém dois Operadores, o Gr e o Vr, relacionados ao LPt. O primeiro deles ocorre regularmente em todos os verbetes, enquanto o segundo só ocorre se houver necessidade de explicitar alguma forma variante (de forma ou de sentido). Esse modelo também tem Descritor com apenas uma palavra ou expressão:

FIGURA 193 – MODELO MODE4b

<p><b>cachorro</b> <i>n.m.</i> ma'esawar. Ajnon: <i>unupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu; esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i></p> <p><b>cavar</b> <i>v.t.</i> hywykaj. Ajnon: <i>ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i></p> <p><b>dar</b> <i>v.t.</i> mono Ajnon: <i>syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe</i></p> <p><b>farinha de mandioca</b> <i>n.f.</i> manime. Ajnon: <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a</i></p> <p><b>homem</b> <i>n.m.</i> akuma'e. Ajnon: <i>akuma'e akuraete; ajko re wehe rako aesag</i></p>	<p><i>akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i></p> <p><b>matar</b> <i>v.int.</i> suka. Ajnon: <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?; aha puta ri'a isukaw tasahuamu; esuka puhi</i></p> <p><b>morrer</b> <i>v.int.</i> sekyj. Ajnon: <i>akuma'e usekyi; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i></p> <p><b>mulher</b> <i>n.f.</i> kuso. Ajnon: <i>kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?; ure kuso teseramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i></p> <p><b>redondo</b> <i>adj.</i> 'apu'a. Ajnon: <i>kuipia i'apu'a; tehahua i'apu'a</i></p>
--	--

Com um Operador do tipo Gr relacionado ao LPt, esse modelo não é facilmente encontrado no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras, talvez por causa da ausência da tradução do exemplo.

#### 9.1.11.5. Modelo MODE5 com estrutura LPt: O {DId [EId/EPt]}

Assim como o modelo MODE3, esta proposta apresenta o Exemplo nas duas línguas envolvidas na microestrutura, mas o Descritor não, diminuindo as chances de ocorrência dessa estrutura no corpus de UBL's desta pesquisa.

FIGURA 194 – MODELO MODE5a

<p><b>casa</b> <i>n.f.</i> uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og eu vou chegando para dentro da casa de farinha; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow; eu ajudo a fazer a casa.</i> ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.</p> <p><b>casa de farinha</b> <i>n.f.</i> pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema; eu vou chegando para dentro da casa de farinha.</i> ▪ Ver → casa.</p> <p><b>casa tradicional</b> <i>n.f.</i> uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.</i> ▪ Ver → casa.</p>
---

Esse modelo possui Operadores Gr e Rm, relacionados apenas ao LPt.

## 9.1.11.6. Modelo MODE6 com estrutura LIId: O {DIId-DPt [EId/EPt]}

Esse modelo apresenta Descritores e Exemplos nas duas línguas envolvidas no verbete, conforme exemplo abaixo:

FIGURA 195 – MODELO MODE6

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.* Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawā rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawā upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema eu vou chegando para dentro da casa de farinha. ▪ Eisag → 'og.

**'og** *n.III* /'ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.* Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og nós todos juntos vamos construir a casa; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa. ▪ Eisag → 'ogete, manimea pykujtawā rog.

**'ogete** *n.III* /'ʔɔgɛ'tɛ/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawā; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.* Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawā ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver. ▪ Eisag → 'og.

Esse é um dos modelos mais completos já propostos até agora, porque apresenta o LIId com três Operadores (Gr, Fn e Rm), dois Descritores ampliados em Suruí e Português, e Exemplos também nas duas línguas. Além do destaque em negrito para o LIId, há o destaque em itálico para os componentes em Português.

## 9.1.11.7. Modelo MODE7 com estrutura LPt: O {DPt-DId [EPt/EId]}

Esse modelo retoma a mesma estrutura do modelo anterior, apenas mudando a posição das línguas envolvidas, como é possível ver no exemplo a seguir:

FIGURA 196 – MODELO MODE7

**Casa.** n.f. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. 'og. *Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.* Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa *asehu tese saupir sene rehe* 'og; eu ajudo a fazer a casa *ti popytywo e apo* 'og. ▪ Ver → Casa de farinha, casa tradicional.

**Casa de farinha.** n.f. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. *Manimea pykujtaw roga. Pykujpykujtaw upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.* Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha *aha puta manime roga pupe wewahema.* ▪ Ver → Casa, casa tradicional

**Casa tradicional.** n.f. (casa verdadeira) Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. 'ogete. *Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.* Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe;* vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.* ▪ Ver → Casa, casa de farinha.

**Macaco-prego.** n.f. (mico-de-topete) Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. *Ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.* Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem.* ▪ Ver → Guariba, mão-de-ouro.

Como no modelo anterior o Operador Rm indicava palavras em Suruí (LId), o deste modelo indica palavras em Português (LPt).

## 9.1.11.8. Modelo MODE8 com estrutura LId: O {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E...]}

Esse penúltimo modelo amplia os dois últimos ao propor uma estrutura com três ou mais Descritores e Exemplos. Neste caso, há a inclusão da língua Suruí como componente do conjunto de Descritores, conforme demonstra o exemplo a seguir:

FIGURA 197 – MODELO MODE8

<p><b>ka'i</b> <i>n.III</i> /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. <i>Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.</i> Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut-nut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. <i>Cebus apella.</i> Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks. ▪ Eisag → akyky, ehakwasu, y'a.</p> <p><b>manimea pykujtawa rog</b> /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. <i>Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.</i> Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema eu vou chegando para dentro da casa de farinha I came into the house of flour. ▪ Eisag → 'og, 'ogete.</p> <p><b>'og</b> <i>n.III</i> /ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusaru-kong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. <i>Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois</i></p>	<p><i>colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.</i> House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og nós todos juntos vamos construir a casa all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa I help the building of the house.</p> <p><b>'ogete</b> <i>n.III</i> /ʔɔgɛ'tɛ/ uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. <i>Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.</i> Traditional house. To make a traditional house, we dug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, it door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver let's do the traditional house for the non Indians to see it. ▪ Eisag → 'og.</p>
---	---

Esse modelo apresenta o LId destacado com efeito negrito e tamanho maior da fonte, além disso esse Lema tem três operadores relacionados a ele (Gr, Fn e Rm). Além

disso, há três línguas envolvidas em todos os verbetes, o Suruí, o Português e o Inglês, podendo ainda haver o Latim como Descritor se se tratar de nome de animal ou planta.

#### 9.1.11.9. Modelo MODE9 com estrutura LId: O {DPt-D... [EId/EPt/E...]}

Retomando a estrutura do modelo anterior, essa proposta apenas não apresenta o DId, como pode ser observado no exemplo abaixo:

FIGURA 198 – MODELO MODE9

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ *Macaco-prego*. Capuchin monkey. *Cebus apella*. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos* the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks. ▪ Eisag → akyky, ehakwasu, y'a.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ *Casa de farinha*. Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema *eu vou chegando para dentro da casa de farinha* I came into the house of flour. ▪ Eisag → 'og, 'ogete.

**'og** *n.III* /'ʔɔg/ *Casa*. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og *nós todos juntos vamos construir a casa* all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og *eu ajudo a fazer a casa* I help the building of the house. ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.

**'ogete** *n.III* /ʔɔgɛ'tɛ/ *Casa tradicional*. Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda* let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; *vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver* let's do the traditional house for the non Indians to see it. ▪ Eisag → 'og.

Esse modelo apresenta os Descritores sob a forma de uma palavra ou expressão em línguas diferentes da usada no Lema, mas insere no componente Exemplo material em todas as línguas envolvidas no verbete. Trata-se de uma opção prática para desenvolvimento de materiais lexicográficos multilíngues para uma língua indígena brasileira.

#### 9.1.12. Modelo MODOE

De todos os modelos propostos nesta tese, esse é o último com grande quantidade de registros observados no corpus de UBL's das línguas indígenas brasileiras (cf. subseção 7.3.4.2).

Com EML composta de L: O {D (O) [E]}, desenvolvi as propostas a seguir: (1) LId: O {DId (O) [EId]}; (2) LId: O {DPt (O) [EId]}; (3) LId: O {DPt (O) [EId/EPt]}; (4) LPt: O {DId (O) [EId]}; (5) LPt: O {DId (O) [EId/EPt]}; (6) LId: O {DId-DPt (O) [EId/EPt]}; (7)

LPt: O {DPt-DId (O) [EPt/EId]}; (8) LId: O {DId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}; (9) LId: O {DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}.

#### 9.1.12.1. Modelo MODOE1 com estrutura LId: O {DId (O) [EId]}

Esse modelo amplia a estrutura do modelo MODE1 ao acrescentar Operador(es) para o DId da microestrutura do verbete, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 199 – MODELO MODOE1

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). Ajnon: *ka'ia usemiaraj yware ywokomumepem.*

**manimea pykujtawa rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema.*

**'og** *n.III* /'ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow.*

**'ogete** *n.III* /'ʔɔgɛ'tɛ/ uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.*

Esse modelo, que pode ser usado para materiais lexicográficos monolíngues, conta com Operadores do tipo Gr e Fn relacionados ao LId, e do tipo Ft, relacionado ao DId.

#### 9.1.12.2. Modelo MODOE2 com estrutura LId: O {DPt (O) [EId]}

Esse segundo modelo acrescenta o Português no Descritor e possui Operadores relacionados a esse componente, mas também ao Lema. Todavia, não há Exemplo em Português, como pode ser visto no exemplo a seguir:

FIGURA 200 – MODELO MODOE2

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*.

**'og** *n.III* /ʔɔg/ Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa

(a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow*.

**'ogete** *n.III* /ʔɔge'te/ Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa*.

No modelo acima, o LIId conta com Operadores do tipo Gr e Fn, ao mesmo tempo que o DPt recebe o Operador Na.

### 9.1.12.3. Modelo MODOE3 com estrutura LIId: O {DPt (O) [EIId/EPt]}

Esse terceiro modelo inclui o EPt ausente na proposta anterior:

FIGURA 201 – MODELO MODOE3a

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** *n.III* /ʔɔg/ casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação

coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* nós todos juntos vamos construir a casa; *ti popytywo e apo 'og* eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** *n.III* /ʔɔge'te/ casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

Também nesse modelo o LId se relaciona aos Operadores Fn e Gr, ambos colocados no início do verbete. Da mesma forma ocorre na variação dessa proposta, em que o DPt é dado em uma palavra ou expressão, apresentada a seguir:

FIGURA 202 – MODELO MODOE3b

**ka'i** n.III /ka'ʔi/ macaco-prego (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*; o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawā rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** n.III /'ʔɔg/ casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og*; eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og*; eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** n.III /ʔɔgɛ'te/ casa tradicional (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe*; vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo*; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

#### 9.1.12.4. Modelo MODOE4 com estrutura LPt: O {DId (O) [EId]}

O próximo modelo leva o Português para a posição de Lema:

FIGURA 203 – MODELO MODOE4a

**casa** n.f. 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og*; *ti popytywo e apo 'og*; *ti rehe t aketehewehe ne wy wekow*. ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.

**casa de farinha** n.f. manimea pykujtawā rog. Pykujpykujtawā upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema*. ▪ Ver → casa

**casa tradicional** n.f. 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwuhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa*. ▪ Ver → casa.

**macaco-prego** n.m. ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*.

Nesse modelo, o LPt se relaciona a dois Operadores, Gr e Rm, enquanto o DId recebe o Operador Ft. Apesar de ser uma proposta bem completa, não foi registrada no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras (talvez por apresentar o Descritor somente na língua indígena).

Do mesmo modo, a variante desse modelo, exemplificada a seguir, também não é comum no corpus de UBL's reunido nesta pesquisa.

FIGURA 204 – MODELO MODOE4b

<p><b>cachorro</b> n.m. ma'esawar /maʔesa'wat/. Ajnon: <i>unupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu; esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i></p>	<p><b>homem</b> n.m. akuma'e /akuma'ʔe/. Ajnon: <i>akuma'e akuraete; ajko re wehe rako aesag akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i></p>
<p><b>cavar</b> v.t. hywykaj /kiwi'kaj/. Ajnon: <i>ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i></p>	<p><b>matar</b> v.t. suka /su'ka/. Ajnon: <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?; aha puta ri'a isukaw tasahuamu; esuka puhi</i></p>
<p><b>dar</b> v.t. mono /mɔ'no/. Ajnon: <i>syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe</i></p>	<p><b>mulher</b> n.f. kuso /ku'sɔ/. Ajnon: <i>kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?; ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i></p>
<p><b>farinha de mandioca</b> n.f. manime /mani'me/. Ajnon: <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a</i></p>	<p><b>redondo</b> adj. 'apu'a /ʔapu'ʔa/. Ajnon: <i>kuipia i'apu'a; tehahua i'apu'a</i></p>

Já nesse modelo, há apenas um Operador relacionado ao LId: o do tipo Gr.

#### 9.1.12.5. Modelo MODOE5 com estrutura LPt: O {DId (O) [EId/EPt]}

Completando a estrutura do modelo anterior, essa proposta inclui o Exemplo na segunda língua envolvida no verbete, mas continua ainda não correspondendo a um modelo comum no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras. Apresento, a seguir, um exemplo dessa proposta:

FIGURA 205 – MODELO MODOE5a

<p><b>casa</b> n.f. 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og eu vou chegando para dentro da casa de farinha; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow; eu ajudo a fazer a casa. ▪ Ver → Casa de farinha, casa tradicional.</i></p>
<p><b>casa de farinha</b> n.f. manimea pykujtaw rog. Pykujpykujtaw upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema.; eu vou chegando para dentro da casa de farinha. ▪ Ver → Casa.</i></p>

**casa tradicional** n.f. 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver. ▪ Ver → Casa.

**macaco-prego** n.m. ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). Ajnon: *ka'ia usemumaraj yware ywokomumepem*; o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

Esse modelo inclui Operadores Gr e Rm que se relacionam ao LPt e outro do tipo Ft relacionado ao DId. Essa mesma estrutura pode ser reestrutura alterando o texto do DId para uma palavra ou expressão, como pode ser visto na figura seguinte:

FIGURA 206 – MODELO MODOE5b

**cachorro** n.m. ma'esawar /maʔesaw'ar/. Ex. *unupo ma'e-sawara* ele bate no cachorro; *ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu* o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele; *esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u* tenha cuidado! o cachorro vai te morder. ▪ Ver → Onça.

**cavar** v.t. hywykaj /kiwi'kaj/. Ex. *ywykwara ahywykaj* eu cavo buraco na terra; *ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj* eu vou cavar meu poço

**dar** v.t. mono /mɔ'no/. Ex. *syryg puta amono ne irua pe* eu vou dar o machado para o teu irmão; *ko, amono ne upe* vou te dar isso; *ajko na amonowi ne upe* esse eu não dou isso para você

**farinha de mandioca** manime /mani'mɛ/. Ex. *manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a* farinha de mandioca misturada com ovo de galinha. ▪ Ver → Mandioca.

**homem** n.m. akuma'e /akuma'ʔɛ/. Ex. *akuma'e akuraete* homem gordo; *ajko re wehe rako aesag* akuma'e ontem eu vi este homem; *moron puta pe akuma'e ihoj osuna?* quantos homens vão correr?

**matar** v.t. suka /su'ka/. Ex. *pehe puta pesuka ma'ea pesehow?* vocês vão matar aquelas caças?; *aha puta ri'a isukaw tasahuamu* talvez eu mate um porcão; *esuka puhi* não mata ele

**mulher** n.f. kuso /ku'so/. Ex. *kuso sysyng* mulher magra; *ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?* por que as mulheres não estão cantando?; *ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym* nós fomos com as mulheres plantar mandioca

**redondo** adj. 'apu'a /ʔapu'ʔa/. Ex. *kuipia i'apu'a* a cuiá é redonda; *tehahua i'apu'a* o tucum é redondo

Ordenado alfabeticamente, esse modelo apresenta um Operador do tipo Fn junto a um Descritor, situação pouco típica no conjunto de UBL's já registradas nesta pesquisa.

#### 9.1.12.6. Modelo MODOE6 com estrutura LId: O {DId-DPt (O) [EId/EPt]}

Esse modelo amplia a estrutura dos dois anteriores ao incluir Descritor e Exemplo nas duas línguas envolvidas na microestrutura.

FIGURA 207 – MODELO MODOE6

**ka'i n.III** /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume'u). *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta* (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.*

**manimea pykujtaw rog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtaw upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema *eu vou chegando para dentro da casa de farinha.* ▪ Eisag → 'og.

**'og n.III** /'ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa* (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og *nós todos juntos vamos construir a casa;* ti popytywo e apo 'og *eu ajudo a fazer a casa.* ▪ Eisag → manimea pykujtaw rog, 'ogete.

**'ogete n.III** /ʔɔgɛ'te/ uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwuhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada* (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda;* uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; *vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.* ▪ Eisag → 'og.

Com três Operadores (Gr, Fn e Rm) relacionados ao LIId e dois Operadores (Ft e Na) relacionados aos Descritores, esse modelo, que destaca os componentes em Português com efeito itálico, é uma excelente opção de organização de um dicionário bilíngue, por contar com componentes nas duas línguas envolvidas na microestrutura.

#### 9.1.12.7. Modelo MODOE7 com estrutura LPt: O {DPt-DId (O) [EPt/EId]}

Esse modelo, com Lema em Português, reproduz a estrutura do anterior, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 208 – MODELO MODOE7

**Casa.** n.f. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (na língua Suruí a palavra usada para designar ‘macaco-prego’ é também empregada para a forma genérica ‘macaco’). *’og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku’om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma’epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma’etiru umuakym rapo amona n usapy’u rapo tata (Wajwera umume’u).* Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa *asehu tese saupir sene rehe ’og;* eu ajudo a fazer a casa *ti popytywo e apo ’og.*

**Casa de farinha.** n.f. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. *Manimea pykujtawo rog. Pykujpykujtawo upin mani’og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume’u).* Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha *aha puta manime roga pupe wewahema.*

**Casa tradicional.** n.f. (casa verdadeira) Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e

enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). *’ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.* Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda *uruapo puta ’ogete semu’etawa ukaripe;* vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver *uruapo puta ’ogete t uesag wehe warasu tywo, ’og t unawa.*

**Macaco-prego.** n.m. (mico-de-topete) Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. *Ka’i. Ka’i iwete okowa’e; upyhyg iwyw ka’ia so uputi’a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka’ia awiton iapina pisuna (Tymykong umume’u).* Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos *ka’ia usemuaraj yware ywokomumepem.*

Relacionado ao LPt há somente um Operador do tipo Gr, enquanto os Descritores contam com dois Operadores, Na e Ft. Nessa proposta, são os textos em Suruí que recebem efeito itálico.

#### 9.1.12.8. Modelo MODOE8 com estrutura LIId: O {DId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}

O oitavo modelo deste conjunto amplia os dois anteriores ao estabelecer um mínimo de três Descritores e três componentes do tipo Exemplo envolvendo, assim, pelo menos três línguas nessa proposta.

Apresento, a seguir, um exemplo baseado nessa proposta:

FIGURA 209 – MODELO MODOE8

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Tymkong umume'u). *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.* Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut-nut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. *Cebus apella.* Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos* the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawarog/ pykujpykujtawaropin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj (Ikatu umume'u). *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema *eu vou chegando para dentro da casa de farinha* I came into the house of flour. ▪ Eisag → 'og.

**'og** *n.III* /'og/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusaru-kong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Wajwera umume'u). *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não*

*molhar. Todos ajudam na construção da casa.* House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og *nós todos juntos vamos construir a casa* all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og *eu ajudo a fazer a casa* I help the building of the house. ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.

**'ogete** *n.III* /'ogete/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Wajwera umume'u). *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.* Traditional house. To make a traditional house, we dug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, it door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda* let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; *vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver* let's do the traditional house for the non Indians to see it. ▪ Eisag → 'og.

O LPt desse modelo está relacionado a três Operadores, são eles: Fn, inserido logo após o Lema, Gr, entre barras oblíquas, fica depois do Operador Gr, e Rm, no final do verbete. Quanto ao outro Operador, colocado entre parênteses, ele se relaciona somente ao Did.

## 9.1.12.9. Modelo MODOE9 com estrutura LIId: O {DPt-D... (O) [EId/EPt/E...]}

Esse último modelo retoma a estrutura do anterior, mas não inclui o DIId, como pode ser conferido no exemplo abaixo:

FIGURA 210 – MODELO MODOE9

<p><b>ka'ï</b> <i>n.III</i> /ka'ʔi/ <i>Macaco-prego</i> (significa também a forma genérica 'macaco'). Capuchin monkey. <i>Cebus apella</i>. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem o <i>macaco-prego</i> brinca no galho da árvore e quebra os galhos the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.</p>	<p><b>'og</b> <i>n.III</i> /ʔɔg/ <i>Casa</i>. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og <i>nós todos juntos vamos construir a casa</i> all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og <i>eu ajudo a fazer a casa</i> I help the building of the house. ▪ Eisag → 'ogete.</p>
<p><b>manimea pykujtawā rog</b> /mani'mea pikuj'tawā 'rɔg/ <i>Casa de farinha</i> (a única farinha feita pelos Suruí é a de mandioca). Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i> I came into the house of flour. ▪ Eisag → 'og.</p>	<p><b>'ogete</b> <i>n.III</i> /ʔɔge'te/ <i>Casa tradicional</i> (lit. <i>Casa verdadeira</i>). Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe <i>vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda</i> let's make a traditional house in the land where you study. ▪ Eisag → 'og.</p>

## 9.1.13. Modelo MODEO

Diferente do modelo MDEO, que não foi atestado no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras, algumas formas desse modelo já foram encontradas, no entanto, é muito baixo o total de ocorrências dele.

Partindo dessa estrutura, foi possível chegar às seguintes EML's: (1) LIId: O {DIId [EId (O)]}; (2) LIId: O {DPt [EId (O)]}; (3) LIId: O {DPt [EId/EPt (O)]}; (4) LPt: O {DIId [EId (O)]}; (5) LPt: O {DIId [EId/EPt (O)]}; (6) LIId: O {DIId-DPt [EId/EPt (O)]}; (7) LPt: O {DPt-DIId [EPt/EId (O)]}; (8) LIId: O {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]} e (9) LIId: O {DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]}.

## 9.1.13.1. Modelo MODEO1 com estrutura LIId: O {DIId [EId (O)]}

Utilizando apenas a língua Suruí, esse modelo possui Operadores associados ao componente Lema e ao componente exemplo.

Esse primeiro modelo contém apenas a língua Suruí com Operador associado ao componente Exemplo, como pode ser observado na figura abaixo:

FIGURA 211 – MODELO MODEO1

<p><b>ka'i</b> <i>n.III</i> /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p> <p><b>manimea pykujtawarog</b> /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawarog upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u).</p> <p><b>'og</b> <i>n.III</i> /ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u); <i>ti popytywo e apo 'og</i>; <i>ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i> (Wajwera umume'u).</p> <p><b>'ogete</b> <i>n.III</i> /ʔɔgɛ'te/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u); <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u).</p>
--

Com Operadores relacionados aos componentes Lema e Exemplo, esse modelo conta com três tipos diferentes de Operadores, são eles: Fn, Ft e Gr.

#### 9.1.13.2. Modelo MODEO2 com estrutura Lid: O {DPt [EId (O)]}

O segundo modelo se difere do anterior por apresentar o Descritor em Português, conforme exemplo a seguir:

FIGURA 212 – MODELO MODEO2

<p><b>ka'i</b> <i>n.III</i> /ka'ʔi/ Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p> <p><b>manimea pykujtawarog</b> /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u).</p> <p><b>'og</b> <i>n.III</i> /ʔɔg/ Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra</p>	<p>dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa. Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u); <i>ti popytywo e apo 'og</i>; <i>ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i> (Wajwera umume'u).</p> <p><b>'ogete</b> <i>n.III</i> /ʔɔgɛ'te/ Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u); <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u).</p>
---	---

Acredito que um modelo desse tipo possa ser bastante útil tanto para as comunidades indígenas onde o Português seja usado como segunda língua (ou mesmo como primeira), quanto para pesquisadores, principalmente antropólogos, uma vez que os Descritores são apresentados principalmente em Português, mas com Lemas na língua indígena. Talvez a única restrição para esse uso de especialistas seja o fato de o componente Exemplo ser dado somente em Suruí, situação esta que é solucionada no próximo modelo.

### 9.1.13.3. Modelo MODEO3 com estrutura LIId: O {DPt [EId/EPt (O)]}

Esse modelo retoma a estrutura do MODOE, mas desloca o segundo Operador do Descritor para o Exemplo. A seguir, apresento um exemplo baseado nesse modelo:

FIGURA 213 – MODELO MODEO3a

<p><b>ka'i n.III /ka'ʔi/</b> macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymkong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</p>	<p>casa. Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u) nós todos juntos vamos construir a casa; <i>ti popytywo e apo 'og</i> (Wajwera umume'u) eu ajudo a fazer a casa.</p>
<p><b>manimea pykujtawā rog /mani'mea pīkuj'tawā 'rɔg/</b> casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u) eu vou chegando para dentro da casa de farinha.</p>	<p><b>'ogete n.III /ʔɔge'te/</b> tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u) vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u) vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.</p>
<p><b>'og n.III /ʔɔg/</b> casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da</p>	

O Lema desse modelo se relaciona aos dois Operadores do tipo Fn e Gr, enquanto os Descritores, aos Descritores do tipo Ft. Apesar de esse modelo não ser muito comum, a sua variação, apresentada a seguir, é bem mais comum no conjunto de UBL's.

FIGURA 214 – MODELO MODEO3b

**ka'i** n.III /ka'ʔi/ macaco-prego. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u); o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawarog/ casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha.

**'og** n.III /ʔog/ casa. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og* (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa.

**'ogete** n.III /ʔog/ casa tradicional. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawar ukaripe* (Ikatu umume'u); vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo* (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.

#### 9.1.13.4. Modelo MODEO4 com estrutura LPt: O {DId [EId (O)]}

Tendo o Lema agora em Português, esse modelo também não é comum no corpus de UBL's das línguas indígenas brasileiras. Apresento, a seguir, uma amostra desse modelo:

FIGURA 215 – MODELO MODEO4a

**casa** n.f. 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og* (Ikatu umume'u); *ti rehe t aketehewehe ne wy wekow* (Wajwera umume'u). ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.

**casa de farinha** n.f. manimea pykujtawarog. Pykujpykujtawar upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u). ▪ Ver → casa.

**casa tradicional** 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawar ukaripe* (Ikatu umume'u) *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* (Wajwera umume'u). ▪ Ver → casa, casa tradicional.

**macaco-prego** n.m. ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnon: *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u).

O LPt conta com dois Operadores, Gr e Rm, enquanto o DId, com um Operador do tipo Ft. Uma proposta como essa produziria material lexicográfico útil para uma comunidade indígena, sobretudo se a intenção fosse chegar à língua indígena tendo como

orientação a palavra em Português. Esse modelo pode variar se, ao invés de texto, o DID contivesse apenas uma palavra ou expressão, como no exemplo a seguir:

FIGURA 216 – MODELO MODEO4b

<p><b>cachorro</b> <i>n.m.</i> ma'esawar Ajnnon: <i>unupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu (Ikatu umume'u); esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i></p> <p><b>cavar</b> <i>v.t.</i> hywykaj Ajnnon: <i>ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i></p> <p><b>dar</b> <i>v.t.</i> mono Ajnnon: <i>syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe (Muretama umume'u)</i></p> <p><b>farinha de mandioca</b> <i>n.f.</i> manime Ajnnon: <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a (Tymykong umume'u)</i></p>	<p><b>homem</b> <i>n.m.</i> akuma'e Ajnnon: <i>akuma'e akuraete; ajko re wehe rako aesag akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i></p> <p><b>matar</b> <i>v.t.</i> suka Ajnnon: <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?; aha puta ri'a isukaw tasahuamu; esuka puhi (Masu umume'u)</i></p> <p><b>mulher</b> <i>n.f.</i> kuso Ajnnon: <i>kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi? (Ikatu umume'u); ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i></p> <p><b>redondo</b> <i>adj.</i> 'apu'a Ajnnon: <i>kuipia i'apu'a; tehahua i'apu'a (Waywera umume'u)</i></p>
--	--

#### 9.1.13.5. Modelo MODEO5 com estrutura LPt: O {DId [EId/EPt (O)]}

Esse modelo retoma a estrutura anterior e a amplia com o componente EPt, como pode ser observado na figura abaixo:

FIGURA 217 – MODELO MODEO5a

<p><b>casa</b> <i>n.f.</i> 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. Ajnnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og eu vou chegando para dentro da casa de farinha; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa. ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.</i></p> <p><b>casa de farinha</b> <i>n.f.</i> manimea pykujtaw rog. Pykujpykujtaw upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha. ▪ Ver → casa.</i></p>	<p><b>casa tradicional</b> 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehute; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. Ajnnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver. ▪ Ver → casa.</i></p> <p><b>macaco-prego</b> ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. Ajnnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u); o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</i></p>
--	---

Mesmo com Operadores Gr e Rm relacionados ao LPt, essa proposta ainda não é comum no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras. Por outro lado, ao substituir o texto do DIId por uma palavra ou expressão, esse modelo passa a ter mais chances de ocorrer.

FIGURA 218 – MODELO MODEO5b

<p><b>cachorro</b> n.m. ma'esawar Ex. <i>unupo ma'e-sawara</i> ele bate no cachorro; <i>ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> (Ikatu umume'u) o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele; <i>esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i> tenha cuidado! o cachorro vai te morder</p> <p><b>cavar</b> v.tr. hywykaj Ex. <i>ywykwara ahywykaj</i> eu cavo buraco na terra; <i>ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i> eu vou cavar meu poço</p> <p><b>dar</b> v.tr. mono Ex. <i>syryg puta amono ne irua pe</i> (Muretama umume'u) eu vou dar o machado para o teu irmão; <i>ko, amono ne upe</i> vou te dar isso; <i>ajko na amonowi ne upe</i> esse eu não dou isso para você</p>	<p><b>homem</b> n.m. akuma'e Ex. <i>akuma'e akuraete</i> homem gordo; <i>ajko re wehe rako aesag</i> akuma'e ontem eu vi este homem; <i>moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i> quantos homens vão correr?</p> <p><b>matar</b> v.intr. suka Ex. <i>pehe puta pesuka ma'ea pesehow?</i> (Masu umume'u) vocês vão matar aquelas caças?; <i>aha puta ri'a isukaw tasahuamu</i> talvez eu mate um porcão; <i>esuka puhi</i> não mata ele</p> <p><b>mulher</b> n.f. kuso Ex. <i>kuso sysyng</i> mulher magra; <i>ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?</i> (Ikatu umume'u) por que as mulheres não estão cantando?; <i>ure kuso teseramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i> nós fomos com as mulheres plantar mandioca</p>
---	---

O Operador do tipo Gr se relaciona ao LPt nesse modelo, enquanto o do tipo Ft, entre parênteses, se relaciona ao EId.

#### 9.1.13.6. Modelo MODEO6 com estrutura LIId: O {DIId-DPt [EId/EPt (O)]}

Se comparado aos dois modelos anteriores, este pode ser considerado o mais completo, por apresentar componentes nas duas línguas envolvidas na estrutura do verbete, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 219 – MODELO MODEO6

<p><b>ka'i</b> n.III /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. <i>Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta.</i> Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymkong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</p> <p><b>manimea pykujtawa rog</b> /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawa upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. <i>Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.</i> Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) eu vou chegando para dentro da casa de farinha.</p>
--

'og n.III /ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.* Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa*; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa.

'ogete n.III /ʔɔgɛ'tɛ/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.* Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda*; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; *vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.*

Nesse modelo, o LI<sub>d</sub> recebe Operadores Fn e Gr, e o EI<sub>d</sub>, um do tipo Ft. Ao lado do modelo MODOE, constituem as propostas mais completas até o momento para construção de materiais lexicográficos bilíngues.

#### 9.1.13.7. Modelo MODEO7 com estrutura LPt: O {DPt-DId [EPt/EId (O)]}

Essa proposta, que espelha as línguas usadas na anterior, desloca o segundo Operador para junto do componente Exemplo, conforme amostra a seguir:

FIGURA 220 – MODELO MODEO7

*Casa. n.f. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.* 'og. *Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.* Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa ti popytywo e apo 'og. ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.

rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada. 'ogete. *Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.* Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa. ▪ Ver → casa.

**Casa de farinha.** Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. *Manimea pykujtawā rog. Pykujpykujtawā upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.* Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u). ▪ Ver → casa.

**Casa tradicional.** Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar

**Macaco-prego.** n.m. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. *Ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna.* Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem* (Tymkong umume'u). ▪ Ver → guariba, mico mão-de-ouro.

Geralmente o Operador Fn não é usado com um componente do tipo LPt, pois se trata da língua de maior difusão no Brasil, mas se o interesse for ensinar, por exemplo, o Português como segunda língua a uma comunidade indígena, a inserção desse Operador se justificaria plenamente na proposta de material lexicográfico, pois ele poderia colaborar com o esclarecimento da pronúncia adequada do item lexical.

#### 9.1.13.8. Modelo MODEO8 com estrutura LIId: O {DIId-DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]}

Ampliando o número de Descritores e Exemplos na microestrutura, essa proposta atende à construção de materiais multilíngues, como demonstra a figura a seguir:

FIGURA 221 – MODELO MODEO8

**ka'i n.III** /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. *Macaco-prego.* Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta. Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut-nut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. *Cebus apella.* Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymkong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtawā rog** /mani'mea pikuj'tawā 'rɔg/ pykujpykujtawā upin mani'og,

*coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa.* House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) nós todos juntos vamos construir a casa all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa I help the building of the house.

**'ogete n.III** /ʔɔgɛ'tɛ/ uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawā; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional.* Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de

ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha* I came into the house of flour.

'og n.III /'ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusaru-kong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as*

*amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada.* Traditional house. To make a traditional house, we dug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, its door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda* let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; *vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver* let's do the traditional house for the non Indians to see it.

Além dos Operadores Fn e Gr relacionados ao LId, há também o Operador Ft do EId, nessa proposta que envolve o Suruí, o Português e o Inglês.

#### 9.1.13.9. Modelo MODEO9 com estrutura LId: O {DPt-D... [EId/EPt/E... (O)]}

O último modelo deste conjunto não contém o DId, como na proposta anterior, mesmo assim, trata-se de um modelo que pode ser perfeitamente empregado na construção de um material multilíngue, sobretudo se os Descritores forem constituídos por palavras ou expressões que traduzam o LId.

FIGURA 222 – MODELO MODEO9

**ka'i** n.III /ka'ʔi/ *Macaco-prego*. Capuchin monkey. *Cebus apella*. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u) *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos* the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ *Casa de farinha*. Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha* I came into the house of flour. ▪ Eisag → 'og.

'og n.III /'ʔɔg/ *Casa*. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Ikatu umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa* all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og *eu ajudo a fazer a casa* I help the building of the house. ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.

'ogete n.III /ʔɔgɛ'tɛ/ *Casa tradicional*. Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Ikatu umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda* let's make a traditional house in the land where you study. ▪ Eisag → 'og.

#### 9.1.14. Modelo MODOEO

O último dos 14 modelos é o que emprega todos os componentes da microestrutura e cada um deles relacionados com os respectivos Operadores. Nesse modelo, a EML básica é L: O {D (O) [E (O)]}, a partir da qual foram identificadas as seguintes estruturas: (1) LId: O {DId (O) [EId (O)]}; (2) LId: O {DPt (O) [EId (O)]}; (3) LId: O {DPt (O) [EId/EPt (O)]}; (4) LPt: O {DId (O) [EId (O)]}; (5) LPt: O {DId (O) [EId/EPt (O)]}; (6) LId: O {DId-DPt (O) [EId/EPt (O)]}; (7) LPt: O {DPt-DId (O) [EPt/EId (O)]}; (8) LId: O {DId-DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]} e (9) LId: O {DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}.

##### 9.1.14.1. Modelo MODOEO1 com estrutura LId: O {DId (O) [EId (O)]}

Esse modelo a ser usado para uma UBL monolíngue insere Operadores em cada um dos componentes, como mostra o seguinte exemplo com a língua Suruí:

FIGURA 223 – MODELO MODOEO1

**ka'i** *n.III* /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Wajwera umume'u). Ajnon: *ka'ia usemumaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u).

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawarupin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u). ▪ Eisag → 'og.

**'og** *n.III* /ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarakong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Ikatu umume'u). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Ikatu umume'u); *ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow* (Wajwera umume'u). ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.

**'ogete** *n.III* /ʔɔgɛ'tɛ/ uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Muretama umume'u). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawarupin ukaripe* (Ikatu umume'u); *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* (Wajwera umume'u). ▪ Eisag → 'og.

Além dos Operadores usados nesse exemplo (Fn, Ft e Gr), é possível empregar outros, de acordo com as especificações do PDL em desenvolvimento.

## 9.1.14.2. Modelo MODOEO2 com estrutura LIId: O {DPt (O) [EId (O)]}

Também nessa proposta, todos os componentes possuem Operadores, mas ela se diferencia da anterior por conter uma segunda língua na microestrutura, como pode ser observado no exemplo abaixo:

FIGURA 224 – MODELO MODOEO2

<p><b>ka'i n.III /ka'ʔi/</b> Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p> <p><b>manimea pykujtawarog /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/</b> Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u).</p> <p><b>'og n.III /'ʔɔg/</b> Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva</p>	<p>na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u); <i>ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i> (Wajwera umume'u).</p> <p><b>'ogete n.III /'ʔɔgɛ'te/</b> Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u); <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u).</p>
---	--

Nesse modelo, o LIId se relaciona com dois Operadores do tipo Fn e Gr; o DPt, com um Operador do tipo Na, e o EId, com um Operador Ft.

## 9.1.14.3. Modelo MODOEO3 com estrutura LIId: O {DPt (O) [EId/EPt (O)]}

Já nesse terceiro modelo, há cinco diferentes tipos de Operadores, exemplificados na figura abaixo:

FIGURA 225 – MODELO MODOEO3a

<p><b>ka'i n.III /ka'ʔi/</b> macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.</p>	<p>Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Ikatu umume'u) nós todos juntos vamos construir a casa; <i>ti popytywo e apo 'og</i> (Wajwera umume'u) eu ajudo a fazer a casa. ▪ Eisag → <i>manimea pykujtawarog, 'ogete.</i></p> <p><b>'ogete n.III /'ʔɔgɛ'te/</b> casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois</p>
---	--

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u) eu vou chegando para dentro da casa de farinha. ▪ Eisag → 'og.

'og n.III /'ɔg/ casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade

cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u) vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa* (Wajwera umume'u) vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver. ▪ Eisag → 'og.

Relacionados ao LIId estão os Operadores Fn, Gr e Rm; ao DPt, o Na; e ao EId, o Operador Ft. Como variação desse modelo, apresento a seguinte proposta:

FIGURA 226 – MODELO MODOEO3b

**ka'i** n.III /ka'ʔi/ macaco-prego (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: *ka'ia usemumaraj yware ywokomumepem* (Tymykong umume'u); o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ casa de farinha. Ajnon: *aha puta manime roga pupe wewahema* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha. ▪ Eisag → 'og.

'og n.III /'ɔg/ casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: *asehu tese saupir sene rehe 'og* (Ikatu umume'u); eu vou chegando para dentro da casa de farinha; *ti popytywo e apo 'og* (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa. ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.

'ogete n.III /'ɔgɛ'te/ casa tradicional (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe* (Ikatu umume'u); vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo* (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver. ▪ Eisag → 'og.

Nesse modelo de material bilíngue, o DPt é apresentado em uma palavra ou expressão que traduz o LIId, o qual se associa a três Operadores, Fn, Gr e Rm, nessa proposta.

## 9.1.14.4. Modelo MODOE04 com estrutura LPt: O {DId (O) [EId (O)]}

Apesar de essa proposta ter o Português como língua do Lema, o que predomina no seu interior é o uso do Suruí, como Descritor e Exemplo. Apresento, abaixo, exemplo desse modelo:

FIGURA 227 – MODELO MODOE04a

<p><b>casa</b> <i>n.f.</i> 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarakong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Ikatu umume'u). Ajnon: <i>asehu tese saupir sene rehe 'og; ti popytywo e apo 'og</i> (Ikatu umume'u); <i>ti rehe t aketehewehe ne wy wekow</i> (Wajwera umume'u). ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.</p> <p><b>casa de farinha</b> <i>n.f.</i> manimea pykujtawarog. Pykujpykujtawarupin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u). ▪ Ver → casa.</p>	<p><b>casa tradicional</b> <i>n.f.</i> 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Muretama umume'u). Ajnon: <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Ikatu umume'u) <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa</i> (Wajwera umume'u). ▪ Ver → casa.</p> <p><b>macaco-prego</b> <i>n.m.</i> ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Wajwera umume'u). Ajnon: <i>ka'ia usemumaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p>
--	---

Enquanto o LPt se associa a Operadores Gr e Rm, o DId e o EId se associam a um Operador do tipo Ft. Esse modelo é apresentado, a seguir, com DId reduzido a uma palavra ou expressão:

FIGURA 228 – MODELO MODOE04b

<p><b>cachorro</b> <i>n.m.</i> ma'esawar /ma'esa'wat/ Ajnon: <i>unupo ma'esawara; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i> (Ikatu umume'u); <i>esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u</i></p> <p><b>cavar</b> <i>v.tr.</i> hywykaj /kiwi'kaj/ Ajnon: <i>ywykwara ahywykaj; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj</i></p> <p><b>dar</b> <i>v.tr.</i> mono /mo'no/ Ajnon: <i>syryg puta amono ne irua pe; ko, amono ne upe; ajko na amonowi ne upe</i> (Muretama umume'u)</p> <p><b>farinha de mandioca</b> manime /mani'me/ Ajnon: <i>manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a</i> (Tymykong umume'u)</p>	<p><b>homem</b> <i>n.m.</i> akuma'e /akuma'ʔe/ Ajnon: <i>akuma'e akuraete; ajko re wehe rako aesag akuma'e; moron puta pe akuma'e ihoj osuna?</i></p> <p><b>morrer</b> <i>v.intr.</i> sekyj /se'kij/ Ajnon: <i>akuma'e usekyi; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu</i></p> <p><b>mulher</b> <i>n.f.</i> kuso /ku'so/ Ajnon: <i>kuso sysyng; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi?</i> (Ikatu umume'u); <i>ure kuso tesaramu uruho ytyma mani'og roko urutym</i></p> <p><b>redondo</b> <i>adj.</i> 'apu'a /ʔapu'ʔa/ Ajnon: <i>kui pia i'apu'a; tehahua i'apu'a</i> (Waywera umume'u)</p>
---	--

## 9.1.14.5. Modelo MODOE05 com estrutura LPt: O {DId (O) [EId/EPt (O)]}

Essa quinta proposta é semelhante à anterior, com a diferença de acrescentar nela o componente EPt, conforme demonstra o próximo exemplo:

FIGURA 229 – MODELO MODOE05a

<p><b>casa</b> <i>n.f.</i> 'og. Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata (Ikatu umume'u). Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i>; ti popytywo e apo 'og; ti rehe t aketehewehe ne wy wekow (Wajwera umume'u); <i>eu ajudo a fazer a casa</i>. ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.</p>	<p><b>casa tradicional</b> <i>n.f.</i> 'ogete. Uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug (Muretama umume'u). Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) <i>vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda</i>; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa <i>vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver</i>. ▪ Ver → casa.</p>
<p><b>casa de farinha</b> <i>n.f.</i> manimea pykujtawo roga. Pykujpykujtawo upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u); <i>eu vou chegando para dentro da casa de farinha</i>. ▪ Ver → casa.</p>	<p><b>macaco-prego</b> <i>n.m.</i> ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna (Wajwera umume'u). Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymkong umume'u); <i>o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos</i>.</p>

Nesse modelo, o LPt se associa a dois Operadores, enquanto o Descritor e o Exemplo se associam a um mesmo tipo de Operador (Ft). A variação desse modelo é apresentada abaixo:

FIGURA 230 – MODELO MODOE05b

<p><b>cavar</b> <i>v.tr.</i> hywykaj /kiwi'kaj/ Ex. <i>ywykwara ahywykaj eu cavo buraco na terra; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj eu vou cavar meu poço</i></p>	<p><b>morrer</b> <i>v.intr.</i> sekyj /se'kij/ Ex. <i>akuma'e usekyi o homem morreu; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele</i></p>
<p><b>dar</b> <i>v.tr.</i> mono /mɔ'no/ Ex. <i>syryg puta amono ne irua pe (Muretama umume'u) eu vou dar o machado para o teu irmão; ko, amono ne upe vou te dar isso; ajko na amonowi ne upe esse eu não dou isso para você</i></p>	<p><b>mulher</b> <i>n.f.</i> kuso /ku'sɔ/ Ex. <i>kuso sysyng mulher magra; ma'eramu pa'e kuso nu se'engara uwi? (Ikatu umume'u) por que as mulheres não estão cantando?; ure kuso tesaramu uruho ytyma mani'og roko urutym nós fomos com as mulheres plantar mandioca</i></p>
<p><b>homem</b> <i>n.m.</i> akuma'e /akuma'ʔe/ Ex. <i>akuma'e akuraete homem gordo; ajko re wehe rako aesag akuma'e ontem eu vi este homem; moron puta pe akuma'e ihoj osuna? quantos homens vão correr?</i></p>	<p><b>redondo</b> <i>adj.</i> 'apu'a /ʔapu'ʔa/ Ex. <i>kui pia i'apu'a a cuiã é redonda; tehahua i'apu'a o tucum é redondo</i></p>

Nesse modelo, o LPt recebe o Operador Gr, o DId, o Operador Fn, e o EId, o Operador Ft.

## 9.1.14.6. Modelo MODOE06 com estrutura LIId: O {DIId-DPt (O) [EId/EPt (O)]}

Da mesma maneira que foi observado nos modelos MODOE e MODEO já apresentados, essa proposta é a mais completa possível para um material de natureza bilíngue, pois conta com Descritores e Exemplos nas duas línguas envolvidas, e também com Operadores para todos os componentes dessa microestrutura, como pode ser visto no exemplo a seguir:

FIGURA 231 – MODELO MODOE06

**ka'i** n.III /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. *Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta* (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Ajnon: ka'ia usemwaraj yware ywokomumepem (Tymkong umume'u) *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos.* ▪ Eisag → akyky, y'a.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ pykujpykujtawaropin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. *Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.* Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha.* ▪ Eisag → 'og.

**'og** n.III /'ʔɔg/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. *Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa* (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa.* ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.

**'ogete** n.III /ʔɔgɛ'tɛ/ uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. *Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada* (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver.* ▪ Eisag → 'og.

Os Operadores Fn, Gr e Rm se associam ao LId, já o Operador Na, se associa ao DPt, e o Operador Ft, ao EId. A fim de destacar as informações no interior da microestrutura, destaquei o DPt e EPt com efeito itálico.

#### 9.1.14.7. Modelo MODOEO7 com estrutura LPT: O {DPt-DId (O) [EPt/EId (O)]}

Mudando a posição das línguas da EML anterior, chega-se à proposta atual, como pode ser observado na próxima figura:

FIGURA 232 – MODELO MODOEO7

<p><b>Casa.</b> <i>n.f.</i> Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa (a construção de uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). <i>'og.</i> <i>Uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusarukong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata.</i> Ex.: nós todos juntos vamos construir a casa <i>asehu tese saupir sene rehe 'og</i> (Wajwera umume'u); eu ajudo a fazer a casa <i>ti popytywo e apo 'og.</i> ▪ Ver → casa de farinha, casa tradicional.</p>	<p>cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). <i>'ogete.</i> <i>Uruapo ywya urumuseaupyta, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuate muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarere; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug.</i> Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda <i>uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe</i> (Wajwera umume'u); vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver <i>uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa.</i> ▪ Ver → casa.</p>
<p><b>Casa de farinha.</b> <i>n.f.</i> Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno. <i>Manimea pykujtawarog. Pykujpykujtawar upin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj.</i> Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha <i>aha puta manime roga pupe wewahema</i> (Ikatu umume'u). ▪ Ver → casa.</p>	<p><b>Macaco-prego.</b> <i>n.m.</i> Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). <i>Ka'i. Ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna</i> (Wajwera umume'u). Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos <i>ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem</i> (Tymykong umume'u).</p>

Nesse modelo, com exceção do Operador Fn, todos os demais presentes na proposta anterior foram mantidos. Já o destaque com efeito itálico foi aplicado aos componentes na língua Suruí.

9.1.14.8. Modelo MODOE08 com estrutura LIId: O {DIId-DPtt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}

Dentre todos os modelos deste trabalho, essa oitava proposta é a maior delas, contando com, pelo menos, três Descritores (incluindo o DIId) e três Exemplos, em línguas diferentes, todos relacionados a Operador(es), conforme exemplo abaixo:

FIGURA 233 – MODELO MODOE08

<p><b>ka'i n.III</b> /ka'ʔi/ ka'i iwete okowa'e; upyhyg iwyw ka'ia so uputi'a warimu irahaj awpita so akakaw yware; ka'ia awiton iapina pisuna. <i>Macaco-prego. Ele vive nas copas das árvores; ele desce para pegar ouriço da castanha e sobe com ele na árvore e começa a bater no pau até o ouriço rachar; ele é marrom com a cabeça preta</i> (na língua Suruí a palavra usada para designar 'macaco-prego' é também empregada para a forma genérica 'macaco'). Capuchin monkey. He lives on the top of the trees; he goes to pick up hedgehog chestnut and climbs the tree with him; then, he starts beating the Hedgehog until it cracks; He is brown with a black head. <i>Cebus apella</i>. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymkong umume'u) o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.</p> <p><b>manimea pykujtawarog</b> /mani'mea pikuj'tawa 'rog/ pykujpykujtawarupin mani'og, ukytyg, ukupepyg, umuhaw upykuj. <i>Casa de farinha. Na casa de fazer farinha, a gente rala, prensa e peneira a mandioca. Depois torra ela, mexendo no forno.</i> Flour's house. In the flour's house, the people grate, press and sieve cassava. After roasting it, they stir it on the oven. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) eu vou chegando para dentro da casa de farinha I came into the house of flour. ▪ Eisag → 'og.</p> <p><b>'og n.III</b> /'ʔog/ uruhywykaj ywya urumumug ywykwara rupi urumuku'om sura ykupyjta urumusaru-kong uruupir urukwar; ti roga ti kehaw, uruapo pinowa ku urusehe urukehawamu urukupepyg urusehe; un ti ma'epotawamu aapo rako iako tarukeke taruke ti ma'etiru umuakym rapo amona n usapy'u rapo tata. <i>Casa. Nós cavamos o chão para enfiar a forquilha da casa; nós levantamos o esteio e encaibramos; nós arribamos e amarramos a casa. Depois colocamos todas as coisas pra dentro pra não molhar. Todos ajudam na construção da casa</i> (a construção de</p>	<p>uma casa é uma ação coletiva na comunidade Suruí, na qual participam homens, mulheres e crianças, cada um desempenhando papéis específicos). House. We dug the sticks into the ground of the futures house, then we raise its mainstay and put the rafter. Then we put our goods inside the house for them to not get wet. Everyone helps the building of the house. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) nós todos juntos vamos construir a casa all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og eu ajudo a fazer a casa I help the building of the house. ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.</p> <p><b>'ogete n.III</b> /ʔoge'te/ uruapo ywya urumuseaupya, uruupir pinowo ipyteripe ywa umuwyhog supatitawa; ipukuete muruwisaw erekehaw asehutese; upuga ruaw murerekotarete; upug ruaw hejkwehe n uhuwapyguwi namukuj hejkwehe upug. <i>Casa tradicional. Para fazer a casa tradicional, cavamos a terra e enfiamos os paus de amarrar rede nos buracos. Depois cobrimos a casa tradicional com a palha do babaçu. Nessa casa, todos nós dormimos nela, mas é o chefe quem dorme perto da porta. Essa casa só tem uma porta para entrar. Antigamente, essa porta não ficava fechada</i> (atualmente, esse tipo de casa não é mais construída para fins de habitação, apenas como forma de manter a tradição). Traditional house. To make a traditional house, we dug the earth and we stuck the sticks into the holes, tying them to support the rafter. After we have covered the traditional house with thatched babassu we are able to sleep in it, but it is the chief who sleeps near the door. This house has only one door. Formerly, its door was not closed. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Wajwera umume'u) vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda let's make a traditional house in the land where you study; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasutywo, 'og t unawa; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver let's do the traditional house for the non Indians to see it. ▪ Eisag → 'og.</p>
---	---

Nesse modelo, os Operadores Fn, Gr e Rm se relacionam com o LIId; o Operador Na, com o DPt; e o Operador Ft, com o EId. Com a possibilidade de inserir outros tipos de Operadores, essa proposta é bastante completa para ser usada na construção de um material multilíngue.

#### 9.1.14.9. Modelo MODOEO9 com estrutura LIId: O {DPt-D... (O) [EId/EPt/E... (O)]}

Reproduzindo a proposta MODOEO8, esse modelo apenas exclui de sua estrutura o DIId e apresenta os demais Descritores na forma de palavra ou expressão que traduz o LIId. A figura a seguir exemplifica esse modelo:

FIGURA 234 – MODELO MODOEO9

**ka'i** n.III /ka'ʔi/ *Macaco-prego* (mico-de-topete). Capuchin monkey. *Cebus apella*. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem (Tymykong umume'u) *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos* the capuchin monkey romps in the branch of the tree and the branches breaks.

**manimea pykujtawarog** /mani'mea pikuj'tawa 'rɔg/ *Casa de farinha* (farinha de mandioca). Flour's house. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema (Ikatu umume'u) *eu vou chegando para dentro da casa de farinha* I came into the house of flour. ▪ Eisag → 'og.

**'og** n.III /ʔɔg/ *Casa*. House. Ajnon: asehu tese saupir sene rehe 'og (Ikatu umume'u) *nós todos juntos vamos construir a casa* all together we will build the house; ti popytywo e apo 'og *eu ajudo a fazer a casa* I help the building of the house. ▪ Eisag → manimea pykujtawarog, 'ogete.

**'ogete** n.III /ʔɔge'te/ *Casa tradicional* (casa verdadeira). Traditional house. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe (Ikatu umume'u) *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda* let's make a traditional house in the land where you study. ▪ Eisag → 'og.

#### 9.1.15. Algumas considerações sobre esses modelos

Neste capítulo busquei apresentar sistematicamente as formas básicas de modelos que podem ser usados para a produção de materiais lexicográficos para a língua indígena Suruí e, com as devidas adaptações, para outras línguas indígenas brasileiras.

Certamente o arranjo dos componentes pode assumir configurações bem particulares, dependendo do PDL, dos dados coletados e disponíveis, das finalidades do material e, por fim, do próprio projeto gráfico desenvolvido.

Além da tipologia já adotada para as EML's nesta tese, não era minha intenção associar essa nomenclatura aos diversos tipos de obras lexicográficas já existentes (p.ex., dicionário, glossário, lista de palavras, vocabulário, índice), ainda mais porque diferentes obras podem apresentar estruturas mais ou menos semelhantes.

Com relação aos diferentes exemplos apresentados ao longo deste capítulo, a função deles é muito mais ilustrativa das possibilidades de cada modelo do que normativa, pois não é objetivo deste trabalho propor padrões fechados e definitivos para nenhum material lexicográfico. Por isso, é fundamental esclarecer que, mesmo no caso da língua Suruí, os exemplos servem como formas de orientação para construção de propostas, que devem surgir e se desenvolver sempre em colaboração com os próprios usuários da língua, orientando, assim, a produção desses materiais.

Por fim, há de se esclarecer que essa sistematização de tipos de EML's é fundamental também para a construção de modelos a serem usados no programa Línguas, pois, ao prever a maior quantidade possível de arranjos, pode-se programar o banco de dados para gerar esses diferentes tipos de materiais, o que amplia sobremaneira as opções de escolha dos usuários do programa de computador.

## 10 DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ

Concluídas a modelagem e a construção do programa Línguas, e a proposição dos modelos lexicográficos baseados em uma língua indígena, passo a tratar neste capítulo da construção da proposta para um dicionário da língua Suruí.

A construção desse dicionário, mais do que uma finalidade acadêmica, busca atender a uma necessidade que o povo Suruí tem, na atualidade, de materiais escritos para o ensino de sua língua na escola Aikewára, por isso, além do valor acadêmico-científico desse trabalho, construído em colaboração com falantes da língua Suruí, principalmente os professores Ikatu e Tymykong, há, sem dúvida, uma motivação sociocultural e educacional.

Assim, baseada no material linguístico da língua Suruí coletado ao longo da pesquisa realizada para esta tese, e armazenada nas diferentes bases de dados do programa Línguas, essa proposta de dicionário parte de uma reflexão sobre diferentes aspectos linguísticos, que vão desde elementos fonético-fonológicos, até considerações acerca da morfossintaxe, da ortografia e do léxico dessa língua da família linguística Tupí-Guaraní.

É importante destacar que, à medida que os dados linguísticos iam sendo coletados, analisados e inseridos nas bases do programa Línguas, surgiam novas demandas que exigiam ajustes no programa, e alguns destes ajustes bem significativos, a fim de que houvesse o tratamento adequado para todo o conjunto dos dados, atualmente armazenados no programa Línguas e que constituem a base para a construção das diferentes propostas de obras lexicográficas para o Suruí, mas também para uma série de outros materiais sobre a língua.

Ademais, toda a modelagem do programa Línguas e dos modelos lexicográficos nele contidos buscou atender, em alguma medida, a demandas maiores do que somente as oriundas da língua Suruí, pois, acredito poder expandir os limites de uso do programa para chegar a um resultado que permita seu uso também por pesquisadores, indígenas e não indígenas, de outras línguas indígenas brasileiras.

Logo, o desafio foi o de apresentar e selecionar modelos de materiais lexicográficos que correspondessem, antes, aos tipos mais comuns das obras lexicográficas usadas no Brasil (cf. capítulo 9), ao mesmo tempo em que deveria permitir outras modelagens planejadas por um PDL.

No entanto, como o foco deste capítulo é a apresentação do que proponho como primeiro dicionário da língua Suruí, passo a algumas considerações acerca da construção dessa proposta específica, passando pela discussão acerca dos tipos de dicionário, retomando

algumas observações já feitas no capítulo 7, em que fiz o levantamento dos materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras, em seguida trato das questões mais relacionadas à configuração dessa proposta e, ao final, deste capítulo apresento o resultado desta construção.

### 10.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TIPOLOGIA DOS DICIONÁRIOS

Já datam de, pelo menos, meio milênio, as discussões acerca da tipologia de obras lexicográficas (cf. BRANDON, 1904, p. 28-29), e nesse sentido uma das primeiras distinções que se buscou estabelecer foi a dos limites entre enciclopédias e dicionários (cf. AL-KASIMI, 1983, p. 29).

Apesar de existirem obras lexicográficas desde a Antiguidade Clássica, no Ocidente (cf. SNELL-HORNBY, 1986, p. 212), e também em vários países do Oriente, a exemplo da China e do Japão, é somente na baixa Idade Média, na Europa, que surgem as formas mais próximas do que hoje são denominados, por exemplo, *vocabulário* e *dicionário*.<sup>177</sup>

No final desse período em que os resultados da invenção de Gutenberg começavam a se multiplicar, algumas obras lexicográficas tiveram um destaque especial. Dentre elas, cito o *Catholicon* ou *Summa quae vocatur Catholicon*, de Giovanni Balbi, publicado pela primeira vez no século XV (mas que existia como manuscrito já no século XIII), o *Dictionum latinarum e greco...* (1512), o *Lexicon* (1526) e o *Dictionarium* (1573), de Calepino, Ambrogio, e o *Dictionarivm Latinogallicum...* (1561), de Robert Estienne.<sup>178</sup>

Esses materiais que surgem no limiar da era Moderna já apresentam as características essenciais dos atuais dicionários, por exemplo, a obra de Estienne (1561) possui macroestrutura organizada alfabeticamente, com lemas, geralmente em latim, seguido das respectivas traduções para uma língua moderna, neste caso o francês, um sistema de remissivas, um sistema de abreviaturas, exemplos, fontes dos exemplos, efeitos tipográficos para distinguir partes do verbete e registro de variantes.

Esses primeiros materiais a serem denominados especificamente *dicionários* surgem, ainda, em um contexto onde a tradução entre línguas, principalmente do latim ou do

---

<sup>177</sup> Apesar de vocabulários e dicionários, nesse contexto, serem materiais relativamente comuns a partir do século XIII, até meados do século XV eles existiam em geral apenas sob a forma manuscrita. Somente com o advento da imprensa de tipos móveis é que muitas dessas obras ganharam uma forma impressa e puderam, de fato, se estabelecer como materiais disponíveis para tradutores, professores e estudantes.

<sup>178</sup> Acerca das obras desse autor, cf. Brandon (1904).

grego para as línguas indo-europeias modernas, passou a ter uma demanda cada vez maior. De certo modo, esse desenvolvimento dos dicionários bilíngues impulsionaria o surgimento de outro grupo de dicionários, os monolíngues, e, já no século XVII, aparecem as primeiras publicações de obras baseadas nas principais línguas nacionais europeias (cf. LARA, 1997, p. 34-39).

De certo modo, esse mesmo percurso pode ser atestado na história dos dicionários, ou melhor, das obras lexicográficas, das línguas indígenas no Brasil. Partindo-se de uma necessidade de compreensão dessas diferentes línguas,<sup>179</sup> são produzidos, em um primeiro momento, materiais bilíngues ou multilíngues, para, só muito tempo depois, se chegar a obras lexicográficas monolíngues.<sup>180</sup>

Logo, a fim de iniciar e sistematizar uma breve apresentação acerca dos tipos e elementos dos dicionários, aproveito, neste trabalho, a tipologia proposta por Al-Kasimi (1983, p. 20-21) para caracterização de dicionários bilíngues, mas buscando, na medida do possível, expandi-la às obras lexicográficas que considerem as diferentes realidades das línguas indígenas brasileiras.

Segundo esse autor, três critérios devem ser considerados no estabelecimento dessa tipologia: a *fonte*, o *escopo* e a *propósito*, manifestados nos seguintes pares:

(1) Dictionaries for the speakers of the source language vs. dictionaries for the speakers of the target language. (2) Dictionaries of the literary language vs. dictionaries of the spoken language. (3) Dictionaries for production vs. dictionaries for comprehension. (4) Dictionaries for human users vs. dictionaries for machine translation. (5) Historical dictionaries vs. descriptive dictionaries. (6) Lexical dictionaries vs. encyclopedic dictionaries. (7) General dictionaries vs. special dictionaries. (AL-KASIMI, 1983, p. 20).<sup>181</sup>

A primeira característica destacada nessa lista se refere ao público para o qual é destinada a obra lexicográfica, se para os falantes da língua-fonte ou para os da língua-alvo.

<sup>179</sup> Em nenhum momento afirmo que esse percurso seja exclusivo do contexto brasileiro, pois, ele também pode ser observado em diferentes partes do mundo e em diferentes épocas; mas sim que, neste caso, trato especificamente de realidade em nosso país.

<sup>180</sup> Até este ponto de minha pesquisa, não identifiquei ainda nenhum dicionário monolíngue publicado de uma língua indígena brasileira, apenas listas de palavras. No entanto, há um projeto de pesquisa que objetiva a publicação de uma obra lexicográfica monolíngue, trata-se do projeto *Elaboração de um dicionário monolíngue Sateré-Mawé*, coordenado pela professora e pesquisadora Dulce Franceschini, da Universidade Federal de Uberlândia (cf. SILVA; FRANCESCHINI; CARNEIRO, 2009, p. 3). Além deste projeto, iniciei com os professores Ikatu e Tymyngong Suruí a construção de um dicionário monolíngue Aikewara, a ser desenvolvido nos próximos anos.

<sup>181</sup> Tradução: “(1) Dicionários para falantes da língua-fonte vs. dicionários para falantes da língua-alvo. (2) Dicionários da linguagem literária vs. dicionários da língua falada. (3) Dicionários para produção versus dicionários para compreensão. (4) Dicionários para usuários humanos vs. dicionários para tradução mecânica (ou automática). (5) Dicionários históricos vs. dicionários descritivos. (6) Dicionários lexicais vs. dicionários enciclopédicos. (7) Dicionários gerais vs. dicionários especiais.” (Tradução nossa).

Toda obra lexicográfica, antes mesmo de sua construção efetiva, já tem definido, implícita ou explicitamente, um público-alvo.<sup>182</sup> No caso das línguas indígenas brasileiras, apesar de existirem obras que busquem atender às necessidades dos falantes das respectivas línguas, na maior parte das vezes essas obras são produzidas para especialistas, linguistas e antropólogos, por exemplo, ou para não falantes dessas línguas.<sup>183</sup>

Por isso, o próprio processo de produção de um determinado material lexicográfico de uma língua indígena brasileira já deve contar com a participação efetiva dos seus falantes, não como meros informantes, mas como principais colaboradores, ou seja, como tomadores de decisões sobre, por exemplo, que conteúdos, componentes e estruturas devem fazer parte da(s) obra(s) em construção.

Em termos práticos, essas decisões dizem respeito, por exemplo, à forma de apresentação dos lemas, o que pode facilitar ou não para o falante da língua indígena e usuário do material lexicográfico o seu acesso à informação. No caso dos dicionários de línguas da família Tupí-Guaraní, o lexicógrafo<sup>184</sup> deve decidir se apresenta ou não a forma flexionada à esquerda de vários nomes, como os que se referem a partes do corpo, e, caso não as apresente, decidir se marca (com um hífen, p. ex.), aquelas palavras que recebem obrigatoriamente essa flexão.

Para comunidades que começam a perder a sua língua, como os Suruí do Tocantins e os Asuriní do Trocará, essa informação pode, em alguma medida, ser útil para o conhecimento dessa língua.<sup>185</sup> Por outro lado, apresentar os lemas pela raiz pode criar um grande estranhamento para os usuários, pois essas formas não existem isoladas na língua.

Outra questão a ser considerada e que depende diretamente do público a que se destina a obra lexicográfica, diz respeito ao emprego de alguns operadores da microestrutura (cf. subseção 7.2.1.4.2), como a apresentação da transcrição fonética ou da forma fonológica, de informações etimológicas ou de notas com detalhamento de aspectos gramaticais. Em

---

<sup>182</sup> Há de se considerar ainda a situação de a obra ser construída para determinado público, mas, na realidade, não servir para esse público, mas sim para um público diferente.

<sup>183</sup> Essa realidade começou a mudar significativamente no momento em que os próprios povos indígenas começaram a se manifestar, seja por ações individuais seja por meio das diversas associações e grupos criados para representá-los, lutando pela valorização de sua(s) língua(s) e pelo direito de ter materiais linguísticos próprios para seu uso nos mais diferentes contextos, como o escolar.

<sup>184</sup> Apesar de usar a forma singular 'lexicógrafo', refiro-me, na verdade, ao conjunto de pessoas envolvidas na construção do projeto lexicográfico.

<sup>185</sup> A fim de exemplificar essa distinção, indico quatro dicionários de línguas da família Tupí-Guaraní, dois deles optaram pelo uso da raiz com hífen no lema para marcar a presença de relacional, por exemplo, nas palavras *cabeça*, *olho* e *perna*, são os trabalhos de Cabral e Rodrigues (2003) e Caldas (2009); mas há trabalhos que optaram pelo oposto, ou seja, não fizeram uso do hífen, como os trabalhos de Boudin (1966) e Harrison e Harrison (2013).

ambos os casos, os futuros usuários da obra devem decidir se essas informações são relevantes ou não para o material a ser produzido.<sup>186</sup>

A título de exemplo, cito, a seguir, alguns trechos de apresentações de dicionários com essas diferentes situações:

### 1. *Material produzido somente para não indígenas.*

Apesar do exotismo aparental do estudo em foco, êle se justifica por duas razões principais, entre outras: a) razões históricas, que, culturalmente, nos obrigam a deixar para as gerações futuras, um precioso material de estudo, cujo levantamento tornar-se-á impossível daqui a poucos anos, devido ao desaparecimento progressivo do elemento indígena no Brasil ou a sua aculturação. b) razões antropológicas, que nos levam a citar [...] Sapir, que justifica dêste modo tal tipo de estudo. “A língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma cultura. [...]” (BOUDIN, 1966, p. 7).

Nesta apresentação, o autor do dicionário manifesta claramente a quem se destina a obra: um público não indígena e que tem interesse científico. Por isso, a obra apresenta, além dos elementos etimológicos e comparativos com outras línguas, a segmentação morfológica dos lemas, notas sobre gramática da língua e detalhamento das explicações na língua portuguesa.<sup>187</sup>

### 2. *Material produzido para indígenas e não indígenas*

Este dicionário quer ajudar a quem está aprendendo a conviver com a língua indígena Wapichana na sua comunidade. De geração em geração, com surgimento de novas tecnologias nas comunidades indígenas, muitos vêm parando de usar e esquecendo palavras da língua Wapichana. Este dicionário poderá contribuir para melhorar o ensino da língua Wapichana nas escolas indígenas e pelos falantes da língua. Os Wapichana não falantes e outros povos que queiram aprender a falar a língua Wapichana também serão beneficiados com esta obra. (OLIVEIRA, 2013, texto da orelha do livro).

Esse dicionário, segundo a apresentação nele contida, preparado para ambos os públicos, contém uma estrutura do tipo LIId: {DPt (EId-EPt)}, sem nenhum operador, que, se comparada à do dicionário de Boudin (LIId: Et, Ft, Na, Sm, Vr {DPt (Vr) [EId/EPt]}), parece ser bem mais simples. Isso não quer dizer, no entanto, que este último seja melhor ou pior do que aquele, mas sim que quem os elaborou tinha projetos com objetivos bem distintos e talvez focados em diferentes públicos.

<sup>186</sup> A fim de esclarecer sobre cada um dos componentes da estrutura de uma obra lexicográfica, ou mesmo de diferentes maneiras de organizar o material linguístico, acredito que seja fundamental a colaboração do linguista-pesquisador como assessor das comunidades indígenas ao longo de todo o processo.

<sup>187</sup> Apesar de uma comunidade indígena poder optar pela inserção de componentes no material lexicográfico como os citados nesse parágrafo, em geral eles buscam, antes, atender às demandas de um público composto por linguistas, que, em sua quase totalidade, são não indígenas.

Ao modelar um banco de dados eletrônico, como é o caso do programa Línguas, essa questão relacionada ao público-alvo teve de ser levada em consideração, a fim de selecionar o máximo de informações relevantes para cada público. Assim, há nas bases variados campos para inserção de um grande número de dados a serem selecionados conforme as necessidades do material a ser produzido. E mesmo que uma informação, por exemplo, sobre a terminologia científica de plantas e animais não seja utilizada em determinado projeto, ela poderá estar disponível no interior do banco de dados. Logo, a configuração de determinada obra lexicográfica fica a cargo das escolhas feitas pelo PDL em desenvolvimento, bastando, para isso, selecionar e alimentar as bases com as informações necessárias.

Com relação ao segundo item da tipologia acima citada, ela ainda não parece relevante para estabelecer uma distinção entre as obras lexicográficas das línguas indígenas brasileiras, uma vez que, a quase totalidade de suas respectivas comunidades, ainda não desenvolveu o que pode ser denominado tradição literária escrita<sup>188</sup>, pois o que predomina é o dicionário de língua falada, para o qual os dados são resultado de transcrição de registros sonoros feitos junto aos falantes nas mais diferentes situações de uso de sua(s) língua(s).

O terceiro item da tipologia, estritamente relacionado com o primeiro, requer uma distinção para ser bem compreendido no contexto brasileiro: se o público-alvo da obra lexicográfica for composto por pessoas alienígenas à comunidade de fala da língua indígena, o interesse sobre o estudo dessa língua levará à construção de dicionários para compreensão e, só muito raramente, há interesse, de fato, pela construção de um dicionário que leve o seu usuário a produzir (na fala ou na escrita) na respectiva língua. Por outro lado, se o público-alvo for composto por pessoas indígenas à comunidade, o interesse pode envolver tanto uma quanto a outra perspectiva.

Acredito que esta divisão entre compreensão e produção linguística, por mais que possa colaborar para o estabelecimento de uma tipologia de materiais lexicográficos, tende a existir simultaneamente no que diz respeito nas dinâmicas de ensino e aprendizagem de línguas, pois a compreensão é manifestada na produção e só há produção se existe compreensão.

---

<sup>188</sup> No entanto, uma mudança começará a ser notada no momento em que os dicionários começarem a selecionar enunciados de obras escritas consideradas dentro de um determinado padrão. Nesse ponto, o processo de planificação linguística se mostra irreversível e, tal como ocorre com os grupos das línguas mais usadas no mundo, como o Chinês, o Inglês, o Alemão, o Espanhol e o Português, o que é produzido na escrita por um determinado grupo de pessoas passa a ter um valor normativo muito grande e um poder de definir o que é 'certo' ou não nos usos da língua.

Ademais, é bastante frequente, no conjunto das UBL's das línguas indígenas brasileiras, que as obras lexicográficas não sejam construídas com base na distinção entre produção e compreensão, apresentando o material produzido como capaz não só de atender a essas duas finalidades, simultaneamente, mas também de atender aos mais diferentes públicos.<sup>189</sup>

Dois fragmentos de textos, extraídos de dois dicionários publicados na primeira década do século XXI, ilustram essa perspectiva. O primeiro é o dicionário de Cabral e Rodrigues (2003):

Este dicionário tem por fim dar um conhecimento bastante amplo do léxico e da fraseologia da língua Asuriní do Tocantins tanto para os *falantes do Português* que não a conhecem, como para os *índios* cujos pais falam ou falavam a língua indígena. [...] o dicionário [...] Como peça dos projetos de educação, deve satisfazer [...] as seguintes necessidades: 1. para a língua indígena falada: (a) *ampliar o conhecimento do vocabulário* por aquelas crianças que, onde moram, ouvem mais o Português que a língua de seus pais e avós; [...] 3. para a língua indígena escrita: [...] (d) ajudar os indígenas que têm deficiência no *uso da língua nativa* a suprir os elementos lexicais que esqueceram ou que lhes faltam. (p. v-vi, grifo nosso).

E o segundo, é o dicionário de Kroeker (1996):

O propósito deste dicionário é o de ajudar a *quem está estudando a língua Nambikuara* ou a *quem está num ambiente onde a língua Nambikuara seja falada*. Também serve para ajudar a *comunidade indígena* a entender as palavras equivalentes na língua portuguesa. Não presume ser completo mas sim, abranger a maioria das palavras necessárias para ajudá-los a compreender e comunicarem-se melhor na língua portuguesa. (p. 2, grifos nossos).

Neste último dicionário, segundo o autor, a língua-alvo muda conforme a perspectiva do público, para os não indígenas, o interesse seria pela compreensão da língua portuguesa, ao passo que, para os falantes de Português, o interesse seria pela língua indígena. Em qualquer um dos casos, esse dicionário serviria tanto para a compreensão quanto para a comunicação das línguas envolvidas.

Apesar de já existirem muitos dicionários que privilegiam especificamente ou a compreensão ou a produção no contexto das línguas mais faladas no mundo, tais como o Inglês, o Francês, o Espanhol e o Português, no contexto das línguas indígenas brasileiras essa distinção ainda não produziu resultados notáveis.

---

<sup>189</sup> Essa constatação não é, de modo algum, uma crítica a esses materiais lexicográficos, nem a seus respectivos autores, mas sim uma questão teórico-prática que deve ser objeto de permanente reflexão por parte daqueles que se lançarem à árdua tarefa de construir, por exemplo, dicionário(s) de línguas indígenas brasileiras.

Portanto, orientar uma obra lexicográfica para um ou outro fim é, neste momento, mais uma decisão do PDL do que propriamente do banco de dados eletrônico, como o programa Línguas, pois este é capaz de armazenar conteúdos para produzir materiais tanto na perspectiva de produção quanto na de compreensão.

Outra distinção na tipologia proposta por Al-Kasimi (1983), orientada para obras lexicográficas bilíngues, também se relaciona com a finalidade da obra produzida: se para usuários humanos ou se para uso em máquinas especificamente para tradução.<sup>190</sup>

Essa perspectiva está relacionada ao rápido desenvolvimento e popularização das novas tecnologias de comunicação e informação, como os computadores pessoais e a internet, permitiu, em um espaço de 30 anos, transformar um contexto que antes era exclusivo a técnicos altamente especializados do domínio da informática. Com isso, os registros informatizados, sobretudo os linguísticos, deixaram de existir apenas em grandes computadores de universidades e passaram a integrar o cotidiano de professores, pesquisadores e usuários comuns que podiam usar ferramentas como dicionários eletrônicos, *off-line* ou *on-line*, memórias de tradução, ferramentas de tradução de sites e motores de busca para finalidades do seu dia a dia.

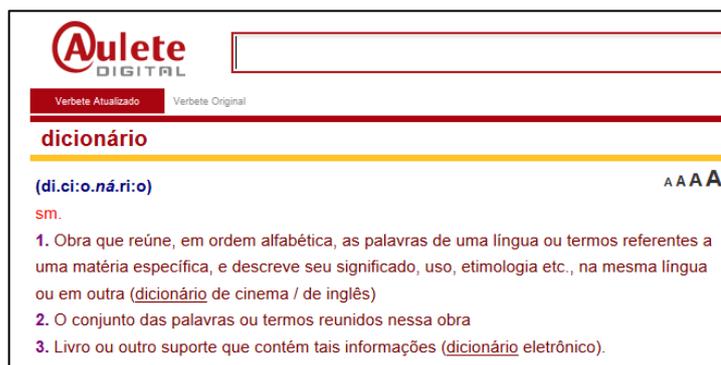
Todavia, a organização dessas informações, se para uso humano ou se para uso mecânico (na programação de máquinas ou na tradução automática também feita por máquinas), permaneceu distinto. Assim, o resultado da organização de um dicionário eletrônico só faz sentido para o usuário final porque, entre os dados inseridos no banco de dados e a sua consulta, foram criados mecanismos e interfaces que permitiram aos humanos terem acesso a essas informações, caso contrário, de pouco adiantaria.

Há de se considerar ainda que, para uma pesquisa que envolva línguas faladas por minorias de um determinado território, como no caso da realidade brasileira, o resultado de qualquer esforço nesse sentido, mesmo que culmine com o uso desse material para processamento eletrônico, ele deve considerar sempre a perspectiva de uso das pessoas.

Para exemplificar essa situação, apresento uma amostra de um verbete de um conhecido dicionário em sua versão para internet:

---

<sup>190</sup> Se se considerar os materiais feitos para uso de máquinas têm, na verdade, a sua destinação final no usuário humano, essa distinção não parece tão evidente. Contudo, ela se estabelece muito mais na forma de aproveitamento dos dados e no suporte de saída das informações do que propriamente na pessoa do usuário.

FIGURA 235 – CAPTURA DA TELA DO VERBETE *DICIONÁRIO*

Fonte: Verbetes Dicionário. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/dicionário>>.

FIGURA 236 – CAPTURA DA TELA DO CÓDIGO-FONTE DO VERBETE *DICIONÁRIO*

```

724     <div id="abas_verbete">
725         <ul>
726             <li class="selecionado" id="tabatualizado"><a href="javascript:void(0);"
727                 onclick="javascript:tabVerbetesDigital('atualizado'); $('#imprimir_digital').attr('href',
728                 '/site.php?mdl=aulete_digital&op=imprimir&tipo=atualizado&verbete=87328'); $('#email_digital').attr('href',
729                 '/site.php?mdl=aulete_digital&op=email&tipo=atualizado&verbete=87328');" title="">Verbetes Atualizado</a></li>
730             <li id="taboriginal"><a href="javascript:void(0);"
731                 onclick="javascript:tabVerbetesDigital('original'); $('#imprimir_digital').attr('href',
732                 '/site.php?mdl=aulete_digital&op=imprimir&tipo=original&verbete=87328'); $('#email_digital').attr('href',
733                 '/site.php?mdl=aulete_digital&op=email&tipo=original&verbete=87328');" title="">Verbetes Original</a></li>
734             <!--<li id="tabnovo" style="display:none"><a href="javascript:tabVerbetesDigital('novo');"
735                 title="">Verbetes Novo</a></li-->
736         </ul>
737     </div>
738     <div id="super_bloco">
739     </div>
740     <div id="verbete_submenu" class="digital">
741     <h2><span id="nocab"> dicionário </span></h2>
742     </div>
743     </div>
744     <div id="meio1">
745     <div id="verbete">
746     <div class="homologado_home">
747     <div id="definicao_verbete_homologado" class="definicao_verbete_homologado_interna"
748     style="display:block;">
749     <textarea name="textarea" class="oculta" id="copy">(di.ci.o.ná.ri:o) sm.1. Obra que reúne,
750     em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou termos referentes a uma matéria específica, e descreve seu
751     significado, uso, etimologia etc., na mesma língua ou em outra (dicionário de cinema / de inglês)2. O conjunto
752     das palavras ou termos reunidos nessa obra3. Livro ou outro suporte que contém tais informações (dicionário
753     eletrônico).4. Pessoa de extensos conhecimentos; dicionário ambulante[F.: Do lat.medv. dictionarium. Cf.:

```

Fonte: Verbetes Dicionário. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/dicionário>>.

É nítida a diferença entre as duas imagens, mesmo que a segunda contenha as mesmas informações da primeira, pois é a fonte (ou código-fonte) dela. Assim, pensar uma obra lexicográfica para ser lida e interpretada exige antes, nesse caso, uma codificação da informação dirigida para a máquina.

Nesse sentido, os programas de bancos de dados eletrônicos permitem ao usuário a geração de materiais, como os de natureza lexicográfica, uns com mais outros com menos esforço por parte desse usuário final. Por isso, a construção do programa Línguas vem no sentido de contribuir para que esse usuário tenha o mínimo ou mesmo nenhum contato com linguagens de programação (como *html*, *php*, *vba*, *javascript*, entre outras), ao mesmo tempo em que é possível fazer com que as informações contidas no programa “dialoguem”

facilmente com outros programas para, se necessário, gerar uma base, por exemplo, para tradução automática.

A quinta distinção dessa tipologia também é pouco produtiva no caso das obras lexicográficas de línguas indígenas brasileiras, pois se baseia na opção em utilizar dados de natureza diacrônica ou sincrônica. Como não foram muitas as línguas no Brasil que tiveram dados registrados antes do século XX, a construção de dicionários históricos fica bastante difícil. Assim, a quase totalidade de dicionários desse conjunto de línguas é alimentada por dados coletados em sua própria época ou, no máximo, com dados de épocas relativamente próximas da época da pesquisa.<sup>191</sup>

Com relação à penúltima distinção tipológica, uma das mais relevantes na história da lexicografia, exatamente na transição da Idade Média para a Idade Moderna, em que se passou a distinguir com mais nitidez os materiais de natureza enciclopédica daqueles de cunho propriamente linguísticos, deve ser considerada no bojo das línguas indígenas brasileiras. Mesmo que haja nesse contexto o registro de uma única obra intitulada enciclopédia — a *Enciclopédia Bororo*, de Albisetti e Venturelli (1962) — e de duas outras intituladas dicionários enciclopédicos — o *Diccionario enciclopédico de la lengua yãnomãmi* (LIZOT, 2004) e o *Dicionário Enciclopédico Kubeo-Multilingue* (CHACON, 2012) —, muitas obras lexicográficas produzidas para línguas indígenas possuem caráter enciclopédico, uma vez que buscam registrar, além do léxico comum da língua, informações de natureza histórico-social, geográfica e cultural, como, por exemplo o *Kwaza-English vocabulary*, de Voort (2004), o *Dicionário da língua Makuxi*, de Raposo (2008) e a *Proposta de Dicionário Terena-Português*, de Silva (2013). Todos esses materiais citados são dicionários baseados no léxico, mas que contêm em vários verbetes extensas notas com informações adicionais, conferindo-lhes certo valor enciclopédico.

Conforme apresentado no Capítulo 8 desta tese, o programa Línguas pode armazenar separadamente dados para gerar tanto dicionários enciclopédicos, quanto as próprias enciclopédias.<sup>192</sup>

O último item da tipologia distingue os dicionários gerais da língua daqueles que são considerados especiais. De acordo com Al-Kasimi (1983, p. 31), “A general dictionary is

<sup>191</sup> Os poucos dicionários que se voltam para registros mais antigos de línguas indígenas, no geral, fazem essa comparação entre línguas diferentes, mas que pertencem a uma mesma família, este é o caso de Boudin (1966). Os demais registros históricos são tentativas de estabelecer etimologia para palavras usadas no Português que tenham origem indígena. Tal perspectiva ainda não foi devidamente contemplada no programa Línguas, mas, em atualizações futuras, a possibilidade de se construir dicionários históricos deve ser levada em consideração.

<sup>192</sup> Como a construção de uma enciclopédia exige um projeto específico e que não estava no projeto original da pesquisa desta tese, não apresento neste contexto nenhuma proposta desse tipo de material.

one which attempts the coverage of the whole lexicon of the language whereas a special dictionary deals with one sector of the lexicon.”<sup>193</sup>

Como exemplo de dicionários especiais no conjunto das línguas indígenas brasileiras, cito o *Dicionário Cultural M̃ky* (Fascículo 1: Ākakje’y Alimentação), de Amarante e Monserrat (1998) e o *Dicionário de verbos português-Yanomama*, de Ferreira (2011). No primeiro, o recorte do léxico é estabelecido com base em um campo semântico, e, no segundo, com base em elemento gramatical da língua.

No caso da língua Suruí, é possível construir, sim, dicionários especiais, mas, como comentarei a seguir, não é esse o objeto da presente proposta.

## 10.2. COMPONENTES DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ

No capítulo 9 desta tese, apresentei os diferentes modelos que poderiam ser usados para a construção de estruturas de obras lexicográficas baseados na língua Suruí. A partir dessas propostas e com a discussão sobre a tipologia de dicionários tratada na subseção anterior, passo a tecer considerações acerca da construção de um dicionário da língua Suruí que constará no interior desta tese.<sup>194</sup>

### 10.2.1. Caracterizando o dicionário da língua Suruí

Considerando que a proposta de construção de um dicionário monolíngue Suruí está em desenvolvimento pelos professores Ikatu e Tymykong, com minha colaboração, apresentarei nesta tese uma proposta de dicionário envolvendo o Suruí e o Português, sendo que a língua indígena representa a língua-fonte desse trabalho.

Como o Suruí é falado hoje por uma quantidade pequena de pessoas na T.I. Sororó e o Português é falado pela maioria dos jovens, que, em sua maioria, frequenta a escola regularmente, esse dicionário, a fim de atender aos dois públicos, deve ser configurado com Lema em Suruí, mas também em Português.

Baseado totalmente na língua falada, esse dicionário é fruto de transcrições de diferentes materiais, colhidos em diferentes situações de comunicação não só com os

---

<sup>193</sup> Tradução: “Um dicionário geral é aquele que busca dar conta de todo o conjunto do léxico, enquanto o dicionário especial se volta para uma parte específica do léxico” (Tradução nossa).

<sup>194</sup> Antes de passar à apresentação dos tipos e componentes desse dicionário, é fundamental esclarecer que a proposta a ser desenhada ainda está em construção, podendo ser ampliada e modificada até encontrar sua forma impressa.

professores Suruí, mas também com sábios da comunidade Aikewára e outras pessoas falantes da língua Suruí.<sup>195</sup>

Assim, a construção de um dicionário bilíngue mostrou-se bem mais factível no contexto de desenvolvimento da pesquisa desta tese. Antes, porém, de prosseguir, é importante esclarecer o que aqui é denominado dicionário bilíngue, dada a variedade de significados atribuídos a esse tipo de material no domínio da lexicografia.

Três perspectivas podem colaborar com essa reflexão: a primeira é a de Porto Dapena (2002, p. 58-59), que define os dicionários bilíngues como aqueles que “[...] se ocupam del [léxico] de dos [...] lenguas [que] en efecto, se contentan normalmente com indicar al lado de cada entrada los términos de significado equivalente en la [lengua] de salida”,<sup>196</sup> a segunda é a de Faulstich (2011b, p. 2), que define “dicionário multilíngue” como “Dicionário cujas unidades são apresentadas, e, por vezes, descritas, em duas ou mais línguas”; e a terceira é a de Haensch (1982, p. 134), para quem dicionário bilíngue é um tipo de dicionário plurilíngue, que “no dan, por lo general, una descripción metalingüística, sino equivalentes de las unidades léxicas en otras lenguas”.<sup>197</sup>

Envolvendo duas línguas em sua estrutura, um dicionário bilíngue apresenta, em geral, a entrada numa língua com forma(s) que se pretende(m) equivalente(s) em outra língua, havendo, no entanto, a possibilidade, bem mais rara, de se ter uma perífrase.<sup>198</sup>

Feitas essas considerações, a proposta de dicionário bilíngue que apresento envolve as línguas Suruí e Português, ambas já presentes no banco de dados do programa Línguas, conforme descrito no capítulo 8. Tal proposta não contém, ainda, perífrases na língua indígena, que só serão possíveis com o desenvolvimento da pesquisa, mas sim as formas equivalentes de uma língua à outra e, se necessário, perífrases em Português. Outro problema que se estabelece nesse ponto é a questão da equivalência entre as línguas envolvidas no material bilíngue. Sem dúvida é um desafio constante na pesquisa tentar encontrar formas que guardem correspondências semânticas de uma língua para outra, havendo, com frequência, situações de palavras que existem numa língua, mas que só podem

<sup>195</sup> Ao iniciar um processo de escolarização associado à escrita da língua Suruí, mas também com a escrita dos mitos e das músicas nessa língua, há grande possibilidade de, a médio prazo, ser desenvolvida uma literatura escrita em Suruí, o que poderá contribuir para uma futura construção de um dicionário de língua literária.

<sup>196</sup> Tradução: “se ocupam do [léxico] de duas [...] línguas [que], com efeito, se contentam normalmente em indicar ao lado de cada entrada os termos de significado equivalente na [língua] de saída” (tradução nossa).

<sup>197</sup> Tradução: “não dão, geralmente, uma descrição metalingüística, senão equivalentes das unidades léxicas em outras línguas” (tradução nossa).

<sup>198</sup> Muitos dos exemplos usados no capítulo 9 sobre modelos lexicográficos apresentam em sua microestrutura o uso da língua Suruí na posição de Lema com perífrases na mesma língua na posição de Descritor.

ser apreendidos por outra através de perífrase, já que essa segunda língua não contaria com um termo com os mesmos traços semânticos do anterior. Por exemplo, em Suruí existe a palavra ‘iakua’, que só pode ser explicado em Português com uma perífrase do tipo ‘bebida feita a base de mandioca cozida e peneirada, misturada com urucum e adoçada com mel de uma abelha nativa da região da T.I. Sororó’. Nesse caso, em que não existem formas que possam ser consideradas equivalentes, pode-se usar a estratégia de se apresentar a correspondência por uma palavra de conteúdo mais abrangente, ou seja, por um hiperônimo. Assim, ‘iakua’ na língua Suruí corresponderia a ‘bebida’ ou ‘tipo de bebida tradicional Suruí’, mas sabendo da limitação dessa equivalência já que existem outras bebidas tradicionais ou não nessa cultura.

Neste ponto, há de se considerar ainda, uma questão ligada ao dicionário bilíngue, que é a sua direção, ou seja, segundo Atkins e Rundell (2008, p. 39-40):

[...] it may be a ‘unidirectional’ dictionary, i.e. it consists of a single text from Language A (the source language, or SL) to Language B (the target language, TL).

It may be a ‘bidirectional’ dictionary, i.e. it contains two distinct texts in one volume:

- one from Language A to Language B, and
- one from Language B to Language A.<sup>199</sup>

Ao estabelecer a direção do dicionário bilíngue, deve-se também considerar que essa decisão terá repercussão na própria configuração da estrutura do dicionário, justamente como foi observado em diversos modelos de materiais lexicográficos para a língua Suruí apresentados no Capítulo 9: quando a estrutura era no sentido do Português para o Suruí, Operadores do tipo Et e Fn não eram tão necessários quanto em uma microestrutura que tivesse como entrada palavra na língua Suruí.<sup>200</sup>

Mas, por que construir um dicionário bidirecional das línguas Suruí e Português? Agora é o momento de retomar o segundo desdobramento relativo à natureza do dicionário. No Capítulo 3, verificou-se a situação linguística do povo Suruí, em que a nova geração dos Suruí, aqueles nascidos nos últimos 25 anos, são, essencialmente, monolíngues em Português, apesar de ainda serem capazes de compreender alguma coisa da língua Suruí. Essa mesma

<sup>199</sup> Tradução: “pode ser um dicionário ‘unidirecional’, ou seja, consiste em um texto simples de Língua A (a língua de origem) para a Língua B (a língua-alvo). Mas pode ser também um dicionário ‘bidirecional’, ou seja, contém dois textos distintos em um volume: Um da Língua A para a Língua B, e um da Língua B para a Língua A.” (tradução nossa).

<sup>200</sup> No conjunto de UBL’s do corpus reunido nesta pesquisa, muitos materiais apresentavam a estrutura LId: {DPt} de forma muito mais detalhada ou ampliada, do que quando havia estrutura do tipo LPt: {DId}, para a qual não havia mais do que a palavra em Português e sua equivalência na língua indígena.

geral foi ou está sendo alfabetizada em Português, em uma escola onde predomina o uso dessa mesma língua.

Nesse sentido, o uso da língua portuguesa na produção dos dicionários bilíngues tem, num primeiro momento de aprendizagem de uma segunda língua como o Suruí no contexto da aldeia Sororó, o seu lugar, a fim de contribuir não só para o processo de aprendizado da língua Suruí, como também servir de material útil para a eventual tradução de textos. Todavia, essa nova geração pode vir a aprender a língua original de seu grupo e passar a utilizá-la cada vez mais. Caso isto ocorra, de fato, os dicionários (livros e outros materiais que servem para a leitura e escrita) serão mais do que necessários.

Outro aspecto a ser considerado nesta construção de obra lexicográfica se ela servirá para produção ou compreensão. Por ser a escola um espaço onde a compreensão da língua vem sempre associada à produção, é de se esperar que o dicionário atenda a ambos os requisitos, mas, sem dúvida, num primeiro momento a ênfase recairá sobre a compreensão. No entanto, ao tentar inserir a maior quantidade possível de exemplos para cada entrada, buscarei demonstrar os diferentes contextos de uso de cada item lexical selecionado no dicionário, a fim de auxiliar os jovens a também produzirem na escrita e na fala a língua Suruí.

Já com relação à forma dos dicionários, se para usuários humanos ou para tradução automática, as duas podem ser contempladas, simultaneamente, ao usar um programa como o Línguas. Mas no caso deste PDL em particular, o material buscará atender prioritariamente usuários humanos, e não máquinas, pois, no caso da realidade das comunidades indígenas brasileiras, ter o material impresso e organizado dentro de uma lógica que atenda aos seus interesses é, neste momento, fundamental e urgente.

Com relação à distinção entre dicionários históricos ou descritivos, vale lembrar que, devido aos primeiros registros da língua Suruí terem sido feitos somente há 30 anos, não existindo registros dessa língua anteriores à década de 1980, a pesquisa que realizei junto ao povo Suruí registrou a língua falada na atualidade, sendo mais plausível projetar um dicionário sincrônico contemporâneo, o que certamente não exclui o registro de variações sociolinguísticas e/ou formas diacrônicas sobreviventes ainda na língua.<sup>201</sup>

Outra decisão importante diz respeito ao conteúdo do dicionário. Como já havia mencionado, não foi objetivo deste trabalho construir uma enciclopédia da língua Suruí,

---

<sup>201</sup> Se forem consideradas as reconstruções do Proto-Tupí-Guaraní de Rodrigues (1995; 2005a; 2005b), é possível fazer um estudo histórico-comparativo de natureza diacrônica envolvendo a língua Suruí.

projeto até bastante necessário se considerado todo o conhecimento cultural e empírico desse povo e também de toda a sua história, antes e depois do contato com os não indígenas. Mas o escopo desta tese é apresentar um dicionário baseado no léxico da língua Suruí.

Nesse sentido, acredito ser necessário para bem compreender o que é esse ‘dicionário baseado no léxico’ tecer algumas considerações sobre o que frequentemente é denominado léxico de uma língua.

Ao definir como meta a elaboração de um dicionário da língua Suruí, aceitei, como é comum em qualquer projeto para construção de material lexicográfico, que seria possível estabelecer um conjunto de formas (com significado) dessa língua que poderiam configurar na entrada de cada verbete, servindo, dessa maneira, como lema da microestrutura, além de servir de base para um ordenamento a partir de sua própria forma (um ordenamento alfabético, por exemplo) ou de seu conteúdo (um ordenamento pelo sentido). Assim, ao constituir esse conjunto, ou melhor, cada componente desse conjunto usado como lema no dicionário, chega-se à percepção da existência de elementos, na língua, que comportam significados, capazes de constituir um ou vários conjuntos, ou ainda complexas redes de conjuntos.

Essas unidades, denominadas *palavras* por uma tradição já milenar<sup>202</sup> ou *lexemas*<sup>203</sup> ou *lexias*, numa perspectiva da Linguística mais atual, passíveis de constituírem conjunto(s), seriam a prova da existência do que é comumente denominado léxico, cujo estudo levaria à compreensão das diferentes relações estabelecidas entre essas unidades acima mencionadas.

Essa apreensão do léxico por meio dos componentes de um dicionário representa uma maneira evasiva de perceber o léxico, mas isso tem sido prática tão comum ao longo dos

---

<sup>202</sup> Para uma discussão detalhada acerca das noções e usos do termo palavra nos campos da gramática tradicional e da linguística em diferentes épocas, ver Rey (1977, p. 183-188), Biderman (2001, p. 97-123) e Lara (2006, p. 17-35).

<sup>203</sup> Sobre o lexema, Bussmann (1996, p. 670) afirma que ele é “Basic abstract unit of the lexicon on the level of langue (langue vs parole) which may be realized in different grammatical forms such as the lexeme write in writes, wrote, written. A lexeme may also be a part of another lexeme, e.g. writer, ghostwriter, etc. In its broader sense, ‘lexeme’ is also used synonymously for ‘word’ to denote a lexical unit or element of the vocabulary.” (Tradução: “Unidade básica abstrata do léxico no nível da língua (*langue vs parole*), que pode ser realizado em diferentes formas gramaticais, tais como as do lexema escrever em escreve, escreveu, escrito. Um lexema pode também ser uma parte de um outro lexema, por exemplo, escritor, escritor-fantasma, etc. Em seu sentido mais amplo, ‘lexema’ também é usado como sinônimo de ‘palavra’ para denotar uma unidade lexical ou elemento do vocabulário.”).

séculos, tanto que os termos dicionário e léxico passaram a representar, para vários autores, a mesma coisa.<sup>204</sup>

Tal percepção do léxico como conjunto, depósito ou repositório de unidades lexicais está presente em várias tentativas de definição dessa realidade, dentre as quais poderia citar os trabalhos de Neveu (2008, p. 189), que afirma ser o léxico um “conjunto aberto das unidades lexicais de uma língua” ou em Dubois (2002, p. 282), para quem o léxico é “l’ensemble des unités formant le vocabulaire, la langue d’une communauté, d’une activité humaine”.<sup>205</sup>

Partindo dessas definições, já antigas e muito difundidas ainda no domínio da linguística, que percebem o léxico numa perspectiva até certo ponto estática, colabora com a reflexão sobre a existência de elementos na língua que, apesar das diferenças de sentido e uso, e de função morfossintática, podem ser agrupados sob a forma de conjunto(s), cujas bordas não foram (ou não podem ser) estabelecidas, dada a sua natureza dinâmica (p.ex., os fenômenos da obsolescência de palavras ou da neologia nas línguas) e fragmentária manifestada em cada uso linguístico, escrito ou oral, nos mais diferentes contextos.

Considerando ainda que todas as línguas, em princípio, comportam léxico, que pode ser apreendido a partir de análises morfossintáticas e semântico-pragmáticas, a língua Suruí também contaria com léxico, a ser apreendido pouco a pouco dos discursos de falantes dessa língua. Como resultado desse trabalho, as formas do léxico começariam a aparecer, revelando o que o Suruí possui de particular nesse conjunto de unidades lexicais, que o diferenciaria não só de línguas como o Português, por exemplo, mas, sobretudo, de línguas próximas a ela, como o Asuriní do Tocantins, o Tembê e o Parakanã.

Logo, uma das tarefas da pesquisa foi tentar vislumbrar os contornos desse léxico e utilizar essas informações na construção do dicionário da língua Suruí. Importantes pistas foram dadas ao estudar a morfologia dessa língua (ver Capítulo 6 desta tese), onde foi possível compreender não só elementos constituintes da palavra da língua Suruí, mas, sobretudo, os processos de combinação e construção dessas palavras. Com a sintaxe, definindo os tipos de oração, foi possível identificar os principais contextos de uso de, por exemplo, nomes e verbos, vislumbrando as variações por que passavam esses elementos dentro de contextos linguísticos.

---

<sup>204</sup> No século XVIII léxico se referia a um material lexicográfico que reunia as palavras relacionadas em um texto de determinado autor, geralmente grego ou latino, consideradas mais “difíceis” de serem entendidas.

<sup>205</sup> Tradução: “o conjunto das unidades que formam o vocabulário, a língua de uma comunidade, de uma atividade humana” (tradução nossa).

Nesse sentido, os principais elementos apreendidos como unidades lexicais, sem contar com elementos gramaticais, como, por exemplo, os pronomes pessoais e as posições, sem contar também com as formas presas como os prefixos relacionais e os sufixos do caso argumentativo, foram nomes, relacionados a partes do corpo humano, estados físicos, tipos de animais e plantas, parentesco, entre outros (cf. subseção 10.2.3.1.6 para maiores detalhes); e verbos, indicando processos, estados, ações, entre outros.

Dessa maneira, uma vez constatada a existência do léxico e estabelecida a metodologia de coleta de dados desta pesquisa (ver capítulo 8), foi possível pensar na construção de um dicionário baseado no léxico, mas com a certeza de que se trata de um projeto que sempre estará em elaboração, dada a natureza dinâmica desse léxico.

Por último, faltava decidir se o dicionário seria um dicionário geral ou um dicionário especial. Como a língua Suruí ainda não contava com nenhum dicionário do tipo geral, ou seja, baseado no maior número de componentes da língua, sem focar em um tema ou assunto específico (como a alimentação, o corpo humano ou os animais, por exemplo), decidi direcionar o projeto para a construção daquele tipo de dicionário, por acreditar que, neste momento, ele serviria não somente como base de registro linguístico, mas, principalmente, por acreditar que, ao realizar a pesquisa para sua elaboração, estaria, de certo modo, construindo vários dicionários especiais, pois os dados coletados e reunidos no programa Línguas permitiria a seleção e construção dessa outra classe de dicionários.

Em resumo, o dicionário da língua Suruí a ser apresentado nesta tese é bilíngue, nos sentidos Suruí-Português e Português-Suruí, descritivo, baseado no léxico, para compreensão e produção de usuários, do tipo geral.

### 10.2.2. As fontes usadas no dicionário da língua Suruí

As fontes de informações que constituem o corpus lexicográfico deste trabalho, como já havia mencionado, são todas orais, dada a condição de escrita ainda incipiente na sociedade Suruí. Portanto, parte-se do conteúdo oral registrado junto aos falantes da língua Suruí, conforme apresentado na seção anterior, que foi transcrito nas formas fonética, fonológica e ortográfica, a fim de se obter o material necessário para armazenamento, análise e produção de documentos lexicográficos.<sup>206</sup>

---

<sup>206</sup> Apesar de a escrita na língua Suruí já ser uma realidade na T.I. Sororó, ela ainda está restrita a poucas pessoas e carece de alguma sistematização. É possível que, em futuro não muito distante, essa realidade ceda lugar a um produtivo processo de escrita nos mais diferentes contextos sociais.

Além do corpus que reuni em pesquisa direta junto aos Suruí, resolvi considerar na base de dados outros materiais (todos orais) coletados em diferentes épocas, por diferentes pesquisadores, seguindo rigorosa metodologia de recolha e que tivessem boa qualidade de gravação, dentre os quais estão os de Monserrat (1985a), Cabral (1997) e Costa (2002). Desses *corpora*, apenas aproveitei os conteúdos que não estão não estavam registrados na base de dados lexicais.

Uma vez determinadas as fontes da língua Suruí, fiz a compilação dos dados no SGBD, de uso exclusivo para essa língua, a fim de constituir um arquivo lexicográfico útil para a construção de dicionários e de outros tipos de materiais.

Ora, um acervo construído com base em elementos lexicais, à medida que é alimentado, passa a representar uma significativa amostra do próprio léxico da língua. Por isso, ao analisar os itens da base de dados lexicais da língua Suruí, foi possível depreender quais os conteúdos semântico-lexicais estavam contidos nele.

Parte desse conteúdo lexical já havia sido estabelecido como uma das metas da própria pesquisa linguística realizada com a língua Suruí, ou seja, desde o planejamento deste trabalho, uma das intenções era focalizar a identificação das formas relacionadas às plantas e animais nessa língua indígena. No entanto, mesmo tendo esta perspectiva estabelecida, não restringi a pesquisa somente a ela, buscando registrar os mais diferentes conteúdos linguísticos a fim de ter uma amostra realmente significativa do léxico dessa língua.

### 10.2.3. Estruturando o dicionário da língua Suruí

A estruturação de uma obra lexicográfica exige que seja tomada uma série de decisões tanto sobre os conteúdos que farão parte dela quanto da forma que ela assumirá, ou seja, da configuração das microestruturas até o ordenamento geral dos verbetes.

Logo, no sentido de buscar apresentar da maneira mais sistemática possível essas informações, trato de cada um desses temas separadamente.

#### 10.2.3.1. Os conteúdos do dicionário

Conforme defini na subseção 10.2.1, este dicionário da língua Suruí possui as seguintes características: bilíngue, baseado no léxico, descritivo e geral.

Assim, envolvendo duas línguas, o Suruí e o Português, esse dicionário contará com dados colhidos no léxico da língua indígena, dentre os quais estão nomes (substantivos e nomes descritivos), verbos, advérbios, posições e pronomes.

Com relação a essas unidades do léxico, na subseção 10.2.1 deste trabalho já havia tecido algumas considerações sobre elas, mas é necessário retomar essa discussão a fim de tratar de temas igualmente importantes.

Neste trabalho, considero a noção de unidade léxica, ou *lexia*, conforme apresentado por Pottier (2001, p. 18f):

La *lexie* est toute séquence (de 1 à n éléments) mémorisée par les locuteurs à un moment donné de l’histoire de la langue [...]. Son contenu sémantique est la *sémie* [...]. Cette notion s’applique:

- aux « mots simples »: vache, casser, devant, que
- aux « mots composés » ou « complexes »: tire-bouchons, œil-de-bœuf, s’en aller, au-delà
- aux séquences plus ou moins figées: raser les murs, un angle d’attaque, en plein milieu de, tomber de haut (être déçu).<sup>207</sup>

Partindo de uma noção semântica, Pottier estabelece essa classificação das unidades léxicas, que pode ser aplicada às palavras da língua Suruí. Assim, também podemos identificar:<sup>208</sup>

a) *lexias* simples: *misar* (veado), *kyty* (esfregar), *sene* (nós inclusivo)

b) *lexias* compostas ou complexas: *akutia nami pe pytukaw* (laranja), *sahytataw* (estrela cadente maior).

Certamente, deve-se acrescentar a esse critério o uso da unidade lexical em um contexto morfossintático, pois isso ajuda a definir se determinada forma, por exemplo, no caso de um nome, se ele recebe o sufixo X ou Y, ou no caso de verbos, se ele pode receber um prefixo pessoal Z (cf. análise morfológica da língua Suruí no Capítulo 6.1).

### 10.2.3.1.1 Nomes

Aproveitando essa discussão, é necessário considerar ainda que na língua Suruí, como em muitas outras línguas da família Tupí-Guaraní (e também em várias outras línguas do mundo), nem sempre há coincidência, no caso dos nomes, entre o morfema raiz e a palavra simples, por isso, no discurso, nunca se emprega isoladamente, por exemplo, a palavra *apin* (cabeça), pois é obrigatória a indicação de quem possui a cabeça, assim, tem-se a forma *ti*

<sup>207</sup> Tradução: “A *lexia* é qualquer sequência (de 1 a n elementos) memorizado pelos locutores em um dado momento da história da língua [...]. Seu conteúdo semântico é o *sema* [...]. Essa noção se aplica: - às ‘palavras simples’: vaca, quebrar, diante, que; - às ‘palavras compostas’ ou ‘complexas’: saca-rolhas, olho-de-boi, ir embora, para além; - às sequências mais ou menos congeladas: ficar colado na parede, um ângulo de ataque, em pleno meio de, esticar as canelas (estar morto).” (tradução nossa).

<sup>208</sup> Quanto às sequências mais ou menos fixas na língua Suruí ainda não tenho exemplos para inserir, pois serão tratadas na segunda parte desta pesquisa.

*apina* (minha cabeça) ou *iapina* (cabeça de algo ou de alguém). Nesse sentido, na macroestrutura do dicionário bilíngue Suruí-Português, que deve ser organizada em ordem alfabética das palavras em Suruí, utilizo como base nas unidades léxicas as formas com prefixo relacional da classe  $R^2$  (cf. Capítulo 6.1 sobre a morfologia da língua Suruí),<sup>209</sup> que, segundo Cabral, Rodrigues e Franceschini (2013, p. 404), “sinaliza que o determinante de um tema não forma com este uma unidade sintática e que é diferente do falante e do ouvinte”. Procedendo desta forma mantenho como entrada do dicionário apenas formas existentes e efetivamente usadas na língua. Desta forma, por exemplo, a palavra Suruí *py'a* ‘fígado’ deve ser procurada na forma *ipy'a* ‘fígado de algo ou de alguém’; e é essa forma que faz todo o sentido para um falante da língua Suruí, facilitando para ele o acesso à informação no material lexicográfico.

Logo, nesse caso, a glosa em Português, por exemplo, ‘fígado de algo ou de alguém’, no dicionário Suruí-Português, é usada como Lema no material com a direção Português-Suruí. O resultado desta opção é fazer com que a maior parte dos nomes descritivos esteja concentrada no grupo de palavras iniciadas pela letra *I*.

Essa mesma lógica de construção do termo de entrada para o dicionário é empregada na própria base de dados da língua Suruí, mantendo-se, dessa maneira, a coerência interna com a proposta.

Com relação à grafia das sequências compostas, escrevê-las juntas ou separadas pode ser uma questão ortográfica apenas, entretanto, segundo Pottier (2001, p. 107), ela pode ser reveladora de certo grau de integração. Por isso, na escrita das lexias compostas *sahytataw* (dois morfemas *sahy+tataw*) e *ma'esawar* (dois morfemas *ma'e+sawar*) ambas unidas, pode-se interpretar como indicativo de que nos dois casos as expressões já se encontram totalmente lexicalizadas, apesar de a segunda delas ainda ser passível de discussão haja vista a grande produtividade do morfema *ma'e*, como mediador de construções genitivas na língua Suruí.<sup>210</sup>

Enfim, o dicionário deve comportar diferentes tipos de entradas, tanto com nomes como palavras simples quanto nomes como palavras complexas. Nesta última situação, em se tratando do dicionário na direção Português-Suruí, destaco da expressão a palavra com maior força semântica a fim de usá-la como Lema e reservo ao Exemplo a apresentação da forma completa. Essa estratégia é necessária se se quiser construir automaticamente um dicionário

<sup>209</sup> Como demonstrei no Capítulo 6, os prefixos  $R^2$  podem ser: *i-*, *h-*, *t-* ou  $\emptyset$ .

<sup>210</sup> Essas composições, por serem demasiadamente antigas, não são mais percebidas pelos falantes da língua Suruí como elementos distintos ou justapostos, mas sim como unidades.

que ordene, por exemplo, de modo alfabético os itens da entrada e que possa ser mais facilmente localizado pelo usuário. Por isso, em construções do tipo ‘guardar na memória’, a entrada em Português fica ‘memória (guardar na)’; ou em ‘tirar a sujeira’, fica ‘sujeira (tirar a)’. Todavia, no dicionário com a direção Suruí-Português, mantenho o item completo, mesmo que se trate de uma lexia complexa, por isso, a lexia ‘akutia nami pe pytukaw’ deverá ser encontrada no conjunto de entradas com a letra A.

Um último comentário sobre um conjunto de palavras da classe dos nomes é ainda necessário: trata-se dos adjetivos ou, segundo Rodrigues (2010, p. 24-25), dos *nomes descritivos*. Assim como ocorre com os nomes de partes de corpo e objetos possuíveis, acima apresentados, os nomes descritivos recebem, em geral, no dicionário, o prefixo R<sup>2</sup>. Com isso, nomes como *pyhyj* ‘pesado’ e *rowa* ‘amargo’ constarão no dicionário nas formas *ipyhyj* ‘pesado (ele é)’ e *irowa* ‘amargo (ele é)’.

#### 10.2.3.1.2. Verbos

Os verbos na língua Suruí, que podem ser transitivos, intransitivos ou bitransitivos (cf. subseção 6.1.3.2), não possuem a forma nominal denominada *infinitivo*, comum a várias línguas, dentre elas o Português. Assim, para registro dos verbos no dicionário da língua Suruí, opto pelo registro dos verbos acompanhados do prefixo de 3ª pessoa do singular u-. Certamente essa decisão implica em colocar todos os verbos em um único grupo, e apresenta-se como uma alternativa à forma já tradicional de registro de verbos em materiais lexicográficos de línguas da família Tupí-Guaraní, que, com muita frequência, utilizam a raiz do verbo como forma da entrada nesses materiais.

#### 10.2.3.1.3. Homonímia e polissemia

Outra questão importante na língua Suruí é que remete a um problema bastante relevante na construção das obras lexicográficas: o tratamento da homonímia e da polissemia.<sup>211</sup>

Na língua Suruí, o nome *ikwar* pode significar tanto ‘buraco de algo ou de alguém’ quanto ‘vagina de alguém’. Partindo da hipótese de que teria existido um significado-base e, por extensão, teria passado a designar outra coisa, o que poderia justificar

---

<sup>211</sup> Segundo Werner (1982, p. 299), “Homonímia: Igualdade entre los significantes de dos o más palabras que poseen distinto significado. Polissemia: Fenómeno consistente en la reunion de varios significados en una palabra” (Tradução: “Homonímia: igualdade entre os significantes de duas ou mais palavras que possuem significados diferentes. Polissemia: fenômeno consistente na reunião de vários significados em uma palavra”, tradução nossa).

perfeitamente uma situação de polissemia nessa língua. No entanto, como só é possível, neste momento, observar a língua Suruí no presente,<sup>212</sup> não tenho como avaliar se esses casos são, de fato, casos de polissemia.

Dessa maneira, ao me deparar com essas situações, opto por tratá-las como casos de homonímia, porque, assim, eles constituem entradas diferentes. E a principal vantagem nisso é poder apresentar separadamente Descritores e Exemplos para cada forma. Além da proximidade das entradas em um contexto de macroestrutura ordenada alfabeticamente, elas seriam identificadas por meio de números sobrescritos, indo dos significados mais gerais para os mais específicos. Por isso, *ikwar* ‘buraco de algo ou de alguém’ precederia *ikwar* ‘vagina de alguém’. Outras duas vantagens em tratar separadamente essas duas palavras é a possibilidade de, no caso de um dicionário multilíngue, oferecer traduções para cada uma delas, haja vista que não é nada comum que um caso de homonímia em uma língua corresponda exatamente a um par homonímico em outra língua; mas também a de poder, no caso de haver ilustrações no material lexicográfico, atribuir imagens diferentes a cada uma dessas realidades.

#### 10.2.3.1.4. Sinonímia e Antonímia

Apesar de já possuir na base de dados lexicais do programa Línguas algumas informações relacionadas aos fenômenos da *sinonímia* e da *antonímia* na língua Suruí, optei por não inseri-los, ainda, na presente versão do dicionário. O principal motivo é, ainda, a necessidade de aprofundamento do estudo desses dois fenômenos.

Assim, a título de exemplo, poderia citar como ocorrências de sinonímia na língua Suruí: *'ara kwahapara* e *ipituna kwahapara* ‘relógio’; *itapura'a* e *aikong* ‘pomo-de-adão de alguém’; *itekwawa* e *ikehawa* ‘rede de alguém’. E como ocorrências de antonímia: *ipyperewa* ‘raso’ e *ipaypy* ‘fundo’; *ma'ey'yma* ‘vazio’ e *itymehem* ‘cheio’; *ma'e ahy* ‘doente’ e *katuete* ‘saudável’.

#### 10.2.3.1.5. Antroponímia

O estudo da onomástica Suruí, embora seu estudo seja visto em uma perspectiva de que deve ser devidamente explorada, merece ser brevemente comentado aqui, ainda mais

---

<sup>212</sup> Certamente, não excluo a possibilidade de serem feitas reconstruções por meio do método histórico-comparativo com outras línguas, chegando a resultados consideráveis sobre a etimologia das palavras dessa língua, mas, como isto ainda não foi feito para a língua Suruí, opto por não seguir esse caminho.

porque os nomes próprios estão muito próximos do que definimos acima como léxico comum para um dicionário geral.

Viveiros de Castro (1986, p. 388) propõe que: “De um modo geral, pode-se dizer que a onomástica Tupi-Guarani típica recorre, como fonte ou critério, ao extrassocial: natureza, inimigos, deuses”. Todavia, a sociedade Suruí-Aikewára, herdeira de uma tradição cujo início é impossível precisar, recorre a fontes ainda mais variadas do que essas, mas, com raras exceções, todas oriundas do léxico comum de sua língua.

Assim, identifico, grosso modo, os seguintes assuntos encontrados no conjunto de nomes Suruí:<sup>213</sup>

- 1) animais: *Kaw Piperati* ‘marimbondo com chifre’, *Muru’i* ‘maruim’, *Sakyron* ‘cigarra’, *Sanu’i* ‘aranha pequena’, *Sawapirong* ‘onça-vermelha’
- 2) plantas: *Emu’em* ‘cipó de fogo’, *Kanawa ’yw* ‘mogno’, *Pakaru’yw* ‘pau-santo’, *Pinuwa* ‘açai’
- 3) minerais: *Ita’i* ‘pedrinha’, *Itapem* ‘pedra chata’, *Itahenypug* ‘ouro’
- 4) partes do corpo: *kwarama* ‘côccix’, *Kanawa* ‘joelho’, *Kusoeha* ‘olho de mulher’, *Sawarapy* ‘pé de onça’
- 5) objetos: *Arupare* ‘flecha com ponta cortante’ *Araw’y* ‘cocoar com duas penas de arara’, *Iwyrapari* ‘arco pequeno’, *Kujmu’a* ‘cuia de cabaça’
- 6) características físicas: *Iti’om* ‘nariz arrebitado’, *Kusoting* ‘mulher branca’, *Murehapu’i* ‘olho bem fechado’
- 7) qualidades psicológicas: *Murejru* ‘pessoa teimosa’, *Warikatu* ‘muito bonzinho’
- 8) fenômenos da natureza: *Amonete* ‘chuva genuína’, *Ku’em* ‘amanhecer’
- 9) acidentes geográficos: *Ipure* ‘lago’, *Iwytyra* ‘montanha’
- 10) formas gramaticas: *Awari’a* ‘bem ali’, *Ko katy* ‘pra cá’

Assim, cada nome trazia um significado diferente, único, e, até onde pude constatar, havia um esforço para que não houvesse, num mesmo tempo, duas pessoas com o mesmo nome, ocorrendo situações em que o filho ou o neto recebia o nome do pai só se este já fosse falecido.<sup>214</sup>

Segundo informação obtida junto a sábios Suruí, umas das funções do pajé na sociedade Suruí tradicional era a de atribuir o nome à criança recém-nascida, e só ele podia

<sup>213</sup> A grafia dos nomes com inicial maiúscula já segue uma orientação ortográfica que os próprios professores Suruí já adotaram na escrita de sua língua.

<sup>214</sup> Atualmente, já são atribuídos a filhos e netos os nomes de seus pais ou avós, mesmo que estes ainda estejam vivos, tal é o caso de, por exemplo, Maira (pai) e Maira (filho).

fazer isso. Atualmente, apesar de essa função se de responsabilidade dos próprios pais, há aqueles que preferem recorrer aos mais velhos para obter o nome para a criança.

Ademais, não identifiquei, neste estudo preliminar, nenhuma relação entre os assuntos dos nomes próprios e a participação da pessoa no clã a que ela pertence (Sapakani, Kwati, 'Yw, Inata 'yw, Susiw, Karasa).<sup>215</sup>

Esse conteúdo não deve figurar no dicionário da língua Suruí proposto nesta tese, mas sim deve ser utilizado na construção de um dicionário de nomes próprios ou mesmo um dicionário enciclopédico Aikewára, em que seja possível registrar não somente o significado desses nomes, mas, sobretudo, a história das pessoas (proeminentes ou não na sociedade Suruí) relacionada a cada um deles.

#### 10.2.3.1.6. Toponímia

Já com relação à toponímia, a língua Suruí não se revelou tão produtiva quanto na antroponímia.<sup>216</sup> Por isso, limito-me a apresentar alguns dos topônimos identificados nesta pesquisa, mas sem apresentar as respectivas glosas em Português, uma vez que, até mesmo para os falantes da língua, muitas dessas palavras já não são reconhecidas: Aikewara Ty'wo Ka'a, Amoren Awapaw, Apikujtawera, Arekasuhy, Etom Itahy, Iakokaw, Ikwaw Ipirahyete, Ikwaw Kwatingiwa, Inu'a, Inu'a Iwo, Ipeywhu, Ipirong, Ipirong, Ipureuhu, Ipyrujru, Itakorowohi, Itakorowohi, Itapirong, Itasa'e, Itymupumupu, Iwyenaw, Kosokoso, Kujpiron, Kujronuhu, Kurutuhun, Kwironuhuwawira, Muha, Musena, Mutum, Narosa, Nerona, Pu'epu'e Tawera, Putiputi, Rewyenawa, Sakamin, Sakarekwara, Sapuhuywera, Saratita, Satewpirong, Sepuhepuhetawera, Somirong, Sutywa, Takararayra, Takwapuku, Tapiwajwuku, Tarku'a, Tarku'a, Tasahu, Tasahu Iwyating, Tasahu Ywyating, Tatu, Tawera, Tawoto, Tyete, Umumahemahem, Urumipawera, Wopujron, Ypya O'oj, Yrirongahy.<sup>217</sup>

Todos os topônimos arrolados acima estão localizados ou dentro da T.I. Sororó ou em áreas vizinhas, que pertenciam historicamente aos Suruí e que foram deixadas de fora da

<sup>215</sup> As primeiras informações sobre a existência de clãs na sociedade foram dadas por Laraia (1967, p.43). A esses grupos ele denomina “grupos de descendência unilinear”.

<sup>216</sup> Deve-se considerar, nesse contexto, toda a história do povo Suruí Aikewara, que não levava uma existência nômade, devido às pressões do “progresso”, conforme tratei no Capítulo 3 desta tese.

<sup>217</sup> É interessante notar que, há décadas, trabalham na coleta de castanha-do-pará, dentro da reserva da T.I. Sororó, pessoas de fora da comunidade Suruí, mas que, com o convívio, acabaram aprendendo alguma coisa da língua, sobretudo os nomes relacionados à toponímia da área. Tive a oportunidade de conhecer um desses antigos coletores, hoje octogenário, mas que lembrava perfeitamente dos nomes, em Suruí, de todos os lugares por onde ele havia passado. Já com relação à denominação Sororó, ela não é Suruí, e foi atribuída, pelos não índios, à T.I. por causa da proximidade da terra com o rio, este sim, denominado Sororó.

demarcação concluída em 1983 ou que foram indevidamente tomadas deles. A base para essas informações está no mapa do CEDI publicado em Ferraz (1985, p. 117) e que está sendo atualizado por Ikatu e Waiwera.

Do mesmo modo como os antropônimos, esses topônimos não devem constar no dicionário da língua Suruí, mas sim em um outro material lexicográfico, como uma enciclopédia, ou mesmo em um atlas geográfico na língua Suruí.

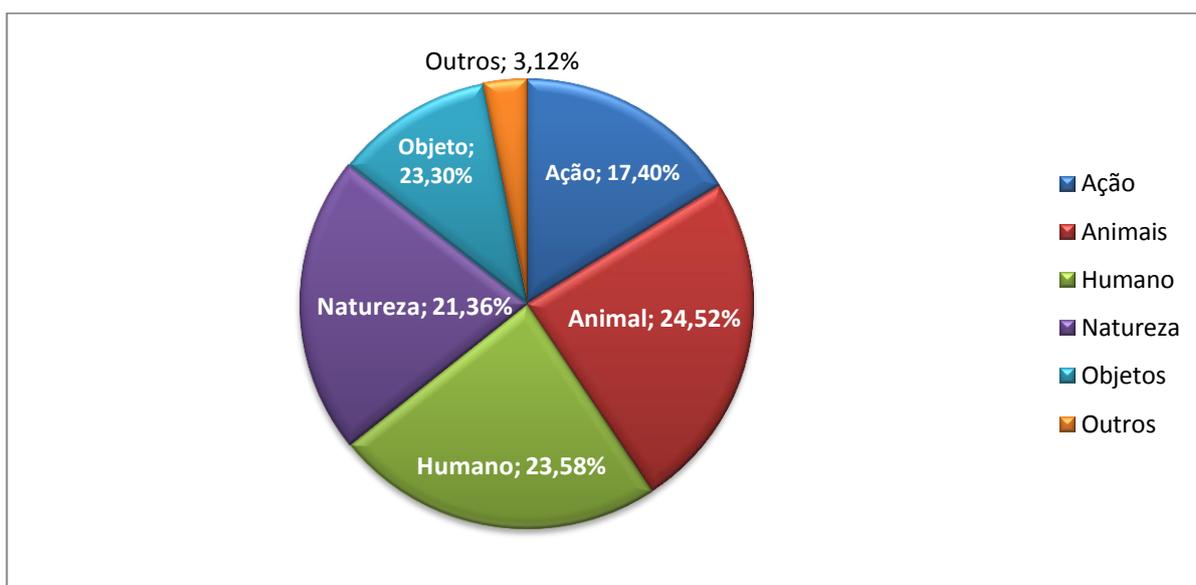
#### 10.2.3.1.7. Léxico comum

Em se tratando do conteúdo lexical principalmente de nomes, verbos e advérbios, é possível identificar no conjunto do corpus da língua Suruí os principais assuntos relacionados a eles. Dessa maneira, ao observar os conteúdos semântico-lexicais presentes na base lexical do programa Línguas, pode-se ter uma ideia da variedade das formas registradas.

Considero neste levantamento um total de 1090 itens lexicais (excluídos os elementos puramente gramaticais) presentes, até o fechamento desta pesquisa, na base de dados da língua Suruí armazenada no programa Línguas.

Baseado nesse conjunto de itens, apresento, a seguir, um gráfico com a estatística relacionada ao conteúdo lexical armazenado nessa base de dados:

GRÁFICO 06 – ESTATÍSTICA DO CONTEÚDO SEMÂNTICO-LEXICAL DA BASE DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS



Optei pela utilização da estatística neste trabalho devido ao fato de ela permitir uma apreensão mais aproximativa dos dados, ao invés de apresentar valores absolutos que variam a cada vez que um novo dado é inserido na base, tornando a percepção do conjunto

menos nítida.<sup>218</sup> Desta forma, do total de léxico registrado (100%), depreende-se que a maior parte dele está relacionada a quatro grandes grupos:

- Ação: nesse conjunto estão inseridos alguns nomes e a maioria dos verbos, com mais de 16%;
- Animais: inclui palavras relacionadas às diferentes espécies animais (anfíbio, aracnídeo, ave, crustáceo, diplópode, inseto, mamífero, marsupial, molusco, nematelminto, peixe, quelônio, quilópode, réptil, roedor, verme), mas inclui também palavras relacionadas, por exemplo, a partes do corpo de animais, com mais de 24%;<sup>219</sup>
- Humano: grupo que inclui palavras relacionadas a atividade, construção, corpo humano, denominação, estado civil, gênero, idade, inteligência, interação, meio de transporte, parentesco, profissão e reprodução, com mais de 23%;
- Natureza: considere neste grupo as palavras relacionadas a fungos, vegetais, clima, relevo, substâncias (água, fogo, terra e ar), espaço e tempo, com mais de 21%.

Se considerar apenas duas categorias, a de animais e vegetais, juntas, elas totalizam um terço do total de itens lexicais armazenados até o momento. Certamente, a pesquisa buscou enfatizar esses dois campos de conhecimento, essenciais para o povo Suruí

Os demais grupos lexicais relativos a objetos, processos e quantidades atingiram, juntos, menos de 4% do total computado. Isso não significa, naturalmente, que o léxico da língua tenha exatamente esta configuração da amostra que está na base, cujo conteúdo serve para orientar sobre a natureza dos conteúdos e da estruturação do léxico geral da língua Suruí. Além disso, é o conteúdo lexical dessa mesma base que está na estruturação geral dos dicionários produzidos.

Estes dados estatísticos não têm a intenção de demonstrar a frequência de uso dos termos constantes nos *corpora* da base, informação, sem dúvida, útil para o trabalho lexicográfico e amplamente usado em alguns dos mais recentes dicionários semasiológicos

---

<sup>218</sup> Mesmo com a conclusão da pesquisa relacionada a esta tese, a pesquisa da língua Suruí deve prosseguir a fim de se chegar a um resultado ainda mais completo tanto na descrição dessa língua, quanto na produção de materiais lexicográficos baseados nela.

<sup>219</sup> Se nesta pesquisa utilizei como parâmetro para os marcadores do programa Línguas o conhecimento científico relacionado a animais e plantas, espero, em uma nova pesquisa relacionada à língua Suruí, tentar descobrir a taxonomia baseada no conhecimento dos Aikewara.

(cf., a título de exemplo, o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de F. S. Borba (2002) e o *Collins English Dictionary*, publicado por Harper Collins Publishers, 2011); pois, para conseguir essa informação sobre frequência é necessário dispor, além de um considerável corpus de textos (geralmente escritos) e a utilização de uma metodologia específica, que não está prevista neste trabalho.

Outro fator relevante a ser considerado neste acervo lexical é que ele representa a língua comum falada pelos Suruí hoje, e não um léxico terminológico. Não há dúvida de que a língua Suruí já possui em seu léxico formas especializadas relacionadas a atividades desenvolvidas pelo grupo, tais como a agricultura, a produção de farinha e a coleta da castanha-do-pará, contudo, esse léxico não foi ainda considerado/sistematizado nesta etapa do trabalho, sendo, contudo, um importante tema para uma nova pesquisa. Assim, o conteúdo lexical corresponde, quase integralmente, ao que Rodrigues (1964 [2012], p. 99 [197-198]), denominou vocabulário básico, ou seja, “[...] palavras pouco influenciadas pela mudança cultural e que, por isso mesmo, se conservam em todas as línguas relativamente inalteradas no decorrer do tempo...”.

Ao lado desse léxico que pode ser considerado mais antigo e, de certo modo, estável, há ainda outras formas que devem ser consideradas no conjunto do léxico da língua Suruí, são elas:

- (1) os *neologismos*, resultantes, sobretudo, do contato com grupos não indígenas, principalmente os de falantes do Português. Por exemplo, as palavras *takwawera* (palha de aço) e *sumi’ahu* (avião) surgiram em decorrência do contato com realidades de outras culturas.
- (2) os *empréstimos*, resultantes de um processo pelo qual “les utilisateurs d’une langue adoptent intégralement, ou partiellement, une unité ou un trait linguistique (lexical, sémantique, phonologique, syntaxique) d’une autre langue” (LOUBIER, 2011, p. 10), são uma realidade linguística na sociedade Suruí, também resultantes do contato linguístico. Há ainda nessa classe de empréstimos, uma subclasse de empréstimos que podem ser considerados indiretos, pois não são do Português, mas foram introduzidos por meio dele, como é o caso de palavras do Inglês relacionadas à informática.

Dentre os conjuntos citados acima, apenas o primeiro, o dos neologismos deve configurar no interior do dicionário, haja vista sua relevância para a ampliação do léxico da

língua Suruí. Com relação ao segundo conjunto, ainda não foi estabelecido sistematicamente que formas foram tomadas de empréstimo do Português, assim, acredito que seja mais adequado reservá-los para um momento posterior da produção de materiais lexicográficos.

#### 10.2.3.1.8. Neologismos

Ao analisar um conjunto de dados lexicais da língua Suruí do Tocantins, coletados até o momento, busquei estabelecer um subconjunto de dados com características bastante similares: primeiro, esse material lexical teria surgido em um período bem específico: após a situação de contato (cultural, linguístico, econômico, político, etc.) dos Suruí com outros povos, principalmente com os não indígenas falantes da língua portuguesa, a partir da década de 1950, na região próxima aos rios Tocantins e Araguaia;<sup>220</sup> segundo, esses dados manifestam uma atitude linguística de conservação desse povo frente aos novos elementos advindos de um mundo exterior ao seu.

Essa atitude consiste, antes de tudo, na tentativa de apreender as novas referências que lhes foram sendo apresentadas e isso passa, sem dúvida, pelo ato de nomear cada novo elemento, garantindo-lhes, assim, um lugar no conjunto léxico-semântico de sua língua. No entanto, essa nomeação pode não significar apenas “rotular” um objeto a mais no mundo, porque é possível que haja uma intenção, nessa nomeação, de aproximar o objeto ao próprio conhecimento dos falantes, tornando-o, em alguma medida, familiar a eles. A consequência desse ato coletivo e intencional de nomear pode estar manifestada nas próprias estratégias linguísticas usadas pelos falantes da língua, que precisam interpretar o que não fazia parte de seu universo a partir de suas próprias referências léxico-semântico-culturais e de seus mecanismos linguísticos, como o da metáfora.

Os dados desse subconjunto do corpus relacionam-se a elementos de diferentes domínios, os principais deles são: meios de transporte, instrumentos com haste e metal, utensílios de cozinha, alimentos, vestuário e aparelhos eletrônicos. Como vimos anteriormente, a maioria dos elementos relacionados a esses domínios só passou a ser conhecida pelos Suruí após o contato e motivou, em alguma medida, a introdução (construção) de novos itens lexicais ou de novos usos e sentidos de elementos já existentes no léxico da sua língua. Logo, uma primeira definição necessária para compreender esse conjunto de dados seria a de neologia, que está diretamente ligada à noção de neologismo.

---

<sup>220</sup> Cf. Laraia e Matta (1967, p. 28-30; 1978, p. 63-66); Ferraz (1985, p. 103-104).

Há bem pouco tempo o povo Suruí era ágrafo,<sup>221</sup> e foi nesse contexto de uso pleno da língua oral que a neologia, enquanto processo por meio do qual novas unidades lexicais passam a fazer parte do repertório da língua, mostrou-se bastante produtiva, podendo ser caracterizada como:

[...] *néologie de forme* et *néologie de sens*. Dans le deux cas, il s'agit de dénoter une réalité nouvelle (nouvelle technique, nouveau concept, nouveaux realia de la communauté linguistique concernée). La néologie de forme consiste à fabriquer pour ce faire de nouvelles unités ; la néologie de sens consiste à employer un signifiant existant déjà dans la langue considérée en lui conférant un contenu qu'il n'avait pas jusqu'alors – que ce contenu soit conceptuellement nouveau ou qu'il ait été jusque-là exprimé par un autre signifiant. (DUBOIS, 2002, p. 322)<sup>222</sup>

Esses dois aspectos da neologia podem ser facilmente identificados no interior dos dados utilizados neste trabalho. Por exemplo, a neologia de forma pode ser identificada nos seguintes neologismos (com novos significantes) *ikomyru* ‘sutiã dela’ e *iapyakwara'yma'e* ‘lanterna dele’; já a neologia de sentido, nos neologismos (com nova relação significante-significado) *so kytykawa* ‘ralador de castanha’ (o tronco da paxiúba) → ‘liquidificador’, e *tukurupipina* ‘grilo’ → ‘moto’.

Já nesses primeiros dados é possível entrever que a neologia não é exatamente um processo fundado somente em aspectos denotativos da linguagem, mas que perpassa por mecanismos de natureza metafórica. Assim, identificou-se, por exemplo, que a língua Suruí, para nomear o veículo ‘trator’ buscou dois elementos presentes em seu léxico, *moj* ‘cobra’ e *kyse* ‘faca’, ambos selecionados com base em características que se associam de algum modo ao trator, tais como ‘deixar rastro ao passar’ (como a cobra) e ‘ser capaz de cortar’ (como a faca), correspondência essa que é estabelecida em um processo metafórico.<sup>223</sup>

Logo, se há uma relação entre neologia e metáfora, a descrição dos principais processos envolvidos na construção de neologismos pode ser útil para evidenciar essa relação. Para tanto, buscamos identificar os neologismos da língua Suruí com base na tipologia

<sup>221</sup> Apesar de os primeiros registros escritos dessa língua datarem de meados da década de 1980 com as iniciativas do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da pesquisadora Ruth Monserrat, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e dos Graham, ligados ao Summer Institute of Linguistics (SIL), o ensino sistemático da escrita não tem nem 5 anos e ainda está bem restrito ao contexto formal de sala de aula.

<sup>222</sup> Tradução: “[...] *neologia de forma* e *neologia de sentido*. Nos dois casos, trata-se de denotar uma realidade nova (nova técnica, novo conceito, novas realidades da comunidade linguística considerada). A neologia de forma consiste em fabricar por esse fazer novas unidades; a neologia de sentido consistem em empregar um significante já existente na língua considerada, conferindo-lhe um conteúdo que ela não tinha até então -- que esse conteúdo seja conceptualmente novo ou que ele tenha estado até então expresso por outro significante” (tradução nossa).

<sup>223</sup> Também foi registrada junto aos Suruí outra explicação para a construção *moj kyse*. Segundo eles, “ao abrir caminhos na reserva Suruí, o trator, além de cortar o mato, cortava também as cobras que nele se encontravam”, ou seja, o trator seria um “cortador de cobra”.

proposta por Guilbert (1975, p. 17-24), segundo a qual os neologismos podem ser classificados como: fonológicos, sintáticos, semânticos, além do empréstimo. No entanto, observando o conjunto de dados da língua Suruí (e os próprios dados apresentados pelo autor), constatamos a necessidade de extrair da categoria da sintaxe outra categoria que denominamos morfológica. Durante essa classificação dos dados, busco evidenciar, sempre que possível, o papel da metáfora enquanto fonte importante de neologismos nessa língua.

#### 10.2.3.1.8.1. *Classificação dos dados relacionados à neologia*

O neologismo, que está sujeito à lógica de funcionamento da língua em que ele surge, segundo Gilbert (1973, p. 18), deve ser apreendido em sua dupla face (significante-significado), além disso, sua criação se baseia no relacionamento de elementos mais simples presentes na língua e nesse processo deve ser levado em consideração o aspecto escrito da língua. Esta última afirmação só é válida para línguas que já tenham alguma tradição de escrita, o que não é o caso da maioria das línguas indígenas no Brasil.

Baseado nesses princípios, o mesmo autor estabelece uma tipologia baseada na fonologia, na sintaxe e na semântica, incluindo ainda os empréstimos linguísticos.

#### ▪ Neologia fonológica

A ocorrência de dados nessa primeira categoria do processo de neologia é, segundo o autor, extremamente rara, porque exige uma substância fonológica inédita associada a uma significação também inédita. Nesse caso, de acordo com Gilbert (1973, p. 19), “Le stock des formations onomatopéiques qui transposent dans une forme linguistique arbitraire les bruits naturels ou les cris des êtres animés est très réduit”.<sup>224</sup> Essa afirmação é válida para a língua Suruí, pois identifiquei, no interior do corpus selecionado, apenas um dado que pode corresponder ao que se prevê para essa categoria, trata-se do seguinte dado.

184 *kitikiti*  
 kiti-kiti-Ø  
 riscar (cortando)-RED-ARG  
 ‘risca-risca’  
 ‘serrote de carpinteiro’

O caráter onomatopaico desta construção neológica, presente já na base, é reforçada com a reduplicação dessa base.

---

<sup>224</sup> Tradução: “O conjunto de formações onomatopaicas que passam para uma forma linguística arbitrária os barulhos naturais ou os gritos dos seres animados é bastante reduzido” (tradução nossa).

▪ Neologia morfológica

Nessa categoria incluo apenas alguns dos neologismos presentes no *corpus* formados a partir de “combinações de elementos preexistentes na língua” (GUILBERT, 1975, p. 19, tradução nossa). Para esse autor, tal combinação pode se dar tanto com uma construção do tipo base e afixo, quanto com estrutura de natureza frástica.

No entanto, neste trabalho, como faço a distinção entre Neologia Morfológica, para construções do tipo base e afixo, reservamos os dados frásticos para a seção de Neologia Sintática. A seguir, apresentamos os dados separados de acordo com essa tipologia.

– Base + sufixo

Essa combinação de base + sufixo é bastante comum na língua Suruí.

- 185 *sumi'ahu*  
 sumiʔa-hu  
 flauta (tipo)-INTENS  
 ‘flauta (tipo) grande’  
 ‘avião’

*Sumi'a* é uma flauta tradicional da cultura Suruí, fabricada com bambu (*takwara*), cabaça (*kuipi*) e cera de *sawtipyta* (espécie de abelha), com um tamanho aproximado de meio metro. O avião, por emitir um som constante como o dessa flauta, passou a ser designado pelos Suruí com o mesmo nome do instrumento musical com o sufixo intensivo *-hu*, o que corresponde a uma “grande flauta” *sumi'a*.

- 186 *misakatirona*  
 misakati(ŋ)-rɔn-a  
 veado.fedorento (=burro)-SML-ARG  
 ‘que parece um burro’  
 ‘boi’, ‘vaca’

Os Suruí aproveitaram a denominação atribuída ao burro para construir, por grau de semelhança, a forma para boi (e vaca), acrescentando-lhe um sufixo para distinguir as formas.

- 187 *misarona*  
 misa(r)-rɔn-a  
 veado-SML-ARG  
 ‘que parece com veado’  
 ‘cabra’, ‘ovelha’, ‘bode’

Com um processo similar ao que formou *misakatiron*, foi constituída a palavra *misaron* para designar cabra e seus congêneres, bode e ovelha. Assim, por haver grande semelhança na forma desses animais, a maneira de distingui-los foi acrescentar o sufixo *-ona*.

– Prefixo + base / prefixo + base + sufixo

No conjunto de dados que analisamos não foi encontrada, até o momento, nenhuma ocorrência de combinação do tipo prefixo + base.

▪ Neologia sintática

– Composição

Estabelecida sob duas perspectivas, a composição poderia ser construída, inicialmente, com base em elementos de línguas-fonte (como o Latim e o Grego com relação ao Português) associados a elementos da língua em uso (com formas livres e/ou presas de um lado e de outro). Isso exigiria do falante um conhecimento razoável não só do funcionamento de cada uma dessas línguas, mas principalmente de como elas se relacionariam com a língua-alvo.

No caso das línguas da família linguística Tupí-Guaraní, nas quais a oralidade (sem uso efetivo do aspecto escrito) é ainda uma realidade predominante dos povos indígenas, logo, não há como recorrer a línguas-fonte, apesar de haver registros de línguas dessa família que datam do século XVI.

Já o segundo modelo de composição se refere a “uma combinação de duas palavras autônomas com relação à função gramatical na frase” (GUILBERT, 1975, p. 19, tradução nossa). Portanto, as combinações possíveis nessa tipologia são: verbo + substantivo; substantivo+ substantivo; substantivo + adjetivo. Mas, neste trabalho, adoto as combinações *nome + verbo* (ainda sem registros) e *nome + nome*, porque na língua Suruí nomes podem ser determinados por outros nomes: nome referencial, pronome pessoal ou pronome demonstrativo. Quando um nome é determinado por outro nome, a relação pode ser de natureza determinativa de uma propriedade ou de natureza possessiva.

▪ NOME + NOME

188 *ma'ea potawa*

maʔε-a Ø-pɔt-aw-a

coisa-ARG R<sup>1</sup>-ferver-NMLZ-ARG

‘o instrumento para cozinhar (ferver)’  
 ‘fogão’

Descreve-se com a forma genérica *ma'e* o objeto a partir de sua função.

189 *arupo*

aru            pɔ  
 sapo (esp.)   mão  
 ‘mão do sapo (esp.)’  
 ‘rastelo’, ‘garfo’

*Aru* é uma espécie de perereca que vive na água e é muito comum na região. Ela é verde, possui pernas e dedos alongados, comparados com os longos dentes do rastelo (ancinho) e do garfo.

190 *wyrahua tia*

wirahu-a            ti-a  
 pássaro (esp.)-ARG    bico-ARG  
 ‘bico do pássaro (esp.)’  
 ‘tesoura’

Segundo informação de Muretama e Tymykong, *wyrahu* é um pássaro grande (parecido com uma garça) com um bico bastante comprido e grosso, e que vive no rio. O movimento de abertura e fechamento do bico desse pássaro lembra o movimento de corte de uma tesoura. Variante: *tyrykwera munohokawa*.

191 *'ar-a kwahapara*

?ar-a    Ø-kwaha-par-a  
 dia-ARG    R<sup>1</sup>-saber-NMLZ-ARG  
 ‘o sabedor do dia’  
 ‘relógio’

É atribuída uma qualidade ao relógio, ter conhecimento do dia (mas também da noite, tanto que é possível substituir *ara* por *ipituna*).

– Derivação sintagmática

Neste tipo de neologia sintática, incluímos todos os dados que são:

[...] formações caracterizadas por uma transposição direta da sequência sintagmática de frase em unidade lexical sem nenhuma marca exterior da transformação que acontece essencialmente no plano do significado. [...] Nesta categoria podemos incluir os diversos tipos de locuções, verbais, adverbiais, preposicionais.

Trata-se, portanto, do tipo mais descritivo, mas não menos metafórico.

192 *akuti nami pe pytukawa*

akuti nami pe pituk-aw-a  
cutia ouvido dentro que.fura-NMLZ-ARG  
‘[o osso] que fura dentro do ouvido da cutia’  
‘laranja’

O osso que fica dentro do ouvido da cutia tem uma forma que se assemelha à da semente da laranja (mas também das frutas congêneres como limão e tangerina).

▪ Neologia semântica

Como o processo da neologia semântica se opera no âmbito dos traços ou semas, não há, a princípio, nenhuma alteração no significante do lexema. Além disso, segundo Guilbert (1975, p. 21), essa significação também se estabelece por meio da categoria gramatical no contexto sintático e pelo uso da língua no próprio contexto sociocultural do falante.

193 *so kytykawa*

so kitik-aw-a  
castanha ralar-NMLZ-ARG  
‘ralador de castanha’  
‘paxiúba’ → ‘liquidificador’

Descreve-se a principal função do objeto: ralar (esfregar) a castanha-do-pará, fruto de grande importância para a alimentação e para a economia do povo Suruí.

194 *ma'ea kytykawa*

maʔe-a akitik-aw-a  
coisa-ARG ralar-NMLZ-ARG  
‘ralador de coisa’  
‘liquidificador’

A forma mais antiga é *so kytykawa*, porque os mais velhos usavam o tronco da paxiúba como ralador de castanha-do-pará.

- 195 *taratirating*  
 taratiratiŋ-Ø  
 libélula-ARG  
 ‘libélula’  
 ‘helicóptero’

A associação entre o animal e o objeto está na semelhança da forma e do movimento rápido das asas da libélula com a forma e o movimento das hélices horizontais do helicóptero.

- 196 *tukurupipina*  
 tukurupipin-a  
 grilo-ARG  
 ‘gafanhoto’, ‘grilo’  
 ‘moto’

A palavra *tukurupipina* passou a designar também a motocicleta por esta ser percebida pelos Suruí como semelhante a um grilo ou gafanhoto.

▪ Neologia por empréstimo

Outro tipo de neologia, bastante comum em situações em que há contato linguístico, é o empréstimo, ou seja, retira-se um signo de seu contexto linguístico original e o transfere, com as devidas adaptações fonéticas, morfológicas (e/ou gráficas se a língua não for ágrafa). No caso da língua Suruí, os empréstimos mais comuns são tomados do Português.<sup>225</sup>

- 197 *Perěj*  
 peřej-Ø  
 Belém-ARG  
 ‘Belém’  
 ‘(cidade de) Belém’

<sup>225</sup> A língua portuguesa foi introduzida na comunidade Suruí logo após o contato há mais de 60 anos. Nesse período, o povo passou de uma situação de monolinguismo na língua Suruí a uma situação de bilinguismo com o Português. Atualmente, as novas gerações (com menos de 20 anos) já são monolíngues em Português, e poucos são os jovens capazes de, ao menos, compreender a língua de seus antepassados.

A palavra Belém, usada em Português, foi adaptada foneticamente para a língua Suruí, ou seja, houve a substituição da consoante oclusiva sonora pela sua homorgânica, ao mesmo tempo em que foi mantida a aproximante final (que é representado pela letra j)

Por fim, é possível constatar diante desses dados a grande importância dos processos de neologia para a língua Suruí, e como eles sinalizam que, mesmo em situação de vulnerabilidade linguística, o povo Aikewára, assim como muitos outros no mundo, pela manutenção de seu conhecimento, de sua história e de seu mundo.

### 10.2.3.2. A macroestrutura do dicionário da língua Suruí

Se, no caso de um dicionário eletrônico, a questão do ordenamento pode ser, de certo modo, até irrelevante, devido à existência de motores de busca eficientes que recuperam a informação de qualquer ponto do conjunto de dados e o apresentam estruturado para o usuário, o mesmo não acontece no caso dos dicionários impressos, cuja ordenação fixada é um ponto crucial para o sucesso (entenda-se aqui eficiência) da obra lexicográfica.

A macroestrutura de uma obra lexicográfica é, segundo Rey-Debove (1971, p. 21), “l’ensemble des entrées ordonnées, toujours soumise à une lecture verticale partielle lors du repérage de l’objet du message”.<sup>226</sup>

Nesse sentido, o estabelecimento de uma ordenação deve ser feito em função do público a que se destina o material e também das condições materiais de publicação da obra, sem esquecer, é claro, dos objetivos estabelecidos no próprio PDL que originou esse material.

Mas, não é difícil perceber que a forma mais conhecida de ordenação de um material lexicográfico, sobretudo dicionários, é ainda a que obedece à sequência de letras do alfabeto, tanto que, ao definir o termo *dicionário* como “[...] a book containing a selection of the words of a language, usually arranged alphabetically, with information about their meanings, pronunciations, etymologies, inflected forms, etc., expressed in either the same or another language” (The Macquarie Dictionary, 1997, p. 598 apud YONG & PENG, 2007, p. 2, grifo nosso),<sup>227</sup> essa forma de ordenamento é destacada como a mais usual.

Apesar de essa forma de ordenamento ser considerada por muitos como canônica, não é, porém, a única possibilidade de apresentação dos lemas, pois um dicionário pode ser

<sup>226</sup> Tradução: “o conjunto das entradas ordenadas, sempre submetido a uma leitura vertical parcial enquanto local do objeto da mensagem” (tradução nossa).

<sup>227</sup> Tradução: “um livro contendo uma seleção das palavras de uma língua, geralmente organizadas em ordem alfabética, com informações sobre seus significados, pronúncias, etimologias, formas flexionadas, etc., expressos na mesma ou em outra língua” (tradução nossa).

organizado com base em critérios semânticos, ou a partir da frequência de uso das palavras (do mais frequente para o menos frequente e vice-versa), das categorias gramaticais, entre outros. Ademais, até mesmo essa ordem alfabética clássica pode variar, sendo dada de duas maneiras:

[...] directa, esto es aplicando la alfabetización desde la primera a la última letra de cada palabra-entrada, o bien inversa, o lo que es lo mismo, realizando la alfabetización en sentido contrario, desde la última letra à la primera, lo que como se recordará, da nombre precisamente a los diccionarios inversos. (PORTO DAPENA, 2002, p. 178).<sup>228</sup>

Outra forma comum de ordenamento da macroestrutura de uma obra lexicográfica, encontrado com relativa facilidade no conjunto de UBL's das línguas indígenas brasileiras, é a que ordena os dados com base em critérios semânticos. Por exemplo, o *Pequeno Dicionário por Assuntos: Asuriní do Xingu/Asuriní de Trocará-Português*, de Nicholson (1982), o *Dicionário temático canela-krahô e português*, de Popjes e Popjes (1982) e o *Dicionário por Tópicos Urubu-Kaapor-Português*, de Kakumasu (1988). Em muitos desses materiais o ordenamento é feito em subconjuntos estabelecidos com base, por exemplo, em campos semânticos, ou seja, são estabelecidos grupos de palavras (em geral, ordenadas alfabeticamente) inseridas em conjunto de temas ordenados, por sua vez, por outros critérios nem sempre explicitados pelo(s) autor(es) do material.<sup>229</sup>

Nesse sentido, é importante destacar a importante contribuição do South American Indian Languages Documentation Project (SAILDP), de Kaufman, Berlin e Rodrigues (1985), por meio do qual foi proposto um extenso questionário ordenado onomasiologicamente totalmente voltado para a sistematização de dados de línguas indígenas. Na versão original desse questionário, ele continha grupos numerados organizados a partir dos seguintes grandes temas: mineral; relevo; hidrografia; água; clima; tempo (cronologia, estação); ar; fogo; existência; flora; planta, vegetal, hortaliça; árvore frutífera, fruto; erva; plantas rasteiras e trepadeiras; plantas magnoliófitas; plantas angiospermas; parentesco; idade; corpo; animal (geral); mamífero; ave; réptil e anfíbio; animal aquático; animal de pequeno porte; doença; sentido (visão); sentidos (audição, olfato e paladar); sentido (tato); miscelânea; forma (dimensões); qualidade, ação; comunicação (nome/ação); no rosto (nome/ação); poder/posse (nome/ação); religiosidade; diversão; quantidade, tempo; forma geométrica;

<sup>228</sup> Tradução: “[...] direta, isto é, aplicando a ordem alfabética da primeira à última letra de cada palavra-entrada, ou ainda inversa, o que é o mesmo, realizando o ordenamento alfabético em sentido contrário, da última letra até a primeira, o que, como se deve lembrar, dá nome exatamente aos dicionários inversos.” (tradução nossa).

<sup>229</sup> A título de exemplo, o dicionário de Nicholson (1982) possui os seguintes temas para os grupos, dentro dos quais são ordenados os itens lexicais: “Topografia, solos e terra, céu e corpos celestes, clima e temperatura, água, animais, plantas, tempo, numerais e quantidade, dimensões e forma”.

posição do corpo; movimento; meio de transporte; necessidade fisiológica; ingestão (de alimentos); alimento (tipo, preparo); lavar; guerra; moradia, práticas do cotidiano; vestuário; mão/pé (nome/ação); localização; gramática.<sup>230</sup>

Um documento como esse produzido pelo SAILDP pode ser uma importante referência no momento de se produzir dicionários que tenham macroestrutura ordenada por assuntos, haja vista que a proposta desse questionário lexical é resultado da experiência de seus autores, que realizaram pesquisas durante muitos anos junto a diferentes povos falantes de diversas línguas em várias partes do mundo. Dado o valor dessa proposta, ela foi inserida no programa Línguas a fim de permitir o ordenamento dos dados lexicais também por meio dela.

Feitas essas considerações acerca das possibilidades de ordenamento da macroestrutura dos materiais lexicográficos, passo a tratar especificamente da estruturação do dicionário da língua Suruí.

Para a proposta de dicionário apresentada neste trabalho, opto pelo uso da ordem alfabética como forma de ordenação dos verbetes, inicialmente porque se trata de um critério que, hoje, já é conhecido pela maioria dos Suruí que possuem alguma escolaridade<sup>231</sup> e que já tiveram contato com materiais lexicográficos em Português na escola da aldeia.

Nada impede, contudo, que sejam projetados outros materiais cuja ordenação seja estabelecida com base em critérios semânticos, sintáticos, pragmáticos ou outros.<sup>232</sup>

Desse modo, ao definir a ordem do dicionário a partir das letras do alfabeto latino como ponto de orientação da macroestrutura do material, inclusive com a mesma lógica de ordenação para todos os níveis (a primeira letra da entrada do verbete é quem rege a sua posição, porém, caso haja mais de uma forma com a mesma letra, passa-se imediatamente à segunda letras, e assim sucessivamente até não haver mais coincidência); não se resolveram ainda todas as questões acerca da ordenação da macroestrutura: na direção Português-Suruí, o ordenamento pelo alfabeto pode ser pleno, isto é, as 26 letras podem definir 26 grupos de verbetes (de A a Z); já na direção Suruí-Português, o ordenamento limita-se a 19 grupos de verbetes (cf. Capítulo 4 sobre a proposta de escrita para a língua Suruí), sendo que há entre

---

<sup>230</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre esse documento, cf. Lopes (2011).

<sup>231</sup> Estas primeiras versões do dicionário da língua Suruí são experimentais, mas já se entrevê o uso desse material, com os devidos ajustes, é claro, no contexto da escola Suruí, tanto para a leitura quanto para a escrita da língua.

<sup>232</sup> Como já mencionei, os dados armazenados no programa Línguas permite a construção automática de uma série de materiais lexicográficos com diferentes configurações de microestrutura e com diferentes possibilidades de ordenamento (cf. Capítulo 9 sobre a apresentação dessas propostas).

eles uma consoante glotal [ʔ], representada ortograficamente na língua Suruí pela aspa simples direita ( ' ). Como se trata de uma consoante oclusiva, sigo, neste dicionário, a mesma proposta de Cabral e Rodrigues (2003, p. xxiii) para o ordenamento da glotal no Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins: ela está posicionada logo após a também consoante oclusiva *kw*.

Há de se observar, todavia, que o ordenamento automático proposto pelo programa Línguas leva todas as palavras iniciadas por glotal nessa língua (ou seja, iniciadas com um sinal de pontuação) para a posição inicial da ordem, e que o deslocamento de todo esse grupo deverá ser feito manualmente nesta proposta.

### 10.2.3.3. A microestrutura do dicionário da língua Suruí

A microestrutura de uma obra lexicográfica é, segundo Rey-Debove, “[...] l’ensemble des informations ordonnées de chaque article, réalisant un programme d’information constant pour tous les articles, et qui se lisent horizontalement à la suite de l’entrée” (1971, p. 21).<sup>233</sup>

Nessa definição, fica claro que uma microestrutura de uma obra lexicográfica é organizada com diferentes componentes para fornecer informações sobre a palavra que está na posição de Lema. Deve-se considerar, no entanto, que essa definição apreende a microestrutura em sua virtualidade, ou seja, parte-se de uma estruturação mais abrangente possível dela, e, mesmo que os verbetes reais, no corpo do dicionário, por exemplo, não contenham exatamente todos os componentes descritos, o usuário, conhecendo a estrutura completa, facilmente interpretará formas e funções de todos os componentes que se apresentarem diante dele.

Completando essa informação, cito também outra perspectiva sobre a microestrutura apresentada por Hartmann & James (2002, p. 94)

The internal design of a reference unit. In contrast to the overall word-list (macrostructure), the microstructure provides detailed information about the headword, with comments on its formal and semantic properties (spelling, pronunciation, grammar, definition, usage, etymology). If the headword has more than one sense, the information is given for each of these (sublemma). Dictionaries vary according to the amount of information they provide, and how they present it in the text of the entry.<sup>234</sup>

<sup>233</sup> Tradução: “[...] o conjunto das informações ordenadas de cada verbete, realizando um programa de informação constante para todos esses verbetes, e que se lê horizontalmente após a entrada” (tradução nossa).

<sup>234</sup> Tradução: “O design interno de uma unidade de referência. Em contraste com a lista de palavras (macroestrutura), a microestrutura fornece informações detalhadas sobre a palavra-entrada, com comentários sobre suas propriedades formais e semânticas (grafia, pronúncia, gramática, definição, uso, etimologia). Se a palavra-entrada tem mais de um sentido, a informação é dada para cada uma delas (sublema). Dicionários variam

Já esses autores evidenciam algumas das informações que podem ser apresentadas em uma microestrutura, como grafia, pronúncia, gramática, definição, usos e etimologia.<sup>235</sup> Além disso, eles buscam associar a variação dos tipos de dicionários aos diferentes tipos de microestrutura.

A partir da análise de microestruturas das UBL's das línguas indígenas brasileiras (cf. Capítulo 7), foi possível constatar, além dos aspectos acima mencionados, algumas particularidades das configurações de uma microestrutura, tais como: apesar de, em geral, os Operadores se relacionarem ao Lema, alguns deles podem se relacionar ao Descritor e, mais raramente, ao componente Exemplo; mesmo sendo o Lema o componente ordenador de uma microestrutura, ele pode não representar o ponto de referência para todo o conteúdo do verbete, cabendo este papel, por exemplo, ao Descritor.<sup>236</sup>

Feitas essas considerações sobre a natureza da microestrutura de uma obra lexicográfica, passo ao tratamento da microestrutura do dicionário da língua Suruí.

No banco de dados da língua Suruí desenvolvido para o PDL desta tese, as informações armazenadas nele não apresentam ainda a configuração final nem da microestrutura nem da macroestrutura de uma obra lexicográfica específica, pois os campos criados no programa Línguas foram projetados para receber uma grande variedade de informações linguísticas e metalinguísticas acerca dos componentes do léxico, dos enunciados e até dos textos documentados da língua Suruí. Dessa maneira, tornou-se possível construir diferentes tipos de obras lexicográficas a partir de uma mesma base de dados linguísticos.<sup>237</sup>

Assim, uma vez concluídas as etapas de alimentação do banco de dados, análise da fonologia e morfossintaxe da língua Suruí e da sistematização dos modelos lexicográficos para essa língua, passei à fase de modelação e compilação da proposta em si do dicionário dessa língua da família Tupí-Guaraní.<sup>238</sup>

---

de acordo com a quantidade de informação que fornecem e como a apresentam no texto do verbete.” (tradução nossa).

<sup>235</sup> Com exceção da definição, todos os demais componentes citados nessa lista foram denominados, neste trabalho, Operadores. Já a definição foi denominada Descritor. (cf. Capítulo 7).

<sup>236</sup> Essa situação pode ocorrer em situações de o Descritor, os Operadores e o Exemplo estarem todos na língua indígena e somente o Lema na língua não indígena. Nesse caso, seu papel pode ser apenas o de ordenador da macroestrutura.

<sup>237</sup> A inserção dos dados no programa Língua não segue nenhuma ordem predefinida, pois o programa permite o registro dos termos de maneira aleatória (no sentido de não exigir, por exemplo, a obediência a uma ordem alfabética ou por assunto), cabendo, assim, ao próprio sistema ordenar os conjuntos de informações que forem sendo inseridos de acordo com o material a ser produzido a partir dele.

<sup>238</sup> Denomino modelação de uma obra lexicográfica toda a reflexão acerca do projeto de construção do material, ou seja, da seleção de conteúdos ao projeto gráfico a ser usado na versão impressa ou digital da obra. Já compilação se refere à aplicação dessa modelação aos dados reunidos na base lexical a fim de gerar (automaticamente ou não) o material em si.

Quanto à modelação da proposta, ela foi planejada e executada ao longo do projeto, e está sendo apresentada neste capítulo, já a compilação, ele deve ocorrer de modo automático, baseado no recurso de geração de materiais do programa Línguas.<sup>239</sup>

Assim, por se tratar de um dicionário da língua Suruí que terá duas direções, ou seja, da língua Suruí para o Português e do Português para o Suruí, foi necessário decidir que tipos de modelos seriam mais adequados para cada um deles.

No primeiro caso, em que o Lema é ocupado pela língua Suruí, acredito que as possibilidades de utilização de Operadores seja maior, haja vista ser ela a língua objeto deste estudo. Por isso, dentre os modelos apresentados no Capítulo 9, selecionei os do tipo MODO e MODOE, por serem as estruturas que melhor se adequam aos dados coletados pela pesquisa da língua Suruí e já armazenados no programa de banco de dados. Além disso, há de se destacar que a opção por dois modelos, cuja diferença está apenas no componente Exemplo, se deve em virtude de haver entradas do dicionário que ainda não possuem exemplos registrados. Logo, partindo desse modelo, proponho a seguinte EML para orientar a construção da proposta de microestrutura do dicionário na direção Suruí-Português:

$$\text{LId: Fn, Gr, Hm, Rm, Vr \{DPt (Na, Vr) (-DLt) [EId/EPt]\}}^{240}$$

Dentre os Operadores já observados e descritos no Capítulo 7, selecionei aqueles que considerava mais relevantes para constituir a proposta atual. Assim, relacionados ao LId estão Fn, Gr, Hm, Rm e Vr; ao DPt, apenas o Operador Na; e aos componentes DLt, EId e EPt, nenhum Operador.

Já a proposta para o dicionário com a direção Português-Suruí não requer todos os elementos do modelo usado na primeira proposta, por colocar o Português na posição de Lema, dispensando, por exemplo, o Operador Fn. Assim, proponho o uso dos modelos MOD e MODE, com a seguinte configuração de EML:

$$\text{LPt: Na, Rm, Vr \{DId (Hm, Vr) (-DLt) [EPt/EId]\}}^{241}$$

<sup>239</sup> Essa programação implica na construção de um novo modelo de dicionário, que pode ser feito a partir de um dos arquivos já existentes configurados para esse fim. Para realizar essa configuração personalizada, na atual versão do programa Língua, é necessário possuir algum conhecimento sobre banco de dados, programação de macros do tipo VBA para Microsoft Office e também uso de mala-direta personalizada.

<sup>240</sup> Apresento, por uma questão de economia, apenas a EML do modelo MODOE, mas deve-se considerar que ela já comporta todos os elementos do modelo MODO.

<sup>241</sup> A mesma justificativa apresentada na nota 239 vale para esse novo contexto. Assim, considero que a descrição do modelo MODE já contempla os elementos do modelo MOD.

Nesse modelo, há três Operadores, o Na, o Rm e o Vr, relacionados ao LPt; os Operadores Hm e Vr relacionados a DId, DLt; enquanto os componentes EId e EPt não recebem nenhum Operador.

É importante esclarecer que a decisão por esses modelos lexicográficos também está baseada em um dado observado no capítulo 9 em que analisei as UBL's das línguas indígenas brasileiras: os modelos MODO/MODOE e MOD/MODE são os que contêm as mais altas taxas de ocorrência no conjunto das UBL's do tipo *dicionário*.

Essas microestruturas tanto da primeira quanto da segunda proposta podem ser geradas e ordenadas automaticamente para cada um dos materiais, a partir dos recursos do programa Línguas. A seguir, passo à descrição de cada uma dessas propostas.

#### 10.2.3.3.1. A microestrutura do dicionário Suruí baseada no modelo MODOE<sup>242</sup>

Ao decidir pelo uso de determinado modelo para apresentação da microestrutura de uma obra lexicográfica, deve-se ter em mente que se trata de uma proposta sujeita a variações na forma quando de sua utilização na obra em si. Nesse sentido, um componente como o DLt somente poderá ocorrer em verbetes relacionados a nomes de animais e plantas.

Antes de passar à apresentação dessa proposta, é importante esclarecer ainda que a denominação *bilíngue* atribuída a esse dicionário pode estar sujeita a discussão, pois, ao envolver um Descritor, o DLt, que ocorre apenas eventualmente, não estaria incorreto afirmar que a obra tem um caráter multilíngue.

Conforme apresentado acima, essa microestrutura para o dicionário da língua Suruí contém um conjunto de elementos inter-relacionados, segundo estabelecido na modelação desse material. A fim de demonstrar ainda com mais clareza as relações dessa estrutura, retomo os componentes da EML e apresento-a sob a forma de um gráfico, destacando, principalmente, a hierarquia existente entre esses componentes (cf. Figura 237).

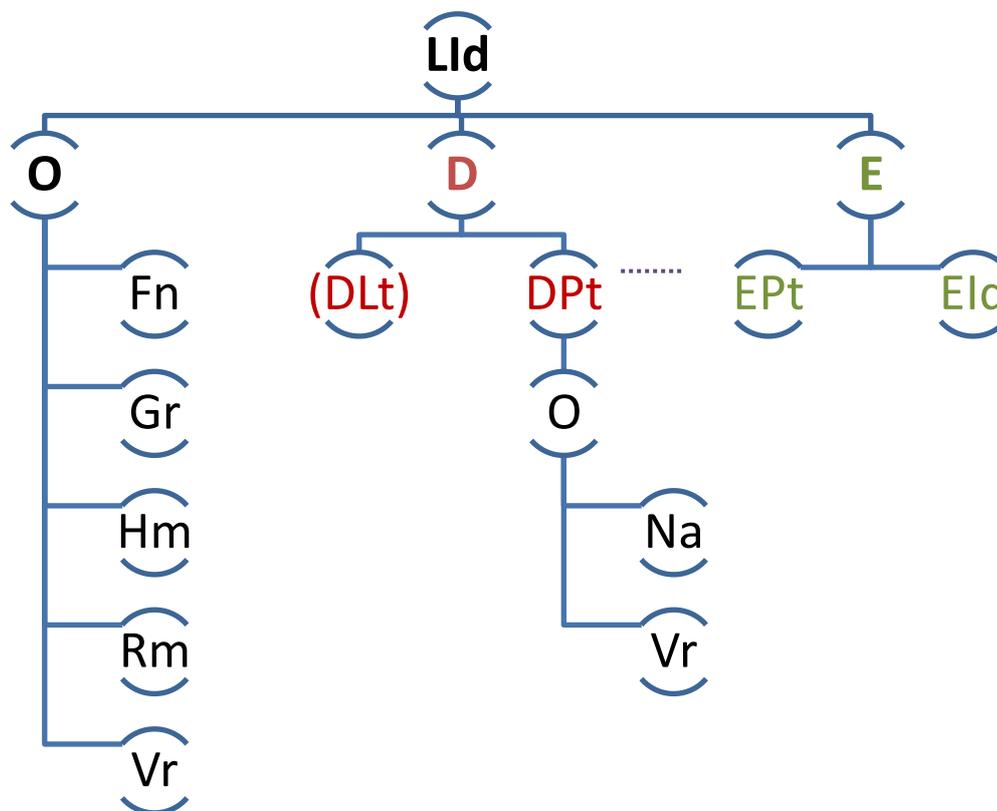
Uma vez estabelecido o modelo e sua EML, passo a descrever a forma de cada um dos componentes da microestrutura do dicionário da língua Suruí.

As unidades lexicais da língua Suruí serão colocadas na posição de Lema do verbete, também é denominada *entrada* ou *cabeça do verbete*, e será apresentada sempre em negrito, com o tipo Times New Roman, tamanho 13, com recuo de 0,25cm a partir da segunda linha.

---

<sup>242</sup> Doravante, menciono apenas o maior modelo usado em cada dicionário, mas considerando as observações feitas nas notas 240 e 241.

FIGURA 237 – ESQUEMA DA MICROESTRUTURA MODOE PARA O DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ



O primeiro Operador a ser usado na microestrutura pode ser o do tipo Hm, inserido junto ao LId na forma sobrescrita. Como sua função é marcar a ocorrência de formas homônimas, seu uso restringe-se a essas situações.

Já as formas variantes (de forma e de sentido) serão apresentadas logo após a entrada, destacada entre parênteses e antecedida pelo sinal diacrítico til (~). Há de se destacar que, até o ponto alcançado pela pesquisa, poucas formas variantes foram identificadas.

Quanto ao Operador Fn, relacionado a registros de pronúncia no verbete, é representado, nesta proposta, pela forma fonológica da língua. Utilizando o alfabeto fonético internacional, ele é colocado entre barras oblíquas, logo após o LId ou o Operador Vr, se este constar no verbete. A principal função desse Operador, neste dicionário da língua Suruí, é atender a um público especializado de linguistas e antropólogos, mas que pode ser perfeitamente usado pelos próprios falantes da língua Suruí ou os que estiverem aprendendo essa língua, principalmente as pessoas mais jovens da comunidade que estejam ainda na escola.

Outro importante item dessa microestrutura é a indicação da categoria gramatical do LId. Apresentado de forma abreviada e em itálico, é colocado logo depois do Operador Fn.

Antes da apresentação do dicionário, apresento a lista completa de abreviaturas usadas no interior dos verbetes.<sup>243</sup>

O último Operador relacionado diretamente ao LIId é o do tipo Rm. Este Operador é colocado sempre no final do verbete, e apresenta a seguinte configuração: um marcador na forma de uma figura quadrada precede a palavra Suruí *eisag* ‘ver’ e, depois dela, há uma seta apontando para a direita. Esse Operador deve ser usado para remeter, por exemplo, a formas hiperônimas ou hipônimas (do verbete *katinkwer* ‘veado-virá’ para o verbete *misar* ‘veado’), mas também a formas que se relacionem para constituir um agrupamento (do verbete ‘og ‘casa’ para ‘ogete ‘casa tradicional’ e *tapyj* ‘tapiri’).<sup>244</sup>

Outro importante componente da microestrutura é o Descritor, que, nesse modelo, envolve duas línguas, o Português, que é de uso obrigatório nessa proposta, e o Latim, que só será usado para indicar o nome científico de plantas e animais. O DPt é apresentado sem nenhum efeito gráfico, logo após o Operador Gr. Já o DLt, quando usado, deve vir sempre com efeito itálico, seguindo ou o DPt ou o Operador Na.

O DPt se relaciona com dois Operadores nessa proposta, um do tipo Na e outro Vr; o primeiro tem a função de completar ou especificar a informação contida nesse Descritor; já o segundo pode conter variantes de forma ou de sentido. Esses Operadores sempre são apresentados entre parênteses logo após o DPt.

Os dois últimos componentes dessa microestrutura são EId e EPt. O primeiro é precedido pela palavra *ajnon* ‘exemplo’ seguida de dois pontos. Apenas o EPt é destacado com efeito itálico e ele vem logo após o EId. Como já comentei, a informação presente se refere a enunciados na língua Suruí, colhidos em textos de diferentes gêneros, desde conversas até cantos e mitos. Além disso, há enunciados que foram produzidos especificamente para serem usados no contexto do dicionário.

Concluídas essas explicações, apresento, a seguir, alguns exemplos de microestruturas extraídas do dicionário da língua Suruí.

---

<sup>243</sup> Como a língua Suruí não marca nos nomes a informação de gênero (masculino, feminino ou neutro), a informação a ser acrescida na abreviatura da categoria nome (*n.*) é a que se refere ao tema da palavra (cf. subseção 6.1 referente à morfologia da língua Suruí).

<sup>244</sup> Mesmo neste caso de agrupamento existe também a possibilidade de se perceber uma relação de hiperonímia.

FIGURA 238 – EXEMPLO 1 DE MICROESTRUTURA USADA NO DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ

katinkwer (~ pakwohow) /katiŋwɛɾ/ *n.III* veado-catingueiro  
(veado-virá), *Mazama gouazoubira*. ▪ Eisag → misara

FIGURA 239 – EXEMPLO 2 DE MICROESTRUTURA USADA NO DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ

ma'esawar /maʔesa'war/ *n.III* cachorro. Ajnon: unupo  
ma'esawara *ele bate no cachorro* ▪ Eisag → sawar

FIGURA 240 – EXEMPLO 3 DE MICROESTRUTURA USADA NO DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ

suka /su'ka/ *v.tr.* matar. Ajnon: pehe puta pesuka ma'ea  
peshow? *vocês vão matar aquelas caças?*; aha puta ri'a  
isukaw tasahuamu *talvez eu mate um porcão*; esuka puhi  
*não mata ele*

Apesar de os três exemplos apresentarem EML's diferentes: 1) LId: Fn, Gr, Rm, Vr {DPt (Vr)}; 2) LId: Fn, Gr, Rm {DPt [EId/EPt]} e 3) LId: Fn, Gr {DPt [EId/EPt]}, todas elas têm em comum o fato de terem se baseado na EML principal da proposta para o dicionário da língua Suruí.

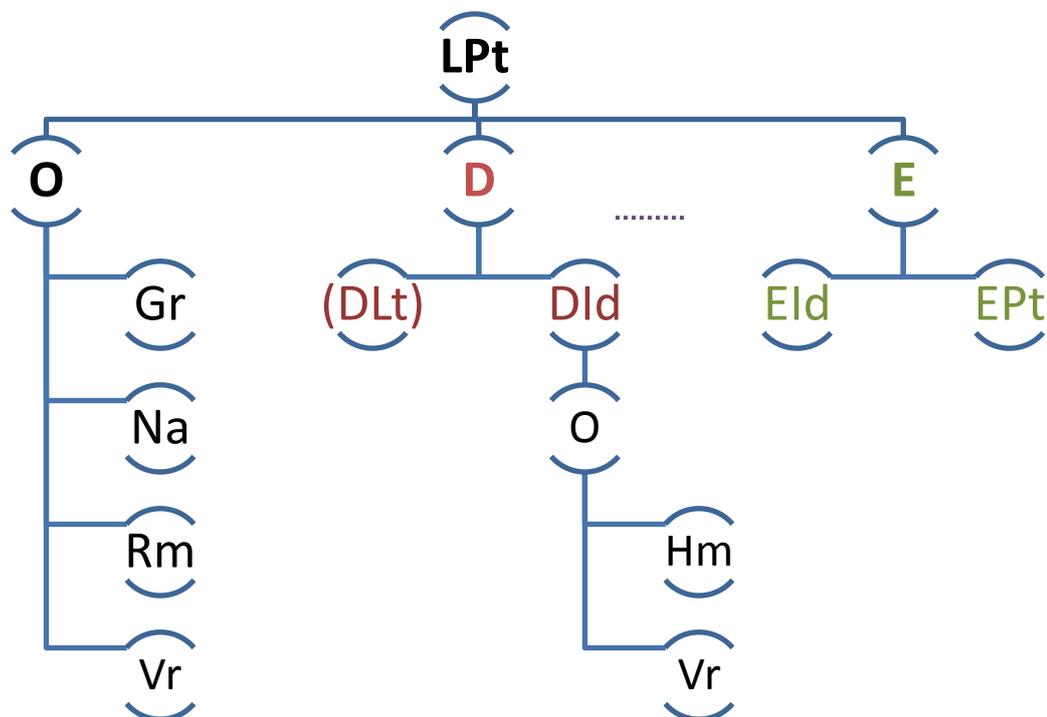
#### 10.2.3.3.2. A microestrutura do dicionário Suruí baseada no modelo MODE

Ao propor a construção do dicionário na direção Português-Suruí, conforme tratado no início do subcapítulo, decidi pela adoção de um modelo lexicográfico diferente do adotado para a direção Suruí-Português, por considerar que essa mudança de língua usada na posição de Lema tem implicações em toda a microestrutura do material a ser produzido.

Destaco que a mesma base de dados lexicais armazenada no programa Línguas e usada para construir a primeira versão do dicionário também foi a que usei para a construção desta outra proposta de dicionário.

Baseado na EML apresentada para esse dicionário, apresento, a seguir, a sua esquematização, tal como fiz para a proposta anterior:

FIGURA 241 – ESQUEMA DA MICROESTRUTURA MODE PARA O DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ



Com uma estrutura composta por menos itens que a primeira, este dicionário leva o Português para a posição de Lema (LPt). Sendo bem mais útil para não falantes da língua Suruí, como é o caso de não indígenas, ele também encontra espaço na comunidade Aikewára, principalmente entre os mais jovens, os quais têm o Português como primeira língua.<sup>245</sup> A seguir, descrevo cada um dos componentes envolvidos nessa proposta.

O primeiro dos componentes dessa versão do dicionário Suruí é o LPt, destacado com efeito negrito, à semelhança da proposta anterior.

Relacionados ao Lema estão os Operadores Na, Rm e Vr; este último apresenta formas variantes (de forma e de conteúdo) da palavra posta na posição de Lema, como, por exemplo, o registro da palavra libélula possui uma variante usada na comunidade Suruí, que é lavadeira, logo o registro de ambas pode ser útil para essa comunidade; já o Operador Na, contém informações que complementam ou detalham a informação dada no Lema. Esses componentes vêm sempre colocados entre parênteses; o Operador Rm, por sua vez, aparece no final do verbete e pode ser identificado pela palavra Ver precedida por um marcador e seguida por uma seta voltada para a direita.

<sup>245</sup> Como o foco desse dicionário não é a língua portuguesa, acredito não haver, nesse momento, necessidade de inserir a transcrição fonética ou a forma fonológica das palavras em Português.

Com relação aos Descritores, o principal deles é na língua Suruí (DId), e só ele recebe Operadores (Hm e Vr). Mantive o uso do Operador Hm nesse contexto a fim de auxiliar a pesquisa de uma palavra que estiver como DId no dicionário Suruí-Português, remetendo-a à sua forma de Lema (LId) no dicionário Português-Suruí, estabelecendo, assim, certa interdependência entre eles. Já com relação ao outro Descritores, o DLt, ele só pode constar no caso de nomes de animais e plantas. Apenas este último vem destacado com efeito itálico na microestrutura.

Por este dicionário ter sido gerado com a mesma base de dados do anterior, os exemplos usados neste contexto apenas mudam de posição, ou seja, se antes seguiam a ordem EId-EPt agora o Exemplo em Português passa a ser o primeiro. Do mesmo modo, o que vem destacado nesta nova proposta é a parte na língua Suruí.

Concluída a descrição das duas microestruturas a serem usadas no dicionário da língua Suruí e antes de passar às propostas dos dicionários, algumas observações são necessárias. A primeira delas diz respeito à nomenclatura do tipo das duas UBL's propostas. Ambos os materiais serão denominados, aqui, *dicionário*, apesar de, no contexto dos materiais lexicográficos das línguas indígenas brasileiras serem comuns as situações em que o material que tem o Lema na língua indígena receber essa denominação, enquanto o seu reverso ser chamado de vocabulário, léxico ou índice. Certamente a variedade do Português usada na construção deste dicionário é a mais próxima da que é efetivamente usada pelos Suruí no seu dia a dia, o que pode causar certo estranhamento a pessoas não habituadas a essa variedade. No entanto, como o material tem como público os falantes dessa comunidade, são as suas demandas que devem ser atendidas em primeiro lugar. Além disso, os Lemas em Português são glosas para compreensão da língua Suruí. Nesse caso, por exemplo, o verbete para *iapina* tem como glosa 'cabeça dele' e essa mesma forma é levada para a posição de Lema no dicionário com a direção Português-Suruí. Só isso já demonstra o quanto esse dicionário difere, por exemplo, de um dicionário monolíngue tradicional em Português.

Uma última observação diz respeito ao uso dos termos em Latim no DLt. Certamente é necessário investigar mais cada espécie animal e vegetal que é denominada na língua Suruí, a fim de estabelecer com a maior precisão possível essa nomenclatura científica, mas, para isso, vai ser necessário obter assessoria especializada nas respectivas áreas para definir toda essa biotaxonomia. Ademais, mesmo em Português a atribuição de um nome de determinada espécie animal ou vegetal não é tarefa fácil, porque há, por exemplo, ao lado da palavra *tahyw* 'formiga', várias outras para designar diferentes espécies, como *ta'og*,

*tahywun, tahywarem, tahywa purupir piw'e*, e não consegui encontrar, até o momento, todas as formas em Português para nomeá-las; nestes caso, uso o hiperônimo seguido da observação abreviada 'espécie'. Feitas essas considerações sobre a microestrutura da segunda UBL, ilustro com alguns verbetes extraídos do dicionário Português-Suruí essa proposta:

FIGURA 242 – EXEMPLO 1 DE MICROESTRUTURA USADA NO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-SURUÍ

bonito (ele é) *n.descr.* (bem feito) *iaruw* (aruaru). Ex.: casa bem feita *'oga iaruaru*; o que é bonito *iaruaruwa'e*; ele canta bonito *use'engar iaruwa'e*; eu cuido do meu filho pra ele ficar bonito *ise asemu'an reko wememyra re tawaruwete*

FIGURA 243 – EXEMPLO 2 DE MICROESTRUTURA USADA NO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-SURUÍ

buritizeiro *n.m.* *myriti 'ywa*, *Mauritia/Mauritiella*. Ex.: vocês carregaram a tora do buritizeiro *pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa*. ▪ Ver → árvore

FIGURA 244 – EXEMPLO 3 DE MICROESTRUTURA USADA NO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-SURUÍ

cai/caiu<sup>1</sup> *v.intr.* *u'ar<sup>1</sup>*. Ex.: eu quase caí *a'ar werew*; ele vai cair *u'ar puta*; ele caiu da árvore *u'ar 'ywetewi*; nós caímos *uru'ar*; eu estava correndo e caí *wesowesona a'ar*; ele caiu lá de cima do galho da árvore *'ywa rokowi i'ar*. ▪ Ver → cai/caiu<sup>2</sup>

Apesar de os três exemplos apresentarem EML's diferentes: 1) LPt: Gr, Vr {DId (Vr) [EPt/EId]}; 2) LPt: Gr, Rm {DId(-DLt) [EPt/EId]} e 3) LPt: Gr, Hm, Rm {DId (Hm) [EId/EPt]}, todas elas têm em comum o fato de terem se baseado na EML principal da proposta para o dicionário Português-Suruí.

### 10.3. DICIONÁRIO SURUÍ-PORTUGUÊS

A primeira proposta de dicionário da língua Suruí que apresento neste capítulo é aquela com a direção Suruí-Português (cf. subseção 10.2.3.2.1). Com verbetes distribuídos em

uma coluna, o dicionário está organizado alfabeticamente, com separadores em cada um dos grupos de letras.<sup>246</sup>

As informações acerca da ortografia e da fonologia da língua Suruí já foram apresentadas, respectivamente, nos capítulos 4 e 5 desta tese. Já as abreviaturas usadas no corpo do dicionário são apresentadas abaixo.<sup>247</sup>

TABELA 84 – ABREVIATURAS USADAS NO DICIONÁRIO SURUÍ-PORTUGUÊS

ABREVIATURA	PROPRIEDADE GRAMATICAL
<i>adv.</i>	advérbio
<i>n.</i>	nome
<i>n.descr.</i>	nome descritivo
<i>n.Ia</i>	nome de classe Ia
<i>n.Ib</i>	nome de classe Ib
<i>n.IIa</i>	nome de classe IIa
<i>n.IIb</i>	nome de classe IIb
<i>n.IIc</i>	nome de classe IIc
<i>n.IId</i>	nome de classe IId
<i>n.III</i>	nome de classe III
<i>num.</i>	numeral
<i>part.</i>	partícula
<i>pron.</i>	pronome
<i>posp.</i>	posposição
<i>pron.dep.</i>	pronome dependente
<i>v.</i>	verbo
<i>v.intr.</i>	verbo intransitivo
<i>v.tr.</i>	verbo transitivo
<i>voc.</i>	vocativo

Destaco, enfim, que o dicionário a seguir é, ainda, uma proposta em construção, que deve sofrer modificações até chegar à sua versão definitiva impressa e que deverá ser usada pelo povo Suruí.

<sup>246</sup> Esclareço que tanto a separação dos diferentes grupos por letra quanto os próprios separadores entre eles foram adicionados manualmente, pois o programa Línguas, até a atual versão 3.9 ainda não é capaz de realizar esse tipo de configuração personalizada de forma automática.

<sup>247</sup> Apesar de a tese já apresentar na sua parte pré-textual todas as abreviaturas usadas nela, acredito ser útil inserir aqui uma lista apenas com as abreviaturas usadas no corpo do dicionário, porque isso facilita de alguma forma o trabalho do consulente da obra.

# DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS (AIKEWÁRA)

<i>Direção</i>	Suruí do Tocantins (LId) – Português (DPt)
<i>Quantidade de entradas</i>	1134 <sup>248</sup>
<i>Ordenamento das entradas</i>	alfabético
<i>Conjuntos de letras</i>	a e h i k kw ' m n o p r s t u w y
<i>Modelos-base</i>	MODO, MODOE
<i>Expressão da microestrutura lexicográfica (EML)</i>	LId: Fn, Gr, Hm, Rm, Vr {DPt (Na, Vr) (-DLt) [EId/EPt]}
<i>Programa utilizado no tratamento dos dados</i>	Línguas – Banco de Dados para Documentação Linguística (versão 3.9)

<sup>248</sup> A versão do *Dicionário da língua Suruí do Tocantins (Aikewára)* apresentada nesta tese possui apenas uma amostra do léxico dessa língua.

## A

a'e /a'ʔɛ/ *pron.* esse. Ajnon: amonog a'epe 'ywa *eu vou cortar essa árvore.* ▪ Eisag → aiko

a'ete (~a'eete) /a'ʔɛ'tɛ/ *n.III* jiboia, *Boa constrictor*. Ajnon: a'ete purumukuna'e *a jiboia engole gente*; a'ete upurumomomona'e *a jiboia enrola gente.* ▪ Eisag → mosa

a'eteterona (~ipewara) /a'ʔɛtɛtɛ'rɔna/ *n.III* sucuri, *Eunectes murinus*. ▪ Eisag → mosa

a'wera /a'ʔwɛra/ *n.III* espírito. Ajnon: a'wera usesaukar purupe *o espírito aparece pra gente*; awapituo wesag sepi a'wera *tem gente que vê espírito.* ▪ Eisag → ywyterera, asomera

a'yra /a'ʔira/ *n.IIa* filho de alguém, (homem falando)

ahekwahawa /ahɛkwa'hawa/ *n.Ia* paladar de alguém, sentir gosto

ahuma'e /ahuma'ʔɛ/ *n.descr.* cabelo liso

ahy (~ma'eahy) /a'hi/ *n.IIa* dor, doente, doído, picante. Ajnon: sene rahy *nós (estamos) doentes/doídos*; na ahywi *ninguém (está) doente*; ne memyra ahy pa'e? *você está sentindo dor para ter filho?*; ti ati'ywa ahy *meu ombro está doendo*; emahymahy puhi *ke não deixe (a comida) picante*

aikwesa /as'kwɛsa/ *pron.* aquele. Ajnon: aikwesa pa'e ne rejmawa *aquele xerimbabo é teu?*; aikwesa ipewhua pa'e ne rejmawa *ete aquele pato é teu, mesmo*; aikwesa use'eng ti rehe oko *ele falou (mal) de mim*

aiko /ai'kɔ/ *pron.* esse. Ajnon: aiko na amonowi ne upe *esse eu não dou para você.* ▪ Eisag → a'e

aiko ku'em kwera re /ai'kɔ ku'ʔɛm 'kwɛrɛ 'rɛ/ *adv.* ontem (antes de). Ajnon: aiko ku'em kwera re ikyr amona *antes de ontem choveu (a chuva)*; aiko ku'em re rako asowewahem wetoga pupe *antes de ontem eu cheguei em casa*

aiko ku'ema re (~aiko ra'e wehe) /ai'kɔ ku'ʔɛma 'rɛ/ *adv.* amanhã (depois de). Ajnon: aiko ku'ema re puta amomomomon bola wehow *depois de amanhã eu vou jogar bola*; aiko ra'e wehe puta aha ikaw so *depois de amanhã eu vou coletar castanha-do-pará*

aiko re /ai'kɔ 'rɛ/ *adv.* hoje. Ajnon: aiko re rako aesag akuma'e *hoje eu vi este homem*

aiko re wehe (~aiko ra'e wehe) /ai'kɔ rɛ wɛ'hɛ/ *adv.* ontem. Ajnon: aiko re wehe rako aesag akuma'e *ontem eu vi este homem*; aiko re wehe ituri *ele chegou ontem*; aiko re wehe pa'e pesor? *vocês chegaram ontem?*; aiko re wehe ikyr *choveu ontem*; aiko ra'e wehe rako asepurakar wehow *ontem eu fui caçar no mato*

aimi /ai'mi/ *pron.* aqueles. Ajnon: aimi wyra'yra remi ti rejmawa *aquelas galinhas são meus xerimbabos*

aipe /ai'pɛ/ *adv.* lá. Ajnon: ise aapyg aipe *eu sentando lá*

aity /ai'ti/ *n.III* vespa (esp.)

aj'aw /as'ʔaw/ *adv.* aí. Ajnon: aj'aw pa'e? *é aí?*; ene ereapyg aj'aw *tu sentando aí*

ajnon /as'nɔn/ *adv.* assim, isso mesmo

aka'u /aka'ʔu/ *n.III* cacau. Ajnon: aka'ua iputyrame *o cacau tá florando*; aka'ua putyra uruapo i'u *a flor do cacau nós fazemos e bebemos*

akara /aka'ra/ *n.III* acará, *Ciclídeos*

akara'i /akara'ʔi/ *n.III* carazinho, *Geophagus brasiliensis*. ▪ Eisag → ipira

akarapew /akara'pɛw/ *n.III* acarapeba. ▪ Eisag → ipira

akararona /akara'rɔna/ *n.III* tucunaré, *Cichlao cellaris*. ▪ Eisag → ipira

akaratinga /akara'tiŋa/ *n.III* cará branco. ▪ Eisag → ipira

akasuhua /akasu'hua/ *n.III* cajuaçu (época de)

akasu'u /akasu'ʔu/ *n.III* caju

akatikating /akatika'tiŋ/ *n.III* cedro

akojtimahawa /akɔstima'hawa/ *n.IIIa* estojo peniano de alguém

akowoj /akɔ'wɔs/ *n.III* sapo (esp.)

akuma'ea /akuma'ʔɛa/ *n.III* homem. Ajnon: akuma'e akuraete *homem gordo*; aiko re wehe rako aesag akuma'e *ontem eu vi este homem*; moron puta pe akuma'e ihoj osuna? *quantos homens vão correr?*

akuti /aku'ti/ *n.III* cutia, *Dasyprocta*, *Dasiproctídeos*. Ajnon: ma'esawara usonetewa'e upyhyg akutia *o cachorro corredor pegou a cutia*

akutia nami pe pytukawahu /aku'tia na'mi 'pɛ pɪtukawa'hu/ *n.III* laranja-da-terra, laranja grande. Ajnon: akutia namy pe pytukawahu haj *a laranja-da-terra (é) azeda*

akutia namy pe pytukawa /akutia nami pupɛ kutu'kawa/ *n.III* laranja, limão, *Citrus aurantium*, *Citrus limon*. Ajnon: apyter akuti nami pe pytukawa *eu chupei a laranja*

akutia namy pe pytukawa 'ywa /akutia nami pɛ pɪtu'kawa 'ʔiwa/ *n.III* laranjeira, limoeiro

akuw /a'kuw/ *n.descr.* quente

akuwetuwetun /akuwetuwɛ'tun/ *n.descr.* morno

akuwoto /akuwɔ'tɔ/ *n.III* calor forte

akwakwaraioko /akwa'kwara iɔ'kɔ/ *n.III* feixe de lenha

akwara /a'kwara/ *n.IIa* rosto de alguém. Ajnon: ti reakwara iakym *meu rosto está molhado*

akyky ehyra /akiki ɛ'hira/ *n.III* mel de uruçú

akyky porong /aki'ki pɔ'rɔŋ/ *n.III* uacari-vermelho, *Cacajaocalvus rubicundus*

akykya /aki'kia/ *n.III* guariba, *Alouatta guariba guariba*

ama'ywa /ama'ʔiwa/ *n.Ia* esôfago de alguém. Ajnon: ti ama'ywa rupi *pelo meu esôfago*; ti surua rupi raypy imunehe, amono we ama'ywa rupi *pela minha boca primeiro, depois eu mando pelo esôfago*

amamaj /ama'mas/ *n.III* samambaia

ame'a /ame'ʔa/ *n.Ia* testículos de alguém. Ajnon: ame'auhu *testículos grandes*; ame'a ahy *doem os meus testículos*

amerewa /ame'rɛwa/ *n.III* osga, *Hemidactylus mabouia*. Ajnon: amerew useupir 'oga *re a osga sobe na casa*

amoata /amɔa'ta/ *n.III* tamuata, *Callichthys callichthys*. ▪ Eisag → ipira

amona /a'mɔna/ *n.III* chuva. Ajnon: amona yruyrona *a chuva é fria*; aiko ku'em kwera *re ikyr amona antes de ontem choveu (a chuva)*

amona tymy /a'mɔna ti'mi/ *n.III* temporal

amonamu /a'mɔnamu/ *n.III* chuva (quando for a época de), inverno

amonime /a'mɔni'mɛ/ *n.III* tempo de chuva, inverno

amonisu 'ywa /amɔni'su 'ʔiwa/ *n.III* algodoeiro

amonisua /amɔni'sua/ *n.III* algodão

- amuj /a'mus/ *n.Ia* avô. Ajnon: ti ramusa oko wehe *meu avô está vivo*
- amupong /amu'pɔŋ/ *n.III* tambor
- amutehe /amutɛ'hɛ/ *pron.* outro, diferente. Ajnon: ko amutehe *outra roça*
- amutining /amuti'niŋ/ *n.III* maracá estalante
- amymyjtymy /ami'mis ti'mi/ *n.III* tempo nublado
- anako /ana'kɔ/ *n.III* papagaio (esp.)
- anisu /ani'su/ *n.III* calango
- anuhu /anu'hu/ *n.III* anu. ▪ Eisag → wyra
- anuhupituna /anuhupi'tuna/ *n.III* anu preto, anum, *Cuculídeos, Crotophaga/Guira*
- anusa /anu'sa/ *n.III* rato
- anyra /ani'ra/ *n.III* quero-quero, *Vanellus chilensis*
- apehawa /apɛ'hawa/ *n.III* redor (ao redor). Ajnon: 'og uapehaw *ao redor da casa*
- apimuku (~arawawa) /apimu'ku/ *n.III* cobra-d'água, *Colubrídeos, Aquelas, Helicops*. ▪ Eisag → mosa
- apiryrua /apiri'ru/ *n.III* chapéu de alguém, boné. Ajnon: iapiryrua u'aiko ywete *o boné está pendurado no alto*
- apu'a /apu'ʔa/ *n.descr.* redondo. Ajnon: kuipia iapu'a *a cuiá é redonda*; tehahua iapu'a *o tucum é redondo*; akutia nami pe pytukawa iapu'a *a laranja é redonda*
- apyakwara /apia'kwara/ *n.Ia* ouvido de algo ou de alguém
- apyj /a'pis/ *n.Ia* narina de algo ou de alguém. Ajnon: ti apyj myk *minha narina (está) entupida*
- apykawa /api'kawa/ *n.III* banco
- ara /'ara/ *n.III* claro, dia. Ajnon: aiko ara re wehe rako *então outra vez passou o tempo*; 'arimu *pelo dia*
- ara hemawa /'ara he'mawa/ *n.III* leste, onde o sol nasce
- ara kwahapara /'ara kwaha'para/ *n.III* relógio. ▪ Eisag → ipituna kwahapara
- ara seaupira amujete /ara seau'pira a'mus ɛ'tɛ/ *n.III* manhã (até 10h aprox.)
- ara sipawa /'ara si'pawa/ *n.III* oeste, onde o sol se põe

arakuri /araku'ri/ *n.III* saracura

aramewa'e /aramewa'ʔɛ/ *n.III* recém-nascido

aramuru 'ywa /aramu'ru 'ʔiwa/ *n.III* favão

arara /a'rara/ *n.III* arara. Ajnon: kometi aisaj arara *agorinha eu vi uma arara*; arara uwewe *a arara voou*; arara use'eng *a arara falou*; arara userusiw ywyrá roko re *a arara pousou no galho da árvore*

ararakonuhu /ararakɔnu'hu/ *n.III* arara cangaçu, arara cabeçuda, *Podocnemis dumeriliana*

ararasawe /ararasa'wɛ/ *n.III* pássaro (esp.)

araraw /ara'raw/ *n.Ia* cocar (de penas de arara)

ararete /ararɛ'tɛ/ *n.III* araracanga, arara-vermelha-pequena, aracanga, arara-macau, *Ara macao*

araria /ara'ria/ *n.III* ararinha, arara pequena, *Aratinga aurea*

araruna /ara'runa/ *n.III* araraúna

ararunuhu /ararunu'hu/ *n.III* arara-azul, *Anodorhynchus hyacinthinus*

arawawa /arawa'wa/ *n.III* cobra-coral, *Micrurus*. ▪ Eisag → mosa

arekasu /arɛka'su/ *n.III* preguiça, bicho-preguiça

aretea /arɛ'tɛa/ *adv.* época seca, de junho a setembro

arimu /'arimu/ *adv.* dia (pelo dia). Ajnon: arimu puta saha *nós vamos de dia*

aru'akaty /a'ruʔaka'ti/ *adv.* fora, espaço aberto. Ajnon: oho aru'akaty *ele foi pra fora*; eraha aruakaty *leve para fora*

arupo /aru'pɔ/ *n.III* garfo, ancinho, rastelo

asasaj /asa'sas/ *n.descr.* folgado

asiranawa /asira'nawa/ *n.IIa* enteada

asomera /asɔ'mɛra/ *n.III* alma. Ajnon: na isaguwi wehe weko asomera *eu nunca vi alma (asomera)*. ▪ Eisag → a'wera, ywyterera

asong /a'sɔŋ/ *n.III* tamanduá-mirim, *Tamandua tetradactyla*. ▪ Eisag → tamawa

asumi'apy /asumiʔa'pi/ *n.III* flauta

asuru /asu'ru/ *n.III* papagaio

asururonuhu /asururɔnu'hu/ *n.III* papagaio (esp.)

asyg /a'sig/ *n.III* veia de algo ou de alguém

asymuhu /asimu'hu/ *n.III* maguari. ▪ Eisag → wyra

asyra /a'sira/ *n.IIIa* filha (de homem). Ajnon: u'ar pa'e ne rasyra? *já nasceu tua filha?*

asywen /asi'wen/ *n.Ia* genro

ati /a'ti/ *n.III* chifre

atirare /atira're/ *n.III* cascudo (menor)

atu'a /atu'ʔa/ *n.Ia* nuca de alguém. Ajnon: ne atu'a pisun *tua nuca está suja*; ti atu'a ahy *minha nuca dói*

atutu /atu'tu/ *n.III* enfeite de cabeça (para mulher)

atyhu /ati'hu/ *n.IIIa* sogro

awa /a'wa/ *n.III* quem, alguém. Ajnon: awa pa'e uso'o? *quem está chorando?*; awa pa'e usekyj? *quem morreu?*; awa pa'e umuhy pyting 'ya? *quem está sujando a água?*; pewri'a awa iapukaj lá, *alguém está gritando*

awa'yahua /awa'ʔia'hua/ *n.* pessoa jovem, rapaz. Ajnon: emono ywyrapara wa'yahuape *dá o arco pro jovem*; awa'yahua upurumugeta awaimona ne *os jovens e os velhos conversam*

awa'imon /awa'ʔimɔm/ *n.III* pessoa velha, ancião. Ajnon: awa'iahua upurumugeta awa'imonane *os jovens e os velhos conversam*

awai'yma /awai'ʔima/ *n.descr.* estúpido

awai'yma /a'wai'ʔima/ *n.III* motociclista

awa ra'o /awa ra'ʔɔ/ *n.III* carne de gente

awatia /awa'tia/ *n.III* milho. Ajnon: eretym ehe pe awatia *hoje você planta milho*; monamo he pa'e eretym awatia? *quando foi que você plantou o milho?*; awati pytera rupi puta uruhow *eu vou passar pelo meio (da plantação) de milho*

awatia ipipisawa /awa'tia ipipi'sawa/ *n.III* arroz. Ajnon: kuej wehe puta aha ityma awatia ipipisawa weko pupe *amanhã eu vou plantar arroz*

awyraru<sup>1</sup> /awira'ru/ *n.III* cogumelo (esp.)

awyraru<sup>2</sup> /awira'ru/ *n.III* pão

## E

e'e /ε'ʔε/ *n.descr.* doce

e'wi pepo pepo /ε'ʔwi pε'pɔ pε'pɔ/ *n.IIa* quadril grande

eahy /εa'hi/ *n.Ia* lágrima de alguém

eakwarahy /εakwara'hi/ *n.descr.* raiva. Ajnon: ne reakwarahy pa'e? *você está com raiva?*; ti reakwarahy ri'a *eu estou com raiva*

eakwen /εa'kwɛn/ *n.descr.* cheiroso

eapewa'e /εapɛwa'ʔε/ *n.descr.* cego

earaj /εa'ras/ *n.III* esquecimento

egeypy /εgɛi'pi/ *n.IIa* cu de algo ou de alguém, ânus dele

eha /ε'ha/ *n.IIa* olho de algo ou de alguém. Ajnon: useha *olho dele próprio*; sene reha *nosso (incl.) olho*

ehaike /εhai'kε/ *n.III* lembrança

ehakwasu /εhakwa'su/ *n.III* sagui-de-mãos-douradas, *Saguinus midas*

ehapykong /εhapi'kɔŋ/ *n.IIa* testa

ehasu'ara /εhasu'ʔara/ *n.IIa* óculos de alguém

ehyr /ε'hir/ *n.III* mel. Ajnon: ehyr he'e ete *o mel (é) doce*

ehyrete /εhirɛ'tɛ/ *n.III* urucu, *Meliponíneos*

eimawa /ei'mawa/ *n.IIa* xerimbabo de alguém, animal de criação. Ajnon: aikwesa pa'e ne reimawa *aquela xerimbabo (pato) é teu?*; aimi wyra'yra re mi ti reimawa *aquelas galinhas são meus animais de criação*

eiironuhu /eiɾɔnu'hu/ *n.III* abelhão. ▪ Eisag → tuwa

eisu /ei'su/ *n.III* estrela-d'alva, estrela-da-manhã. ▪ Eisag → sahytata

eke'i /εkε'ʔi/ *n.IIa* cunhada

ekewena /εkε'wɛna/ *n.IIa* cunhado

ekuj /ε'kus/ *n.Ia* cuia de algo ou de alguém

ekuwisara /ɛkuwi'sara/ *n.IIa* sobrinho

ekwena /ɛ'kwɛnɐ/ *n.Ia* cheiro de algo ou de alguém

emaiti /ɛmai'ti/ *n.III* besouro (esp.)

eme /ɛ'mɛ/ *n.IIa* lábio de alguém

emeiwyra /ɛmɛi'wɪra/ *n.III* beira. Ajnon: porono remeiwyrá *beira de rio*

emekong /ɛmɛ'kɔŋ/ *n.Ia* gengiva de alguém

emekwasuru (~eme'ywa) /ɛmɛkwasu'ru/ *n.IIa* vagina (grandes lábios) dela. ▪ Eisag → kwar

emi'u /ɛmi'ʔu/ *n.Ia* comida. Ajnon: temi'u episepise *a comida (é/está) muito gostosa*

emi'umi'u /ɛmiʔumi'ʔu/ *n.III* amante de alguém

emimenu /ɛmimɛ'nua/ *n.Ia* neto (de homem)

emira /ɛ'mira/ *n.IIa* irmã (de homem)

emireko ipukwera /ɛmirɛ'kɔ ipu'kwɛra/ *n.IIa* esposa (que foi)

emireko purahua /ɛmirɛkɔ pura'hua/ *n.IIa* esposa (segunda)

emireko seky seakwera /ɛmirɛ'kɔ sɛ'ki sɛa'kwɛra/ *n.III* viúvo

emirekowa'e /ɛmirɛ'kɔwa'ʔɛ/ *n.descr.* casado

emiriko /ɛmiri'kɔ/ *n.III* mulher (esposa) de alguém. Ajnon: ne remiriko ripo uapukaj ne *upe sua esposa está gritando para você*

emisariru /ɛmisari'ru/ *n.IIa* neto (de mulher)

emiukwera /ɛmiu'kwɛra/ *n.IIa* transa, cópula. Ajnon: ti remi'umi'u *minha transa [minha coisa comida]*

emo /ɛ'mɔ/ *n.IIa* pênis de alguém

emu'em /ɛmu'ɛm/ *n.descr.* mentiroso

emun /ɛ'mun/ *n.Ia* coceira

ene<sup>1</sup> /ɛ'nɛ/ *part.* associativo. Ajnon: Ywykatu Ikatu ene ihoj uke mukumukujta ka'ape *Ywykatu e Ikatu entraram dois (dias) no mato; awa'iahu tu'o usemuaraj awa'imonane todos os jovens e todos os velhos brincam*

ene<sup>1</sup> /ɛ'nɛ/ *pron.* tu, teu. Ajnon: ene ti nupo pe *você bate em mim*; ene pa'e eremono ywyrapara ne ruwa pe *você deu o arco para o teu pai*; ene ereapyg a'iaaw tu *sentando aqui*

enemy /ɛnɛ'mi/ *n.III* camaleão

enune /ɛnu'nɛ/ *adv.* adiante. Ajnon: enune uruata *na frente*, nós *andamos*; erenune remi iataj *na frente*, eles *andaram*

enya /ɛ'nia/ *n.IIa* saliva de alguém

enyeny /ɛniɛ'ni/ *n.descr.* brilhante

enywa /ɛni'wa/ *n.IIa* queixo de algo ou de alguém

enywa'e /ɛniwa'ʔɛ/ *n.III* lâmpada, que brilha, que tem luz. Ajnon: amuew puta ri'a enywa'e *eu vou apagar a luz*

enywahawa /ɛniwa'hawa/ *n.IIa* barba de alguém

epynunema /ɛpinu'nɛma/ *n.Ia* peido fedorento

erekatara /ɛɛka'tara/ *n.IIa* marido dela. Ajnon: ti rerekatara puta i'apihawe'ym *meu marido vai ficar sem cabelo*; na erekatara'uwi *que não quer casar (marido)*

erekatara seky seakwera /ɛɛka'tara sɛ'ki sɛa'kwera/ *n.III* viúva

erekatara'e /ɛɛkatara'ʔɛ/ *n.descr.* casada

erekatare'yma'e /ɛɛkataraɛʔima'ʔɛ/ *n.III* solteira

esapehewa'e /ɛsa'pɛhɛwa'ʔɛ/ *n.descr.* transparente

esuj /ɛ'sus/ *n.III* broto

etoma /ɛ'tɔma/ *n.III* aldeia

eumaw (~kane'u) /ɛu'maw/ *n.descr.* cansado (ele está). Ajnon: ti kane'ujete ri'a *eu estou muito cansada*

ewetypy /ɛwɛti'pi/ *n.IIb* barriga de alguém. Ajnon: ewetypyoto *barriga dura*

ewia /ɛ'wia/ *n.III* minhoca

## H

haj /'has/ *n.descr.* azedo. Ajnon: akutia nami pe pytukawa haj *a laranja é azeda*

hajte /haj'tɛ/ *n.descr.* medroso (bicho)

hejkwehe /hɛskwɛ'hɛ/ *adv.* passado (há muito tempo). Ajnon: use'eng katuete  
hejkwehe *ele falou a verdade há muito tempo*

hianawa /hia'nawa/ *n.Ia* madrasta

hog rera /'hɔg 'rɛra/ *n.IIa* intestino delgado

hoj tehe 'yima /'hɔs tɛ'hɛ 'ʔima/ *n.III* dentadura

hojme /hɔs'mɛ/ *n.descr.* amolado

hosa (~hoj) /'hɔsa/ *n.Ia* dente de algo ou de alguém. Ajnon: ti rosahy *minha dor de dente*

hy /'hi/ *n.IIb* mãe (de mulher). Ajnon: ko pupe ti hy ihoj *pra roça minha mãe foi*

hyretoma /hiɛ'tɔma/ *n.III* cera (de abelha)

## I

i'asa /i'ʔasa/ *n.Ia* garganta de alguém

i'akorona /i'ʔakɔ'rɔna/ *n.III* abóbora, gerimum. Ajnon: uruasejmonog iakorona *nós (exlc.) partimos a abóbora*

i'awa /i'ʔawa/ *n.Ia* cabelo de alguém. Ajnon: ti 'aw kujpaw ri'a *meu cabelo caiu;*  
i'awitong *cabelo loiro;* i'atinga'e *cabelo branco;* i'awrawri *cabelo crespo*

i'iwaj /i'ʔi'was/ *n.III* maruim. Ajnon: usepuremuete pa'e i'iwaj? *tem muito maruim aqui?*

i'omutawa /i'ʔɔmu'tawa/ *n.Ia* bigode de alguém

i'wyj /ʔi'wi/ *n.Ia* cintura de alguém. Ajnon: ti wysa *minha cintura*

iahapara /iaha'para/ *n.III* atravessador

iahu /ia'hu/ *n.III* saúva, *Atta.* ▪ Eisag → tahywa

- iahupisuna /iahupi'suna/ *n.III* saúva preta. ▪ Eisag → tahywa
- iakasa /iaka'sa/ *n.Ia* útero dela
- iakua su'uma /ia'kua su'ʔuma/ *n.III* calugi, bebida tradicional à base de mandioca
- iakwawa /ia'kwawa/ *n.Ia* pelos pubianos de alguém. Ajnon: usekwaw wo'o *ela tira os próprios pelos pubianos*
- iakym /ia'kim/ *n.descr.* molhado (ele está). Ajnon: yryw iakym *a roupa está molhada*
- iamati'o /iamati'ʔo/ *n.Ia* clitóris de alguém
- iamyw /ia'miw/ *n.IIIa* coriza de alguém
- iapekong /iapɛ'kɔŋ/ *n.Ia* escápula de alguém, omoplata. Ajnon: ere 'apekong *tua escápula*
- iapin hawa'e'yma'e (~iapihawe'ym) /ia'pin hawa'ʔɛʔima'ʔɛ/ *n.descr.* careca de alguém. Ajnon: ti rerekatara puta i'apihawe'ym *meu marido vai ficar sem cabelo (careca)*
- iapin kotokoto /ia'pin kɔtɔkɔ'tɔ/ *n.descr.* loucura de algo ou de alguém
- iapina /ia'pina/ *n.Ia* cabeça de algo ou de alguém. Ajnon: ti apina hy *minha cabeça doendo (dor de cabeça)*; iapina waj 'yma'e *pessoa que tem a cabeça vazia (não pensa)*
- iapinawawa'e /ia'pinawawa'ʔɛ/ *n.descr.* inteligência de alguém
- iapitu'una /iapitu'ʔuna/ *n.Ia* cérebro de alguém, miolo dele
- iapua'oj /iapua'ʔɔs/ *n.III* raposa, *Aqueles, Vulpes*
- iapyakwara towa'e /iapia'kwara tɔwa'ʔɛ/ *n.III* gravador
- iapyakwara'ym /iapia'kwara'ʔim/ *n.descr.* surdo
- iapyakwara'yma'e /iapia'kwaraʔima'ʔɛ/ *n.III* lanterna
- iapykutukawa /iapikutu'kawa/ *n.III* martelo
- iapyreta /iapire'ta/ *n.III* esteio (de casa). Ajnon: 'oga apyreta *esteio da casa*; iapyreta upen *o esteio (da casa) quebrou*
- iaruw (~aruaru) /ia'ruw/ *n.descr.* bonito (ele é), bem feito. Ajnon: 'oga iaruaru *casa bem feita*; iaruaruwa'e *o que é bonito*; use'engar iaruwa'e *ele canta bonito*; ise asemu'an reko wememyra re tawaruwete *eu cuido do meu filho pra ele ficar bonito*
- iasate'yma'e (~asate'ymete) /iasateʔima'ʔɛ/ *n.descr.* preguiçoso. Ajnon: akuma'e iasate'ym *o homem preguiçoso*; ise ti asate'ymete *eu (sou) preguiçosa*

iaty'ywa /iati'ʔiwa/ *n.Ia* ombro de alguém. Ajnon: ipyhyj sete ti'ati'ywa *está pesado no meu ombro*; ti ati'ywa ahy *meu ombro está doendo*

iatikonga /ia'ti'kɔŋa/ *n.Ia* clavícula de alguém

iatuatur /iatua'tur/ *n.descr.* baixo

iaturu'e /iaturu'ʔe/ *n.descr.* curto. Ajnon: ti rirua iaturu'e *minha camisa é curta*; ti kong akasa iaturu'e *meu calção é curto*.

iaturuwewa'e /iaturuwewa'ʔe/ *n.descr.* pequeno, curto

iatypy /iati'pi/ *n.IIa* bochecha de alguém

iawykyahywa /iawikia'hiwa/ *n.descr.* estragado (ele está). Ajnon: useawykyahyw *ele se estragou*; ma'e'ywa useawykyahyw *a fruta se estragou*

ienupara /ienu'para/ *n.III* escudador

ietymakapema /ie'timaka'pema/ *n.IIa* perna de algo ou alguém

ietymasi'a /ietimasi'ʔa/ *n.Ia* canela (parte do corpo) de alguém

igea /i'gea/ *n.Ia* intestino de algo ou de alguém, tripa dele

igewa'a /igewa'ʔa/ *n.IIa* intestino grosso

ihahaw /ha'haw/ *n.descr.* peludo. ▪ Eisag → ihawa

ihawa /i'hawa/ *n.III* pelo (do corpo) de algo ou de alguém. ▪ Eisag → ihahaw

ihejtara /ihes'tara/ *n.III* lavador

ihym /i'him/ *n.descr.* liso (ele é). Ajnon: 'ywypy ihym *o tronco é liso*

ikanawa /ikana'wa/ *n.Ia* joelho de alguém

ikarua katykaty isewag /ika'rua katika'ti ise'wag/ *n.descr.* destro

ikatua /ika'tua/ *n.III* macaxeira. Ajnon: aiko ra'e wehe rako ko pupe aha ityma a'y'u roko raj ipyk ikatua muapyga nune *ontem eu plantei roça, bebi água e comi macaxeira*. ▪ Eisag → mandioca

ikawa /i'kawa/ *n.Ia* gordura de algo ou de alguém

iketawa (~ti kehawa) /ike'tawa/ *n.III* cama de alguém. Ajnon: ti ketawa iaturuwewa'e *minha cama pequena*. ▪ Eisag → itekwawa

iko (~ikowui) /iko/ *n.III* roça de alguém. Ajnon: kuej wehe puta aha weko pupe ityma awatia *amanhã eu vou na roça plantar milho*; ise awirog koa *eu rocei a roça*;

moronime puta pe saha koa pupe? *quando vamos para a roça?*; use'i wehete puta aapy weko *amanhã bem cedo eu vou queimar minha roça*; ti ko pupe tiwa'a *tem caítitu na minha roça*; ko pupe puta aha *pra roça eu vou*

ikom /i'kɔm/ *n.Ia* seio dela. Ajnon: ikomuhu i'apu'a *o seio grande é redondo*

ikomapyra /ikɔma'pɪra/ *n.IIa* bico do seio dela

ikome'yma'e /i'kɔmɛ'ʔima'ʔɛ/ *n.descr.* aleijado, sem seio

ikomypya /ikɔmɪ'pɪa/ *n.Ia* peito de alguém (homem)

ikong<sup>1</sup> /i'kɔŋ/ *n.IIa* osso de alguém

ikong<sup>2</sup> /i'kɔŋ/ *n.Ia* calcinha dela

ikong akasa /i'kɔŋ aka'sa/ *n.Ia* calção de alguém

ikong su'ara /i'kɔŋ su'ʔara/ *n.III* cueca

iku'a /iku'ʔa/ *n.Ia* bunda de alguém. Ajnon: iku'aku'ahu *bunda grande*

ikua /i'kua/ *n.Ia* língua de algo ou de alguém

ikupepyter /ikupepi'tɛɾ/ *n.Ia* coluna vertebral de alguém

ikwara /i'kwara/ *n.Ia* vagina dela. ▪ Eisag → emekwasuru, iamati'o, imy'iwa

ikwo /ikwɔ/ *n.Ia* dedo médio de alguém

ikysuhu /ikisu'hu/ *n.III* grilo (esp.)

ima'euej /imaʔeu'ɛs/ *n.IIa* fome. Ajnon: ti ma'euej *minha fome*; ne ma'euej pa'e? *você está com fome?*

imemyra /imɛ'mɪra/ *n.Ia* filho (de mulher). Ajnon: ti memyra uker *meu filho dormiu*; ne memyra tipiw uapyg *teu filho sentou perto de mim*

imemytaty /imɛmita'ti/ *n.IIa* nora de alguém

imusona /imu'sɔna/ *n.Ia* cicatriz de alguém

imuwej /imu'wɛs/ *n.descr.* devagar (ele está)

imy'iwa /imi'ʔiwa/ *n.Ia* vagina (parte) dela

inamia /ina'mia/ *n.Ia* orelha de algo ou de alguém

inamikohoma /inamikɔ'hɔma/ *n.Ia* brinco dela

inamu'i /inamu'ʔi/ *n.III* inambumirim, *Crypturellus tataupa*. ▪ Eisag → wyra

inamuhun /inamu'hun/ *n.III* inambu

inamuita /inamui'ta/ *n.III* inambu (esp.)

inasa /ina'sa/ *n.III* inajá, najá

inasa 'ywa /ina'sa 'ʔiwa/ *n.III* inajá, *Maximiliana maripa*

inasaron 'ywa /inasar'ɔn 'ʔiwa/ *n.III* pupunheira

inasarona /inasar'ɔna/ *n.III* pupunha

inasimosa /inasi'mɔsa/ *n.III* cobra-cipó. ▪ Eisag → mosa

inatahog /inata'hɔg/ *n.III* bicho-de-coco, *Pachymerus nucleorum*

ine /i'ne/ *voc.* mãe (de homem)

ini'omupira /ini'ʔɔmu'pira/ *n.III* acari, cari, cascudo. ▪ Eisag → ipira

inimo /ini'mɔ/ *n.III* linha

inu'a /inu'ʔa/ *n.III* pilão

inupinipara /inupini'para/ *n.III* pintador de algo ou de alguém. ▪ Eisag → umuhun

ioko /iɔ'kɔ/ *n.III* lenha

ironuhu /iɔrɔnu'hu/ *n.III* andiroba

ironuhu 'ywa /iɔrɔnu'hu 'ʔiwa/ *n.III* andirobeira, *Carapa guianensis*. ▪ Eisag → 'ywa

iparati'ywa /iparati'ʔiwa/ *n.Ib* cotovelo de alguém. Ajnon: anupo weparati'ywa *eu bati meu cotovelo*

ipe /i'pe/ *n.III* escama. Ajnon: ipira pe *escama de peixe*; apin ipira pe *estou tirando escama de peixe*

ipe'iuhu /ipe'ʔiu'hu/ *n.III* sumaúma, *Ceiba pentandra*. ▪ Eisag → 'ywa

ipepo /ipe'pɔ/ *n.III* pena de algo

ipepu'awa /ipepu'ʔawa/ *n.III* nadadeira

ipepuwyrá /ipepu'wira/ *n.Ia* sovaco de alguém

iperew /ipe'rɛw/ *n.Ia* ferida de algo ou de alguém. Ajnon: iperew *ferida dele*

ipeuhua /ipeu'hua/ *n.III* pato. Ajnon: aikwesa ipewhua pa'e ne rejmawa ete *aquele pato é teu, mesmo*. ▪ Eisag → ave

ipipir /ipi'pir/ *n.descr.* largo (ele é)

ipira /ipi'ra/ *n.III* peixe. Ajnon: ipira pirie'ym *peixe seco*; ipira ywytingupyra *o peixe está salgado*. ▪ Eisag → akara'i, akarapew, akararona, akaratinga, amoata, ini'omupira, ipira'i, ipirakaw, ipirakwakwahawe'yma, ipirarunuhu, ipiroj, ipisaw, manowe, muru, sesu, tarejri, tarejriuhu, tawarerasapina, tine'a, uruwi, ywyrapopohoma

ipira /i'pira/ *n.III* pele de algo ou de alguém

ipira ku'omawa /ipira kuʔomawa/ *n.III* peixe levantado, baleia. Ajnon: na esagwi wehe ipira ku'omawa *eu não vi mais peixe levantado*

ipira mu'ahawa /ipi'ra muʔahawa/ *n.III* rede de pesca

ipira uwewewa'e /ipi'ra uwewewa'ʔe/ *n.III* peixe-voador. Ajnon: aesag sepi ipira uwewewa'e *eu já vi peixe voador*

ipira'i /ipira'ʔi/ *n.III* peixinho. Ajnon: ipira'i usepuremete *tem muito peixinho*. ▪ Eisag → ipira

ipirakaw /ipira'kaw/ *n.III* matrinxã. Ajnon: ipirakaw ipisepise *eu gosto de comer matrinxã*. ▪ Eisag → ipira

ipirakawrona /ipirakaw'rɔna/ *n.III* tambaqui. Ajnon: ipirakawrona ikawete *o tambaqui é muito gorduroso*

ipirakong /ipira'kɔŋ/ *n.III* espinha de peixe

ipirakwakwahawe'yma /ipi'rakwakwahawe'ʔima/ *n.III* matrinxã (esp.). ▪ Eisag → ipira

ipirapiroto /ipi'rapirɔ'tɔ/ *n.III* sardinha. Ajnon: ipirapiroto iputi'nete *a sardinha tem muito pitiú*

ipirarunuhu /i'pirarunu'hu/ *n.III* pirarucu, *Arapaima gigas*. ▪ Eisag → ipira

ipirarupi'a (~ipirahua) /ipi'rarupi'ʔa/ *n.III* ova de peixe. ▪ Eisag → upi'a

ipirera /pi'rɛra/ *n.III* ex-pele, ex-couro

ipiriaj /ipiri'as/ *n.III* suor de algo ou de alguém

ipiroj /ipi'rɔs/ *n.III* piranha, *Serrasalmus nattereri*. ▪ Eisag → ipira

ipirong /ipi'rɔŋ/ *n.III* dinheiro

ipironga /ipi'rɔŋa/ *n.descr.* vermelho (ele é). Ajnon: misara ipirongwa'e *o veado é vermelho*

ipiruohom /ipiruɔ'hɔm/ *n.IIIa* placenta de algo ou de alguém

ipisaw /ipi'saw/ *n.III* piau, pintado. Ajnon: ipisaw isuruhu'yma'e *o piau tem a boca pequena.* ▪ Eisag → ipira

ipise /ipi'sɛ/ *n.descr.* gostoso (ele é). Ajnon: temi'u episealise *a comida (é/está) muito gostosa*

ipituna (~pisuna) /ipi'tuna/ *n.descr.* preto. Ajnon: 'ya pituna *água preto*

ipo /i'pɔ/ *n.Ib* mão de algo ou de alguém. Ajnon: ita iwewuwewuj ti pope *a pedra está leve na minha mão*

ipokong /ipɔ'kɔŋ/ *n.Ib* osso da mão de alguém

ipokupe /ipɔku'pɛ/ *n.Ib* dorso da mão de alguém

ipokwahaw /ipɔkwa'haw/ *n.Ia* anel de alguém

ipopi /ipɔ'pi/ *n.Ib* dedo anelar de alguém

ipopytera /ipɔpi'tira/ *n.Ia* palma da mão de alguém

ipororong /ipɔrɔ'rɔŋ/ *n.Ib* pulso de alguém. Ajnon: ti poporong ahy *meu pulso está doendo*; wepororong re reko arakuahapara *no meu pulso eu coloco relógio*

ipu'yr /ipu'ʔir/ *n.Ia* colar dela

ipuheakonga /ipu'hɛa'kɔŋa/ *n.Ib* dedo polegar de alguém. Ajnon: ti puheakong ahy *meu polegar está doendo*; asepuheakong upo *eu bati meu dedo polegar*

ipuhopopi /ipu'hɔpɔ'pi/ *n.Ib* dedo mindinho de alguém, mínimo (dedo) dele

ipuhukupe /ipuhuku'pɛ/ *n.Ia* sola (do pé) de alguém

ipuku /ipu'ku/ *n.descr.* comprido (ele é). Ajnon: akuma'e ipukua *o homem é alto*

ipupe /ipu'pɛ/ *adv.* dentro, em. Ajnon: tekwawa pupe saker *na rede nós (incl.) dormimos*; asehej ri'a porono pupe *eu me lavei no rio*; Ikatu oko pupe tiwa'a *tem caítitu na roça de Ikatu*; porono pupe Ikatu ihoj *para dentro do rio Ikatu foi*; aiko ra'e wehe rako aha ko pupe ityma kumanarona *ontem eu fui plantar feijão na roça*

ipure /ipu'rɛ/ *n.III* lagoa

ipuumor (~pinu) /ipurɔ'mɔr/ *n.III* peido de algo ou de alguém

ipuru'a /ipuru'ʔa/ *n.Ia* gravidez de algo ou de alguém

ipuru'ong ikyitawa /ipuru'ɔŋ ikii'tawa/ *n.III* máquina fotográfica de alguém

ipurua homa /ipu'ra 'hɔma/ *n.III* cordão umbilical

- ipurung /ipu'ruŋ/ *n.descr.* grosso (ele é)
- ipurupurum /ipurupu'rum/ *n.descr.* segura de algo ou de alguém
- iputatarā /iputa'tara/ *n.III* queredor
- iputi /ipu'ti/ *n.Ia* cocô de algo ou de alguém, merda, fezes
- iputi'a /iputi'ʔa/ *n.Ib* tórax de alguém, peito dele
- iputikaw /iputi'kaw/ *n.III* lugar para algo ou alguém cagar
- iputing /ipu'tiŋ/ *n.III* látex
- ipuwonaw /ipuwɔ'naw/ *n.f.* fuso de alguém
- ipy /i'pi/ *n.Ib* pé de algo ou de alguém
- ipy'a /ipi'ʔa/ *n.Ia* fígado de algo ou de alguém
- ipyahowa (~pyyru) /ipia'hɔwa/ *n.Ib* sapato de alguém
- ipyhope /ipi'hɔ'pɛ/ *n.Ia* dedo indicador de alguém
- ipyhopi /ipi'hɔ'pi/ *n.Ia* dedo do pé de alguém
- ipyhyakong /ipihia'kɔŋ/ *n.Ia* unha do pé de alguém
- ipyhyj /ipi'his/ *n.descr.* pesado (ele é). Ajnon: ipyhyj sete ti'ati'ywa *está pesado no meu ombro*
- ipyohohong /ipiɔhɔ'hɔŋ/ *n.descr.* tropeçado (ele está)
- ipyperewa /ipi'pɛ'rɛwa/ *n.descr.* raso. Ajnon: irupema ipyperewa *a peneira é rasa.* ▪  
Eisag → waypy
- ipypiru'a /ipipiru'ʔa/ *n.Ia* calo de alguém
- ipyri'o /ipiri'ʔɔ/ *n.Ia* umbigo de alguém
- ipyrykyti'i (~pyrykysi'i) /ipirikiti'ʔi/ *n.Ia* rim de algo ou de alguém
- ipyryryryry /ipiririri'ri/ *n.descr.* enrugado (ele é)
- ipysu'o /ipisu'ʔɔ/ *n.Ia* tornozelo de alguém
- ipyta /ipi'ta/ *n.IIa* calcanhar de alguém
- ipytuna imuehe /ipi'tuna imue'hɛ/ *n.III* noite (começo da)
- ipyw /i'piw/ *n.descr.* seco (ele é)

irajty /iras'ti/ *n.III* borra desse. Ajnon: petyma pysahy rajty *borra do café*

irowa /i'rɔwa/ *n.descr.* amargo (ele é)

iru'ya /iru'ʔia/ *n.descr.* frio de algo ou de alguém, febre de alguém. Ajnon: ne ru'y pa'e? *você (está) com febre (frio)?*

irua /i'rua/ *n.IIb* irmão. Ajnon: syryg puta amono ne irua pe *eu vou dar o machado para o teu irmão*; kunumia irumukusa'e *o menino tem um irmão gêmeo*

irupema /iru'pɛma/ *n.III* peneira. Ajnon: irupema ipyperewa *a peneira é rasa*

irutehe (~irutehe'yma'e) /irute'hɛ/ *num.* três. Ajnon: irutehe'yma'e aityg 'ywa *eu já cortei três árvores*

iruting /iru'tiŋ/ *n.III* cofo

isahu /isa'hu/ *n.III* esquerda desse

isahua'e (~isahu) /isa'hua'ʔɛ/ *n.descr.* canhoto. Ajnon: ysew'a isahu katy *ele escreve com a mão esquerda*

isamomor /isamɔ'mɔɾ/ *n.descr.* entristecido (ele está)

isarij /isaris/ *n.Ia* avó de alguém

isarukonga /isaru'kɔŋa/ *n.Ia* costela de alguém

isasyu'u /isasiu'ʔu/ *n.descr.* apertado (ele é)

ise /i'sɛ/ *pron.* eu. Ajnon: ise hu puta runupo *eu bato em vocês dois*; ise puta ri'a asoason *eu estou correndo*; ise purumu'etaramu *eu sou professor*

ise mu'etawa /ise mu'ʔɛ'tawa/ *n.III* escola

ise sakatu /i'sɛ saka'tu/ *n.III* tempo bom

ise'engawa /ise'ʔɛ'ŋawa/ *n.III* telefone, microfone

isekwo akwahawa /ise'kwɔ akwa'hawa/ *n.III* cinto de alguém

ise'engara'e /ise'ʔɛŋara'ʔɛ/ *n.descr.* cantador (ele é). Ajnon: Miho se'engara'e *Miho (é) o que canta*

isepurakaretewa'e /sepura'kaɾɛ'tewa'ʔɛ/ *n.descr.* caçador. Ajnon: aesag ma'esawara sepurakaretewa'e *eu já vi cachorro caçador*; ma'esawara usepurakaretewa'e u'u tapi'ira *o cachorro que é bom caçador mordeu a anta*; usepurakaretewa'e ma'esawara usekuj *o cachorro que é bom caçador morreu*

iseputahawa /iseputa'hawa/ *n.III* pulso de alguém

iserutiwa'e /iserutiwa'ʔε/ *n.descr.* tímido (ele é)

isesea /isε'sea/ *n.Ia* tia de alguém

isewakawa /isewa'kawa/ *n.III* lápis. Ajnon: ise asewag isewakawa ko *eu escrevo com o lápis*

isi'o /isi'ʔo/ *n.Ia* coração de algo ou de alguém

isi'owewuj /isiʔowε'wus/ *n.Ia* pulmão de alguém, bofe

isisiwa'oj /isisiwa'ʔos/ *n.Ia* nervo de algo ou de alguém

isukyry /isuki'ri/ *n.descr.* amarelo (ele é). Ajnon: itahynypuk isukyryete *o ouro é bem amarelo*

isura /i'sura/ *n.Ia* pescoço de algo ou de alguém

isurua /isu'rua/ *n.Ia* boca de algo ou de alguém. Ajnon: ti surua rupi *pela minha boca*

isuruwa /isu'ruwa/ *n.descr.* grande (ele é)

isuwaw /isuw'aw/ *n.III* colher

isykongira /isikɔ'ŋira/ *n.IIa* reumatismo de alguém

isyryga /isi'riɣa/ *n.Ia* machado de alguém

isyw'a /isiw'ʔa/ *n.Ia* braço de alguém

isywa inypy'o /i'siwa inipi'ʔo/ *n.Ia* antebraço (músculo) de alguém

isywa ypy /i'siwa i'pi/ *n.Ia* antebraço de alguém

ita /i'ta/ *n.III* pedra. Ajnon: ita iwewuwewuj ti pope *a pedra está leve na minha mão*; ita muruwisawete *pedra enorme*; ita tinining *pedra branca*; ita'i *pedrinha*; ita ipyrykyti'i pe *pedra nos rins*

itahynypuk /itahini'puk/ *n.III* ouro. Ajnon: itahynypuk isukyryete *o ouro é bem amarelo*

itaky /ita'ki/ *n.III* pedra de amolar, esmeril. Ajnon: kise hoj me'ete itaky *eu amolo a faca na pedra*

itamew /ita'mew/ *n.descr.* mole (ele é). Ajnon: ewetypy itametamew *barriga muito mole*

itapura'a /itapura'ʔa/ *n.Ia* pomo-de-adão de alguém, gogó dele. ▪ Eisag → aikong

itasa'e /itasa'ʔε/ *n.III* panela de alguém

itasukonga /itasu'kɔŋa/ *n.III* prego

itekwawa /itɛ'kwawa/ *n.III* rede de alguém, lugar de dormir. Ajnon: aapara puta ri'a tekwwa *eu vou dobrar a rede*; ereapara pa'e ne rekwawa? *você está dobrando a sua rede?*; tekwwa pupe saker *na rede, nós (incl.) dormimos*; tekwwa torog *o rasgado da rede*; aikewara umomon tekwwa *aikewara está enrolando (o fio para tecer) rede*; ereapara pa'e ne rekwawa rupohoma? *você está dobrando a corda da sua rede?*  
 ▪ Eisag → kehawa

iti /i'ti/ *n.Ia* nariz de algo ou de alguém, bico. Ajnon: asetinupen *eu quebrei o meu nariz*; usetimyk *ele se sufocou*; nusetimyguwi *ele não se sufocou*; inemauwi esetimyk *está fedendo, tape o seu nariz*

itinga'e /itiŋa'ʔɛ/ *n.descr.* branco (ele é), claro

itingwoj /itiŋa'wɔs/ *n.III* sal

itoku'o /itɔku'ʔɔ/ *n.III* concha (de ostra)

itusug /itu'sug/ *n.descr.* inclinado (ele é)

itusupaw /itusu'paw/ *n.descr.* podre

ity /i'ti/ *n.Ia* urina de algo ou de alguém

iu'ywa /iu'ʔi'wa/ *n.III* flecha de alguém

iuka'ika'i /iukaʔika'ʔi/ *n.descr.* quebrado (ele está)

iukape /iuka'pɛ/ *n.Ia* baixo-ventre de alguém

iukysetewa'e /iukiisetewa'ʔɛ/ *n.descr.* medroso (ele é)

iupi'a /iupi'ʔa/ *n.III* ovo de algo

iusewywyr /iusewi'wir/ *n.descr.* inflamado (ele está)

iuso'og /iusɔ'ʔɔg/ *n.descr.* separado (ele está), divorciado. Ajnon: aso'oga *eu (sou) separado (divorciado)*

iwapirasuwa /iwapira'suwa/ *n.III* manga, *Mangifera indica*. Ajnon: asewerewi uapirasuwa *um pedaço de manga*

iwira /i'wira/ *n.III* embira

iwirapitema /iwirapi'tema/ *n.III* jirau

iworog ehim pewa /iwɔ'ɔg ɛ'him 'pewa/ *n.III* prato. Ajnon: iworog ehim pewa ipyperewa *o prato é raso*

iworowa /iwɔ'rɔwa/ *n.III* seringueira. Ajnon: iworow rypitinga urumuse puta tata *eu acendo fogo com o leite seco da seringueira*. ▪ Eisag → 'ywa

## K

ka'a /kaʔa/ *n.III* mato. Ajnon: ereho pe ka'a pe ra'e *ocê entra no mato*; tapi'ira puta oho ka'a wi uhemá *a anta vai saindo do mato*; Tymykong umukaruwete ka'ape *Tymykong andou o dia todo no mato*; aiko ra'e wehe re pa'e erehow ka'a pe eataw *ontem você foi andar no mato*; ka'a pe amukasym *eu me perdi no mato*

ka'apewara /kaʔape'wara/ *n.III* mato (que é do), bicho do mato

ka'ia /ka'ʔia/ *n.III* macaco-prego, macaco-de-topete, *Cebus nigrinus*. Ajnon: ka'ia usemuaraj yware ywokokumepem *o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos*

kahena'ia /kahɛna'ʔia/ *n.III* sagui, *Cebidae*

kamara /kama'ra/ *n.III* pessoa (não indígena) . ▪ Eisag → warasu

kanawa 'ywa /kana'wa 'ʔiwa/ *n.III* mogno. ▪ Eisag → 'ywa

kane'u /kanɛʔu/ *n.descr.* cansaço

kapiwara /kapi'wara/ *n.III* capivara, *Hydrochaeris hydrochaeris*

kara /ka'ra/ *n.III* cará (tubérculo)

kareru'a /kareɾu'ʔa/ *n.III* rato-do-mato, sauê

karimata /karima'ta/ *n.III* curimatã, *Prochilodus*

karuakatu /karuaka'tu/ *n.III* direita

karuaruhua /karuaru'hua/ *n.III* paca. Ajnon: ise karuaruhua asuka *eu sempre caço paca*; karuaruhua ti keywywy re oho usona *a paca correu do meu lado*

karuayra /karua'ira/ *n.III* estrela (planeta Júpiter)

karuw /ka'ruw/ *n.III* tarde

karuw emeete /ka'ruw ɛ'mɛɛ'tɛ/ *n.III* tarde (no meio da)

karuwpaw /karuw'paw/ *n.III* tarde (no fim da)

- katinkwera /kati'ɥwɛra/ *n.III* veado-virá, catingueiro, *Mazana gouazouzira*. ▪ Eisag → misara, pakwohow
- katuete /katuɛ'tɛ/ *n.descr.* saúde, bem, bom. Ajnon: aikwesa ikatuete sea'eramu ti ruryruryw ehe *ele é muito bom, por isso eu fico feliz*
- katy /ka'ti/ *adv.* direção (na). Ajnon: oho arua katy *ele foi pra fora*
- katykyehyra /katikiɛ'hira/ *n.III* abelha (esp.). ▪ Eisag → tuwa
- kawa /'kawa/ *n.III* caba, marimbondo
- kawa retoma /'kawa rɛ'tɔma/ *n.III* casa de caba, *Nycticorax nycticorax*
- kitikiti /kitiki'ti/ *n.III* serrote
- ko katy /'kɔ ka'ti/ *adv.* daqui. Ajnon: eho ko katy *vá daqui*
- koko /kɔ'kɔ/ *n.III* pássaro (esp.)
- komyru /kɔmi'ru/ *n.III* sutiã
- kono /kɔ'nɔ/ *n.descr.* torto
- konojoj /kɔnɔ'nɔs/ *n.descr.* manco
- kororonuhu /kɔrɔrɔnu'hu/ *n.III* inhame
- kotawete /kɔtawɛ'tɛ/ *n.Ia* amigo. Ajnon: ise ti kotaweteramu *eu sou seu amigo*
- kotawete'yma /kɔ'tawɛtɛ'ɥima/ *n.IIa* inimigo. Ajnon: ti kotawete'yma'e *meu inimigo*
- kotawypy /kɔtawi'pi/ *n.III* história. Ajnon: Miho umume'u kotawypykwera *Miho sabe contar histórias antigas*
- ku'aiwara /ku'ɥaiw'ara/ *n.III* saia
- ku'em /ku'ɥɛm/ *n.III* madrugada
- ku'emanune /ku'ɛmanunɛ/ *n.III* amanhecendo (quase)
- kuej wehe /ku'ɛs wɛ'hɛ/ *adv.* amanhã. Ajnon: kuej wehe puta aha ityma mani'oga weko pupe *amanhã eu vou plantar mandioca*; kuej wehe puta ihoj tasahuaamanhã *amanhã ele quer caçar porcão*
- kuiipi /kui'pi/ *n.III* cabaça
- kujpia 'ywa /kus'pia 'ɥiwa/ *n.III* cuieira, *Crescentia cujete*. ▪ Eisag → 'ywa
- kujronuhu /kusrɔnu'hu/ *n.III* cupuaçu

kumana /kuma'na/ *n.III* fava

kumanarona /kumana'rɔna/ *n.III* feijão. Ajnon: aiko ra'e wehe rako aha ityma ko pupe  
kumanarona *ontem eu fui plantar feijão na roça*

kumanu 'ywa /kuma'nu 'ʔiwa/ *n.III* pau-preto, *Diospyros*. ▪ Eisag → 'ywa

kumara /ku'mara/ *n.III* comadre

kunumia /kunu'mi/ *n.III* menino. Ajnon: kunumia irumukusa'e *o menino tem um irmão gêmeo*

kupara /ku'para/ *n.III* compadre. Ajnon: kupara ti resag ri'a *o compadre está me vendo*

kupe /ku'pɛ/ *adv.* atrás. Ajnon: kupe uruata *nós andamos atrás*

kupepykawa /kuperi'kawa/ *n.III* prensa

kupi'i /kupi'ʔi/ *n.III* cupim

kupitaw /kupi'taw/ *n.III* sapo (esp.)

kureta'u /kureta'ʔu/ *n.III* tucano (esp.). ▪ Eisag → tukan, wyra

kurisu /kuri'su/ *n.III* sucuri. ▪ Eisag → mosa

kurukaw /kuru'kaw/ *n.III* urinar (lugar de)

kururu /kuru'ru/ *n.III* sapo

kuso /ku'sɔ/ *n.III* mulher. Ajnon: kuso sysyng *mulher magra*; ma'eramu pa'e kuso  
nuse'engara uwi? *por que as mulheres não estão cantando?*; ure kuso tesoramu  
uruho ytyma mani'og roko urutym *nós fomos com as mulheres plantar mandioca*; ure  
urueraha mani'og kuso pe *nós levamos mandioca para as mulheres*

kusomukuwa'e (~kusomukuj) /kusɔmukuwa'ʔɛ/ *n.III* moça. Ajnon: kusomukuja ri'a ne  
saj *as moças estão rindo de ti*

kutipi /kuti'pi/ *n.III* cuxiú, *Chiropotesutahicki*

kuwej wehe /kuwɛswɛ'hɛ/ *adv.* cedo. Ajnon: eretyryg pa'e kuwejwehe *você acordou cedo*

ky'ysa /ki'ʔisa/ *n.III* pimenta

ky'ysa ypya /ki'ʔisa i'pia/ *n.III* pimenteira

kykyra'yr /kikira'ʔiɾ/ *n.III* curica, *Pionopsitta caica*

kyrywyroj /kiriwi'rɔs/ *n.III* escorpião

kyse ikong apyta /ki'sɛ i'koŋ apɨ'ta/ *n.III* cabo do facão

kysea /ki'sea/ *n.III* faca, facão. Ajnon: kyse hoj ne'yw *a faca está cega*; Muretama upyhyg kysea ti wi *Muretama pegou a faca de mim*

kysekono /ki'sekɔ'nɔ/ *n.III* foice

kyting /ki'tiŋ/ *n.descr.* limpo

kyto'i /kitɔ'ʔi/ *n.Ia* verruga

kytykawa /kiti'kawa/ *n.III* ralador. ▪ Eisag → ma'e akytykaw, so kytykaw

kywa /'kiwa/ *n.III* piolho. Ajnon: Jorge apina re ikywa *tem piolho na cabeça do Jorge*

kywakywara /kiwaki'wara/ *n.III* bicho-pau, *Fasmídeos/Proscopiúdeos*

kywawa /ki'wawa/ *n.III* pente

kywyra /ki'wira/ *n.Ia* filho da irmã da mãe, filho do irmão do pai

## Kw

kwanu /kwa'nu/ *n.III* porco-espinho, *Histicídeos*

kwara /'kwara/ *n.III* buraco. Ajnon: ywy kwara ahywykaj *eu cavo buraco na terra*; eme kwara *buraco do lábio*

kwarahy /kwara'hi/ *n.III* sol. Ajnon: usawripo kwarahy *fazsol*

kwarahya hemawa /kwara'hia he'mawa/ *n.III* nascer-do-sol

kwarahya katawa /kwarahia ka'tawa/ *n.III* pôr-do-sol

kwati /kwa'ti/ *n.III* quati, *Nasua nasua*

kwere /kwɛ'rɛ/ *n.III* tucanuí. ▪ Eisag → tukan, yra

kwererem /kwɛrɛ'rɛm/ *n.IIa* diarréia. Ajnon: tekwererem *vocês estão com diarréia*

,

- 'ar myteripe /'ʔar miteri'pɛ/ *adv.* verão (no meio), mês de agosto
- 'ar putaripe /'ʔar pu'tari'pɛ/ *n.III* meio do dia, meio do claro
- 'ara rasej /ara ra'ses/ *n.III* meio-dia
- 'arameete (~'arame) /'ʔara'mɛɛ'tɛ/ *adv.* época do sol (início), verão. Ajnon: 'arameete re puta awyrok ti koromamu *no início do verão eu vou brocar minha roça (na qualidade do que vai ser minha roça)*
- 'aripe /ʔari'pɛ/ *n.III* sol (na época de), verão
- 'aruaru /ʔarua'ru/ *n.descr.* reto
- 'aw /'ʔaw/ *adv.* aqui. Ajnon: 'aw pa'e? *é aqui?*; a'aw pa'e reko? *você está morando aqui?*; ise aapyg 'aw *eu sentando aqui*; 'aw wi nahawi *sair daqui eu não quero*
- 'aw mueteete /ʔaw muɛtɛɛ'tɛ/ *n.descr.* calvo (muito)
- 'awaiaia'ia /ʔawiaia'ʔia/ *n.descr.* calvície de alguém
- 'e'apetinga'e /ʔɛʔapɛtipɛtiŋa'ʔɛ/ *n.descr.* cinza (cor)
- 'i'a (~maʔɛʔiwa) /ʔi'ʔa/ *n.III* fruta. Ajnon: ma'e'ywa useawykyahyw *a fruta estragou*
- 'ita'uta'uwa'ea /ʔi'taʔu'taʔuwa'ʔea/ *n.III* laranja (cor)
- 'oga /'ʔɔga/ *n.III* casa, residência. Ajnon: asehutese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u) *nós todos juntos construímos nossa casa*; ti popytywo e apo 'og (Wajwera umume'u) *me ajuda a construir a casa*; ti rehe taketehewehe ne wy wekow (Wajwera umume'u) *eu posso vir dormir sozinho em casa*; ure uruapo 'oga *nós fizemos estas casas*; ti rogawi ihoj usona *ele saiu de casa*; apoa'u ri'a wetoga *eu quero fazer minha casa*. ■ Eisag → 'ogete
- 'oga muruwisawete /'ɔga muruisawɛ'tɛ/ *n.III* casa grande. ■ Eisag → 'og
- 'ogete /ʔɔgɛtɛ/ *n.III* casa tradicional. Ajnon: uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe *vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda*; uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa *vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver*. ■ Eisag → 'og
- 'u'emanune /ʔu'ʔemanu'nɛ/ *n.III* madrugada (parte)
- 'u'u /ʔu'ʔu/ *n.III* picada

'ya /'ʔia/ n.III água. Ajnon: 'ygygom *água fria*; 'ypisun *água preta*; Ikatua weraha 'ya sene upe *Ikatu levou água para nós*; awa pa'e umuhy pyting 'ya? *quem está sujando a água?*; mume pa'e 'ya? *onde (tem) água?*

'ya gahawa /'ʔia ga'hawa/ n.III pote de água

'ya mungingongara /'ʔia muŋiŋo'ŋara/ n.III geladeira, freezer. Ajnon: 'ya mungingongara iapetinga'e *a geladeira é cinza*

'ya pyra /ʔia 'pɪra/ n.III rio acima, a montante. Ajnon: 'ya pyra katy aha *eu fui rio acima*

'ya tyryrutawa /'ʔa tɪrɪru'tawa/ n.III torneira, mangueira, chuveiro

'yapekarahy /ʔiapɛkara'hi/ n.descr. azul

'yapewy'e (~'yapewy) /ʔiapɛwi'ʔɛ/ n.descr. verde. Ajnon: ywyrā rowa yapewy *a folha da árvore é verde*

'ykwawa /ʔi'kwawa/ n.III igarapé. Ajnon: aha puta 'ype *eu vou pra água (igarapé)*

'ykwererema /i'kwɛɛ'rɛma/ n.III cachoeira

'yrete /ʔirɛ'tɛ/ n.III tempestade

'ywa /'ʔiwa/ n.III árvore. Ajnon: ma'e 'ywa pa'e *que árvore é essa?*; amonog a'epe 'ywa *eu vou cortar aquela árvore*; ma'eramū pa'e imonog 'ywa? *por que ele cortou a árvore?*; ywyrā re aseupir sawara wi *eu subi na árvore afastando-me da onça*; 'ywa rokowi i'ari *ele caiu do galho da árvore*; 'ywa re aseupir *eu subo na árvore*.  
 ▪ Eisag → ioronuhu 'ywa, iorowa, ipe'iuhu, kanawa 'ywa, kujpia 'ywa, kumanu 'ywa, myriti 'ywa, petiwaron 'ywa, petiwaron 'ywa, petyma pisara 'ywa, pina'irona 'ywa, pinuwahu 'ywa, sohu, suparaparon ypya, susiw'a 'ywa, suta'ywa, taparaniwa 'ywa, tarajwir 'ywa, tuku 'ywa, turihwunu 'ywa, 'ywyra

'ywa monokawa /'ʔwa mɔnɔ'kawa/ n.III motosserra

'ywawa /ʔi'wawa/ n.III copo, copo de água

'ywete /ʔiɛ'tɛ/ adv. sobre, em cima. Ajnon: iapiryrua u'aiko ywete *o boné está pendurado em cima*

'ywete /ʔiwe'tɛ/ n.III tronco

'ywyrukwera /ʔiwɪpu'kwɛra/ n.III tronco de árvore. ▪ Eisag → 'ywa

'ywyra /ʔiwɪ'ra/ n.III vara, árvore pequena. Ajnon: ywyrā re aseupir sawara wi *eu subi na árvore afastando-me da onça*. ▪ Eisag → 'ywa

## M

ma'e ahy /ma'ʔε a'hi/ *n.III* doente

ma'e ahyrona /ma'ʔε ahi'rɔna/ *n.III* doença grave

ma'e kutitawa /ma'ʔε kuti'tawa/ *n.III* faquinha

ma'ea<sup>1</sup> /ma'ʔεa/ *n.III* caça. Ajnon: mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o? *de onde você trouxe (fez vir) esta carne de caça?*; pehe puta pesuka ma'ea pesehow? *vocês vão matar aquelas caças?*; eresuka pe ma'eamu? *você matou algum animal?*; urusuka ete ri'a ma'e ma'e *nós matamos várias caças*

ma'ea<sup>2</sup> /ma'ʔεa/ *n.III* coisa, que. Ajnon: ma'e u'ara? *o que caiu?*; ma'ea ripo ti u'u *algo me mordeu*; ma'ea pa remonog oma? *o que você está cortando?*; namukuj ripo ma'ea amukasym *eu perdi duas coisas*; ma'ea rupi pa'e eremukun ne remi'ua? *por onde você engole sua comida?*

ma'ea potawa /ma'ʔεa pɔ'tawa/ *n.III* fogão

ma'ea ro'o mutusukara /ma'ʔε rɔ'ʔɔ mutusu'kara/ *n.III* panela de pressão

ma'esawara /ma'ʔesa'wara/ *n.III* cachorro. Ajnon: unupo ma'esawara *ele bate no cachorro*; ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu *o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele*; esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u *tenha cuidado! o cachorro vai te morder*; ma'esawara ti keywywy re oho oko *o cachorro andou do meu lado*. ▪ Eisag → sawara

ma'ey'yma /ma'ʔei'ʔima/ *n.descr.* vazio

ma'e kytykawa /ma'ʔε kiti'kawa/ *n.III* liquidificador

manganga /maŋa'ŋa/ *n.III* mangangá, abelha, *Bombus*

mani'oga /mani'ʔɔga/ *n.III* mandioca. Ajnon: awa pa'e utym mani'og? *quem plantou a mandioca?*; ure urueraha mani'og kusoa pe *nós levamos mandioca para as mulheres*. ▪ Eisag → ikatua

manimea /mani'mɛa/ *n.III* farinha de mandioca. Ajnon: manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a *farofa de ovo (lit. 'farinha misturada com ovo de galinha')*

manimea pukujtawa roga (~manimea roga) /mani'mɛa pukus'tawa rɔga/ *n.III* casa de farinha. Ajnon: aha puta manime roga pupe wewahema *eu vou chegando para dentro da casa de farinha*; a-apoa'u re'a manime ne roga pupe

manowe /manɔ'wɛ/ *n.III* bagre (esp.). ▪ Eisag → ipira

masakuwa /masa'kuwa/ *n.III* coruja, *Estrigiformes*, *Titonídeos*, *Estrigídeos*

mɔmɔmɪra /mɔmɔ'mɪra/ *n.III* cercado. Ajnon: eremono pa'e imomomyrera pupe tasahumymawa? *você já prendeu todos os porcos no cercado?*

memiranawa /memiranawa/ *n.IIa* enteado

memyra /mɛ'mɪra/ *n.Ia* filha (de mulher), filho, criança. Ajnon: u'ar pa'e ne memyra já nasceu tua filha? (de mulher); emuku'om ti memyra levante a criança (a minha filha); iusawa'ea ne memyra esta criança é tua filha; ne memyra pa'e uapukaj? tua filha gritou?

meru /mɛ'ru/ *n.III* mosca

miahaw /mia'haw/ *n.III* esteira

mihy (~hy) /mi'hi/ *voc.* mãe (de mulher)

misakatinga /misaka'tiŋa/ *n.III* cavalo, burro, jumento, *Equídeos*

misakatirona /misakatirɔna/ *n.III* boi, vaca

misakatirona apitu'um /misakati'rɔna api'tu'um/ *n.III* manteiga

misakatirona arigea po pyrera /misaka'tirɔna ari'gea pɔ pi'rɛra/ *n.III* linguiça de porco

misakatirona kamyá /misakati'rɔna ka'mia/ *n.III* leite de vaca. Ajnon: misakatirona kamyá haj leite azedo; misakatirona kamyá po pyrera leite em pó

misara /mi'sara/ *n.III* veado, *Cervídeos*. Ajnon: misarar o'o inem a carne de veado está estragada; u'yahawa'e urusuka misara nós matamos o veado que atravessou o rio; misara ipirongwa'e o veado é vermelho. ▪ Eisag → katinkwera, misarapirong, pakwohowa

misarapirong /mi'sara pi'rɔŋ/ *n.III* veado-vermelho, *Mazama americana*. ▪ Eisag → misara

misarona /misa'rɔna/ *n.III* bode, ovelha, cabra, *Capra*

mitum /mi'tum/ *voc.* pai (de mulher)

mo /'mɔ/ *adv.* onde. Ajnon: mo wi pa'e eresor? de onde vocês vieram?; mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o? de onde você trouxe esta carne?; mo wi pa'e ituri? de onde ele chegou? ▪ Eisag → mume

mojkyse /mɔski'sɛ/ *n.III* trator

- mojpyruwy /'mɔspɪru'wi/ *n.III* surucucu-de-fogo. ▪ Eisag → cobra
- mojróna /mɔs'rɔna/ *n.III* jararaca, *Bothrops jararaca*. ▪ Eisag → mosa
- monamo /mɔna'mɔ/ *adv.* quando. Ajnon: monamo he pa'e eretym awatia? *quando foi que você plantou o milho?* ▪ Eisag → moronime
- moron /mɔ'rɔn/ *pron.* quanto. Ajnon: moron pa'e ne ra'ya? *quantos filhos são teus?*; moron puta pe akuma'e ihoj osuna? *quantos homens vão correr?*
- moron 'ywa /mɔ'rɔn 'ʔiwa/ *n.III* árvore (esp.). ▪ Eisag → 'ywa
- moronime /mɔrɔni'mɛ/ *adv.* quando. Ajnon: moronime puta pe saha koa pupe? *quando vamos para a roça?* ▪ Eisag → monamo
- mosa (~moj) /'mɔsa/ *n.III* cobra. Ajnon: ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu *o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele*; awa pa'e mosa u'u? *quem a cobra mordeu?*; ise amupig mosa re, ise awisepe mosa nusekysuwi *eu atirei na cobra, mas ela ainda vive*; ise ri'a asuka we'oma mosa *eu estou matando a cobra*. ▪ Eisag → a'ete, a'eteterona, apimuku, arawawa, inasimosa, mojróna, mosakone'yma, mosokonge'ym, tatyuhu, wajpatana, ywyraka'ymomona
- mosakone'yma /'mɔsakɔne'ʔima/ *n.III* cobra-de-duas-cabeças, cobra-cega, *Anfisbenídeos*. ▪ Eisag → mosa
- mosarenya /mɔsarɛ'nɪa/ *n.III* veneno da cobra
- mosokonge'ym /mɔsɔkɔŋɛ'ʔim/ *n.III* cobra-cega. ▪ Eisag → mosa
- muhomu'oma /muhɔmu'ʔɔma/ *n.III* vaga-lume, *Lampirídeos/Fengodídeos*
- mujhatata /mushata'ta/ *n.descr.* bêbado
- mume /mu'mɛ/ *adv.* onde. Ajnon: mume pa'e rekerehe? *onde você dormiu?*; mume pa'e 'ya? *onde (tem) água?* ▪ Eisag → mo
- murawyky /murawi'ki/ *n.III* louva-a-deus, põe-mesa, *Mantídeos*
- muru /mu'ru/ *n.III* cascudo (peixe), *Hypostomus plecostomus*. ▪ Eisag → ipira
- muruwisawa /muruwisawa/ *n.descr.* chefe (ele é), liderança (ele é). Ajnon: Maira muruwisawete *Mairá (é) liderança*
- musena /muse'na/ *n.III* fogo (que cai do céu)
- musu'iwyra /musu'ʔiwi'ra/ *n.III* andorinha, *Passeriformes, Hhirundinídeos*. ▪ Eisag → wyra
- musy'yehyra /musi'ʔie'hira/ *n.III* abelha (esp.). ▪ Eisag → tuwa

muti'o /muti'ʔɔ/ *n.III* camarão

mutuka /mu'tuka/ *n.III* mutuca, *Díptero, Tabanídeos*

myiru /mii'ru/ *n.III* sandália

myriti /mici'ti/ *n.III* buriti

myriti 'ywa /miriti 'ʔiwa/ *n.III* buritizeiro, *Mauritia/Mauritiella*. Ajnon: pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa *vocês carregaram a tora do buritizeiro*. ▪ Eisag → 'ywa

mytu /mi'tu/ *n.III* mutum, *Galiformes, Cracídeos*. ▪ Eisag → wyra

mytuwonguhu /mituwɔŋu'hu/ *n.III* mutum-castanheiro, mutum-cavalo, *Mitu tuberosa*

## N

na /'na/ *voc.* pai (de homem)

namikwara /nami'kwara/ *n.IIa* buraco da orelha

namukuj (~mukuj) /namu'kus/ *num.* dois. Ajnon: namukuj ripo ma'ea amukasym *eu perdi duas coisas*; Ywykatu Ikatu ene ihoj uke mukumukujta ka'ape *Ywykatu e Ikatu entraram dois (dias) no mato*

nawi /na'wi/ *adv.* não

ne /'nɛ/ *pron.* tu, teu, você, seu. Ajnon: ne ru'y pa'e? *você está com febre?*; kyse puta ne pokiti *a faca vai te cortar*; iusawa'ea ne memyra *esta criança é teu/tua filho(a)*; aikwesa pa'e ne rejmawa *aquele xerimbabo (pato) é teu?*

nonuwewaramu /nɔnuwɛwa'ramu/ *n.III* solteiro

nukewe /nu'kɛwɛ/ *pron.* ninguém. Ajnon: nukewe remi 'oga pupe *ninguém entrou na casa*

## O

o'o /ɔ'ʔɔ/ *n.IIa* carne. Ajnon: Suara, eremunohonohog pa'e o'o? *Suara, você cortou a carne?*; mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o? *de onde você trouxe esta carne?*; misakatirona 'o *carne bovina*; tasahua 'o *carne de porcão*; tiwa'aro'o *carne de caititu*

o'oj /ɔ'ʔɔs/ *n.III* semente. Ajnon: awatia ro'osa *semente de milho*; kusa ro'osa *semente de cuia*

oho /ɔ'hɔ/ *v.intr.* vai/foi. Ajnon: aha puta *eu vou embora*; ka'awi puta ihoj tapi'ira *do mato a anta vai sair*; ohopapaw pa'e remi? *todos já foram?*; aha puta ri'a isukaw tasahuamu *eu vou talvez matar um porcão*; oho puta Perēj pupe *ele vai para Belém*. ▪  
Eisag → usor

oko /ɔ'kɔ/ *n.III* galho. Ajnon: 'yw oroko *galho de árvore*; 'ywa rokowi i'ar *ele caiu lá de cima do galho da árvore*; ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym *nós fomos com as mulheres plantar (galho de) mandioca*

opo /ɔ'pɔ/ *n.III* raiz

oso /ɔ'sɔ/ *n.IIa* sogra

oto (~otowa'e) /ɔ'tɔ/ *n.descr.* duro

owa /'ɔwa/ *n.IIa* folha. Ajnon: ywyrā rowa yapewy *a folha da árvore é verde*

## P

pa'e /pa'ʔɛ/ *part.* pergunta (marca de). Ajnon: mo wi pa'e eresor? *de onde vocês vieram?*; eretyryg pa'e kuwejwehe? *ocê acordou cedo?*; aikwesa pa'e ne rejmwā *aquele xerimbabo (pato) é teu?*; ereker pa'e? *ocê dormiu?*; Suara, eremunohonohog pa'e o'o? *Suara, você cortou (várias vezes) a carne?*; awa pa'e uso'o? *quem está chorando?*

pahakua /paha'kua/ *n.III* banana. Ajnon: ise apirog pahakua *eu descasquei a banana*. ▪  
Eisag → pakohowa

pakohowa /pakɔ'hɔwa/ *n.III* banana-do-mato, *Monstera deliciosa*. ▪ Eisag → pahakua

pakwohowa /pakwɔ'hɔwa/ *n.III* veado-branco, *Ozotoceros bezoarticus*. ▪ Eisag → misara

paratuwakonguhu /paratuwakɔŋu'hu/ *n.III* pica-pau, *Piciformes, Picídeos*

pe /'pɛ/ *part.* para (dativo). Ajnon: syryg puta amono ne irua pe *eu vou dar o machado para o teu irmão*; ne se'engawera ri'a amume'u iupe *eu disse o recado para ele*. ▪  
Eisag → upe

pea (~ape) /'pɛa/ *n.Ia* caminho. Ajnon: uata pea rupi *ele está andando no caminho*;  
Ikatu ko rape rupi puta uruhow *nós vamos passar pelo caminho da roça de Ikatu*

pehe /pɛ'hɛ/ *pron.* vocês. Ajnon: pehe puta pesuka ma'ea pesehow? *vocês vão matar aquelas caças?*; urunupopapaw puta pehe *eu vou bater em vocês todos*; pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa *vocês carregaram a tora de buriti*; pehe pa'e purumu'etaramu *vocês são professores?*; pehe pa'e peapyg pesekwapa *vocês sentando aqui*

pehitaw /pɛhi'taw/ *n.III* vassoura

peke'i /pɛkɛ'ʔi/ *n.III* piquiá, pequiá, pequi, *Caryocar brasiliense*. Ajnon: uetyg puta remi ohow peke'i 'ywa ehera *eles vão cortar o pé de piquiá*

penur /pɛ'nur/ *n.descr.* ruim

petiwaron /pɛtiwa'rɔn/ *n.III* goiaba

petiwaron 'ywa /pɛtiwa'rɔn 'ʔiwa/ *n.III* goiabeira. ▪ Eisag → 'ywa

petyma /pɛ'tima/ *n.III* fumo, cigarro

petyma pisara /pɛ'tima pi'sara/ *n.III* tabaco (fumo)

petyma pisara 'ywa /pɛ'tima pi'sara 'ʔiwa/ *n.III* tabaco (árvore). ▪ Eisag → 'ywa

petyma pysahy /pɛ'tima pisa'hi/ *n.III* café

petymutawa /pɛtimu'tawa/ *n.III* cachimbo

pew /'pɛw/ *adv.* ali

pewise /pɛwi'sɛ/ *adv.* longe. Ajnon: wyra uwewe ete pewise *os pássaros voaram muito alto (longe)*

piaka /pia'ka/ *n.III* jaçanã, *jacanídeo*. ▪ Eisag → wyra

pikapikam /pikapi'kam/ *n.III* roupa seca ao sol

pina'irona /pinaʔi'rɔna/ *n.III* graviola, biribá

pina'irona 'ywa /pinaʔi'rɔna 'ʔiwa/ *n.III* gravioleira. ▪ Eisag → 'ywa

pinowa /pi'nɔwa/ *n.III* palha de babaçu. Ajnon: pinowo *olho da palha de babaçu*;  
pinowa wajkiti *está riscando palha (cortando para dobrar a palha)*

pinuwa /pinu'wa/ *n.III* açaí. ▪ Eisag → susiwa

pinuwahu 'ywa /pinuwa'hu 'ʔiwa/ *n.III* bacabeira, *Oenocarpus*. ▪ Eisag → 'ywa

pinuwahua /pinuwʔa'hua/ *n.III* bacaba

pisu'um (~pisun) /pisu'ʔum/ *n.descr.* sujo. Ajnon: usahug ohow upisupisunawi *ele banhou porque estava sujo*; ne atu'a pisun tua nuca está suja

pitiuhu (~pisiuhu) /pitiu'hu/ *n.III* tucano (esp.), *Ramphastos toco*. ▪ Eisag → tukan, wyra

poronoa /pɔɾɔ'nɔa/ *n.III* rio. Ajnon: aha puta poronoa rupi *eu saio do rio*; asehej ri'a porono pupe *eu me lavei no rio*; porono pupe Ikatu ihoj *para dentro do rio Ikatu foi*; aiko ra'e wehe re pa'e ehow he porono pupe aitapa *ontem você foi nadar no rio*

puhapuhaw /puhapu'haw/ *n.III* rola-bosta, escaravelho

puhi /pu'hi/ *part.* proibitivo. Ajnon: Suta'ar sene 'arimu ihoramu puhi ke pe isaukar puhi *quando Suta'ar passar sobre nós, não amostrar (não apontar)*; eho puhi *não vá*

puhope /pu'hɔ'pɛ/ *n.III* garra (de bicho)

pukongete /pukɔŋɛ'tɛ/ *n.descr.* forte (muito)

puna /pu'na/ *n.III* taquara fina (esp.)

purake /pura'kɛ/ *n.III* poraquê, peixe-elétrico, puraquê, *Electrophorus electricus*

purumu'etaramu /puru'muʔɛ'taramu/ *n.III* professor/professora. Ajnon: ise purumu'etaramu *eu sou professor*

purumupisetaramu /puru'mupisɛ'taramu/ *n.III* pajé. Ajnon: ise purumupisetaramu *eu sou pajé*

puta /pu'ta/ *part.* projetivo. Ajnon: pehe puta pesuka ma'ea pesehow? *vocês vão matar aquelas caças?*; ise hu puta runupo *eu bato em vocês dois*; moronime puta pe saha koa pupe? *quando vamos para a roça?*; aha puta Perêj pupe *eu vou para Belém*; aapara puta ri'a tekwwa *eu vou dobrar a rede*; ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj *eu vou cavar meu poço*

pyasej /pia'sɛs/ *n.III* meia-noite

pykahu /pika'hu/ *n.III* pombo. ▪ Eisag → wyra

pykapykawa /pikapi'kawa/ *n.III* borboleta. ▪ Eisag → pykapykawipisuna'e, pykapykawtinga'e, tiwaku

pykapykawipisuna'e /pikapikawipisuna'ʔɛ/ *n.III* borboleta-preta. ▪ Eisag → pykapykawa

pykapykawtinga'e /pɪkɪkɪkawtɪŋa'ʔɛ/ *n.III* borboleta (esp.), *Morpho*. ▪ Eisag → pykapykawa

pyky'i /pɪkɪ'i/ *n.III* rolinha, *Columbidaeos*, *Columbina*. ▪ Eisag → wyra

pyypyypy /pɪpɪpɪ'pɪ/ *n.III* coruja-branca, *Tyto alba*. ▪ Eisag → masakuwa, wyra

pytera /pɪ'tɛra/ *n.descr.* meio. Ajnon: awati pytera rupi puta uruhow *eu vou passar pelo meio (da plantação) de milho*

pytowoihu /pɪtɔwɔi'hu/ *n.III* bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus*. ▪ Eisag → wyra

## R

rako /rɔ'kɔ/ *adv.* atestado pelo falante. Ajnon: uwahemamaw rako *todos já chegaram!*; urunupo rako pehe *nós batemos em vocês*; aiko ra'e wehe rako aha ka'a pe weketa *ontem eu fui dormir no mato*

reko /rɛ'kɔ/ *part.* atestado. Ajnon: ohopapaw reko *todos já foram!*

remedio erukahara /rɛ'mɛdiu ɛruka'hara/ *n.descr.* enfermeira. Ajnon: Alzinete remedio erukahara *Alzinete é enfermeira (é a que faz vir o remédio)*

remi /rɛ'mi/ *part.* coletivizador. Ajnon: aimi wyra'yra remi ti rejmawa *aquelas galinhas são meus xerimbabos*; uso'o remi *eles choraram*; uapyg remi ukwapa *todos estão sentados*; oho puta remi iatika peke'ia 'ywa *eles vão cortar a árvore do pequi*; kusomuku'i remi usaihejhe *as moças estão rindo*; ukerpapaw remi *todos entraram na casa*

ri'a /ri'ʔa/ *part.* declarativo. Ajnon: asemuaraseteete ri'a *eu brinquei muito*; asonete ri'a wehow *asonete ri'a wehow*; uker ri'a *ele dormiu*; a'aw ri'a *eu estou deitado*; ti 'aw kujpaw ri'a *meu cabelo caiu*

ripo /ri'pɔ/ *posp.* dúvida. Ajnon: ma'ea ripo ti u'u *algo me mordeu*; awa pa'e ripo use'engar? *quem está cantando?*; awa ripo apukapukaj *alguém está gritando muito*; aikoj katu ripo isahug *para lá (incerteza) ele banhou*

## S

- sa'i'um /saʔi'ʔum/ *n.III* barro
- sahy /sa'hi/ *n.III* lua
- sahya uwya /sa'hia u'wia/ *n.III* lua ensanguentada, eclipse
- sahytata /sa'hita'ta/ *n.III* estrela. ▪ Eisag → eisu, sahy, sahytataw'a
- sahytataw'a /sahitataw'ʔa/ *n.III* estrela cadente (maior). ▪ Eisag → sahytata
- saimew /sai'mew/ *n.III* panela de barro
- sakami /saka'mi/ *n.III* jacamim, *Gruiformes*, *Psofídeos*, *Psophia*
- sakarana /sakara'na/ *n.III* jacarandá, *Dalbergia*, *Machaerium*
- sakare akój /saka're a'kɔs/ *n.III* bule
- sakare asywa /saka're a'siwa/ *n.III* cangalha, cambito de cangalha
- sakarea /saka'rea/ *n.III* jacaré
- sakarehu /sakare'hu/ *n.III* jacaré-açu, *Tachia guianensis*
- sakaretinga /sakare'tiŋa/ *n.III* jacaretinga, *Caiman crocodilus*
- sakua /sa'kua/ *n.III* jacu, *Galiformes*, *Cracídeos*, *Penelope*. ▪ Eisag → wyra
- sakuhua /saku'hua/ *n.III* jacutinga, *Pipile jacutinga*
- sakuna /saku'na/ *n.III* jacundá, *Crenicichla*
- sanipaw /sani'paw/ *n.III* jenipapo
- sanu /sa'nu/ *n.III* aranha. ▪ Eisag → sanu'i, sanupopuku, sanupuhaw, sanupyha
- sanu'i /sanu'ʔi/ *n.III* aranhicho, aranhinha. ▪ Eisag → sanu
- sanua rekwawa /sa'nua rɛ'kwawa/ *n.III* antena parabólica
- sanupopuku /sa'nupɔpu'ku/ *n.III* aranha-caranguejeira, *Subordemortógnatos*, *Terafosídeos*. ▪ Eisag → sanu
- sanupuhaw /sanupu'haw/ *n.III* aranha (esp.). ▪ Eisag → sanu
- sanupyha /sanupi'ha/ *n.III* teia de aranha. ▪ Eisag → sanu

- sapakania /sapaka'nia/ *n.III* gavião, *Falconiformes*, *Acipitrídeos/Falconídeos*. ▪ Eisag → sapakanirona, wyra
- sapakanirona /sapakani'rɔna/ *n.III* águia. ▪ Eisag → sapakania, wyra
- sapewa /sa'pewa/ tatu (esp.). ▪ Eisag → tatu
- sapi'i /sapi'ʔi/ *n.III* xexéu. ▪ Eisag → wyra
- sapuhu /sapu'hu/ *n.III* xexéu (esp.). ▪ Eisag → wyra
- saratyta /sarati'ta/ *n.III* caramujo
- sarukawa /saru'kawa/ *n.III* jacu (esp.)
- sate'i py'a /sateʔi pi'ʔa/ *n.III* biscoito recheado
- satewu'i /satewu'ʔi/ *n.III* carrapatinho, *Amblyomma cajennense*. ▪ Eisag → satewua
- satewua /sate'wua/ *n.III* carrapato, *Ixodídeos/Argasídeos*. Ajnon: Ikatu konga re satewuga ituni *tem carrapato na perna da Ikatu*. ▪ Eisag → satewu'i, satewupew, satewupytong
- satewupew /satewu'pew/ *n.III* carrapato-estrela, *Amblyomma cajennense*. ▪ Eisag → satewua
- satewupytong /satewupi'tɔŋ/ *n.III* carrapato-vermelho, *Rhipicephalus sanguineus*. ▪ Eisag → satewua
- sati'u /sati'ʔu/ *n.III* carapanã, mosquito
- satuta'i /satuta'ʔi/ *n.III* caracol
- sautia /sau'tia/ *n.III* jabuti. ▪ Eisag → sautiakarahawa, sautihi
- sautiakarahawa /sau'tiakara'hawa/ *n.III* tracajá. ▪ Eisag → sautia
- sautihu /sauti'hu/ *n.III* jabuti-açu, *Chelonoidis denticulata*. ▪ Eisag → sautia
- sautipeuhu /sautipeu'hu/ *n.III* besouro
- sautipewa /sauti'pewa/ *n.III* barata, *Blatídeos*
- sautipewhurona /sauti'pewhu'rɔna/ *n.III* barata-d'água
- sawamimawa /sawami'mawa/ *n.III* gato, *Felis catus*. ▪ Eisag → sawara
- sawapinima /sawapi'nima/ *n.III* onça-pintada, *Panthera onça*. ▪ Eisag → sawara
- sawapirong /sawapi'rɔŋ/ *n.III* onça-vermelha, suçuarana, *Felis concolor*. ▪ Eisag → sawara

- sawapisuna /sawapi'suna/ *n.III* onça-preta, *Panthera onça*. ▪ Eisag → sawara
- sawara /sa'wara/ *n.III* onça. Ajnon: ywyrá re aseupir sawara wi *eu subi na árvore afastando-me da onça*; sawarahuete a onça grande; sawara usaruete'wá e a onça é braba. ▪ Eisag → ma'esawara, sawamimawa, sawapinima, sawapirong, sawapisuna, sawari, sawaruna
- sawari /sawa'ri/ *n.III* jaguatirica, *Felis pardalis*. ▪ Eisag → sawara
- sawaron /sawa'rɔn/ *n.III* lobo
- sawaruna (~sawaruna) /sawa'runa/ *n.III* onça preta. ▪ Eisag → sawara
- sawatarag /sawata'rag/ *n.III* lontra, *Lutra, Mustelídeos*
- sawewyra /sawɛ'wira/ *n.III* arraia
- sawirire /sawiri'rɛ/ *n.III* morcego, *Ordem dos Quirópteros*
- se'enga'yma'e /sɛ'ɛŋa 'ɣima'ɣɛ/ *n.descr.* mudo
- se'engawera /sɛ'ɛŋa'wɛra/ *n.III* recado. Ajnon: ne se'engawera ri'a amume'u iupe *eu disse o recado para ele*
- sehasakara /sehasa'kara/ *n.III* espelho
- sene /sɛ'nɛ/ *pron.* nós (incl.). Ajnon: na sene rahiwi *nós não (estamos) doentes/doídos*; Ikatua weraha 'ya sene upe *Ikatu levou água para nós*
- seruti /sɛru'ti/ *n.III* anambé-pombo, *Gymnoderus foetidus*
- sesu /sɛ'su/ *n.III* jeju, jiju, *Hoplerythrinus unitaeniatus*. ▪ Eisag → ipira
- setyg /sɛ'tig/ *n.III* batata-doce. ▪ Eisag → setyrona
- setyrona /seti'rɔna/ *n.III* batata. Ajnon: aiko ra'e wehe rako aha ityma ko pupe setyrona *ontem eu fui plantar batata na roça*. ▪ Eisag → setyg
- so /'sɔ/ *n.III* castanha-do-pará, *Bertholletia excelsa*. Ajnon: so putyra *flor de castanha-do-pará*; aiko ra'e wehe puta aha ikaw so *depois de amanhã eu vou coletar castanha-do-pará*
- so kytykawa /'sɔ kiti'kawa/ *n.III* ralador de castanha. ▪ Eisag → kytykaw
- sohu /sɔ'hu/ *n.III* sapucaia, *Lecythis grandiflora*. ▪ Eisag → 'ywa
- soko /sɔ'kɔ/ *n.III* socó, *Nycticorax nycticorax*. ▪ Eisag → wyra
- sope /sɔ'pɛ/ *n.III* ouriço de castanha

su /'su/ *n.III* espinho. ▪ Eisag → tatina'ywa

su'i /su'ʔi/ *n.III* jia

su'un /su'ʔun/ *n.III* sinal, mancha

suewiewir /suɛwiɛw'ir/ *adv.* repetidamente. Ajnon: uapukaj suewiewira *ele grita repetidamente*

suewir /suɛw'ir/ *adv.* novamente. Ajnon: aker suewir *eu dormo de novo*; aku'om suewir *eu me levanto novamente*; uapukaj suewiewira *ele grita repetidamente*

sumi'a /sumi'ʔa/ *n.III* flauta (tipo)

sumi'ahu /sumi'ʔahu/ *n.III* avião

suparapara /supara'para/ *n.III* abacaxi-do-mato

suparaparon ypya /suparapa'rɔn i'pɪa/ *n.III* abacaxizeiro. ▪ Eisag → 'ywa

suparaparona /suparapa'rɔna/ *n.III* abacaxi. ▪ Eisag → suparapar

supati /supa'ti/ *n.III* rato (esp.)

susiw'a 'ywa /susiw'ʔa 'ʔiwa/ *n.III* açazeiro, *Euterpe oleracea*. ▪ Eisag → 'ywa

susiw'arya /susiw'ʔa'ria/ *n.III* suco do açai

susiwa /susi'wa/ *n.III* açai (grande). Ajnon: susiwa haj açai (*está*) azedo. ▪ Eisag → pinuwa, pinuwahua

susiwa 'awa /susiwa'ʔawa/ *n.III* cacho do açai. ▪ Eisag → susiwa

suta 'ywa /suta 'ʔiwa/ *n.III* jatobá, *Hymenaea*. ▪ Eisag → 'ywa

suw'e /suw'ʔɛ/ *n.III* perereca, *Anfíbios anuros arborícolas*

suwe /su'wɛ/ *n.III* sapo (esp.)

swaratia /swaratia/ *n.III* espinho (ponta de). ▪ Eisag → su

sykong /sy'kɔŋ/ *n.III* chocalho (tipo)

sypew /sɪ'pɛw/ *n.III* enxada

syru'otawa /siru'ʔɔ'tawa/ *n.III* máquina de costura

syryg /sɪ'riɡ/ *n.III* machado. Ajnon: syryg puta amono ne irua pe *eu vou dar o machado para o teu irmão*

## T

- ta'oga /ta'ʔɔga/ *n.III* formiga (esp.). ▪ Eisag → tahywa
- tahakwari /tahakwa'ri/ *n.III* taquara (esp.)
- tahywa /ta'hiwa/ *n.III* formiga, *Formicídeos*. ▪ Eisag → ta'oga, tahywuna, tahywarema, tahywa purupir piwe
- tahywa purupir piwe /ta'hiwa puru'pir pi'wɛ/ *n.III* formiga-de-fogo. ▪ Eisag → tahywa
- tahywarema /tahiwa'rɛma/ *n.III* formiga-correição. ▪ Eisag → tahywa
- tahywuna /tahi'wuna/ *n.III* formiga (esp.)
- takwara syw'a /ta'kwara siw'ʔa/ *n.III* telha
- takwawera /takwa'wɛra/ *n.III* palha de aço
- tamawa /tama'wa/ *n.III* tamanduá-bandeira. ▪ Eisag → asong
- tameaimun /tameai'mun/ *n.III* peixe (esp.). ▪ Eisag → ipira
- tami'iwehe /tamiʔiwɛ'hɛ/ *n.III* pescada (peixe). ▪ Eisag → ipira
- tangara /taŋa'ra/ *n.III* tangará. ▪ Eisag → wyra
- taparaniwa 'ywa /tapara'niwa 'ʔiwa/ *n.III* árvore (esp.). ▪ Eisag → 'ywa
- tapi'ipisuna /tapi'ʔipi'suna/ *n.III* anta-preta, *Tapirus Kabomani*. ▪ Eisag → tapi'ira
- tapi'ira /tapi'ʔira/ *n.III* anta, *Tapirus terrestris*. Ajnon: ti re mi suka tapi'ira *minha coisa matada a anta*; tapi'ira puta oho ka'a wi uhemá a anta vai saindo do mato. ▪ Eisag → tapi'ipisuna, tapi'itinga
- tapi'ise /tapiʔi'sɛ/ *n.III* coelho, *Oryctolagus cuniculus*
- tapi'itinga /tapiʔi'tiŋa/ *n.III* anta-branca, *Tapirus terrestris*. Ajnon: ma'esawara usepurakaretewa'e u'u tapi'itinga *o cachorro que é bom caçador mordeu a anta-branca*
- tapisara (~tapisapisara) /tapi'sara/ *num.* muitos
- tapoworona /tapɔwɔ'rɔna/ *n.III* panieiro (de cipó-títica). Ajnon: Miho uapokwahaw tapoworona *Miho sabe fazer panieiro*

- tarajwir 'ywa /taraswi'r ʔiwa/ *n.III* sumaúma (esp.). ▪ Eisag → 'ywa
- tararawre /tararaw're/ *n.III* japiim, *Cacicus cela*
- taratiratinga<sup>1</sup> /taratira'tiŋa/ *n.III* libélula, jacinta
- taratiratinga<sup>2</sup> /taratira'tiŋa/ *n.III* helicóptero
- tareiri /tarei'ri/ *n.III* traíra, *Hoplasmalabaricus*. ▪ Eisag → ipira
- tarejriuhu /tares'riu'hu/ *n.III* trairão. ▪ Eisag → ipira
- tasahua /tasa'hua/ *n.III* porcão, queixada, *Tayassu pecari*. Ajnon: aha puta ri'a isukaw tasahuamu *talvez eu mate um porcão*; asuka ete puta tasahuamu *com certeza eu vou matar um porcão*; kuej wehe puta ihoj tasahua *amanhã ele quer caçar porcão*. ▪ Eisag → tasahumymaw
- tasahua mymawa arigea po pyrera /tasa'hua mi'mawa ari'gea pɔ pi'rera/ *n.III* linguíça de porco
- tasahua sywa pekongwera /tasa'hua siwa pekɔ'ŋwera/ *n.III* pá
- tasahumymaw /tasa'humɨ'maw/ *n.III* porco, *Suídeos*. Ajnon: eremono pa'e imomomyrera pupe tasahumymawa? *você já prendeu todos os porcos?* ▪ Eisag → tasahu
- tasahuron komopikara /tasahu'rɔn kɔmɔpi'kara/ *n.III* gafanhoto (esp.)
- tasarona /tasa'rɔna/ *n.III* taioba, *Xanthosoma violaceum*
- tata /ta'ta/ *n.III* fogo (em geral), fogueira. ▪ Eisag → tatahu, tatatinga
- tatahu /tata'hu/ *n.III* cinzas. ▪ Eisag → tata
- tatahuwa /tata'huwa/ *n.III* poeira
- tatapekwawa /tatape'kwawa/ *n.III* abanador
- tatatinga /tata'tiŋa/ *n.III* fumaça. ▪ Eisag → tata
- tatatirong /tatati'rɔŋ/ *n.III* neblina
- tatin /ta'tin/ *n.III* lombriga, verme. Ajnon: rigepe ikoj ti tatina *no meu intestino está meu verme*
- tatina'ywa /tatina'ʔiwa/ *n.III* agulha. ▪ Eisag → su
- tatu /ta'tu/ *n.III* tatu. Ajnon: mowy pa'e iture tatu? *de onde o tatu saiu?* ▪ Eisag → sapewa, tatuete, tatuhu, tatupew

- tatuete /tatue'tɛ/ *n.III* tatu-galinha. ▪ Eisag → tatu
- tatuhu /tatu'hu/ *n.III* tatu-canastra. ▪ Eisag → tatu
- tatupew /tatu'pɛw/ *n.III* tatupeba, *Euphractus sexcinctus*. ▪ Eisag → tatu
- tatyuhu /tatiu'hu/ *n.III* surucucu, *Bothrops jararacussu*. ▪ Eisag → mosa
- tawareraj /taware'ras/ *n.III* mucura, *Didelphis*
- tawarerasapina /ta'ware'rasa'pina/ *n.III* peixe-cachorro, peixe-cabeça-de-cachorro, pirapucu, timbucu, *Raphiodon vulpinus*. ▪ Eisag → ipira
- tawoto /tawɔ'tɔ/ *n.III* gavião vermelho. ▪ Eisag → wyra
- tayiwa /tai'iwʔa/ *n.III* época de mamuĩ
- tehahua /teha'hua/ *n.III* tucumã, *Astrocaryum/Bactris*. Ajnon: tehahua iapu'a *o tucum é redondo*
- tehe /te'hɛ/ *posp.* mesmo. Ajnon: upoku ikaru tehe *ele come com a própria mão*
- temi'u pyuhawa /temi'ʔu piu'hawa/ *n.III* concha (de cozinha)
- ti /'ti/ *pron.* eu, meu. Ajnon: ti ko pupe tiwa'a *tem caititu na minha roça*; ko pupe ti hy ihoj *pra roça minha mãe foi*; tipiw ihoj karuarahua usona *a paca correu perto de mim*; ise ti asate'ymete *eu sou preguiçosa*; ti kane'uete ri'a *eu estou muito cansada*
- ti'iwa /ti'ʔiwa/ *n.III* arco-íris
- tikwa /ti'kwa/ *n.III* papagaio (esp.). ▪ Eisag → wyra
- timo /ti'mɔ/ *n.III* timbó. Ajnon: atimukamuka puta wehow 'ar pyteripe *eu vou botar timbó [na água para matar peixe] no meio do verão*
- tine'a /tine'ʔa/ *n.III* mandi, *Pimelodella gracilis*. ▪ Eisag → ipira
- tiniarona /tinia'rɔna/ *n.III* peixe (esp.). ▪ Eisag → ipira
- tipiw /ti'piw/ *adv.* perto. Ajnon: tipiw ihoj karuarahua usona *a paca correu perto de mim*; ne memyra tipiw uapyg *teu filho sentou perto de mim*
- tirikwera pypetawa /tirikwera pipetawa/ *n.III* varal
- tiwa'a /tiwa'ʔa/ *n.III* caititu, porco-do-mato, *Tayassu tajacu*. Ajnon: aihyra'u ri'a tiwa'a *eu quero assar o caititu*; Ikatu oko pupe tiwa'a *tem caititu na roça de Ikatu*
- tiwaku /tiwa'ku/ *n.III* borboleta-coruja. ▪ Eisag → pykapykawa

- tukan /tu'kan/ *n.III* tucano, *Piciformes*, *Ramphastos*, *Ranfastídeos*. ▪ Eisag → kwere, kwreta'u, pisiuhu
- tukanaw /tuka'naw/ *n.IIa* cocar (de penas de tucano)
- tukangyra /tuka'ŋira/ *n.III* tucandeira, tocandira, *Poneríneos*
- tukanuhu /tukanu'hu/ *n.III* tucanuçu
- tuku 'ywa /tu'ku 'ʔiwa/ *n.III* tucunzeiro, *Astrocaryum/Bactris*. ▪ Eisag → 'ywa
- tukurupipina<sup>1</sup> /tukurupi'pina/ *n.III* gafanhoto
- tukurupipina<sup>2</sup> /tukurupi'pina/ *n.III* moto
- tuny /tu'ni/ *n.III* pulga
- tupasa /tu'pasa/ *n.III* tipoia
- turihiwnuhu /turihiwnu'hu/ *n.III* mamão
- turihiwnuhu 'ywa /turihiwnu'hu 'ʔiwa/ *n.III* mamoeiro, *Carica papaya*. ▪ Eisag → 'ywa
- tururi /turu'ri/ *n.III* bico-roxo, tururu, *Nomonyx dominicus*
- tutyr /tu'tir/ *n.IIa* tio (de mulher)
- tuwa<sup>1</sup> /tuwa/ *n.III* abelha. ▪ Eisag → katykyehyra, musy'yehyra
- tuwa<sup>2</sup> /tuwa/ *n.IIb* pai de alguém. Ajnon: usuwa *pai dele próprio*; ti ruwa, eresuka pa'e ma'ea? *meu pai, você matou algo?*; ene pa'e eremono ywyrapara ne ruwa pe *você deu o arco para o teu pai*. ▪ Eisag → na
- ty<sup>1</sup> /tí/ *n.III* seiva
- ty<sup>2</sup> /tia/ *n.III* bagaço. Ajnon: tymo rajty *bagaço de timbó*; so rajty *bagaço de castanha*; inata rajty *bagaço de coco*
- ty'ymon /ti'ʔi'mon/ *n.III* olho-d'água
- tykyrayra /tikira'ira/ *n.III* periquito-verde, *Psitacídeos*. ▪ Eisag → wyra
- tymemyra pyhykarera (~ti hy angaw) /time'mura pihi'kera/ *n.III* parteira, mãezinha
- typaw /ti'paw/ *n.descr.* seco
- typyhyhawa /tipihi'hawa/ *n.III* remo
- tyrua /ti'rua/ *n.III* companheiro

tyrykwera /tʲiʲi'kwɛrɐ/ *n.III* roupa

tyrykwera apotawa /tʲiʲi'kwɛrɐ apɔ'tawa/ *n.III* tecido (para fazer roupa)

tyrykwera pimumykawa /tʲiʲi'kwɛrɐ pimumi'kawa/ *n.III* ferro de passar

tyryrypya /tʲiʲiʲi'pʲiɐ/ *n.III* bagre (esp.). ▪ Eisag → ipira

## U

u'ar<sup>1</sup> /u'ʔar/ *v.intr.* cai/caiu. Ajnon: a'ar werew *eu quase caí*; u'ar puta *ele vai cair*; u'ar 'ywetewi *ele caiu da árvore*; uru'ar nós *caímos*; wesowesona a'ar *eu estava correndo e caí*; 'ywa rokowi i'ar *ele caiu lá de cima do galho da árvore*. ▪ Eisag → kuj, kukuj

u'ar<sup>2</sup> /u'ʔar/ *v.intr.* nasce/nasceu. Ajnon: a'ar *eu nasci*; u'ar puta *ele vai nascer*; u'ar pa'e ne rasira? *já nasceu tua filha?*; ne ra'yra pe u'ara? *teu filho já nasceu?* (*pergunta para o homem*)

u'asuka /u'ʔasu'ka/ *v.tr.* aterra/aterrou. Ajnon: a'asuka oga *aterrar (o piso da) casa*

u'aw /u'ʔaw/ *v.intr.* deita/deitou na rede. Ajnon: a'aw ri'a *eu (estou) deitado na rede*; a'aw puta ri'a wehow *estou indo me deitar na rede*

u'e (~u'i) /u'ʔɛ/ *v.intr.* diz/disse, conta/contou. Ajnon: i'i hejkwehe *ele contou faz muito tempo*; uru'e nós (*excl.*) *dissemos*; uruse'eng ehe aikwesa ikatuete uru'e sepi ehe nós *falamos sobre a bondade dele*

u'u<sup>1</sup> /u'ʔu/ *v.tr.* come/comeu. Ajnon: ma'ea rupi pa'e eremukun ne remi'ua? *por onde você engole sua comida?*; u'u puta ri'a *ele vai comer*; ise apirog pahakurona i'u *eu descasquei e comi a banana*. ▪ Eisag → karu

u'u<sup>2</sup> /u'ʔu/ *v.tr.* morde/mordeu, pica/picou. Ajnon: ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu *o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele*; awa pa'e mosa u'u? *quem a cobra mordeu?*; ma'e pa'e ne u'u? *o que te mordeu?*; ma'ea ripo ti u'u *algo me mordeu*

u'umu'om /u'ʔumu'ʔɔm/ *v.tr.* enfia/enfiou. Ajnon: ywyrɐ u'umu'om *ele enfia estaca*

u'y'u /u'ʔi'ʔu/ bebe/bebeu água. Ajnon: aiko ra'e wehe rako ko pupe aha ityma a'y'u roko raj ipyk ikatua muapyga nune *ontem eu plantei roça, bebi água e comi macaxeira*; u'y'u puta ri'a *ele vai beber*

u'yahaw /uʔia'haw/ *v.intr.* atravessa/atravessou o rio. Ajnon: uru'yahaw *nós atravessamos o rio*; u'yahawa'e urusuka misara *nós matamos o veado que atravessou o rio*; 'yahaw katy aha *eu fui rio abaixo*; 'ya rupi i'yahawi *ele atravessou o rio*

ua /'ua/ *voc.* irmã (mulher falando)

ua'ar werew /uaʔar we'rɛw/ *v.intr.* desequilibra-se/desequilibrrou-se. Ajnon: aa'ar werew *eu me desequilibrei*; ua'ar werew *puta ele vai se desequilibrar*

uagahaw ahemawa /uaga'haw ahe'mawa/ *n.III* sul

uahaw /ua'haw/ *v.tr.* atravessa/atravessou. Ajnon: upeahaw (*ele*) *atravessar o caminho*

uahem /ua'hɛm/ *v.intr.* chega/chegou. Ajnon: uahemamaw pa'e? *todos já chegaram?*; uwahemamaw rako *todos já chegaram!*; monamu *puta pa'e ituri wahemamapa? quando todos vão chegar?*; uruwahemame ri'a kowi *nós (excl.) chegamos da roça*; aiko ra'e wehe rako awahem akaru akerako *ontem eu cheguei, comi e dormi*

uahyryrym /uahiri'rim/ *v.intr.* escorrega/escorregou. Ajnon: aahyryrym *eu escorreguei*; uahyryrym *puta ele vai escorregar*

uaiko /uai'kɔ/ *v.tr.* pendurado (está/esteve). Ajnon: uaiko *ele está pendurado*; iapiryrua uaiko *ywete o boné está pendurado no alto*

uajkiti (~wajkisi) /uaski'ti/ *v.tr.* risca/riscou, corta/cortou. Ajnon: wajkiti pinowa *está riscando palha (cortando para dobrar a palha)*

uakawa'i opo pyrera /uakawa'ʔi ɔ'pɔ pi'rɛra/ *n.III* papel, caderno

uamuwew /uamuw'ɛw/ *v.tr.* apaga/apagou. Ajnon: amuew *puta ri'a tata eu vou apagar o fogo*; amuewpapaw *ri'a tata eu acabei de apagar o fogo inteiro, completamente*; oko umuew roko ikwehew *ele sempre apagava o fogo*

uanawa /ua'nawa/ *n.f.* padrasto

uapar /ua'par/ *v.tr.* dobra/dobrou. Ajnon: aapar *puta ri'a tekwwa eu vou dobrar a rede*; uapar *puta ri'a uekwawa Suelia Sueli, você vai dobrar a sua rede*; ereapar *pa'e ne rekwawa rupohoma? você está dobrando a corda da sua rede?*

uapekar /uapɛ'kar/ *v.tr.* abre/abriu Ajnon: aapekar *eu abri*; uapekar *puta ri'a ele vai abrir*

uapo<sup>1</sup> /ua'pɔ/ *v.tr.* faz/fez. Ajnon: aapoa'u *ri'a wetoga eu quero fazer minha casa*; ure uruapo 'og *nós fizemos estas casas*; aapoa'u *ri'a manime ne roga pupe eu preciso fazer farinha na tua casa (de farinha)*

uapo<sup>2</sup> /ua'pɔ/ *v.tr.* desenha/desenhou, pinta/pintou. Ajnon: aapo *puta ma'e arawa eu vou desenhar/pintar qualquer coisa*

uapukaj /uapu'kas/ v.intr. grita/gritou. Ajnon: aapukaj *eu gritei*; awa pa'e uapukasatue? *alguém está gritando muito?*; ne memyra pa'e uapukaj *tua filha gritou*; pew ri'a awa iapukaj *lá, alguém está gritando*; ne remiriko ripo uapukaj ne upe *sua esposa está gritando para você*; Ikatua ripo uapukapukaj *Ikatu está gritando muito*

uapukapukaj /uapupuka'kas/ v.intr. ecoa/ecoou, grita/gritou muito. Ajnon: awa ripo apukapukaj *alguém está gritando muito*; aapukapukaj *eu gritei*

uapy /ua'pi/ v.tr. queima/queimou. Ajnon: use'i wehete puta aapy weko *amanhã bem cedo eu vou queimar minha roça*

uapyg /ua'pig/ v.tr. senta-se/sentou-se. Ajnon: aapyg wetuna *eu estou sentado*; ure uruapyg iri'a urukupa *nós todos estamos sentandos*; uruapyg puta ri'a *nós (excl.) vamos nos sentar*; ne memyra tipiw uapyg *teu filho sentou perto de mim*

uapyhara /uapi'hara/ v.tr. trança/trançou, teço/teceu. Ajnon: aapyhara *eu trançei*; uapyhara puta *ele vai trançar*

uarikure /uariku're/ n.III tripé para cozinhar

uasun /ua'sun/ v.intr. espirra/espirrou. Ajnon: aasun *eu espirrei*; uasun puta ri'a *eu vou espirrar*

uasupaw /uasupaw/ v.intr. agrisalha/agrisalhou. Ajnon: iasupawame'ete *ele está começando a ficar com os cabelos bem grisalhos*

uata /ua'ta/ v.intr. anda/andou. Ajnon: aata *eu ando*; uata puta *ele vai andar*; enune uruata *na frente, nós andamos*; aiko ra'e wehe re pa'e erehow ka'a pe eataw *ontem você foi andar no mato*; aiko ra'e wehe rako aata akaru ase'engar *ontem eu andei, comi e cantei*

ue'ara sekuma'e /ue'ara sekuma'ʔe/ v.tr. memória (guardar na). Ajnon: ae'ara sekuma'e *eu lembrei ( guardei na memória)*

ueraha /uera'ha/ v.tr. leva/levou. Ajnon: Muretama weraha kyse ipyhyka ti wi *Muretama levou a faca que pegou de mim*

uerur /ue'rur/ v.tr. traz/trouxe. Ajnon: mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o? *de onde você trouxe (fez vir) esta carne de caça?*

uesag /ue'sag/ v.tr. vê/viu. Ajnon: kupara ti resag ri'a *o compadre está me vendo*; aiko re wehe rako aesag akuma'e *ontem eu vi este homem*; awa pa'e he Wajwera uesag? *quem foi a pessoa que Wajwera viu?*; wapitu'o wesag sepi a'wera *tem gente que vê espírito*; awa pa'e rejsag? *quem você viu?*; na esagwi wehe ipira ku'omawa *eu nunca vi peixe levantado*

uesakatuete /uesakatuɛ'tɛ/ *v.tr.* acerta/acertou (o alvo). Ajnon: aesakatuete *eu acerto o alvo*; uesakatuete *puta ele vai acertar o alvo*

uesyj /uɛ'sis/ *v.tr.* arrasta/arrastei

uetun /uɛ'tun/ *v.tr.* cheira/cheirou

uhaku'og /uhaku'ɔg/ *v.tr.* ponte (fazer). Ajnon: ahaku'og *eu fiz ponte*

uhej /u'hɛs/ *v.tr.* lava/lavou. Ajnon: asyruhej *eu lavo roupa*; asehej ri'a porono pupe *eu me lavei no rio*

uhem /u'hɛm/ *v.intr.* sai/saiu. Ajnon: ahem *eu saí*; uhem *puta ri'a eu vou sair*; uruhem *nós (excl.) saímos*

uhen /u'hɛn/ *v.tr.* esvazia/esvaziou. Ajnon: ahen *eu esvaziei*; uhen *puta ele vai esvaziar*

uhir /u'hir/ *v.tr.* risca/riscou

uhojme'e /uhɔsmɛ'ʔɛ/ *v.tr.* amola/amolou

uhumyru (~mymyrur) /uhumi'ru/ *v.tr.* procura/procurou. Ajnon: ahumyru *eu procurei*; uhumyru *puta ele vai procurar*; uruhumyru *nós (excl.) vamos procurar*; amymyrur ri'a kysea wekow *eu estou procurando a faca*; eho imymyrur *vá e procure algo*

uhuw /u'huw/ *v.tr.* encontra/encontrei

uhuwapyg /uhuwa'pɪg/ *v.tr.* fecha/fechou

uhuwepemopog /uhuwɛpɛmɔ'pɔg/ *v.tr.* destampa/destampou

uhyw /u'hiw/ *v.tr.* seca/secou. Ajnon: uhyw *puta ri'a ele vai secar*

uhywykaj /uhiwi'kas/ *v.tr.* cava/cavou. Ajnon: ywykwara ahywykaj *eu cavo buraco na terra*; ti se'eromamu *puta ri'a ahywykaj vou cavar meu poço*

uihyr /ui'hir/ *v.tr.* assa/assou. Ajnon: aihyra'u ri'a tiwa'a *eu quero assar o caititu*; uruihyr *tasahua nós (excl.) assamos porcão*

uikyj /ui'kis/ *v.tr.* arranca/arrancou. Ajnon: ise pa aikysa'u mani'oga ne ko pupe? *eu posso arrancar mandioca na tua roça?*

uime /ui'mɛ/ *v.intr.* ri/riu. Ajnon: aime *eu ri*

uiu /ui'nu/ *v.tr/intr.* ouve/ouviu. Ajnon: ainu *eu ouço*; majere tainune *fique calado, eu quero ouvir*; imonuarera purunutakwera ainu *antigamente eu ouvia histórias*; useupir sawara reinupa *ele subiu na árvore porque ele ouviu o barulho da onça*

uityg /ui'tig/ *v.tr.* derruba/derrubou. Ajnon: irutehe'yma'e aityg 'ywa *eu já cortei três árvores*; uetyg puta remi ohow peke'i 'ywa ehara *eles vão cortar o pé de pequi*; aiko ku'ema ere puta uruho iejtyka ka'a *depois de amanhã nós vamos derrubar mato*

uka /u'ka/ *v.tr.* junta/juntou, coleta/coletou. Ajnon: aiko ra'e wehe puta aha ikaw so *depois de amanhã eu vou coletar castanha-do-pará*

uka'e /uka'ʔɛ/ *v.intr.* sara/sarou, seca/secou. Ajnon: ise aka'eete *eu sarei bem*; aikwesa uka'eete *ele sarou bem*

uka'ue /uk'ʔuɛ'tɛ/ *n.descr.* tonto

ukaj /u'kas/ *v.tr.* queima-se/queimou-se. Ajnon: akaj *eu me queimei*

ukamyg /uka'mig/ *v.tr.* amassa/amassou

ukamykamyg /ukamika'mig/ *v.tr.* esmaga/esmagou. Ajnon: akamykamyg *eu esmaguei*; ukamykamyg puta ri'a *ele vai esmagar*

ukara /u'kara/ *n.III* terreiro

ukaru /uka'ru/ *v.intr.* come/comeu. Ajnon: aiko ra'e wehe rako aata akaru ase'engar *ontem eu andei, comi e cantei*; ukaru puta ri'a *ele vai comer*; kopesor sakaru *vem aqui, vamos comer*; emono ma'esawara tukaru *dar comida pro cachorro*; te 'ine ukaru *deixa ele comer*

ukaruw /uka'ruw/ *v.intr.* entardece/entardeceu. Ajnon: Tymykong umukaruwete ka'ape *Tymykong andou o dia todo no mato*

ukasym /uka'sim/ *v.intr.* perde/perdeu. Ajnon: amukasym weywyrapara *eu perdi minha espingarda*; ma'ea ripo amukasym *eu perdi alguma coisa*; ukasym *ele está perdido (desaparecido)*; namukuj ripo ma'ea amukasym *eu perdi duas coisas*

uke /u'kɛ/ *v.intr.* entra/entrou. Ajnon: ake *eu entro*; uke puta *ele vai entrar*; uruke nós (*excl.*) *entramos*; ukerpapaw remi todos *entraram na casa*

uker /u'kɛɪ/ *v.intr.* dorme/dormiu. Ajnon: ti memyra uker *meu filho dormiu*; ereker pa'e? *você dormiu?*; mume pa'e rekerehe? *onde você dormiu?*; uker ri'a upa *ele está dormindo*; aker puta ri'a wehow use'iwehe ete wehe ne tatyryg ne *eu vou dormir e acordar cedo*; tekwawa pupe saker *na rede, nós (incl.) dormimos*

ukiti /uki'ti/ *v.tr.* corta/cortou. Ajnon: kyse puta ne pokiti *a faca vai te cortar*; akiti *eu corto*; ukiti puta ri'a *ele vai cortar*. ▪ Eisag → umonog, umonohog

ukojte /ukɔs'tɛ/ *v.tr.* gosta/gostou. Ajnon: akojte ne rehe *eu gosto de você*

uku'om /uku'ʔɔm/ *v.tr.* levanta-se/levantou-se. Ajnon: aku'om suewir *eu me levanto de novo*; uku'om puta *ele vai se levantar*

ukuj /u'kus/ *v.intr.* cai/caiu. Ajnon: ukukuj *ele caiu várias vezes*; akuj *eu caí*; ukuj puta ri'a *ele vai começar a cair*; ti 'aw kujpaw ri'a *meu cabelo caiu*; ti rerekatara 'awa ukujpawameete *meu marido já está com o cabelo caindo*. ▪ Eisag → 'ar

ukupe /uku'pɛ/ *n.III* parede

ukupir /uku'pir/ *v.tr.* capina/capinou. Ajnon: ise akupir koa *eu capinei a roça*

ukurug /uku'rug/ *v.intr.* mija/mijou. Ajnon: akurug puta ri'a *eu vou mijar*; urukurug *nós mijamos*

ukurupesu /ukurupɛ'su/ *v.tr/intr.* sopra/soprou. Ajnon: akurupesu *eu soprei*; ukurupesu puta *ele vai soprar*

ukutuk /uku'tuk/ *v.tr.* fura/furou. Ajnon: akutuk *eu furo*. ▪ Eisag → mumuk

ukwahaw /ukwa'haw/ *v.intr.* sabe/sabia. Ajnon: akwahaw *eu sei*; Miho uapokwahaw tapoworona *Miho sabe fazer pão*

ukweraw /ukwɛ'raw/ *v.intr.* escapa/escapou. Ajnon: akweraw *eu escapei*; ukweraw puta *ele vai escapar*; urukweraw *nós (excl.) escapamos*

ukyr /u'kir/ *v.intr.* chove/choveu. Ajnon: aiko ku'em kwera re ikyr amona *antes de ontem choveu*

ukysingog /ukisi'ŋɔg/ *v.tr.* sujeira (tira/tirou a). Ajnon: akysingog *eu tirei a sujeira*

ukytyg /uki'tig/ *v.tr/intr.* rola/rolou, esfrega/esfregou. Ajnon: akytyg *eu rolei*; ukytyg *ele vai rolar*

ukyyse /ukii'sɛ/ *v.intr.* medo (tem/teve). Ajnon: akyyse *eu tenho medo*

umanu /uma'nu/ *v.tr.* engasga/engasgou

umim /u'mim/ *v.tr.* esconde/escondeu. Ajnon: amim *eu escondo*; umim puta *ele vai esconder*; urumim *nós (excl.) escondemos*

umomon /umɔ'mɔn/ *v.tr.* enrola/enrolou, rola/rolou. Ajnon: aikewara umomon tekwawa *aikewara está enrolando (o fio para tecer) rede*; amomon tekwawa *eu enrolo rede*; aiko ku'ema re puta amomomon bola wehow *depois de amanhã eu vou jogar bola*

umomor /umɔ'mɔɾ/ *v.tr.* joga/jogou

umono /umɔ'nɔ/ *v.tr.* dá/deu. Ajnon: aiko na amonowi ne upe *esse eu não dou para você*; ko, amono ne upe *eu vou te dar*; syryg puta amono ne irua pe *eu vou dar o machado para o teu irmão*; emono ma'esawara tukaru *dá comida pro cachorro*

umonog /umɔ'nɔg/ v.tr. corta/cortou. Ajnon: ypo amonok *eu corto o cipó*; amonog a'epe 'ywa *eu vou cortar essa árvore*; ma'eram pa'e imonog 'ywa? *por que ele cortou a árvore?*; uruasejmonog i'akorona nós (excl.) *cortamos a abóbora*; ma'ea pa remonog eoma? *o que você está cortando?* ▪ Eisag → ukiti, umonohog

umonohog /umɔnɔ'hɔg/ v.tr. corta/cortou em pedaços. Ajnon: amunohog ete 'ywa *eu já cortei muitas árvores*; ma'e pa'e eremunohonohog? *o que você está cortando?*; Suara, eremunohonohog pa'e o'o? *Suara, você cortou (várias vezes) a carne?*; umonohonohog oko *ele corta em pedaços lenha (galho)*. ▪ Eisag → ukiti, umonog

umuapyg /umua'pɪg/ v.tr. cozinha/cozinhou. Ajnon: amuapyg *eu cozinhei*; umuapyg puta ri'a *ele vai cozinhar*

umuason /umua'sɔn/ v.tr. empurra/empurrou. Ajnon: awa poripo muason *quem está empurrando?*

umuhun /umu'hun/ v.tr. pinta/pintou. Ajnon: amuhun *eu pinte*; umuhun puta *ele vai pintar*. ▪ Eisag → inupinipara

umuhypyting /umuhɪpɪ'tɪŋ/ v.tr. suja/sujou. Ajnon: awa pa'e umuhypyting 'ya? *quem está sujando a água?*; amuhypyting 'ya *eu sujei a água*

umukasim /umuka'sim/ v.tr. perde-se/perdeu-se. Ajnon: ka'a pe amukasim *eu me perdi (desapareci) no mato*; umukasim puta *ele vai se perder*

umuku'om /umuku'ʔɔm/ v.tr. levanta/levantou. Ajnon: emuku'om ti memyra *levante a criança*; emuku'on puhi *não o levante*; amuku'om *eu levanto*

umukun /umu'kun/ v.tr. engole/engoliu. Ajnon: ma'ea rupi pa'e eremukun ne remi'ua? *por onde você engole sua comida?*; ma'ea sene imukunawa *por onde a gente engole o alimento*

umume'u /umume'ʔu/ v.tr. conta/contou. Ajnon: umume'u hejkwehe *ele contou faz tempo*; ne se'engawera ri'a amume'u iupe *contei o recado para ele*; Miho umume'u kotawypykwera *Miho sabe contar histórias antigas*

umumuk /umu'muk/ v.tr. fura/furou. Ajnon: usenamimumuk *ele furou sua própria orelha*; usememumuk *ele furou seu próprio lábio*. ▪ Eisag → kutuk

umunge /umu'ŋɛ/ v.tr. põe/pôs. Ajnon: erumungepapaw pa'e ne rejmawa? *você já prendeu todos os animais?*

umupig /umu'pɪg/ v.tr. atira/atirou. Ajnon: ise amupig mosa re, ise awisepe mosa nusekysuwi *eu atirei na cobra, mas ela ainda vive*

umupoiru /umupɔi'ru/ v.tr. ajuda/ajudou. Ajnon: amupoiru *eu ajudo*; umupoiru puta *ele vai ajudar*; urumupoiru nós (excl.) *ajudamos*

umupurungyta /umupuruŋi'ta/ *v.tr.* conversa/conversou. Ajnon: urumupurungyta puta ri'a *eu vou conversar com você*; awa pa'e ne mupurungyta? *quem conversou contigo?*

umur /u'mur/ *v.tr.* entrega/entregou

umuse'engar /umuseʔe'ŋar/ *v.tr.* música (tocar). Ajnon: amuse'engar *eu toco música*; umuse'engar puta ri'a *ele vai tocar música*

umusekog /umuse'kɔg/ *v.tr.* encosta/encostei. Ajnon: amusekog *eu encostei*

umusi /mu'si/ *v.tr.* teme/temeu

umutururu /umuturu'ru/ *v.tr.* escorre/escorreu

umuw'iw /umuw'ʔiw/ *v.tr.* acaricia/acariciou. Ajnon: amuw'iw *eu acaricio*; umuw'iw puta *ele vai acariciar*

unemun /une'mun/ *v.intr.* cospe/cuspiu. Ajnon: anemun *eu cuspi*; unemun puta ri'a *ela vai cuspir*

unung /u'nun/ *v.tr.* tece/teceu. Ajnon: anung ri'a wetekwawa *eu estou tecendo a minha rede*

unupo /unu'pɔ/ *v.tr.* bate/bateu. Ajnon: urunupo puta *eu vou (posso) bater em você*; ene puta ti nupo pe *você vai bater em mim*; iusawa'ea re mi usunupo *aqueles crianças estão se batendo*; ise puta runupopapaw *eu vou bater em vocês todos*

upapar /upa'par/ *v.tr.* lê/leu, conta/contou. Ajnon: apapar *eu leio ou eu conto (números)*; upapar puta ri'a *ele vai ler*

upari /upa'ri/ *n.III* cercadinho (para animal)

upe /u'pe/ *part.* para (dativo). Ajnon: aiko na amonowi ne upe *esse eu não dou para você*; ne remiriko ripo uapukaj ne upe *sua esposa está gritando para você*. ▪ Eisag → pe

upe'uma /upe'ʔuma/ *n.III* resina

upehaw /upe'haw/ *n.IIb* sobrancelha de alguém

upehyj /upe'his/ *v.intr.* sono (está/esteve com). Ajnon: Ikatu upehysete *Ikatu está com muito sono*

upen (~nupen) /u'pen/ *v.tr.* quebra/quebrou. Ajnon: asetinupen *eu quebrei o meu nariz*; iapyreta upen *o esteio (da casa) quebrou*

upepikyohaw /upepikiɔ'haw/ *n.IIa* cílio de alguém

upesu /upɛ'su/ *v.tr.* abana/abanou. Ajnon: apesu *eu abano*; upesu puta *ele vai abanar*; urupesu *nós (excl.) abanamos*

upetymu /upeti'mu/ *v.intr.* fuma/fumou. Ajnon: apetymu *eu fumei*; upetymu puta *ele vai fumar*; urupetymu *nós (excl.) fumamos*

upi<sup>1</sup> /u'pi/ *v.tr.* pica/picou. Ajnon: usupi tehe mosa musuhuwi *uma cobra não pica a outra*; upi puta ri'a *ela vai picar*

upi<sup>2</sup> /ru'pi/ *posp.* através. Ajnon: awati pytera rupi puta uruhow *eu vou passar pelo meio (da plantação) de milho*

upiawog /upia'wɔg/ *v.tr.* abre/abriu. Ajnon: apiawog *eu abri*; upiawog puta *ele vai abrir*

upin /u'pin/ *v.tr.* raspa/raspou. Ajnon: apin *eu raspei*; upin puta ri'a *ele vai raspar*

upir /u'pir/ *v.tr.* ergue/ergueu. Ajnon: aupir ti rekwawa *eu ergui minha rede*

upirog /upi'rɔg/ *v.tr.* descasca/descascou. Ajnon: ise apirog pahakurona i'u *eu descasquei e comi a banana*

upisong /upi'sɔŋ/ *v.tr.* belisca/beliscou

upiti'u /upiti'ʔu/ *n.descr.* pitiú. Ajnon: ipira piti'u *peixe pitiú*; sakare'u pa'e ne piti'u? *a carne de jacaré (é) pitiú?*; mosa ipiti'ue te *a cobra (é) muito pitiú*

upo'o /upɔ'ʔɔ/ *v.tr.* colhe/colheu. Ajnon: apo'o *eu colhi*; upo'o puta *ela vai colher*

upo'upor /upɔʔu'pɔɾ/ *v.intr.* quica/quicou. Ajnon: upo'upor puta ri'a *ele vai quicar*

upohoma /upɔ'hɔma/ *n.III* corda. Ajnon: tupohoma kurukwara *amarrado com corda*

upongahyahy /u'pɔŋahia'hi/ *v.intr.* troveja/trovejou. Ajnon: aiko ku'em kwera re ipongahyahyj *antes de ontem trovejou*

upor /u'pɔɾ/ *v.intr.* pula/pulou. Ajnon: apor *eu pulei*; upor puta ri'a *ele vai pular*

upu'an /upu'ʔan/ *v.intr.* afia/afiou. Ajnon: apu'an kyse *eu afiei a faca*; upu'an puta ri'a kyse *ele vai afiar a faca*

upu'om /upu'ʔɔm/ *v.tr.* atola/atolou. Ajnon: apu'om *eu atolei*

upug /u'pug/ *n.III* porta

upuhir /upu'hir/ *v.tr.* solta/soltou. Ajnon: apuhir *eu soltei*

upuhope /upuhɔ'pɛ/ *n.IIa* unha de alguém

upupur /upu'pur/ *v.tr.* ferve/ferveu. Ajnon: upupur puta *ela vai ferver*

upurahaj /upura'has/ *v.intr.* dança/dançou. Ajnon: apurahaj *eu dancei*; upurahaj puta *ele vai dançar*; upurahaj ta ri mi nupumarawi ohow *eles não estão indo dançar, vão dançar (porque é a festa do Sapurahaj)*; aiko ra'e wehe rako erewahem erese'engar eresemume *ontem você chegou, cantou e dançou*

upuramor /upura'mɔɾ/ *v.intr.* peida/peidou. Ajnon: apuramor *eu peidei*; upuramor puta ri'a *ele vai peidar*

upurawyky /upurawi'ki/ *v.intr.* trabalha/trabalhou. Ajnon: upurawyky pa'e ra'e? *eles trabalharam?*; apurawykyeteete ri'a *eu trabalhei muito*

upuse /upu'sɛ/ *v.intr.* engatinha/engatinhou. Ajnon: apuse *eu engatinhei*; upuse puta *ele vai engatinhar*

uputi /upu'ti/ *v.intr.* caga/cagou. Ajnon: aputi *eu caguei*; uputi puta *ele vai cagar*; uruputi *nós (excl.) cagamos*

upuwon /upu'wɔn/ *v.intr.* fia/fiou. Ajnon: apuwon *eu fiei*; upuwon puta *eu vou fiar*; urupuwon *nós (excl.) fiamos*

upwaraw /upwa'raw/ *v.tr.* desamarra/desamarrou. Ajnon: apwaraw upohoma *eu desamarrei a corda*

upyhyg /upi'hig/ *v.tr.* pega/pegou. Ajnon: Muretama weraha kyse ipyhyka ti wi *Muretama levou a faca que pegou de mim*; apyhyg puta ri'a *eu vou pegar*; ma'esawara usonetewa'e upyhyg akutia *o cachorro corredor pegou a cutia*

upypirong /upipi'rɔŋ/ *v.tr.* enche/encheu. Ajnon: apypirong *eu encho*; upypirong puta *ele vai encher*

upyrongehe /upirɔŋɛ'hɛ/ *v.intr.* pisca/piscou. Ajnon: apyrongehe *eu pisquei*; upyrongehe puta ri'a *ele vai piscar*

upysi'o /upisi'ʔɔ/ *n.IIc* tornozelo de alguém

upyta /upi'ta/ *v.intr.* parado (fica/ficou). Ajnon: apyta *eu fico parado*; upyta puta *ele vai ficar parado*; urupyta *nós (excl.) ficamos parados*

upyter /upi'tɛɾ/ *v.tr.* chupa/chupou. Ajnon: apyter akuti nami pe pytukawa *eu chupei a laranja*

ur /'uɾ/ *v.intr.* vem/veio. Ajnon: Muretama umur ti upe kysea *Muretama me deu (fez vir) a faca*; mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o? *de onde você trouxe (fez vir) esta carne?*; mo wi pa'e ituri? *de onde ele chegou (veio)?*

ure /u'rɛ/ *pron.* nós (excl.). Ajnon: ure uruapo 'oga *nós fizemos estas casas*; ise a'asuron, ure uru asurona *eu abracei ele, nós abraçamos ele*; ure kuso teseramu

uruho ytyma mani'og roko urutym *nós fomos com as mulheres plantar mandioca*; ure urueraha mani'og kuso pe *nós levamos mandioca para as mulheres*; ure purumu'etaramu *nós somos professores*

uru'ag /uru'ʔag/ *v.tr.* vira/virou

uru'aru'ag /uru'aru'ʔag/ *v.tr.* gira/girou. Ajnon: aru'aru'ag *eu girei*; uru'aru'ag *puta ele vai girar*

urutaw /uru'taw/ *n.III* urutau, mãe-da-lua. ▪ Eisag → wyra

urutyryryg /urutiri'rig/ *v.tr.* puxa/puxou

uruwi /uru'wi/ *n.III* surubim, *Sorubim*. ▪ Eisag → ipira

uruwu /uru'wu/ *n.III* urubu. Ajnon: arara uruwu ne'iwewej *a arara e o urubu voaram*.  
▪ Eisag → wyra

uruwete /uru'wue'te/ *n.III* urubu, *Catartídeos*. ▪ Eisag → wyra

uruwupeuhu /uru'wupeu'hu/ *n.III* urubu-preto, urubu-de-cabeça-preta, *Coragyps atratus*. ▪ Eisag → uruwu

uruwutinuhu /uru'wutiŋu'hu/ *n.III* urubu-rei, urubutinga, *Sarcorhamphus papa*. ▪ Eisag → uruwu

usahug /usa'hug/ *v.tr.* lava-se/lavou-se. Ajnon: aikoj katuripoj sahum *para lá ele se lava*; usahug ohow upisupisunawi *ele se lavou porque estava sujo*; esahug eho *vai tomar banho*; asahug *eu me lavo*

usawa'ea /usawa'ʔea/ *n.III* criança. Ajnon: iusawa'ea ne memyra *esta criança é teu/tua filho(a)*; iusawa'ea remi ti memyra *estas crianças são meus/minhas filhos(as)*; iusawa'ea remi usunupo *aqueles crianças estão se batendo*

usawa'ea akuma'ea / usawa'ʔea akuma'ʔea / *n.III* menino (homem). Ajnon: namukuj iusawa'e *são dois meninos*

use'eng /use'ʔeŋ/ *v.intr.* fala/falou. Ajnon: ase'eng *eu falei*; use'eng *puta ele vai falar*; uruse'eng *nós (excl.) vamos falar*; use'eng hejkwehe *ele falou faz tempo*

use'eng katuete /use'ʔeŋ ka'tue'te/ *v.tr.* verdade (fala/falou a). Ajnon: ase'eng katu ete *eu falei a verdade*

use'engar /use'ʔeŋar/ *v.intr.* canta/cantou. Ajnon: ase'engar *eu cantei*; awa pa'e ripo use'engar? *quem está cantando?*; ma'eramu pa'e kuso nu se'engar uwi? *por que as mulheres não estão cantando?*; uruse'engar *nós (excl.) cantamos*; aiko ra'e wehe rako erewahem erese'engar eresemume *ontem você chegou, cantou e dançou*

use'i weheete (~use'i wehete) /use'ʔi we'hæ'te/ *adv.* amanhã cedo. ▀ Eisag → kuej wehe

usekogywe /usekɔ'giwɛ/ *v.tr.* encosta-se/encostou-se. Ajnon: asekogywe *eu me encostei*; usekogywe *puta ele vai se encostar*

usekyj /use'kis/ *v.intr.* morre/morreu. Ajnon: ma'esawara *puta usekyj mosa u'uramu o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele*; ise amupig *mosa re, ise awisepe mosa nusekysuwi eu atirei na cobra, mas ela ainda não morreu*; usepurakaretewa'e ma'esawara *usekuj o cachorro que é bom caçador morreu*; awa pa'e *usekyj? quem morreu?*

usemim /use'mim/ *v.tr.* esconde-se/escondeu-se. Ajnon: asemim ma'ea *sukatawpe eu me escondi onde mata o bicho (caça)*; usemim *puta ele vai se esconder*; urusemim *nós nos escondemos*

usemu'an /usemu'ʔan/ *v.tr.* cuida/cuidou. Ajnon: ise asemu'an *reko wememyra re tawaruete eu cuido do meu filho pra ele ficar bonito*

usemuaraj /usemua'ras/ *v.tr.* brinca/brincou. Ajnon: asemuaraseteete ri'a *eu brinquei muito*; usemuaraj *puta ele vai brincar*; urusemuaraj *nós (excl.) brincamos*; awa'iahu tu'o *usemuaraj awa'imonane todos os jovens e todos os velhos brincam*

usemypukura /usemipu'kura/ *v.tr.* acocora-se/acocorou-se. Ajnon: asemypukura *eu me acocoro*; usemypukura *puta ri'a ela vai se acocorar*

usenong /use'nɔŋ/ *v.tr.* estende-se/estendeu-se. Ajnon: asenong *eu me estendi*; usenong *puta ele vai se estender*

useopo /useɔ'pɔ/ *v.intr.* pinta-se/pintou-se. Ajnon: aseopo *eu me pinte*

usepekyngɛ'o /usepekiŋɛ'ɔ/ *v.tr.* cansa-se/cansou-se. Ajnon: asepekyngɛ'o *eu me cansei*; usepekyngɛ'o *puta ele vai se cansar*

usepese /usepe'sɛ/ *num.* um, uma. Ajnon: usepese *ripo ma'ea amukasym eu perdi uma coisa*

usepurakar /usepura'kar/ *v.tr./intr.* caça/caçou. Ajnon: awa nusepurakaruwi *ohow ninguém está caçando*; aiko ra'e wehe *rako asepurakar wehow ontem eu fui caçar no mato*

usepyg /use'piŋ/ *v.tr.* enrola-se/enrolou-se. Ajnon: asepyg *eu me enrolei*; usepyg *puta ele vai se enrolar*

usepymy /usepi'mi/ *v.tr.* afunda-se/afundou-se

useru'ag /useɾu'ʔag/ *v.tr.* vira-se/virou-se. Ajnon: aseru'ag *eu me virei*; useru'ag puta *ele se virou*

userusi /useɾu'si/ *v.intr.* pousa/pousou. Ajnon: arara userusiw ywya roko re *a arara pousou no galho da árvore*

usesywyg /useɣi'wig/ *v.tr.* enforca-se/enforcou-se. Ajnon: usesywyg puta ri'a *ele vai se enforçar*

useupir /useu'pɪr/ *v.intr.* sobe/subiu. Ajnon: aseupir 'ywa re *eu subo na árvore*; ywya re eseupir sawara wi ohow *ele subiu na árvore afastando-se da onça indo*

usewag /use'wag/ *v.intr.* escreve/escreveu. Ajnon: asewag *eu escrevo*

usewerekohyw /use'wɛɾɛkɔ'hɪw/ *v.tr.* briga/brigou. Ajnon: asewerekohyw *eu brigo*; usewerekohyw puta *ele vai brigar*; urusewerekohyw nós (*excl.*) *brigamos*

usewon /use'wɔn/ *v.tr.* embrulha-se/embrulhou-se

usewiuhe ete /usei'wi u'hɛ ɛ'tɛ/ *n.III* manhã (de manhã)

uso'o /usɔ'ʔɔ/ *v.intr.* chora/chorou. Ajnon: awa pa'e uso'o? *quem está chorando?*; uso'o remi *eles choraram*; aso'o eu *chorei*

usogupir /usɔgu'pɪr/ *v.tr.* casa (levanta/levantou). Ajnon: asogupir *eu levantei casa*; usogupir puta *ele vai levantar casa*

uson /u'sɔn/ *v.intr.* corre/correu. Ajnon: asonete ri'a wehow *eu corri muito*; ise puta ri'a asoason *eu vou correr muito*; wesowesona a'ar *eu estava correndo e caí*; karuaruhua ti keywywy re oho usona *a paca correu do meu lado*

usor /u'sɔr/ *v.intr.* vai/foi. Ajnon: asor iko *eu estou indo*; mo wi pa'e eresor? *de onde vocês vieram?*; moronime puta pe saha koa pupe? *quando vamos para a roça?*; awa nusepurakaruwi ohow *ninguém está caçando*. ▪ Eisag → ur

usosog /usɔ'sɔg/ *v.intr.* arrotar/arrotou. Ajnon: asosog *eu arrotei*; usosog puta *ele vai arrotar*; urusosog nós (*excl.*) *arrotamos*

usowewahem /uso'wɛwa'hɛm/ *v.intr.* chegando (vem/veio). Ajnon: aiko ku'em kwera re rako asowewahem wetoga pupe *antes de ontem eu cheguei em casa*

usuka /usu'ka/ *v.tr.* mata/matou. Ajnon: pehe puta pesuka ma'ea pesehow? *vocês vão matar aquelas caças?*; aha puta ri'a isukaw tasahuamu *talvez eu mate um porcão*; esuka puhi *não mata ele*; ti ruwa, eresuka pa'e ma'ea? *meu pai, você matou algo?*; asemim ma'ea sukatawpe *eu me escondi onde mata o bicho (caça)*; ise ri'a nasukawi mosa *eu não estou matando a cobra*

usuron /usu'rɔn/ *v.tr.* abraça/abraçou. Ajnon: ise ti asuron *ele me abraçou*; ure uruasurona *nós nos abraçamos*

usuruhywo /usuruhi'wɔ/ *v.tr.* costura/costurou

usy'oj /usi'ʔɔs/ *v.tr.* coça/coçou. Ajnon: asy'oj *eu cocei*; usy'oj puta *ele vai coçar*

usyw /u'siw/ *v.intr.* desce/desceu. Ajnon: asyw *eu desço*; usyw puta *ele vai descer*; uruasyw *nós (excl.) descemos*

usywyg /usi'wig/ *v.tr.* enforca/enforcou

utimyk /uti'mik/ *v.tr.* tapa/tapou. Ajnon: usetimyk *ele se sufocou*; nusetimyguwi *ele não se sufocou*; inemauwi esetimyk *está fedendo, tape o seu nariz*

utorog (~munorog) /utɔ'rɔg/ *v.tr/intr.* rasga/rasgou. Ajnon: tekwawa utorog *a rede rasgou*

utumuse'em /utumuse'ʔem/ *v.intr.* assobia/assobiou. Ajnon: atumuse'em *eu assobio*; urutumuse'em *nós (excl.) assobiamos*

utururu /uturu'ru/ *v.tr/intr.* pinga/pingou. Ajnon: utururu puta ri'a *ela vai pingar*

utym /u'tim/ *v.tr.* enterra/enterrou. Ajnon: ise puta atym 'ywa *eu vou plantar aquela árvore*; ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym *nós fomos com as mulheres plantar mandioca*; monamo he pa'e eretym awatia? *quando foi que você plantou o milho?*; awa pa'e utym mani'og? *quem plantou a mandioca?*; aiko ra'e wehe rako aha ityma ko pupe kumanarona *ontem eu fui plantar feijão na roça*; kuej wehe puta aha ityma awatia weko pupe *amanhã eu vou plantar milho*

utyryg /uti'riɣ/ *v.intr.* acorda/acordou. Ajnon: atyryg *eu acordei*; awa pe utyryg? *alguém acordou?*; aker puta ri'a wehow use'iwehe ete wehe ne tatyryg ne *eu vou dormir e acordar cedo*; eretyryg pa'e kuwejwehe *você acordou cedo*

uwa<sup>1</sup> /uw'ʔa/ *n.III* caranguejo

uwa<sup>2</sup> /u'wa/ *n.III* rabo. Ajnon: ma'esawara ruwa *rabo de cachorro*

uwarukape<sup>1</sup> /uw'ʔaruka'pɛ/ *n.III* caranguejo (barriga do)

uwarukape<sup>2</sup> /uw'ʔaruka'pɛ/ *n.III* revólver

uwakasa /uwaka'sa/ *n.IIIc* coxa de alguém

uwawag /uwa'wag/ *adv.* depressa

uwe'en /uwe'ʔen/ *v.intr.* vomita/vomitou. Ajnon: awe'en *eu vomitei*; uwe'en puta *ele vai vomitar*; uruwe'en *nós (excl.) vomitamos*

uwewe /uwe'we/ *v.intr.* voa/voou. Ajnon: uwewe puta ri'a *ele vai voar*; arara uwewe *a arara voou*; arara uruwu ne'iwewej *a arara e o urubu voaram*; wyra uwewe ete pewise *os pássaros voaram muito alto*

uwewuj /uwe'wus/ *v.intr.* boia/boiou. Ajnon: awewuj *eu boio*; uwewuj puta *ele vai boiar*; uruwewuj *nós (excl.) boiamos*

uwirog /uwi'rog/ *v.tr.* roça/roçou. Ajnon: ise awirog koa *eu rocei a roça*

uwisaw sapakania /uwi'saw sapaka'nia/ *n.III* gavião-real, *Harpia harpyja*. ▪ Eisag → wyra

uwoj /u'wɔs/ *v.tr.* corrói/corroeu

uwon /u'wɔn/ *v.tr.* embrulha/embrulhei. Ajnon: awon *eu embrulho*; uwon puta *ele vai embrulhar*

uwuhyj /uwu'his/ *v.tr.* carrega/carregou. Ajnon: pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa *vocês carregaram a tora do buritizeiro*

uwuwur /uwu'wuc/ *v.intr.* incha/inchou. Ajnon: awuwur *eu inchei*; uwuwur puta *ele vai inchar*

uwya /u'wia/ *n.IIc* sangue de algo ou de alguém

uwyosa /uwi'ɔsa/ *n.III* cartucho de bala

uwyrig /uwi'rig/ *v.intr.* encolhe/encolheu

uytaw /ui'taw/ *v.intr.* nada/nadou. Ajnon: aiko ra'e wehe re pa'e ehow he porono pupe aitapa *ontem você foi nadar no rio*; uytaw puta *ele vai nadar*; uruytaw *nós (excl.) nadamos*

## W

waj'irararon 'ywa /was'ʔirararɔn 'ʔiwa/ *n.III* murucizeiro

waj'irararona /was'ʔirara'rɔna/ *n.III* muruci, murici, *Byrsonima*

wajnom /was'nɔm/ *n.III* beija-flor, *Apodiformes*, *Troquilídeos*. ▪ Eisag → wyra

wajpatana /waspa'tana/ *n.III* cobra-preta, *Clelia cloelia*. ▪ Eisag → mosa

wapitu'o /wapitu'ʔɔ/ *n.III* pessoa(s). Ajnon: wapitu'o wesag sepi a'wera *tem pessoas que veem espírito*

wararu /wara'ru/ *n.III* caranguejo (esp.)

warasu /wara'su/ *n.III* pessoa não indígena. ▪ Eisag → kamara

warasua onga resawkahawa /wara'sua 'oŋa ɾesawka'hawa/ *n.III* televisão

warunare py'a /waruna're pi'ʔa/ *n.III* biscoito salgado

wawere /wawɛ're/ *n.III* quatipuru, esquilo

waypy /wai'pi/ *n.descr.* fundo. Ajnon: waypyete pa'e? *é fundo?*; 'ya ruaypy *fundo da água*; waypy te pa'e porono re apyra? *é verdade que esse rio é fundo?* ▪ Eisag → ipyperew

wehe /wɛ'hɛ/ *adv.* novamente. Ajnon: aiko ara re wehe rako *então outra vez passou o tempo*; aiko re wehe rako aesag akuma'e *ontem eu vi de novo este homem*; na esagwi wehe ipira ku'omawa *eu não vi mais peixe levantado*

weraw (~weraweraw) /wɛ'raw/ *n.III* relâmpago

wetehuna'e /wetehuna'ʔɛ/ *n.descr.* marron

wetypype iwsawa'e ituni /wetipi'pɛ iwsawa'ʔɛ i'tuni/ *n.III* feto

wyra /wi'ra/ *n.III* ave. Ajnon: wyra uwewe ete pewise *os pássaros voaram muito alto*. ▪ Eisag → anuhu, inamu'i, ipewhua, kwere, kwreta'u, musu'i, mytu, masakuwa, piaka, pykahu, pyky'i, pypypypy, pytowoihu, sakua, sapakanirona, sapakania, sapakanirona, sapi'i, sapuhu, tukan, uruwu, uruwuete, uruwupeuhu, uruwutinuhu, uwisaw sapakania, wajnom, wyra'yra, wyra'yra akuma'e

wyra'i /wira'ʔi/ *n.III* passarinho. ▪ Eisag → wyra

wyra'yra /wira'ʔira/ *n.III* galinha. Ajnon: wyra ipisuna'e *galinha preta*; aimi wyra'yra remi ti rejmawa *aquelas galinhas são meus xerimbabos*. ▪ Eisag → wyra

wyra'yra akuma'e /wira'ʔira akuma'ʔɛ/ *n.III* galo, *Gallus*. ▪ Eisag → wyra

wyra'yra ymemura /wira'ʔira ime'mura/ *n.III* pinto. ▪ Eisag → wyra'yra, wyra'yra akuma'e, wyra

wyrahuatia /wirahua'tia/ *n.III* tesoura

wyratimehu /wiratime'hu/ *n.III* pato (esp.). ▪ Eisag → wyra

wyratinga /wira'tiŋa/ *n.III* garça, *Ciconiiformes, Ardeídeos*. ▪ Eisag → wyra

## Y

y'a /i'ʔa/ *n.III* macaco-aranha, coatá, cuatá, *Ateles belzebuth*

yan 'ywa /ian 'iwa/ *n.III* árvore (esp.). ■ Eisag → 'ywa

ygara /i'gara/ *n.III* canoa

ykyruyron /ikirui'rɔn/ *n.III* camapu, *Physalis*

ykyruyrona 'ywa /ikirui'rɔna 'ʔiwa/ *n.III* camapuzeiro

ymemyra /ime'mira/ *n.III* filhote (de bicho). Ajnon: *tasahua ymemura filhote de porcão*; *misara ymemura filhote de veado*; *tapi'iraymemura filhote de anta*

ymyra /imi'ra/ *n.III* mão-de-pilão

ynata /ina'ta/ *n.III* coco. Ajnon: *inataoto coco duro*

ypewara /ipe'wara/ *n.III* bicho da água

ypo /i'pɔ/ *n.III* cipó. Ajnon: *ypo amonok eu corto o cipó*

yputyra /ipu'tira/ *n.III* flor

ypytuna /ipi'tuna/ *n.III* noite

ypytuname ete /ipituna'mɛ ɛ'tɛ/ *n.III* anoitecer

yratehehy /irutɛhɛ'hi/ *num.* quatro

yse'e (~se'e) /isɛ'ʔɛ/ *n.III* poço. Ajnon: *u'ar pa'e yse'ea pupe ele caiu no poço*; *ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj eu vou cavar meu poço*; *amuaypy ti se'eroma eu cavo fundo meu poço*

ysewara /isɛwa'ra/ *n.III* poço (o que é do)

ytypesawa /itipe'sawa/ *n.III* vassoura

ytywyrá /iti'wira/ *n.III* roupa seca

ywaga /i'waga/ *n.III* céu

ywagahaw (~tapi'ira rape) /iwaga'haw/ *n.III* via-láctea, caminho-de-são-tiago

ywatinga /iwa'tiŋa/ *n.III* nuvem

ywete /iwɛ'tɛ/ *adv.* cima (em cima)

ywoto ywa /iʷɔtɔ ʔiwa/ *n.III* pau-brasil. ▪ Eisag → 'ywa

ywy /i'wɨ/ *n.III* terra, chão. Ajnon: ywypisun *terra preta*; ywykatu *terra boa*; ywypiron *terra vermelha*

ywyrá pira /i'wɨ'ra 'pɨra/ *n.III* casca (do pau). ▪ Eisag → 'ywa

ywyraka'y momona /i'wɨ'ra'kaʔimɔ'mɔna/ *n.III* cobra-papagaio, *Corallus caninus*. ▪ Eisag → mosa

ywyrapara<sup>1</sup> /i'wɨ'ra'para/ *n.Ia* arco. Ajnon: emono ywyrapara wa'yahuape *dá o arco pro jovem*; ene pa'e eremono ywyrapara ne ruwa pe *você deu o arco para o teu pai*

ywyrapara<sup>2</sup> /i'wɨ'ra'para/ *n.Ia* espingarda. Ajnon: amukasym weywyrapara *eu perdi minha espingarda*

ywyrapopohoma /i'wɨ'rapɔpɔ'hɔma/ *n.III* traíra (esp.). ▪ Eisag → ipira

ywyraukaj /i'wɨ'rau'kas/ *n.III* graveto, pauzinho

ywyrow ehym iapo pyrera /i'wɨ'rɔw ε'hɨm ia'pɔ pɨrɨra/ *n.III* moeda

ywysukyra /i'wɨsu'kɨra/ *n.III* açúcar

ywyterera /i'wɨtɨ'rɨra/ *n.III* espírito (tipo). Ajnon: ywyterera usesa ukara ywyterera *aparece no caminho (terreiro)*. ▪ Eisag → a'wera, asomera

ywytinga /i'wɨ'tɨŋa/ *n.III* areia

ywytuhu /i'wɨtu'hu/ *n.III* vento. Ajnon: ywytuhete *o vento (está) forte*

ywytuhurona /i'wɨtuhu'rɔna/ *n.III* vento forte

ywyty /i'wɨ'tɨ/ *n.III* serra (relevo)

ywytyra /i'wɨ'tɨra/ *n.III* morro. ▪ Eisag → ywy

#### 10.4. DICIONÁRIO PORTUGUÊS-SURUÍ

A segunda proposta de dicionário da língua Suruí que apresento neste capítulo é aquela com a direção Português-Suruí (cf. subseção 10.2.3.2.2). Com verbetes distribuídos também em uma coluna, o dicionário está organizado alfabeticamente, com separadores em cada um dos grupos de letras.

Com relação às abreviaturas deste dicionário, retomo a mesma justificativa da subseção anterior e acrescento que, mesmo sendo essas abreviaturas baseadas na nomenclatura gramatical brasileiras, nem sempre elas coincidem. Desta forma, apresento, a seguir, as abreviaturas usadas no Dicionário Português-Suruí:

TABELA 85 – ABREVIATURAS USADAS NO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-SURUÍ

ABREVIATURA	PROPRIEDADE GRAMATICAL
adv.	advérbio
n.	nome
n.descr.	nome descritivo
n.f.	nome feminino
n.f.m.	nome feminino e masculino
n.m.	nome masculino
num.	numeral
part.int.	partícula interrogativa
prep.	preposição
pron.	pronome
pron.dep.	pronome dependente
v.	verbo
v.int.	verbo intransitivo
v.tr.	verbo transitivo
voc.	vocativo

Reafirmo, aqui, a natureza experimental destas obras lexicográficas, que, sendo fruto de um trabalho conjunto com os professores e demais falantes da língua Suruí, deverão passar, com a ajuda deles, por ajustes significativos antes de chegarem à sua versão final para uso na comunidade Aikewara.

# DICIONÁRIO DA LÍNGUA SURUÍ DO TOCANTINS (AIKEWÁRA)

<i>Direção</i>	Português (DPt) – Suruí do Tocantins (LId)
<i>Quantidade de entradas</i>	1125 <sup>249</sup>
<i>Ordenamento das entradas</i>	alfabético
<i>Conjuntos de letras</i>	a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x
<i>Modelos-base</i>	MODO, MODOE
<i>Expressão da microestrutura lexicográfica (EML)</i>	LPt: Gr, Na, Rm, Vr {DId (Na, Vr) (-DLt) [EPt/EId]}
<i>Programa utilizado no tratamento dos dados</i>	Línguas – Banco de Dados para Documentação Linguística (versão 3.9)

<sup>249</sup> Conforme mencionado na nota 248, esta versão do *Dicionário da língua Suruí do Tocantins (Aikewára)* possui apenas uma amostra do léxico dessa língua.

## A

- abacaxi *n.m.* suparaparona. ▪ Ver → abacaxi-do-mato
- abacaxi-do-mato *n.m.* suparapara. ▪ Ver → abacaxi
- abacaxizeiro *n.m.* suparaparon ypya. ▪ Ver → árvore
- abana/abanou *v.tr.* upesu. Ex.: eu abano *apesu*; ele vai abanar *upesu puta*; nós (excl.) abanamos *urupesu*
- abanador *n.m.* tatapekwawa
- abelha *n.f.* tuwa. ▪ Ver → abelha (esp.), abelhão
- abelha (esp.) *n.f.* katykyehyra, musy'yehyra. ▪ Ver → abelha
- abelhão *n.f.* eironuhu. ▪ Ver → abelha
- abóbora *n.f.* (gerimum) i'akorona. Ex.: nós (excl.) partimos a abóbora *uruasejmonog iakorona*
- abraça/abraçou *v.tr.* usuron. Ex.: ele me abraçou *ise ti asuron*; nós nos abraçamos *ure uruasurona*
- abre/abriu *v.tr.* upiawog. Ex.: eu abri *apiawog*; ele vai abrir *upiawog puta*
- açaí *n.m.* pinuwa. ▪ Ver → açaí (grande)
- açaí (grande) *n.m.* susiwa. Ex.: açaí (está) azedo *susiwa haj*. ▪ Ver → açaí, bacaba
- açaizeiro *n.m.* susiw'a 'ywa, *Euterpe oleracea*. ▪ Ver → árvore
- acará *n.m.* akara, *Ciclídeos*
- acarapeba *n.m.* akarapew. ▪ Ver → peixe
- acari *n.m.* (cari, cascudo) ini'omupira. ▪ Ver → peixe
- acaricia/acariciou *v.tr.* umuw'iw. Ex.: eu acaricio *amuw'iw*; ele vai acariciar *umuw'iw puta*
- acerta/acertou (o alvo) *v.tr.* uesakatuetete. Ex.: eu acerto o alvo *aesakatuetete*; ele vai acertar o alvo *uesakatuetete puta*
- acocora-se/acocorou-se *v.tr.* usemypukura. Ex.: eu me acocoro *asemypukura*; ela vai se acocorar *usemypukura puta ri'a*

acorda/acordou *v.intr.* utyryg. Ex.: eu acordei *atyryg*; alguém acordou? *awa pe utyryg?*; eu vou dormir e acordar cedo *aker puta ri'a wehow use'iwehe ete wehe ne tatyryg ne*; você acordou cedo *eretyryg pa'e kuwejwehe*

açúcar *n.m.* ywysukyra

adiante *adv.* enune. Ex.: na frente, nós andamos *enune uruata*; na frente, eles andaram *erenune remi iataj*

afasta/afastou *v.tr.* uapekar. Ajnon: eu afastei *aapekar*; ele vai afastar *uapekar puta ri'a*

afia/afiou *v.intr.* upu'an. Ex.: eu afiei a faca *apu'an kyse*; ele vai afiar a faca *upu'an puta ri'a kyse*

afunda-se/afundou-se *v.tr.* usepymy

agrisalha/agrisalhou *v.intr.* uasupaw. Ex.: ele está começando a ficar com os cabelos bem grisalhos *iasupawame'ete*

água *n.f.* 'ya. Ex.: água fria *'ygygom*; água preta *'ypisun*; Ikatu levou água para nós *Ikatua weraha 'ya sene upe*; quem está sujando a água? *awa pa'e umuhy pyting 'ya?*; onde (tem) água? *mume pa'e 'ya?*

águia *n.f.* sapakanirona. ▪ Ver → ave, gavião

agulha *n.f.* tatina'ywa. ▪ Ver → espinho

aí *adv.* aj'aw. Ex.: é aí? *aj'aw pa'e?*; tu sentando aí *ene ereapyg aj'aw*

ajuda/ajudou *v.tr.* umupoiru. Ex.: eu ajudo *amupoiru*; ele vai ajudar *umupoiru puta*; nós (excl.) ajudamos *urumupoiru*

aldeia *n.f.* etoma

aleijado *n.descr.* (sem seio) ikome'yma'e

algodão *n.m.* amonisua

algodoeiro *n.m.* amonisu 'ywa

ali *adv.* pew

alma<sup>1</sup> *n.f.* (vulto de pessoa) ywyterera. ▪ Ver → espírito, alma<sup>2</sup>

alma<sup>2</sup> *n.f.* asomera. Ex.: eu nunca vi alma (asomera) *na isaguwi wehe weko asomera*. ▪ Ver → espírito, alma<sup>1</sup>

amanhã *adv.* kuej wehe. Ex.: amanhã eu vou plantar mandioca *kuej wehe puta aha ityma mani'oga weko pupe*; amanhã ele quer caçar porcão *kuej wehe puta ihoj tasahuaamanhã*

amanhã (depois de) *adv.* aiko ku'ema re (aiko ra'e wehe). Ex.: depois de amanhã eu vou jogar bola *aiko ku'ema re puta amomomon bola wehow*; depois de amanhã eu vou coletar castanha-do-pará *aiko ra'e wehe puta aha ikaw so*

amanhã cedo *adv.* use'i weheete (use'i wehete). ▪ Ver → hoje

amanhecendo (quase) *n.f.* ku'emanune

amante de alguém *n.m.* emi'umi'u

amarelo (ele é) *n.descr.* isukyry. Ex.: o ouro é bem amarelo *itahynypuk isukyryete*

amargo (ele é) *n.descr.* irowa

amassa/amassou *v.tr.* ukamyg

amigo *n.m.* kotawete. Ex.: eu sou seu amigo *ise ti kotaweteramu*

amola/amolou *v.tr.* uhojme'e

amolado *n.* hojme

anambé-pombo *n.m.* seruti, *Gymnoderus foetidus*

anda/andou *v.intr.* uata. Ex.: eu ando *aata*; ele vai andar *uata puta*; na frente, nós andamos *enune uruata*; ontem você foi andar no mato *aiko ra'e wehe re pa'e erehow ka'a pe eataw*; ontem eu andei, comi e cantei *aiko ra'e wehe rako aata akaru ase'engar*

andiroba *n.f.* ioronuhu

andirobeira *n.f.* ioronuhu 'ywa, *Carapa guianensis*. ▪ Ver → árvore

andorinha *n.f.* musu'iwyra, *Passeriformes, Hhirundinídeos*. ▪ Ver → ave

anel de alguém *n.m.* ipokwahaw

anoitecer *n.m.* ypytuname ete

anta *n.f.* tapi'ira, *Tapirus terrestris*. Ex.: minha coisa matada a anta *ti re mi suka tapi'ira*; a anta vai saindo do mato *tapi'ira puta oho ka'a wi uhema*. ▪ Ver → anta-branca, anta-preta

anta-branca *n.f.* tapi'itinga, *Tapirus terrestris*. Ex.: o cachorro que é bom caçador mordeu a anta-branca *ma'esawara usepurakaretewa'e u'u tapi'itinga*

anta-preta *n.f.* tapi'ipisuna, *Tapirus Kabomani*. ▪ Ver → anta

antebraço (músculo) de alguém *n.m.* isywa inypy'o

antebraço de alguém *n.m.* isywa ypy

antena parabólica *n.f.* sanua rekwawa

anu *n.m.* anuhu. ▪ Ver → ave

anu preto *n.m.* (anum) anuhupituna, *Cuculídeos*, *Crotophaga/Guira*

apaga/apagou *v.tr.* uamuwew. Ex.: eu vou apagar o fogo *amuew puta ri'a tata*; eu acabei de apagar o fogo inteiro, completamente *amuewpapaw ri'a tata*; ele sempre apagava o fogo *oko umuew roko ikwehew*

apertado (ele é) *n.descr.* isasyu'u

aquele *pron.* aikwesa. Ex.: aquele xerimbabo é teu? *aikwesa pa'e ne rejmawa*; aquele pato é teu, mesmo *aikwesa ipewhua pa'e ne rejmawa ete*; ele falou (mal) de mim *aikwesa use'eng ti rehe oko*

aqueles *pron.* aimi. Ex.: aquelas galinhas são meus xerimbabos *aimi wyra'yra remi ti rejmawa*

aqui *adv.* 'aw. Ex.: é aqui? *'aw pa'e?*; você está morando aqui? *a'aw pa'e reko?*; eu sentando aqui *ise aapyg 'aw*; sair daqui eu não quero *'aw wi nahawi*

aranha *n.f.* sanu. ▪ Ver → aranha-caranguejeira, aranhicho, teia de aranha

aranha (esp.) *n.f.* sanupuhaw. ▪ Ver → aranha

aranha-caranguejeira *n.f.* sanupopuku, *Subordemortógnatos*, *Terafosídeos*. ▪ Ver → aranha

aranhicho *n.f.* (aranhinha) sanu'i. ▪ Ver → aranha

arara *n.f.* arara. Ex.: agorinha eu vi uma arara *kometi aisaj arara*; a arara voou *arara uwewe*; a arara falou *arara use'eng*; a arara pousou no galho da árvore *arara userusiw ywyra roko re*

arara cangaçu *n.f.* (arara cabeçuda) ararakonuhu, *Podocnemis dumeriliana*

arara-azul *n.f.* ararunuhu, *Anodorhynchus hyacinthinus*

araracanga *n.f.* (arara-vermelha-pequena, aracanga, arara-macau) ararete, *Ara macao*

araraúna *n.f.* araruna

ararinha *n.f.* (arara pequena) araria, *Aratinga aurea*

arco *n.m.* ywyrapara<sup>1</sup>. Ex.: dá o arco pro jovem *emono ywyrapara wa'yahuape*; você deu o arco para o teu pai *ene pa'e eremono ywyrapara ne ruwa pe*

arco-íris *n.m.* ti'iwa

areia *n.f.* ywytinga

arraia *n.f.* sawewyra

arranca/arrancou *v.tr.* uikyj. Ex.: eu posso arrancar mandioca na tua roça? *ise pa aikysa'u mani'oga ne ko pupe?*

arrasta/arrastei *v.tr.* uesyj

arrota/arrotou *v.intr.* usosog. Ex.: eu arrotei *asosog*; ele vai arrotar *usosog puta*; nós (excl.) arrotamos *urusosog*

arroz *n.m.* awatia ipipisawa. Ex.: amanhã eu vou plantar arroz *kuej wehe puta aha ityma awatia ipipisawa weko pupe*

árvore *n.f.* 'ywa. Ex.: que árvore é essa? *ma'e 'ywa pa'e*; eu vou cortar aquela árvore *amonog a'epe 'ywa*; por que ele cortou a árvore? *ma'eramu pa'e imonog 'ywa?*; eu subi na árvore afastando-me da onça *ywyr re aseupir sawara wi*; ele caiu do galho da árvore *'ywa rokowi i'ari*; eu subo na árvore *'ywa re aseupir*. ▪ Ver → abacaxizeiro, açazeiro, andirobeira, bacabeira, buritizeiro, cuieira, goiabeira, gravioleira, jatobá, mamoeiro, mogno, pau-preto, sapucaia, seringueira, sumaúma, sumaúma (esp.), tabaco, tucunzeiro

árvore (esp.) *n.f.* yan 'ywa. ▪ Ver → árvore

árvore (esp.) *n.f.* taparaniwa 'ywa. ▪ Ver → árvore

árvore (esp.) *n.f.* moron 'ywa. ▪ Ver → árvore

assa/assou *v.tr.* uihyr. Ex.: eu quero assar o caititu *aihyra'u ri'a tiwa'a*; nós (excl.) assamos porcão *uruihyr tasahua*

assim *adv.* (isso mesmo) ajnon

assobia/assobiou *v.intr.* utumuse'em. Ex.: eu assobio *atumuse'em*; nós (excl.) assobiamos *urutumuse'em*

associativo *part.* ene<sup>1</sup>. Ex.: Ywykatu e Ikatu entraram dois (dias) no mato *Ywykatu Ikatu ene ihoj uke mukumukujta ka'ape*; todos os jovens e todos os velhos brincam *awa'iahu tu'o usemuaraj awa'imonane*

aterra/aterrou *v.tr.* u'asuka. Ex.: aterrar (o piso da) casa *a'asuka oga*

atestado *n.* reko. Ex.: todos já foram! *ohopapaw reko*

atestado pelo falante *adv.* rako. Ex.: todos já chegaram! *uwahemamaw rako*; nós batemos em vocês *urunupo rako pehe*; ontem eu fui dormir no mato *aiko ra'e wehe rako aha ka'a pe weketa*

atira/atirou *v.tr.* umupig. Ex.: eu atirei na cobra, mas ela ainda vive *ise amupig mosa re, ise awisepe mosa nusekysuwi*

atola/atolou *v.tr.* upu'om. Ex.: eu atolei *apu'om*

atrás *adv.* kupe. Ex.: nós andamos atrás *kupe uruata*

através *adv.* upi<sup>2</sup>. Ex.: eu vou passar pelo meio (da plantação) de milho *awati pytera rupi puta uruhow*

atravessa/atravessou *v.tr.* uahaw. Ex.: (ele) atravessar o caminho *upeahaw*

atravessa/atravessou o rio *v.intr.* u'yahaw. Ex.: nós atravessamos o rio *uru'yahaw*; nós matamos o veado que atravessou o rio *u'yahawa'e urusuka misara*; eu fui rio abaixo *'yahaw katy aha*; ele atravessou o rio *'ya rupi i'yahawi*

atravessador *n.m.* iahapara

ave *n.m.* wyra. Ex.: os pássaros voaram muito alto *wyra uwewe ete pewise*. ▪ Ver → águia, andorinha, anu, beija-flor, bem-te-vi, coruja, coruja-branca, galinha, galo, gavião, gavião-real, inambumirim, jaçanã, jacu, mutum, pato, pombo, rolinha, tucano, tucano, tucanuí, urubu, urubu-rei, xexéu

avião *n.m.* sumi'ahu

avô *n.m.* amuj. Ex.: meu avô está vivo *ti ramusa oko wehe*

avó de alguém *n.f.* isarij

azedo *n.descr.* haj. Ex.: a laranja é azeda *akutia nami pe pytukawa haj*

azul *n.descr.* 'yapekarahy

## B

bacaba *n.f.* pinuwahua

bacabeira *n.f.* pinuwahu 'ywa, *Oenocarpus*. ▪ Ver → árvore

bagaço *num.* ty<sup>2</sup>. Ex.: bagaço de timbó *tymo rajty*; bagaço de castanha *so rajty*; bagaço de coco *inata rajty*

- bagre (esp.) *n.m.* manowe. ▪ Ver → peixe
- bagre (esp.) *n.m.* tyryrypya. ▪ Ver → peixe
- baixo *n.descr.* iatuatur
- baixo-ventre de alguém *n.m.* iukape
- banana *n.f.* pahakua. Ex.: eu descasquei a banana *ise apirog pahakua*. ▪ Ver → banana-do-mato
- banana-do-mato *n.f.* pakohowa, *Monstera deliciosa*. ▪ Ver → banana
- banco *n.Ia* apykawa
- barata *n.f.* sautipewa, *Blatídeos*
- barata-d'água *n.f.* sautipewhurona
- barba de alguém *n.f.* enywahawa
- barriga de alguém *n.f.* ewetypy. Ex.: barriga dura *ewetypyoto*
- barro *n.m.* sa'i'um
- batata *n.f.* setyrona. Ex.: ontem eu fui plantar batata na roça *aiko ra'e wehe rako aha ityma ko pupe setyrona*. ▪ Ver → batata-doce
- batata-doce *n.f.* setyg. ▪ Ver → batata
- bate/bateu *v.tr.* unupo. Ex.: eu vou (posso) bater em você *urunupo puta*; você vai bater em mim *ene puta ti nupo pe*; aqueles crianças estão se batendo *iusawa'ea re mi usunupo*; eu vou bater em vocês todos *ise puta runupopapaw*
- bêbado *n.descr.* mujhatata
- bebe/bebeu água u'y'u. Ex.: ontem eu plantei roça, bebi água e comi macaxeira *aiko ra'e wehe rako ko pupe aha ityma a'y'u roko raj ipyk ikatua muapyga nune*; ele vai beber *u'y'u puta ri'a*
- beija-flor *n.m.* wajnom, *Apodiformes, Troquilídeos*. ▪ Ver → ave
- beira *n.f.* emeiwyrá. Ex.: beira de rio *porono remeiwyrá*
- belisca/beliscou *v.tr.* upisong
- bem-te-vi *n.m.* pytowoihu, *Pitangus sulphuratus*. ▪ Ver → ave
- besouro *n.m.* sautipeuhu
- besouro (esp.) *n.m.* emaiti

bicho da água *n.m.* ypewara

bicho-de-coco *n.m.* inatahog, *Pachymerus nucleorum*

bicho-pau *n.m.* kywakywara, *Fasmídeos/Proscopiídeos*

bico do seio dela *n.m.* ikomapyra

bico-roxo *n.m.* (tururu) tururi, *Nomonyx dominicus*

bigode de alguém *n.m.* i'omutawa

biscoito recheado *n.m.* sate'i py'a

biscoito salgado *n.m.* warunare py'a

boca de algo ou de alguém *n.f.* isurua. Ex.: pela minha boca *ti surua rupi*

bochecha de alguém *n.f.* iatypy

bode *n.m.* (ovelha, cabra) misarona, *Capra*

boi *n.m.* (vaca) misakatirona

boia/boiou *v.intr.* uwewuj. Ex.: eu boio *awewuj*; ele vai boiar *uwewuj puta*; nós (excl.) boiamos *uruwewuj*

bonito (ele é) *n.descr.* (bem feito) iaruw (aruaru). Ex.: casa bem feita *'oga iaruaru*; o que é bonito *iaruaruwa'e*; ele canta bonito *use'engar iaruwa'e*; eu cuido do meu filho pra ele ficar bonito *ise asemu'an reko wememyra re tawaruwete*

borboleta *n.f.* pykapykawa. ▪ Ver → borboleta-coruja, borboleta-preta

borboleta (esp.) *n.f.* pykapykawtinga'e, *Morpho*. ▪ Ver → borboleta

borboleta-coruja *n.f.* tiwaku. ▪ Ver → borboleta

borboleta-preta *n.f.* pykapykawipisuna'e. ▪ Ver → borboleta

borra desse *n.f.* irajty. Ex.: borra do café *petyma pysahy rajty*

braço de alguém *n.m.* isyw'a

branco (ele é) *n.descr.* (claro) itinga'e

briga/brigou *v.tr.* usewerekohyw. Ex.: eu brigo *asewerekohyw*; ele vai brigar *usewerekohyw puta*; nós (excl.) brigamos *urusewerekohyw*

brilhante *n.descr.* enyeny

brinca/brincou *v.tr.* usemuaraj. Ex.: eu brinquei muito *asemuaraseteete ri'a*; ele vai brincar *usemuaraj puta*; nós (excl.) brincamos *urusemuaraj*; todos os jovens e todos os velhos brincam *awa'iahu tu'o usemuaraj awa'imonane*

brinco dela *n.m.* inamikohoma

broto *n.m.* esuj

bule *n.m.* sakare akój

bunda de alguém *n.f.* iku'a. Ex.: bunda grande *iku'aku'ahu*

buraco *n.m.* kwara. Ex.: eu cavo buraco na terra *ywy kwara ahywykaj*; buraco do lábio *eme kwara*

buraco da orelha *n.m.* namikwara

buriti *n.m.* myriti

buritizeiro *n.m.* myriti 'ywa, *Mauritia/Mauritiella*. Ex.: vocês carregaram a tora do buritizeiro *pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa*. ▪ Ver → árvore

## C

caba *n.f.* (marimbondo) kawa

cabaça *n.f.* kuipi

cabeça de algo ou de alguém *n.f.* iapina. Ex.: minha cabeça doendo (dor de cabeça) *ti apina hy*; pessoa que tem a cabeça vazia (não pensa) *iapina waj 'yma'e*

cabelo de alguém *n.m.* i'awa. Ex.: meu cabelo caiu *ti 'aw kujpaw ri'a*; cabelo loiro *i'awitong*; cabelo branco *i'atinga'e*; cabelo crespo *i'awrawri*

cabelo liso *n.descr.* ahuma'e

cabo do facão *n.m.* kyse ikong apyta

caça *n.f.* ma'ea<sup>1</sup>. Ex.: de onde você trouxe (fez vir) esta carne de caça? *mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o?*; vocês vão matar aquelas caças? *pehe puta pesuka ma'ea pesehow?*; você matou algum animal? *eresuka pe ma'eamu?*; nós matamos várias caças *urusuka ete ri'a ma'e ma'e*

caça/caçou *v.tr/intr.* usepurakar. Ex.: ninguém está caçando *awa nusepurakaruwi ohow*; ontem eu fui caçar no mato *aiko ra'e wehe rako asepurakar wehow*

caçador *n.descr.* isepurakaretewa'e. Ex.: eu já vi cachorro caçador *aesag ma'esawara sepurakaretewa'e*; o cachorro que é bom caçador mordeu a anta *ma'esawara usepurakaretewa'e u'u tapi'ira*; o cachorro que é bom caçador morreu *usepurakaretewa'e ma'esawara usekuj*

cacau *n.m.* aka'u. Ex.: o cacau tá florando *aka'ua iputyrame*; a flor do cacau nós fazemos e bebemos *aka'ua putyra uruapo i'u*

cachimbo *n.m.* petymutawa

cacho do açai *n.m.* susiwa 'awa. ▪ Ver → açai, açai (grande)

cachoeira *n.f.* 'ykwererema

cachorro *n.m.* ma'esawara. Ex.: ele bate no cachorro *unupo ma'esawara*; o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele *ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu*; tenha cuidado! o cachorro vai te morder *esemuhaku'i ke! ma'esawara rapo ne u'u*; o cachorro andou do meu lado *ma'esawara ti keywywy re oho oko*. ▪ Ver → onça

café *n.m.* petyma pysahy

caga/cagou *v.intr.* uputi. Ex.: eu caguei *aputi*; ele vai cagar *uputi puta*; nós (excl.) cagamos *uruputi*

cai/caiu<sup>1</sup> *v.intr.* u'ar<sup>1</sup>. Ex.: eu quase caí *a'ar werew*; ele vai cair *u'ar puta*; ele caiu da árvore *u'ar 'ywetewi*; nós caímos *uru'ar*; eu estava correndo e caí *wesowesona a'ar*; ele caiu lá de cima do galho da árvore *'ywa rokowi i'ar*. ▪ Ver → cai/caiu<sup>2</sup>

cai/caiu<sup>2</sup> *v.intr.* ukuj. Ex.: ele caiu várias vezes *ukukuj*; eu caí *akuj*; ele vai começar a cair *ukuj puta ri'a*; meu cabelo caiu *ti 'aw kujpaw ri'a*; meu marido já está com o cabelo caindo *ti rerekatara 'awa ukujpawameete*. ▪ Ver → cai/caiu<sup>1</sup>

caititu *n.m.* (porco-do-mato) tiwa'a, *Tayassu tajacu*. Ex.: eu quero assar o caititu *aihyra'u ri'a tiwa'a*; tem caititu na roça de Ikatu *Ikatu oko pupe tiwa'a*

caju *n.m.* akasu'u

cajuçu (época de) *adv.* akasuhua

calango *n.m.* anisu

calcanhar de alguém *n.m.* ipyta

calção de alguém *n.m.* ikong akasa

calcinha dela *n.f.* ikong<sup>2</sup>

calo de alguém *n.m.* ipypiru'a

calor forte *n.m.* akuwoto

calugi *n.m.* (bebida tradicional à base de mandioca) iakua su'uma

calvície de alguém *n.descr.* 'awaiaia'ia

calvo (muito) *n.descr.* 'aw mueteete

cama de alguém *n.f.* iketawa (ti kehawa). Ex.: minha cama pequena *ti ketawa iaturuwewa'e*. ▪ Ver → rede de alguém

camaleão *n.m.* enemy

camapu *n.m.* ykyruyron, *Physalis*

camapuzeiro *n.m.* ykyruyrona 'ywa

camarão *n.m.* muti'o

caminho *n.m.* pea (ape). Ex.: ele está andando no caminho *uata pea rupi*; nós vamos passar pelo caminho da roça de Ikatu *Ikatu ko rape rupi puta uruhow*

canela (parte do corpo) de alguém *n.f.* ietymasi'a

cangalha *n.f.* (cambito de cangalha) sakare asywa

canhoto *n.descr.* isahua'e (isahu). Ex.: ele escreve com a mão esquerda *ysew'a isahu katy*

canoa *n.f.* ygara

cansaço *n.* kane'u

cansado (ele está) *n.descr.* eumaw (kane'u). Ex.: eu estou muito cansada *ti kane'uete ri'a*

cansa-se/cansou-se *v.tr.* usepekyng'e'o. Ex.: eu me cansei *asepekyng'e'o*; ele vai se cansar *usepekyng'e'o puta*

canta/cantou *v.intr.* use'engar. Ex.: eu cantei *ase'engar*; quem está cantando? *awa pa'e ripo use'engar?*; por que as mulheres não estão cantando? *ma'eramu pa'e kuso nu se'engar uwi?*; nós (excl.) cantamos *uruse'engar*; ontem você chegou, cantou e dançou *aiko ra'e wehe rako erewahem erese'engar eresemume*

cantador (ele é) *n.descr.* ise'engara'e. Ex.: Miho (é) o que canta *Miho se'engara'e*

capina/capinou *v.tr.* ukupir. Ex.: eu capinei a roça *ise akupir koa*

capivara *n.f.* kapiwara, *Hydrochaeris hydrochaeris*

cará (tubérculo) *n.m.* kara

cará branco *n.m.* akaratinga. ▪ Ver → peixe

caracol *n.m.* satuta'i

caramujo *n.m.* saratyta

caranguejo *n.m.* uwa<sup>1</sup>

caranguejo (barriga do) *n.f.* uwarukape<sup>1</sup>

caranguejo (esp.) *n.m.* wararu

carapanã *n.m.* (mosquito) sati'u

carazinho *n.m.* akara'i, *Geophagus brasiliensis*. ▪ Ver → peixe

careca de alguém *n.descr.* iapin hawa'e'yma'e (iapihawe'ym). Ex.: meu marido vai ficar sem cabelo (careca) *ti rerekatara puta i'apihawe'ym*

carne *n.f.* o'o. Ex.: Suara, você cortou a carne? *Suara, eremunohonohog pa'e o'o?*; de onde você trouxe esta carne? *mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o?*; carne bovina *misakatirona 'o*; carne de porcão *tasahua 'o*; carne de caititu *tiwa'aro'o*

carne de gente *n.f.* awa ra'o

carrapatinho *n.m.* satewu'i, *Amblyomma cajennense*. ▪ Ver → carrapato

carrapato *n.m.* satewua, *Ixodídeos/Argasídeos*. Ex.: tem carrapato na perna da Ikatu *Ikatu konga re satewuga ituni*. ▪ Ver → carrapatinho, carrapato-estrela, carrapato-vermelho

carrapato-estrela *n.m.* satewupew, *Amblyomma cajennense*. ▪ Ver → carrapato

carrapato-vermelho *n.m.* satewupytong, *Rhipicephalus sanguineus*. ▪ Ver → carrapato

carrega/carregou *v.tr.* uwuhyj. Ex.: vocês carregaram a tora do buritizeiro *pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa*

cartucho de bala *n.m.* uwyosa

casa *n.f.* (residência) 'oga. Ex.: nós todos juntos construímos nossa casa *asehutese saupir sene rehe 'og (Wajwera umume'u)*; me ajuda a construir a casa *ti popytywo e apo 'og (Wajwera umume'u)*; eu posso vir dormir sozinho em casa *ti rehe taketehewehe ne wy wekow (Wajwera umume'u)*; nós fizemos estas casas *ure uruapo 'oga*; ele saiu de casa *ti rogawi ihoj usona*; eu quero fazer minha casa *apoa'u ri'a wetoga*. ▪ Ver → casa tradicional

casa (levanta/levantou) *v.tr.* usogupir. Ex.: eu levantei casa *asogupir*; ele vai levantar casa *usogupir puta*

casa de caba *n.f.* kawa retoma, *Nycticorax nycticorax*

casa de farinha *n.f.* manimea pukujtawa roga (manimea roga). Ex.: eu vou chegando para dentro da casa de farinha *aha puta manime roga pupe wewahema a-apoa'u re'a manime ne roga pupe*

casa grande *n.f.* 'oga muruwisawete. ▪ Ver → casa

casa tradicional *n.f.* 'ogete. Ex.: vamos fazer a casa tradicional no terreno onde a gente estuda *uruapo puta 'ogete semu'etawa ukaripe*; vamos fazer a casa tradicional para os não índios poderem ver *uruapo puta 'ogete t uesag wehe warasu tywo, 'og t unawa*. ▪ Ver → casa

casada *n.descr.* erekatara'e

casado *n.descr.* emirekowa'e

casca (do pau) *n.f.* ywyrá pira. ▪ Ver → árvore

casculo (menor) *n.m.* atirare

casculo (peixe) *n.m.* muru, *Hypostomus plecostomus*. ▪ Ver → peixe

castanha-do-pará *n.f.* so, *Bertholletia excelsa*. Ex.: flor de castanha-do-pará *so putyra*; depois de amanhã eu vou coletar castanha-do-pará *aiko ra'e wehe puta aha ikaw so*

cava/cavou *v.tr.* uhywykaj. Ex.: eu cavo buraco na terra *ywykwara ahywykaj*; vou cavar meu poço *ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj*

cavalo *n.m.* (burro, jumento) misakatinga, *Equídeos*

cedo *adv.* kuwejwehe. Ex.: você acordou cedo *eretyryg pa'e kuwejwehe*

cedro *n.m.* akatikating

cego *n.m.* eapewa'e

cera (de abelha) *n.f.* hyretoma

cercadinho (para animal) *n.m.* upari

cercado *n.m.* mómómira. Ex.: você já prendeu todos os porcos no cercado? *eremono pa'e imomomyrera pupe tasahumymawa?*

cérebro de alguém *n.m.* (miolo dele) iapitu'una

céu *n.m.* ywaga

chapéu de alguém *n.m.* (boné) apiryrua. Ex.: o boné está pendurado no alto *iapiryrua u'aiko ywete*

chefe (ele é) *n.descr.* (liderança (ele é)) muruwisawa. Ex.: Mairá (é) liderança *Maira muruwisawete*

chega/chegou *v.intr.* uahem. Ex.: todos já chegaram? *uahemamaw pa'e?*; todos já chegaram! *uwahemamaw rako*; quando todos vão chegar? *monamu puta pa'e ituri wahemamapa?*; nós (excl.) chegamos da roça *uruwahemame ri'a kowi*; ontem eu cheguei, comi e dormi *aiko ra'e wehe rako awahem akaru akerako*

chegando (vem/veio) *v.intr.* usowewahem. Ex.: antes de ontem eu cheguei em casa *aiko ku'em kwera re rako asowewahem wetoga pupe*

cheira/cheirou *v.tr.* uetun

cheiro de algo ou de alguém *n.m.* ekwena

cheiroso *n.descr.* eakwen

chifre *n.m.* ati

chocalho (tipo) *n.m.* sykong

chora/chorou *v.intr.* uso'o. Ex.: quem está chorando? *awa pa'e uso'o?*; eles choraram *uso'o remi*; eu chorei *aso'o*

chove/choveu *v.intr.* ukyr. Ex.: antes de ontem choveu *aiko ku'em kwera re ikyr amona*

chupa/chupou *v.tr.* upyter. Ex.: eu chupei a laranja *apyter akuti nami pe pytukawa*

chuva *n.f.* amona. Ex.: a chuva é fria *amona yruyrona*; antes de ontem choveu (a chuva) *aiko ku'em kwera re ikyr amona*

chuva (quando for a época de) *adv.* (inverno) amonamu

cicatriz de alguém *n.f.* imusona

cílio de alguém *n.m.* upepikyohaw

cima (em cima) *adv.* ywete

cinto de alguém *n.m.* isekwo akwahawa

cintura de alguém *n.f.* i'wyj. Ex.: minha cintura *ti wysa*

cinza (cor) *n.descr.* 'e'apetinga'e

cinzas *n.f.* tatahu. ▪ Ver → fogo

cipó *n.m.* ypo. Ex.: eu corto o cipó *ypo amonok*

claro *n.m.* (dia) ara. Ex.: então outra vez passou o tempo *aiko ara re wehe rako*; pelo dia *'arimu*

clavícula de alguém *n.f.* iatikonga

clitóris de alguém *n.f.* iamati'o. ▪ Ver → vagina

cobra *n.f.* mosa (moj). Ex.: o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele *ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu*; quem a cobra mordeu? *awa pa'e mosa u'u?*; eu atirei na cobra, mas ela ainda vive *ise amupig mosa re, ise awisepe mosa nusekysuwi*; eu estou matando a cobra *ise ri'a asuka we'oma mosa*. ▪ Ver → cobra-cega, cobra-cipó, cobra-coral, cobra-d'água, cobra-de-duas-cabeças, cobra-papagaio, cobra-preta, jararaca, jiboia, sucuri, surucucu

cobra-cega *n.f.* mosokonge'ym. ▪ Ver → cobra

cobra-cipó *n.f.* inasimosa. ▪ Ver → cobra

cobra-coral *n.f.* arawawa, *Micrurus*. ▪ Ver → cobra

cobra-d'água *n.f.* apimuku (arawawa), *Colubrídeos*, *Aquelas*, *Helicops*. ▪ Ver → cobra

cobra-de-duas-cabeças *n.f.* (cobra-cega) mosakone'yma, *Anfisbenídeos*. ▪ Ver → cobra

cobra-papagaio *n.f.* ywyraka'ymomona, *Corallus caninus*. ▪ Ver → cobra

cobra-preta *n.f.* wajpatana, *Clelia cloelia*. ▪ Ver → cobra

coça/coçou *v.tr.* usy'oj. Ex.: eu cocei *asy'oj*; ele vai coçar *usy'oj puta*

coçar (de penas de arara) *n.m.* araraw

coçar (de penas de tucano) *n.m.* tukanaw

coceira *n.f.* remun

coco *n.m.* ynata. Ex.: coco duro *inataoto*

cocô de algo ou de alguém *n.m.* (merda, fezes) iputi

coelho *n.m.* tapi'ise, *Oryctolagus cuniculus*

cofo *n.m.* iruting

cogumelo (esp.) *n.m.* awyraru<sup>1</sup>

coisa *n.f.* (que) ma'ea<sup>2</sup>. Ex.: o que caiu? *ma'e u'ara?*; algo me mordeu *ma'ea ripo ti u'u*; o que você está cortando? *ma'ea pa remonog oma?*; eu perdi duas coisas

*namukuj ripo ma'ea amukasym*; por onde você engole sua comida? *ma'ea rupi pa'e eremukun ne remi'ua?*

colar dela *n.m.* ipu'yr

coletivizador *part.* remi. Ex.: aquelas galinhas são meus xerimbabos *aimi wyra'yra remi ti rejmawa*; eles choraram *uso'o remi*; todos estão sentados *uapyg remi ukwapa*; eles vão cortar a árvore do pequi *oho puta remi iatika peke'ia 'ywa*; as moças estão rindo *kusomuku'i remi usaihejhe*; todos entraram na casa *ukerpapaw remi*

colhe/colheu *v.tr.* upo'o. Ex.: eu colhi *apo'o*; ela vai colher *upo'o puta*

colher *n.f.* isuwaw

coluna vertebral de alguém *n.f.* ikupepyter

comadre *n.f.* kumara

come/comeu<sup>1</sup> *v.tr.* u'u<sup>1</sup>. Ex.: por onde você engole sua comida? *ma'ea rupi pa'e eremukun ne remi'ua?*; ele vai comer *u'u puta ri'a*; eu descasquei e comi a banana *ise apirog pahakurona i'u*. ▪ Ver → come/comeu<sup>2</sup>

come/comeu<sup>2</sup> *v.intr.* ukaru. Ex.: ontem eu andei, comi e cantei *aiko ra'e wehe rako aata akaru ase'engar*; ele vai comer *ukaru puta ri'a*; vem aqui, vamos comer *koposor sakaru*; dar comida pro cachorro *emono ma'esawara tukaru*; deixa ele comer *te'ine ukaru*. ▪ Ver → come/comeu<sup>1</sup>

comida *n.f.* emi'u. Ex.: a comida (é/está) muito gostosa *temi'u episepise*

compadre *n.m.* kupara. Ex.: o compadre está me vendo *kupara ti resag ri'a*

companheiro *n.m.* tyrua

comprido (ele é) *n.descr.* ipuku. Ex.: o homem é alto *akuma'e ipukua*

concha (de cozinha) *n.f.* temi'u pyuhawa

concha (de ostra) *n.f.* itoku'o

conta/contou *v.tr.* umume'u. Ex.: ele contou faz tempo *umume'u hejkwehe*; contei o recado para ele *ne se'engawera ri'a amume'u iupe*; Miho sabe contar histórias antigas *Miho umume'u kotawypykwera*

conversa/conversou *v.tr.* umupurungyta. Ex.: eu vou conversar com você *urumupurungyta puta ri'a*; quem conversou contigo? *awa pa'e ne mupurungyta?*

copo *n.m.* (copo de água) 'ywawa

coração de algo ou de alguém *n.m.* isi'o

corda *n.f.* upohoma. Ex.: amarrado com corda *tupohoma kurukwara*

cordão umbilical *n.m.* ipurua homa

coriza de alguém *n.f.* iamyw

corre/correu *v.intr.* uson. Ex.: eu corri muito *asonete ri'a wehow*; eu vou correr muito *ise puta ri'a asoason*; eu estava correndo e caí *wesowesona a'ar*; a paca correu do meu lado *karuaruhua ti keywywy re oho usona*

corrói/corroeu *v.tr.* uwoj

corta/cortou<sup>1</sup> *v.tr.* umonog. Ex.: eu corto o cipó *ypo amonok*; eu vou cortar essa árvore *amonog a'epe 'ywa*; por que ele cortou a árvore? *ma'eram pa'e imonog 'ywa?*; nós (excl.) cortamos a abóbora *uruasejmonog i'akorona*; o que você está cortando? *ma'ea pa remonog eoma?*. ▪ Ver → corta/cortou<sup>2</sup>, corta/cortou em pedaços

corta/cortou<sup>2</sup> *v.tr.* ukiti. Ex.: a faca vai te cortar *kyse puta ne pokiti*; eu corto *akiti*; ele vai cortar *ukiti puta ri'a*. ▪ Ver → corta/cortou<sup>1</sup>, corta/cortou em pedaços

corta/cortou em pedaços *v.tr.* umonohog. Ex.: eu já cortei muitas árvores *amunohog ete 'ywa*; o que você está cortando? *ma'e pa'e eremunohonohog?*; Suara, você cortou (várias vezes) a carne? *Suara, eremunohonohog pa'e o'o?*; ele corta em pedaços lenha (galho) *umonohonohog oko*. ▪ Ver → corta/cortou<sup>1</sup>, corta/cortou<sup>2</sup>

coruja *n.f.* masakuwa, *Estrigiformes, Titonídeos, Estrigídeos*

coruja-branca *n.f.* pypypypy, *Tyto alba*. ▪ Ver → ave, coruja

cospe/cuspiu *v.intr.* unemun. Ex.: eu cuspi *anemun*; ela vai cuspir *unemun puta ri'a*

costela de alguém *n.f.* isarukonga

costura/costurou *v.tr.* usuruhywo

cotovelo de alguém *n.m.* iparati'ywa. Ex.: eu bati meu cotovelo *anupo weparati'ywa*

coxa de alguém *n.f.* uwakasa

cozinha/cozinhou *v.tr.* umuapyg. Ex.: eu cozinhei *amuapyg*; ele vai cozinhar *umuapyg puta ri'a*

criança *n.f.* usawa'ea. Ex.: esta criança é teu/tua filho(a) *iusawa'ea ne memyra*; estas crianças são meus/minhas filhos(as) *iusawa'ea remi ti memyra*; aqueles crianças estão se batendo *iusawa'ea remi usunupo*

cu de algo ou de alguém *n.m.* (ânus dele) egeypy

cueca *n.f.* ikong su'ara

cuia de algo ou de alguém *n.f.* ekuj

cuida/cuidou *v.tr.* usemu'an. Ex.: eu cuido do meu filho pra ele ficar bonito *ise asemu'an reko wememyra re tawaruete*

cuieira *n.f.* kujpia 'ywa, *Crescentia cujete*. ▪ Ver → árvore

cunhada *n.f.* eke'i

cunhado *n.m.* ekewena

cupim *n.m.* kupi'i

cupuaçu *n.m.* kujronuhu

curica *n.f.* kykyra'yr, *Pionopsitta caica*

curimatã *n.m.* karimata, *Prochilodus*

curto *n.descr.* iaturu'e. Ex.: minha camisa é curta *ti rirua iaturu'e*; meu calção é curto *ti kong akasa iaturu'e*.

cutia *n.f.* akuti, *Dasyprocta*, *Dasiproctídeos*. Ex.: o cachorro corredor pegou a cutia *ma'esawara usonetewa'e upyhyg akutia*

cuxiú *n.m.* kutipi, *Chiropotesutahicki*

## D

dá/deu *v.tr.* umono. Ex.: esse eu não dou para você *aiko na amonowi ne upe*; eu vou te dar *ko, amono ne upe*; eu vou dar o machado para o teu irmão *syryg puta amono ne irua pe*; dá comida pro cachorro *emono ma'esawara tukaru*

dança/dançou *v.intr.* upurahaj. Ex.: eu dancei *apurahaj*; ele vai dançar *upurahaj puta*; eles não estão indo caçar, vão dançar (porque é a festa do Sapurahaj) (dança) *upurahaj ta ri mi nupumarowi ohow*; ontem você chegou, cantou e dançou *aiko ra'e wehe rako erewahem erese'engar eresemume*

daqui *adv.* ko katy. Ex.: vá daqui *eho ko katy*

declarativo *part.* ri'a. Ex.: eu brinquei muito *asemuaraseteete ri'a*; asonete ri'a wehow *asonete ri'a wehow*; ele dormiu *uker ri'a*; eu estou deitado *a'aw ri'a*; meu cabelo caiu *ti 'aw kujpaw ri'a*

dedo anelar de alguém *n.m.* ipopi

dedo do pé de alguém *n.m.* ipyhopi

dedo indicador de alguém *n.m.* ipyhope

dedo médio de alguém *n.m.* ikwo

dedo mindinho de alguém *n.m.* (mínimo (dedo) dele) ipuhopopi

dedo polegar de alguém *n.m.* ipuheakonga. Ex.: meu polegar está doendo *ti puheakong ahy*; eu bati meu dedo polegar *asepuheakong upo*

deita/deitou na rede *v.intr.* u'aw. Ex.: eu (estou) deitado na rede *a'aw ri'a*; estou indo me deitar na rede *a'aw puta ri'a wehow*

dentadura *n.f.* hoj tehe 'yima

dente de algo ou de alguém *n.m.* hosa (hoj). Ex.: minha dor de dente *ti rosahy*

dentro *adv.* (em) ipupe. Ex.: na rede nós (incl.) dormimos *tekwawa pupe saker*; eu me lavei no rio *asehej ri'a porono pupe*; tem caititu na roça de Ikatu *Ikatu oko pupe tiwa'a*; para dentro do rio Ikatu foi *porono pupe Ikatu ihoj*; ontem eu fui plantar feijão na roça *aiko ra'e wehe rako aha ko pupe ityima kumanarona*

depressa *adv.* uwawag

derruba/derrubou *v.tr.* uityg. Ex.: eu já cortei três árvores *irutehe'yima'e aityg 'ywa*; eles vão cortar o pé de pequi *uetyg puta remi ohow peke'i 'ywa ehera*; depois de amanhã nós vamos derrubar mato *aiko ku'ema ere puta uruho iejtyka ka'a*

desamarra/desamarrou *v.tr.* upwaraw. Ex.: eu desamarrei a corda *apwaraw upohoma*

descasca/descascou *v.tr.* upirog. Ex.: eu descasquei e comi a banana *ise apirog pahakurona i'u*

desce/desceu *v.intr.* usyw. Ex.: eu desço *asyw*; ele vai descer *usyw puta*; nós (excl.) descemos *uruasyw*

desenha/desenhou *v.tr.* (pinta/pintou) uapo<sup>2</sup>. Ex.: eu vou desenhar/pintar qualquer coisa *aapo puta ma'e arawa*

desequilibra-se/desequilibrrou-se *v.intr.* ua'ar werew. Ex.: eu me desequilibrei *aa'ar werew*; ele vai se desequilibrar *ua'ar werew puta*

destampa/destampou *v.tr.* uhuwepemopog

destro *n.descr.* ikarua katykaty isewag

devagar (ele está) *n.descr.* imuwej

dia (pelo dia) *adv.* arimu. Ex.: nós vamos de dia *arimu puta saha*

diarréia *n.f.* kwererem. Ex.: vocês estão com diarréia *tekwererem*

dinheiro *n.m.* ipirong

direção (na) *adv.* katy. Ex.: ele foi pra fora *oho arua katy*

direita *n.f.* karuakatu

diz/disse *v.intr.* (conta/contou) u'e (u'i). Ex.: ele contou faz muito tempo *i'i hejkwehe*; nós (excl.) dissemos *uru'e*; nós falamos sobre a bondade dele *uruse'eng ehe aikwesa ikatuete uru'e sepi ehe*

dobra/dobrou *v.tr.* uapar. Ex.: eu vou dobrar a rede *aapar puta ri'a tekawawa*; Sueli, você vai dobrar a sua rede *uapar puta ri'a uekwawa Suelia*; você está dobrando a corda da sua rede? *ereapar pa'e ne rekwawa rupohoma?*

doce *n.descr.* e'e

doença grave *n.f.* ma'e ahyrona

doente *n.m.* ma'e ahy

dois *num.* namukuj (mukuj). Ex.: eu perdi duas coisas *namukuj ripo ma'ea amukasym*; Ywykatu e Ikatu entraram dois (dias) no mato *Ywykatu Ikatu ene ihoj uke mukumukujta ka'ape*

dor *n.f.* (doente, doído, picante) ahy (ma'eahy). Ex.: nós (estamos) doentes/doídos *sene rahy*; ninguém (está) doente *na ahywi*; você está sentindo dor para ter filho? *ne memyra ahy pa'e?*; meu ombro está doendo *ti ati'ywa ahy*; não deixe (a comida) picante *emahymahy puhi ke*

dorme/dormiu *v.intr.* uker. Ex.: meu filho dormiu *ti memyra uker*; você dormiu? *ereker pa'e?*; onde você dormiu? *mume pa'e rekerehe?*; ele está dormindo *uker ri'a upa*; eu vou dormir e acordar cedo *aker puta ri'a wehow use'iwehe ete wehe ne tatyryg ne*; na rede, nós (incl.) dormimos *tekwawa pupe saker*

dorso da mão de alguém *n.m.* ipokupe

duro *n.descr.* oto (otowa'e)

dúvida *n.f.* ripo. Ex.: algo me mordeu *ma'ea ripo ti u'u*; quem está cantando? *awa pa'e ripo use'engar?*; alguém está gritando muito *awa ripo apukapukaj*; para lá (incerteza) ele banhou *aikoj katu ripo isahug*

## E

ecoa/ecoou *v.intr.* (grita/gritou muito) uapukapukaj. Ex.: alguém está gritando muito  
*awa ripo apukapukaj*; eu gritei *aapukapukaj*

embira *n.f.* iwira

embrulha/embrulhei *v.tr.* uwon. Ex.: eu embrulho *awon*; ele vai embrulhar *uwon puta*

embrulha-se/embrulhou-se *v.tr.* usewon

empurra/empurrou *v.tr.* umuason. Ex.: quem está empurrando? *awa poripo muason*

enche/encheu *v.tr.* upypirong. Ex.: eu encho *apypirong*; ele vai encher *upypirong puta*

encolhe/encolheu *v.intr.* uwyryg

encontra/encontrei *v.tr.* uhuw

encosta/encostei *v.tr.* umusekog. Ex.: eu encostei *amusekog*

encosta-se/encostou-se *v.tr.* usekogywe. Ex.: eu me encostei *asekogywe*; ele vai se encostar *usekogywe puta*

enfeite de cabeça (para mulher) *n.m.* atutu

enfermeira *n.f.* remedio erukahara. Ex.: Alzinete é enfermeira (é a que faz vir o remédio) *Alzinete remedio erukahara*

enfia/enfiou *v.tr.* u'umu'om. Ex.: ele enfia estaca *ywyra u'umu'om*

enforca/enforcou *v.tr.* usywyg

enforca-se/enforcou-se *v.tr.* usesywyg. Ex.: ele vai se enforçar *usesywyg puta ri'a*

engasga/engasgou *v.tr.* umanu

engatinha/engatinhou *v.intr.* upuse. Ex.: eu engatinhei *apuse*; ele vai engatinhar *upuse puta*

engole/engoliu *v.tr.* umukun. Ex.: por onde você engole sua comida? *ma'ea rupi pa'e eremukun ne remi'ua?*; por onde a gente engole o alimento *ma'ea sene imukunawa*

enrola/enrolou *v.tr.* (rola/rolou) umomon. Ex.: aikewara está enrolando (o fio para tecer) rede *aikewara umomon tekawawa*; eu enrolo rede *amomon tekawawa*; depois de amanhã eu vou jogar bola *aiko ku'ema re puta amomomon bola wehow*

enrola-se/enrolou-se *v.tr.* usepyg. Ex.: eu me enrolei *asepyg*; ele vai se enrolar *usepyg puta*

enrugado (ele é) *n.descr.* ipyryryryry

entardece/entardeceu *v.intr.* ukaruw. Ex.: Tymykong andou o dia todo no mato  
*Tymykong umukaruwete ka'ape*

enteada *n.f.* asiranawa

enteado *n.m.* memiranawa

enterra/enterrou *v.tr.* utym. Ex.: eu vou plantar aquela árvore *ise puta atym 'ywa*; nós fomos com as mulheres plantar mandioca *ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym*; quando foi que você plantou o milho? *monamo he pa'e eretym awatia?*; quem plantou a mandioca? *awa pa'e utym mani'og?*; ontem eu fui plantar feijão na roça *aiko ra'e wehe rako aha ityma ko pupe kumanarona*; amanhã eu vou plantar milho *kuej wehe puta aha ityma awatia weko pupe*

entra/entrou *v.intr.* uke. Ex.: eu entro *ake*; ele vai entrar *uke puta*; nós (excl.) entramos *uruke*; todos entraram na casa *ukerpapaw remi*

entrega/entregou *v.tr.* umur

entristecido (ele está) *n.descr.* isamomor

enxada *n.f.* sypew

época de mamuã *adv.* tayiwa

época do sol (início) *adv.* (verão) 'arameete ('arame). Ex.: no início do verão eu vou brocar minha roça (na qualidade do que vai ser minha roça) *'arameete re puta awyrok ti koromamu*

época seca *adv.* (de junho a setembro) aretea

ergue/ergueu *v.tr.* upir. Ex.: eu ergui minha rede *aupir ti rekwawa*

escama *n.f.* ipe. Ex.: escama de peixe *ipira pe*; estou tirando escama de peixe *apin ipira pe*

escapa/escapou *v.intr.* ukweraw. Ex.: eu escapei *akweraw*; ele vai escapar *ukweraw puta*; nós (excl.) escapamos *urukweraw*

escápula de alguém *n.f.* (omoplata) iapekong. Ex.: tua escápula *ere 'apekong*

escola *n.f.* ise mu'etawa

esconde/escondeu *v.tr.* umim. Ex.: eu escondo *amim*; ele vai esconder *umim puta*; nós (excl.) escondemos *urumim*

esconde-se/escondeu-se *v.tr.* usemim. Ex.: eu me escondi onde mata o bicho (caça) *asemim ma'ea sukatawpe*; ele vai se esconder *usemim puta*; nós nos escondemos *urusemim*

escorpião *n.m.* kyrywyroj

escorre/escorreu *v.tr.* umutururu

escorrega/escorregou *v.intr.* uahyryrym. Ex.: eu escorreguei *aahyryrym*; ele vai escorregar *uahyryrym puta*

escreve/escreveu *v.intr.* usewag. Ex.: eu escrevo *asewag*

escutador *n.m.* ienupara

esmaga/esmagou *v.tr.* ukamykamyg. Ex.: eu esmaguei *akamykamyg*; ele vai esmagar *ukamykamyg puta ri'a*

esôfago de alguém *n.m.* ama'ywa. Ex.: pelo meu esôfago *ti ama'ywa rupi*; pela minha boca primeiro, depois eu mando pelo esôfago *ti surua rupi raypy imunehe, amono we ama'ywa rupi*

espelho *n.m.* sehasakara

espingarda *n.m.* ywyrapara<sup>2</sup>. Ex.: eu perdi minha espingarda *amukasym weywyrapara*

espinha de peixe *n.f.* ipirakong

espinho *n.m.* su. ▪ Ver → agulha

espinho (ponta de) *n.f.* swaratia. ▪ Ver → espinho

espírito *n.m.* a'wera. Ex.: o espírito aparece pra gente *a'wera usesaukar purupe*; tem gente que vê espírito *wapitu'o wesag sepi a'wera*. ▪ Ver → alma

espírito (tipo) *n.m.* ywyterera. Ex.: ywyterera aparece no caminho (terreiro) *ywyterera usesa ukara*. ▪ Ver → alma

espirra/espirrou *v.intr.* uasun. Ex.: eu espirrei *aasun*; eu vou espirrar *uasun puta ri'a*

esposa (que foi) *n.f.* emireko ipukwera

esposa (segunda) *n.f.* emireko purahua

esquecimento *n.m.* earaj

esquerda desse *n.f.* isahu

esse<sup>1</sup> *pron.* a'e. Ex.: eu vou cortar essa árvore *amonog a'epe 'ywa*. ▪ Ver → esse<sup>2</sup>

esse<sup>2</sup> *pron.* aiko. Ex.: esse eu não dou para você *aiko na amonowi ne upe*. ▪ Ver → esse<sup>1</sup>

esteio (de casa) *n.m.* iapyreta. Ex.: esteio da casa *'oga apyreta*; o esteio (da casa) quebrou *iapyreta upen*

esteira *n.f.* miahaw

estende-se/estendeu-se *v.tr.* usenong. Ex.: eu me estendi *asenong*; ele vai se estender *usenong puta*

estojo peniano de alguém *n.m.* akojtimahawa

estragado (ele está) *n.descr.* iawykyahywa. Ex.: ele se estragou *useawykyahyw*; a fruta se estragou *ma'e 'ywa useawykyahyw*

estrela *n.f.* sahytata. ▪ Ver → estrela cadente, estrela-d'alva, lua

estrela (planeta Júpiter) *n.f.* karuayra

estrela cadente (maior) *n.f.* sahytataw'a. ▪ Ver → estrela

estrela-d'alva *n.f.* (estrela-da-manhã) eisú. ▪ Ver → estrela

estúpido *n.descr.* awaj'yma

esvazia/esvaziou *v.tr.* uhen. Ex.: eu esvaziei *ahen*; ele vai esvaziar *uhen puta*

eu *pron.* (meu) ti. Ex.: tem caititu na minha roça *ti ko pupe tiwa 'a*; pra roça minha mãe foi *ko pupe ti hy ihoj*; a paca correu perto de mim *tipiw ihoj karuarahua usona*; eu sou preguiçosa *ise ti asate 'ymete*; eu estou muito cansada *ti kane 'uete ri 'a*

eu *pron.* ise. Ex.: eu bato em vocês dois *ise hu puta runupo*; eu estou correndo *ise puta ri 'a asoason*; eu sou professor *ise purumu 'etaramu*

ex-pele *n.m.* (ex-couro) ipirera

## F

faca *n.f.* (facão) kysea. Ex.: a faca está cega *kyse hoj ne 'yw*; Muretama pegou a faca de mim *Muretama upyhyg kysea ti wi*

fala/falou *v.intr.* use'eng. Ex.: eu falei *ase'eng*; ele vai falar *use'eng puta*; nós (excl.) vamos falar *uruse'eng*; ele falou faz tempo *use'eng hejkwehe*

faquinha *n.f.* ma'e kuitawa

farinha de mandioca *n.f.* manimea. Ex.: farofa de ovo (lit. 'farinha misturada com ovo de galinha') *manimea ko amumaraw wyra'yra rupi'a*

fava *n.f.* kumana

favão *n.m.* aramuru 'ywa

faz/fez *v.tr.* uapo<sup>1</sup>. Ex.: eu quero fazer minha casa *aapoa'u ri'a wetoga*; nós fizemos estas casas *ure uruapo 'og*; eu preciso fazer farinha na tua casa (de farinha) *aapoa'u ri'a manime ne roga pupe*

febre de alguém *n.f.* (frio de alguém) iru'ya. Ex.: você está com febre? *ne ru'y pa'e?*

fecha/fechou *v.tr.* uhuwapyg

feijão *n.m.* kumanarona. Ex.: ontem eu fui plantar feijão na roça *aiko ra'e wehe rako aha ityma ko pupe kumanarona*

feixe de lenha *n.m.* akwakwaraioko

ferida de algo ou de alguém *n.f.* iperew. Ex.: ferida dele *iperew*

ferro de passar *n.m.* tyrykwera pimumykawa

ferve/ferveu *v.tr.* upupur. Ex.: ela vai ferver *upupur puta*

feto *n.m.* wetyptype iwsawa'e ituni

fia/fiou *v.intr.* upuwon. Ex.: eu fiei *apuwon*; eu vou fiar *upuwon puta*; nós (excl.) fiamos *urupuwon*

fígado de algo ou de alguém *n.m.* ipy'a

filha (de homem) *n.f.* asyra. Ex.: já nasceu tua filha? *u'ar pa'e ne rasyra?*

filha (de mulher) *n.f.* (filho, criança) memyra. Ex.: já nasceu tua filha? (de mulher) *u'ar pa'e ne memyra*; levante a criança (a minha filha) *emuku'om ti memyra*; esta criança é tua filha *iusawa'ea ne memyra*; tua filha gritou? *ne memyra pa'e uapukaj?*

filho (de mulher) *n.m.* imemyra. Ex.: meu filho dormiu *ti memyra uker*; ne memyra *tipiw uapyg teu filho sentou perto de mim*

filho da irmã da mãe *n.m.* (filho do irmão do pai) kywyrá

filho de alguém *n.m.* ((homem falando)) a'yra

filhote (de bicho) *n.m.* ymemyra. Ex.: filhote de porcão *tasahua ymemura*; filhote de veado *misara ymemura*; filhote de anta *tapi'iraymemura*

flauta *n.f.* asumi'apy

flauta (tipo) *n.f.* sumi'a

flecha de alguém *n.f.* iu'ywa

flor *n.f.* yputyra

fogão *n.m.* ma'ea potawa

fogo (em geral) *n.m.* (fogueira) tata. ▪ Ver → cinzas, fumaça

fogo (que cai do céu) *n.m.* musena

foice *n.f.* kysekono

folgado *n.descr.* asasaj

folha *n.f.* owa. Ex.: a folha da árvore é verde *ywyr rowa yapewy*

fome *n.f.* ima'euej. Ex.: minha fome *ti ma'euej*; você está com fome? *ne ma'euej pa'e?*

fora *adv.* (espaço aberto) aru'akaty. Ex.: ele foi pra fora *oho aru'akaty*; leve para fora *eraha aruakaty*

formiga *n.f.* tahywa, *Formicídeos*. ▪ Ver → formiga-correição, formiga-de-fogo

formiga (esp.) *n.f.* tahywuna, ta'oga

formiga-correição *n.f.* tahywarema. ▪ Ver → formiga

formiga-de-fogo *n.f.* tahywa purupir piwe. ▪ Ver → formiga

forte (muito) *n.descr.* pukongete

frio de algo ou de alguém *n.descr.* iru'ya. Ex.: você (está) com febre (frio)? *ne ru'y pa'e?*

fruta *n.f.* 'i'a (maʔεʔiwa). Ex.: a fruta estragou *ma'e'ywa useawkyahyw*

fuma/fumou *v.intr.* upetymu. Ex.: eu fumei *apetymu*; ele vai fumar *upetymu puta*; nós (excl.) fumamos *urupetymu*

fumaça *n.f.* tatatinga. ▪ Ver → fogo

fumo *n.m.* (cigarro) petyma

fundo *n.descr.* waypy. Ex.: é fundo? *waypyete pa'e?*; fundo da água *'ya ruaypy*; é verdade que esse rio é fundo? *waypy te pa'e porono re apyra?*. ▪ Ver → raso

fura/furou<sup>1</sup> *v.tr.* ukutuk. Ex.: eu furo *akutuk*. ▪ Ver → fura/furou<sup>2</sup>

fura/furou<sup>2</sup> *v.tr.* umumuk. Ex.: ele furou sua própria orelha *usenamimumuk*; ele furou seu próprio lábio *useememumuk*. ▪ Ver → fura/furou<sup>1</sup>

fuso de alguém *n.m.* ipuwonaw

## G

gafanhoto *n.m.* tukurupipina<sup>1</sup>

gafanhoto (esp.) *n.m.* tasahuron komopikara

galho *n.m.* oko. Ex.: galho de árvore *'yw oroko*; ele caiu lá de cima do galho da árvore *'ywa rokowi i'ar*; nós fomos com as mulheres plantar (galho de) mandioca *ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym*

galinha *n.f.* wyra'yra. Ex.: galinha preta *wyra ipisuna'e*; aquelas galinhas são meus xerimbabos *aimi wyra'yra remi ti rejmawa*. ▪ Ver → ave

galo *n.m.* wyra'yra akuma'e, *Gallus*. ▪ Ver → ave

garça *n.f.* wyratinga, *Ciconiiformes*, *Ardeídeos*. ▪ Ver → ave

garfo *n.m.* (ancinho, rastelo) arupo

garganta de alguém *n.f.* i'asa

garra (de bicho) *n.f.* puhope

gato *n.m.* sawamimawa, *Felis catus*. ▪ Ver → onça

gavião *n.m.* sapakania, *Falconiformes*, *Acipitrídeos/Falconídeos*. ▪ Ver → águia, ave

gavião vermelho *n.m.* tawoto. ▪ Ver → ave

gavião-real *n.m.* uwisaw sapakania, *Harpia harpyja*. ▪ Ver → ave

geladeira *n.f.* (freezer) 'ya mungingongara. Ex.: a geladeira é cinza *'ya mungingongara iapetinga'e*

gengiva de alguém *n.f.* emekong

genro *n.m.* asywen

gira/girou *v.tr.* uru'aru'ag. Ex.: eu girei *aru'aru'ag*; ele vai girar *uru'aru'ag puta*

goiaba *n.f.* petiwaron

goiabeira *n.f.* petiwaron 'ywa. ▪ Ver → árvore

gordura de algo ou de alguém *n.f.* ikawa

gosta/gostou *v.tr.* ukojte. Ex.: eu gosto de você *akojte ne rehe*

gostoso (ele é) *n.descr.* ipise. Ex.: a comida (é/está) muito gostosa *temi'u episepise*

grande (ele é) *n.descr.* isuruwa

gravador *n.m.* iapyakwara towa'e

graveto *n.m.* (pauzinho) ywyraukaj

gravidez de algo ou de alguém *n.f.* ipuru'a

graviola *n.f.* (biribá) pina'irona

gravioleira *n.f.* pina'irona 'ywa. ▪ Ver → árvore

grilo (esp.) *n.m.* ikysuhu

grita/gritou *v.intr.* uapukaj. Ex.: eu gritei *aapukaj*; alguém está gritando muito? *awa pa'e uapukasatuete?*; tua filha gritou *ne memyra pa'e uapukaj*; lá, alguém está gritando *pew ri'a awa iapukaj*; sua esposa está gritando para você *ne remiriko ripo uapukaj ne upe*; Ikatu está gritando muito Ikatua ripo uapukapukaj

grosso (ele é) *n.descr.* ipurung

guariba *n.f.m.* akykya, *Alouatta guariba guariba*

## H

helicóptero *n.m.* taratiratinga<sup>2</sup>

história *n.f.* kotawypy. Ex.: Miho sabe contar histórias antigas *Miho umume'u kotawypykwera*

hoje *adv.* aiko re. Ex.: hoje eu vi este homem *aiko re rako aesag akuma'e*

homem *n.m.* akuma'ea. Ex.: homem gordo *akuma'e akuraete*; ontem eu vi este homem *aiko re wehe rako aesag akuma'e*; quantos homens vão correr? *moron puta pe akuma'e ihoj osuna?*

## I

igarapé *n.f.* 'ykwawa. Ex.: eu vou pra água (igarapé) *aha puta 'ype*

inajá *n.f.m.* (najá) inasa

inajá *n.m.* inasa 'ywa, *Maximiliana maripa*

inambu *n.m.* inamuhun

inambu (esp.) *n.m.* inamuita

inambumirim *n.m.* inamu'i, *Crypturellus tataupa*. ▀ Ver → ave

incha/inchou *v.intr.* uwuwur. Ex.: eu inchei *awuwur*; ele vai inchar *uwuwur puta*

inclinado (ele é) *n.descr.* itusug

inflamado (ele está) *n.descr.* iusewywyr

inhame *n.m.* kororonuhu

inimigo *n.m.* kotawete'yma. Ex.: meu inimigo *ti kotawete'yma'e*

inteligência de alguém *n.descr.* iapinawawa'e

intestino de algo ou de alguém *n.m.* (tripa dele) igea

intestino delgado *n.m.* hog rera

intestino grosso *n.m.* igewa'a

irmã (de homem) *n.f.* emira

irmã (mulher falando) *voc.* ua

irmão *n.m.* irua. Ex.: eu vou dar o machado para o teu irmão *syryg puta amono ne irua pe*; o menino tem um irmão gêmeo *kunumia irumukusa'e*

## J

jabuti *n.m.* sautia. ▀ Ver → jabuti-açu, tracajá

jabuti-açu *n.m.* sautihu, *Chelonoidis denticulata*. ▀ Ver → jabuti

jacamim *n.m.* sakami, *Gruiformes, Psolfídeos, Psophia*

- jaçanã *n.m.* piaka, *jacanídeo*. ▪ Ver → ave
- jacarandá *n.m.* sakarana, *Dalbergia*, *Machaerium*
- jacaré *n.m.* sakarea
- jacaré-açu *n.m.* sakarehu, *Tachia guianensis*
- jacaretinga *n.m.* sakaretinga, *Caiman crocodilus*
- jacu *n.m.* sakua, *Galiformes*, *Cracídeos*, *Penelope*. ▪ Ver → ave
- jacu (esp.) *n.m.* sarukawa
- jacundá *n.m.* sakuna, *Crenicichla*
- jacutinga *n.f.* sakuhua, *Pipile jacutinga*
- jaguaririca *n.f.* sawari, *Felis pardalis*. ▪ Ver → onça
- japiim *n.m.* tararawre, *Cacicus cela*
- jararaca *n.f.* mojrona, *Bothrops jararaca*. ▪ Ver → cobra
- jatobá *n.m.* suta 'ywa, *Hymenaea*. ▪ Ver → árvore
- jeju *n.m.* (jiju) sesu, *Hoplerythrinus unitaeniatus*. ▪ Ver → peixe
- jenipapo *n.m.* sanipaw
- jia *n.f.* su'i
- jiboia *n.f.* a'ete (a'eete), *Boa constrictor*. Ex.: a jiboia engole gente *a'ete purumukuna'e*; a jiboia enrola gente *a'ete upurumomomona'e*. ▪ Ver → cobra
- jirau *n.m.* iwirapitema
- joelho de alguém *n.m.* ikanawa
- joga/jogou *v.tr.* umomor
- junta/juntou *v.tr.* (coleta/coletou) uka. Ex.: depois de amanhã eu vou coletar castanha-do-pará *aiko ra'e wehe puta aha ikaw so*

## L

lá *adv.* aipe. Ex.: eu sentando lá *ise aapyg aipe*

lábio de alguém *n.m.* eme

lagoa *n.f.* ipure

lágrima de alguém *n.f.* eahy

lâmpada *n.f.* (que brilha, que tem luz) enywa'e. Ex.: eu vou apagar a luz *amuew puta ri'a enywa'e*

lanterna *n.f.* iapyakwara'yma'e

lápiz *n.m.* isewakawa. Ex.: eu escrevo com o lápis *ise asewag isewakawa ko*

laranja *n.f.* (limão) akutia namy pe pytukawa, *Citrus aurantium*, *Citrus limon*. Ex.: eu chupei a laranja *apyter akuti nami pe pytukawa*

laranja (cor) *n.m.* 'ita'uta'uwa'ea

laranja-da-terra *n.f.* (laranja grande) akutia nami pe pytukawahu. Ex.: a laranja-da-terra (é) azeda *akutia namy pe pytukawahu haj*

laranjeira *n.f.* (limoeiro) akutia namy pe pytukawa 'ywa

largo (ele é) *n.descr.* ipipir

látex *n.m.* iputing

lava/lavou *v.tr.* uhej. Ex.: eu lavo roupa *asyruhej*; eu me lavei no rio *asehej ri'a porono pupu*

lavador *n.m.* ihejtara

lava-se/lavou-se *v.tr.* usahug. Ex.: para lá ele se lava *aikoj katuripoj sahug*; ele se lavou porque estava sujo *usahug ohow upisupisunawi*; vai tomar banho *esahug eho*; eu me lavo *asahug*

lê/leu *v.tr.* (conta/contou) upapar. Ex.: eu leio ou eu conto (números) *apapar*; ele vai ler *upapar puta ri'a*

leite de vaca *n.m.* misakatirona kamyá. Ex.: leite azedo *misakatirona kamyá haj*; leite em pó *misakatirona kamyá po pyrera*

lembrança *n.f.* ehaike

lenha *n.f.* ioko

leste *n.m.* (onde o sol nasce) ara hemawa

leva/levou *v.tr.* ueraha. Ex.: Muretama levou a faca que pegou de mim *Muretama weraha kyse ipyhyka ti wi*

levanta/levantou *v.tr.* umuku'om. Ex.: levante a criança *emuku'om ti memyra*; não o levante *emuku'on puhi*; eu levanto *amuku'om*

levanta-se/levantou-se *v.tr.* uku'om. Ex.: eu me levanto de novo *aku'om suewir*; ele vai se levantar *uku'om puta*

libélula *n.f.* (jacinta) taratiringa<sup>1</sup>

limpo *n.descr.* kyting

língua de algo ou de alguém *n.f.* ikua

linguiça de porco *n.f.* tasahua mymawa arigea po pyrera

linguiça de porco *n.f.* misakatirona arigea po pyrera

linha *n.f.* inimo

liquidificador *n.m.* ma'e kytykawa

liso (ele é) *n.descr.* ihym. Ex.: o tronco é liso *'ywyppy ihym*

lobo *n.m.* sawaron

lombriga *n.f.* (verme) tatin. Ex.: no meu intestino está meu verme *rigepe ikoj ti tatina*

longe *adv.* pewise. Ex.: os pássaros voaram muito alto (longe) *wyra uwewe ete pewise*

lontra *n.f.* sawatarag, *Lutra*, *Mustelídeos*

loucura de algo ou de alguém *n.descr.* iapin kotokoto

louva-a-deus *n.m.* (põe-mesa) murawyky, *Mantídeos*

lua *n.f.* sahy

lua ensanguentada *n.m.* (eclipse) sahya uwya

lugar para algo ou alguém cagar *n.m.* iputikaw

## M

macaco-aranha *n.m.* (coatá, cuatá) y'a, *Ateles belzebuth*

macaco-prego *n.m.* (macaco-de-topete) ka'ia, *Cebus nigritus*. Ex.: o macaco-prego brinca no galho da árvore e quebra os galhos *ka'ia usemuaraj yware ywokomumepem*

macaxeira *n.f.* ikatua. Ex.: ontem eu plantei roça, bebi água e comi macaxeira *aiko ra'e wehe rako ko pupe aha ityma a'y'u roko raj ipyk ikatua muapyga nune*. ▪ Ver → mandioca

machado *n.m.* syryg. Ex.: eu vou dar o machado para o teu irmão *syryg puta amono ne irua pe*

machado de alguém *n.m.* isyryga

madrasta *n.f.* hianawa

madrugada *n.f.* ku'em

madrugada (parte) *n.f.* 'u'emanune

mãe (de homem) *voc.* ine

mãe (de mulher) *voc.* mihy (hy)

mãe (de mulher) *n.f.* hy. Ex.: pra roça minha mãe foi *ko pupe ti hy ihoj*

maguari *n.m.* asymuhu. ▪ Ver → ave

mamão *n.m.* turihwunu

mamoeiro *n.m.* turihwunu 'ywa, *Carica papaya*. ▪ Ver → árvore

manco *n.descr.* kononoj

mandi *n.m.* tine'a, *Pimelodella gracilis*. ▪ Ver → peixe

mandioca *n.f.* mani'oga. Ex.: quem plantou a mandioca? *awa pa'e utym mani'og?*; nós levamos mandioca para as mulheres *ure urueraha mani'og kusoa pe*. ▪ Ver → macaxeira

manga *n.f.* iwapirasuwa, *Mangifera indica*. Ex.: um pedaço de manga *asewerewi uapirasuwa*

mangangá *n.m.* (abelha) manganga, *Bombus*

manhã (até 10h aprox.) *n.f.* ara seaupira amujete

manhã (de manhã) *n.f.* useywiuhe ete

manteiga *n.f.* misakatirona apitu'um

mão de algo ou de alguém *n.f.* ipo. Ex.: a pedra está leve na minha mão *ita iwewuwewuj ti pope*

mão-de-pilão *n.f.* ymyra

máquina de costura *n.f.* syru'otawa

máquina fotográfica de alguém *n.f.* ipuru'ong ikytawa

maracá estalante *n.m.* amutining

marido dela *n.m.* erekatara. Ex.: meu marido vai ficar sem cabelo *ti rerekatara puta i'apihawe'ym*; que não quer casar (marido) *na erekatara'uwi*

marron *n.descr.* wetehuna'e

martelo *n.m.* iapykutukawa

maruim *n.m.* i'iwaj. Ex.: tem muito maruim aqui? *usepuremuete pa'e i'iwaj?*

mata/matou *v.tr.* usuka. Ex.: vocês vão matar aquelas caças? *pehe puta pesuka ma'ea pesehow?*; talvez eu mate um porcão *aha puta ri'a isukaw tasahuamu*; não mata ele *esuka puhi*; meu pai, você matou algo? *ti ruwa, eresuka pa'e ma'ea?*; eu me escondi onde mata o bicho (caça) *asemim ma'ea sukatawpe*; eu não estou matando a cobra *ise ri'a nasukawi mosa*

mato *n.m.* ka'a. Ex.: você entra no mato *ereho pe ka'a pe ra'e*; a anta vai saindo do mato *tapi'ira puta oho ka'a wi uhemá*; Tymykong andou o dia todo no mato *Tymykong umukaruwete ka'ape*; ontem você foi andar no mato *aiko ra'e wehe re pa'e erehow ka'a pe eataw*; eu me perdi no mato *ka'a pe amukasym*

mato (que é do) *n.m.* (bicho do mato) ka'apewara

matrinxã *n.m.* ipirakaw. Ex.: eu gosto de comer matrinxã *ipirakaw ipisepise*. ▪ Ver → peixe

matrinxã (esp.) *n.m.* ipirakwahawe'yma. ▪ Ver → peixe

medo (tem/teve) *v.intr.* ukyyse. Ex.: eu tenho medo *akyyse*

medroso (bicho) *n.descr.* hajte

medroso (ele é) *n.descr.* iukysetewa'e

meia-noite *n.f.* pyasej

meio *n.descr.* pytera. Ex.: eu vou passar pelo meio (da plantação) de milho *awati pytera rupi puta uruhow*

meio do dia *adv.* (meio do claro) 'ar puta ripe

meio-dia *n.m.* 'ara rasej

mel *n.m.* ehyr. Ex.: o mel (é) doce *ehyr he'e ete*

mel de urucu *n.m.* akyky ehyra

memória (guardar na) *v.tr.* ue'ara sekuma'e. Ex.: eu lembrei (guardei na memória) *ae'ara sekuma'e*

menino *n.m.* kunumia. Ex.: o menino tem um irmão gêmeo *kunumia irumukusa'e*

menino (homem) *n.m.* usawa'ea akuma'ea. Ex.: são dois meninos *namukuj iusawa'e*

mentiroso *n.descr.* emu'em

mesmo *n.descr.* tehe. Ex.: ele come com a própria mão *upoku ikaru tehe*

mija/mijou *v.intr.* ukurug. Ex.: eu vou mijar *akurug puta ri'a*; nós mijamos *urukurug*

milho *n.m.* awatia. Ex.: hoje você planta milho *eretym ehe pe awatia*; quando foi que você plantou o milho? *monamo he pa'e eretym awatia?*; eu vou passar pelo meio (da plantação) de milho *awati pytera rupi puta uruhow*

minhoca *n.f.* ewia

moça *n.f.* kusomukuwa'e (kusomukuj). Ex.: as moças estão rindo de ti *kusomukuja ri'a ne saj*

moeda *n.f.* ywyrow ehym iapo pyrera

mogno *n.m.* kanawa 'ywa. ▪ Ver → árvore

mole (ele é) *n.descr.* itamew. Ex.: barriga muito mole *ewetypy itametamew*

molhado (ele está) *n.descr.* iakym. Ex.: a roupa está molhada *yryw iakym*

morcego *n.m.* sawirire, *Ordem dos Quirópteros*

morde/mordeu *v.tr.* (pica/picou) u'u<sup>2</sup>. Ex.: o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele *ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu*; quem a cobra mordeu? *awa pa'e mosa u'u?*; o que te mordeu? *ma'e pa'e ne u'u?*; algo me mordeu *ma'ea ripo ti u'u*

morno *n.descr.* akuwetuwetun

morre/morreu *v.intr.* usekyj. Ex.: o cachorro vai morrer, porque a cobra mordeu ele *ma'esawara puta usekyj mosa u'uramu*; eu atirei na cobra, mas ela ainda não morreu *ise amupig mosa re, ise awisepe mosa nusekysuwi*; o cachorro que é bom caçador morreu *usepurakaretewa'e ma'esawara usekuj*; quem morreu? *awa pa'e usekyj?*

morro *n.m.* ywytyra. ▪ Ver → terra

mosca *n.f.* meru

moto *n.f.* tukurupipina<sup>2</sup>

motociclista *n.m.* awaj'yma

motosserra *n.f.* 'ywa monokawa

mucura *n.f.* tawareraj, *Didelphis*

mudo *n.descr.* se'enga'yma'e

muitos *num.* tapisara (tapisapisara)

mulher *n.f.* kuso. Ex.: mulher magra *kuso sysyng*; por que as mulheres não estão cantando? *ma'eramu pa'e kuso nuse'engara uwi?*; nós fomos com as mulheres plantar mandioca *ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym*; nós levamos mandioca para as mulheres *ure urueraha mani'og kusoa pe*

mulher (esposa) de alguém *n.f.* emiriko. Ex.: sua esposa está gritando para você *ne remiriko ripo uapukaj ne upe*

muruci *n.m.* (murici) waj'irararona, *Byrsonima*

murucizeiro *n.m.* waj'irararon 'ywa

música (tocar) *v.tr.* umuse'engar. Ex.: eu toco música *amuse'engar*; ele vai tocar música *umuse'engar puta ri'a*

mutuca *n.f.* mutuka, *Díptero, Tabanídeos*

mutum *n.m.* mytu, *Galiformes, Cracídeos*. ▪ Ver → ave

mutum-castanheiro *n.m.* (mutum-cavalo) mytuwonguhu, *Mitu tuberosa*

## N

nada/nadou *v.intr.* uytaw. Ex.: ontem você foi nadar no rio *aiko ra'e wehe re pa'e ehow he porono pupe aitapa*; ele vai nadar *uytaw puta*; nós (excl.) nadamos *uruytaw*

nadadeira *n.f.* ipepu'awa

não *adv.* nawi

narina de algo ou de alguém *n.f.* apyj. Ex.: minha narina (está) entupida *ti apyj myk*

nariz de algo ou de alguém *n.m.* (bico) iti. Ex.: eu quebrei o meu nariz *asetinupen*; ele se sufocou *usetimyk*; ele não se sufocou *nusetimygwi*; está fedendo, tape o seu nariz *inemaui esetimyk*

nasce/nasceu *v.intr.* u'ar<sup>2</sup>. Ex.: eu nasci *a'ar*; ele vai nascer *u'ar puta*; já nasceu tua filha? *u'ar pa'e ne rasira?*; teu filho já nasceu? (pergunta para o homem) *ne ra'yra pe u'ara?*

nascer-do-sol *n.m.* kwarahya hemawa

neblina *n.f.* tatatirong

nervo de algo ou de alguém *n.m.* isisiwa'oj

neto (de homem) *n.m.* emimenu

neto (de mulher) *n.m.* emisariru

ninguém *pron.* nukewe. Ex.: ninguém entrou na casa *nukewe remi 'oga pupe*

noite *n.f.* ypytuna

noite (começo da) *n.f.* ipytuna imuehe

nora de alguém *n.f.* imemytaty

nós (excl.) *pron.* ure. Ex.: nós fizemos estas casas *ure uruapo 'oga*; eu abracei ele, nós abraçamos ele *ise a'asuron, ure uru asurona*; nós fomos com as mulheres plantar mandioca *ure kuso tesoramu uruho ytyma mani'og roko urutym*; nós levamos mandioca para as mulheres *ure urueraha mani'og kusoa pe*; nós somos professores *ure purumu'etaramu*

nós (incl.) *pron.* sene. Ex.: nós não (estamos) doentes/doídos *na sene rahywi*; Ikatu levou água para nós *Ikatua weraha 'ya sene upe*

novamente *adv.* suewir. Ex.: eu dormo de novo *aker suewir*; eu me levanto novamente *aku'om suewir*; ele grita repetidamente *uapukaj suewiewira*

novamente *adv.* wehe. Ex.: então outra vez passou o tempo *aiko ara re wehe rako*; ontem eu vi de novo este homem *aiko re wehe rako aesag akuma'e*; eu não vi mais peixe levantado *na esagwi wehe ipira ku'omawa*

nuca de alguém *n.f.* atu'a. Ex.: tua nuca está suja *ne atu'a pisun*; minha nuca dói *ti atu'a ahy*

nuvem *n.III* ywatinga

## O

óculos de alguém *n.m.* ehasu'ara

oeste *n.m.* (onde o sol se põe) ara sipawa

olho de algo ou de alguém *n.m.* eha. Ex.: olho dele próprio *useha*; nosso (incl.) olho *sene reha*

olho-d'água *n.m.* ty'ymon

ombro de alguém *n.m.* iati'ywa. Ex.: está pesado no meu ombro *ipyhyj sete ti'ati'ywa*; meu ombro está doendo *ti ati'ywa ahy*

onça *n.f.* sawara. Ex.: eu subi na árvore afastando-me da onça *ywyrá re aseupir sawara wi*; a onça grande *sawarahuete*; a onça é braba *sawara usaruete'wa'e*. ▪ Ver → cachorro, gato, , jaguatirica, onça-pintada, onça-vermelha, onça-preta

onça preta *n.f.* sawaruna. ▪ Ver → onça

onça-pintada *n.f.* sawapinima, *Panthera onça*. ▪ Ver → onça

onça-preta *n.f.* sawapisuna (sawaruna), *Panthera onça*. ▪ Ver → onça

onça-vermelha *n.f.* (suçuarana) sawapirong, *Felis concolor*. ▪ Ver → onça

onde<sup>1</sup> *adv.* mume. Ex.: onde você dormiu? *mume pa'e rekerehe?*; onde (tem) água? *mume pa'e 'ya?*. ▪ Ver → onde<sup>2</sup>

onde<sup>2</sup> *adv.* mo. Ex.: de onde vocês vieram? *mo wi pa'e eresor?*; de onde você trouxe esta carne? *mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o?*; de onde ele chegou? *mo wi pa'e ituri?*. ▪ Ver → onde<sup>1</sup>

ontem *adv.* aiko re wehe (aiko ra'e wehe). Ex.: ontem eu vi este homem *aiko re wehe rako aesag akuma'e*; ele chegou ontem *aiko re wehe ituri*; vocês chegaram ontem? *aiko re wehe pa'e pesor?*; choveu ontem *aiko re wehe ikyr*; ontem eu fui caçar no mato *aiko ra'e wehe rako asepurakar wehow*

ontem (antes de) *adv.* aiko ku'em kwera re. Ex.: antes de ontem choveu (a chuva) *aiko ku'em kwera re ikyr amona*; antes de ontem eu cheguei em casa *aiko ku'em kwera re rako asowewahem wetoga pupe*

orelha de algo ou de alguém *n.f.* inamia

osga *n.f.* amerewa, *Hemidactylus mabouia*. Ex.: a osga sobe na casa *amerew useupir 'oga re*

osso da mão de alguém *n.m.* ipokong

osso de alguém *n.m.* ikong<sup>1</sup>

ouriço de castanha *n.m.* sope

ouro *n.m.* itahynypuk. Ex.: o ouro é bem amarelo *itahynypuk isukyryete*

outro *pron.* (diferente) amutehe. Ex.: outra roça *ko amutehe*

ouve/ouviu *v.tr/intr.* uinu. Ex.: eu ouço *ainu*; fique calado, eu quero ouvir *majere tainune*; antigamente eu ouvia histórias *imonuarera purunutakwera ainu*; ele subiu na árvore porque ele ouviu o barulho da onça *useupir sawara reinupa*

ouvido de algo ou de alguém *n.m.* apyakwara

ova de peixe *n.f.* ipirarupi'a (ipirahua). ▪ Ver → ovo

ovo de algo *n.m.* iupi'a

## P

pá *n.f.* tasahua sywa pekongwera

paca *n.f.* karuaruhua. Ex.: eu sempre caço paca *ise karuaruhua asuka*; a paca correu do meu lado *karuaruhua ti keywywy re oho usona*

padrasto *n.m.* uanawa

pai (de homem) *voc.* na

pai (de mulher) *voc.* mitum

pai de alguém *n.m.* tuwa. Ex.: pai dele próprio *usuwa*; meu pai, você matou algo? *ti ruwa, eresuka pa'e ma'ea?*; você deu o arco para o teu pai *ene pa'e eremono ywyrapara ne ruwa pe*. ▪ Ver → pai (*voc.*)

pajé *n.m.* purumupisetaramu. Ex.: eu sou pajé *ise purumupisetaramu*

paladar de alguém *n.m.* (sentir gosto) ahekwahawa

palha de aço *n.f.* takwawera

palha de babaçu *n.f.* pinowa. Ex.: olho da palha de babaçu *pinowo*; está riscando palha (cortando para dobrar a palha) *pinowa wajkiti*

palma da mão de alguém *n.f.* ipopytera

paneiro (de cipó-títica) *n.m.* tapoworona. Ex.: Miho sabe fazer pão *Miho uapokwahaw tapoworona*

panela de alguém *n.f.* itasa'e

panela de barro *n.f.* saimew

panela de pressão *n.f.* ma'ea ro'o mutusukara

pão *n.m.* awyrary<sup>2</sup>

papagaio *n.m.* asuru

papagaio (esp.) *n.m.* anako, asururonuhu, tikwa. ▪ Ver → ave

papel *n.m.* (caderno) uakawa'i opo pyrera

para (dativo)<sup>1</sup> *prep.* upe. Ex.: esse eu não dou para você *aiko na amonowi ne upe*; sua esposa está gritando para você *ne remiriko ripo uapukaj ne upe*. ▪ Ver → para<sup>2</sup>

para (dativo)<sup>2</sup> *prep.* pe. Ex.: eu vou dar o machado para o teu irmão *syryg puta amono ne irua pe*; eu disse o recado para ele *ne se'engawera ri'a amume'u iupe*. ▪ Ver → para<sup>1</sup>

parado (fica/ficou) *v.intr.* upyta. Ex.: eu fico parado *apyta*; ele vai ficar parado *upyta puta*; nós (excl.) ficamos parados *urupyta*

parede *n.f.* ukupe

parteira *n.f.* (mãezinha) tymemyra pyhykarera (ti hy angaw)

passado (há muito tempo) *adv.* hejkwehe. Ex.: ele falou a verdade há muito tempo *use'eng katuete hejkwehe*

passarinho *n.m.* wyra'i. ▪ Ver → ave

pássaro (esp.) *n.m.* ararasawe, koko

pato *n.m.* ipeuhua. Ex.: aquele pato é teu, mesmo *aikwesa ipewhua pa'e ne rejmawa ete*. ▪ Ver → ave

pato (esp.) *n.m.* wyratimehu. ▪ Ver → ave

pau-brasil *n.m.* ywotoywa. ▪ Ver → árvore

pau-preto *n.m.* kumanu 'ywa, *Diospyros*. ▪ Ver → árvore

pé de algo ou de alguém *n.m.* ipy

pedra *n.f.* ita. Ex.: a pedra está leve na minha mão *ita iwewuwewuj ti pope*; pedra enorme *ita muruwisawete*; pedra branca *ita tinining*; pedrinha *ita 'i*; pedra nos rins *ita ipyrykyti 'i pe*

pedra de amolar *n.f.* (esmeril) itaky. Ex.: eu amolo a faca na pedra *kise hoj me'ete itaky*

pega/pegou *v.tr.* upyhyg. Ex.: Muretama levou a faca que pegou de mim *Muretama weraha kyse ipyhyka ti wi*; eu vou pegar *apyhyg puta ri'a*; o cachorro corredor pegou a cutia *ma'esawara usonetewa'e upyhyg akutia*

peida/peidou *v.intr.* upuramor. Ex.: eu peidei *apuramor*; ele vai peidar *upuramor puta ri'a*

peido de algo ou de alguém *n.m.* ipuromor (pinu)

peido fedorento *n.m.* epynunema

peito de alguém (homem) *n.m.* ikomypya

peixe *n.m.* ipira. Ex.: peixe seco *ipira pirie'ym*; o peixe está salgado *ipira ywytingupyra*. ▪ Ver → acarapeba, acari, bagre (esp.), cará branco, carazinho, cascudo, jeju, mandi, matrinxã, matrinxã (esp.), peixe-cachorro, peixinho, piau, piranha, pirarucu, surubim, tamuatá, traíra, traíra (esp.), trairão, tucunaré,

peixe (esp.) *n.m.* tameaimun, tiniarona. ▪ Ver → peixe

peixe levantado *n.m.* (baleia) ipira ku'omawa. Ex.: eu não vi mais peixe levantado *na esagwi wehe ipira ku'omawa*. ▪ Ver → peixe

peixe-cachorro *n.m.* (peixe-cabeça-de-cachorro, pirapucu, timbucu) tawarerasapina, *Raphiodon vulpinus*. ▪ Ver → peixe

peixe-voador *n.m.* ipira uwewewa'e. Ex.: eu já vi peixe voador *aesag sepi ipira uwewewa'e*. ▪ Ver → peixe

peixinho *n.m.* ipira'i. Ex.: tem muito peixinho *ipira'i usepuremuete*. ▪ Ver → peixe

pele de algo ou de alguém *n.f.* ipira

pelo (do corpo) de algo ou de alguém *n.m.* ihawa. ▪ Ver → peludo

pelos pubianos de alguém *n.m.* iakwawa. Ex.: ela tira os próprios pelos pubianos *usekwaw wo'o*

peludo *n.* hahaw. ▪ Ver → pelo

pena de algo *n.f.* ipepo

pendurado (está/esteve) *v.tr.* uaiko. Ex.: ele está pendurado *uaiko*; o boné está pendurado no alto *iapiryrua uaiko ywete*

peneira *n.f.* irupema. Ex.: a peneira é rasa *irupema ipyperewa*

pênis de alguém *n.m.* emo

pente *n.m.* kywawa

pequeno *n.descr.* (curto) iaturuwewa'e

perde/perdeu *v.intr.* ukasym. Ex.: eu perdi minha espingarda *amukasym weywyrapara*; eu perdi alguma coisa *ma'ea ripo amukasym*; ele está perdido (desaparecido) *ukasym*; eu perdi duas coisas *namukuj ripo ma'ea amukasym*

perde-se/perdeu-se *v.tr.* umukasim. Ex.: eu me perdi (desapareci) no mato *ka'a pe amukasim*; ele vai se perder *umukasim puta*

perereca *n.f.* suw'e, *Anfíbios anuros arborícolas*

pergunta (marca de) *part.* pa'e. Ex.: de onde vocês vieram? *mo wi pa'e eresor?*; você acordou cedo? *eretyryg pa'e kuwejwehe?*; aquele xerimbabo (pato) é teu? *aikwesa pa'e ne rejmawa*; você dormiu? *ereker pa'e?*; Suara, você cortou (várias vezes) a carne? *Suara, eremunohonohog pa'e o'o?*; quem está chorando? *awa pa'e uso'o?*

periquito-verde *n.m.* tykyrayra, *Psitacídeos*. ▪ Ver → ave

perna de algo ou alguém *n.f.* ietymakapema

perto *adv.* tipiw. Ex.: a paca correu perto de mim *tipiw ihoj karuarahua usona*; teu filho sentou perto de mim *ne memyra tipiw uapyg*

pesado (ele é) *n.* ipyhyj. Ex.: está pesado no meu ombro *ipyhyj sete ti'ati'ywa*

pescada (peixe) *n.f.* tami'iwehe. ▪ Ver → peixe

pescoço de algo ou de alguém *n.m.* isura

pessoa jovem *n.f.* (rapaz) awa'yahua. Ex.: dá o arco pro jovem *emono ywyrapara wa'yahuape*; os jovens e os velhos conversam *awa'yahua upurumugeta awa'imona ne*

pessoa não indígena *n.f.* kamara, warasu

pessoa velha *n.f.* (ancião) awaimon. Ex.: os jovens e os velhos conversam *awa'iahua upurumugeta awaimona ne*

pessoa(s) *n.f.* wapitu'o. Ex.: tem pessoas que veem espírito *wapitu'o wesag sepi a'wera*

piau *n.m.* (pintado) ipisaw. Ex.: o piau tem a boca pequena *ipisaw isuruhu 'yma'e*. ▪  
Ver → peixe

pica/picou *v.tr.* upi<sup>1</sup>. Ex.: uma cobra não pica a outra *usupi tehe mosa musuhuwi*; ela  
vai picar *upi puta ri'a*

picada *n.f.* 'u'u

pica-pau *n.m.* paratuwakonguhu, *Piciformes, Picídeos*

pilão *n.m.* inu'a

pimenta *n.f.* ky'ysa

pimenteira *n.f.* ky'ysa ypya

pinga/pingou *v.tr/intr.* utururu. Ex.: ela vai pingar *utururu puta ri'a*

pinta/pintou *v.tr.* umuhun. Ex.: eu pinteí *amuhun*; ele vai pintar *umuhun puta*. ▪ Ver →  
pintador de algo ou de alguém

pintador de algo ou de alguém *n.m.* inupinipara. ▪ Ver → pinta/pintou

pinta-se/pintou-se *v.intr.* useopo. Ex.: eu me pinteí *aseopo*

pinto *n.m.* wyra'yra ymemura. ▪ Ver → galinha, galo

piolho *n.m.* kywa. Ex.: tem piolho na cabeça do Jorge *Jorge apina re ikywa*

piquiá *n.m.* (pequiá, pequi) peke'i, *Caryocar brasiliense*. Ex.: eles vão cortar o pé de  
piquiá *uetyg puta remi ohow peke'i 'ywa ehera*

piranha *n.f.* ipiroj, *Serrasalmus nattereri*. ▪ Ver → peixe

pirarucu *n.m.* ipirarunuhu, *Arapaima gigas*. ▪ Ver → peixe

pisca/piscou *v.intr.* upyrongehe. Ex.: eu pisquei *apyrongehe*; ele vai piscar *upyrongehe  
puta ri'a*

pitiú *n.descr.* upiti'u. Ex.: peixe pitiú *ipira piti'u*; a carne de jacaré (é) pitiú? *sakare'u  
pa'e ne piti'u?*; a cobra (é) muito pitiú *mosa ipiti'uete*

placenta de algo ou de alguém *n.f.* ipiruohom

poço *n.m.* yse'e (se'e). Ex.: ele caiu no poço *u'ar pa'e yse'ea pupe*; eu vou cavar meu  
poço *ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj*; eu cavo fundo meu poço *amuaypy ti  
se'eroma*

poço (o que é do) *n.* ysewara

podre *n.descr.* itusupaw

põe/pôs *v.tr.* umunge. Ex.: você já prendeu todos os animais? *eremungepapaw pa'e ne rejmawa?*

poeira *n.f.* tatahuwa

pombo *n.m.* pykahu. ▪ Ver → ave

pomo-de-adão de alguém *n.m.* (gogó dele) itapura'a (aikong)

ponte (fazer) *v.tr.* uhaku'og. Ex.: eu fiz ponte *ahaku'og*

poraquê *n.m.* (peixe-elétrico, puraquê) purake, *Electrophorus electricus*

porcão *n.m.* (queixada) tasahua, *Tayassu pecari*. Ex.: talvez eu mate um porcão *aha puta ri'a isukaw tasahuamu*; com certeza eu vou matar um porcão *asuka ete puta tasahuamu*; amanhã ele quer caçar porcão *kuej wehe puta ihoj tasahua*. ▪ Ver → porco

porco *n.m.* tasahumymaw, *Suídeos*. Ex.: você já prendeu todos os porcos? *eremono pa'e imomomyrera pupe tasahumymawa?*. ▪ Ver → porcão

porco-espinho *n.m.* kwanu, *Histicídeos*

pôr-do-sol *n.m.* kwarahya katawa

porta *n.f.* upug

pote de água *n.m.* 'ya gahawa

pousa/pousou *v.intr.* userusi. Ex.: a arara pousou no galho da árvore *arara userusiw ywyrá roko re*

prato *n.m.* iworog ehim pewa. Ex.: o prato é raso *iworog ehim pewa ipyperewa*

prego *n.m.* itasukonga

preguiça *n.f.* (bicho-preguiça) arekasu

preguiçoso *n.descr.* iasate'yma'e (asate'ymete). Ex.: o homem preguiçoso *akuma'e iasate'ym*; eu (sou) preguiçosa *ise ti asate'ymete*

prensa *n.f.* kupepykawa

preto *n.descr.* ipituna (pisuna). Ex.: água preto 'ya pituna

procura/procurou *v.tr.* uhumyru (mymyrur). Ex.: eu procurei *ahumyru*; ele vai procurar *uhumyru puta*; nós (excl.) vamos procurar *uruhumyru*; eu estou procurando a faca *amymyrur ri'a kysea wekow*; vá e procure algo *eho imymyrur*

professor/professora *n.* purumu'etaramu. Ex.: eu sou professor *ise purumu'etaramu*

proibitivo *part.* puhi. Ex.: quando Suta'ar passar sobre nós, não amostrar (não apontar) *Suta'ar sene 'arimu ihoramu puhi ke pe isaukar puhi*; não vá *eho puhi*

projetivo *part.* puta. Ex.: vocês vão matar aquelas caças? *pehe puta pesuka ma'ea pesehow?*; eu bato em vocês dois *ise hu puta runupo*; quando vamos para a roça? *moronime puta pe saha koa pupe?*; eu vou para Belém *aha puta Perêj pupe*; eu vou dobrar a rede *aapara puta ri'a tekwawa*; eu vou cavar meu poço *ti se'eromamu puta ri'a ahywykaj*

pula/pulou *v.intr.* upor. Ex.: eu pulei *apor*; ele vai pular *upor puta ri'a*

pulga *n.f.* tuny

pulmão de alguém *n.m.* (bofe) isi'owewuj

pulso de alguém *n.m.* iseputahawa

pulso de alguém *n.m.* ipororong. Ex.: meu pulso está doendo *ti poporong ahy*; no meu pulso eu coloco relógio *wepororong rea reko arakuahapara*

pupunha *n.f.* inasaron

pupunheira *n.f.* inasaron 'ywa

puxa/puxou *v.tr.* urutyryryg

## Q

quadril grande *n.m.* e'wi pepo pepo

quando<sup>1</sup> *adv.* monamo. Ex.: quando foi que você plantou o milho? *monamo he pa'e eretym awatia?*. ▪ Ver → quando<sup>2</sup>

quando<sup>2</sup> *adv.* moronime. Ex.: quando vamos para a roça? *moronime puta pe saha koa pupe?*. ▪ Ver → quando<sup>1</sup>

quanto *pron.* moron. Ex.: quantos filhos são teus? *moron pa'e ne ra'yra?*; quantos homens vão correr? *moron puta pe akuma'e ihoj osuna?*

quati *n.m.* kwati, *Nasua nasua*

quatipuru *n.m.* (esquilo) wawere

quatro *num.* yrutehehy

quebra/quebrou *v.tr.* upen (nupen). Ex.: eu quebrei o meu nariz *asetinupen*; o esteio (da casa) quebrou *iapyreta upen*

quebrado (ele está) *n.descr.* iuka'ika'i

queima/queimou *v.tr.* uapy. Ex.: amanhã bem cedo eu vou queimar minha roça *use'i wehete puta aapy weko*

queima-se/queimou-se *v.tr.* ukaj. Ex.: eu me queimei *akaj*

queixo de algo ou de alguém *n.m.* enywa

quem *n.f.* (alguém) awa. Ex.: quem está chorando? *awa pa'e uso'o?*; quem morreu? *awa pa'e usekyj?*; quem está sujando a água? *awa pa'e umuhy pyting 'ya?*; lá, alguém está gritando *pewri'a awa iapukaj*

quente *n.* akuw

queredor *n.m.* iputalara

quero-quero *n.m.* anyra, *Vanellus chilensis*

quica/quicou *v.intr.* upo'upor. Ex.: ele vai quicar *upo'upor puta ri'a*

## R

rabo *n.m.* uwa<sup>2</sup>. Ex.: rabo de cachorro *ma'esawara ruwa*

raiva *n.f.* eakwarahy. Ex.: você está com raiva? *ne reakwarahy pa'e?*; eu estou com raiva *ti reakwarahy ri'a*

raiz *n.f.* opo

ralador *n.m.* kytykawa. ▪ Ver → liquidificador, ralador de castanha

ralador de castanha *n.m.* so kytykawa. ▪ Ver → ralador

raposa *n.f.* iapua'oj, *Aqueles*, *Vulpes*

rasga/rasgou *v.tr/intr.* utorog (munorog). Ex.: a rede rasgou *tekwawa utorog*

raso *n.descr.* ipyperewa. Ex.: a peneira é rasa *irupema ipyperewa*. ▪ Ver → fundo

raspa/raspou *v.tr.* upin. Ex.: eu raspei *apin*; ele vai raspar *upin puta ri'a*

rato *n.m.* anusa

rato (esp.) *n.m.* supati

rato-do-mato *n.m.* (sauê) kareru'a

recado *n.m.* se'engawera. Ex.: eu disse o recado para ele *ne se'engawera ri'a amume'u iupe*

recém-nascido *n.m.* aramewa'e

rede de alguém *n.m.* (lugar de dormir) itekwawa. Ex.: eu vou dobrar a rede *aapara puta ri'a tekwawa*; você está dobrando a sua rede? *ereapara pa'e ne rekwawa?*; na rede, nós (incl.) dormimos *tekwawa pupe saker*; o rasgado da rede *tekwaw torog*; aikewara está enrolando (o fio para tecer) rede *aikewara umomon tekwawa*; você está dobrando a corda da sua rede? *ereapara pa'e ne rekwawa rupohoma?*. ▪ Ver → cama de alguém

rede de pesca *n.f.* ipira mu'ahawa

redondo *n.descr.* apu'a. Ex.: a cuiá é redonda *kuipia iapu'a*; o tucum é redondo *tehahua iapu'a*; a laranja é redonda *akutia nami pe pytukawa iapu'a*

redor (ao redor) *adv.* apehawa. Ex.: ao redor da casa *'og uapehaw*

relâmpago *n.m.* weraw (weraweraw)

relógio *n.m.* ara kwahapara (ipituna kwahapara)

remo *n.m.* typyhyhawa

repetidamente *adv.* suewiewir. Ex.: ele grita repetidamente *uapukaj suewiewira*

resina *n.f.* upe'uma

reto *n.descr.* 'aruaru

reumatismo de alguém *n.m.* isykongira

revólver *n.m.* uwarukape<sup>2</sup>

ri/riu *v.intr.* uime. Ex.: eu ri *aime*

rim de algo ou de alguém *n.m.* ipyrykyti'i (pyrykysi'i)

rio *n.m.* poronoa. Ex.: eu saio do rio *aha puta poronoa rupi*; eu me lavei no rio *asehej ri'a porono pupe*; para dentro do rio Ikatu foi *porono pupe Ikatu ihoj*; ontem você foi nadar no rio *aiko ra'e wehe re pa'e ehow he porono pupe aitapa*

rio acima *n.m.* (a montante) 'ya pyra. Ex.: eu fui rio acima *'ya pyra katy aha*

risca/riscou *v.tr.* (corta/cortou) uajkiti (wajkisi). Ex.: está riscando palha (cortando para dobrar a palha) *wajkiti pinowa*

risca/riscou *v.tr.* uhir

roça de alguém *n.f.* iko (ikowui). Ex.: amanhã eu vou na roça plantar milho *kuej wehe puta aha weko pupe ityma awatia*; eu rocei a roça *ise awirog koa*; quando vamos para a roça? *moronime puta pe saha koa pupe?*; amanhã bem cedo eu vou queimar minha roça *use'i wehete puta aapy weko*; tem caititu na minha roça *ti ko pupe tiwa'a*; pra roça eu vou *ko pupe puta aha*

roça/roçou *v.tr.* uwirog. Ex.: eu rocei a roça *ise awirog koa*

rola/rolou *v.tr/intr.* (esfrega/esfregou) ukytyg. Ex.: eu rolei *akytyg*; ele vai rolar *ukytyg*

rola-bosta *n.m.* (escaravelho) puhapuhaw

rolinha *n.f.* pyky'i, *Columbideos*, *Columbina*. ▪ Ver → ave

rosto de alguém *n.m.* akwara. Ex.: meu rosto está molhado *ti reakwara iakym*

roupa *n.f.* tyrykwera

roupa seca *n.f.* ytywyrá

roupa seca ao sol *n.f.* pikapikam

ruim *n.descr.* penur

## S

sabe/sabia *v.intr.* ukwahaw. Ex.: eu sei *akwahaw*; Miho sabe fazer panieiro *Miho uapokwahaw tapoworona*

sagui *n.m.* kahena'ia, *Cebidae*

sagui-de-mãos-douradas *n.m.* ehakwasu, *Saguinus midas*

sai/saiu *v.intr.* uhem. Ex.: eu saí *ahem*; eu vou sair *uhem puta ri'a*; nós (excl.) saímos *uruhem*

saia *n.f.* ku'aiwara

sal *n.m.* itingwoj

saliva de alguém *n.f.* enya

samambaia *n.f.* amamaj

sandália *n.f.* myiru

sangue de algo ou de alguém *n.m.* uwya

sapato de alguém *n.m.* ipyahowa (pyyru)

sapo *n.m.* kururu

sapo (esp.) *n.m.* akowoj, kupitaw, suwe

sapucaia *n.f.* sohu, *Lecythis grandiflora*. ▪ Ver → árvore

sara/sarou *v.intr.* (seca/secou) uka'e. Ex.: eu sarei bem *ise aka'eete*; ele sarou bem *aikwesa uka'eete*

saracura *n.f.* arakuri

sardinha *n.f.* ipirapiroto. Ex.: a sardinha tem muito pitiú *ipirapiroto iputi'ute*

saúde *n.f.* (bem, bom) katuete. Ex.: ele é muito bom, por isso eu fico feliz *aikwesa ikatuete sea'eramu ti ruryruryw ehe*

saúva *n.f.* iahu, *Atta*. ▪ Ver → formiga

saúva preta *n.f.* iahupisuna. ▪ Ver → formiga

seca/secou *v.tr.* uhyw. Ex.: ele vai secar *uhyw puta ri'a*

seco *n.m.* typaw

seco (ele é) *n.descr.* ipyw

secura de algo ou de alguém *n.descr.* ipurupurum

seio dela *n.m.* ikom. Ex.: o seio grande é redondo *ikomuhu i'apu'a*

seiva *n.f.* ty<sup>1</sup>

semente *n.f.* o'oj. Ex.: semente de milho *awatia ro'osa*; semente de cuia *kusa ro'osa*

senta-se/sentou-se *v.tr.* uapyg. Ex.: eu estou sentado *aapyg wetuna*; nós todos estamos sentandos *ure uruapyg iri'a urukupa*; nós (excl.) vamos nos sentar *uruapyg puta ri'a*; teu filho sentou perto de mim *ne memyra tipiw uapyg*

separado (ele está) *n.descr.* (divorciado) iuso'og. Ex.: eu (sou) separado (divorciado) *aso'oga*

seringueira *n.f.* iworowa. Ex.: eu acendo fogo com o leite seco da seringueira *iworow rypitinga urumuse puta tata*. ▪ Ver → árvore

serra (relevo) *n.f.* ywyty

serrote *n.m.* kitikiti

sinal *n.m.* (mancha) su'un

sobe/subiu *v.intr.* useupir. Ex.: eu subo na árvore *aseupir 'ywa re*; ele subiu na árvore afastando-se da onça indo *ywyrá re eseupir sawara wi ohow*

sobrancelha de alguém *n.f.* upehaw

sobre *adv.* (em cima) 'ywete. Ex.: o boné está pendurado em cima *iapiryrua u'aiko ywete*

sobrinho *n.m.* ekuwisara

socó *n.m.* soko, *Nycticorax nycticorax*. ▪ Ver → ave

sogra *n.f.* oso

sogro *n.m.* atyhu

sol *n.m.* kwarahy. Ex.: fazsol *usawripo kwarahy*

sol (na época de) *n.m.* (verão) 'aripe

sola (do pé) de alguém *n.f.* ipuhukupe

solta/soltou *v.tr.* upuhir. Ex.: eu soltei *apuhir*

solteira *n.f.* erekatare'yma'e

solteiro *n.m.* nonuwewaramu

sono (está/esteve com) *v.intr.* upehyj. Ex.: Ikatu está com muito sono *Ikatu upehysete*

sopra/soprou *v.tr/intr.* ukurupesu. Ex.: eu soprei *akurupesu*; ele vai soprar *ukurupesu puta*

sovaco de alguém *n.m.* ipepuwyrá

suco do açaí *n.m.* susiw'arya

sucuri *n.f.* kurisu. ▪ Ver → cobra

sucuri *n.f.* a'eteterona (ipewara), *Eunectes murinus*. ▪ Ver → cobra

suja/sujou *v.tr.* umuhypyting. Ex.: quem está sujando a água? *awa pa'e umuhypyting 'ya?*; eu sujei a água *amuhypyting 'ya*

sujeira (tira/tirou a) *v.tr.* ukysingog. Ex.: eu tirei a sujeira *akysingog*

sujo *n.descr.* pisu'um (pisun). Ex.: ele banhou porque estava sujo *usahug ohow upisupisunawi*; tua nuca está suja *ne atu'a pisun*

sul *n.m.* uagahaw ahemawa

sumaúma *n.f.* ipe'iuhu, *Ceiba pentandra*. ▪ Ver → árvore

sumaúma (esp.) *n.f.* tarajwir 'ywa. ▪ Ver → árvore

suor de algo ou de alguém *n.m.* ipiriaj

surdo *n.descr.* iapyakwara'ym

surubim *n.m.* uruwi, *Sorubim*. ▪ Ver → peixe

surucucu *n.f.* tatyuhu, *Bothrops jararacussu*. ▪ Ver → cobra

surucucu-de-fogo *n.f.* mojpyruwy. ▪ Ver → cobra

sutiã *n.m.* komyru

## T

tabaco (árvore) *n.m.* petyma pisara 'ywa. ▪ Ver → árvore

tabaco (fumo) *n.m.* petyma pisara

taioba *n.f.* tasarona, *Xanthosoma violaceum*

tamanduá-bandeira *n.m.* tamawa. ▪ Ver → tamanduá-mirim

tamanduá-mirim *n.m.* asong, *Tamandua tetradactyla*. ▪ Ver → tamanduá-bandeira

tambaqui *n.m.* ipirakawrona. Ex.: o tambaqui é muito gorduroso *ipirakawrona ikawete*

tambor *n.m.* amupong

tamuatá *n.m.* amoata, *Callichthys callichthys*. ▪ Ver → peixe

tangará *n.m.* tangara. ▪ Ver → ave

tapa/tapou *v.tr.* utimyk. Ex.: ele se sufocou *usetimyk*; ele não se sufocou *nusetimyguwi*; está fedendo, tape o seu nariz *inemauwi esetimyk*

taquara (esp.) *n.f.* tahakwari

taquara fina (esp.) *n.f.* puna

tarde *n.f.* karuw

tarde (no fim da) *n.f.* karuwpaw

tarde (no meio da) *n.f.* karuw emeete

tatu *n.m.* tatu. Ex.: de onde o tatu saiu? *mowy pa'e iture tatu?*. ▪ Ver → tatu-canastra, tatu-galinha, tatupeba

tatu (esp.) *n.m.* sapewa. ▪ Ver → tatu

tatu-canastra *n.m.* tatuhu. ▪ Ver → tatu

tatu-galinha *n.m.* tatuete. ▪ Ver → tatu

tatupeba *n.m.* tatupew, *Euphractus sexcinctus*. ▪ Ver → tatu

tece/teceu *v.tr.* unung. Ex.: eu estou tecendo a minha rede *anung ri'a wetekwawa*

tecido (para fazer roupa) *n.m.* tyrykwera apotawa

teia de aranha *n.f.* sanupyha. ▪ Ver → aranha

telefone *n.m.* (microfone) ise'engawa

televisão *n.f.* warasua onga resawkahawa

telha *n.f.* takwara syw'a

teme/temeu *v.tr.* umusi

tempestade *n.f.* 'yrete

tempo bom *n.m.* ise sakatu

tempo de chuva *n.m.* (inverno) amonime

tempo nublado *n.m.* amymyjtymy

temporal *n.m.* amona tymy

terra *n.f.* (chão) ywy. Ex.: terra preta *ywypisun*; terra boa *ywykatu*; terra vermelha *ywypiron*

terreiro *n.m.* ukara

tesoura *n.f.* wyrahuatia

testa *n.f.* ehapykong

testículos de alguém *n.m.* ame'a. Ex.: testículos grandes *ame'auhu*; doem os meus testículos *ame'a ahy*

tia de alguém *n.f.* isesea

timbó *n.m.* timo. Ex.: eu vou botar timbó [na água para matar peixe] no meio do verão  
*atimukamuka puta wehow 'ar pyteripe*

tímido (ele é) *n.descr.* iserutiwa'e

tio (de mulher) *n.m.* tutyr

tipoia *n.m.* tupasa

tonto *n.descr.* uka'nete

tórax de alguém *n.m.* (peito dele) iputi'a

torneira *n.f.* (mangueira, chuveiro) 'ya tyryrutawa

tornozelo de alguém *n.m.* upysi'o

tornozelo de alguém *n.m.* ipysu'o

torto *n.descr.* kono

trabalha/trabalhou *v.intr.* upurawyky. Ex.: eles trabalharam? *upurawyky pa'e ra'e?*; eu trabalhei muito *apurawykyeteete ri'a*

tracajá *n.m.* sautiakarahawa. ▪ Ver → jabuti

traíra *n.f.* tareiri, *Hopliasmalabaricus*. ▪ Ver → peixe

traíra (esp.) *n.f.* ywyrapopohoma. ▪ Ver → peixe

trairão *n.m.* tarejriuhu. ▪ Ver → peixe

trança/trançou *v.tr.* (teço/teceu) uapyhara. Ex.: eu trancei *aapyhara*; ele vai trançar *uapyhara puta*

transa *n.f.* (cópula) emiukwera. Ex.: minha transa [minha coisa comida] *ti remi'umi'u*

transparente *n.descr.* esapehewa'e

trator *n.m.* mojkyse

traz/trouxe *v.tr.* uerur. Ex.: de onde você trouxe (fez vir) esta carne de caça? *mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o?*

três *num.* irutehe (irutehe'yma'e). Ex.: eu já cortei três árvores *irutehe'yma'e aityg 'ywa*

tripé para cozinhar *n.m.* uarikure

tronco *n.m.* 'ywete

tronco de árvore *n.m.* 'ywy pukwera. ▪ Ver → árvore

tropeçado (ele está) *n.descr.* ipyohohong

troveja/trovejou *v.intr.* upongahyahy. Ex.: antes de ontem trovejou *aiko ku'em kwera re ipongahyahy*

tu, teu *pron.* (você, seu) ne. Ex.: você está com febre? *ne ru'y pa'e?*; a faca vai te cortar *kyse puta ne pokiti*; esta criança é teu/tua filho(a) *iusawa'ea ne memyra*; aquele xerimbabo (pato) é teu? *aikwesa pa'e ne rejmawa*

tu, teu *pron.* ene<sup>1</sup>. Ex.: você bate em mim *ene ti nupo pe*; você deu o arco para o teu pai *ene pa'e eremono ywyrapara ne ruwa pe*; tu sentando aqui *ene ereapyg a'iaw*

tucandeira *n.f.* (tocandira) tukangyra, *Poneríneos*

tucano *n.m.* tukan, *Piciformes, Ramphastos, Ranfastídeos*. ▪ Ver → ave, tucanuçu, tucanuí

tucano (esp.) *n.m.* kureta'u, pitiuhu (pisiuhu). ▪ Ver → ave, tucano

tucanuçu *n.m.* tukanuhu. ▪ Ver → ave, tucano

tucanuí *n.m.* kwere. ▪ Ver → ave, tucano

tucumã *n.m.* tehahua, *Astrocaryum/Bactris*. Ex.: o tucum é redondo *tehahua iapu'a*

tucunaré *n.m.* akararona, *Cichlao cellaris*. ▪ Ver → peixe

tucunzeiro *n.m.* tuku 'ywa, *Astrocaryum/Bactris*. ▪ Ver → árvore

## U

uacari-vermelho *n.m.* akyky porong, *Cacajaocalvus rubicundus*

um, uma *num.* usepese. Ex.: eu perdi uma coisa *usepese ripo ma'ea amukasym*

umbigo de alguém *n.m.* ipyri'o

unha de alguém *n.f.* upuhope

unha do pé de alguém *n.f.* ipyhyakong

urina de algo ou de alguém *n.f.* ity

urinar (lugar de) *n.m.* kurukaw

urubu *n.m.* uruwuete, *Catartídeos*. ▪ Ver → ave

urubu *n.m.* uruwu. Ex.: a arara e o urubu voaram *arara uruwu ne'iwewej*. ▪ Ver → ave

urubu-preto *n.m.* (urubu-de-cabeça-preta) uruwupeuhu, *Coragyps atratus*. ▪ Ver → ave, urubu

urubu-rei *n.m.* (urubutinga) uruwutinuhu, *Sarcorhamphus papa*. ▪ Ver → ave, urubu

uruçu *n.f.* ehyrete, *Meliponíneos*

urutau *n.m.* (mãe-da-lua) urutaw. ▪ Ver → wyra

útero dela *n.m.* iakasa

## V

vaga-lume *n.m.* muhому'oma, *Lampirídeos/Fengodídeos*

vagina (grandes lábios) dela *n.f.* emekwasuru (eme'ywa). ▪ Ver → vagina dela

vagina dela (parte) *n.f.* imy'iwa. ▪ Ver → vagina

vagina dela *n.f.* ikwara. ▪ Ver → clitóris, vagina (grandes lábios)

vai/foi<sup>1</sup> *v.intr.* usor. Ex.: eu estou indo *asor iko*; de onde vocês vieram? *mo wi pa'e eresor?*; quando vamos para a roça? *moronime puta pe saha koa pupe?*; ninguém está caçando *awa nusepurakaruwi ohow*. ▪ Ver → vai/foi<sup>2</sup>

vai/foi<sup>2</sup> *v.intr.* oho. Ex.: eu vou embora *aha puta*; do mato a anta vai sair *ka'awi puta ihoj tapi'ira*; todos já foram? *ohopapaw pa'e remi?*; eu vou talvez matar um porcão *aha puta ri'a isukaw tasahuamu*; ele vai para Belém *oho puta Perěj pupe*. ▪ Ver → vai/foi<sup>1</sup>

vara *n.f.* (árvore pequena) 'ywyra. Ex.: eu subi na árvore afastando-me da onça *ywyra re aseupir sawara wi*. ▪ Ver → árvore

varal *n.m.* tirikwera pypetawa

vassoura *n.f.* ytypesawa

vassoura *n.f.* pehitaw

vazio *n.descr.* ma'ey'yma

vê/viu *v.tr.* uesag. Ex.: o compadre está me vendo *kupara ti resag ri'a*; ontem eu vi este homem *aiko re wehe rako aesag akuma'e*; quem foi a pessoa que Wajwera viu? *awa pa'e he Wajwera uesag?*; tem gente que vê espírito *wapitu'o wesag sepi a'wera*; quem você viu? *awa pa'e rejsag?*; eu nunca vi peixe levantado na esagwi wehe ipira ku'omawa

veado *n.m.* misara, *Cervídeos*. Ex.: a carne de veado está estragada *misarar o'o inem*; nós matamos o veado que atravessou o rio *u'yahawa'e urusuka misara*; o veado é vermelho *misara ipirongwa'e*. ▪ Ver → veado-branco, veado-vermelho, veado-virá

veado-branco *n.m.* pakwohowa, *Ozotoceros bezoarticus*. ▪ Ver → veado

veado-vermelho *n.m.* misarapirong, *Mazama americana*. ▪ Ver → veado

veado-virá *n.m.* (catingueiro) katinkwera, *Mazana gouazouzira*. ▪ Ver → veado

veia de algo ou de alguém *n.f.* asyg

vem/veio *v.intr.* ur. Ex.: Muretama me deu (fez vir) a faca *Muretama umur ti upe kysea*; de onde você trouxe (fez vir) esta carne? *mo wi pa'e ererur ma'ea ro'o?*; de onde ele chegou (veio)? *mo wi pa'e ituri?*

veneno da cobra *n.m.* mosarenya

vento *n.m.* ywytuhu. Ex.: o vento (está) forte *ywytuhete*

vento forte *n.m.* ywytuhurona

verão (no meio) *adv.* (mês de agosto) 'ar myteripe

verdade (fala/falou a) *v.tr.* use'eng katuete. Ex.: eu falei a verdade *ase'eng katu ete*

verde *n.* 'yapewy'e ('yapewy). Ex.: a folha da árvore é verde *ywyra rowa yapewy*

vermelho (ele é) *n.descr.* ipironga. Ex.: o veado é vermelho *misara ipirongwa'e*

verruga *n.f.* kyto'i

vespa (esp.) *n.f.* aity

via-láctea *n.f.* (caminho-de-são-tiago) ywagahaw (tapi'ira rape)

vira/virou *v.tr.* uru'ag

vira-se/virou-se *v.tr.* useru'ag. Ex.: eu me virei *aseru'ag*; ele se virou *useru'ag puta*

viúva *n.f.* erekatara seky seakwera

viúvo *n.m.* emireko seky seakwera

voa/voou *v.intr.* uwewe. Ex.: ele vai voar *uwewe puta ri'a*; a arara voou *arara uwewe*; a arara e o urubu voaram *arara uruwu ne'iwewej*; os pássaros voaram muito alto *wyra uwewe ete pewise*

vocês *pron.* pehe. Ex.: vocês vão matar aquelas caças? *pehe puta pesuka ma'ea pesehow?*; eu vou bater em vocês todos *urunupopapaw puta pehe*; vocês carregaram a tora de buriti *pehe ta peraha pewuhyj myriti 'ywa*; vocês são professores? *pehe pa'e purumu 'etaramu*; vocês sentando aqui *pehe pa'e peapyg pesekwapa*

vomita/vomitou *v.intr.* uwe'en. Ex.: eu vomitei *awe'en*; ele vai vomitar *uwe'en puta*; nós (excl.) vomitamos *uruwe'en*

## X

xerimbabo de alguém *n.m.* (animal de criação) eimawa. Ex.: aquele xerimbabo (pato) é teu? *aikwesa pa'e ne reimawa*; aquelas galinhas são meus animais de criação *aimi wyra'yra re mi ti reimawa*

xexéu *n.m.* sapi'i. ▪ Ver → ave

xexéu (esp.) *n.m.* sapuhu. ▪ Ver → ave

## 11 CONCLUSÃO

Ao concluir esta tese de doutorado acredito ter atingido os principais objetivos estabelecidos há quatro anos quando me propus a contribuir com os estudos lexicográficos de uma língua indígena brasileira, o Suruí do Tocantins.

Partindo de uma pesquisa bibliográfica dos trabalhos linguísticos, e também de alguns trabalhos antropológicos, já produzidos sobre a língua Suruí do Tocantins, fiz a revisão da literatura científica, o que contribuiu para a construção do capítulo sobre o povo e as propostas de escrita para essa língua da família Tupí-Guaraní.

Além disso, pesquisei uma bibliografia relacionada tanto a aspectos gramaticais e lexicais quanto a questões ligadas à lexicografia, a fim de obter orientações teóricas que me permitissem refletir e descrever de maneira adequada essa língua indígena, ao mesmo tempo em que fosse guiada uma reflexão sobre as possibilidades do fazer lexicográfico, especialmente no contexto indígena brasileiro; acrescida a essas finalidades, empreendi também uma pesquisa sobre os materiais lexicográficos, produzidos no Brasil ou no exterior e relacionados às línguas indígenas brasileiras nos últimos cinco séculos, fechando, assim, a pesquisa bibliográfica e abrindo meu acesso a uma grande quantidade de materiais, fundamentais para a apresentação dos dados consistentes no âmbito dessa produção. Ainda com base nos dados obtidos com esses materiais, pude fazer um levantamento de grande número de formas lexicográficas, nas quais identifiquei diferentes padrões de macro e microestruturas já efetivamente empregadas no contexto dessas línguas e que pude sistematizar em quatorze diferentes padrões, a partir dos quais me baseei para construir quatorze grupos de modelos lexicográficos apresentados no interior desta tese.

Paralelamente a essa etapa, realizei a pesquisa de campo junto ao povo Suruí, tanto nas minhas idas à T.I. Sororó, quanto nas vindas de alguns deles até Brasília,<sup>250</sup> sempre contando com a participação de professores Suruí, principalmente de Tymykong e Ikatu, que colaboraram com minha pesquisa, desde o primeiro momento, como copesquisadores de sua própria língua. O resultado desta pesquisa foram os dados linguístico-culturais da língua Suruí, gravados, transcritos e devidamente armazenados em um programa de computador,

---

<sup>250</sup> Sobre as viagens dos Suruí a Brasília, sempre houve o apoio do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB), quer sob a coordenação do prof. Aryon Rodrigues, quer sob a coordenação da profa. Ana Suelly Cabral, que nunca pouparam esforços para que os indígenas pudessem se deslocar até aqui, a fim de não só colaborar com a documentação de suas línguas, mas, principalmente, para produzir materiais para uso em sua comunidade e também estudar sua própria língua em um ambiente acadêmico-científico.

denominado *Línguas – Banco de Dados para Documentação Linguística*, cuja descrição foi feita em detalhes (configuração e uso) no capítulo sobre documentação linguística.

Esse *software*, por sua vez, foi desenvolvido especificamente para permitir não somente o armazenamento organizado de toda a documentação do material linguístico obtido nas diferentes etapas da pesquisa, mas também, a sua utilização para a construção, da maneira mais prática possível, de, por exemplo, materiais lexicográficos com diferentes configurações por mim, mas também pelos próprios professores-pesquisadores Suruí. Ademais, foi necessário pensar em elementos relacionados a uma proposta ortográfica para a língua Suruí, pois, sem isso, não seria possível chegar a uma forma escrita para essa língua, que pudesse ser usada no programa de documentação e, principalmente, nos materiais que resultariam desse processo.

A última parte desse trabalho, e que foi a que demandou um esforço e tempo muito grandes, e que requereu várias idas a campo, foi a proposição do primeiro dicionário da língua Suruí. Esse dicionário, apresentado nas direções Suruí-Português e Português-Suruí,<sup>251</sup> mais do que uma finalidade acadêmica, pretende atender a uma demanda real de um povo que começa a se apropriar de sua língua sob uma nova forma: a escrita.<sup>252</sup> Tal proposta, no entanto, iniciada no contexto desta tese, deve continuar com o trabalho dos próprios professores Suruí dentro de sua própria comunidade, ampliando e melhorando essa proposta inicial através da manipulação do programa desenvolvido para esse fim. E, assim, como eles poderão continuar esse trabalho, cujos resultados interessam diretamente e principalmente a eles próprios, espero que o programa desenvolvido possa ajudar outros povos a concretizarem seus diferentes projetos de documentação linguística e produção de seus diferentes materiais lexicográficos.

Certamente muito ainda há a se fazer em termos de pesquisa linguística da língua Suruí, como, por exemplo, aprofundar o estudo gramatical, a fim de se chegar a uma proposta de gramática que atenda às necessidades de professores e estudantes dessa língua no contexto

---

<sup>251</sup> Essas duas formas do dicionário Suruí não são as únicas possíveis de serem geradas a partir dos dados coletados e armazenados no programa *Línguas*, que pode gerar, até a sua versão 3.9, 48 diferentes tipos de materiais lexicográficos, mas sim que elas se referem aos materiais que foram descritos e que ficarão armazenados nas versões impressa e eletrônica desta tese.

<sup>252</sup> Ao empreender a pesquisa para esta tese durante estes últimos quatro anos, pude, na qualidade de pesquisador, presenciar um fato que já ocorreu centenas de vezes na história da humanidade, mas que é sempre fascinante de ser constatado: o momento em que um povo se apropria de uma nova forma de expressão de sua língua. E é isso que está acontecendo com o povo Aikewara, que, em sua luta pela sobrevivência de sua língua, busca novas formas de expressão, agora por meio da escrita, a fim de valorizá-la, ensiná-la e fortalecê-la entre os falantes remanescentes e os mais jovens de sua comunidade. Eis uma das razões pelas quais esta pesquisa valeu muito a pena.

escolar, mas também que possa atender a qualquer pessoa da comunidade Aikewara interessada em conhecer e aprofundar seu conhecimento sobre o funcionamento de sua língua nativa.

Outro trabalho necessário e urgente é a produção de materiais didáticos para ensino dessa língua, materiais estes que devem se basear em conhecimento seguro sobre a gramática e o léxico Suruí. Mas também devem ser pensados materiais lexicográficos outros, como dicionários temáticos, dicionários ilustrados, enciclopédias, vocabulário ortográfico, dicionários eletrônicos (principalmente porque, hoje, a informática já é de uso mais ou menos comum entre os mais jovens), entre outros.

Ao lado desses materiais, a fixação de uma ortografia e a sua difusão, primeiro no contexto escolar e, depois, em diferentes meios sociais, deve servir para estimular o aumento da atividade escrita, o que pode levar, por exemplo, à produção de obras literárias, manuais, textos midiáticos, registros documentais da história do povo, dos seus mitos, de suas músicas, e tudo isso na língua Suruí.<sup>253</sup>

Acredito, portanto, que esta tese, que foi elaborada em um importante e decisivo momento da história da língua do povo Aikewara, representa apenas um ponto que marca o início de uma nova etapa do trabalho aqui empreendido, porque, como bem disse o prof. Aryon Rodrigues há quase meio século, o estudo das línguas indígenas constitui “a maior tarefa da linguística no Brasil”, e, por isso, nosso trabalho está apenas começando.<sup>254</sup>

---

<sup>253</sup> E, nesse contexto, é imprescindível que se tenha à disposição materiais de referência, como os dicionários, auxiliando a produção e compreensão da língua escrita.

<sup>254</sup> Busquei considerar no texto final desta tese todas as observações e sugestões feitas pelos membros da banca que avaliou este trabalho, a quem sou profundamente agradecido. Nos raros casos de opiniões com perspectivas conflitantes entre os membros da banca, tive que decidir por incorporar na tese as sugestões que mais se aproximavam de decisões tomadas em comum acordo com a orientadora e com a comunidade indígena, principal interessada nesta tese.

## REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, alexandra Y. *Languages of the Amazon*. New York: Oxford University Press, 2011.
- ALBISETTI, Cesar; VENTURELLI, Angelo Jayme. *Enciclopedia Bororo: Volume 1 – Vocabulário e Etnografia*. Campo Grande: Instituto de Pesquisas Etnográficas, 1962.
- AL-KASIMI, Ali M. *Linguistics and Bilingual Dictionaries*. Leiden, Holanda: E. J. Brill, 1983.
- AMARANTE, Elizabeth A. Rondon; MONSERRAT, Ruth Maria Fonini; Alunos da Escola M̃yky. *Dicionário Cultural M̃yky*. S.l.: Povo M̃yky, 1998. 34p. (Fascículo 1: Ākakje’y Alimentação)
- ARNAUD, Expedito. Mudanças entre grupos indígenas tupí da região do Tocantins-Xingu (Bacia Amazônica). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova série Antropologia, n. 84, p. 1-50, 1983.
- ASSIS, Cecy Fernandes (Org.). *Ñe’ë ryrū Avañe’ë – Dicionário Guarani-Português*. São Paulo: Ed. do Autor, 2000. 194p. (Projeto Karumbe)
- ATKINS, B. T. Sue; RUNDELL, Michael. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. Nova York: Oxford University Press, 2008.
- BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 2, p. 38-41 jun. 2006. São Paulo. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200015&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 out. 2014.
- BALBI, Giovanni. *Catholicon ou Summa quae vocatur Catholicon*. 1485 [manuscrito do séc. XIII]
- BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. Tradução de Ataliba T. de Castilho. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 9, p. 7-36, 1966.
- BALDUS, Herbert. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo: Nicolau Indústria Gráfica, 1970. 859p.
- BARBOSA, José Natal. Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins. 1993. 58f. Dissertação (Mestrado em Linguística), sob a orientação de Aryon Dall’Igna Rodrigues – Departamento de Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 1993.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Estrutura, funções e processos de produção de dicionários terminológicos multilíngües. *Revista do GELNE*, n. 2, p. 41-44, 1999.
- BARNES, Eduardo Vieira. Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Tuwa Apekuokawera. In: PARÁ. *Diário Oficial*, ano CXXI, n. 32.103, caderno 5, p. 11-13, 24 fev. 2012.
- BELTRÃO, J. F. *Laudo Antropológico: Área Indígena Sororó a propósito da BR-153*. 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. *Alfa*, n. 28 (supl.), p. 1-26, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOAS, Franz. *Handbook of American Indian Languages*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1911.

BOUDIN, Max Henri. *Dicionário de Tupi Moderno* (Dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi). São Paulo: Governo do Estado, 1966.

BRANDON, Edgar Ewing. *Robert Estienne et le Dictionnaire Français au XVIe siècle*. Baltimore, EUA: J. H. Furst Company, 1904. 133p.

BRASIL, Presidência da República. *Decreto nº 63.367, de 8 outubro de 1968, que declara interdita a área indígena que discrimina e dá outras providências*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-63367-8-outubro-1968-404772-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. *Decreto nº 88.648, de 30 de Agosto de 1983, que homologa a demarcação topográfica da área indígena que menciona, no Estado do Pará*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-88648-30-agosto-1983-438841-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, Secretaria Especial de Informática, 1988. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_06.06.2013/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_06.06.2013/CON1988.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2013.

BRASIL, MEC. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75723>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. *Um milhão de salas de aula vão receber dicionários em 2012*. Site do Ministério da Educação. 2011. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16212:um-milhao-de-salas-de-aula-vaio-receber-dicionarios-em-2012&catid=211&Itemid=164](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16212:um-milhao-de-salas-de-aula-vaio-receber-dicionarios-em-2012&catid=211&Itemid=164)>. Acesso em: 30ago.2014.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Estatísticas sobre educação escolar indígena no Brasil*. Brasília, DF: INEP/MEC, 2007.

BRASIL. IBGE. *O Brasil indígena: os indígenas no Censo Demográfico 2010*. Brasília, DF: Ministério da Justiça, FUNAI, IBGE, 2010.

BRASIL, Fundação Nacional do Índio. *Despacho do presidente*, em 24 jan. 2012, n. 3, no qual aprova os estudos de identificação da Terra Indígena Tuwa Apekuokawera de ocupação do grupo indígena Surui/Aikewar, localizada nos municípios de Marabá e São Geraldo do Araguaia, Estado do Pará. Com resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de autoria do antropólogo Eduardo Vieira Barnes. *Diário Oficial da União*, Seção 1, n. 18, p. 34-36, 25 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=25/01/2012&jornal=1&pagina=34&totalArquivos=120>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani-Português*. São Paulo: Nagy, 1982. 581p. [2.ed. São Paulo: Nagy, 1983; 3.ed. São Paulo: Brasilivros, 1984; 4.ed. São Paulo: Brasilivros, 1986. 629p.; 5.ed. São Paulo: Brasilivros, 1987. 629p.; 6.ed. São Paulo: Efeta, 1998. 688p.; 7.ed. São Paulo: Efeta, 2008. 688p. ISBN 978858663203-7]

BUSSMANN, Hadumod. *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. Tradução e edição de Gregory Trauth e Kerstin Kazzazi. Londres, Inglaterra, e Nova York, EUA: Routledge, 1996.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Prefixos relacionais em Asuriní do Tocantins. *Moara*, Belém, v. 8, p. 7-24, jul./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. *Suruí do Tocantins: gravação de lista de palavras [1997]*. Entrevistador: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Marabá, PA, 1997. Cassetes sonoros.

\_\_\_\_\_. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. *Boletim da Abralín*, Fortaleza, n. 25, p. 233-262, dez. 2000.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. *Estudos sobre línguas indígenas I*. Belém: UFPA, 2001. p. 117-145.

\_\_\_\_\_. O Observatório da Educação Escolar Indígena e a experiência piloto de formação de mestres e doutores indígenas em linguística teórica, descritiva e histórica no Brasil. *Teoria e Prática da Educação*, v. 16, n. 2, p. 157-168, 2013.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; LOPES, Jorge Domingues. *Suruí do Tocantins*: gravação de lista de palavras [abr. 2012]. Entrevistadores: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Jorge Domingues Lopes. Brasília, DF, 2012a. Cartão de memória.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; LOPES, Jorge D. ; SILVA, Ariel P. C.; SOUSA, Suseile A. Esboço gramatical do Asuriní do Trocará. In: CABRAL, Ana Suelly et al. (Orgs.). *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins*: Projeto Piloto para a Metodologia Geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; LOPES, Jorge Domingues; SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. *Suruí do Tocantins*: vocabulário e enunciados [set. 2013]. Entrevistadores: A.S.A.C. Cabral, J.D. Lopes e E.J.B. Solano. São Domingos do Araguaia/São Geraldo do Araguaia, PA, 2013. 3 cartões de memória SD.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; MASTOP, Luíza. *Suruí do Tocantins*: enunciados [fev. 2002]. Entrevistadoras: Ana Suelly Cabral e Luíza Mastop. São Geraldo do Araguaia, PA, 2002. 1 cassete sonoro.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. *Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins*. Belém: UFPA/IFNOPAP; Brasília: UnB/IL/LALI, 2003. 267p.

\_\_\_\_\_. The interface of stress and nasality in tupí-guaraní languages in a historical perspective. *Revista Lingüística, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 7, n. 1, jun. 2011. Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: out. 2014.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna; FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Reconstrução interna dos prefixos relacionais da língua Mawé. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 5, n. 2, p. 401-419, dez. 2013.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; SILVA, Ariel Ariel Pheula do Couto; SOUSA, Suseile Andrade. Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupí-Guaraní: Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro e Zo'ê. *Anais do SILEL*, v. 3, n. 1, 2013. Uberlândia: EDUFU, 2013.

CALEPINO, Ambrogio. *Dictionum latinarum e greco pariter dirivantium, earundemque interpretationum ...* Viena: Adam Petri, 1512.

\_\_\_\_\_. *Lexicon*. Paris: Pierre Gaudoul, 1526.

\_\_\_\_\_. *Dictionarium*. Veneza: Paolo Manuzio, 1573.

CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. 750p. (The world of linguistics; 2)

CASTELNAU, Francis de. *Expédition dans les parties central de l'Amérique du Sud*, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para; pendant les années 1843-1847. Paris: P. Bertrand, 1851. V.5. 480p.

CEDI, Centro Ecumênico de Documentação e Informação. *Aconteceu: Povos Indígenas no Brasil / 1982*, Especial 12, abr. 1983.

\_\_\_\_\_. *Aconteceu: Povos Indígenas no Brasil / 1983*, Especial 12. São Paulo: Instituto Socioambiental, abr. 1984.

\_\_\_\_\_. *Aconteceu: Povos Indígenas no Brasil / 1991-1995*, Especial 14. São Paulo: Instituto Socioambiental, abr. 1996.

\_\_\_\_\_. *Aconteceu: Povos Indígenas no Brasil / 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

\_\_\_\_\_. *Aconteceu: Povos Indígenas no Brasil / 2006-2010*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

CHACON, Thiago (Coord.). *Dicionário Enciclopédico Kubeo-Multilingue* (1º rascunho). São Gabriel da Cachoeira, AM, 2012. mimeo.

CIMI. *Vocabulário Aikewar (Suruí do Pará)*. Assessoria linguística de Ruth Monserrat. Belém: CIMI Norte II, 1986. 57p.

CLEROT, L.F.R. *Glossário etimológico dos termos geográficos, geológicos, botânicos, zoológicos, históricos e folclóricos de origem tupi/guarani, incorporados ao idioma nacional*. Brasília, DF: Senado Federal, 2010. (Coleção Edições do Senado Federal; 143)

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Nova York, EUA: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1976.

\_\_\_\_\_. *Tense*. Nova York, EUA: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1985.

\_\_\_\_\_. *Language universals and linguistic typology*. 2.ed. Chicago, EUA: University of Chicago, 1989.

CORRÊA-DA-SILVA, B. C. *Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*. 2010. 424p. Tese (Doutorado em Linguística), sob a orientação de Aryon D. Rodrigues, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2010.

CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Lisboa, Portugal: Caminho, 2009.

COSTA, Lucivaldo Silva da. *Suruí do Tocantins: depoimento* [abr. 2002]. Entrevistador: Lucivaldo S. da Costa. São Geraldo do Araguaia, PA, 2002. 2 cassetes sonoros.

COUDREAU, Henri A. *Voyage a Itaboca et a l'Itacayuna: 1<sup>er</sup> juillet 1897 – 11 octobre 1897*. Paris: A. Lahure, 1898.

DALBY, D.; HAIRE, P. E. H. Le langaige du Bresil: A Tupi Vocabulary of the 1540s. *Transactions of the Philological Society*, v.65, n. 1, p. 42-66, 1966.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral?* Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2007.

DIARIO DO MARANHÃO: *Jornal do Commercio, Lavoura e Industria*, n. 09381, p. 3, de 15 nov. 1904.

DIETRICH, Wolf. *Linguística Ameríndia Sudamericana*: Las lenguas indígenas de América. 2002. [Última atualização em 7 out. 2014]. Disponível em: <http://www.uni-muenster.de/Romanistik/Organisation/Lehrende/Dietrich/LingAmerSud/index.html> Acesso em: 02 fev. 2014.

DOOLEY, Robert A. *Léxico Guaraní, dialeto Mbyá com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa lingüística*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 2006.

DOSTAL, W. *The situation of the indian in South America*. Genebra: Word Council of Churches, 1972.

DUBOIS, Jean et al. *Dictionnaire de linguistique*. Paris, França: Larousse-Bordas, 2002.

DUBOIS, Jean; DUBOIS, Claude. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971. (Coleção Langue et Langage)

EHRENREICH, Paul. Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. Tradução de João Capistrano de Abreu. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, t. VIII, p. 3-55, 1892. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos.

ESTIENNE, Robert. *Dictionarivm Latinogallicum, iam indè post multas editiones plurimum adauctum...* Paris: Carolum Stephanum, 1561.

FABRE, Alain. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos*. 2005. Disponível em: <<http://www.ling.fi/DICCIONARIO.htm>>. Acesso em: 23 out. 2012.

FAULSTICH, Enilde. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. 50, p. 181-220, 2011a.

FAULSTICH, Enilde. *Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da Lexicologia*. Brasília: Centro Lexterm, 2011b. Ms.

FAULSTICH, Enilde; OLIVEIRA, Michelle Machado de. Para que serve um dicionário analógico? Um estudo de lexicografia comparativa. *Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades*, v. X, p. 1-16, 2007. Disponível em: <Para que serve um dicionário analógico?>. Acesso em: 23 abr. 2012.

FERRAZ, Iara. *Relatório: Duplo impacto: o Projeto Carajás e os “projetos de apoio” às comunidades indígenas Gavião e Suruí do Pará*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1984. 10p.

\_\_\_\_\_. Suruí. In: RICARDO, Carlos Alberto (Coord.). *Povos indígenas no Brasil: Sudeste do Pará (Tocantins)*. São Paulo: CEDI, 1985. p. 100-121. V. 8.

FERREIRA, Helder Perri (Org.). *Dicionário de verbos português-Yanomama – Napëpëni thë thaa thaatarapëhe nahã thãaxo, yanomama thããxo, thëkipëã wëanowei siki*. São Paulo: ISA, 2011.

FIGUEIREDO, Glauco Ramos. *O Ramo IV e o seu desmembramento em línguas independentes: contribuição aos estudos histórico-comparativo da família Tupí-Guaraní*. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística), sob a orientação de Ana Suely Arruda Câmara Cabral – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

FINATTO, Maria José Borcony. Imagens do léxico: a visão dos dicionários de língua. In: LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo Coimbra (Orgs.). *Estudos de linguagem*. Porto Alegre: Sagra-D.C. Luzzatto, 1996. p. 96-106.

FUNASA. *Demografia Aldeia Sororó*. 2012. mimeo.

GRAHAM, Albert; GRAHAM, Suzana. *Frases na língua Aikewar-Surui*. São Geraldo do Araguaia, PA: Instituto Linguístico de Verão, 1988. 142p. Ms.

GRAHAM, Albert; GRAHAM, Suzana [?]. *Epurumita tiupe – Conversa comigo na língua Suruí do Pará e a língua portuguesa*: cópia experimental. Belém: Instituto Linguístico de Verão, 1991.

GREENBERG, Joseph. *Universals of language*. Cambridge: M.I.T. Press, 1963.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexical*. Paris, França: Larousse, 1975. (Coleção Langue et Langage)

GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

\_\_\_\_\_. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez, 2012.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madri: Gredos, 1982.

HARRISON, Carl H. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. (Eds.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 407-439.

HARRISON, Carl; HARRISON, Carole. Guajajara-Português – Tradução com análise e notas gramaticais. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Guajajara-Português*. Anápolis, GO: SIL, 2013. 474p. p. 10-244.

HARTMANN, R. R. K. (ed.). *The History of Lexicography*. Amsterdam, Inglaterra: John Benjamins Publishing Company, 1986.

HARTMANN, R.R.K.; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. Londres, Inglaterra, e Nova York, EUA: Routledge, 2002.

HAVILAND, John B.; FARFÁN, José Antonio (Ed.). *Bases de la documentación lingüística*. México: Instituto Nacional de Lenguas Indígenas, 2007. 468p. Acervo do LALI/UnB.

HOUAISS ELETRÔNICO. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (CD-ROM)

IDESP. Instituto do Desenvolvimento Econômico e Social do Estado do Pará. *Boletim Estatístico do IDESP*. Belém, 1996.

IKATU; TYMYKONG. *Aikewara se'engete*. Brasília: LALI/UnB e Observatório da Educação Escolar Indígena, 2012. 55p.

IPA – International Phonetic Association. *The International Phonetic Alphabet (Revised to 2005)*. 2012. Disponível em: <[http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/images/IPA2005\\_3000px.png](http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/images/IPA2005_3000px.png)>. Acesso em: 15 dez. 2012.

JENSEN, C. J. S. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. 2004. 183f. Dissertação (Mestrado em Linguística), sob a orientação de Aryon Dall'Igna Rodrigues, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1984.

JOGOS TRADICIONAIS INDÍGENAS DO PARÁ. 2014. Disponível em: <<http://seel.pa.gov.br/jogosindigenas/etnias-participantes>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

KAKUMASU James Y.; KAKUMASU, Kiyoko. I. *Dicionário por Tópicos Urubu-Kaapor-Português*. Brasília, DF: Fundação Nacional do Índio – FUNAI / Summer Institute of Linguistics – SIL, 1988.

KAUFMAN, Terrence; BERLIN, Brent; RODRIGUES, Aryon; Questionnaire. In: \_\_\_\_\_. *Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul*. [South American Indian Languages Documentation Project (SAILDP)]. Pittsburgh & Berkeley: University of Pittsburgh & University of California, 1985. Mimeo.

KROEKER, Menno. *Txa<sup>2</sup>wã<sup>1</sup>wã<sup>3</sup>txa<sup>2</sup> Kwa<sup>3</sup>jan<sup>3</sup>txa<sup>2</sup> Wã<sup>3</sup>txa<sup>2</sup> Hau<sup>3</sup>hau<sup>3</sup>kon<sup>3</sup>nha<sup>2</sup>jau<sup>3</sup>su<sup>2</sup> – Dicionário Escolar Bilíngue Nambikuara-Português, Português-Nambikuara*. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística, 1996.

LALI, Laboratório de Línguas Indígenas. *Observatório da Educação Escolar Indígena*. Disponível em: <[http://www.laliunb.com.br/cariboost\\_files/info\\_projeto\\_institucional\\_observ\\_educ.pdf](http://www.laliunb.com.br/cariboost_files/info_projeto_institucional_observ_educ.pdf)>. Acesso em: 16 mai. 2013.

LARA, Luis Fernando. *Teoría del Diccionario Monolingüe*. México, DF: El Colegio de México, 1997. (Série Estudios de Lingüística y Literatura; 33)

LARAIA, Roque de Barros. Arranjos poliândricos na sociedade Suruí. *Revista do Museu Paulista*, v. XIV, 1963.

\_\_\_\_\_. *Tupi: índios do Brasil atual*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986. 303p. (Série Antropologia; 11)

LARAIA, Roque de Barros; MATTA, Roberto da. *Índios e castanheiros: a empresa extrativista e os índios no médio Tocantins*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 146p. (Coleção Corpo e Alma do Brasil; XXI)

LARAIA, Roque de Barros; MATTA, Roberto da. *Índios e castanheiros: a empresa extrativista e os índios no médio Tocantins*. 2.ed. Prefácios das duas edições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 208p. (Coleção Estudos Brasileiros; 35)

LIZOT, Jacques. *Diccionario enciclopédico de la lengua yãnomãmi: con la colaboración de Hepëwë, Nõhõkuwë y Tiyetirawë*. Traducción del manuscrito francés: Marie Gamondés Tulián, Ana Flora Reig, Francesca Lo Truglio. Caracas: Epsilon Libros, 2004.

LOPES, Jorge Domingues. *Análise do questionário lexical do Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul*. Brasília, DF: 2011. mimeo.

\_\_\_\_\_. *Suruí do Tocantins: gravação de palavras, frases e textos* [nov. 2012]. Entrevistador: Jorge Domingues Lopes. São Geraldo do Araguaia, PA, 2012. Cartão de memória.

\_\_\_\_\_. Catálogo lexicográfico das línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: 2014. mimeo.

LOPES, Jorge Domingues; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Diversificação linguística na família Tupí-Guaraní: Asuriní do Tocantins, Suruí do Tocantins e Parakanã. In: Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística, 2, 2012, Belém, PA. *Anais...* São Luís:

EDUFMA, 2012. p. 1614-1624. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/540229-ANAIS-II-CIDS-2012>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

LOUBIER, Christiane. *De l'usage de l'emprunt linguistique*. Montréal: Office Québécois de la Langue Française, 2011.

LOUKOTKA, Čestmír. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: University of California/Centro Latinoamericano de Venezuela, 1968. (Reference Series; 7)

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Glossaria Linguarum Brasiliensium: Wörtersammlung brasilianischer Sprachen. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867. V.2 (Zur Sprachenkunde) 548p.

MASON, J. A. The languages of South American Indians. In: \_\_\_\_\_. *Handbook of South American Indian*. Washington, EUA, 1950. V. 6.

MELATTI, Julio Cezar. Capítulo 29 Tocantins-Xingu. In: \_\_\_\_\_. *Áreas Etnográficas da América Indígena*. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://www.juliomelatti.pro.br/areas/29tocxin.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2013.

MELIÁ, Bartomeu. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. Desafios e tendências na alfabetização em língua indígena. In: EMIRI, L.; MONSERRAT, R. (Orgs.). *A conquista da escrita – encontros de educação indígena OPAN*. São Paulo: Iluminuras, 1989. p. 9-16.

MELLO, Antônio Augusto Souza. *Estudo Histórico da Família Lingüística Tupi-Guarani: Aspectos Fonológicos e Lexicais*. 2000. 286f. Tese (Doutorado em Linguística), sob a orientação de Paulino Vandressen e Aryon Dall'Igna Rodrigues – Departamento de Lingüística e Língua Vernácula do Instituto de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MELLO, Octaviano. Dicionário de rimas Tupi (Nheengatu). In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Tupi (Nheengatu) Português e vice-versa*. São Paulo: Folco Masucci, 1967. p. 103-123.

MITHUN, Marianne. How to Avoid Subordination. *Papers Selected from the Parassession on Subordination*, Berkeley Linguistics Society, n. 10, p. 493-524, 1984. Berkeley: University of California.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. *Suruí do Tocantins: gravação de palavras e frases* [dez. 1985]. Entrevistadora: Ruth Maria Fonini Monserrat. São Geraldo do Araguaia, PA, 1985a. Cassetes sonoros.

\_\_\_\_\_. *Surui: fonética e fonologia*. Notas de campo. 1985b. mimeo.

\_\_\_\_\_. *Ortografia Surui*. Proposta 1. 1986a. mimeo.

\_\_\_\_\_. *Surui*. Formulário padrão. 1986b. mimeo.

\_\_\_\_\_. Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 4.ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 2000. p. 93-104. Disponível em: <[http://www.academia.edu/400205/indios\\_No\\_Brasil](http://www.academia.edu/400205/indios_No_Brasil)>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini; SOARES, Marília Facó, Hierarquia referencial em línguas tupí. In: SIMÕES, A. M. & REIS, C. A. (Orgs.). *Ensaio de Lingüística. Cadernos de Lingüística*

e *Teoria da Literatura*, v. 9. p. 164-187, dez. 1983. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

NAVARRO, Eduardo de A. *Dicionário de tupí antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013. 620p.

NEVES, Débora David das. *A língua Suruí do Tocantins: uma introdução à morfossintaxe*. 1999. 50f. Dissertação (Mestrado em Linguística), sob a orientação de Carmen Lúcia Reis Rodrigues – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

NEVEU, F. *Dicionário de ciências da linguagem*. Tradução de Albertina Cunha e José Antônio Nunes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NICHOLSON, Velda. Pequeno Dicionário por Assuntos: Asuriní do Xingu/Asuriní de Trocará - Português. In: \_\_\_\_\_. *Breve estudo da língua Asurini do Xingu*. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1982.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. *A Presença Indígena na Formação do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, O. Este dicionário quer ajudar a quem está aprendendo... In: SILVA, B. et al. *Paradakary Urudnaa – Dicionário Wapichana/Português*, Português/Wapichana. Boa Vista: Editora UFRR, 2013.

PARÁ. Imprensa Oficial do Estado do Pará. *Diário Oficial*, n. 32103, 24 fev. 2012.

PAULA, Ruth Wallace de Garcia. Catálogo do material linguístico da Comissão Rondon. *Boletim do Museu do Índio*, Documentação, n° 2, 40p., 1982. Rio de Janeiro.

PAYNE, T.E. *Describing Morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. *Exploring language structure: A student's guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PIKE, Kenneth L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor/ The University of Michigan Press, 1947.

POPJES, Jack; POPJES, Josephine. *Dicionário temático canela-krahô e português*. Ed. experimental incompleta. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1982.

PORTO DAPENA, J. Alvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

POTTIER, Bernard. *Représentations mentales et catégorisations linguistiques*. Paris: Éditions Peeters, 2001.

QUEIROZ, Renato da Silva. O depoimento de Tibakou: As experiências de vida de um índio Suruí. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 18, p. 119-128, 1976.

\_\_\_\_\_. Por falar em Suruí... *Revista de Antropologia*, n. 23, p. 91-97, 1980.

RANGEL, Egon de Oliveira. *Dicionários em sala de aula*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

RAPOSO, Celino Alexandre. *Dicionário da língua Makuxi*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

REVISTA Pará+, n. 27, 2004.

REY, Alain. *Lexique: Images et modeles du dictionnaire a la lexicologie*. Paris: A Colin, 1977.

REY-DEBOVE, Josette. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*, Paris: The Hague, Mouton, 1971.

\_\_\_\_\_. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Países Baixos: Mouton, 1971.

RIBEIRO, Darcy. Indigenous Cultures and languages of Brazil. In: HOPPER, Janice H. *Indians of Brazil in the twentieth century*. Washington: Institute for Cross-Cultural Research, 1967.

RICARDO, Carlos Alberto (Coord.). *Povos indígenas no Brasil: Sudeste do Pará (Tocantins)*. São Paulo: CEDI, 1985.

RIVET, P. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Org.) *Les langues du Monde*. Paris, 1924. p. 639-712.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A nomenclatura na família Tupí-Guaraní. *Boletín de Filología*, Montevideo, n. 43/45, p. 98-104, 1950.

\_\_\_\_\_. Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes. *Proceedings of the 32nd. International Congress of Americanists* (orgs. por J. Yde), p. 679-684, 1958. Copenhague.

\_\_\_\_\_. A classificação do tronco linguístico Tupí. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1/2, p. 99-104, jun./dez. 1964. (Republicado na *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 2, p. 197-203, jul. 2012)

\_\_\_\_\_. Tarefas da linguística no Brasil. *Estudos Lingüísticos – Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.

\_\_\_\_\_. Línguas ameríndias. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA-LAROUSSE. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1970a. p. 4034-4036.

\_\_\_\_\_. Classificação genética consensual das línguas indígenas do Brasil [versão adaptada por Melatti]. In: MELATTI, Julio Cesar. *Índios do Brasil*. Brasília, DF: Coordenada, 1970b. p. 44-50.

\_\_\_\_\_. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, p. 33-53, 1984/1985.

\_\_\_\_\_. The Present State of the Study of Brazilian Indian Languages. In: KLEIN, Harriet M.; STARK, Luisa R. (Orgs.). *South American Indian Languages: Retrospect And Prospect*. Austin: University of Texas Press, 1985. p. 405-439.

\_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *DELTA. Revista de Documentação em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993. São Paulo: Associação Brasileira de Linguística.

\_\_\_\_\_. Glottalized stops in Proto-Tupi. In: ENCONTRO DE VERÃO DA SSILA. Albuquerque, EUA: Universidade do Novo México, 1995.

\_\_\_\_\_. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da ABRALIN*, n. 19, p. 57-66, 1996.

\_\_\_\_\_. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras* [conferência realizada na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília em 08 de julho de 1999]. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 1999. 17p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Breve história da língua dos índios vistos por Cabral. *Universa*, v. 8, n.3, p. 541-552, 2000. Brasília, DF, UCB.

\_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002. 135 p.

\_\_\_\_\_. As vogais do Proto-Tupí. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. (Orgs.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília, DF: Editora da UnB, 2005a. p. 35-46.

\_\_\_\_\_. A Reconstruction of Proto-Tupi Phonology. In: WORKSHOP EM LINGÜÍSTICA HISTÓRICA E LÍNGUAS EM CONTATO, Brasília, DF: LALI/UnB, 2005b.

\_\_\_\_\_. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 2, jun. 2005c. São Paulo.

\_\_\_\_\_. As línguas indígenas no Brasil. In: RICARDO, B.; RICARDO, F. (Ed.). *Povos indígenas no Brasil 2001/2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. p. 59-63.

\_\_\_\_\_. A estrutura do Tupinambá. A estrutura do Tupinambá [1981]. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Org.). *Línguas e Culturas Tupí 2*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília, DF: LALI/UnB, 2010. p. 167-203.

\_\_\_\_\_. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 4, n. 2, p. 279-288, dez. 2012.

\_\_\_\_\_. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 15 mai 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C., RODRIGUES, A. D. (Orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Tomo I. Belém: UFPA, 2002. p. 327-337.

\_\_\_\_\_. Tupían. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 495-574. (The world of linguistics; 2)

\_\_\_\_\_. *Tupian languages*. Oxford: Oxford University Press, 2014. V. 1. Recurso disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1093/OBO/9780199772810-0166>>. Acesso em: 12 out. 2014.

SANTOS, Ilda Mendes dos (Org.). *La découverte du Brésil: Les premiers témoignages (1500-1530)*. Tradução, seleção de textos e introdução de Ilda Mendes dos Santos. Dijon-Quetigny, França: Chandeigne, 2000. p. 175-180.

SCHMIDT, W. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: C. Winter, 1926.

SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Volume I: Clause Structure. 2.ed. Nova York, EUA: Cambridge University Press, 2007.

SILVA, Denise. Apêndice I: Proposta de Dicionário Terena-Português. In: \_\_\_\_\_. *Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngüe terena-português*. 2013. 292f. Tese (Doutorado em Linguística), sob a orientação de Cristina Martins Fargetti, Universidade

Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2013.

SILVA, José de Oliveira dos S. da (Nek’i Satere Mawe); FRANCESCHINI, Dulce do Carmo; CARNEIRO, Denize de Souza. Revitalização linguística e cultural Sateré-Mawé. In: ANAIS DO SILEL. Uberlândia, MG: EDUFU, 2009. V.1.

SAMPAIO SILVA, Orlando. Os Suruí. In: \_\_\_\_\_. *Índios do Tocantins: notas do caderno de Campo*. Manaus: Valer, 2009. p. 45-84. (Série Memórias da Amazônia)

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá – língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2000. 519p.

SILVEIRA BUENO, F. da. *Vocabulário Tupi-Guarani-Português*. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliavros, 1987.

SNELL-HORNBY, Mary. The bilingual dictionary – victim of its own tradition? In: HARTMANN, R. R. K. (ed.). *The History of Lexicography*. Amsterdam, Inglaterra: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 207-218.

SOLANO, Eliete de J. B. *Descrição gramatical da língua Araweté*. 2009. 519f. Tese (Doutorado em Linguística), sob a orientação de Ana Suely Cabral, Universidade de Brasília, 2009.

SOUSA, J. Martínez de. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona, Espanha: Biblograf, 1995.

STADEN, Hans. *Warhaftige Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America...* Gedruckt zu Marpurg, Zu Marpurg im Kleeblatt, bei Andress Kolben, 1557.

STEINEN, Karl von den. *Duch Central-Brasilien: Expedition zur erforschung des schingú im jahre 1884*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1886. 372p.

STEINEN, Karl von d. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens: Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiten Schingú-Expedition 1887-1888*. Berlin: Geographische Verlagsbuchhandlung von Dietrich Reimer, 1894. 570p.

STRADELLI, Ermano. *Vocabulário português-nheengatu e nheengatu-português*. 2.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014. 536p. ISBN 978857480638-9.

THE LINGUASPHERE REGISTER. 1999. Disponível em: <<http://www.linguasphere.info>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

THE UNICODE CONSORTIUM. The Unicode Standard, Version 6.2.0, (Mountain View, CA: The Unicode Consortium, 2012. ISBN 978-1-936213-07-8. Disponível em: <<http://www.unicode.org/versions/Unicode6.2.0/>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. *Dicionário Guaraní-Português*. São Paulo: Traço, 1989. 174p.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. *Dicionário Tupi-Português: com esboço de gramática de Tupi Antigo*. São Paulo: Traço, 1984. 200p.

TOVAR, Antonio. *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Buenos Aires, Sudamericana, 1961. 406p.

UNESCO. *Interactive Atlas of the World’s Languages in danger*, 2010. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/index.php>>. Acesso em: 13 mai. 2013.

\_\_\_\_\_. *Projet UNESCO: Atlas des langues en danger dans le monde*. Paris: UNESCO, 2011. 19p.

VAN VALIN JR., ROBERT D. *An Introduction to Syntax*. Nova York, EUA: Cambridge University Press, 2004.

VIEIRA FILHO, João Paulo Botelho. Aspectos de assistência a saúde dos índios Paracanã Apuiterewa, Xikrin do Cateté, Paracanã do Paranati, Parakanã do Marydjewara, frete de atração de Marabá, Gaviões de Mãe Maria e Suruí. *Relatório à Companhia Vale do Rio Doce*, jul. 1988.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

VOORT, Hendrikus Gerardus Antonius van der. Part III: Dictionary: 2 Kwaza-English vocabulary. In: \_\_\_\_\_. *A grammar of Kwaza*. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 2004. 1026 p. p. 618-729.

WELKER, Herbert A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2.ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madri, Espanha: Gredos, 1982. (Coleção Biblioteca Románica Hispánica. III. Manuales; 56).

WOLF, Lothar. Signo lingüístico y estructuras semánticas. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madri, Espanha: Gredos, 1982. p. 329-347.

YONG, Heming; PENG, Jing. *Bilingual Lexicography from a communicative perspective (Terminology and Lexicography Research and Practice)*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVAREZ, G. O. *Os Suruí, parentesco e cosmologia Tupi. A trajetória antropológica de Roque de Barros Laraia*. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2008. Vídeo (DVD).

ANCHIETA, José P. de. *Arte da grammatica da lingoa mais vsada na costa do Brasil*. Coimbra, Portugal: Antonio de Mariz, 1595.

BRASIL, MEC. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Fundamentando a Reconstrução de Prefixos Relacionais para o Proto-Tupí. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, 5, 2007, Belo Horizonte. *Caderno de Resumos*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Linguística, 2007. p. 438-439.

CABRAL, Ana Suelly A. C. *Pronomes e prefixos pessoais em línguas do tronco Tupí*. 2001. (Comunicação)

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. Dicionário Bilingue Ka'apor-Português. In: \_\_\_\_\_. *Uma proposta de dicionário para a língua Ka'apor*. 334f. 2009. Tese (Doutorado em Linguística), sob a orientação de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF,, 2009. p. 191-314.

IDIOMAS em risco – Um projeto de Aliança pela diversidade linguística. *Suruí (Suruí do Tocantins)* [também conhecido como Suruí do Pará, Akewere, Akewara]. 2012. Disponível em: <<http://www.endangeredlanguages.com/lang/mdz>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MATTOSO CÂMARA JR., J. Classificação das línguas indígenas do Brasil. *Letras*, v. 10, p. 56-66, 1959.

SILVA, Tabita Fernandes da; CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. Prefixos relacionais do Kalapór. In: Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste, 18, 2000, Fortaleza. *Programa e Resumos JELNE- Livro de Resumos*. Fortaleza: 2000. p. 89.

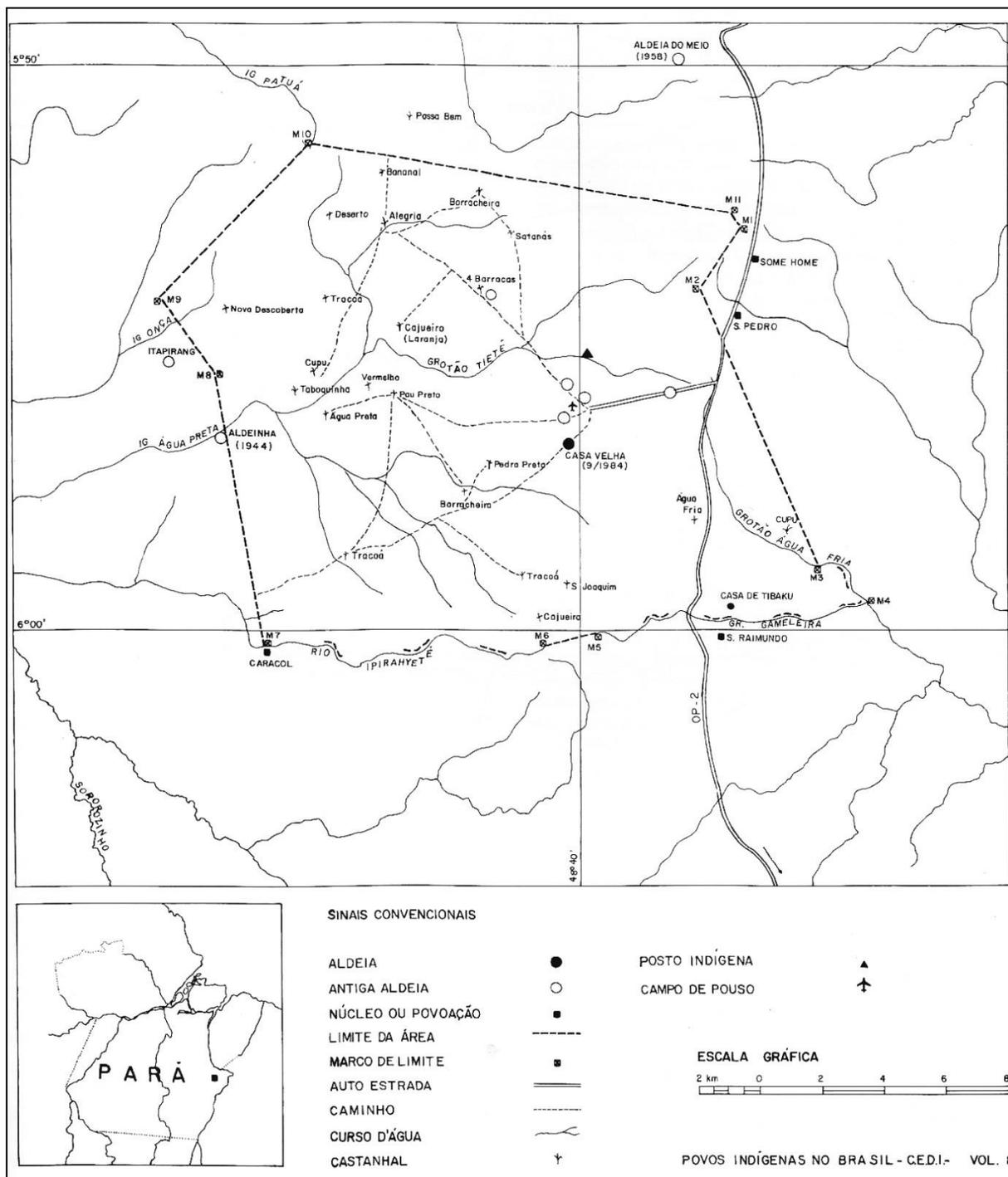
\_\_\_\_\_. O modo Indicativo II em Tenetehára: considerações históricas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 5, n. 2, p. 421-434, dez. 2013.

SOLANO, Eliete de J. B. Prefixos relacionais em Araweté. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (Orgs.). *Línguas e Culturas Tupí II*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2010. V. 2, p. 85-94.

SWADESH, Morris. Amerindian non-cultural vocabularies (mimeographed sheet). Lexico-statistic dating of prehistoric ethnic contacts. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 96, p. 452-463, 1952.

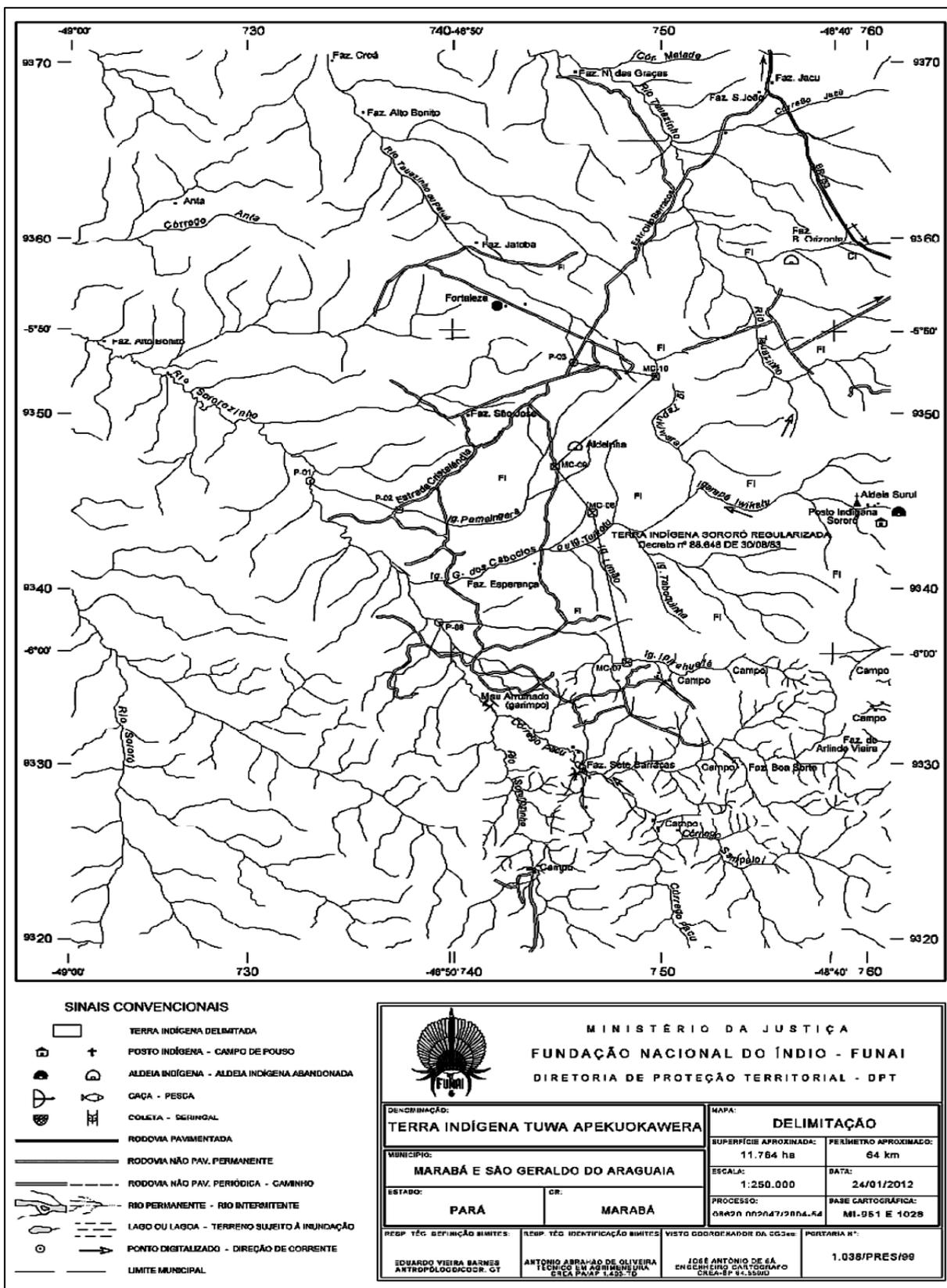
## ANEXOS

## ANEXO A — MAPA DA ÁREA INDÍGENA SORORÓ (SURUÍ) EM 1983



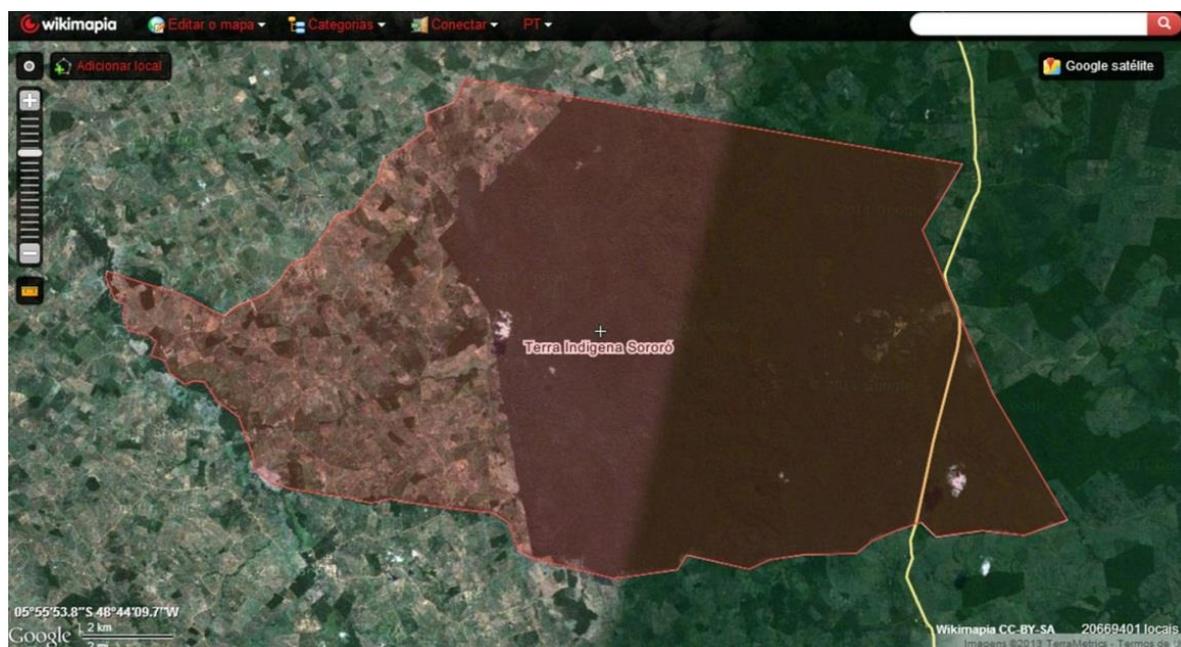
Fonte: Povos Indígenas do Brasil (CEDI, 1985, p. 117)

ANEXO B — MAPA DA TERRA INDÍGENA TUWA APEKUOKAWERA



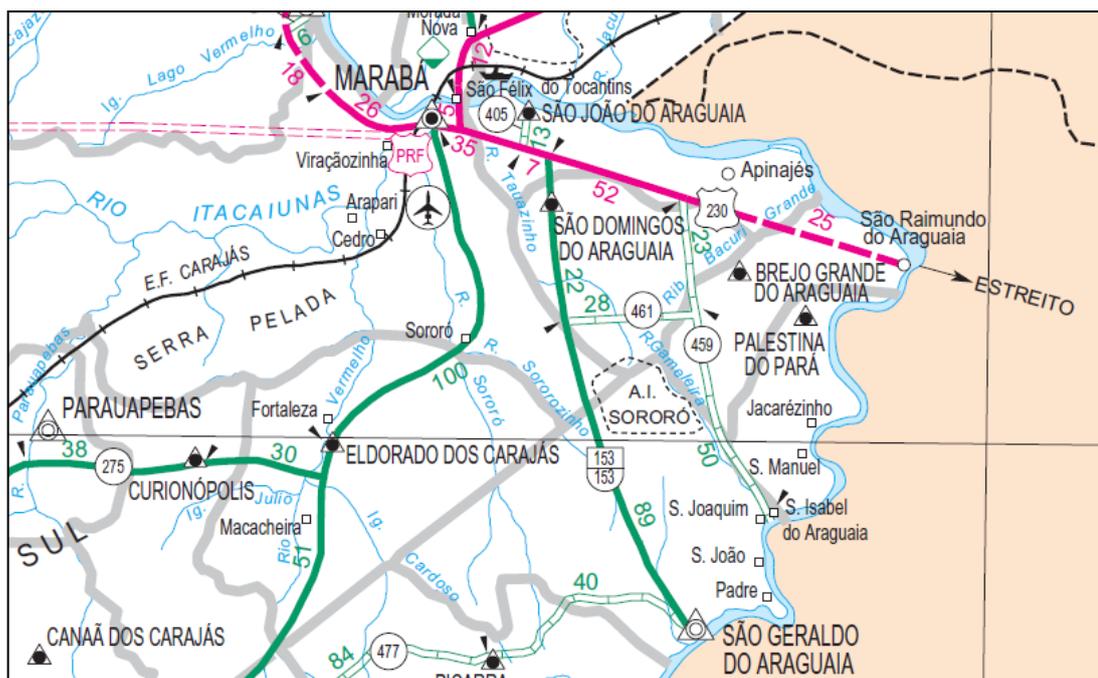
Fonte: Barnes (2012, p. 13).

ANEXO C — MAPA DA TERRA INDÍGENA TUWA APEKUOKAWERA, ANEXADA À TERRA INDÍGENA SORORÓ, EM 2012



Fonte: Site <http://wikimapia.org/>

ANEXO D — TRECHO DE MAPA RODOVIÁRIO DA REGIÃO ONDE ESTÁ SITUADA A TERRA INDÍGENA SORORÓ, COM DESTAQUE PARA OS CURSOS DE ÁGUA



Fonte: DNIT (2002).

ANEXO E — TRECHO DO RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TUWA APEKUOKAWERA

**FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO**

**DESPACHO DO PRESIDENTE**

Em 24 de janeiro de 2012

Nº 3 - O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO-FUNAI, no uso das atribuições conferidas pela Portaria nº 2.302/SE/MJ/2011 e em conformidade com o § 7º do art. 2º do Decreto 1775/96, tendo em vista o Processo FUNAI/BSB nº 08620.002047/2004-54 e considerando o Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de autoria do antropólogo Eduardo Vieira Barnes, que acolhe, face às razões e justificativas apresentadas, decide:

Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena TUWA APEKUOKAWERA de ocupação do grupo indígena Suruí/Aikewar, localizada nos municípios de Marabá e São Geraldo do Araguaia, Estado do Pará.

MÁRCIO AUGUSTO FREITAS DE MEIRA

ANEXO

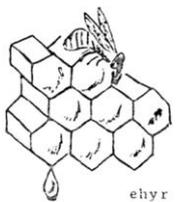
**RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TUWA APEKUOKAWERA**

Referência: Processo FUNAI/BSB/2047/2004. Denominação: Terra Indígena Tuwa Apekuokawera (anteriormente denominada Terra Indígena Sororó - Gleba Tuapekuakau). Localização: Municípios de Marabá e São Geraldo do Araguaia, Estado do Pará. Superfície aproximada: 11.764 ha. Perímetro aproximado: 64 Km. Povo indígena: Suruí/Aikewar. Tronco Linguístico: Tupi, família linguística: Tupi-Guarani. População: 404 pessoas (2011). Grupo Técnico constituído pela Portaria n.º 1.038/PRES/FUNAI, de 4 de novembro de 1999, coordenado pelo antropólogo Eduardo Vieira Barnes.

I - DADOS GERAIS: A Terra Indígena Tuwa Apekuokawera, contígua à Terra Indígena Sororó, está localizada nos municípios paraenses de São Geraldo do Araguaia e Marabá, junto às cabeceiras do rio Sororozinho, afluente do rio Sororó, que desemboca no rio Itacaiúnas, próximo à cidade de Marabá. Da aldeia denominada Taquapuku (taboca grande, na língua Suruí/Aikewar), onde mora a maioria das famílias Suruí, chega-se à cidade de Marabá utilizando-se a rodovia BR-153 (antiga OP-02) e a Transamazônica, após percorrer uma distância de aproximadamente 100 km. A Serra das Andorinhas, ao sul da área, no município de São Geraldo do Araguaia, constitui importante referência geográfica da ocupação histórica dos índios Suruí/Aikewar. A área caracteriza-se pela formação rochosa responsável pela existência das corredeiras de Santa Isabel, que impedem a

navegação de grande porte. Neste local surgiu o povoado homônimo onde, em 1923, o Frei Dominicano Antônio Salas fez o primeiro registro escrito sobre os Suruí/Aikewar, chamando-os, na época, de Sororós. Na primeira metade do século XX, os Suruí/Aikewar foram paulatinamente aliados de seu grande território histórico devido à ação de frentes econômicas, configurando-se um processo de esbulho renitente. Os Suruí/Aikewar, que hoje somam pouco mais de 400 pessoas, constituem-se num grupo indígena que habita a região sudeste do Estado do Pará, situados na região contornada pelo baixo rio Araguaia, próximo à sua foz, no rio Tocantins, e o rio Vermelho (afluente do rio Itacaiúnas, tributário do Tocantins), conformando a região conhecida como "Bico do Papagaio", célebre pelos conflitos fundiários. São também conhecidos como Suruí do Pará, Suruí do

## ANEXO F — PÁGINAS DO VOCABULÁRIO AIKEWAR (CIMI, 1986)

 <p>awati</p>  <p>mani'og</p>  <p>'ywyra</p>  <p>akasu'u</p>  <p>ehyr</p>	<p>SUPARAPARON espécie de abacaxi TAHAKWARI taquarinha TAPOVORON cipó para vassoura TIMO timbô URUKU urucum YNATA coco YWYRAPYRASU manga YYPO cipó 'YWYRA árvore</p> <p><u>PARTES DAS PLANTAS</u></p> <p>'OG (I) raiz OPO (R) raiz externa 'YWETE tronco OKO (R) galho HOW (R) folha PUTYR (I) flor 'A (I) fruta O'OI (R) semente TY (I) seiva UPE'UM (R) resina PE (I) casca</p>
--	---



putyr (i)

 <p>ymyra</p>  <p>tata (r)</p>  <p>mutininaw</p>	<p><u>AÇÕES - VERBOS</u></p> <p><b>A</b></p> <p>APO fazer APY queimar APYG sentar-se ATA andar AWYSEPE errar (o alvo)</p> <p><b>E</b></p> <p>ENUW ouvir ERAHA levar ERUR trazer ESAG ver ESYI arrastar SESYI arrastar-se ETUN cheirar</p> <p><b>H</b></p> <p>HAKU'OG fazer ponte HEI limpar HEM sair HEN esvasiar HO/SO ir HOIME'E amolar</p>
---	---

ANEXO G — MÚSICAS CANTADAS EM SURUÍ POR MIHO, GRAVADAS POR IKATU E TRANSCRITAS E DIGITADAS NO COMPUTADOR POR TYMYKONG, EM ABRIL DE 2014 PARA SEREM USADOS NA FESTA SAPURAHAJ (INSERIDOS AQUI TAL COMO FORAM PRODUZIDOS ORIGINALMENTE)

SAUTIA SE'ENGARA

WYRARAWRE WYRARAWRE  
 WYRARAWRE WYRARAWRE AKWAW  
 USEMU'AMO'AMORE WYRARAWRE  
 WYRARAWRE WYRARAWRE AKWAW  
 TUHETU TUHETU  
 TUHETUHE TUHETUHE

IWEWYWEWYNE WYRAWE E E E  
 IWEWYWEWYNE WYRAWE E E E  
 ARWAPOJGARA ARIMU WYRAWE E E E  
 ARWAPOJGARA ARIMU WYRAWE E E E  
 TUHETU TUHETU  
 TUHETUHE TUHETUHE

ARIKASU SE'ENGARA

(1º) MORUPIPO MORUPIPO  
 O O EI EI EI EI  
 E E E E  
 MORUPIPO MORUPIPO O O EI EI EI EI  
 MORONGATYWISE PEPO SAWARA ANGEKO  
 MORONGATYWISE PEPO SAWARA ANGEKO  
 USUPEPYPEPYKATU

(2º) WAWUSE WAWUSE E E E E E  
 WAWUSE WAWUSE E E E E E  
 WAWUSE WAWUSE E E E E E

ERETISO ERETISO ERETISO  
 SERA'YRA PEISAGANE TIRE PEISAGANE  
 ERETISO ERETISO ERETISO

TAPI'IRA SE'ENGARA

PAHAKUTYNUNUNUNG  
 PAHAKUTYNUNUNUNG  
 EKUTYG EKUTYKUTYG KOG  
 EKUTYG EKUTYKUTYG KOG

TASAHU SE'ENGARA

AWAHEM WEHOW'WE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 HUM HUM HUM  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 AHA WAHEMAKOWE  
 AHA WAHEMAKOWEHOW'WE  
 PINOKUTYWIHUPE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 AWAHEM WEHOW'WE  
 HUM HUM HUM

TASAHU SE'ENGARA

IWYRATUKA IWYRATUKA TUKARE  
 TERERERERE TERERERERE OJ OJ  
 IWYRATUKA IWYRATUKA TUKARE

TERERERERE TERERERERE OJ OJ  
IWYRATUKA IWYRATUKA TUKARE  
TERERERERE TERERERERE OJ OJ  
AWAPUKAJ TUWA A'YRA  
IWYRATUKA IWYRATUKA TUKARE  
TERERERERE TERERERERE OJ OJ  
IWYRATUKA IWYRATUKA TUKARE  
TERERERERE TERERERERE OJ OJ  
IWYRATUKA IWYRATUKA TUKARE  
TERERERERE TERERERERE OJ OJ  
AWAPUKAJ AWAPUKAJ TUWA A'YRA  
TERERERERE TERERERERE OJ OJ  
IWYRATUKA IWYRATUKA TUKARE  
TERERERERE TERERERERE OJ OJ

## APÊNDICE

### Orientações para uso de atalhos de teclado para inserção de símbolos do Alfabeto Fonético Internacional no editor de texto Word para Windows

Utilizado, sobretudo, por linguistas, fonoaudiólogos e tradutores, no mundo todo, mas também, por professores e estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras (nas disciplinas de iniciação à linguística ou de fonologia das línguas, por exemplo), o *alfabeto fonético internacional* (AFI, em Português, e IPA, em Inglês – *international phonetic alphabet*) é “um sistema de notação fonética baseado no alfabeto latino, criado pela Associação Fonética Internacional” (AFI 2011), com o intuito de padronizar os símbolos utilizados na transcrição fonética dos sons de qualquer língua do mundo.

Para inserção dos símbolos do AFI em um editor de texto, tal como o Word para Windows, recorre-se com frequência a fontes (tipos) especiais, dentre as quais as mais conhecidas são IPAKIEL (fonte TrueType, de P. B. Payne), IPAPHON (fonte TrueType, de Henry Rogers), SIL Doulos, SIL IPA93 e SIL IPA (fontes TrueType, do SIL); todas elas, porém, devem ser adquiridas e instaladas no computador do usuário (para inserção e leitura dos símbolos).

Contudo, há, pelo menos, dois problemas na utilização dessas fontes especiais: o primeiro refere-se à necessidade, tanto para o criador do documento quanto para aquele que vai receber o material produzido, de terem o mesmo arquivo de fonte especial, instalado em seus computadores, pois, caso não o tenham, não será possível interpretar corretamente os caracteres do arquivo. Outra dificuldade no uso de fontes especiais em um arquivo produzido em editor de texto é a sua reutilização em outros sistemas digitais, como na internet, pois, as linguagens de programação (tais como a html) não conseguem interpretar essas fontes especiais.

Uma alternativa ao uso dessas fontes é a utilização das próprias fontes comuns já instaladas na maioria dos computadores, tais como Arial, Times New Roman ou Tahoma, a partir do padrão Unicode, desenvolvido e promovido pelo The Unicode Consortium (2012), que “permite aos computadores representar e manipular, de forma consistente, texto de qualquer sistema de escrita existente” (Unicode 2001). Por se tratar de um padrão internacional independente de plataforma, ela é interpretada por qualquer editor de texto atual (eliminando qualquer problema de compatibilidade de softwares ou com a internet), o que permite a utilização de todos os símbolos para transcrição fonética, sem necessidade de acrescentar outras fontes.

No caso do editor de texto Word para Windows, a inserção de símbolos do AFI no padrão Unicode pode ser feito a partir de dois processos:

1. A partir da janela INSERIR/Símbolo, na aba Símbolos, selecionar Fonte: Times New Roman (Arial, Tahoma, Verdana ou outra fonte comum) e Subconjunto: extensões IPA. No quadro principal aparecerão todos os caracteres disponíveis do alfabeto fonético internacional; basta, então, escolher e clicar sobre um dos caracteres que ele será inserido no corpo do texto em edição.
2. A partir de *teclas de atalho do teclado*, conforme orientação dada no próprio site da Microsoft: “Se souber o código do caractere, poderá digitar o código no seu documento e pressionar ALT+X para convertê-lo em um caractere. Por exemplo, pressione 002A e, em seguida, pressione ALT+X para produzir o símbolo \*.” (Microsoft Office 2011)

Obs.: No caso do Word (do Windows), atentar para o uso adequado do padrão *Unicode (hex)*, pois há, na mesma caixa de inserção de símbolos, os padrões *ASCII (decimal)* e *ASCII (hex)*.

Desse modo, podemos utilizar, para inserir mais rapidamente os símbolos do AFI em um documento do Word (versão 2003 e subsequentes) para Windows, os atalhos de teclado (layout Brasil/ABNT), bastando, para isso, seguir a orientação acima descrita (uso da combinação ALT+X) e com o apoio da lista que apresentamos a seguir.

Nessa lista, constam os símbolos das extensões do AFI produzidos a partir do padrão Unicode, cujo código numérico de atalho se encontra ao lado de cada um deles. Assim, para produzir algum dos elementos constantes na tabela abaixo, basta digitar a sequência numérica do atalho e combiná-la com ALT+X. Por exemplo, para fazer a consoante palatal *ʃ*, basta digitar os números 0283 em combinação com as teclas ALT+X. Imediatamente aquele conjunto de números passará ao símbolo correspondente.

Observação importante: apesar de o padrão Unicode utilizar por padrão quatro dígitos para identificar um símbolo, o editor de texto Word é capaz de construir esse mesmo símbolo apenas com três dígitos, dispensando a digitação do número 0 inicial. Assim, combinando o número 283 com ALT+X, obtemos *ʃ*.

Para facilitar a visualização dos códigos, distribuimos, na medida do possível, os caracteres de acordo com a sequência numérica do padrão Unicode e também com suas características mais ou menos comuns; o que resultou em uma divisão da tabela em 05 partes:

- 1: *símbolos fonéticos* que podem ser inseridos ao lado de outros caracteres normais do texto.
- 2: *caracteres com formatação especial* (sobrescritos ou subscritos), diacríticos (não combináveis com caracteres) e símbolos matemáticos, que também podem ser colocados ao lado de caracteres normais do texto.
- 3: *caracteres do alfabeto grego*.
- 4: *diacríticos* que podem ser combinados com caracteres. Neste caso, para inserir diacríticos sob ou sobre as vogais, recomenda-se digitar o número correspondente ao símbolo, selecioná-lo e, então, utilizar a tecla de combinação ALT+X.
- 5: *outros caracteres*.

Portanto, recomendamos a utilização do padrão Unicode (com fontes comuns, como Times New Roman, Arial, p.ex.) quando houver necessidade de inserir símbolos do AFI em transcrições fonéticas ou trabalhos afins, pois, desta forma, assegura-se a compatibilidade do documento, no que se refere às fontes adotadas, quando de sua transferência para quaisquer outros computadores e/ou softwares de edição de texto, no caso, por exemplo, de uma publicação dos dados.

Jorge Domingues Lopes

*Professor da Universidade Federal do Pará  
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística,  
Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília*

## Referências

- Contribuidores da Wikipédia, “Unicode,” *Wikipédia, a enciclopédia livre*,  
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Unicode&oldid=26004786> (accessed julho 14, 2011).
- Contribuidores da Wikipédia, “Alfabeto fonético internacional,” *Wikipédia, a enciclopédia livre*,  
[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Alfabeto\\_fon%C3%A9tico\\_internacional&oldid=26024397](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Alfabeto_fon%C3%A9tico_internacional&oldid=26024397) (accessed julho 14, 2011).
- Microsoft Office, “Inserir um símbolo ou caractere especial,” <http://office.microsoft.com/pt-br/word-help/inserir-um-simbolo-ou-caractere-especial-HA001230737.aspx> (accessed julho 20, 2011).

<b>1</b>	
v	0250
α	0251
υ	0252
β	0253
Ϸ	0254
ε	0255
ϙ	0256
ϕ	0257
ϑ	0258
ϔ	0259
ϕ	025a
ε	025b
Ϸ	025c
ϕ	025d
ε	025e
ϙ	025f
ϙ	0260
ϙ	0261
ϙ	0262
ϙ	0263
ϙ	0264
ϙ	0265
ϙ	0266
ϙ	0267
i	0268
ι	0269
ι	026a
ι	026b
ι	026c
ι	026d
ι	026e
ι	026f
ι	0270
ι	0271
ι	0272
ι	0273
ι	014b
ι	0274
ε	0275
ε	0276
ω	0277
ϕ	0278
ι	0279
ι	027a
ι	027b
ι	027c
ι	027d
ι	027e
ι	027f
ι	0280
ι	0281
ξ	0282
ξ	0283
ξ	0284
ξ	0285
ξ	0286
ι	0287
ι	0288
ι	0289
υ	028a
υ	028b
Λ	028c
Λ	028d
Λ	028e
Υ	028f
ζ	0290
z	0291
ζ	0292
ζ	0293
ζ	0294
ζ	0295
ζ	0296
ζ	0297
Θ	0298
B	0299
ε	029a
ϙ	029b
ι	029c
ι	029d
ι	029e
ι	029f
ϙ	02a0
ϙ	02a1
ϙ	02a2
ϙ	02a3
ϙ	02a4
ϙ	02a5
ι	02a6
ι	02a7
ι	02a8
ι	02a9
ι	02aa
ι	02ab
ι	02ac
ι	02ad
ι	02ae
ι	02af
<b>2</b>	
ι	0027
ι	02b0
ι	02b1
j	02b2
ι	02b3
ι	02b4
ι	02b5
ι	02b6
ι	02b7
ι	02b8
ι	02b9
ι	02ba
ι	02bb
ι	02bc
ι	02bd
ι	02be
ι	02bf
ι	02c0
ι	02c1
<	02c2
>	02c3
^	02c4
v	02c5
^	02c6
v	02c7
ι	02c8
ι	02c9
ι	02ca
ι	02cb
ι	02cc
ι	02cd
ι	02ce
ι	02cf
ι	02d0
ι	02d1
ι	02d2
ι	02d3
ι	02d4
ι	02d5
ι	02d6
ι	02d7
ι	02d8
ι	02d9
ο	02da
ι	02db
ι	02dd
ι	02de
x	02df
ι	02e0
ι	02e1
ι	02e2
ι	02e3
ι	02e4
ι	02fa
ι	02fb
ι	02fc
ι	02fd
ι	02fe
ι	02ff
∞	221e
≈	2248
≠	2260
<b>3</b>	
α	03b1
β	03b2
γ	03b3
δ	03b4
ε	03b5
ζ	03b6
η	03b7
θ	03b8
ι	03b9
κ	03ba
λ	03bb
μ	03bc
ν	03bd
ξ	03be
ο	03bf
π	03c0
ρ	03c1
ς	03c2
σ	03c3
τ	03c4
υ	03c5
φ	03c6
χ	03c7
ψ	03c8
ω	03c9
<b>4</b>	
ι	0300
ι	0301
ι	0302
ι	0303
ι	0304
ι	0305
ι	0306
ι	0307
ι	0308
ι	0309
ο	030a
ι	030b
ι	030c
ι	030d
ι	030e
ι	030f
ο	0325
ι	0318
ι	0319
ι	031a
ι	031b
ι	031c
ι	031d
ι	031e
ι	031f
ι	0320
ι	032a
ι	032b
ι	032c
ι	032d
ι	032e
ι	032f
ι	0330
ι	0335
ι	0361
<b>5</b>	
b	1d6c
d	1d6d
Æ	0152
œ	0153
æ	00e6
ð	00f0
Ø	00d8
ø	2202
←	2190
↑	2191
→	2192
↓	2193